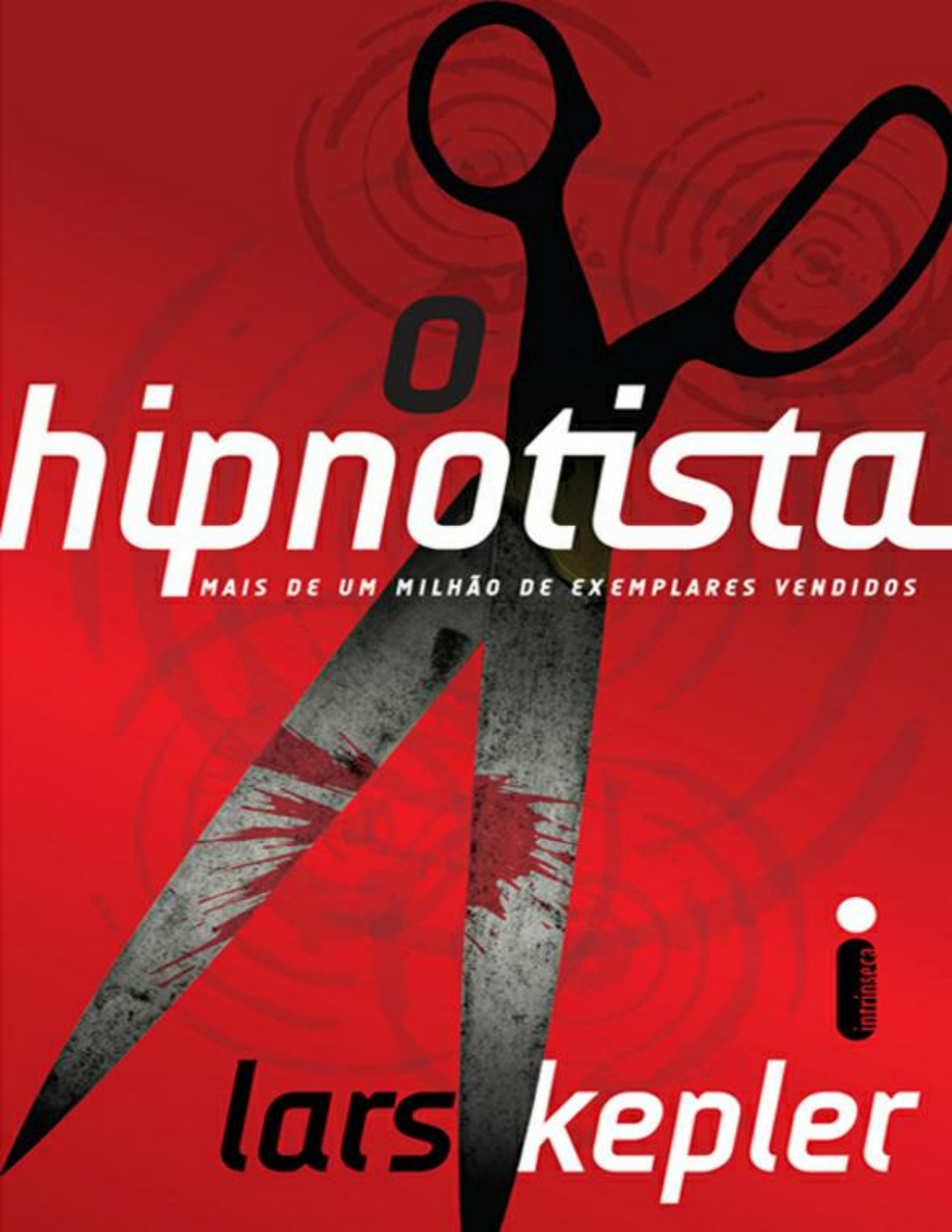

O
hipnotista
MAIS DE UM MILHÃO DE EXEMPLARES VENDIDOS
intrínseca
lars kepler

lars kepler

O hipnotista

Tradução de
Alexandre Martins



Copyright © 2009 Lars Kepler

Primeira publicação por Albert Bonniers Förlag, Estocolmo, Suécia.
Publicado na língua portuguesa mediante acordo com Bonnier Group Agency, Estocolmo, Suécia.

TÍTULO ORIGINAL

Hypnotisören

Traduzido da edição britânica (*The Hypnotist*)

PREPARAÇÃO

Luís Henrique Valdetaro

REVISÃO

Fátima Amendoeira Maciel

Bruno Fiuza

REVISÃO DE EPUB

Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE EPUB

Simplíssimo

E-ISBN

978-85-8057-126-4

Edição digital: novembro 2011

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br


You
Tube


intrínseca

Na mitologia grega, o deus Hipnos é um menino alado com sementes de papoula nas mãos. Seu nome significa sono. É irmão gêmeo de Tânatos, morte, filho da noite e da escuridão.

O termo *hipnose* foi usado pela primeira vez em sua acepção moderna em 1843, pelo cirurgião escocês James Braid. Ele o utilizou para descrever um estado semelhante ao sono mas com vívida consciência e grande receptividade.

Ainda hoje, as opiniões variam com relação à utilidade, à confiabilidade e aos riscos da hipnose. Essa persistente ambivalência provavelmente se deve ao fato de que as técnicas de hipnose foram empregadas por vigaristas, artistas e serviços secretos do mundo todo.

Do ponto de vista puramente técnico, é fácil colocar uma pessoa em um estado de hipnose. A dificuldade está em controlar o rumo dos acontecimentos, conduzir o paciente e interpretar e utilizar os resultados. Apenas com experiência e habilidade consideráveis é possível dominar plenamente a hipnose profunda. No mundo inteiro, poucos médicos são reconhecidos por dominarem, de fato.

O HIPNOTISTA

Como fogo, exatamente como fogo. Estas foram as primeiras palavras que o garoto pronunciou sob hipnose. Apesar dos ferimentos que colocavam em risco sua vida — inúmeras lacerações de faca em seu rosto, pernas, tronco, costas, solas dos pés, nuca e cabeça —, o garoto fora colocado em estado de hipnose profunda para que tentasse ver com os próprios olhos o que havia acontecido.

— Estou tentando piscar — murmurou ele. — Entro na cozinha, mas não está certo. Há uns estalos entre as cadeiras e um fogo vermelho-brilhante se espalha pelo piso.

Eles pensaram que o garoto estivesse morto quando o encontraram entre os outros corpos na casa geminada. Ele havia perdido muito sangue e entrado em estado de choque, e só recuperou a consciência sete horas depois. Era a única testemunha viva.

O detetive Joona Linna estava certo de que o garoto seria capaz de fornecer informações valiosas, talvez até mesmo identificar o assassino.

Mas se as outras circunstâncias não fossem tão excepcionais, nunca teria ocorrido a ninguém apelar para um hipnotista.

1

terça-feira, 8 de dezembro: madrugada

Erik Maria Bark é arrancado à força de seu sonho quando o telefone toca. Antes de estar inteiramente desperto, ele diz, com um sorriso:

— Balões e serpentinas.

Seu coração está acelerado por causa do despertar repentino. Erik não tem ideia do que ele quis dizer com essas palavras. O sonho desapareceu completamente, como se nunca tivesse existido.

Ele tateia para encontrar o telefone que toca, arrastando-se para fora do quarto com ele e fechando a porta atrás de si para não acordar Simone. Um detetive chamado Joona Linna pergunta se ele está suficientemente acordado para assimilar uma informação importante. Seus pensamentos ainda estão caindo no escuro espaço vazio que se segue ao sonho enquanto ele escuta.

— Ouvi dizer que você é muito habilidoso no tratamento de traumas agudos — diz Linna.

— Sim — diz Erik.

Ele engole um analgésico enquanto escuta. O detetive explica que precisa interrogar um garoto de 15 anos que testemunhou um duplo homicídio e foi gravemente ferido. Durante a noite ele fora transferido da unidade neurológica em Huddinge para a unidade de neurocirurgia no Hospital Universitário Karolinska, em Solna.

— Qual é o quadro dele? — pergunta Erik.

O detetive resume a situação do paciente e conclui:

— Não foi estabilizado. Está em choque circulatório e inconsciente.

— Quem é o médico responsável? — pergunta Erik.

— Daniella Richards.

— Ela é extremamente capaz. Estou certo de que pode…

— Foi ela quem pediu que ligasse para você. Ela precisa de sua ajuda. É urgente.

Quando Erik volta ao quarto para pegar suas roupas, Simone está deitada de costas, olhando para ele com uma estranha expressão vazia. Um facho de luz do poste passa brilhando por entre as venezianas.

— Não quis acordá-la — diz ele com suavidade.

— Quem era? — pergunta ela.

— A polícia… um detetive… não guardei o nome.

— Qual é o problema?

— Tenho de ir ao hospital — responde. — Precisam de ajuda com um garoto.

— Que horas são, aliás?

Simone olha para o despertador e fecha os olhos. Ele percebe as linhas deixadas pelo lençol amassado nos ombros sardentos dela.

— Agora durma, Sixan — sussurra ele, chamando-a pelo apelido.

Erik leva as roupas para fora do quarto e se veste rapidamente no vestíbulo. Percebe um brilho de uma lâmina de aço reluzente atrás de si e se vira, então vê que o filho pendurara os patins de gelo na maçaneta da porta da frente para não esquecê-los. Apesar da pressa, Erik encontra os protetores no closet e os desliza sobre as lâminas afiadas.

São 3 horas da manhã quando Erik entra em seu carro. A neve cai lentamente do céu negro. Não há uma brisa sequer e os flocos pesados pousam de maneira sonolenta na rua vazia. Ele gira a chave na ignição e a música derrama-se pelo ambiente como uma onda macia: Miles Davis, *Kind of Blue*.

Ele dirige por uma curta distância, através da cidade adormecida, saindo de Luntmakargatan e seguindo por Sveavägen até chegar a Norrtull. Vislumbra as águas de Brunnsviken, uma grande abertura escura atrás da neve. Reduz ao entrar no enorme complexo médico, manobrando entre o hospital Astrid Lindgren, sempre carente de pessoal, e a maternidade, passando pelos departamentos de radiologia e psiquiatria, até estacionar na vaga habitual, diante da unidade de neurocirurgia. Há poucos carros no estacionamento de visitantes. O brilho das lâmpadas nos postes reflete nas janelas dos prédios altos e melros se movem entre os galhos das árvores na escuridão. Geralmente é possível ouvir o rugido da estrada daqui, pensa Erik, mas não a esta hora da noite.

Ele insere o crachá, tecla o código de seis dígitos, entra no saguão, pega o elevador para o quinto andar e segue pelo corredor. O piso vinílico azul brilha como gelo e o corredor cheira a antisséptico. Só então se dá conta de sua fadiga, depois da súbita descarga de adrenalina provocada pelo telefonema. Acabara de sair de um sono tão bom que ainda tinha uma sensação agradável.

Erik pensa no que o detetive lhe dissera ao telefone: um garoto deu entrada no hospital sangrando muito, com cortes por todo o corpo, suando; não quer deitar, está agitado e com muita sede. Há uma tentativa de interrogá-lo, mas o quadro piora rapidamente. O nível de consciência diminui ao mesmo tempo em que o coração acelera, e Daniella Richards, a médica encarregada, toma a decisão correta de não permitir que a polícia fale com o paciente.

Dois guardas uniformizados estão de pé do lado de fora da porta da ala N18; Erik sente certo desconforto surgir em seus rostos quando ele se aproxima. Talvez estejam apenas cansados, pensa Erik ao parar diante deles e se identificar. Eles olham para sua identificação, apertam um botão e a porta se abre com um zumbido.

Daniella Richards está fazendo anotações em uma ficha quando Erik entra. Enquanto a cumprimenta, ele percebe as linhas de tensão ao redor da boca, o leve estresse nos movimentos dela.

— Tome um café — diz ela.

— Temos tempo? — pergunta Erik.

— Controlei o sangramento no fígado — responde.

Um homem de cerca de 45 anos, vestindo jeans e um paletó preto, está batendo na máquina de café. Tem cabelos louros desgrenhados e os lábios bem apertados, sérios. Erik pensa que talvez seja o marido de Daniella, Magnus. Ele nunca o encontrou; apenas viu uma fotografia no escritório dela.

— É seu marido? — pergunta, apontando com a mão na direção do homem.

— O quê? — reage ela, parecendo surpresa e achando certa graça.

— Achei que talvez Magnus tivesse vindo com você.

— Não — diz ela, com uma risada.

— Não acredito em você — provoca Erik, andando na direção do homem. — Vou perguntar a ele.

O celular de Daniella toca e, ainda rindo, ela o abre, dizendo:

— Pare com isso, Erik — antes de responder —, Daniella Richards.

Ela presta atenção, mas não escuta nada.

— Alô?

Espera alguns segundos e depois dá de ombros.

— Alô-ô! — diz ela com ironia e então fecha o telefone.

Erik foi até o homem louro. A máquina de café está vibrando e chiando.

— Tome um café — diz o homem, tentando dar uma caneca a Erik.

— Não, obrigado.

O homem sorri, revelando covinhas nas bochechas, e toma um gole.

— Delicioso — diz, tentando mais uma vez empurrar uma caneca para Erik.

— Não quero.

O homem dá outro gole enquanto analisa Erik.

— Posso pegar seu telefone emprestado? — pergunta ele de repente. — Se não for um problema. Esqueci o meu no carro.

— E agora quer o meu emprestado? — pergunta Erik com alguma rispidez.

O homem louro faz que sim com a cabeça e o observa com seus olhos cinza-claros como granito polido.

— Pode pegar o meu de novo — diz Daniella, aparecendo atrás de Erik.

Ele pega o telefone, olha para o aparelho e depois ergue os olhos para ela.

— Prometo que devolvo — diz.

— Só você está usando mesmo — brinca ela.

Ele ri e se afasta.

— *Tem de* ser seu marido — afirma Erik.

— Bem, toda garota pode sonhar — diz ela, olhando para o sujeito, que é bastante alto, com um sorriso.

De repente ela parece muito cansada. Andou esfregando os olhos; está com uma mancha de delineador cinza-prateado na bochecha.

— Devo dar uma olhada no paciente? — pergunta Erik.

— Por favor — responde Daniella.

— Já que estou aqui — acrescenta.

— Erik, eu realmente quero a sua opinião. Não estou nada segura em relação a este caso.

2

terça-feira, 8 de dezembro: madrugada

Daniella Richards abre a pesada porta e ele a segue até um quente quarto de recuperação na saída do centro cirúrgico. Um garoto magro está deitado na cama. Apesar dos machucados, tem um rosto atraente. Duas enfermeiras fazem curativos nos ferimentos: há centenas deles, cortes e perfurações por todo o corpo, nas solas dos pés, no peito e na barriga, atrás do pescoço, no couro cabeludo, no rosto.

O pulso está fraco, mas muito acelerado, os lábios, cinzentos como alumínio, ele está suando e os olhos estão bem apertados. O nariz parece quebrado. Sob a pele, um hematoma se espalha como uma nuvem negra a partir do pescoço e segue pelo peito.

Daniella começa a explicar os diferentes estágios do tratamento do garoto até o momento, mas é silenciada por uma batida na porta. É o homem louro novamente; acena para eles através do vidro.

— Certo — diz Erik. — Se aquele não é Magnus, quem é afinal?

Daniella pega o braço de Erik e o leva para fora do quarto de recuperação. O homem louro está de volta ao posto dele junto à sibilante máquina de café.

— Um cappuccino grande — diz ele a Erik. — Talvez precise de um antes de encontrar o primeiro policial a chegar à cena.

Só então Erik se dá conta de que o homem louro é o detetive que o acordou menos de uma hora atrás. Seu sotaque com vogais prolongadas não era tão perceptível ao telefone, ou talvez Erik estivesse apenas sonolento demais para registrar.

— Por que iria querer encontrá-lo?

— Para que entenda por que eu preciso interrogar…

Joona Linna fica em silêncio quando o celular de Daniella começa a tocar. Ele o tira do bolso e olha o visor, ignorando a mão estendida dela.

— Provavelmente é para ele mesmo — resmunga Daniella.

— Sim — diz Joona ao atender. — Não, eu o quero aqui… Certo, mas estou me lixando para isso. — O detetive sorri enquanto ouve as objeções do colega. — Embora eu *tenha* percebido algo — complementa.

A pessoa do outro lado está gritando.

— Vou fazer do meu jeito — diz Joona calmamente, e encerra a conversa. Ele devolve o telefone a Daniella e acena com a cabeça para agradecer. — Tenho que interrogar esse paciente — explica em tom sério.

— Lamento — diz Erik. — Minha avaliação é a mesma da Dra. Richards.

— Quando ele conseguirá falar comigo? — pergunta Joona.

— Não enquanto estiver em choque.

— Sabia que você responderia isso — diz Joona em voz baixa.

— A situação ainda é extremamente crítica — explica Daniella. — A pleura foi danificada, o intestino delgado, o fígado e…

Um policial vestindo um uniforme sujo aparece, sua expressão é de desconforto. Joona acena, vai até ele e aperta sua mão. Diz algo em voz baixa, e o policial limpa a boca e olha de modo apreensivo para os médicos.

— Sei que provavelmente você não quer falar sobre isso agora — diz Joona. — Mas pode ser muito importante que os médicos conheçam as circunstâncias.

— Bem — diz o policial, pigarreando sem muita força —, ouvimos no rádio que um zelador havia encontrado um homem morto no banheiro do vestiário do campo de futebol em Tumba. Nosso carro já estava em Huddingevägen, então só precisávamos dar a volta e seguir para o lago. Imaginávamos que havia sido uma overdose, sabem? Jan, meu parceiro, entra enquanto eu converso com o zelador. Mas era algo inteiramente diferente. Jan sai do vestiário; o rosto está totalmente pálido. Ele nem mesmo quer que eu entre lá. Muito sangue, ele diz três vezes, e depois apenas se senta nos degraus…

O policial fica em silêncio, senta em uma cadeira e fica olhando para a frente.

— Pode continuar? — pergunta Joona.

— Sim… A ambulância aparece, o homem morto é identificado e é responsabilidade minha informar o parente mais próximo. Estamos com

pouca gente, então tenho que ir sozinho. Minha chefe diz que não quer deixar Jan sair naquele estado; vocês entendem por quê.

Erik dá uma olhada no relógio.

— Você tem tempo para escutar isso — diz Joona.

O policial continua, com olhar sombrio.

— O morto é professor do ensino médio de Tumba e vive naquele condomínio junto às montanhas. Eu toco a campainha três ou quatro vezes, mas ninguém atende. Não sei o que me levou a fazer isso, mas dei a volta no quarteirão e apontei minha lanterna para uma janela nos fundos da casa.

O policial para, a boca trêmula, e começa a arranhar o braço da cadeira com a unha.

— Por favor, continue — diz Joona.

— Eu preciso mesmo? Quero dizer, eu… eu…

— Você encontrou o garoto, a mãe e uma garotinha de 5 anos. O garoto, Josef, era o único que ainda estava vivo.

— Embora eu não achasse… — Ele cai em silêncio, o rosto pálido.

Joona dá uma trégua:

— Obrigado por vir, Erland.

O policial inclina ligeiramente a cabeça e se levanta, passa a mão sobre o casaco sujo, confuso, e sai da sala com pressa.

— Todos foram atacados com uma faca — diz Joona Linna. — Devia estar um caos completo lá. Os corpos estavam… estavam em um estado horrível. Foram chutados e espancados. Esfaqueados, claro, muitas vezes, e a garotinha… fora cortada ao meio. A parte inferior do corpo, a partir da cintura, estava na poltrona em frente à TV.

Ele então parece perder a calma. Para um instante, olhando para Erik antes de recuperar o equilíbrio.

— Minha sensação é a de que o assassino sabia que o pai estava no campo. Houvera uma partida de futebol; ele foi o juiz. O assassino esperou até que estivesse sozinho antes de matá-lo; depois começou a desmembrar o corpo, de uma forma particularmente agressiva, antes de ir à casa e matar o resto da família.

— Aconteceu nessa sequência? — pergunta Erik.

— Em minha opinião — responde o detetive.

Erik pode sentir a mão tremendo enquanto esfrega a boca. Pai, mãe, filho, filha, pensa ele muito devagar antes de encontrar o olhar de Joona Linna.

— O criminoso queria eliminar a família toda.

Joona ergue as sobrancelhas e diz:

— É exatamente isso… Ainda há a irmã mais velha, que não estava lá. Tem 23 anos. Acreditamos que o assassino também esteja atrás dela. Por isso queremos interrogar a testemunha o quanto antes.

— Vou entrar e fazer um exame detalhado — diz Erik.

Joona assente.

— Mas não podemos colocar a vida do paciente em risco…

— Compreendo. Só que quanto mais tempo demorar antes que tenhamos alguma pista para seguir, mais tempo o assassino tem para procurar a irmã.

Agora Erik concorda inclinando a cabeça.

— Por que vocês não localizam a irmã e a alertam?

— Ainda não a localizamos. Não está em seu apartamento em Sundbyberg, nem no do namorado.

— Talvez devessem examinar a cena do crime — sugere Daniella.

— Isso já está sendo feito.

— Por que não vai lá e manda que façam algo a respeito? — insiste ela, irritada.

— Isso não vai adiantar nada, de qualquer modo — diz o detetive. — Vamos encontrar o DNA de centenas, talvez milhares, de pessoas nos dois lugares, tudo misturado.

— Vou entrar um momento e ver o paciente — diz Erik.

Joona encontra o olhar dele e assente com um aceno de cabeça.

— Se eu pudesse fazer apenas duas perguntas. Talvez seja tudo de que precisamos para salvar a irmã dele.

3

terça-feira, 8 de dezembro: madrugada

Erik Maria Bark vai até o paciente. De pé em frente à cama, ele estuda o rosto pálido e machucado; a respiração fraca; os lábios cinzentos e congelados. Erik fala o nome do garoto e algo passa dolorosamente pelo rosto dele.

— Josef — diz ele de novo, em voz baixa. — Meu nome é Erik Maria Bark. Sou médico e vou examiná-lo. Por favor balance a cabeça se entende o que estou dizendo.

O garoto está deitado absolutamente imóvel, o estômago se movendo ao ritmo da respiração entrecortada. Erik está convencido de que o garoto compreende suas palavras, mas o nível de consciência cai de repente. O contato é interrompido.

Quando Erik sai do quarto meia hora depois, Daniella e o detetive olham para ele ansiosos. Erik balança a cabeça.

— Ele é nossa única testemunha — repete Joona. — Alguém matou seu pai, sua mãe e sua irmã mais nova. É quase certo que a mesma pessoa esteja atrás da irmã mais velha neste instante.

— Sabemos disso — corta Daniella.

Erik ergue uma mão para impedir o bate-boca.

— Sabemos que é importante conversar com ele. Mas simplesmente não é possível. Não podemos apenas sacudi-lo e contar que a família inteira está morta.

— E quanto à hipnose? — pergunta Joona, impulsivamente.

O silêncio toma o quarto.

— Não — sussurra Erik para si mesmo.

— A hipnose não funcionaria?

— Não sei nada sobre isso — retruca Erik.

— Como não? Você foi um famoso hipnotista. O melhor, pelo que ouvi.

— Eu era uma farsa — diz Erik.

— Não acredito nisso — retruca Joona. — E esta é uma emergência.

Daniella enrubesce e, sorrindo por dentro, fita o chão.

— Não posso — diz Erik.

— Eu sou a pessoa responsável pelo paciente — diz Daniella, erguendo a voz —, e não estou particularmente disposta a permitir que ele seja hipnotizado.

— E se, em sua avaliação, não fosse perigoso para o paciente? — pergunta Joona.

Erik então se dá conta de que desde o começo o detetive estava pensando na hipnose como um possível atalho. Joona Linna pedira que fosse ao hospital exclusivamente para convencê-lo a hipnotizar o paciente, não por ele ser um especialista em tratamento de choque e traumas agudos.

— Eu prometi a mim mesmo nunca voltar a usar a hipnose — responde Erik.

— Certo, compreendo — diz Joona. — Ouvi falar que você era o melhor, mas… tenho de respeitar sua decisão.

— Lamento — desculpa-se Erik. Ele olha para o paciente através do vidro da porta e se volta para Daniella. — Ele recebeu desmopressina?

— Não, pensei em esperar um pouco — responde.

— Por quê?

— O risco de tromboembolismo.

— Tenho acompanhado o debate, mas não concordo com a teoria de que cause complicações; dou desmopressina ao meu filho o tempo todo — diz Erik.

— Como está Benjamin? Deve estar com uns 15 anos agora…

— Quatorze — responde Erik.

Joona se levanta da cadeira com esforço.

— Ficaria agradecido se pudessem recomendar outro hipnotista — diz.

— Nem sequer sabemos se o paciente recobrará a consciência — retruca Daniella.

— Mas eu gostaria de tentar.

— E ele precisa estar consciente para que possa ser hipnotizado — diz ela, pressionando os lábios levemente.

— Ele estava escutando enquanto Erik falava — insiste Joona.

— Não penso assim — murmura ela.

Erik discorda:

— Ele definitivamente podia me ouvir.

— Podemos salvar a irmã dele — insiste Joona.

— Vou para casa agora — diz Erik em voz baixa. — Dê desmopressina ao paciente e pense em usar a câmara hiperbárica.

Enquanto caminha na direção do elevador, Erik tira seu jaleco branco. Há algumas pessoas no saguão. As portas foram destrancadas; o céu clareou um pouco. Conforme sai do estacionamento, ele pega a pequena caixa de madeira que leva consigo, decorada com um papagaio e um sorridente nativo dos mares do Sul. Sem desviar os olhos da estrada, ele levanta a tampa, tira três comprimidos e os engole de uma só vez. Precisa dormir mais umas duas horas esta manhã antes de acordar Benjamin e aplicar-lhe a injeção.

4

terça-feira, 8 de dezembro: madrugada

Sete horas e meia antes, um zelador chamado Karim Muhammed chegou ao centro esportivo Rödstuhage. Eram 20h50. Limpar os vestiários era sua última tarefa do dia. Ele encostou sua Kombi no estacionamento, não muito distante de um Toyota vermelho. O campo de futebol estava escuro, os holofotes no topo dos postes altos que o cercavam já estavam apagados havia muito tempo, mas ainda restava uma luz acesa no vestiário masculino. O zelador tirou o menor carrinho do interior da Kombi e o empurrou na direção do prédio baixo de madeira. Ao chegar lá, ficou um pouco surpreso ao encontrar a porta destrancada. Bateu, não teve resposta e abriu a porta. Somente após travar a porta com um calço de plástico ele viu o sangue.

Quando os policiais Jan Eriksson e Erland Björkander chegaram à cena do crime, Eriksson foi direto para o vestiário e deixou Björkander falando com Karim Muhammed. Inicialmente Eriksson pensou ter ouvido a vítima gemendo, mas após virá-la o policial se deu conta de que isso era impossível. Ela tinha sido mutilada e parcialmente desmembrada. Faltava o braço direito e o tronco fora tão dilacerado que parecia uma tigela cheia de entranhas ensanguentadas.

A ambulância chegou pouco depois, assim como a superintendente dos detetives, Lillemor Blom. Uma carteira abandonada na cena identificava a vítima como Anders Ek, professor de física e química na escola de ensino médio de Tumba, casado com Katja Ek, bibliotecária da principal biblioteca de Huddinge. Eles moravam em uma casa geminada no número 8 da Gärdesvägen, e dois de seus filhos viviam com eles, Lisa e Josef.

A superintendente Blom enviou Björkander para informar a família da vítima, enquanto ela revisava o relatório de Eriksson e isolava a cena do crime, dentro e fora do vestiário.

Björkander estacionou a viatura junto à casa em Tumba e tocou a campainha. Como ninguém atendeu, ele deu a volta até os fundos da fileira de casas, acendeu a lanterna e projetou o facho por uma janela da parte de

trás, iluminando um quarto. Dentro, uma grande poça de sangue encharcara o carpete, com compridas faixas irregulares partindo dali e atravessando a porta, como se alguém tivesse sido arrastado do lugar onde caíra. Os óculos de uma criança estavam na passagem. Sem pedir reforços pelo rádio, Erland Björkander forçou a porta da varanda e entrou, arma empunhada. Ao vasculhar a casa, descobriu as três vítimas. Não percebeu de imediato que o garoto ainda estava vivo. Enquanto passava um rádio apressadamente para pedir cobertura e uma ambulância, usou por engano um canal que cobria todo o distrito de Estocolmo.

— Ai, meu Deus — gritou. — Eles foram chacinados… Crianças foram chacinadas… Não sei o que fazer. Estou sozinho, e todos estão mortos.

5

segunda-feira, 7 de dezembro: noite

Joona Linna estava em seu carro em Drottningholmsvägen quando ouviu o chamado às 22h10. Um policial gritava que crianças haviam sido chacinadas, que ele estava sozinho na casa, que a mãe estava morta, que todos estavam mortos. Pouco tempo depois, ele transmitia de fora da casa e, mais calmo, explicou que a superintendente Lillemor Blom o enviara sozinho à casa em Gärdesvägen. Björkander de repente murmurou que estava no canal errado e parou de falar.

No silêncio repentino, Joona Linna ficou escutando as batidas ritmadas dos limpadores de para-brisa retirando gotas de água do vidro. Pensou em seu pai, que não tivera cobertura. Nenhum policial deveria fazer algo desse tipo sozinho. Irritado com a falta de liderança em Tumba, ele parou no acostamento; depois de algum tempo, suspirou, pegou o celular e pediu para falar com Lillemor Blom.

Lillemor Blom e Joona haviam sido colegas de turma na academia de polícia. Após concluírem o curso, ela se casou com um colega da Divisão de Reconhecimento e dois anos depois tiveram um filho. Embora tivesse direito, o pai nunca tirou a licença remunerada pelo nascimento. Sua escolha significou uma perda financeira para a família, pois o fato de Lillemor ter tirado o período integral sozinha impediu o crescimento profissional dela, e por fim ele a trocou por uma policial mais jovem que acabara de se formar.

Joona se identificou quando Lillemor atendeu. Ele passou rapidamente pelas introduções habituais e então explicou o que havia escutado no rádio.

— Estamos com pouco pessoal, Joona — explicou ela. — E em minha avaliação…

— Isso é irrelevante. E sua avaliação foi equivocada.

— Você não está escutando — disse ela.

— Estou, mas…

— Bem, então me escute!

— Você nem sequer podia mandar seu ex-marido para uma cena de crime sozinho — continuou Joona.

— Terminou?

Após um breve silêncio, Lillemor explicou que Erland Björkander só havia sido enviado para informar a família; ele decidira por conta própria entrar na casa sem pedir cobertura.

Joona se desculpou. Várias vezes. Depois, sobretudo para ser educado, perguntou o que havia acontecido em Tumba.

Lillemor descreveu a cena que Erland Björkander relatara: poças e trilhas de sangue, vestígios sangrentos de mãos e pés, corpos e pedaços de corpos, facas e talheres jogados no chão da cozinha. Contou que Anders Ek, que ela supunha ter sido morto depois do ataque à família, era conhecido do Serviço Social por seu vício em jogo. Embora suas dívidas oficiais tivessem sido canceladas, ele ainda devia dinheiro a alguns criminosos locais. E um cobrador de dívidas assassinara ele e a família. Lillemor descreveu o estado de Anders Ek. O assassino começara a cortar o corpo em pedaços; uma faca de caça e um braço arrancado haviam sido encontrados nos chuveiros do vestiário. Ela repetiu várias vezes que estavam sem pessoal e a investigação das cenas dos crimes teria de esperar.

— Estou indo até aí — disse Joona.

— Mas por quê? — reagiu ela, surpresa.

— Quero dar uma olhada.

— Agora?

— Caso não se importe — respondeu.

— Ótimo — disse ela, de um modo que ele considerou sincero.

6

segunda-feira, 7 de dezembro: noite

Quatorze minutos depois, Joona Linna chegou ao centro esportivo Rödstuhage e estacionou a poucos metros de uma Kombi com o logotipo ASSISTÊNCIA MÉDICA DOMICILIAR JOHANSSON pintado na lateral. Estava escuro, e flocos de neve rodopiavam com o vento gelado. A polícia já havia isolado a área.

Joona olhou de lado a lado o campo de futebol deserto. De repente, um barulho assustador — uma vibração, um zumbido. Joona ouve então, à sua esquerda, ruídos de movimento e passos rápidos. Ele se virou e identificou duas silhuetas escuras caminhando sobre a grama alta junto à cerca. O zumbido aumentou — e parou subitamente. Os holofotes ao redor do campo de futebol explodiram com um clarão bem no meio, lançando a área ao redor em uma escuridão de inverno ainda mais impenetrável.

As duas figuras ao longe eram policiais uniformizados. Um deles caminhava rapidamente, depois parou e vomitou. Ele se apoiou na cerca. Seu colega foi até ele e colocou a mão em suas costas para reconfortá-lo, falando com suavidade.

Joona continuou na direção dos vestiários. Flashes de câmeras espocavam através da porta aberta, e os peritos haviam colocado bloqueios ao redor da entrada para não corromper quaisquer impressões durante a investigação inicial da cena do crime. Um colega mais velho montava guarda na frente. Seus olhos estavam pesados de cansaço e a voz era contida.

— Não entre se tem medo de pesadelos.

— Parei de sonhar — respondeu Joona.

Um cheiro forte de suor rançoso, urina e sangue fresco tomava o ar. Os peritos tiravam fotos no chuveiro, os flashes brancos refletiam nos azulejos, dando um estranho clima pulsante ao vestiário inteiro.

Sangue pingava do alto.

Joona apertou os maxilares e analisou o corpo todo mutilado no piso, entre os bancos de madeira e os armários amassados. Um homem de meia-idade com cabelos rareando e barba grisalha por fazer.

Havia sangue por toda parte — no chão, nas portas, nos bancos, no teto. Joona seguiu até os chuveiros e cumprimentou os peritos em voz baixa. O brilho do flash da câmera refletiu nos azulejos brancos e revelou a lâmina de uma faca de caça no chão.

Havia um rodo com cabo de madeira apoiado na parede. A tira de borracha estava cercada por uma grande poça de sangue, água e sujeira, com chumaços de cabelos, curativos e uma embalagem de sabonete líquido.

Havia um braço arrancado próximo ao ralo. A cabeça do osso estava exposta, com ligamentos e músculos rompidos.

Joona permaneceu de pé, observando todos os detalhes. Registrou o padrão do esguicho de sangue: os ângulos e as formas das gotas.

O braço arrancado havia sido jogado contra a parede de azulejos várias vezes antes de ser abandonado.

— Detetive — chamou o policial de prontidão do lado de fora do vestiário. Joona percebeu a expressão ansiosa do homem enquanto lhe entregava o rádio.

— Lillemor Blom falando. Em quanto tempo você consegue chegar na casa?

— O que houve?

— Uma das crianças. Achamos que estava morta, mas está viva.

7

segunda-feira, 7 de dezembro: noite

Os colegas de Joona Linna do Departamento Nacional de Investigação Criminal dirão que o admiram, e de fato admiram, mas também o invejam. E dirão que gostam dele, e de fato gostam, mas também que o consideram distante.

Como investigador de homicídios, tem uma reputação sem igual na Suécia. Seu sucesso se deve, em parte, ao fato de ele desconhecer o verbo desistir. Não consegue se render. E essa é a principal razão da inveja de seus colegas. Mas o que a maioria não sabe é que essa teimosia única é fruto de um insuportável sentimento de culpa. A culpa o move e o torna incapaz de deixar um caso sem solução.

Ele nunca fala sobre o que aconteceu. E jamais se esquece do que se passou.

Joona não estava dirigindo particularmente rápido naquele dia, mas chovera e os raios do sol nascente refletiam nas poças como se emanassem de uma fonte subterrânea. Ele estava a caminho; achou que poderia escapar…

Desde aquele dia, passou a ser atormentado não apenas por lembranças, mas por um tipo incomum de enxaqueca. A única coisa que se mostrou útil foi um remédio preventivo indicado para epilepsia, topiramato. Joona deveria usar a medicação regularmente, mas o remédio o deixa sonolento, e, quando está a trabalho e precisa pensar com clareza, ele se recusa a tomá-lo. Prefere se sujeitar à dor. Na verdade, é provável que considere sua punição justa: tanto a incapacidade de desistir de um caso não solucionado quanto a enxaqueca.

A ambulância, com as luzes piscando, passou em disparada na direção oposta quando ele se aproximava da casa. Deixando um silêncio

fantasmagórico, o veículo de emergência desapareceu no subúrbio adormecido.

Esperando por Joona, de pé sob a luz de um poste, Lillemor Blom fumava um cigarro. Com aquela luz, ela parecia bonita de uma forma rude. Atualmente, seu rosto estava marcado pelo cansaço e a maquiagem invariavelmente descuidada. Mas Joona sempre a achou linda, com as maçãs do rosto altas, o nariz reto e os olhos amendoados.

— Joona Linna — disse ela, quase arrulhando seu nome.

— O garoto vai sobreviver?

— Difícil dizer. É absolutamente terrível. Nunca vi nada assim, e nunca mais quero ver — disse Lillemor Blom, deixando os olhos pousarem na brasa do cigarro por algum tempo.

— Já atualizou seu relatório? — perguntou ele.

Ela balançou a cabeça e exalou uma nuvem de fumaça.

— Eu faço isso — disse ele.

— Então vou para casa, preciso da minha cama.

— Isso parece bom — disse ele, com um sorriso.

— Venha comigo — brincou.

Joona balançou a cabeça.

— Quero entrar e dar uma olhada. Depois preciso descobrir se o garoto pode ser interrogado.

Lillemor jogou o cigarro no chão.

— O que exatamente você está fazendo aqui? — perguntou ela.

— Você pode pedir apoio à Divisão Nacional de Homicídios, mas não acho que eles terão disponibilidade, e também não acho que encontrarão respostas para o que aconteceu.

— E você vai?

— Veremos — disse Joona.

Ele cruzou o pequeno jardim. Uma bicicleta rosa com rodinhas estava apoiada em uma caixa de areia. Joona foi na direção dos degraus da frente, acendeu a lanterna, abriu a porta e entrou no vestíbulo. Os quartos escuros pareciam tomados por um medo silencioso. Após somente alguns passos a adrenalina corria por ele com tanta força que parecia que seu peito iria explodir.

Joona registrou tudo de maneira metódica, assimilando todos os detalhes horrendos até não suportar mais. Parou no meio do caminho, fechou os olhos, voltou a sentir a culpa bem no fundo de si… e continuou vasculhando a casa.

Sob a luz fria do saguão, Joona viu que os corpos ensanguentados tinham sido arrastados pelo chão. Gotas de sangue cobriam a chaminé de tijolos aparentes, a televisão, os armários da cozinha, o forno. Joona observou o caos: a mobília virada, a prataria espalhada, as pegadas e marcas de mão desesperadas. Quando parou em frente ao corpo mutilado da garotinha, lágrimas começaram a correr por seu rosto. Ainda assim, se obrigou a imaginar com exatidão o que havia acontecido: a violência e os gritos.

A motivação dos assassinatos não podia estar relacionada a dívidas de jogo, pensou Joona. O pai já havia sido morto. Primeiro o pai, depois a família; Joona estava convencido disso. Ele respirou fundo por entre os dentes trincados. Alguém quis aniquilar a família inteira. E provavelmente acreditava ter conseguido.

8

segunda-feira, 7 de dezembro: noite

Joona Linna saiu para o vento frio, passando por cima da fita policial preta e amarela que tremulava, e entrou em seu carro. O garoto está vivo, pensou. Preciso encontrar a testemunha que sobreviveu.

Em seu carro, Joona foi atrás de Josef Ek na unidade de neurocirurgia do Hospital Universitário Karolinska, em Solna. Os peritos de Linköping tinham supervisionado a coleta de provas biológicas do garoto. Desde então, seu quadro havia piorado.

Passava de 1 hora da manhã quando Joona retornou a Estocolmo, chegando à unidade de tratamento intensivo do hospital Karolinska pouco depois das 2 horas. Após uma espera de 15 minutos, a médica encarregada, Daniella Richards, apareceu.

— Você deve ser o detetive Linna. Desculpe fazê-lo esperar. Sou Daniella Richards.

— Como está o garoto, doutora?

— Em choque circulatório.

— O que isso significa?

— Ele perdeu muito sangue. Seu coração está tentando compensar isso e começou a acelerar…

— Conseguiu conter a hemorragia?

— Acho que sim, espero que sim, e estamos dando sangue a ele o tempo todo, mas a falta de oxigênio pode afetar o sangue e danificar o coração, os pulmões, o fígado e os rins.

— Ele está consciente?

— Não.

— É urgente que eu tenha uma chance de falar com ele.

— Detetive, meu paciente está por um triz. Se sobreviver aos ferimentos, não será possível falar com ele por várias semanas.

— Ele é a única testemunha ocular de um homicídio múltiplo — disse Joona. — Há algo que possa ser feito?

— A única pessoa que talvez fosse capaz de acelerar a recuperação do garoto é Erik Maria Bark.

— O hipnotista?

Ela deu um grande sorriso, corando levemente.

— Não o chame assim caso queira sua ajuda. Ele é nosso maior especialista em tratamento de choque e trauma.

— Teria objeções a eu pedir para ele vir até aqui?

— Muito pelo contrário. Eu mesma estive pensando nisso — respondeu.

Joona procurou o telefone no bolso, percebeu que o deixara no carro, então perguntou se poderia pegar emprestado o de Daniella. Após apresentar a situação a Erik Maria Bark, telefonou para Susanne Granat, do Serviço Social, e explicou que esperava poder falar com Josef Ek em breve. Susanne Granat sabia tudo sobre a família. Disse que os Ek estavam registrados porque o pai era viciado em jogo e também porque haviam tido problemas com a filha três anos antes.

— Com a filha? — perguntou Joona.

— A filha mais velha — explicou Susanne.

— Então há um terceiro irmão? — perguntou Joona, ansioso.

— Sim, seu nome é Evelyn.

Joona encerrou a conversa e ligou imediatamente para seus colegas da Divisão de Reconhecimento para pedir que rastreassem Evelyn Ek. Enfatizou repetidas vezes que era urgente, que ela corria o risco de ser morta. Mas depois acrescentou que também era possível que ela fosse perigosa, que estivesse envolvida no triplo homicídio em Tumba.

9

terça-feira, 8 de dezembro: manhã

O detetive Joona Linna pede um grande sanduíche com parmesão, bresaola e tomate seco no pequeno Il Caffè, em Bergsgatan. O café acabara de abrir, e a garota não o atendeu com presteza, pois ainda não tivera tempo de tirar o pão quente dos grandes sacos marrons nos quais são entregues pela padaria.

Já que havia inspecionado as cenas dos crimes em Tumba tarde da noite, visitado o hospital em Solna, de madrugada, e conversado com os dois médicos, Daniella Richards e Erik Maria Bark, ele ligou de novo para a Divisão de Reconhecimento.

— Encontraram Evelyn? — perguntou.

— Não.

— Vocês entendem que temos de encontrá-la antes do assassino.

— Estamos tentando, mas…

— Tentem com afinco — rosnou Joona. — Talvez possamos salvar uma vida.

Naquele momento, após três horas de sono, Joona olha através da janela embaçada, esperando seu café da manhã. Uma mistura de chuva e neve cai sobre a prefeitura. A comida chega. Joona pega uma caneta no balcão de vidro, assina o recibo do cartão e sai apressado.

A chuva aperta enquanto ele segue pela Bergsgatan, o sanduíche quente em uma mão e o bastão de hóquei indoor e a bolsa de ginástica na outra.

— Vamos jogar com a Recon na terça à noite — Joona dissera a seu colega Benny Rubin. — Não temos chance. Eles vão acabar conosco.

O time de hóquei indoor do Departamento Nacional de Investigação Criminal (DIC) perde sempre que joga contra a polícia local, a polícia de trânsito, a polícia marítima, a divisão nacional de intervenções especiais, a divisão de operações especiais ou a Recon. Mas isso dá à equipe uma boa desculpa para depois afogar as mágoas no bar, como eles gostam de dizer.

Enquanto caminha junto ao quartel-general da polícia e passa pelas grandes portas de entrada, Joona não tem ideia de que não jogará hóquei, nem irá ao bar naquela terça-feira. Alguém rabiscou uma suástica na placa de entrada para o tribunal. Ele caminha na direção das celas de Kronoberg e vê o portão alto se fechar silenciosamente atrás de um carro. Flocos de neve derretem na grande janela da sala de guarda. Joona passa pela piscina da polícia e cruza o pátio na direção da extremidade do enorme complexo coberto com torres pontiagudas. Com a água, a cor da fachada lembra cobre escuro, polido. Bandeiras pendem molhadas de seus mastros. Caminhando apressado entre dois plintos metálicos e sob o alto teto de vidro jateado, Joona sacode a neve dos sapatos e abre as portas do Departamento Nacional de Polícia.

Autoridade administrativa central da Suécia, o Departamento Nacional de Polícia é composto do Departamento Nacional de Investigação Criminal, do Serviço de Segurança, da Academia de Polícia e do Laboratório Nacional de Perícia. O DIC Nacional é o único órgão policial operacional central da Suécia, responsável por lidar com crimes graves em âmbito nacional e internacional. Joona Linna trabalha ali como detetive há nove anos.

Joona caminha pelo corredor, tirando o quepe e sacudindo-o ao lado do corpo, olhando o quadro de avisos ao passar: o anúncio de aulas de ioga; alguém tentando vender um trailer; informações do sindicato; e mudanças na programação do clube de tiro. O piso, que foi lavado antes da tempestade de neve, já está sujo de pegadas de botas e lama seca.

A porta do escritório de Benny Rubin está entreaberta. Um homem de 60 anos, bigode grisalho e pele cheia de rugas causadas pelo sol está ocupado com o trabalho no quartel-general de comunicações e a mudança para o Rakel, novo sistema de rádio. Está sentado ao computador com um cigarro preso atrás da orelha, digitando com uma lentidão angustiante.

— Tenho olhos atrás da cabeça — diz ele, de repente.

— Talvez isso explique por que digita tão mal — brinca Joona.

A última descoberta de Benny é um cartaz publicitário da companhia aérea SAS: uma jovem bastante exótica em um biquíni minúsculo sugestivamente bebericando de canudinho algum tipo de coquetel decorado com frutas. Benny ficou tão furioso com a proibição de calendários com

imagens de *pin-ups* que a maioria das pessoas achou que ele iria pedir demissão, mas em vez disso ele se dedicou a um protesto silencioso e teimoso durante muitos anos. Tecnicamente, nada proíbe a exposição de anúncios de companhias aéreas, retratos de princesas do gelo com as pernas bem abertas, professoras de ioga graciosas e flexíveis ou anúncios de lingerie da loja H&M. No primeiro dia de cada mês, Benny muda o que tem na parede. A variedade de formas com as quais ele dribla a proibição é impressionante. Joona se lembra de um cartaz da velocista Gail Devers de short apertado e de uma litografia ousada do artista Egon Schiele mostrando uma ruiva sentada de pernas abertas usando uma leve lingerie antiga que a cobria da cintura aos joelhos.

Avançando, Joona para e diz oi a sua assistente, Anja Larsson. Ela está ao computador com a boca entreaberta, o rosto redondo com uma expressão tão concentrada que ele decide não perturbá-la. Em vez disso, pendura o casaco molhado no lado interno da porta de seu escritório, liga a estrela de Belém na janela e verifica rapidamente sua caixa de mensagens: uma sobre ambiente de trabalho, uma sugestão sobre lâmpadas de baixo consumo, uma pergunta do escritório do promotor e um convite dos Recursos Humanos para comemorar o Natal com uma refeição no Skansen.

Joona sai do escritório, vai até a sala de reuniões e senta-se no lugar habitual para desembrulhar seu sanduíche e comer.

Petter Näslund para no corredor, ri de maneira debochada e se apoia no batente da porta, dando as costas para a sala de reuniões. Um homem musculoso e calvo de cerca de 35 anos, Petter é detetive com um cargo de responsabilidade especial e chefe imediato de Joona. Todos sabem que Joona é muito mais qualificado que Petter. Mas sabem também que é singularmente desinteressado pelas obrigações administrativas e pela competição que envolve a ascensão profissional.

Por vários anos, Petter tem flertado com Magdalena Ronander sem notar sua expressão incomodada e as constantes tentativas de adotar um tom mais formal. Magdalena é detetive da Divisão de Reconhecimento há quatro anos e pretende concluir o curso de Direito antes dos 30.

Baixando a voz de modo sugestivo, Petter questiona Magdalena sobre sua escolha de arma de serviço, em voz alta pergunta com que frequência ela troca o cano devido ao desgaste dos sulcos. Ignorando as insinuações

grosseiras, ela lhe diz que mantém um registro cuidadoso do número de tiros disparados.

— Mas você gosta das grandes e firmes, não? — insiste Petter.

— De modo algum, eu uso a Glock 17, porque aceita grande parte da munição 9 milímetros da equipe de defesa — responde ela.

— Não usa a tcheca?

— Sim, mas prefiro a M39B — diz com firmeza, desviando-se dele para entrar na sala de reuniões. Ele a segue, e ambos se sentam e cumprimentam Joona. — E você pode levar a Glock com ejetores de pólvora queimada até perto dos olhos. Isso reduz muito o coice, e é possível dar o tiro seguinte muito mais rápido.

— O que nosso *troll* acha? — pergunta Petter, acenando na direção de Joona.

Joona sorri docemente e fixa neles seus olhos cinza gelados.

— Acho que não faz nenhuma diferença. Acho que outros elementos determinam o resultado — diz.

— Então você não precisa saber atirar? — sorri Petter.

— Joona atira bem — diz Magdalena.

— É bom em tudo — suspira Petter.

Magdalena ignora Petter e se vira para Joona.

— A maior vantagem da Glock compensada é que o gás não pode ser visto no escuro saindo do cano.

— Exatamente — diz Joona.

Com uma expressão satisfeita, ela abre sua maleta preta de couro e começa a folhear alguns papéis. Benny entra, senta-se, olha para todos, bate a palma da mão contra a mesa e dá um sorriso largo quando Magdalena olha para ele irritada.

— Peguei o caso em Tumba — começa Joona.

— Isso não tem nada a ver conosco — diz Petter.

— Acho que estamos lidando com um assassino em série, ou pelo menos…

— Deixe isso para lá, pelo amor de Deus! — interrompe Benny, olhando nos olhos de Joona e batendo na mesa de novo.

— Foi um acerto de contas — continua Petter. — Empréstimos, dívidas, jogo…

— Um viciado em jogo — diz Benny.

— Muito conhecido em Solvalla. Os tubarões de lá foram atrás dele por causa de muito dinheiro, e ele acabou pagando — diz Petter, encerrando o assunto.

No silêncio que se segue, Joona toma um pouco de água e termina o resto do sanduíche.

— Estou com uma intuição sobre este caso — diz ele em voz baixa.

— Então você precisa pedir transferência — diz Petter com um sorriso. — Ele não tem nada a ver com o DIC Nacional.

— Acho que tem.

— Se você quer o caso, terá de se juntar à força local de Tumba — diz Petter.

— Eu pretendo investigar esses assassinatos — diz Joona calmamente.

— Quem decide isso sou eu — retruca Petter.

Yngve Svensson entra e se senta. Tem os cabelos penteados para trás com gel, olheiras, barba ruiva por fazer e, como sempre, veste um terno preto amassado.

— *Yngwie* — diz Benny alegremente.

Yngve Svensson não é apenas encarregado da seção de análise, é também um dos principais especialistas em crime organizado do país.

— Yngve, o que acha dessa coisa em Tumba? — pergunta Petter. — Você estava estudando isso agora, não?

— Negócio estritamente local — diz ele. — Um cobrador de empréstimos vai à casa do sujeito receber. Normalmente o pai estaria em casa, mas na última hora se ofereceu como juiz de uma partida de futebol. O cobrador provavelmente está doido, de anfetamina e Rohypnol, eu diria, está desequilibrado, estressado, algo o irrita e então ele ataca a família com algum tipo de faca de militar e descobre onde o pai está. Contam a verdade, mas ainda assim ele fica completamente maluco e mata todos antes de ir para o campo de futebol.

Petter faz uma expressão de deboche. Bebe um pouco de água, arrota na mão e se vira para Joona.

— O que tem a dizer sobre isso?

— Se não estivesse totalmente errado, seria bastante impressionante — responde Joona.

— O que há de errado? — pergunta Yngve de forma agressiva.

— O assassino matou o pai primeiro — afirma Joona calmamente. — Depois foi à casa e matou o resto da família.

— Então dificilmente seria um caso de cobrança de dívida — acrescenta Magdalena Ronander.

— Só precisamos ver o que mostra a necrópsia — murmura Yngve.

— Ela mostrará que estou certo — diz Joona.

— Idiota — suspira Yngve, colocando dois nacos de tabaco em pó umedecido na gengiva sob o lábio superior.

— Joona, não vou dar o caso para você — diz Petter.

— Sei disso — retruca ele, suspirando e se levantando da mesa.

— Aonde você acha que vai? Temos uma reunião — cobra Petter.

— Vou falar com Carlos.

— Não sobre isso.

— Sim, sobre isso — diz Joona, saindo da sala.

— Volte aqui — grita Petter —, ou eu terei de…

Joona não ouve o que Petter terá de, ele simplesmente fecha a porta atrás de si com calma e segue pelo corredor, dizendo olá a Anja, que olha para ele por sobre o monitor do computador com uma expressão intrigada.

— Você não está em uma reunião? — pergunta ela.

— Estou — responde, seguindo na direção do elevador.

10

terça-feira, 8 de dezembro: manhã

No quinto andar está a sala de reuniões e o escritório central do Departamento Nacional de Polícia, e é também onde fica Carlos Eliasson, chefe do DIC Nacional. A porta do escritório está entreaberta, porém, como de hábito, mais fechada do que aberta, como se para desestimular visitantes eventuais.

— Entre, entre, entre — diz Carlos. Uma expressão composta de partes iguais de ansiedade e prazer percorre seu rosto quando Joona entra. — Eu ia alimentar meus bebês — diz, dando um tapinha na beirada de seu aquário.

Sorrindo, ele salpica comida de peixe na água e vê os peixes nadarem até a superfície.

— Aqui — sussurra Carlos, mostrando ao menor peixe paraíso, Nikita, para onde ir, e depois se volta para Joona. — A divisão de homicídios perguntou se você poderia dar uma olhada no assassinato em Dalarna.

— Eles podem resolver esse caso sozinhos — responde Joona. — Além disso, não tenho tempo.

Ele se senta bem em frente a Carlos. Há um agradável aroma de couro e madeira na sala. O sol brilha através do aquário, lançando feixes dançantes de luz ondulante refratada nas paredes.

— Eu quero o caso de Tumba — diz ele, indo direto ao ponto.

Uma expressão perturbada toma conta do rosto enrugado e amistoso de Carlos por um momento. Ele passa a mão pelos cabelos, que rareiam.

— Petter Näslund acabou de me ligar, e ele está certo, não é um problema para o DIC Nacional — diz cautelosamente.

— Acho que é — insiste Joona.

— Só se nosso cobrador de dívidas estiver ligado a algum tipo maior de organização criminosa, Joona.

— Isso não tem a ver com cobrança de dívidas.

— Ah, não?

— O assassino atacou o pai primeiro. Depois foi à casa para matar a família. Desde o início seu plano era assassinar a família toda. Ele vai encontrar a filha mais velha, e vai encontrar o garoto. Se ele sobreviver.

Carlos espia rapidamente o aquário, como se temesse que os peixes ouvissem algo desagradável.

— Entendo — diz. — E como sabe disso?

— Por causa das pegadas no sangue nas duas cenas.

— O que quer dizer?

Joona se inclina para a frente.

— Havia pegadas por toda parte, claro, e eu não medi nada, mas fiquei com a impressão de que os passos no vestiário eram… digamos, mais vívidos, e os da casa evidenciavam cansaço.

— Lá vamos nós — diz Carlos, exausto. — É assim que você começa a complicar tudo.

— Mas eu estou certo — retruca Joona.

Carlos balança a cabeça.

— Não acho que esteja, não desta vez.

— Sim, eu estou.

Carlos se vira.

— Joona Linna é o indivíduo mais teimoso que eu já conheci — diz aos peixes.

— Por que ceder quando sei que estou certo?

— Não posso passar por cima de Petter e dar o caso a você por causa de um palpite — explica Carlos.

— Sim, você pode.

— Todos acham que o caso é sobre dívidas de jogo.

— Você também? — pergunta Joona.

— Sim, eu também.

— As pegadas eram mais vívidas no vestiário porque o homem foi assassinado primeiro — insiste Joona.

— Você nunca desiste, não é? — pergunta Carlos.

Joona dá de ombros e sorri.

— Melhor telefonar e falar com o laboratório de patologia eu mesmo — murmura Carlos, pegando o telefone.

— Eles vão dizer que eu estou certo — diz Joona.

Joona Linna sabe que é teimoso; ele precisa da teimosia para seguir em frente. Não pode desistir. Não pode. Muito antes da vida de Joona mudar por completo, antes de ser despedaçada, ele perdeu o pai.

Talvez tenha sido quando tudo começou.

O pai de Joona, Yrjö Linna, era um policial no distrito de Märsta. Certo dia, em 1979, ele estava na velha Uppsalavägen por acaso, um pouco ao norte do hospital Löwenström, quando o Controle Central recebeu um chamado e o mandou para Hammarbyvägen, em Upplands Väsby. Um vizinho telefonara dizendo que os garotos Olsson estavam sendo espancados de novo. A Suécia acabara de se tornar o primeiro país a proibir a punição física a crianças, e a polícia fora instruída a levar a nova lei a sério. Yrjö Linna dirigiu até o prédio e parou diante da porta, onde esperou por seu parceiro. Após alguns minutos o parceiro chamou; estava em uma fila no quiosque do Mama's Hot Dog e, ademais, disse, achava que, às vezes, um homem tinha o direito de mostrar quem mandava.

Yrjö nunca foi de falar muito. Ele sabia que as regras determinavam que deveria haver dois policiais presentes em um incidente daquele tipo, mas não falou nada, embora tivesse plena consciência de que tinha o direito de esperar apoio. Ele não queria insistir, não queria parecer covarde, e não podia esperar. Então Yrjö Linna subiu sozinho as escadas até o terceiro andar e tocou a campainha.

Uma garotinha com olhos assustados abriu a porta. Ele mandou que ficasse no corredor, mas ela sacudiu a cabeça e correu para dentro do apartamento. Yrjö Linna a seguiu e entrou na sala. A garota bateu na porta que dava para a varanda. Yrjö viu que havia um garotinho lá fora, apenas de fraldas. Parecia ter 2 anos de idade. Yrjö atravessou a sala rapidamente para permitir que a criança entrasse, e por isso só notou o homem embriagado quando já era tarde demais. Estava sentado em absoluto silêncio no sofá junto à porta, o rosto virado para a varanda. Yrjö precisou usar as duas mãos para soltar a tranca e girar a maçaneta. Quando ouviu o clique da espingarda, Yrjö congelou. O disparo enviou um total de 36 pequenas esferas de chumbo diretamente em sua coluna e o matou de forma quase instantânea.

Joona, que tinha 11 anos, e sua mãe, Ritva, se mudaram do claro apartamento no centro de Märsta para um de três quartos da tia dele em Fredhäll, Estocolmo. Após se formar no ensino médio ele se inscreveu na Academia de Polícia. Ainda pensa com frequência nos amigos daquele grupo: atravessando juntos os grandes gramados, o intervalo antes que fossem lotados, os primeiros anos como novatos. Joona Linna teve sua quota de trabalho burocrático. Desviou o trânsito depois de acidentes em estradas e para a maratona de Estocolmo; foi constrangido por torcedores de futebol baderneiros assediando suas colegas com canções ensurdecedoras no metrô; encontrou viciados em heroína mortos com feridas pútridas; ajudou equipes de ambulância com bêbados vomitando; conversou com prostitutas trêmulas pelo efeito da abstinência, com aquelas com Aids, com as que tinham medo; conheceu centenas de homens que haviam agredido parceiras e filhos, sempre seguindo o mesmo padrão (bêbados porém controlados e intencionais, com o rádio a todo volume e as cortinas fechadas); deteve motoristas em alta velocidade e embriagados, confiscou armas, drogas e bebidas feitas em casa. Certa vez, de licença do trabalho com dor na lombar, evitando andar para não agravar o quadro, ele vira um *skinhead* agarrar o seio de uma muçulmana do lado de fora da escola de Klastorp. Com as costas doendo, ele caçara o *skinhead* ao longo da orla, atravessando o parque, passando por Smedsudden, cruzando a ponte Västerbro, cruzando a água e indo de Långholmen até Södermalm, finalmente o alcançando no sinal de trânsito da Högalidsgatan.

Sem qualquer intenção real de fazer carreira, ele subiu na hierarquia. Poderia ter ingressado na Divisão Nacional de Homicídios, mas se recusou. Joona Linna gosta de tarefas complexas e nunca desiste, mas não tem nenhum interesse em qualquer forma de comando.

Agora Joona escuta enquanto Carlos Eliasson conversa com o professor Nils "Agulha" Åhlén, médico-chefe do laboratório de patologia de Estocolmo.

— Não, só preciso saber qual foi a primeira cena de crime — diz Carlos; em seguida faz uma breve pausa para escutar. — Compreendo, compreendo… Mas em sua avaliação até agora, o que acha?

Joona recosta-se em sua cadeira, passando os dedos pelos cabelos louros despenteados. Até o momento ele não sente qualquer cansaço da

longa noite em Tumba e no hospital Karolinska. Vê o rosto de Carlos ficar cada vez mais vermelho. Joona pode ouvir Agulha falar de maneira monótona em voz baixa do outro lado da linha. Quando a voz se interrompe, Carlos simplesmente balança a cabeça e desliga sem se despedir.

— Eles… eles…

— Eles concluíram que o pai foi morto primeiro — completa Joona.

Carlos assente.

— O que eu disse? — pergunta Joona, exultante.

Carlos baixa os olhos para a mesa e pigarreia.

— Certo, você comanda a investigação preliminar. O caso de Tumba é seu.

— Para começar, eu quero ouvir uma coisa — diz Joona. — Quem estava certo? Quem estava certo, você ou eu?

— Você! — grita Carlos. — Deus do céu, Joona, o que há com você? É, você estava certo, como de praxe!

Joona esconde um sorriso com a mão quando se levanta.

Mas de repente ele se vira, sério.

— A Reconhecimento não conseguiu encontrar Evelyn Ek. Ela pode estar em qualquer lugar. Não sei o que faremos caso não consigamos permissão para falar com o garoto. Tempo demais irá se passar e será muito tarde quando a encontrarmos.

— Você quer interrogar o garoto ferido? — pergunta Carlos.

— Não tenho escolha.

— Falou com o promotor?

— Não tenho intenção de abrir mão da investigação preliminar até encontrar um suspeito — diz Joona.

— Não foi o que quis dizer — retruca Carlos. — Só acho que é uma boa ideia ter um promotor ao seu lado se for falar com um garoto tão gravemente ferido.

Joona está a meio caminho da porta.

— Certo, faz sentido. Você é um homem sábio. Vou ligar para Jens.

11

terça-feira, 8 de dezembro: manhã

Erik Maria Bark volta para casa após deixar o hospital Karolinska. Entrando silenciosamente, ele pensa na jovem vítima deitada lá e no policial tão ansioso para interrogá-la. Erik gosta do detetive Joona Linna, apesar da tentativa de fazê-lo quebrar sua promessa de nunca mais usar a hipnose. Talvez seja a clara e honesta ansiedade do detetive acerca da segurança da irmã mais velha que o torne tão simpático. Supostamente alguém está procurando por ela naquele instante.

Erik está muito cansado. Os comprimidos começaram a fazer efeito; seus olhos estão pesados e inchados; o sono está a caminho. Ele abre a porta do quarto e olha para Simone. A luz do corredor a cobre como uma placa vidro arranhado. Três horas se passaram desde que ele a deixou ali, e Simone agora ocupa a cama toda. Deitada de bruços, ela dorme profundamente. A roupa de cama está a seus pés, a camisola subiu até a cintura e ela tem a pele arrepiada nos braços e nos ombros. Erik a cobre com cuidado. Ela murmura algo e se encolhe. Ele se senta e toca o tornozelo dela, e ela se move um pouco.

— Vou tomar uma chuveirada — diz ele, mas se apoia na cabeceira, vencido pela fadiga.

— Qual era o nome do policial? — pergunta ela, pronunciando as palavras de modo desarticulado.

Antes que tenha tempo para responder, ele se vê no parque em Observatorielunden. Está cavando a areia do parque e descobre uma pedra amarela, arredondada como um ovo, grande como uma abóbora. Ele a limpa com a mão e vê, na lateral, uma linha em relevo, uma fileira irregular de dentes. Quando vira a pesada pedra, percebe que é o crânio de um dinossauro.

De repente, Simone está gritando.

— Foda-se!

Ele acorda e se dá conta de que caíra no sono e começara a sonhar. Os comprimidos fortes o colocaram para dormir no meio da conversa. Tenta sorrir e encontra o olhar gelado de Simone.

— Sixan? O que houve?

— Começou de novo? — pergunta ela.

— O quê?

— O quê? — repete ela, zangada. — Quem é Daniella?

— Daniella?

— Você prometeu. Você fez uma promessa, Erik — diz. — Eu confiei em você, realmente fui idiota o bastante para confiar…

— Do que está falando? Daniella Richards é uma colega do Karolinska. O que ela tem a ver com isso?

— Não minta para mim.

— Isso está ficando ridículo — diz ele, e, apesar da óbvia raiva dela, sente um sorriso involuntário surgir em seu rosto. Está muito cansado.

— Está achando engraçado? — pergunta ela. — Eu algumas vezes pensei… Eu até acreditei que poderia esquecer o que aconteceu.

Erik cai no sono por alguns segundos, mas ainda consegue ouvir o que ela está dizendo.

— Seria melhor nós nos separarmos — sussurra Simone.

Com isso ele desperta.

— Não aconteceu nada entre mim e Daniella.

— Isso na verdade não importa — diz ela, cansada.

— Não? Não importa? Você quer se separar por causa de algo que fiz há dez anos?

— *Algo*?

— Eu estava bêbado, Simone. Bêbado e…

— Não quero ouvir. Sei tudo sobre isso. Eu… Foda-se! Não quero fazer isso, não sou uma pessoa ciumenta, mas *sou* leal, e espero lealdade em troca.

— Eu nunca a decepcionei desde então, e nunca vou…

— Prove. Eu preciso de provas.

— Você tem de confiar em mim — diz.

— É — responde com um suspiro e, apanhando o travesseiro e o edredom, se arrasta para fora do quarto em direção ao corredor.

Ele respira pesadamente. Deveria ir atrás dela, não apenas desistir; deveria tentar acalmá-la e convencê-la a voltar para a cama, mas nesse exato instante o sono é mais forte. Não consegue mais resistir. Ele afunda na cama. Sente a dopamina inundar seu sistema, a tensão deixar seu corpo à medida que o relaxamento se espalha agradavelmente por rosto, pescoço e ombros, até as pontas dos dedos dos pés e das mãos. Um pesado sono químico envolve sua consciência como uma nuvem de pó.

12

terça-feira, 8 de dezembro: manhã

Erik abre lentamente os olhos para a luz pálida que bate nas cortinas. Rola para o lado com um grunhido e olha para o despertador; duas horas transcorreram. No mesmo instante sua cabeça começa a repassar as imagens da noite anterior: o rosto raivoso de Simone ao fazer acusações, o garoto deitado no hospital com centenas de ferimentos de faca escurecidos cobrindo seu corpo afogueado.

Erik pensa no detetive, que parecia convencido de que o criminoso quisera matar uma família inteira: primeiro o pai, depois a mãe, o filho e a filha.

Uma filha mais velha está em algum lugar, correndo enorme perigo, caso Joona Linna esteja certo.

O telefone na mesinha de cabeceira começa a tocar.

Erik se levanta, mas, em vez de atendê-lo, abre as cortinas e olha para a fachada do prédio em frente, tentando organizar os pensamentos. A poeira que brilha nos vidros pode ser vista claramente ao sol da manhã.

Simone já foi para a galeria. Ele não entende a explosão dela, por que estava falando sobre Daniella. Pensa se é algo completamente diferente: as drogas, talvez. Sabe que está muito perto da dependência, mas precisa dormir. Os plantões noturnos no hospital destruíram sua capacidade de dormir naturalmente. Sem os comprimidos ele afundaria, deduz. Estende a mão até o despertador, mas o derruba no chão.

O telefone para, mas fica pouco tempo em silêncio antes de recomeçar a tocar.

Ele pensa em ir ao quarto de Benjamin e deitar ao lado do filho, despertando-o gentilmente, perguntando se estava sonhando com algo. Pega o telefone e atende.

— Oi, é Daniella Richards.

— Ainda está no hospital? São 8h15.

— Eu sei. Estou exausta.

— Vá para casa.

— Nenhuma chance — responde Daniella com calma. — Você tem de voltar. Aquele detetive está a caminho. Ele parece ainda mais convencido de que o criminoso está atrás da irmã mais velha. Diz que tem de falar com o garoto.

Erik de repente sente uma pressão tenebrosa atrás dos olhos.

— É uma ideia ruim, considerando-se o estado dele.

— Eu sei. Mas e quanto à irmã? — interrompe. — Estou pensando em autorizar o detetive a interrogar Josef.

— O paciente é seu. Se acha que ele pode suportar — diz Erik.

— Suportar? Claro que não pode suportar. O quadro dele é crítico. Sua família foi assassinada e ele descobrirá isso ao ser interrogado por um policial. Mas não posso simplesmente sentar e esperar. Não quero deixar a polícia chegar até ele, mas não há dúvida de que a irmã está em perigo.

— Você decide — diz Erik de novo.

— Um assassino está atrás da irmã mais velha! — corta Daniella, elevando a voz.

— Pelo que se supõe.

— Desculpe. Não sei por que estou tão perturbada com isso — diz. — Talvez porque ainda não seja tarde demais. Algo realmente pode ser feito. Quer dizer, não costuma ser o caso, mas desta vez poderíamos salvar uma garota antes que…

— O que você quer de mim? — pergunta Erik.

— Você precisa vir e fazer aquilo em que é bom.

Erik para, depois responde com todo cuidado.

— Posso conversar com o garoto sobre o que aconteceu quando ele estiver se sentindo um pouco melhor.

— Não foi o que eu quis dizer. Quero que você o hipnotize — diz Daniella, séria.

— Não.

— É a única forma.

— Não posso. Não vou.

— Mas não há ninguém tão bom quanto você.

— Eu nem sequer tenho autorização para praticar hipnose no Karolinska.

— Posso dar um jeito nisso.

— Daniella — diz Erik. — Eu prometi nunca mais hipnotizar ninguém.

— Não pode apenas vir?

Há um breve silêncio; depois Erik pergunta:

— Ele está consciente?

— Logo estará.

Ele pode ouvir o som rápido de sua própria respiração pelo telefone.

— Se você não hipnotizar o garoto, eu deixarei a polícia falar com ele.

Ela desliga o telefone.

Erik fica ali de pé, segurando o fone com a mão trêmula. A pressão atrás dos olhos ondula na direção do cérebro. Ele abre a gaveta da mesinha de cabeceira. A caixa de madeira com o papagaio e o nativo não está lá. Deve tê-la deixado no carro.

O apartamento está banhado pela luz do sol enquanto ele caminha para acordar Benjamin.

O garoto dorme de boca aberta. O rosto está pálido e ele parece exausto, apesar de uma noite inteira de sono.

— Benni?

Benjamin abre os olhos úmidos de sono e olha para ele como se fosse um completo estranho antes de dar o sorriso que permanece igual desde o dia em que nasceu.

— Terça-feira. Hora de acordar.

Benjamin se senta bocejando, coça a cabeça e depois olha para o celular pendurado no pescoço. É a primeira coisa que faz toda manhã: verifica se perdeu alguma mensagem durante a noite. Erik pega a bolsa amarela com o puma estampado, que contém o concentrado de fator desmopressina, acetila, seringas estéreis, compressas, esparadrapo, analgésicos.

— Agora ou no café?

Benjamin dá de ombros.

— Tanto faz.

Erik passa álcool no braço magro do filho, vira-o em direção à luz que entra pela janela, sente a maciez do músculo, bate na seringa e

cuidadosamente empurra a agulha sob a pele. Enquanto a seringa é esvaziada devagar, Benjamin bate no celular com a mão livre.

— Merda, a bateria quase acabou — diz, antes de recostar enquanto o pai segura uma compressa no braço para impedir que sangre.

Delicadamente, Erik estica e dobra as pernas do filho; depois exercita as magras articulações dos joelhos e massageia pés e dedos.

— Como está? — pergunta, olhos fixos no rosto do filho.

Benjamin faz uma careta.

— Como sempre.

— Quer um analgésico?

Benjamin balança a cabeça, e de repente Erik vê a testemunha inconsciente, o garoto com todos aqueles ferimentos de faca. Talvez o assassino esteja procurando pela irmã mais velha naquele instante.

— Pai? O que foi?

Erik encontra o olhar de Benjamin.

— Levo você de carro para a escola, se quiser — diz.

— Por quê?

13

terça-feira, 8 de dezembro: manhã

O trânsito da hora do rush se arrasta. Benjamin está sentado ao lado do pai, com o anda e para do carro deixando-o enjoado. Ele dá um longo bocejo e sente o calor suave no corpo depois da noite de sono. Pensa no fato de o pai estar com pressa, mas ainda assim perder tempo levando-o à escola. Benjamin sorri para si mesmo. *Sempre foi assim*, pensa. *Quando papai está envolvido em algo medonho no hospital, fica preocupado que algo aconteça comigo.*

— Ah, não! — diz Erik de repente. — Esquecemos os patins de gelo.

— Certo.

— Vamos voltar.

— Não importa — diz Benjamin.

Erik tenta mudar de pista, mas outro carro o impede. Obrigado a recuar, ele quase colide com um caminhão de lixo.

— Temos tempo para dar a volta e…

— Deixe para lá, esqueça os patins. Não tem nenhuma importância — diz Benjamin, falando mais alto.

Erik olha para ele, surpreso.

— Achei que gostava de patinar.

Benjamin não sabe o que dizer. Não suporta ser interrogado, não quer mentir. Ele desvia os olhos para a janela.

— Não gosta? — pergunta Erik.

— Do quê?

— De patinar?

— Por que gostaria? — murmura Benjamin. — É tedioso.

— Compramos um novinho…

A única resposta de Benjamin é um suspiro.

— Certo — diz Erik. — Esqueça os patins.

Ele se concentra no trânsito por um momento.

— Então patinar é tedioso. Jogar xadrez é tedioso. Ver TV é tedioso. Do que você realmente gosta?

— Não sei — responde Benjamin.

— Nada?

— Não.

— Filmes?

— Às vezes.

— Às vezes? —Erik sorri.

— Sim — retruca Benjamin.

— Já vi você assistir a três ou quatro filmes em uma noite — provoca Erik, divertindo-se.

— E daí?

Erik continua, ainda sorrindo.

— Fico pensando em quantos filmes você veria caso *realmente* gostasse. Se *adorasse* filmes.

— Dá um tempo — diz Benjamin, sorrindo a contragosto.

— Talvez precise de duas TVs, mudando de uma para a outra enquanto avança o filme.

Erik ri e coloca a mão no joelho do filho. Benjamin permite que ela permaneça ali.

De repente eles ouvem um estouro abafado e surge no céu uma estrela azul-clara com pontos de fumaça colorida descendo.

— Momento engraçado para fogos de artifício — diz Benjamin.

— O quê? — pergunta o pai.

— Ali — diz Benjamin, apontando.

Uma estrela de fumaça paira no céu. Por alguma razão, Benjamin vê Aida diante dele, e seu estômago se contrai no mesmo instante; ele sente calor por dentro. Na sexta-feira anterior, eles se sentaram juntos em silêncio no sofá da estreita sala dela em Sundbyberg, assistindo ao filme *Elefante*, enquanto o irmão mais novo dela brincava com cartas de Pokémon no chão, falando sozinho.

Quando Erik está estacionando diante da escola, Benjamin de repente vê Aida. Está de pé do outro lado da cerca, esperando por ele. Quando o vê,

acena. Benjamin pega a mochila, abre a porta do carro e diz:

— Tchau, pai. Obrigado pela carona.

— Eu te amo — diz Erik em voz baixa.

Benjamin assente.

— Quer ver um filme hoje? — pergunta Erik.

— Pode ser.

— Aquela é Aida? — quer saber Erik.

— Sim — diz Benjamin, quase sem emitir som.

— Gostaria de dizer oi a ela — diz Erik, saindo do carro.

— Por quê?

Eles caminham até Aida. Benjamin mal ousa olhar para ela; sente-se uma criança. Não quer que ela pense que precisa que seu pai a aprove ou algo assim. Não se importa com o que o pai pensa. Aida parece nervosa; seus olhos vão do filho para o pai. Antes que Benjamin tenha tempo de dar alguma explicação, Erik estende a mão.

— Oi.

Aida aperta a mão dele com cautela. Benjamin vê o pai observando as tatuagens dela; há uma suástica na garganta, com uma pequena estrela de Davi ao lado. Ela pintou os olhos de preto, os cabelos estão presos em duas tranças infantis e veste uma jaqueta de couro preta e uma ampla saia de tule preta.

— Sou Erik, pai de Benjamin.

— Aida.

A voz dela é aguda e fraca. Benjamin cora e olha nervosamente para Aida, depois para o chão.

— Você é nazista? — pergunta Erik.

— Você é? — retruca ela.

— Não.

— Nem eu — diz, olhando por um breve instante nos olhos dele.

— Por que você tem uma…

— Nenhuma razão. Não sou nada. Sou apenas…

Benjamin interrompe, o coração acelerado pelo constrangimento do pai.

— Ela saía com esse pessoal há alguns anos — diz em voz alta. — Mas achou que eram idiotas, e…

— Você não precisa explicar — interrompe Aida, irritada.

Ele se cala por um momento.

— Eu… eu só acho que é corajoso admitir quando se comete um equívoco — diz finalmente.

— Sim, mas eu interpretaria como uma persistente falta de noção não tê-la removido — diz Erik.

— Deixe isso para lá! — grita Benjamin. — Você não sabe nada sobre ela!

Aida simplesmente dá as costas e se afasta. Benjamin vai atrás, apressado.

— Desculpe — diz ele, ofegante. — Meu pai pode ser constrangedor.

— Mas ele está certo, não é? — pergunta.

— Não — responde Benjamin com a voz fraca.

— Acho que talvez esteja — diz ela, dando um meio sorriso enquanto pega a mão dele.

14

terça-feira, 8 de dezembro: manhã

O Departamento de Medicina Legal fica em um prédio de tijolos no meio do enorme campus do Instituto Karolinska. E dentro do departamento fica o escritório branco brilhante e cinza-claro fosco de Nils Åhlén, médico-chefe, também conhecido como “Agulha”.

Após dizer seu nome a uma garota na recepção, Joona Linna é autorizado a entrar.

O escritório é moderno e caro, tem a assinatura de um decorador. As poucas cadeiras são de aço escovado, com austeros assentos de couro branco, e a iluminação vem de uma grande chapa de vidro suspensa acima da mesa.

Agulha aperta a mão de Joona sem se levantar. Usa óculos de aviador de armação branca e uma blusa de gola rulê branca sob o jaleco branco. O rosto é barbeado e fino, os cabelos grisalhos cortados curtos, lábios pálidos, nariz comprido e torto.

— Bom dia — diz ele com a voz rouca.

Na parede está pendurada uma fotografia colorida desbotada de Agulha e seus colegas: patologistas, químicos, geneticistas e dentistas de medicina legal. Todos usam jalecos brancos e todos parecem felizes. Estão de pé ao redor de fragmentos escuros de osso dispostos em um banco; a legenda sob a foto diz que essa é uma descoberta proveniente de uma escavação de túmulos do século IX, na periferia do assentamento comercial de Birka, na ilha de Björkö.

— Fotografia nova — diz Joona.

— Eu tenho de prender fotos com fita adesiva — diz Agulha, insatisfeito. — No antigo departamento de patologia eles tinham um painel de 1,5 metro quadrado.

— Uau — responde Joona.

— Pintado por Peter Weiss.

— O escritor?

Agulha confirma inclinando a cabeça; a luz da luminária de mesa reflete em seus óculos.

— Sim. Ele pintou retratos de toda a equipe nos anos 1940. Seis meses de trabalho, e ele recebeu 600 coroas, pelo que me disseram. Meu pai está na pintura entre os patologistas, bem ao fundo. — Agulha vira a cabeça para um lado e volta a atenção para o computador. — Estou acabando o relatório da necrópsia dos assassinatos de Tumba.

— Sim?

Agulha olha diretamente para Joona.

— Carlos telefonou esta manhã para me incomodar.

Joona sorri com doçura.

— Eu sei.

Agulha empurra os óculos para trás.

— Pelo que entendo é importante definir a hora da morte das diferentes vítimas.

— Sim, precisamos saber a sequência.

Agulha faz uma busca no computador, os lábios franzidos.

— É apenas uma avaliação preliminar, mas…

— O homem morreu primeiro?

— Exatamente. Eu me baseei exclusivamente na temperatura do corpo — diz, apontando para a tela. — Erixon diz que os dois locais, o vestiário e a casa, tinham quase a mesma temperatura, então meu cálculo foi de que o homem morreu pouco mais de uma hora antes dos outros dois.

— E agora você mudou de ideia?

Agulha balança a cabeça e se levanta com um gemido.

— Hérnia de disco — murmura, enquanto segue pelo corredor.

Joona o segue enquanto ele manca lentamente até a unidade de necrópsia. Passam por uma sala com uma mesa de dissecção feita de aço inoxidável, que parece um escorredor, mas com seções retangulares e uma borda elevada ao redor. Entram em uma sala refrigerada onde os corpos examinados pelos peritos são mantidos em gavetas à temperatura de 4ºC. Agulha para e verifica o número, puxa uma grande gaveta e vê que está vazia.

— Sumiu — diz, e retorna ao corredor.

Enquanto caminham, Joona nota que o piso é marcado por milhares de arranhões feitos pelas rodas das macas. Chegam a outra sala e Agulha segura a porta para Joona.

Estão em uma sala bem iluminada, toda de azulejos brancos e com uma grande pia na parede. Água escorre lentamente de uma torneira amarelo-brilhante para um dreno no piso. Na comprida mesa de dissecção, coberta de plástico, há um corpo nu e sem cor marcado por centenas de ferimentos escuros.

— Katja Ek — anuncia Joona.

O rosto da morta é surpreendentemente tranquilo; a boca está entreaberta e os olhos têm uma aparência serena. É como se estivesse ouvindo uma bela música, mas a expressão de paz contrasta com os longos cortes violentos na testa e nas bochechas. Joona permite que seus olhos passeiem pelo corpo de Katja Ek, no qual uma trama de veias já começa a aparecer ao redor do pescoço.

— Esperamos fazer o exame interno esta tarde.

Joona suspira e diz:

— Deus do céu, que bagunça.

A outra porta se abre e um jovem com um sorriso inseguro entra. Tem várias argolas nas sobrancelhas e os cabelos pretos tingidos descem pelas costas do jaleco branco em um rabo de cavalo. Com um sorriso, Agulha ergue um punho em um cumprimento roqueiro, dedos mínimo e indicador apontados para o alto como os chifres do diabo, que o jovem reproduz de imediato.

— Este é Joona Linna, do DIC Nacional — explica Agulha. — Ele sempre vem nos visitar.

— Frippe — apresenta-se o jovem, apertando a mão de Joona.

— Ele está se especializando em medicina legal — diz Agulha.

Frippe veste luvas de látex e Joona vai até a mesa com ele. O ar ao redor da mulher é frio e tem cheiro desagradável.

— Dos três mortos, ela foi a submetida à menor dose de violência — destaca Agulha. — Apesar dos múltiplos cortes e perfurações.

Eles observam a mulher morta. O corpo está coberto de grandes e pequenas perfurações.

— Além disso, diferentemente dos outros dois, ela não foi mutilada ou feita em pedaços — continua. — A verdadeira causa da morte não é o ferimento no pescoço, mas este, que vai até o coração, segundo a tomografia computadorizada.

Ele aponta para um ferimento relativamente pouco impressionante no esterno.

— Mas é um pouco difícil ver a hemorragia nas imagens — diz Frippe.

— Naturalmente, vamos verificar quando a abrirmos — diz Agulha a Joona.

— Ela resistiu — comenta Joona.

— Em minha opinião, em um primeiro momento, ela se defendeu ativamente — explica Agulha —, com base nos ferimentos nas palmas das mãos, mas depois tentou fugir e apenas se proteger.

O jovem médico observa Agulha com atenção.

— Veja os ferimentos do lado de fora dos braços — diz Agulha.

— Ferimentos defensivos — murmura Joona.

— Exatamente.

Joona se inclina e olha para as manchas marrom-amareladas visíveis nos olhos abertos da mulher.

— Está olhando para os sóis?

— Sim.

— Você só os vê algumas horas depois da morte; às vezes pode demorar vários dias — diz Agulha, voltando-se para o jovem médico. — No final acabarão completamente negros. Isso porque a pressão nos olhos está caindo.

Ele pega um martelo de reflexo e pede que Frippe verifique se ainda há alguma reação idiomuscular. O jovem médico bate no meio do bíceps da mulher e sente o músculo com os dedos, procurando contrações.

— Mínima — diz a Agulha.

— O normal é que parem após 13 horas — explica Agulha.

— Os mortos não estão completamente mortos — diz Joona, estremecendo ao identificar um movimento fantasma no braço flácido de

Katja Ek.

— *Mortui vivis docent*, o morto ensina aos vivos — retruca Agulha, sorrindo para si mesmo enquanto ele e Frippe a viram de barriga para baixo.

Ele aponta para as manchas marrom-avermelhadas nas nádegas, na base das costas, nas omoplatas e nos braços.

— A hipóstase é fraca quando a vítima perdeu muito sangue.

— Sim, é claro — diz Joona.

— O sangue é pesado, e quando você morre não há mais nenhum sistema de pressão interna — explica Agulha a Frippe. — Parece óbvio, mas o sangue desce e simplesmente se acumula nos pontos mais baixos; costuma ser mais visto em áreas que estiveram em contato com a superfície na qual o corpo se apoiava.

Ele aperta uma mancha na panturrilha direita dela com o polegar até quase desaparecer.

— Veja aqui… Você pode pressionar e fazê-la desaparecer até 24 horas após a morte.

— Mas pensei ter visto manchas nos quadris e no peito — diz Joona, hesitante.

— Bravo — reage Agulha, olhando-o com um sorriso um pouco surpreso. — Não achei que você perceberia.

— Então ela estava deitada de bruços quando morreu, antes de ser virada — conclui Joona.

— Durante duas horas, eu diria.

— Portanto, o criminoso permaneceu por duas horas na casa. Ou voltou à cena do crime. Ou outra pessoa a virou.

Agulha deu de ombros.

— Ainda estou muito longe de concluir minha avaliação.

— Posso perguntar uma coisa? Percebi que um dos ferimentos no estômago parece um corte de cesariana.

— Uma cesariana — diz Agulha, sorrindo. — Por que não? Vamos dar uma olhada?

Os dois médicos viram o corpo de novo.

— Está se referindo a este? — pergunta Agulha, apontando para um grande corte cerca de 15 centímetros abaixo do umbigo.

— Sim — responde Joona.

— Ainda não tive tempo de examinar todos os ferimentos.

— *Vulnera incisa* — diz Frippe.

— Sim, parece uma incisão — conclui Agulha.

— Não uma facada — diz Joona.

Frippe se inclina para poder ver.

— Considerando-se o fato de que é uma linha reta e a superfície da pele ao redor está intacta — começa Agulha, verificando o interior do ferimento com os dedos. — As paredes — continua — não estão especialmente encharcadas de sangue, mas…

— O que é? — pergunta Joona.

Agulha está olhando para ele de modo muito estranho.

— Este corte foi feito depois da morte — anuncia. Ele tira as luvas. — Preciso olhar a tomografia computadorizada — diz preocupado.

Ele se afasta, abre o computador na mesa junto à porta, observa as imagens tridimensionais, para, avança e muda o ângulo.

— O ferimento parece penetrar no útero — murmura. — É como se acompanhasse velhas cicatrizes.

— Velhas cicatrizes? O que isso quer dizer? — pergunta Joona.

— Foi você quem disse — diz Agulha, sorrindo ligeiramente. — A cicatriz de uma cesariana de emergência.

Ele aponta para o ferimento vertical. Quando Joona olha mais atentamente, vê que em um dos lados há uma fina linha de tecido cicatrizado, já antigo e rosa-claro, de uma cesariana feita muito tempo antes.

— Mas ela não estava grávida? — pergunta Joona.

— Não — responde Agulha, rindo e empurrado os óculos para trás.

— Estamos lidando com um assassino com habilidades de cirurgião? — pergunta Joona.

Agulha balança a cabeça. Joona pensa no fato de que alguém matou Katja Ek em um frenesi, com considerável violência, e voltou duas horas depois, virou-a e cuidadosamente abriu sua velha cicatriz de cesariana.

— Veja se há algo similar nos outros corpos.

— Quer que isso seja uma prioridade? — pergunta Agulha.

— Sim, acho que sim.

— Não tem certeza?

— Tenho certeza.

— Então quer que tudo seja prioridade.

— Mais ou menos. — Joona está sorrindo quando deixa a sala.

Mas, ao entrar no carro, Joona começa a tremer. Liga o motor, pega a Retzius Väg, aumenta o aquecedor e digita o número do promotor-chefe Jens Svanehjälm.

— Svanehjälm.

— Joona Linna.

— Ah, bom dia. Acabei de falar com Carlos. Ele disse que você entraria em contato.

— É um pouco difícil dizer com o que estamos lidando neste caso — diz Joona. — Acabei de sair da unidade de medicina legal e estou pensando em seguir para o hospital; realmente preciso interrogar a testemunha sobrevivente.

— Carlos explicou a situação — diz Jens. — Você já criou um perfil?

— Um perfil não será suficiente — retruca Joona.

— Sim, eu sei, concordo. Se quisermos ter alguma chance de proteger a irmã mais velha, precisamos falar com o garoto.

Joona de repente vê um fogo de artifício explodir em total silêncio: uma estrela azul-clara ao longe, acima dos telhados de Estocolmo. Ele pigarreia.

— Estou em contato com Susanne Granat, da Assistência Social e pensei em ter Erik Maria Bark, o psiquiatra, comigo durante o interrogatório. Ele é especialista no tratamento de choque e trauma.

— Perfeito — diz Jens de modo a tranquilizar Joona.

— Nesse caso, seguirei agora mesmo para a unidade de neurocirurgia.

— Boa ideia.

15

terça-feira, 8 de dezembro: manhã

Andando apressado pelo corredor do hospital após ter deixado Benjamin na escola, Erik pensa em como fora idiota ao fazer um comentário sobre a tatuagem de Aida. Acabara por se mostrar moralista e crítico aos olhos dela.

Dois policiais uniformizados o deixam entrar na unidade. Joona Linna já espera do lado de fora do quarto onde Josef Ek está. Quando vê Erik, faz um breve aceno, como uma criança pequena, abrindo e fechando a mão.

Erik olha para Josef através do vidro da porta. Uma bolsa de sangue quase negro está suspensa acima dele. O quadro se estabilizou um pouco, mas ainda há o risco de novas hemorragias no fígado. A enfermeira prepara uma dose de morfina.

Ele está deitado de costas, a boca bem fechada; sua barriga se move rapidamente para cima e para baixo e seus dedos se contorcem de tempos em tempos.

— Eu estava certo quando disse que o criminoso começou pelo campo de futebol — diz Joona. — Ele assassinou Anders Ek primeiro. Depois foi até a casa da vítima e matou Lisa, a garotinha, pensou ter matado o garoto e matou Katja, a mãe.

— O patologista confirmou isso?

— Sim — responde Joona.

— Entendo.

— Então, se a intenção do assassino é eliminar a família inteira — continua Joona —, resta apenas a filha mais velha. Evelyn.

— A não ser que tenha descoberto que o garoto ainda está vivo.

— Exatamente, mas podemos protegê-lo.

— Sim.

— Temos de encontrar o assassino antes que ele chegue a Evelyn — diz Joona, e olha nos olhos de Erik. — Preciso descobrir o que o garoto sabe.

— E eu preciso fazer o que for melhor para o paciente.

— Talvez o melhor para ele seja não perder a irmã.

— Isso também me ocorreu. Preciso examiná-lo de novo — diz Erik. — Mas tenho quase certeza de que é cedo demais. Isto dito, acredito que o paciente irá recuperar a consciência logo, em algumas horas, pelo menos o suficiente para que possamos começar a falar com ele. Mas, depois disso, você precisa entender que temos um longo processo terapêutico pela frente. Um interrogatório pode agravar o quadro do garoto.

Daniella se aproxima apressadamente, vestindo um casaco vermelho justo. Entrega a ficha do paciente a Erik.

— Erik, não interessa o que pensamos. O promotor já decidiu que há circunstâncias especiais.

Erik se vira e olha de forma inquisitiva para Joona.

— Então você não precisa do nosso consentimento?

— Não — responde Joona.

— Então o que está esperando?

— Acho que Josef já sofreu mais do que alguém deveria sofrer — responde Joona. — Não quero fazer com que passe por nada que possa ferilo. Mas, ao mesmo tempo, preciso encontrar a irmã antes do assassino. E aquele garoto viu o rosto do agressor. Se você não me ajudar a descobrir o que ele sabe, eu o farei, mas obviamente prefiro o melhor caminho.

— E qual é?

— Hipnose — responde Joona.

Erik olha para ele.

— Nem mesmo tenho autorização para hipnotizar…

— Falei com Annika Lorentzon — diz Daniella.

— O que ela disse? — pergunta Erik.

— Não é exatamente uma decisão popular permitir que um paciente instável seja hipnotizado, sobretudo uma criança. Mas como sou a responsável pelo paciente, ela deixou a decisão para mim — conta Daniella.

Erik suspira, depois esfrega os olhos com os dedos.

— Eu realmente quero ficar fora disso.

— Caso não se incomode que eu diga, sua relutância em usar a hipnose parece bem maior do que sua preocupação cautelosa com o bem-estar do paciente — diz Joona.

— Não tenho intenção de discutir isso, mas há dez anos prometi nunca mais usar a hipnose. Foi uma decisão minha que ainda considero correta.

— É correta nesse caso? — pergunta Joona.

— Para ser honesto, não sei.

— Abra uma exceção — implora Daniella.

— Hipnose, então — suspira Erik.

— Gostaria que fizesse uma tentativa quando achar que o paciente está de algum modo receptivo à hipnose — diz Daniella.

— Seria bom se você estivesse aqui — diz Erik.

— Eu tomei a decisão em relação à hipnose — explica ela — com a condição de que você, a partir de agora, assuma a responsabilidade pelo paciente.

— Então estou por conta própria agora?

Daniella olha para ele, exausta.

— Trabalhei a noite toda — diz ela. — Prometi levar minha filha à escola, mas não cumpri e vou ter de lidar com isso à noite. E neste instante preciso muito ir para casa e dormir.

16

terça-feira, 8 de dezembro: manhã

Erik observa Daniella Richards descer o corredor, o casaco vermelho ondulando atrás dela. Joona olha para o paciente. Erik vai ao banheiro, tranca a porta, lava e enxuga o rosto. Pega o telefone e liga para Simone, mas ninguém atende. Tenta o número de casa e ouve o telefone tocar, mas, quando a secretária atende, já não sabe o que dizer.

— Sixan, eu… Você precisa me escutar. Não sei o que está pensando, mas não aconteceu nada, talvez você não se importe, mas prometo que vou descobrir um modo de provar a você que eu…

Erik para de falar. Qual é o sentido disso? Ele sabe que suas garantias já não têm significado. Ele mentiu para ela há dez anos, e ainda não conseguiu provar seu amor, não o suficiente, não o bastante para que ela comece a confiar nele outra vez. Ele encerra a ligação, sai do banheiro e caminha até o detetive, que está olhando para o quarto do paciente.

— O que na verdade é a hipnose? — pergunta Joona após algum tempo.

— É apenas um estado alterado de consciência, somado à sugestão e à meditação — responde Erik. — Do ponto de vista puramente neurofisiológico, o cérebro funciona de uma forma especial sob hipnose. Partes do cérebro que raramente usamos são ativadas de repente. Pessoas sob hipnose ficam profundamente relaxadas. É quase como se dormissem, mas, se você fizer um eletroencefalograma nelas, a atividade cerebral mostrará pessoas despertas e alertas.

— Entendo — diz Joona, hesitante.

— Quando as pessoas pensam em hipnose, em geral se referem à hétero-hipnose, em que uma pessoa hipnotiza outra tendo em mente um objetivo.

— Como o quê, por exemplo?

— Como evocar alucinações negativas.

— O que é isso?

— A mais comum é inibir o registro consciente da dor.

— Mas a dor continua a existir.

— Isso depende de como você a define — diz Erik. — Claro que o paciente responde à dor com reações fisiológicas, mas ele não a sente. É até mesmo possível realizar cirurgias sob hipnose clínica.

Joona escreve algo em seu bloco de notas.

— O garoto abre os olhos de tempos em tempos — diz ele, olhando de novo através do vidro.

— Percebi isso.

— O que vai acontecer?

— Ao paciente?

— Sim, quando você hipnotizá-lo.

— Durante a hipnose dinâmica, em um contexto terapêutico, o paciente quase sempre se divide em um eu que observa e um ou mais eus que experimentam e vivenciam a situação.

— Ele assiste a si mesmo, como em um teatro?

— Sim.

— O que você vai dizer a ele?

— Bem, ele passou por coisas terríveis, então, antes de tudo, tenho de fazê-lo se sentir seguro. Começo explicando o que vou fazer e depois o conduzo ao relaxamento. Falo com uma voz muito serena sobre suas pálpebras ficarem pesadas, sobre ele querer fechar os olhos, respirar profundamente pelo nariz. Percorro o corpo da cabeça aos dedos dos pés e depois retorno.

Erik espera enquanto Joona faz anotações.

— Depois disso vem o que é chamado de indução — prossegue Erik. — Introduzo uma espécie de comando oculto no que digo e levo o paciente a imaginar lugares e acontecimentos simples. Sugiro um passeio por seus pensamentos, cada vez mais longe, até que sua necessidade de controlar a situação praticamente desaparece. É mais ou menos como ler um livro e ficar tão empolgado que se perde a consciência de estar sentado lendo.

— Compreendo.

— Se você erguer a mão do paciente e depois soltá-la, a mão ficará onde está, no ar, cataléptica, ao final da indução — explica Erik. — Depois da indução eu faço uma contagem regressiva e aprofundo ainda mais a hipnose.

Em geral faço uma contagem, mas outros fazem o paciente visualizar uma escala de cinza, de modo a dissolver as fronteiras na mente. Na prática, o que acontece é que o medo, ou o raciocínio crítico que bloqueia certas lembranças, é desligado.

— Você conseguirá hipnotizá-lo?

— Se ele não resistir.

— O que acontece então? — pergunta Joona. — O que acontece se ele resistir?

Erik analisa o garoto através do vidro na porta, tentando ler seu rosto, sua receptividade.

— Difícil dizer o que extrairei dele. A relevância pode variar — diz.

— Não estou procurando uma declaração de testemunha. Apenas um indício, uma pista, algo para seguir.

— Então você só quer que eu descubra a pessoa que fez isso a eles?

— Um nome ou lugar seria bom, alguma espécie de ligação.

— Não tenho a menor ideia do que vai acontecer — diz Erik, respirando profundamente.

17

terça-feira, 8 de dezembro: manhã

Joona entra no quarto de recuperação com Erik, senta-se em uma cadeira no canto, tira os sapatos e recosta. Erik reduz a iluminação, puxa um banco de metal e senta-se junto à cama. Cuidadosamente ele começa a explicar ao garoto que deseja hipnotizá-lo para ajudá-lo a entender o que aconteceu no dia anterior.

— Josef, vou ficar sentado aqui o tempo todo — diz Erik calmamente. — Não há nada a temer. Sinta-se inteiramente seguro. Estou aqui para seu próprio bem. Você não precisa dizer nada que não queira e pode encerrar a hipnose quando desejar.

Só então, com o coração acelerado, Erik se dá conta de quanto ansiava fazer isso. Precisa tentar controlar seu entusiasmo. O ritmo dos acontecimentos não pode ser forçado ou acelerado. Deve ser estável, deve poder desacelerar e ser experimentado com a suavidade de seu próprio tempo.

Ele logo sente que Josef está receptivo; seu rosto ferido se torna mais pesado, os traços se destacam e a boca relaxa. É como se o garoto intuitivamente se aferrasse à segurança que Erik transmite. É fácil conduzir o garoto a um estado de relaxamento profundo. O corpo já está em repouso, e parece ansiar por mais.

Quando Erik começa a indução, é como se nunca houvesse parado de praticar a hipnose. Sua voz é íntima, calma e objetiva, e as palavras saem com tanta facilidade que ele as derrama, envoltas em um calor monótono e uma cadência sonolenta, descendente.

— Josef, e se você… pensasse em um dia de verão — diz Erik. — Tudo é agradável e maravilhoso. Você está deitado no fundo de um pequeno barco de madeira, balançando suavemente. Pode ouvir a água batendo e está olhando para pequenas nuvens brancas que cruzam o céu azul.

O garoto reage tão bem que Erik fica pensando se deve desacelerar um pouco. Acontecimentos difíceis podem aumentar a sensibilidade no que diz

respeito à hipnose. O estresse interior pode agir como um motor em marcha a ré: a freada é inesperadamente rápida e a rotação diminui a zero muito depressa.

— Vou começar a contagem regressiva agora, e, a cada número que ouvir, relaxará um pouco mais. Você irá se sentir tomado por uma grande calma, terá consciência de como tudo ao seu redor é agradável. Relaxe a partir dos dedos do pé, tornozelos, panturrilhas. Nada o incomoda, tudo é pacífico. A única coisa que precisa escutar é minha voz, a contagem dos números diminuindo. Agora está relaxando ainda mais, sente-se ainda mais pesado, seus joelhos relaxam, assim como suas coxas e virilha. Sinta-se afundando de maneira ao mesmo tempo suave e agradável. Tudo é calmo, imóvel e relaxado.

Erik coloca a mão no ombro de Josef. Mantém os olhos fixos na barriga do menino, e, a cada expiração, Erik diminui um número de sua contagem regressiva. Erik já havia quase se esquecido da sensação de leveza onírica e força física que toma conta dele durante o processo. Enquanto conta, consegue se ver afundando em uma água brilhante rica em oxigênio. Sorrindo, ele passa por uma enorme formação rochosa, uma fenda continental que continua até profundidades imensas, a água cintilando com pequenas bolhas. Tomado de felicidade, ele desce junto à áspera muralha de rocha. Enquanto afunda na água luminosa, Erik estende um braço e toca os dedos na rocha enquanto passa por ela. A água brilhante lentamente ganha tons de rosa.

O garoto demonstra sinais evidentes de repouso hipnótico. Uma expressão de grande relaxamento se instalou nas bochechas e na boca. Erik sempre achou que o rosto dos pacientes se torna mais largo e de certa forma mais plano com a hipnose. Menos atraente porém mais delicado e sem qualquer traço de fingimento.

— Agora você está profundamente relaxado — diz Erik devagar. — Tudo é muito, muito agradável.

Os olhos do garoto brilham por trás das pálpebras entreabertas.

— Josef, quero que tente se lembrar do que aconteceu ontem. O dia começou como uma segunda-feira comum, mas à noite alguém foi até a sua casa.

O garoto fica em silêncio.

— Agora você vai me contar o que está acontecendo — diz Erik.

O garoto responde com o mais lento dos gestos.

— Você está sentado em seu quarto? É o que está fazendo? Está ouvindo música?

Não há resposta. A boca se move, perguntando, buscando.

— Sua mãe estava em casa quando você voltou da escola — diz Erik.

Ele assente.

— Sabe por quê? É porque Lisa tem febre?

O garoto assente mais uma vez e umedece os lábios.

— O que você faz quando chega da escola, Josef?

O garoto sussurra algo.

— Não consigo ouvir — estimula Erik de modo gentil. — Quero que fale para que possa ouvi-lo.

Os lábios do garoto se movem de novo e Erik se inclina para a frente.

— Como fogo, exatamente como fogo — murmura Josef. — Estou tentando piscar. Entro na cozinha, mas não está certo. Há uns estalos entre as cadeiras e um fogo vermelho-brilhante se espalha pelo piso.

— De onde o fogo vem? — pergunta Erik.

— Não lembro. Algo aconteceu antes… — Ele fica em silêncio mais uma vez.

— Recue um pouco, antes do fogo na cozinha — diz Erik.

— Tem mais alguém lá — diz o garoto. — Posso ouvir alguém batendo na porta.

— A porta da rua?

— Não sei.

O rosto do garoto de repente fica tenso, ele geme ansioso e expõe os dentes inferiores em uma careta estranha.

— Não há perigo agora — diz Erik. — Não há perigo, Josef, você está seguro aqui, está calmo, não há ansiedade. Está simplesmente assistindo ao que acontece; não está lá. Pode ver tudo de uma distância segura, e não há perigo algum.

— Os pés são azul-claros — sussurra o garoto.

— O que você disse?

— Alguém está chutando a porta — diz o garoto, enrolando as palavras. — Eu abro, mas não há ninguém lá; não consigo ver ninguém. Mas as batidas continuam. Alguém está brincando comigo. — O paciente respira mais rapidamente, seu estômago tem espasmos.

— O que acontece agora? — pergunta Erik.

— Eu entro na cozinha para fazer um sanduíche.

— Você come um sanduíche?

— Mas as batidas recomeçam, o barulho vem do quarto de Lisa. A porta está entreaberta. Posso ver a luminária acesa. Eu empurro a porta com a faca cuidadosamente e olho para dentro. Ela está na cama. Está de óculos, mas os olhos estão fechados e ela respira pela boca, com esforço. O rosto está branco. Os braços e as pernas estão muito retesados. Então ela joga a cabeça para trás e estica o pescoço e começa a chutar a cama com os pés. Ela continua chutando, cada vez mais rápido. Eu mando Lisa parar, mas ela continua chutando, com mais força. Eu grito com ela, mas a faca já começou a furar, e mamãe entra e me puxa, e eu giro e a faca avança; apenas sai de mim; eu preciso de mais facas, tenho medo de parar, tenho que continuar, é impossível parar. Mamãe está engatinhando pelo chão da cozinha, está tudo vermelho, eu tenho que usar as facas em tudo, em mim, nos móveis, nas paredes; eu acerto e furo e, de repente, estou muito cansado e me deito. Não sei o que está acontecendo, meu corpo dói por dentro e estou com sede, mas não consigo me mover.

Erik permanece com o garoto, lá na água brilhante, suas pernas se movendo delicadamente. Ele acompanha a muralha de pedra com os olhos, cada vez mais fundo, sem fim, a água ficando mais escura, o azul se transformando em cinza-azulado, e então sedutoramente negro.

— Você viu — pergunta Erik, ouvindo sua própria voz trêmula — seu pai mais cedo?

— Sim, no campo de futebol — responde Josef.

O menino fica em silêncio, parece inseguro, olha para a frente com olhos sonolentos.

Erik vê que a pulsação do garoto está se acelerando e percebe que, ao mesmo tempo, a pressão sanguínea cai.

— Quero que você afunde mais agora — diz Erik suavemente. — Você está afundando, está se sentindo mais calmo, melhor e…

— Não é a mamãe? — pergunta o garoto com a voz fraca.

Erik arrisca um palpite.

— Josef, me diga, você também viu sua irmã mais velha, Evelyn?

Ele observa o rosto do garoto, consciente de que, se estiver errado, a conjectura pode criar uma ruptura na hipnose. Mas sente que precisa arriscar fazer esse desvio, porque se o quadro do paciente voltar a piorar ele terá que interromper o processo.

— O que aconteceu quando você viu Evelyn? — pergunta ele.

— Eu nunca deveria ter ido lá.

— Isso foi ontem?

— Ela estava se escondendo na cabana — sussurra o garoto, sorrindo.

— Qual cabana?

— A da tia Sonja.

— Diga o que acontece na cabana.

— Apenas estou em pé. Evelyn não está satisfeita. Sei o que ela está pensando — murmura Josef. — Não passo de um cachorro para ela. Não valho nada…

O sorriso desapareceu. Lágrimas correm dos olhos de Josef e sua boca treme.

— É isso que Evelyn lhe diz?

— Eu não quero, eu não preciso, eu não quero — geme Josef.

— O que você não quer fazer?

As pálpebras começam a tremer.

— O que está acontecendo, Josef?

— Ela diz que eu tenho que morder para receber a recompensa.

— Quem? Quem você tem que morder?

— Há uma foto na cabana, uma foto em uma moldura que parece um cogumelo. Papai, mamãe e Lisa, mas…

O corpo dele de repente fica tenso, as pernas se movem rapidamente, soltas, ele está saindo das profundezas da hipnose. Erik cuidadosamente desacelera a subida, acalmando o menino antes de erguê-lo alguns níveis. De modo meticuloso, ele fecha a porta para todas as lembranças do dia e todas as lembranças da hipnose. Nada pode ser deixado aberto quando começar o cuidadoso processo de acordá-lo.

Josef está deitado sorrindo quando Erik afinal se afasta da cama e sai do quarto. Vai até a máquina de café. Um sentimento de desolação toma conta dele, a sensação de que há algo muito errado. Ele olha de relance quando a porta do quarto do garoto se abre. O detetive caminha em sua direção.

— Estou impressionado — diz Joona em voz baixa, pegando o celular.

— Antes de você dar qualquer telefonema, eu só quero enfatizar uma coisa — diz Erik. — O paciente sempre fala a verdade sob hipnose. Mas a questão é o que ele mesmo percebe como sendo a verdade. Sua memória é tão subjetiva quanto sempre e…

— Compreendo.

— Eu hipnotizei pessoas que sofriam de esquizofrenia — continua Erik —, e elas ficavam tão profundamente desligadas da realidade sob hipnose quanto eram em estado consciente.

— O que está tentando me dizer?

— Josef falou sobre sua irmã.

— Sim, ela queria que ele mordesse como um cachorro e assim por diante — diz Joona. Ele tecla um número e leva o telefone ao ouvido.

— Não há prova de que a irmã disse para ele fazer aquilo — explica Erik.

— Mas pode ter dito — diz Joona, erguendo a mão para que Erik parasse de falar por um instante. — Anja, meu tesouro.

Uma voz suave é ouvida do outro lado da linha.

— Poderia verificar uma coisa para mim? Sim, exatamente. Josef Ek tem uma tia chamada Sonja e ela tem uma casa ou cabana em algum lugar… Sim, isso. Você é maravilhosa. — Joona procura o olhar de Erik. — Desculpe. Queria dizer mais alguma coisa?

— Só que não é de modo algum certo que foi Josef quem assassinou a família.

— Mas é possível que seus ferimentos sejam autoinfligidos? Em sua opinião, ele poderia ter se cortado assim?

— Não é provável.

— Mas é possível? — insiste Joona.

— Teoricamente, sim — responde Erik.

— Então acho que nosso assassino está deitado ali — diz Joona.

— Também acho.

— Ele está em condições de fugir do hospital?

— Não. — Erik sorri surpreso.

Joona vai na direção da porta de saída do hospital.

— Está indo até a cabana da tia?

— Sim.

— Posso ir com você? — pergunta Erik. — A irmã pode estar ferida, ou em estado de choque.

18

terça-feira, 8 de dezembro: início da manhã

Simone já está acordada antes que o telefone na mesinha de cabeceira de Erik comece a tocar.

Erik murmura algo sobre balões e serpentinas, pega o telefone e sai apressado do quarto, fechando a porta atrás dele.

A voz que ela ouve do outro lado da porta soa simpática, quase carinhosa. Após algum tempo, Erik se esgueira de volta para o quarto e ela pergunta quem ligou.

— Polícia… um detetive… não guardei o nome — diz, e explica que precisa ir ao Hospital Universitário Karolinska.

Ela olha para o despertador e fecha os olhos.

— Agora durma, Sixan — sussurra ele, e deixa o quarto.

Sua camisola está toda enrolada pelo corpo. Ela a ajeita e a puxa para o lugar, se vira de lado e fica deitada imóvel, escutando os movimentos de Erik.

Ele se veste rapidamente e depois procura algo no guarda-roupa. Depois ouve um barulho metálico quando ele joga a calçadeira de volta na gaveta. Após um tempo, escuta o barulho fraco da porta da frente sendo fechada.

Ela tenta durante muito tempo voltar a dormir, mas sem sucesso. Acha que Erik não parecia falar com um policial. Soava relaxado demais. Talvez, diz a si mesma, estivesse apenas cansado.

Ela levanta para fazer xixi, toma um iogurte e volta para a cama. Então começa a pensar no que havia acontecido dez anos antes, e qualquer possibilidade de dormir novamente desaparece. Fica deitada por meia hora e então, incapaz de resistir às suspeitas, acende a luminária ao lado da cama, pega o telefone e tecla até encontrar a última chamada recebida. Fica olhando para o identificador de chamadas por um momento, sabendo que deveria apagar a luz e voltar a dormir, mas acaba ligando para o número. Toca três vezes, há um clique e ela ouve uma mulher rir próximo ao telefone.

— Pare com isso, Erik — diz a mulher alegremente, e depois com a voz mais próxima: — Daniella Richards. Alô?

Simone não diz nada. A mulher espera um pouco e depois diz *alô-ô* em uma voz cansada e sarcástica antes de desligar. Simone fica sentada ali, o telefone na mão. Tenta entender por que Erik disse que era um policial, do sexo masculino, que havia ligado. Quer encontrar uma explicação razoável, mas não consegue impedir que seus pensamentos retornem ao momento, dez anos antes, em que ela descobriu que Erik a estava enganando.

Por acaso foi no mesmo dia em que Erik a informou que ele havia abandonado a hipnose para sempre.

Simone lembra que ela não estivera em sua recém-aberta galeria naquele dia, algo raro. Talvez Benjamin não tivesse ido à escola, ou quem sabe ela própria tenha tirado um dia de folga, mas de qualquer forma estava na mesa da cozinha da casa geminada em Järfälla, examinando a correspondência, quando viu um envelope azul-claro endereçado a Erik. No verso, no lugar do remetente, estava escrito apenas Maja.

Há momentos em que você sabe com todas as fibras do seu ser que há algo errado.

Simone estava casada com Erik havia oito anos quando, com os dedos trêmulos, abriu o envelope de Maja. Dez fotografias coloridas caíram na mesa da cozinha. Não tinham sido tiradas por um fotógrafo profissional. Closes fora de foco: um seio de mulher, uma boca e um pescoço nu, lingerie verde-clara, cabelos negros em cachos apertados. Erik estava em uma das fotos. Parecia surpreso e feliz.

Maja era uma mulher muito jovem e bonita, com sobrancelhas escuras e pronunciadas e lábios volumosos que transmitiam seriedade. Na única foto que a mostrava por inteiro, ela estava deitada em uma cama estreita apenas de lingerie, cachos de cabelos negros caindo sobre os grandes seios brancos. Também parecia feliz, as bochechas levemente coradas.

É difícil se lembrar com precisão da sensação de ser enganada. Por muito tempo, tudo não passou de uma sensação de tristeza, um estranho anseio de vazio no estômago, um desejo de evitar pensamentos dolorosos. E ainda assim ela se lembra de que a primeira coisa que sentiu foi surpresa, uma imensa e estúpida surpresa por ter sido enganada por alguém em quem

confiava totalmente. Depois o constrangimento, acompanhado por uma sensação desesperada de inadequação, fúria e solidão.

Simone permanece deitada enquanto esses pensamentos giram em sua cabeça, desdobrando-se em várias direções dolorosas. Lembra-se do modo como Erik olhou em seus olhos e jurou não ter tido um caso com Maja — nem sequer conhecia alguém chamado Maja. Ela perguntou a Erik três vezes, e em todas ele jurou não conhecer nenhuma Maja. Então ela pegou as fotos e as jogou sobre ele, uma a uma.

O céu clareia lentamente sobre a cidade. Ela adormece por alguns minutos antes de Erik voltar. Ele tenta fazer silêncio, mas quando senta na cama ela acorda. Erik diz que vai tomar um banho. Olhando para Erik, Simone pode ver que ele mais uma vez tomou vários comprimidos. Com o coração acelerado, ela pergunta o nome do policial que telefonou durante a noite. Quando Erik não responde, Simone nota que ele apagou no meio da conversa. Simone diz que ligou para o número, e um policial atendeu? Não, foi alguma mulher sorridente chamada Daniella. Mas Erik simplesmente não consegue ficar acordado. É revoltante. Ela então grita com ele, exige saber, o acusa de ter destruído tudo no exato momento em que começava a confiar nele de novo.

Simone está sentada na cama, olhando para ele. Ele parece não entender sua agitação. Ela diz as palavras que, não importa quantas vezes já tenha pensado nelas, não parecem menos dolorosas, tristes ou distantes de suas esperanças.

— Seria melhor nos separarmos.

Isso parece chamar a atenção dele por um momento. Mas Simone já está pegando o travesseiro e o edredom. Entrando no quarto de hóspedes, ela deita no sofá e chora durante um bom tempo, depois assoa o nariz. Agora já é manhã. Ela não tem forças para lidar com a família no momento. Vai ao banheiro, se lava e depois se esgueira para dentro do quarto. Erik está apagado, então ela pega suas roupas e se veste no quarto de hóspedes. Faz a maquiagem apressadamente e sai do apartamento para tomar café da manhã em algum lugar antes de ir para a galeria.

Ela lê em um café da Kungsträdgården durante algum tempo antes de o sanduíche que pediu junto com o café chegar. Baixa o jornal por um momento e olha pela larga janela do estabelecimento, que dá para um grande palco.

Cerca de 12 homens estão trabalhando nos preparativos para algum acontecimento. Barracas cor-de-rosa foram montadas. Uma barreira é colocada ao redor de uma pequena rampa. De repente, algo acontece. Os homens recuam aos tropeços, gritando uns com os outros. Há um barulho de explosão e um foguete dispara no céu. Simone se inclina para a frente para poder acompanhar o voo. O foguete sobe pelo céu brilhante da manhã e explode em um azul luminoso e claro, com o ruído reverberando entre os prédios.

19

terça-feira, 8 de dezembro: manhã

Simone senta-se no escritório da galeria, observando o grande autorretrato do artista Sim Shulman posando com traje preto de ninja, uma espada erguida acima da cabeça, quando o telefone começa a tocar em sua bolsa.

— Simone Bark — responde, tentando afastar a tristeza da voz.

— Alô, aqui é Siv Sturesson, da escola Edsberg — diz uma mulher mais velha.

— Ah — diz Simone, hesitante. — Pois não?

— Só estou telefonando para saber como Benjamin está.

— Desculpe, não estou entendendo.

— Ele não está na escola hoje e não ligou para dizer que está doente. Em casos como esse, sempre entramos em contato com os pais.

— Certo — diz Simone. — Vou ligar para casa e verificar. Benjamin e o pai ainda estavam em casa esta manhã quando saí. Ligo de volta.

Ela desliga e telefona imediatamente para casa. Não é do feitio de Benjamin dormir demais ou desobedecer às regras.

Ninguém atende em casa. Erik deveria ter a manhã de folga. Um novo medo crava as garras nela, antes de lhe ocorrer que o mais provável é que Erik esteja deitado lá, roncando de boca aberta, derrubado por seus comprimidos adorados, enquanto Benjamin ouve música no volume máximo. Ela tenta o telefone de Benjamin, que não atende. Deixa uma mensagem curta, depois tenta o celular de Erik, que, é claro, está desligado.

Ela grita para a assistente da galeria de arte.

— Yiva, preciso ir em casa. Volto logo.

A assistente olha para o escritório com uma pasta grossa na mão e grita, sorrindo:

— Beijinho, beijinho.

Mas Simone está estressada demais para retribuir a gracinha. Ela joga o casaco sobre os ombros, pega a bolsa e quase corre até a estação de metrô.

O silêncio do lado de fora de uma casa vazia é sempre peculiar. Assim que Simone coloca a chave na fechadura, sabe que não há ninguém lá dentro.

Os patins foram esquecidos no chão, mas a mochila, os sapatos e o casaco de Benjamin desapareceram, assim como o sobretudo e o cachecol de Erik. A bolsa Puma com o remédio de Benjamin está no quarto dele. Ela espera que isso signifique que Erik deu a injeção em Benjamin.

Simone olha ao redor do quarto, achando um pouco triste que ele tenha tirado o pôster de Harry Potter e guardado quase todos os brinquedos em uma caixa no armário. Quando conheceu Aida, ele de repente ficou com pressa de crescer.

Ocorreu a Simone que talvez Benjamin estivesse com ela naquele momento.

Benjamin tem apenas 14 anos, Aida tem 17. Ele alega que são apenas amigos, mas é óbvio que são namorados. Será que ele contou que tem um problema no sangue? Será que ela sabe que, se Benjamin não tomar a medicação corretamente, o mais leve sopro pode custar a vida dele?

Ela se senta e enfia o rosto nas mãos, tentando cessar todos os pensamentos aterrorizantes. Simone não consegue parar de se preocupar com o filho. Sempre imaginou Benjamin sendo atingido no rosto por uma bola de basquete no recreio ou uma hemorragia espontânea começando de uma hora para outra dentro de sua cabeça: uma bolha escura se expandindo como uma estrela, percorrendo todas as circunvoluções cerebrais dele.

Ela é tomada por uma sensação de vergonha quase insuportável quando se lembra de como perdeu a paciência com Benjamin porque ele não conseguia andar. Tinha 2 anos e ainda engatinhava por toda parte. Ela o censurava e depois o provocava quando chorava. Dizia que parecia um bebê. Benjamin tentava andar, dava alguns passos, mas então a dor terrível o obrigava a deitar novamente.

Eles ainda não sabiam que ele tinha um problema no sangue, que os vasos sanguíneos do joelho se rompiam quando ele ficava em pé.

Assim que Benjamin recebeu o diagnóstico de Doença de von Willebrand, foi Erik quem assumiu os cuidados que o quadro exigia, não Simone. Era Erik quem, com toda delicadeza, movimentava as articulações de Benjamin depois da imobilidade da noite, a fim de reduzir o risco de hemorragia interna; Erik que aplicava as complexas injeções, nas quais a

agulha não podia de modo algum penetrar no músculo, com o líquido sendo esvaziado de maneira lenta e cuidadosa sob a pele. A técnica era muito mais dolorosa do que uma injeção comum. Nos primeiros anos, Benjamin sentava-se com o rosto apertado contra a barriga do pai, chorando em silêncio enquanto a agulha penetrava. Atualmente, ele nem mesmo para de tomar o café da manhã, apenas oferece o braço a Erik, que passa álcool, dá a injeção e faz um curativo.

O fator que ajuda o sangue de Benjamin a coagular é chamado de Haemate. Simone acha que o nome soa como o de uma deusa grega da vingança. É uma droga horrível e inadequada, na forma de um pó amarelo granulado que precisa ser pesado, dissolvido, misturado e aquecido na dose correta antes de ser administrado. O Haemate aumenta bastante o risco de coágulos sanguíneos, e eles vivem na esperança de que algo melhor surja. Mas com o Haemate, uma grande dose de desmopressina e Transamin na forma de spray nasal para prevenir sangramentos na mucosa, Benjamin está relativamente seguro.

Ela ainda podia se lembrar de quando receberam o cartão plastificado de alerta do Serviço de Emergência Sanguínea, com a foto de Benjamin em seu aniversário: seu rosto sorridente aos 4 anos sob o aviso:

> Eu tenho Doença de von Willebrand. Se algo acontecer a mim, por favor ligue imediatamente para o Serviço de Emergência Sanguínea: 040-33-10-10.

Desde que conheceu Aida, Benjamin começou a usar o celular pendurado no pescoço, preso por uma fita preta com caveiras estampadas. Eles trocavam mensagens de texto até tarde da noite e Benjamin ainda está com o telefone no pescoço quando Erik ou Simone o acordam de manhã.

Simone procura cuidadosamente entre todos os papéis e revistas na mesa de Benjamin. Depois abre uma gaveta e afasta um livro sobre a Segunda Guerra Mundial, revelando um pedaço de papel com a marca de lábios em batom preto e um número de telefone abaixo. Corre até a cozinha, disca o número e espera enquanto o telefone toca e está jogando uma esponja fedorenta na lata de lixo quando alguém finalmente atende.

Uma voz fraca e rouca, respirando pesado.

— Alô — diz Simone. — Desculpe incomodar. Meu nome é Simone Bark. Sou mãe de Benjamin. Estava pensando se…

A voz, que parece pertencer a uma mulher, sibila dizendo que não conhece nenhum Benjamin e que deve ser engano.

— Por favor, espere — diz Simone, tentando soar calma. — Aida e meu filho costumam sair juntos. Esperava que você talvez soubesse onde eles poderiam estar. Eu realmente preciso encontrar Benjamin.

— Ten… Ten…

— Desculpe, não consigo entender o que você está dizendo.

— Ten… sta.

— Tensta? Aida está em Tensta?

— Sim. Aquela maldita… tatuagem.

Simone acha que pode ouvir uma máquina de oxigênio trabalhando lentamente, um zumbido ritmado ao fundo.

— Desculpe, não entendo. Tatuagem? — pergunta ela.

A mulher rosna alguma coisa e desliga. Simone fica sentada olhando para o telefone, decide ligar de novo para a mulher, mas então entende o que ela quis dizer. Liga correndo para o serviço de informações e pega o endereço de um ateliê de tatuagem no shopping center de Tensta. O corpo inteiro de Simone estremece imaginando Benjamin naquele exato instante sucumbindo à tentação, permitindo que sua pele seja perfurada para fazer uma tatuagem; o sangue começa a escorrer e não coagula.

20

terça-feira, 8 de dezembro: hora do almoço

Simone olha pela janela do trem do metrô. Ainda está suando após ter deixado o apartamento vazio e corrido até a estação.

Deveria ter pegado um táxi, mas diz a si mesma que nada aconteceu; ela sempre se preocupa sem necessidade.

Um homem em frente a ela mexe em um jornal. Pelo reflexo na janela ela pode ver que ele a olha de tempos em tempos.

— Ei — diz o homem. A voz é irritantemente insistente.

Ela o ignora, olhando pela janela.

— *Olá-á?* — continua o homem.

Ela percebe que ele não pretende desistir até conseguir sua atenção.

— Ei, não está me ouvindo? Estou falando com você! — insiste o homem.

Simone se vira para ele.

— Posso ouvi-lo perfeitamente bem — diz ela com calma.

— Então por que não me responde? — pergunta ele.

— Estou respondendo agora.

Ele pisca duas vezes, então continua.

— Você é mulher, certo?

— É só o que você quer saber? — pergunta ela, virando-se novamente para a janela.

Ele atravessa o corredor e senta ao lado dela.

— Espere, escute isso. Eu tive uma mulher, e minha mulher, minha mulher…

Simone sente gotas de saliva na bochecha.

— Ela era como Elizabeth Taylor — continua. — Você sabe quem ela é?

Ele coloca dois dedos no braço dela, como se fosse fazer uma confidência.

— Sabe quem é Elizabeth Taylor?

— Sim — responde Simone, impaciente. — Claro que sei.

Ele recosta-se, satisfeito com a resposta.

— Ela estava sempre encontrando um novo homem — geme ele. — Querendo algo cada vez melhor, anéis de diamante, presentes e colares.

O trem desacelera e Simone vê que chegaram a Tensta.

— É minha estação. Preciso saltar — diz, levantando-se.

— Aposto que sim — reage o homem, colocando-se no caminho. — Vamos lá, me dê um abraço. Só quero um pequeno abraço.

Rígida, os dentes trincados, ela se desculpa e afasta o braço dele. Sente a mão no seu traseiro, mas ao mesmo tempo o trem para, o homem perde o equilíbrio e cai de volta no assento.

— Piranha — diz calmamente enquanto Simone se afasta.

Ela salta do trem, sai correndo da estação, passa por uma ponte com cobertura de acrílico e desce os degraus. No meio da praça, dentro do shopping, há um enorme painel, um diretório e um mapa com todas as lojas. Respirando pesadamente, Simone o analisa até encontrar o estúdio Tensta Tattoos. É na extremidade oposta do shopping. Simone vai na direção da escada rolante.

Em sua cabeça, ela imagina alguns garotos cercando outro caído no chão. Ela abre caminho em meio à multidão e percebe que é Benjamin, sangrando sem parar por causa de uma tatuagem cafona e inacabada.

Ela sobe a escada, dois degraus de cada vez, chegando ao alto muito rápido. Ao sair da escada, ela nota um movimento estranho na extremidade oposta do shopping, em uma área deserta em que todas as lojas estão desocupadas. Parece que alguém está pendurado do lado de fora do parapeito.

Ela parte nessa direção e, ao se aproximar, vê claramente o que está acontecendo: dois garotos seguram outra criança, uma menininha, do lado de fora do parapeito do segundo andar. A queda é de pelo menos 9 metros até o andar de baixo. Uma figura alta caminha perto dali, agitando os braços como se estivesse se aquecendo em uma churrasqueira.

A garota está evidentemente aterrorizada, mas as outras crianças parecem calmas enquanto a balançam além do parapeito.

— O que estão fazendo? — grita Simone enquanto anda na direção deles. Ela quer correr, mas teme que, se os assustar, eles soltem a menininha.

Os garotos veem Simone e fingem soltar a garota. A menina e Simone gritam, mas os garotos a seguram e a puxam lentamente. Um deles dá um sorriso estranho para Simone antes de fugir. Apenas o garoto mais alto fica para trás. A garota se encolhe junto ao parapeito, soluçando. Simone para, o coração acelerado, e se agacha ao lado dela.

— Você está bem?

A garota apenas balança a cabeça.

— Precisamos achar um segurança — diz Simone.

A menina mais uma vez balança a cabeça. O corpo inteiro treme. O garoto alto e gorducho fica ali, apenas olhando para elas. Está usando uma jaqueta acolchoada escura e óculos escuros pretos.

— Quem é você? — pergunta Simone.

Em vez de responder, ele tira um baralho do bolso e começa a manusear as cartas, cortando e embaralhando-as.

— Quem é você? — repete Simone, dessa vez mais alto. — Esses garotos são seus amigos?

A expressão dele não muda.

— Por que você não fez nada? Eles podiam tê-la matado.

Simone ainda pode sentir a adrenalina correndo por seu corpo, a pulsação rápida nas têmporas, as batidas fortes no peito.

— Eu fiz uma pergunta. Por que você não fez nada? — Ela olha atentamente para ele.

Ainda assim ele não responde.

— Idiota! — grita Simone.

O garoto começa a se afastar devagar, mas, quando ela dá um passo na direção dele como se quisesse impedir que ele escapasse, ele tropeça e derruba as cartas no chão. Murmura algo para si mesmo e foge para a escada rolante.

Simone se vira para cuidar da garota, mas ela desapareceu. Simone corre de volta pela passagem superior, passando pelas lojas escuras e vazias, mas não vê nem a menina nem os garotos. De repente se dá conta de que parara em frente ao estúdio de tatuagem; as vitrines são cobertas por um filme

laminado opaco, com uma imagem do lobo da mitologia nórdica Fenrir, tão mal colocada que está amassada e enrugada.

Ela abre a porta e entra, mas o lugar parece vazio. As paredes são cobertas de fotos de tatuagens. Ela olha ao redor e está prestes a sair quando ouve uma voz aguda e ansiosa.

— Nicky? Onde você está? Diga alguma coisa.

Uma cortina preta se abre e sai uma garota com um celular ao ouvido. O tronco está nu. Algumas gotas de sangue escorrem pelo pescoço. Sua expressão é concentrada, preocupada.

— Nicky — diz a garota ao telefone. — O que aconteceu?

A pele dos seios está arrepiada, mas ela não parece consciente de estar seminua.

— Posso perguntar uma coisa? — diz Simone.

A garota sai da loja e começa a correr. Simone a segue até a porta quando ouve uma voz familiar atrás dela.

— Aida?

Ela se vira e vê que é Benjamin.

— Mãe, o que você está fazendo aqui? Onde está Nicky? — pergunta ele.

— Quem?

— O irmão mais novo de Aida. Ele é retardado. Você o viu lá fora?

— Não, eu…

— Ele é grande e está usando óculos escuros pretos.

Simone caminha lentamente para dentro do estúdio e se senta. Aida volta com o garoto que Simone perseguiu. Param do lado de fora da porta e Simone vê que ele está concordando com tudo o que Aida diz, depois limpa o nariz. A garota entra, cobrindo os seios com uma das mãos, passa por Simone e Benjamin sem olhar para eles e desaparece atrás da cortina. Simone consegue ver que o pescoço está vermelho porque ela tem uma rosa vermelho-escura tatuada junto a uma pequena estrela de Davi.

— O que está acontecendo? — pergunta Benjamin.

— Estava procurando você. Então vi uns garotos que devem ser doentes. Estavam segurando uma menininha do lado de fora do parapeito. O irmão de Aida estava apenas parado lá e…

— Você disse alguma coisa para eles?

— Eles pararam quando cheguei, mas pareciam estar achando tudo engraçado.

Benjamin parece muito chateado; as bochechas ficam vermelhas e os olhos disparam ao redor do lugar, procurando, como se quisesse fugir.

— Não gosto de você andando por aqui — diz Simone.

— Posso fazer o que eu quiser — retruca ele.

— Você é jovem demais para…

— Me deixe em paz — diz ele com a voz baixa.

— Por quê? Também está pensando em fazer uma tatuagem?

— Não.

— Elas são horríveis, essas tatuagens no pescoço e no rosto…

— Mãe.

— São feias.

— Aida pode ouvir o que você está dizendo.

— Não me importa o que…

— Poderia sair, por favor? — diz Benjamin secamente.

Ela olha para ele. O tom parece estranho vindo dele, mas Simone sabe que ela e Erik estão ficando exatamente assim.

— Você vai para casa comigo — avisa ela calmamente.

— Irei se, primeiro, você sair — responde ele.

Simone sai da loja e vê Nicky de pé junto à vitrine escura, os braços cruzados sobre o peito. Ela vai até ele, tenta parecer agradável e aponta para suas cartas de Pokémon.

— Todos preferem o Pikachu — diz ela.

Ele assente.

— Embora eu prefira Mew — continua ela.

— Mew aprende coisas — diz ele com cautela.

— Desculpe-me por ter gritado com você.

— Eles não podem fazer nada sobre Wailord, ninguém consegue lidar com ele, ele é o maior — continua.

— Ele é o maior de todos?

— Sim — diz o garoto, sério.

Simone pega uma carta que ele deixou cair.

— Qual é este?

Benjamin sai, os olhos brilhando.

— Arceus — responde Nicky, colocando a carta no topo do baralho.

— Ele parece legal — diz Simone.

Nicky olha para ela, radiante.

— Vamos embora — diz Benjamin com a voz abafada.

— Então tchau — diz Simone, dando um sorriso.

— Tchau tchau cuide-se — responde Nicky mecanicamente.

Benjamin caminha em silêncio ao lado da mãe.

— Vamos pegar um táxi — ela anuncia quando se aproximam da estação do metrô.

— Tudo bem — diz Benjamin, virando-se.

— Espere — diz ela.

Ela viu um dos garotos que ameaçaram a menina. Está de pé junto à cancela da estação e parece esperar por algo. Ela pode sentir Benjamin tentando puxá-la para longe.

— Qual é o problema? — pergunta Simone.

— Vamos lá, vamos embora, você disse que íamos pegar um táxi.

— Só preciso dar uma palavrinha com ele.

— Mãe, deixe isso para lá — implora Benjamin.

Seu rosto está pálido e ansioso, e ele permanece onde está enquanto sua mãe segue decidida até o garoto.

Ela estica a mão e vira o rosto do garoto para que a encare. Tem apenas uns 13 anos, mas, em vez de sentir medo ou surpresa, sorri com escárnio, como se ela tivesse caído na armadilha.

— Você vai comigo até a segurança — diz ela com firmeza.

— O que você disse, sua vaca velha?

— Eu vi você…

— Cala a boca — sibila o garoto. — Se não calar a boca nós vamos foder você como punição.

Simone está tão chocada que não sabe o que dizer. O garoto cospe no chão, pula a cancela e desaparece na estação.

Simone está abalada; sai novamente para encontrar Benjamin.

— O que ele disse? — pergunta ele.

— Nada — responde.

Eles caminham até o ponto de táxi e se instalam no banco de trás de um carro. Enquanto saem do shopping, Simone fala com Benjamin sobre o telefonema da escola.

— Aida queria que eu estivesse com ela quando fosse alterar a tatuagem — diz Benjamin em voz baixa.

— Muito gentil de sua parte.

Eles viajam em silêncio.

— Você chamou Nicky de idiota? — pergunta Benjamin.

— Eu disse a coisa errada. Eu é que sou idiota.

— Como você pôde?

— Eu às vezes faço coisas erradas, Benjamin — diz ela, derrotada.

Da ponte Tranberg, Simone olha para Stora Essingen, abaixo. O gelo não se formou, mas a água parece fraca e opaca.

— Parece que papai e eu vamos nos separar — diz ela.

— O quê? Mas por quê?

— Não por sua causa.

— Eu perguntei por quê?

— Não há uma resposta certa — começa ela. — Seu pai… É difícil explicar. Mesmo quando você de fato ama alguém, e amo seu pai de verdade, tudo simplesmente chega ao fim. — A voz dela falha. — Você não acha, quando conhece a pessoa, quando tem um filho… Mas, depois de algum tempo, se as mentiras se acumulam… Desculpe, eu não deveria estar falando sobre isso.

— Eu não quero me envolver.

— Desculpe-me, eu…

— Apenas deixe para lá! — corta ele.

21

terça-feira, 8 de dezembro: tarde

Embora soubesse que não conseguiria dormir no carro, Erik tentou mesmo assim. Mas permaneceu totalmente acordado enquanto seguiam para a cabana onde esperavam encontrar Evelyn Ek, ainda que o detetive Joona Linna estivesse dirigindo com bastante tranquilidade até Värmdö.

Mas agora, fora da estrada principal, o cascalho começa a bater por baixo do chassi enquanto eles passam por uma velha serraria. Erik olha pela janela, esperando enquanto Joona fala em voz baixa no rádio da polícia com seus colegas, também a caminho de Värmdö.

— Eu estava pensando — diz Erik depois que Joona recoloca o transmissor no painel.

— Sim?

— Eu disse que Josef Ek não podia fugir do hospital, mas se ele conseguiu se infligir todos aqueles ferimentos à faca, talvez não devêssemos ter tanta certeza.

— Eu estava pensando a mesma coisa — responde Joona —, então coloquei alguém do lado de fora do quarto.

— É provável que seja completamente desnecessário — diz Erik.

— Sim.

Eles param no acostamento da estrada, onde três carros já tinham estacionado, um atrás do outro, junto a um poste telefônico. Joona se aproxima por um momento de quatro policiais que estão conversando sob a luz branca, enquanto colocam os coletes à prova de balas e apontam para um mapa. A luz do sol reflete no vidro de uma velha estufa próxima.

Joona volta ao carro trazendo o ar frio em suas roupas. Pensativo, tamborila no volante com uma das mãos, esperando que os outros retornem aos carros.

De repente, uma sequência rápida de sons vem do rádio, seguido de um chiado alto abruptamente interrompido. Joona passa para outro canal e

confirma que todos na equipe estão em contato, então troca algumas palavras com cada um antes de virar a chave na ignição.

Os carros seguem margeando um campo arado, passando por um grupo de bétulas e um grande silo enferrujado.

— Fique no carro quando chegarmos lá — diz Joona em voz baixa.

— Certo — responde Erik.

Um grupo de corvos cruza a estrada e repentinamente bate asas levantando voo para longe, quando os carros se aproximam.

— A hipnose tem algum aspecto negativo? — pergunta Joona de repente.

— O que quer dizer?

— Você era um dos melhores do mundo, mas parou.

— Algumas vezes as pessoas têm bons motivos para omitir as coisas — diz Erik.

— Claro, mas…

— E essas razões são muito difíceis de avaliar no que diz respeito à hipnose.

Joona olha para ele com ceticismo.

— Por que eu acho que esse não foi o motivo pelo qual você desistiu?

— Não quero conversar sobre isso — diz Erik.

Troncos de árvores passam na lateral da estrada. À medida que penetram mais fundo na floresta, escurece. O cascalho bate no fundo do carro. Ao entrar em uma trilha estreita na floresta, passam por cabanas de veraneio e finalmente param. Joona pode ver ao longe, em meio aos abetos, uma pequena casa de madeira marrom em uma clareira sombreada.

— Confio que você vai ficar aqui — ele diz a Erik antes de sair do carro.

Enquanto Joona caminha na direção da casa onde os outros policiais já esperam, ele pensa de novo em Josef sob hipnose. As palavras simplesmente saíram de seus lábios moles. A lembrança devia ser muito clara: as câimbras febris da irmãzinha, o surto de raiva, a escolha de facas, a euforia por ir além dos limites. Mas no final da sessão o relato de Josef se tornara confuso e foi mais difícil entender o que ele queria dizer, o que realmente estava percebendo, se sua irmã mais velha, Evelyn, realmente o forçara a cometer os assassinatos.

Ao reunir os quatro policiais ao seu redor, Joona expõe a gravidade da situação e dá orientações sobre o uso de armas de fogo. Qualquer tiro necessário devia ser disparado na direção das pernas, não importando as circunstâncias.

— Quero que todos ajam com cautela para não assustar a garota — diz ele. — Ela pode estar com medo, pode estar ferida, mas ao mesmo tempo não se esqueçam nem por um segundo de que podemos estar lidando com uma pessoa perigosa.

Todos observam a casa por um momento: a fachada cor de chocolate é feita de telhas de madeira sobrepostas. A janela e os batentes das portas são brancos, a porta da frente é preta. As janelas são cobertas por cortinas rosa. Não sai fumaça pela chaminé. No alpendre da casa há uma vassoura e um balde de plástico cheio de pinhões. Joona pede que três policiais circundem a casa, longe do jardim, para que possam chegar aos fundos de uma distância segura.

Eles seguem pela trilha da floresta; um deles para e coloca um naco de fumo debaixo do lábio superior.

22

terça-feira, 8 de dezembro: tarde

Joona vê os três cobrirem a área em torno da casa a uma distância razoável, armas em punho. Um galho se parte. Ele pode ouvir, a distância, as batidas de um pica-pau ecoando pela floresta. Joona se aproxima lentamente da casa, tentando ver através do tecido rosa da cortina. Faz um sinal para que a policial Kristina Andersson, uma jovem com queixo pontudo, pare. Ela tem as bochechas vermelhas e assente sem tirar os olhos da casa. Com ar de absoluta calma, ela saca sua pistola e dá alguns passos para o lado.

A casa está vazia, pensa Joona. Bem devagar, ele coloca um pé no degrau da varanda, que range com seu peso. Joona observa as cortinas, atento a movimentos súbitos enquanto bate na porta. Nada acontece. Espera um pouco e então fica tenso, achando ter escutado algo, e examina a floresta, olhando para além dos arbustos e dos troncos das árvores. Ele saca sua arma, uma pesada Smith & Wesson, que prefere à Sig Sauer padrão, solta a trava de segurança e verifica o cartucho. De repente há um barulho alto no limite da floresta e um cervo dispara por entre as árvores. Kristina Andersson dá um sorriso tenso para Joona quando ele olha para ela. Ele aponta para a janela, avança com cautela e olha por uma abertura da cortina.

No interior escuro, Joona pode ver uma mesa de vime com tampo de vidro arranhado e um sofá de veludo cotelê castanho. Duas calças brancas foram colocadas para secar no encosto de uma cadeira vermelha de madeira. Na despensa há vários pacotes de macarrão instantâneo, potes de molho pesto, comida enlatada e um saco de maçãs. Ele percebe o brilho de várias facas no chão em frente à pia e sob a mesa da cozinha. Joona indica a Kristina que vai entrar e tenta abrir a porta. A maçaneta gira em sua mão; ele a abre e sai rapidamente da linha de fogo, olhando para Kristina em busca do sinal de que o caminho está livre. Ela inclina a cabeça gesticulando para que ele entre. Joona olha para dentro e cruza o umbral.

Do carro, Erik tem apenas uma vaga noção do que acontece. Vê Joona Linna desaparecer dentro da casinha marrom, seguido por outro policial. Os

olhos de Erik estão secos e sensíveis — efeito colateral das cápsulas de codeína. Ele olha para a casa marrom e para os policiais com seus movimentos cautelosos e o brilho escuro das armas sacadas. Tudo está quieto. As árvores estão nuas no frio estéril de dezembro. A luz e as cores fazem Erik se lembrar de viagens escolares quando ele era criança: o cheiro dos troncos de árvores apodrecidos e dos cogumelos na terra molhada.

Sua mãe trabalhara como enfermeira em meio expediente em uma escola de ensino médio em Sollentuna e estava convencida dos benefícios do ar puro. Foi a mãe dele que escolheu o nome Erik Maria; ela fizera um curso de idiomas em Viena e fora ao Burgtheater ver *O pai*, de Strindberg, com Klaus Maria Brandauer no papel principal. Ficara tão encantada com o desempenho que manteve o nome do ator em sua cabeça por muitos anos. Quando criança, Erik sempre tentava esconder o nome do meio; adolescente, se identificava com a canção "A Boy Named Sue", de Johnny Cash.

Some gal would giggle and I'd get red,
And some guy'd laugh and I'd bust his head,
*I tell ya, life ain't easy for a boy named Sue.**

O pai de Erik trabalhara para o Departamento Nacional de Seguros. No entanto, ele tinha apenas um real interesse na vida. No tempo livre, era mágico e vestia uma capa feita em casa e um smoking de segunda mão, coroando o traje com uma cartola desmontável, e fazia Erik e os amigos se sentarem em cadeiras de madeira na garagem, onde construíra um pequeno palco com alçapões secretos. A maioria dos truques era do catálogo Bernando: varinhas mágicas que de repente se estendiam com um ruído, bolas de bilhar que se multiplicavam com a ajuda de uma concha, uma bolsa de veludo com compartimentos secretos e a reluzente guilhotina portátil. Erik se lembra do pai com prazer e ternura: o modo como ligava o gravador com o pé, tocando Jean Michel Jarre enquanto fazia movimentos mágicos sobre um crânio que flutuava.

Erik espera de todo coração que o pai nunca tenha percebido o quanto ficava constrangido quando mais velho, revirando os olhos com os amigos pelas costas dele.

Erik sempre quis ser médico. Nunca quis ter outra profissão, não imaginava outro tipo de vida. Ele se lembra de estar sentado no sofá em

Sollentuna aos 18 anos, olhando para suas notas altas e depois deixando o olhar passear pela típica sala de estar de classe média da casa dos pais, as estantes vazias de livros mas decoradas com bugigangas e suvenires: fotografias em porta-retratos de prata das celebrações de primeira comunhão, casamento e aniversário de 50 anos dos pais, acompanhadas por uma dúzia ou mais de retratos de Erik, de bebê rechonchudo em uma camisola de batizado até o adolescente sorridente de calças justas.

A mãe de Erik foi até a sala naquele dia e lhe entregou os formulários de matrícula para a faculdade de Medicina. Ela costumava dizer que os suecos eram mimados, considerando a sociedade de bem-estar social deles como algo garantido, quando provavelmente isso não passava de um pequeno parêntese histórico. Queria dizer que a gratuidade do sistema de saúde e odontológico, das creches e da educação fundamental, do ensino médio e também universitário simplesmente poderia desaparecer a qualquer instante. Mas naquele momento havia uma oportunidade para que um adolescente absolutamente comum estudasse para se tornar médico, arquiteto ou economista em qualquer universidade do país sem a necessidade de uma fortuna particular, bolsas ou caridade. Assim que Erik colocou os pés na Faculdade de Medicina do Instituto Karolinska, era como se tivesse encontrado seu verdadeiro lar.

Quando decidiu se especializar em psiquiatria, ele percebeu que a medicina seria ainda mais adequada a sua personalidade do que havia imaginado. Um médico formado tem de exercer 18 meses de clínica geral antes de receber sua licença plena. Erik passou esse período trabalhando para a organização Médicos sem Fronteiras. Acabou em um hospital de campanha em Kismayo, ao sul de Mogadíscio, na Somália. Os recursos se resumiam a materiais descartados por hospitais suecos: aparelhos de raios X dos anos 1960, remédios com prazo de validade vencido e macas enferrujadas e manchadas de antigas enfermarias que tinham sido fechadas ou reformadas. Na Somália, ele, pela primeira vez, encontrou pessoas gravemente traumatizadas: jovens que relatavam como haviam sido obrigados a cometer crimes terríveis; mulheres que haviam sido agredidas de tal forma que já não conseguiam falar. Ao trabalhar com eles — com crianças que tinham se tornado totalmente apáticas e perdido o desejo de brincar, mulheres incapazes de erguer o rosto e olhar nos olhos dos outros

—, Erik descobriu que queria se dedicar a ajudar as pessoas que se viam prisioneiras de coisas terríveis que lhes foram infligidas, que continuavam a sofrer mesmo quando seus agressores já tinham desaparecido havia muito tempo.

Ao voltar para a Suécia, Erik se especializou em psicoterapia em Estocolmo. Mas somente depois da especialização em psicotraumatologia e psiquiatria de tragédias é que ele entrou em contato com as várias teorias relativas à hipnose. O que achou mais atraente na hipnose foi a rapidez dela, o fato de que um psiquiatra podia chegar à raiz do trauma imediatamente. Ao trabalhar com vítimas de guerras e de catástrofes naturais, o resultado rápido era muito importante.

Ele estudou na Sociedade Europeia de Hipnose Clínica e em pouco tempo se tornou membro da Sociedade de Hipnose Clínica e Experimental, do Conselho Europeu de Hipnose Médica e da Sociedade Sueca de Hipnose Clínica; Erik ficou impressionado com o trabalho revolucionário de Karen Olness, a pediatra americana que usou a hipnose para aliviar o sofrimento de crianças com dores e doenças crônicas, e se correspondeu com ela durante vários anos.

Depois, Erik acompanhou a Cruz Vermelha em Uganda. Em seus cinco anos lá, as situações que encontrou foram muito graves e opressivas. Havia pouco tempo para testar e desenvolver sua experiência em hipnose; ele só a empregou uma dúzia de vezes, e apenas nos contextos mais objetivos: para bloquear a percepção de dor ou reduzir fixações fóbicas. Então, certo dia em seu último ano lá, ele encontrou uma jovem que estava trancada em um quarto por não parar de gritar. As freiras católicas que trabalhavam como enfermeiras explicaram que a garota havia sido encontrada engatinhando pela estrada da favela ao norte de Mbale. Achavam que ela era bagisu, porque falava lugisu. Não dormira uma só noite, gritando sem parar que era um demônio terrível com fogo nos olhos. Erik pediu para vê-la. Assim que o fez, notou que ela sofria de desidratação aguda, mas quando tentou fazer com que bebesse água, ela rugiu como se a simples visão de água a queimasse como fogo. Rolou pelo chão berrando. Ele decidiu tentar a hipnose para acalmá-la. Uma freira traduziu suas palavras para o dialeto bukusu, que suspeitavam que a garota conseguia compreender, e, depois de algum tempo,

assim que ela começou a prestar atenção, acabou sendo muito fácil hipnotizá-la. Em uma hora a garota narrou todo o seu trauma psíquico.

Um caminhão-tanque de Jinja saíra da estrada ao norte da favela, na estrada Mbale-Soroti. O pesado veículo capotou, gerando uma vala funda ao lado da estrada e abrindo um pequeno buraco no enorme tanque. A gasolina escorria para o chão. A garota disparou para casa e contou ao tio sobre a gasolina desaparecendo na terra. O tio correu até o local com dois recipientes plásticos vazios. Quando a garota o alcançou, cerca de uma dúzia de pessoas já estavam junto ao caminhão enchendo baldes com a gasolina da vala. O cheiro era assustador, o sol brilhava e o ar estava quente. O tio da garota acenou, chamando-a. Ela pegou o primeiro recipiente e começou a arrastá-lo para casa. Era muito pesado. Parou para colocá-lo na cabeça e viu uma mulher com um lenço azul na cabeça e com gasolina até os joelhos, junto ao caminhão, enchendo pequenas garrafas de vidro. Mais à frente na estrada, na direção da cidade, a garota viu um homem com uma camisa camuflada amarela. Caminhava com um cigarro na boca, e, quando tragou, a ponta do cigarro produziu um brilho vermelho.

Erik se lembra claramente da aparência da garota enquanto falava. As lágrimas corriam pelo rosto dela enquanto contava em uma voz grossa e monótona que apanhara o fogo do cigarro com os olhos e o levara até a mulher de lenço azul. Porque, quando se virou e olhou para a mulher, ela pegou fogo. Primeiro o lenço azul na cabeça, depois todo o seu corpo fora tomado por chamas enormes. *O fogo estava nos meus olhos*, disse ela. De repente, era como uma tempestade de fogo ao redor do caminhão. A garota começou a correr, ouvindo apenas gritos atrás dela.

Mais tarde Erik e a freira conversaram longamente com a garota sobre o que ela revelara sob hipnose. Explicaram várias vezes que fora o vapor da gasolina, os gases com aquele cheiro forte, que começou a queimar. O cigarro do homem incendiara o caminhão-tanque pelo ar; não tivera nenhuma relação com ela.

Cerca de um mês depois disso, Erik retornou para Estocolmo e pediu financiamento de pesquisa do Conselho Sueco de Pesquisa Médica para mergulhar seriamente no tratamento de traumas com hipnose no Instituto Karolinska. E pouco depois da volta à Suécia ele conheceu Simone em uma grande festa na universidade. A primeira coisa que notou foram seus cabelos

cacheados louro-avermelhados. Depois é que pôde ver seu rosto, a curva da testa bem clara, a pele branca salpicada de sardas marrom-claras. Ela estava animada, com as bochechas rosadas e brilhantes, e parecia um anjo de marcador de livro, pequeno e esbelto. Ele ainda se lembra do que ela vestia naquela noite: uma blusa justa de seda verde que realçava seus olhos verde-claros.

Erik pisca com força, se aproxima do para-brisa e tenta ver por entre as árvores, mas só consegue perceber os movimentos dentro da cabana marrom. Evelyn provavelmente não está lá. As cortinas balançam; a porta da frente é aberta; Joona Linna sai para o alpendre, e três policiais contornam a casa e se juntam a ele. Apontam para a estrada e para as outras cabanas. Um deles desdobra um mapa e todos se reúnem ao redor para consultá-lo. Então Joona parece querer mostrar algo dentro da casa. Eles entram, o último fecha a porta silenciosamente.

De repente, Erik vê alguém em pé junto às árvores onde o terreno se inclina para baixo na direção do pântano. É uma mulher magra com uma espingarda de cano duplo, que ela arrasta pelo chão, permitindo que raspe nos arbustos de mirtilo e no musgo.

A polícia não a viu, e ela não teve oportunidade de vê-los. Erik disca o número do celular de Joona, que começa a tocar no carro. Está ao seu lado, no banco do motorista.

Sem qualquer pressa, a mulher vaga entre as árvores, espingarda na mão. Erik se dá conta de que pode surgir uma situação perigosa se a mulher e o grupo de policiais surpreenderem um ao outro. Apesar de sua promessa a Joona, ele não tem escolha. Sai do carro.

— Oi, você — chama.

A mulher para e se vira olhando na sua direção.

— Gelado hoje — diz ele em voz baixa.

— O quê?

— Está frio na sombra — diz, dessa vez um pouco mais alto.

— Sim — responde ela.

— Você é nova aqui? — pergunta, indo na direção dela.

— Não, a casa é da minha tia.

— Sonja é sua tia?

— Sim — diz, com um sorriso.

Erik vai até ela.

— Está caçando o quê?

— Lebre — responde.

— Posso ver sua arma?

Concordando, ela a desmonta e entrega. A ponta do nariz dela está vermelha. Há agulhas secas de pinheiros em seu cabelo cor de areia.

— Evelyn — diz Erik calmamente —, há alguns policiais que gostariam de falar com você. — Ela parece ansiosa e dá um passo para trás. — Caso tenha tempo — acrescenta com um sorriso.

Ela assente sem muita convicção e Erik grita na direção da casa. Joona aparece com uma expressão irritada, pronto para mandar Erik de volta ao carro. Fica imóvel quando vê a mulher.

— Essa é Evelyn — diz Erik, entregando a espingarda para ele.

— Olá.

A cor do seu rosto desparece de repente, e ela parece que vai desmaiar.

— Preciso falar com você — explica Joona em tom sério.

— Não — sussurra ela.

— Entre.

— Não quero.

— Não quer entrar?

Evelyn se vira para Erik.

— Sou obrigada? — pergunta, trêmula.

— Não — responde ele. — Você decide.

— Por favor, entre — diz Joona.

Ela balança a cabeça contrariada, mas começa a seguir para a casa.

— Vou esperar do lado de fora — diz Erik.

Ele sobe um pouco a rampa de entrada. O cascalho está coberto de agulhas e cones marrons de pinheiros. Ele ouve Evelyn gritar dentro da casa. Um único grito. Soa solitário e desesperado, expressão de uma perda incompreensível. Ele reconhece bem aquele grito do seu tempo em Uganda.

Evelyn está sentada no sofá com as mãos entre as coxas, o rosto pálido. No chão, a seus pés, uma fotografia em um porta-retrato que parece um cogumelo. Uma mãe e um pai — mãe e pai dela — sentados em algo que parece uma rede, com a irmã menor entre eles. Seus pais apertam os olhos sob o sol brilhante, enquanto os óculos da garotinha brilham como se fossem brancos.

— Lamento por sua perda — diz Joona.

O queixo dela estremece.

— Acha que poderia nos ajudar a entender o que aconteceu? — pergunta ele. A cadeira de madeira range com o peso dele. Joona espera um pouco, depois continua. — Onde você estava na segunda-feira, 7 de dezembro?

Ela balança a cabeça.

— Ontem — esclarece.

— Estava aqui — diz com a voz fraca.

— Na cabana?

Ela encontra os olhos dele.

— Sim.

— Não saiu o dia inteiro?

— Não.

— Ficou apenas sentada aqui?

Ela faz um gesto na direção da cama e dos livros de ciência política.

— Estava estudando?

— Sim.

— Então não saiu da casa ontem?

— Não.

— Há alguém que possa confirmar isso?

— Como?

— Alguém estava aqui com você? — pergunta Joona.

— Não.

— Tem alguma ideia de quem poderia ter feito isso à sua família?

Ela balança a cabeça negando.

— Alguém ameaçou você? — Ela parece não escutá-lo. — Evelyn?

— Como? O que você disse? — Seus dedos ainda estão apertados entre as pernas.

— Alguém ameaçou a sua família? Vocês têm inimigos?

— Não.

— Sabia que seu pai tinha muitas dívidas?

Ela balança a cabeça de novo.

— Ele tinha — diz Joona. — Devia dinheiro a criminosos.

— Entendo.

— Talvez tenha sido um deles que…

— Não.

— Por que não?

— Vocês não entendem nada — diz ela, erguendo a voz.

— O que nós não entendemos?

— Vocês não entendem nada.

— Diga o que…

— Não posso! — grita ela.

Ela está tão perturbada que começa a chorar, sem nem mesmo cobrir o rosto. Kristina Andersson se adianta e a abraça, e depois de algum tempo ela se acalma. Fica sentada ali, imóvel, os braços da policial ao seu redor, enquanto soluços eventuais sacodem seu corpo.

— Tudo bem, tudo bem — sussurra Kristina de forma tranquilizadora. Ela puxa a garota mais para perto e acaricia sua cabeça. Mas de repente grita e empurra Evelyn para longe, direto no chão. — Maldição, ela me mordeu… Ela me mordeu, porra!

Kristina olha espantada para os dedos cobertos com o sangue que escorre de um ferimento no meio do pescoço.

No chão, Evelyn esconde um sorriso perturbado com a mão. Então seus olhos reviram-se e ela fica inconsciente.

* Algumas meninas dariam risadinhas,/ E algum cara riria e eu bateria na cabeça dele,/ Eu digo, sim, a vida não é fácil para um garoto chamado Sue. (*N. do T.*)

23

terça-feira, 8 de dezembro: noite

Benjamin se trancou em seu quarto. Simone está sentada à mesa da cozinha de olhos fechados, escutando rádio, uma transmissão ao vivo da Sala de Concertos Berwald. Ela tenta imaginar uma vida de solteira. Não seria muito diferente do que tenho agora, pensa, com ironia. Poderia ir a concertos, a galerias de arte e ao teatro, como todas as mulheres solitárias fazem.

Ela acha uma garrafa de scotch puro malte no armário e se serve de uma pequena quantidade, acrescentando água: um líquido amarelo-claro em um copo pesado. A porta da frente se abre enquanto as notas quentes de um concerto de violoncelo de Bach enchem a cozinha. É uma melodia suave, triste. Erik fica de pé na passagem olhando para ela, o rosto cinza de exaustão.

— Isso parece bom — comenta.

— Uísque — diz, estendendo-lhe o copo.

Ela se serve de uma nova dose. Ficam um diante do outro e erguem os copos em um brinde, as expressões sérias.

— Dia difícil? — pergunta ela em voz baixa.

— Bastante difícil — responde, com um sorriso desanimado.

Ele de repente parece arrasado. Falta clareza em sua expressão, como uma fina camada de poeira sobre o rosto.

— O que você está escutando? — pergunta.

— Quer que eu desligue?

— Não por minha causa. É bonito. — Erik esvazia o copo e o estende na direção dela, que serve mais. — Então Benjamin não fez uma tatuagem — diz ele.

— Você acompanhou o drama pelo correio de voz.

— Apenas agora, no caminho para casa. Não tive tempo antes…

— Não — corta ela, pensando na mulher que atendeu o telefone na noite anterior.

— Fico feliz por você ter ido até lá buscá-lo — diz Erik.

Ela inclina a cabeça e pensa sobre como todas as emoções estão interligadas, como nenhuma relação é autônoma e separada, como tudo é afetado por todo o restante.

Eles bebem de novo, e de repente ela percebe que Erik sorri para ela. Seu sorriso, com aqueles dentes tortos, sempre deixou suas pernas bambas. Ela pensa que adoraria ir para a cama com ele naquele instante, sem qualquer discussão, sem complicações. De qualquer forma, um dia todos estaremos sós, diz para si mesma.

— Não sei o que pensar — diz ela de maneira objetiva — Ou melhor, sei que não confio em você.

— Por que você diz…

— É como se tivéssemos perdido tudo. Você dorme ou está no trabalho, ou onde quer que esteja. Eu queria fazer coisas, viajar, passar o tempo junto com você.

Ele pousa o copo e dá um passo na direção dela.

— E por que não podemos?

— Não diga isso — sussurra ela.

— Por que não?

Ele sorri e acaricia seu queixo; depois sua expressão fica séria de novo. Mas então eles começam a se beijar. Simone sente como o seu corpo ansiava por isso, ansiava por beijos.

— Ei, pai, você sabe onde… —Benjamin fica em silêncio ao entrar na cozinha e vê-los. — Vocês são malucos. — Suspira e sai novamente.

Simone o chama.

— Benjamin.

Ele volta.

— Você prometeu ir pegar a comida.

— Você telefonou?

— Estará pronta em 15 minutos — diz, dando a bolsa a ele. — Sabe onde fica o tailandês, não sabe?

— Mãe! —suspira.

— Vá e volte logo.

— Ah, por favor.

— Escute sua mãe — corta Erik.

— Eu só vou até a esquina pegar comida para o jantar. Nada vai acontecer — diz, indo para o corredor.

Simone e Erik sorriem um para o outro quando ouvem a porta da rua ser fechada e os passos rápidos do filho nas escadas.

Erik tira três copos do armário, para, pega a mão de Simone e a leva à bochecha dele.

— Quarto? — pergunta ela.

Ele parece constrangido porém satisfeito, então o telefone toca.

— Ignore — pede ele.

— Pode ser Benjamin — diz ela, atendendo ao telefone. — Alô?

Ela não ouve nada, apenas um som leve de algo arrastado, talvez um zíper sendo aberto.

— Alô?

Desliga o telefone.

— Ninguém? — pergunta Erik, desconfortável.

Simone observa enquanto ele vai à janela e examina a rua. Mais uma vez ouve a voz da mulher que atendeu seu telefonema antes. *Pare com isso, Erik*. Ela havia dado uma risada. Parar com o quê? Enfiar a mão em suas roupas, chupar seu mamilo, levantar sua saia?

— Ligue para Benjamin — diz Erik, a voz tensa.

— Por que preciso… — Ela atende o telefone no momento em que este volta a tocar.

— Alô?

Quando ninguém fala, ela corta a ligação e disca o número de Benjamin.

— Correio de voz.

— Eu não o vejo — diz Erik.

— Devo ir atrás dele?

— Talvez.

— Ele vai ficar furioso comigo — diz ela, com um sorriso.

— Eu vou — diz Erik, seguindo para o corredor.

Está tirando o paletó do cabide quando a porta se abre e Benjamin entra com uma sacola plástica cheia de caixas de comida fumegante.

Eles se sentam diante da TV para assistir a um filme, comendo diretamente das caixas. Benjamin ri do diálogo inteligente e Erik e Simone se olham com alegria, como faziam quando Benjamin era criança, rindo alto de algum programa infantil. Erik coloca a mão no joelho de Simone, que põe a sua sobre a dele, apertando-a.

Bruce Willis está de costas limpando o sangue da boca. O telefone toca mais uma vez e Erik pousa a comida e se levanta. Vai até o corredor e atende com a maior calma possível.

— Erik Maria Bark. — Não há som, apenas cliques fracos. — Certo, já chega — diz, com raiva.

— Erik? — É a voz de Daniella. — É você, Erik? — pergunta.

— Estamos no meio do jantar.

Ele ouve sua respiração acelerada.

— O que ele queria? — pergunta ela.

— Quem?

— Josef — responde.

— Josef Ek?

— Ele não disse nada? — pergunta Daniella.

— Quando?

— Agora… no telefone.

Erik pode ver Simone e Benjamin assistindo ao filme na sala. Ele pensa na família em Tumba. A garotinha, a mãe e o pai. A fúria horrenda por trás do crime.

— O que a faz pensar que ele me ligou? — pergunta Erik.

Daniella pigarreia.

— Ele deve ter convencido a enfermeira a lhe dar um telefone. Falei com a telefonista: eles ligaram para você.

— Tem certeza disso?

— Josef estava gritando quando entrei. Havia arrancado o cateter. Eu dei Alprazolam, mas ele disse muitas coisas sobre você antes de apagar.

— Como o quê? O que ele disse?

Erik ouve Daniella engolir em seco, e a voz soa muito cansada quando responde.

— Que você fodeu com a cabeça dele e que deveria deixar a sua maldita irmã em paz se não quiser ser eliminado. Disse isso várias vezes. Você pode esperar ser eliminado.

24

terça-feira, 8 de dezembro: noite

Tinham se passado três horas desde que Joona levara Evelyn para o centro de custódia de Kronoberg. Ela foi colocada em uma pequena cela com paredes nuas e grades horizontais sobre a janela coberta de vapor. Uma pia de aço inoxidável fedia a vômito. Evelyn ficou de pé junto ao beliche com colchão de plástico verde, olhando de modo inquisitivo para Joona quando ele a deixou lá.

Quando um suspeito é detido, o promotor tem até 12 horas para decidir se a pessoa será presa ou liberada. Caso decida não liberar, tem até o meio-dia do terceiro dia para apresentar ao tribunal um pedido de prisão para o suspeito. Se não fizer isso, a pessoa é liberada. A base para um pedido de prisão pode ser um provável fundamento para suspeita ou, mais seriamente, razoável fundamento para suspeita.

Joona volta. Caminhando apressado, na direção da unidade feminina, pelo corredor com seu brilhante piso vinílico branco, passando por filas monótonas de portas de celas verde-ervilha, ele vê seu próprio reflexo em maçanetas e cadeados.

Jens Svanehjälm, promotor-chefe do distrito de Estocolmo, espera por ele do lado de fora de uma das cinco salas de interrogatório. Embora Svanehjälm tenha 40 anos, parece não ter mais de 20, com a expressão juvenil e as bochechas redondas e macias dando a falsa impressão de inocência e ingenuidade.

— Então Evelyn obrigou o irmão mais novo a assassinar a família? — pergunta ele.

— Segundo Josef.

— Nada que Josef Ek diga sob hipnose é admissível. É contra seu direito de permanecer em silêncio e não se incriminar.

— Sei disso — diz Joona. — Não foi um interrogatório. Ele não era suspeito. Achei que o garoto tinha informações que pudessem impedir outro

assassinato.

Jens não diz nada. Examina os e-mails no telefone.

— Logo saberei o que realmente aconteceu — diz Joona.

Jens ergue os olhos com um sorriso.

— Tenho certeza de que sim — diz ele. — Quando assumi este cargo, meu predecessor me alertou que se Joona Linna diz que vai descobrir a verdade, é exatamente o que fará.

— Tivemos uma ou duas divergências.

— Sim, ele também disse isso.

Joona assente. Indicando uma das salas de interrogatório, ele pergunta:

— Pronto?

— Estamos interrogando Evelyn Ek exclusivamente em busca de informações — enfatiza Jens.

— Quer que eu diga a ela que é suspeita de um crime?

— A decisão é sua. Você é o interrogador principal. Mas o relógio está correndo. Você não tem muito tempo.

Joona bate duas vezes antes de entrar na deprimente sala de interrogatório, onde as persianas fechadas escondem as janelas com grades. Evelyn Ek está sentada, cabisbaixa. Os braços cruzados sobre o peito, os ombros tensos e curvados, os dentes trincados.

— Oi, Evelyn.

Ela olha rapidamente, os suaves olhos castanhos assustados. Ele se senta diante dela. Como o irmão, ela é atraente. Os traços não são marcantes, mas são simétricos. Tem cabelos castanho-claros e uma expressão inteligente. Joona se dá conta de que ela tem um rosto que, à primeira vista, pode parecer comum, mas que se torna cada vez mais bonito quanto mais você o olha.

— Achei que devíamos ter uma conversinha — diz ele. — O que acha?

Ela dá de ombros.

— Quando viu Josef pela última vez?

— Não lembro.

— Foi ontem?

— Não — responde, parecendo surpresa.

— Há quantos dias?

— Como?

— Perguntei quando você viu Josef pela última vez — diz Joona.

— Ah, há muito tempo.

— Ele foi vê-la na cabana?

— Não.

— Nunca? Ele nunca foi vê-la?

Ela dá de ombros levemente.

— Não.

— Mas ele conhece o lugar, não?

Ela assente.

— Fomos lá quando ele era pequeno — responde.

— Quando foi isso?

— Não sei… Eu tinha 15 anos. Ficamos na cabana de tia Sonja durante um verão em que ela estava na Grécia.

— E Josef não esteve lá desde então?

O olhar de Evelyn de repente percorre a parede atrás de Joona.

— Acho que não.

— Há quanto tempo você está lá?

— Mudei pouco depois do começo do semestre.

— Em agosto.

— Sim.

— Você está vivendo em uma pequena cabana em Värmdö há quatro meses. Por quê?

Mais uma vez seu olhar vagueia, para algo atrás da cabeça de Joona.

— Para ter paz e silêncio para estudar — diz.

— Durante quatro meses?

Ela se remexe na cadeira, cruzando as pernas e coçando a testa.

— Eu preciso ser deixada em paz — diz, com um suspiro.

— Alguém tem incomodado você?

— Não.

— Quando você diz que deseja ser deixada em paz, soa como se alguém a estivesse incomodando.

Ela dá um leve sorriso sem alegria.

— Eu apenas gosto da floresta.

— O que está estudando?

— Ciência política.

— E se sustenta com o crédito estudantil?

— Sim.

— Onde compra comida?

— Vou de bicicleta até Saltarö.

— Não é longe?

Evelyn dá de ombros.

— Acho que sim.

— Você viu algum conhecido por lá?

— Não.

Ele contempla a testa jovem e macia de Evelyn.

— Não viu Josef lá?

— Não.

— Evelyn, me escute — diz Joona em outro tom, mais sério. — Seu irmão nos disse que ele matou seu pai, sua mãe e sua irmã mais nova.

Evelyn fita a mesa. Suas pálpebras tremem, seu rosto pálido enrubesce.

— Ele tem apenas 15 anos — continua Joona.

Ele olha para as mãos magras dela e o brilhante cabelo escovado que cai sobre os ombros frágeis.

— Por que você acha que ele está dizendo que assassinou sua família?

— Como? — pergunta ela, erguendo os olhos.

— Parece que você acha que ele está dizendo a verdade.

— Parece?

— Você não pareceu surpresa quando eu disse que ele confessou — diz Joona. — Você *ficou* surpresa?

— Sim.

Ela está sentada imóvel na cadeira. Uma fina ruga de ansiedade aparece entre as sobrancelhas. Parece muito cansada, e os lábios se movem levemente, como se rezasse ou murmurasse para si mesma.

— Ele está trancado? — pergunta ela de repente.

— Quem?

Ela não o encara ao responder, falando de modo monótono para a mesa.

— Josef. Vocês o trancaram?

— Você tem medo dele?

— Não.

— Pensei que talvez estivesse carregando a arma por estar com medo dele.

— Eu caço — responde ela, encontrando o olhar dele.

Há algo de peculiar nela, algo que ele ainda não compreendeu. Não são as coisas habituais: culpa, raiva ou ódio. É mais como algo que lembra uma enorme resistência. Ele não consegue definir. Um mecanismo de defesa ou proteção diferente de qualquer coisa que Joona já tenha encontrado.

— Lebres? — pergunta.

— Sim.

— É bom, lebre?

— Não especialmente.

— Como é o gosto?

— Doce.

Joona pensa nela de pé no frio fora da cabana. Tenta visualizar a sequência dos acontecimentos.

Erik Maria Bark pegara a arma dela. Estivera segurando-a sobre o braço, e ela estava aberta, o cartucho de latão visível. Contra o sol, Evelyn apertava os olhos na direção dele. Alta e magra, com os cabelos castanho-claros presos em um rabo de cavalo alto e apertado. Um colete acolchoado prateado e jeans de cintura baixa, tênis molhados. Pinheiros atrás dela, musgos no chão, arbustos baixos de amoras alpinas e cogumelos pisados.

De repente Joona descobre um furo na história de Evelyn. Ele já havia chegado perto, mas o pensamento escapou. Naquele momento, o furo estava claro. Quando falou com Evelyn na cabana da tia, ela ficou sentada absolutamente imóvel no sofá de veludo cotelê com as mãos enfiadas entre as coxas. No chão, a seus pés, havia uma fotografia em um porta-retrato que parecia um cogumelo. A irmã mais nova de Evelyn estava na foto, sentada entre os pais, com o sol refletindo nos óculos grandes.

A garotinha devia ter 4, talvez 5 anos na fotografia. Em outras palavras, o retrato não podia ter mais de um ou dois anos. Evelyn alegara que Josef

não estivera na cabana em anos, mas ele descrevera com precisão a foto e a moldura sob hipnose.

Claro que poderiam existir várias cópias da fotografia em outros porta-retratos de cogumelo, pensa Joona. Também havia a possibilidade de aquela, especificamente, ter sido mudada de lugar. E Josef poderia ter estado na cabana sem o conhecimento de Evelyn.

Mas também podia ser um furo na história de Evelyn.

— Evelyn — diz Joona. — Estou pensando em algo que você disse há pouco.

Jens Svanehjälm se levanta. O movimento repentino assusta Evelyn, e o corpo dela estremece.

— Poderia sair comigo um minuto, detetive?

Do lado de fora, ele se vira para Joona.

— Vou liberá-la — diz em voz baixa. — Isto é besteira. Não temos nada, apenas um interrogatório inválido com seu irmão de 15 anos em coma que sugere que ela…

Jens para de falar assim que vê a expressão no rosto de Joona.

— Você descobriu algo, não foi?

— Acho que sim — responde Joona em voz baixa.

— Ela está mentindo?

— Não sei. Talvez.

Jens coça o queixo, avaliando.

— Dê a ela um sanduíche e uma xícara de chá — diz ele finalmente. — Depois você terá mais uma hora antes que eu decida se vamos prendê-la ou não.

— Não há nenhuma garantia de que isso leve a alguma coisa.

— Mas você vai tentar?

Quatro minutos mais tarde, Joona coloca diante de Evelyn uma xícara de isopor de chá preto e um sanduíche servido em um prato de papelão, depois se senta na cadeira.

— Achei que poderia estar com fome.

— Obrigada — diz ela, e uma expressão mais alegre passa rapidamente por seu rosto. Joona a observa com atenção. As mãos dela tremem enquanto

come o sanduíche e leva a xícara da mesa até os lábios.

— Evelyn, na cabana de sua tia há uma fotografia em um porta-retrato que parece um cogumelo.

Evelyn assente.

— Tia Sonja o comprou em Mora, achou que ficaria bem na cabana… — Ela para e sopra o chá.

— Ela comprou outros como aquele? Para dar de presente, digamos?

— Não que eu saiba — diz, sorrindo. — Nunca vi outro como aquele.

— E a fotografia sempre esteve na cabana?

— O que você quer dizer com isso? — pergunta com a voz fraca.

— Bem, não estou certo. Talvez nada. Mas Josef falou sobre essa fotografia, então ele deve tê-la visto em algum momento. Pensei que talvez você tivesse esquecido algo.

— Não.

— Bem, isso esclarece tudo — diz Joona, levantando-se.

— Já está indo?

— Sim, acho que terminamos — diz Joona. Ele olha para o rosto dela, tomado de ansiedade, e decide seguir sua intuição.

— A possibilidade é que você esteja fora daqui em, digamos, uma ou duas horas.

— Fora de onde?

— Bem, não acho que possamos detê-la por nada. — Ele sorri.

Ela cruza os braços diante do corpo e diz:

— Você não respondeu à minha pergunta.

— Pergunta?

— Josef está trancado?

Joona a olha bem nos olhos.

— Não, Evelyn. Josef está no hospital. Não o prendemos. Não sei se podemos fazer isso.

Ela começa a tremer e os olhos se enchem de lágrimas.

— O que houve, Evelyn?

Ela enxuga as lágrimas das bochechas com a palma da mão.

— Josef foi uma vez à cabana. Pegou um táxi e levou um bolo — diz ela com a voz falhando.

— No seu aniversário?

— Ele… Era aniversário *dele*.

— Quando foi isso?

— Em 1º de novembro.

— Há um mês — diz Joona. — O que aconteceu?

— Nada — diz ela. — Foi uma surpresa.

— Ele não avisou que iria?

— Não mantemos contato.

— Por que não?

— Eu preciso ficar sozinha.

— Quem sabia que você estava lá?

— Ninguém além de Sorab, meu namorado… Bem, na verdade ele terminou comigo e somos apenas amigos, mas ele me ajuda, diz a todo mundo que estou com ele, atende quando mamãe telefona.

— Por quê?

— Eu preciso ser deixada em paz.

— É o que você diz. Josef foi lá mais alguma vez?

— Não.

— Isso é importante, Evelyn.

— Ele não voltou — responde ela.

— Tem certeza?

— Sim.

— Por que você mentiu sobre isso?

— Não sei — murmura.

— Sobre o que mais você mentiu?

25

quarta-feira, 9 de dezembro: tarde

Erik está caminhando entre os mostruários brilhantemente iluminados da seção de joias da loja de departamentos NK. Uma vendedora de preto elegante murmura de maneira persuasiva para um cliente. Ela abre uma gaveta e coloca algumas peças em uma bandeja coberta de veludo. Erik para de modo a observar um colar Georg Jensen: triângulos pesados e suavemente polidos unidos como pétalas para formar um círculo apertado. A prata tem o brilho denso de platina. Erik pensa em como ficaria bonito no pescoço esguio de Simone e decide comprá-lo para o Natal.

Enquanto a assistente embrulha sua compra em um papel brilhante vermelho-escuro, o celular no bolso de Erik começa a vibrar, ressoando na pequena caixa de madeira com o papagaio e o nativo. Ele atende sem conferir o número na tela.

— Erik Maria Bark.

Há uma estranha sequência de barulhos agudos, e ele pode ouvir o som distante de canções natalinas.

— Alô? — diz ele.

Uma voz muito fraca pode ser ouvida.

— É Erik?

— Sim — responde.

— Eu estava pensando…

De repente, Erik acha que há alguém rindo ao fundo.

— Quem fala? — pergunta ele secamente.

— Espere, doutor. Preciso de seu conselho profissional — diz a voz, tomada por desprezo. Erik está prestes a desligar quando a voz ao telefone grita: — Hipnotize-me! Eu quero ser…

Erik afasta o telefone do ouvido. Aperta o botão para encerrar a conversa e tenta descobrir quem ligou, mas é um número bloqueado. Um

bipe avisa que ele recebeu uma mensagem de texto, também de um número bloqueado. Ele abre e lê: VOCÊ CONSEGUE HIPNOTIZAR UM CADÁVER?

Perturbado, Erik pega sua compra na sacola vermelha e dourada e sai da seção de joias. No saguão, percebe o olhar de uma mulher vestindo um pesado casaco preto. Está de pé sob uma árvore de Natal suspensa, de três andares de altura, e o olha com expressão hostil. Ele nunca a tinha visto antes.

Abre a tampa da caixa de madeira no bolso do casaco com uma das mãos, pega uma cápsula de codeína, coloca na boca e engole.

Ele sai para o ar frio. Pessoas estão aglomeradas diante de uma vitrine onde duendes natalinos dançam em uma paisagem feita de doces. Um caramelo com uma boca grande canta uma canção de Natal. Crianças do pré-escolar com coletes amarelos sobre grossos macacões de neve olham a cena boquiabertas.

O celular toca de novo, mas dessa vez ele verifica o número antes de atender. É um telefone de Estocolmo.

— Erik Maria Bark — diz cautelosamente.

— Oi. Meu nome é Britt Sundström. Trabalho para a Anistia Internacional.

— Oi — diz Erik, confuso.

— Gostaria de saber se o seu paciente teve a oportunidade de dizer não à hipnose.

— O que você disse? — pergunta Erik, enquanto um enorme caramujo arrasta um trenó cheio de presentes de Natal pela vitrine. Seu coração começa a bater mais forte e a acidez começa a queimar suas entranhas.

— O manual da CIA de tortura que não deixa provas menciona a hipnose como uma das…

— A médica responsável pelo paciente fez a avaliação.

— Então está dizendo que não tem qualquer responsabilidade?

— Sem comentários — diz ele.

— Você já foi denunciado à polícia — diz ela rudemente.

— Entendo — diz ele com a voz fraca, e encerra a ligação.

Ele começa a caminhar devagar na direção de Sergels Torg, com sua torre de vidro brilhante e a Casa da Cultura, vê o mercado de Natal e ouve

um trompetista tocar “Noite Feliz”. Ele vira na Sveavägen. Então para diante do 7-Eleven e lê as manchetes dos jornais matutinos:

“EU MATEI MAMÃE E PAPAI”
Hipnotista engana garoto para que confesse

NA SUA CABEÇA
Médico arrisca vida de garoto para arrancar confissão

BARK AMEAÇA OUTRA VEZ
Novo escândalo de hipnose de médico reincidente

ESCÂNDALO!
Policiais perdidos usam hipnotista, vítima é bode expiatório

Erik pode sentir o sangue latejando nas têmporas, e se apressa, evitando olhar diretamente para quem está ao redor. Passa pelo local onde o primeiro-ministro Olof Palme foi assassinado em 1986, quando caminhava para casa com a esposa ao sair do cinema. Três rosas vermelhas estão sobre a placa suja que o homenageia. Erik ouve alguém chamando por ele e entra em uma loja de eletrônicos. Embora apenas alguns minutos antes estivesse tão cansado que se sentia quase bêbado, essa sensação foi substituída por uma mistura febril de nervosismo e desespero. Suas mãos tremem quando ele toma outro forte analgésico. Sente uma dor lancinante no estômago enquanto a cápsula dissolve e o pó penetra nas mucosas.

O rádio na loja está transmitindo um debate sobre se a hipnose deveria ser banida como forma de tratamento. Um ouvinte conta a história de como foi hipnotizado para acreditar ser Bob Dylan.

— Quer dizer, eu sabia que não era verdade — diz com a voz arrastada —, mas era como se eu fosse obrigado a dizer o que disse, entende? Eu sabia que estava sendo hipnotizado. Eu podia ver que meu parceiro estava sentado ali, esperando por mim, sabe? Mas eu ainda pensava, eu sou Dylan! Estava até falando inglês. Era como se eu não pudesse evitar; eu teria admitido quase qualquer coisa.

O ministro da Justiça diz com seu sotaque de Småland:

— Não há nenhuma dúvida de que usar a hipnose como método de interrogatório é uma violação dos direitos do indivíduo.

— Então Erik Maria Bark violou a lei? — pergunta o jornalista secamente.

— Esperamos que a promotoria faça uma investigação completa da legalidade dos atos dele.

26

quarta-feira, 9 de dezembro: tarde

No momento em que Erik chega ao número 73 da Luntmakargatan, o suor escorre por suas costas. Ele digita o código para abrir a porta. Encontra suas chaves com as mãos agitadas enquanto o elevador sobe. Dentro do apartamento, cambaleia para a sala de estar e tenta tirar o casaco, mas os comprimidos o deixaram tonto. Cai no sofá e liga a televisão.

Lá está o presidente da Sociedade Sueca de Hipnose Clínica sentado em um estúdio de TV. Erik o conhece muito bem. Viu muitos colegas sofrerem por causa de sua arrogância e ambição desmedidas.

— Expulsamos Bark há dez anos e não o aceitaremos de volta — diz o presidente, com um sorriso amarelo.

— Um incidente como esse afeta a reputação da hipnose séria?

— Todos os nossos integrantes seguem regras éticas rígidas — diz ele com desdém. — Além disso, a Suécia tem leis contra charlatães.

Erik afinal tira as roupas com movimentos desajeitados, empilhando-as no sofá ao seu lado. Fecha os olhos por um momento para descansar, mas os abre imediatamente ao ouvir uma voz conhecida na televisão. Benjamin está de pé em um pátio de escola iluminado pelo sol. O cenho está franzido, a ponta do nariz e as orelhas estão vermelhas, os ombros caídos, e ele parece sentir muito frio.

— Então — pergunta o repórter. — Como é viver com um médico hipnotista?

— Não sei — diz Benjamin.

— Seu pai já o hipnotizou?

— O quê? De jeito nenhum.

— Como você sabe? — insiste o repórter. — Se ele o hipnotizou não há como garantir que tenha tido consciência disso, não é?

— Acho que não — responde Benjamin com um sorriso, surpreso com a abordagem agressiva do repórter.

— Como se sentiria se descobrisse que ele o hipnotizou?

— Não sei.

— Furioso, aposto — sugere o repórter.

— É — concorda Benjamin. As bochechas estão coradas.

Erik desliga a televisão e vai para o quarto, onde tira as calças e senta na cama, colocando a caixa de madeira com o papagaio na gaveta da mesa de cabeceira. Ele não quer pensar no desejo que foi despertado nele quando hipnotizou Josef Ek e o acompanhou ao fundo daquele mar azul. Fica deitado, estende a mão para o copo de água junto à cama, mas adormece antes de ter tempo de beber.

Ainda semiadormecido, Erik pensa em seu pai quando costumava aparecer em festas de crianças com o terno especialmente preparado, o suor escorrendo pela face. Ele torcia balões na forma de animais e tirava flores de penas com cores brilhantes de uma bengala oca. Quando se mudou da casa em Sollentuna para um asilo, falava em montar um número com Erik. Ele seria o ladrão cavalheiresco, e Erik, o hipnotista de palco, fazendo as pessoas cantarem como Elvis e Zarah Leander.

De repente Erik está totalmente acordado. Imagina Benjamin tremendo sob a pressão do câmera e do repórter de TV no pátio da escola diante dos colegas e professores. Ele se senta, sentindo a dor lancinante no estômago, pega o telefone e liga para Simone.

— Galeria de Simone Bark — ela atende.

— Oi, sou eu.

— Só um minuto.

Ele a escuta andar pelo piso de madeira e fechar a porta do escritório.

— Que diabo está acontecendo? — pergunta ela. — Benjamin ligou e…

— O circo da mídia está a toda.

— O *circo da mídia*? O que somos? Astros do rock? Erik, o que você fez? Por que os repórteres estão pressionando nosso filho na televisão?

— Eu não fiz nada. Fui solicitado a hipnotizar o paciente pela médica responsável por seu tratamento.

— Essa parte eu sei. O mundo inteiro sabe, está em todos os noticiários. Você hipnotizou uma pobre criança ferida e arrancou uma confissão…

— Pode me escutar um segundo? — cortou ele. — Pode fazer isso?

— Certo. Fale.

— Não foi um interrogatório — começa Erik.

— Não interessa como você chama. — Simone fica em silêncio. Ele pode ouvir a respiração dela. — Desculpe. Por favor, termine — pede ela em voz baixa.

— Não foi um interrogatório. Achávamos que ele era uma vítima. E a polícia precisava de uma descrição, algo para seguir, pois achava que a vida de uma garota dependia disso.

— Mas…

— A médica responsável pelo paciente avaliou que o risco era pequeno naquele momento. Eu não teria feito se fosse de outra forma. — Faz uma pausa. — Estávamos apenas tentando salvar a irmã dele.

Ele para de falar e escuta a respiração de Simone.

— O que você fez? — pergunta ela com voz trêmula. — Você… você me prometeu que não praticaria mais hipnose.

— Tudo vai se ajeitar. Não aconteceu nada de errado, Simone.

— Nada de errado? — corta ela. — Você quebrou sua promessa, mas acha que não houve nada de errado? Erik, tudo o que você faz é mentir, mentir, mentir.

Simone para de falar e fica em silêncio.

Erik fica imóvel por um momento, desliga o telefone, se vira e entra na cozinha, onde mistura um analgésico solúvel com um antiácido e engole o líquido doce.

27

quinta-feira, 10 de dezembro: noite

Joona olha para o escuro corredor vazio. É noite, quase 20 horas, e ele é o único em todo o departamento. Estrelas de Natal brilham em todas as janelas, e as velas elétricas criam um duplo brilho suave e redondo refletido no vidro preto. Anja colocou um pote de doces de Natal em sua mesa, e ele come mais do que devia enquanto faz suas anotações sobre a entrevista com Evelyn.

Baseado no fato de ela ter mentido sobre Josef visitar a cabana, o promotor tomou a decisão de prendê-la. Joona sabe perfeitamente que a mentira de Evelyn não significa que ela seja culpada de qualquer crime, mas isso lhe dá três dias para investigar o que está escondendo, e por quê.

Ele redige o relatório, endereça ao promotor, coloca-o na caixa de saída, verifica se sua arma está trancada em segurança no armário e sai do quartel-general da polícia em seu carro.

Quando chega à Fridhemsplan, Joona ouve o celular tocar, mas este escorregou por um buraco no forro de seu bolso, de modo que ele precisa parar em frente ao restaurante Hare Krishna para alcançá-lo.

— Joona Linna.

— Que bom — diz o policial Ronny Alfredsson. — Temos um problema. Realmente não sabemos o que fazer.

— Você falou com o namorado de Evelyn?

— Sorab Ramadani. Esse é o problema.

— Descobriu onde ele trabalha?

— Não é isso — diz Ronny. — Nós o localizamos com facilidade. Está aqui no apartamento dele, mas não abre a porta. Não quer falar conosco. Fica gritando para irmos embora, que estamos incomodando os vizinhos e o assediando por ser muçulmano.

— O que você disse a ele?

— Foda-se tudo, só precisávamos da ajuda dele em uma questão específica. Fizemos exatamente o que você mandou.

— Bom — diz Joona.

— Está tudo bem se forçarmos a porta?

— Deixe-o em paz por ora. Vou até aí.

— Devemos esperar?

— Sim, por favor. Do lado de fora, no carro.

Joona liga a seta, faz o retorno e segue para Västerbron. Todas as janelas e luzes da cidade estão brilhando na noite e o céu parece uma cúpula cinza e úmida.

Ele pensa mais uma vez na investigação da cena do crime. Há algo estranho no padrão que surge. Certos elementos são simplesmente inconciliáveis. Enquanto espera um sinal de trânsito abrir, Joona abre a pasta no banco do carona e folheia as fotografias do campo de futebol. Três chuveiros sem divisórias. O reflexo do flash da câmera brilha nos azulejos brancos. Em uma foto ele pode ver o rodo do chuveiro e a grande poça de sangue, água e sujeira, fios de cabelo, curativos e uma garrafa de sabonete líquido.

Junto ao ralo no piso, o braço do pai. A articulação redonda branca está cercada por ligamentos e tecido muscular rompido. A faca de caça com a ponta quebrada está caída no chão.

Nils Åhlén encontrou a ponta com a ajuda de uma tomografia computadorizada: estava cravada no osso pélvico de Anders Ek.

O corpo mutilado está no chão entre os bancos de madeira e os armários metálicos amassados. Um agasalho esportivo vermelho está pendurado em um gancho. Há sangue por toda parte: no piso, nas portas, no teto, nos bancos.

Joona tamborila no volante. Entre todos os lugares, um vestiário. Os peritos obtiveram centenas de digitais parciais e completas, milhares de fibras e fios de cabelo. Estão lidando com DNA de centenas de pessoas diferentes, grande parte corrompida, mas até o momento nada pode ser ligado a Josef Ek.

Joona pediu que os peritos se concentrassem na busca de sangue de Anders Ek em Josef. O grande volume de sangue que cobria todo o corpo dele na outra cena do crime não significava nada. Todos na casa estavam

sujos com sangue dos outros. O fato de Josef ter o sangue da irmã mais nova no corpo não era mais estranho do que ela ter o dele. Mas se pudessem encontrar o sangue do pai no filho, ou algo de Josef no vestiário, ele poderia ser ligado às duas cenas do crime. Se conseguissem ligá-lo ao vestiário, poderiam iniciar os procedimentos.

Quando Josef foi inicialmente levado para o hospital em Huddinge, um especialista foi orientado pelo Laboratório Nacional de Perícia de Linköping (que faz análises de DNA na Suécia) a garantir que todos os traços biológicos do corpo de Josef fossem preservados.

Ao chegar ao parque Högalid, Joona telefona para Erixon, um homem muito gordo que é o investigador da cena do crime responsável pela investigação em Tumba.

Uma voz cansada atende.

— Desaparece.

— Erixon? Ainda vivo? — brinca Joona.

— Estou dormindo — é a resposta cansada.

— Desculpe-me.

— Não, tudo bem. Na verdade estou indo para casa. Se ainda me reconhecerem por lá.

— Vou ser breve. Encontrou algum vestígio de Josef Ek no vestiário? — pergunta Joona.

— Não.

— Deve ter encontrado.

— Não — retruca Erixon. — Mesmo. Nenhum traço dele.

— Pressionou nossos amigos em Linköping?

— Joguei o meu considerável peso sobre eles — responde.

— E?

— Não encontraram DNA do pai em Josef.

— Também não acredito neles. — diz Joona. — Quero dizer, ele estava inteiramente coberto de…

— Nem uma gota — interrompe Erixon.

— Isso não pode estar certo.

— Eles pareceram muito orgulhosos quando me contaram.

— Alguma amostra de material genético?

— Não, nem uma microgota. Nada.

— Mas… Não podemos ter tanto azar.

— Acho que você vai ter de desistir desse — diz Erixon.

— Veremos.

Eles encerram a conversa. Joona acredita que o que pode parecer um mistério às vezes é apenas uma questão de coincidência. O método do criminoso parece idêntico nos dois locais: os golpes frenéticos com a faca e as tentativas agressivas de desmembrar os corpos. Portanto, é muito estranho que o sangue do pai não tenha sido encontrado em Josef se este foi o agressor. Ele deveria estar coberto de tanto sangue que chamaria atenção, pensa Joona, que liga novamente para Erixon.

— Acabei de pensar em algo.

— Em vinte segundos?

— Você examinou o vestiário feminino?

— Ninguém entrou lá. A porta estava trancada.

— A vítima supostamente tinha as chaves.

— Mas…

— Verifique o ralo no chuveiro *feminino* — diz Joona.

28

quinta-feira, 10 de dezembro: noite

Após seguir a estrada ao redor de Tantolunden, Joona entra numa rua e estaciona na frente de um prédio voltado para o parque. Pensa em onde estaria o carro da polícia, confere o endereço e imagina a possibilidade de Ronny e seu parceiro terem batido na porta errada. Faz uma careta. Isso explicaria a relutância de Sorab em deixá-los entrar, já que nesse caso seu nome provavelmente não era Sorab.

O ar da noite é gelado, Joona caminha apressado até a porta da frente. Se o relato de Josef corresponde ao que de fato aconteceu, ele não fez nada para esconder o crime no momento: não se protegeu. Não estava pensando nas consequências, simplesmente se permitiu ficar coberto de sangue.

Joona acha possível que, sob hipnose, Josef Ek estivesse apenas descrevendo como se sentia, um tumulto confuso e violento, quando na verdade seu comportamento naquele momento fosse muito mais controlado. Talvez tenha agido de maneira metódica, vestido uma proteção impermeável e se lavado no vestiário feminino antes de ir para casa.

Ele precisa falar com Daniella Richards, descobrir quando ela acha que Josef estará forte o bastante para suportar um interrogatório.

Joona passa pela porta. As paredes do saguão são azulejadas em preto e branco, como um tabuleiro de xadrez, e ele vê seu reflexo nos azulejos pretos: rosto pálido e gelado, expressão séria, cabelos louros despenteados. Pega o celular e liga de novo para Ronny enquanto aperta o botão do elevador. Sem resposta. Talvez tenham tentado uma última vez e Sorab os deixou entrar. Joona vai até o sexto andar, espera que uma mãe com carrinho de bebê desça no elevador e então toca a campainha de Sorab.

Ele espera um pouco, bate, espera mais alguns segundos e então empurra a abertura da caixa de correio.

— Sorab? Meu nome é Joona Linna. Sou detetive. Preciso falar com você.

Ele ouve um som do lado de dentro, como se alguém estivesse se apoiando pesadamente na porta, mas que logo se afasta.

— Você é o único que sabia onde Evelyn estava.

— Eu não fiz nada! — diz com uma voz grossa de dentro do apartamento.

— Mas você disse…

— Eu não sei nada — grita o homem.

— Tudo bem — diz Joona. — Mas quero que abra a porta, olhe nos meus olhos e me diga isso.

— Vá embora.

— Abra a porta.

— Que porra. Você não pode me deixar em paz? Isso não tem nada a ver comigo. Não quero me envolver.

Sua voz está tomada pelo medo. Ele fica em silêncio, respirando pesadamente, e então bate a mão em algo do lado de dentro.

— Evelyn está bem — diz Joona.

A tampinha da abertura para correspondência sacode levemente.

— Eu achei… — Mas ele se interrompe.

— Precisamos falar com você.

— Evelyn realmente está bem? Não aconteceu nada com ela?

— Abra a porta.

— Não quero.

— Ajudaria se você pudesse ir à delegacia.

Há um breve silêncio.

— Ele esteve aqui mais de uma vez? — pergunta Joona de repente.

— Quem?

— Josef.

— Quem é Josef?

— O irmão de Evelyn.

— Ele nunca esteve aqui — diz Sorab.

— Então *quem* veio aqui?

— Por que você não entende? Não vou falar com você!

— Quem veio aqui?

— Eu não disse que alguém veio aqui, disse? Você só está tentando me enganar.

— Não, não estou.

Silêncio novamente. Então Joona ouve o som de um choro entrecortado por soluços atrás da porta.

— Ela está morta? — pergunta Sorab. — Evelyn está morta?

— Por que você pergunta isso?

— Não quero falar com você.

Joona ouve passos se afastando pelo corredor, depois o som de uma porta sendo fechada. Começa uma música alta. Enquanto Joona desce as escadas, pensa que alguém deve ter assustado Sorab para que ele contasse onde Evelyn estava se escondendo.

Joona sai para o ar gelado e vê dois homens com jaquetas Pro Gym esperando junto ao seu carro. Quando o ouvem chegar, se viram para ele. Um senta no capô com o celular ao ouvido. Joona os avalia rapidamente. Ambos na casa dos 30 anos; o que está sentado no capô tem cabeça raspada, enquanto o outro usa um corte de garoto de colégio. Joona avalia que o homem com cabelo juvenil pesa mais de 100 quilos. Talvez pratique *aikido*, caratê ou *kickboxing*. Provavelmente usa esteroides, pensa Joona. O outro talvez tenha uma faca, mas não uma arma de fogo.

Há uma fina camada de neve na grama.

Joona se vira como se não houvesse notado os homens, e segue para o caminho iluminado.

— Ei, você! — grita um deles.

Joona os ignora e segue na direção dos degraus junto a um poste com uma lata de lixo verde.

— Não vai pegar seu carro?

Joona para e olha rapidamente para o prédio. Ele se dá conta de que o homem sentado no capô está conversando com Sorab pelo celular e que Sorab os observa pela janela.

O homem com o corte de cabelo infantil se aproxima com cautela, e Joona se vira e caminha na direção dele.

— Sou policial — diz.

— E eu sou a porra de um macaco — diz o homem.

Joona pega seu celular e liga de novo para Ronny. Começa a tocar “Sweet Home Alabama” no bolso do homem com o cabelo juvenil. Ele sorri, pega o telefone de Ronny e atende.

— Policial porco falando.

— O que é isso? — pergunta Joona.

— Você tem de deixar Sorab em paz. Ele não quer conversar.

— Você realmente acha que o está ajudando ao…

— Isso é um aviso. Estou cagando para quem você é, apenas fique longe de Sorab.

Joona percebe que a situação pode se tornar perigosa, lembra que trancou a pistola no armário da delegacia e olha ao redor em busca de algo que possa usar como arma.

— Onde estão meus colegas? — pergunta com voz calma.

— Você me ouviu? Deixe Sorab em paz.

O homem com o corte infantil passa a mão rapidamente no cabelo, começa a respirar mais rápido, se vira de lado, se aproxima um pouco e ergue o calcanhar do pé de trás três ou cinco centímetros.

— Eu costumava lutar quando era mais jovem — diz Joona. — Se você me atacar eu irei me defender e pegar você.

— Estamos nos cagando nas calças — diz o que está apoiado no carro.

Joona não tira os olhos do homem na sua frente.

— Você pretende chutar minhas pernas — diz. — Já que sabe que não consegue chutar alto.

— Babaca — murmura o homem.

Joona se move para a direita para abrir espaço.

— Se você decidir chutar — continua —, eu não irei recuar, que é ao que você está acostumado; em vez disso, vou avançar contra a parte de trás do seu outro joelho, e, quando cair para trás, este cotovelo estará esperando pela sua nuca.

— Foda-se, ele está falando merda — diz o que está apoiado no carro.

— Está mesmo — diz o outro, sorrindo. — E que sotaque.

— Se a língua estiver para fora você perderá um pedaço ao mordê-la — diz Joona.

O homem de cabelo infantil balança levemente, e quando o chute sai, é mais lento do que o esperado. Joona já deu um primeiro passo quando o quadril do homem começa a girar. E antes que a perna se projete e acerte o alvo, Joona chuta com toda força a parte de trás do joelho da outra perna, na qual o homem está apoiando seu peso. Ele já está desequilibrado e cai de costas exatamente no momento em que Joona gira e acerta sua nuca com o cotovelo.

29

sexta-feira, 11 de dezembro: manhã

São apenas 5h30 quando começam as batidas em algum lugar do apartamento. Simone capta o som como parte de um sonho frustrante no qual tem de pegar diferentes conchas e tampas de porcelana. Ela compreende as regras, mas continua fazendo a coisa errada. Um garoto bate na mesa e aponta as escolhas erradas que ela fez. Simone se remexe em seu sono, gemendo. Abre os olhos e desperta imediatamente.

Alguém ou algo está batendo dentro do apartamento. Ela tenta localizar o barulho na escuridão, e permanece totalmente imóvel e escutando, mas as batidas pararam.

Ela ouve Erik roncando ao seu lado. Há barulho de batidas nos canos. O vento bate nos vidros da janela. O ronco de um carro do lado de fora atravessa a janela.

Simone está começando a pensar que deve ter exagerado o barulho durante o sono quando as batidas recomeçam de repente. Há alguém no apartamento! Erik tomou um comprimido e apagou. Seu ronco para quando ela coloca a mão em seu braço, mas ele não acorda, apenas vira de lado, bufando. Ela sai da cama o mais silenciosamente possível e passa pela porta do quarto, que está entreaberta.

Há luz na cozinha. Enquanto se desloca pelo corredor, vê um brilho pairando no ar como uma nuvem de gás azul. É a luz da geladeira. A geladeira e o freezer estão abertos. O freezer começou a descongelar, e a água escorre para o chão. Gotas de água dos pacotes descongelados de comida pingam nas beiradas plásticas.

Simone percebe como está frio na cozinha. Há um cheiro de cigarro. Ela olha para o corredor. Então vê que a porta da rua está escancarada. Corre até o quarto de Benjamin. Sono pesado. Passa algum tempo apenas de pé ali, escutando a respiração constante dele.

Enquanto caminha até a porta da rua para fechá-la, seu coração quase para. Há alguém de pé na passagem. Ele a cumprimenta e estende um objeto.

Alguns segundos se passam antes que ela se dê conta de que é o entregador com o jornal da manhã. Ela agradece e pega o jornal. Quando finalmente fecha a porta, percebe que seu corpo inteiro treme.

Acende todas as luzes e vasculha o apartamento. Não parece faltar nada.

Simone está ajoelhada enxugando a água do piso quando Erik entra na cozinha. Ele pega um pano de pratos, joga-o no chão e começa a empurrá-lo com o pé.

— Alguém deixou a porta da geladeira aberta? Devo ter feito isso dormindo — diz ele.

— Não — responde ela, cansada.

— Afinal, o assalto à geladeira é um clássico. Devo ter sentido fome.

— Eu saberia. Tenho sono leve, acordo sempre que você se vira na cama ou para de roncar. Acordo se Benjamin vai ao banheiro. Posso ouvir quando…

— Então é *você* que é sonâmbula.

— Erik, isso não é engraçado. Algo me acordou e a porta da casa estava aberta.

Ela fica em silêncio, sem saber se deveria ter contado.

— E eu senti cheiro de cigarro na cozinha — diz ela finalmente.

Erik ri.

As bochechas de Simone ficam vermelhas de raiva.

— Por que está rindo?

— Vamos lá, Sixan. Um dos vizinhos provavelmente fumou junto ao exaustor da cozinha. Quer dizer, o prédio inteiro tem o mesmo sistema de ventilação. Ou uma pessoa má fumou nas escadas sem pensar…

— Será que você não pode ser menos condescendente? — interrompe Simone.

Ele tenta tranquilizá-la:

— Simone…

— Por que não acredita que alguém esteve aqui? — pergunta ela com raiva. — Depois de toda aquela porcaria que saiu nos jornais sobre você? Os telefonemas anônimos. Não me surpreenderia se algum lunático tentasse entrar aqui e…

— Pare com isso. Não faz sentido. Quem entraria em nosso apartamento, abriria a geladeira e o freezer e fumaria antes de simplesmente ir embora?

Ele joga o pano de prato torcido de novo no chão e volta a enxugar o piso com o pé.

— Não sei, Erik! Não sei, mas foi o que alguém fez!

— Calma — diz Erik, irritado.

— Calma?

— Pare de criar confusão. Estou certo de que encontraremos uma explicação simples.

— Eu pude sentir que havia alguém no apartamento quando acordei — diz ela em um tom baixo.

Ele suspira e sai da cozinha. Simone olha para o pano cinza, imundo, que ele estava usando.

Benjamin entra e senta em seu lugar habitual.

— Bom dia — diz Simone.

Ele suspira e fica sentado lá com a cabeça nas mãos.

— Por que você e papai sempre mentem sobre tudo?

— Não mentimos — diz ela.

— Até parece.

— O que faz você pensar que mentimos?

Ele não responde.

— Você está pensando no que eu disse no táxi voltando…

— Estou pensando em muita coisa — diz ele alto.

— Não precisa gritar comigo.

Ele suspira.

— Esqueça que eu disse qualquer coisa.

— Não sei o que vai acontecer entre mim e seu pai. Não é tão simples assim — diz. — Talvez estejamos apenas nos enganando, mas isso não é o mesmo que mentir.

— Segundo você — retruca ele com a voz baixa.

— Há mais alguma coisa incomodando você?

— Por que não há nenhuma fotografia minha de quando eu era pequeno?

— Claro que há — responde ela com um sorriso.

— Não de quando eu era bebê — retruca.

— Bem, você sabe que eu tive um aborto… É que ficamos tão felizes quando você nasceu que nos esquecemos de tirar fotografias. Sei exatamente como você era. Tinha orelhas enrugadas e…

— Pare! — grita Benjamin, e sai apressado para o quarto.

Erik entra na cozinha e coloca um analgésico em um copo d'água.

— O que há com Benjamin? — pergunta ele.

— Não tenho ideia.

Erik bebe a água junto da pia.

— Ele diz que mentimos sobre tudo — conta Simone.

— Todos os adolescentes acham isso. Faz parte do jogo — diz, dando um arroto abafado.

— Eu mencionei a ele que vamos nos separar — conta ela.

— Como você pode fazer algo tão idiota?

— Eu… eu só disse o que estava sentindo na hora.

— Que merda, você não pode pensar só em si mesma!

— Eu? Não sou eu quem está fodendo com estudantes. Não sou eu que tomo uma montanha de comprimidos porque…

— Cale essa maldita boca! — ele grita. — Você não sabe de nada!

— Sei que está tomando analgésicos violentos.

— E o que isso tem a ver com você?

— Diga, Erik, você sente *dor*?

— Eu sou médico. Acho que estou em posição um pouco melhor para avaliar…

— Ah, pare de tentar me enganar.

— O que você quer dizer? — reage ele.

— Você é um viciado, Erik. Não fazemos mais sexo porque você está sempre apagado.

— Talvez eu não queira fazer sexo com você — corta ele. — Por que iria querer quando você é tão infeliz comigo o tempo todo?

As ofensas pairam no ar entre eles, quase palpáveis. Será que essa é a sensação de dizer o indizível? Deveria ser mais libertadora, mais profunda; deveria levar a algo mais substancial.

— Então é melhor nos separarmos — diz ela.

— Tudo bem.

Ela não consegue olhar para ele. Simplesmente sai da cozinha devagar, sentindo a tensão e a dor na garganta, as lágrimas brotando nos olhos.

Benjamin fechou a porta do quarto, e a música é tão alta que as paredes e as portas tremem. Simone se tranca no banheiro, apaga a luz e chora.

"*Que merda!*", ela ouve Erik gritar no corredor antes de a porta da rua abrir e fechar novamente.

30

sexta-feira, 11 de dezembro: manhã

Ainda não são 7 horas quando Joona Linna recebe um telefonema da Dra. Daniella Richards. Ela diz que em sua opinião Josef é capaz de lidar com um interrogatório breve.

Enquanto entra em seu carro para ir ao hospital, Joona sente uma leve dor no cotovelo. Pensa na noite anterior, em como a luz azul das viaturas banhou a fachada do prédio de Sorab Ramadani, perto de Tantolunden. O homem com corte de cabelo infantil cuspiu sangue e, com a voz pastosa, resmungou sobre sua língua enquanto era conduzido para o banco de trás do carro. Ronny Alfredsson e seu parceiro foram encontrados no abrigo do porão do prédio. Haviam sido ameaçados com facas e trancados, e depois os homens levaram a viatura até outro prédio, deixando-a no estacionamento de visitantes.

Joona entrara no prédio de novo, tocara a campainha de Sorab e, mais uma vez falando pela abertura para correspondência, dissera que seus guarda-costas haviam sido presos e que a porta do apartamento seria derrubada a menos que ele a abrisse imediatamente.

Após um instante, Sorab o deixara entrar. Era um homem pálido, com os cabelos presos em um rabo de cavalo. Estava ansioso, os olhos vasculhando a sala, mas pediu que Joona se sentasse no sofá de couro azul, ofereceu uma xícara de chá de camomila e se desculpou pelos amigos.

— Realmente lamento por tudo isso. Eu tive alguns problemas nos últimos tempos. Preocupado com a minha segurança. Por isso arrumei guarda-costas.

— O que o deixa preocupado com a sua segurança? — perguntou Joona, tomando o chá quente.

— Alguém está atrás de mim — disse, levantando-se e olhando pela janela.

— Quem?

Sorab continuou de costas para Joona e disse, em tom neutro, que não queria falar sobre aquilo.

— Sou obrigado? Não tenho o direito de permanecer calado?

— Você tem o direito de permanecer calado — admitiu Joona.

Sorab deu de ombros.

— Então vá embora.

— Talvez eu possa ajudar se você falar comigo — arriscou Joona. — Isso já lhe ocorreu?

— Muito obrigado — disse Sorab, ainda virado para a janela.

— É o irmão de Evelyn quem…

— Não.

— Não foi Josef Ek quem veio aqui?

— Ele não é irmão dela.

— Não é irmão dela? Quem é ele, então?

— Como posso saber? Mas não é irmão dela. É alguma outra coisa.

Depois disso, Sorab ficou desconfiado e nervoso novamente, dando respostas evasivas às perguntas de Joona. Após deixar o apartamento, Joona pensou no que Josef poderia ter dito a Sorab. O que havia feito? Como conseguira assustá-lo para que ele revelasse onde Evelyn estava?

Joona estaciona na frente da unidade de neurocirurgia, passa pela entrada principal, pega o elevador para o quinto andar, percorre o corredor, cumprimenta o policial de plantão e entra no quarto de Josef. Uma mulher atraente está sentada na cadeira ao lado da cama. Ao se levantar e se apresentar, ela olha para Joona com uma expressão que ele considera charmosa.

— Lisbet Carlén — diz. — Sou assistente social. Serei a advogada de Josef durante este interrogatório.

— Excelente — diz Joona, apertando sua mão.

— Você está comandando o interrogatório? — pergunta, com interesse.

— Sim. Desculpe-me. Meu nome é Joona Linna e sou do DIC Nacional. Conversamos pelo telefone.

Em intervalos regulares, há um barulho alto de borbulhas no tubo de drenagem Bülow, colocado na pleura perfurada de Josef. O dreno substitui a

pressão natural que deixou de existir, permitindo que o pulmão funcione.

Lisbet Carlén diz em voz baixa que a médica explicou que Josef precisa ficar deitado absolutamente imóvel por causa do risco de novas hemorragias no fígado.

— Não tenho intenção de colocar a saúde dele em risco — diz Joona, pousando o gravador na mesa, ao lado do rosto de Josef.

Ele aponta de maneira interrogativa para o gravador e Lisbet assente. Ele liga o aparelho e começa descrevendo a situação: "Hoje é sexta-feira, 11 de dezembro, 8h15 da manhã, e Josef Ek está sendo ouvido para que tentemos descobrir novas informações." Depois relaciona as pessoas presentes no quarto.

— Olá — diz Joona.

Josef olha para ele com olhos pesados.

— Meu nome é Joona. Sou detetive.

Josef fecha os olhos.

— Como se sente?

A assistente social olha pela janela.

— Consegue dormir com aquela coisa borbulhando? — pergunta ele.

Josef assente com um gesto lento de cabeça.

— Sabe por que estou aqui?

Josef abre os olhos. Joona espera, observando seu rosto.

— Houve um acidente — diz Josef. — Minha família inteira estava em um acidente.

— Ninguém contou a você o que aconteceu? — pergunta Joona.

— Talvez um pouco — responde, quase sem voz.

— Ele se recusa a ver um psicólogo ou um terapeuta — conta a assistente social.

Joona pensa em como a voz de Josef era diferente sob hipnose. Agora ela é frágil, quase inexistente, mas ainda assim ponderada.

— Acho que você sabe o que aconteceu.

— Você não tem de responder — diz Lisbet Carlén rapidamente.

— Você tem 15 anos — continua Joona.

— Sim.

— O que fez no seu aniversário?

— Não consigo lembrar — responde Josef.

— Ganhou presentes?

— Assisti à TV.

— Foi ver Evelyn? — pergunta Joona em um tom neutro.

— Sim.

— No apartamento dela?

— Sim.

— Ela estava lá?

— Sim. — Silêncio. — Não, não estava — diz Josef, hesitante, mudando de ideia.

— Onde estava então?

— Na cabana — responde.

— É legal lá?

— Na verdade não… É aconchegante, acho.

— Ela ficou feliz ao vê-lo?

— Quem?

— Evelyn. — Silêncio. — Você levou alguma coisa?

— Um bolo.

— Um bolo? Estava bom?

Ele balança a cabeça afirmativamente.

— Evelyn gostou dele? — prossegue Joona.

— Sempre o melhor para Evelyn.

— Ela lhe deu um presente?

— Não.

— Mas talvez tenha cantado para você?

— Ela não quis me dar meu presente — diz ele em um tom de mágoa.

— Foi o que ela disse?

— Sim, foi — responde ele rapidamente.

— Por quê? — Silêncio. — Estava com raiva de você? — pergunta Joona.

Ele assente.

— Ela estava tentando levar você a fazer algo que você não queria? — pergunta Joona calmamente.

— Não, ela… — diz Josef, sussurrando o resto.

— Não consigo ouvi-lo, Josef.

Ele continua a sussurrar, e Joona se inclina mais para perto, tentando ouvir.

— Aquele filho da puta! — grita Josef em seu ouvido.

Joona recua e esfrega a orelha enquanto caminha ao redor da cama. Ele tenta sorrir.

O rosto de Josef está pálido.

— Eu vou encontrar aquele maldito hipnotista e morder o pescoço dele. Vou caçá-lo, ele e sua…

A assistente social vai até a cama rapidamente e tenta desligar o gravador.

— Josef! Você tem o direito de permanecer calado…

— Fique fora disso — interrompe Joona.

Ela olha para ele com expressão nervosa e diz com a voz trêmula:

— Antes de começar o interrogatório você deveria ter informado…

— Errado. Não há leis regendo este tipo de interrogatório — diz Joona, erguendo a voz. — Ele tem o direito de permanecer calado, é verdade, mas eu não sou obrigado a informá-lo desse direito.

— Nesse caso, eu peço desculpas.

— Sem problema — murmura Joona, voltando-se para Josef. — Por que você está com raiva do hipnotista?

— Não tenho de responder às suas perguntas — diz Josef, tentando apontar para a assistente social.

31

sexta-feira, 11 de dezembro: manhã

Erik desce as escadas correndo e cruza a porta. Para do lado de fora e sente o suor esfriando em suas costas. O ar está gelado. Perto dali, um homem dorme sob uma grossa pilha de cobertores. Após um momento de indecisão, Erik caminha lentamente na direção da Odenplan e senta em um banco do lado de fora da biblioteca. Está nauseado de medo. Como pode ser tão idiota e afastar Simone por se sentir ferido?

Algum tempo depois, ele se levanta e segue para casa, parando na padaria com forno de pedra para comprar pão e um *caffè macchiato* para Simone. Volta apressado e, sem paciência para esperar o elevador, sobe as escadas correndo, mas, assim que destranca a porta, percebe que o apartamento está vazio. Com esforço, Erik afasta a sensação de tristeza que lhe causa o apartamento vazio. Não importa como, pretende provar a Simone que ela pode confiar nele. Por mais que demore, irá convencê-la de novo. Ele pensa nisso e então bebe o café dela de pé na cozinha: não faz sentido jogá-lo fora. O café irrita seu estômago, então ele toma um Omeprazol.

Ainda são só 9 horas, falta muito tempo para o seu turno no hospital. Ele leva um livro para o quarto e deita de meias na cama desfeita. Mas, em vez de ler, começa a pensar em Josef Ek: imagina se Joona Linna será capaz de arrancar algo dele.

O apartamento está silencioso, deserto. Com a medicação, uma calma suave se espalha por seu estômago.

Nada que é dito sob hipnose pode ser usado como prova, mas Erik sabe que Josef estava dizendo a verdade sobre ter assassinado a família, mesmo que o verdadeiro motivo permaneça invisível. Ele fecha os olhos. Evelyn devia saber que o irmão era perigoso desde pequeno. Ao longo dos anos, aprendeu a conviver com a incapacidade dele de controlar os impulsos, avaliando o risco de provocar sua fúria violenta em comparação com seu desejo de viver de forma normal e independente. A família como um todo precisou lidar com a violência dele, fazendo aos poucos centenas de ajustes

infinitesimais e acordos em um esforço para conviver com a hostilidade e mantê-la sob controle. Mas nada desestimulou seus impulsos: nem disciplina, nem punição, nem concessões. Na verdade, eles nunca compreenderam a gravidade da situação. Seu pai e sua mãe talvez tivessem imaginado que o comportamento agressivo era simplesmente por ele ser menino. Possivelmente se culparam por deixá-lo jogar videogames brutais ou assistir a filmes com muito sangue e violência.

Evelyn escapou assim que pôde, encontrou um emprego e um lugar para si, mas sentiu a ameaça crescente e de repente ficou com tanto medo que se escondeu na cabana da tia, levando uma arma para se proteger.

Será que Josef a ameaçou?

Erik tenta imaginar o medo de Evelyn na escuridão da noite, com a arma carregada ao lado da cama, na cabana. Pensa no que Joona Linna lhe disse após interrogá-la. O que aconteceu quando Josef apareceu com um bolo? O que ele queria dela? Como ela se sentiu? Foi só então que sentiu medo e pegou a arma? Foi depois da visita que começou a viver com medo de que ele a matasse?

Erik imagina Evelyn como ela apareceu no dia em que a encontrou na cabana: uma jovem de colete prateado, suéter de tricô cinza, jeans puídos e tênis. Está caminhando em meio às árvores, o rabo de cavalo balançando; o rosto é sincero, infantil. Carrega a espingarda de forma descuidada, arrastando-a pelo chão, esbarrando suavemente nos arbustos de mirtilos e nos musgos enquanto o sol é filtrado pelos galhos dos pinheiros.

De repente, Erik se dá conta de algo fundamental. Se Evelyn estivesse com medo, se a arma fosse para se defender de Josef, ela a carregaria de outra forma. Erik recorda que os joelhos dela estavam molhados e havia manchas escuras de terra na calça.

Ela foi para a floresta com a arma para se matar, pensa. Ajoelhou-se nos musgos e colocou o cano na boca, porém mudou de ideia: não conseguiu ir até o fim.

Quando ele a viu no limite das árvores, ela voltava para a cabana, voltava para a alternativa da qual quisera escapar.

Erik pega o telefone e liga para Joona.

— Erik? Eu ia ligar para você, mas tem havido tanta…

— Isso não importa — diz Erik. — Escute, eu…

— Só quero dizer que lamento muito essa coisa toda com a imprensa. Eu prometo rastrear o vazamento quando isso se acalmar.

— Isso não importa.

— Eu me sinto culpado, porque fui eu que o convenci a fazer isso.

— Eu tomei a decisão sozinho. Não culpo mais ninguém.

— Embora não estejamos autorizados a dizer isso no momento, pessoalmente, ainda acho que hipnotizar Josef foi a coisa certa a se fazer. Pode muito bem ter salvado a vida de Evelyn.

— É por isso que estou ligando — diz Erik. — Uma ideia me ocorreu. Você tem um minuto?

Erik pode ouvir o som de uma cadeira sendo arrastada no chão e depois um suspiro quando Joona se senta.

— Certo — diz ele. — Continue.

— Quando estávamos em Värmdö e, do carro, notei a presença de Evelyn, eu a vi andando entre as árvores, na direção da cabana, arrastando a espingarda pelos arbustos.

— E?

— É essa a forma de se carregar uma arma se você teme que alguém possa surpreendê-la, possa matá-la?

— Não — responde Joona.

— Acho que ela tinha ido à floresta para se matar — diz Erik. — Os joelhos dos jeans estavam molhados. Ela provavelmente se ajoelhou no chão molhado com a arma apontada para a testa ou o peito, mas mudou de ideia e não conseguiu ir até o fim. É o que eu acho.

Erik para de falar. Pode ouvir Joona respirando com esforço do outro lado da linha. O alarme de um carro dispara na rua.

— Obrigado — diz Joona. — Vou bater um papo com ela.

32

sexta-feira, 11 de dezembro: tarde

O interrogatório com Evelyn será conduzido em um dos escritórios da ala de custódia. Para tornar aquela sala deprimente um pouco mais convidativa, alguém colocou na mesa uma lata vermelha de biscoitos natalinos de gengibre e velas elétricas festivas da IKEA brilham nas janelas. Evelyn e seu advogado já estão sentados quando Joona começa a gravar.

— Sei que essas perguntas podem ser difíceis para você, Evelyn — diz ele em voz baixa —, mas ficaria grato se as respondesse mesmo assim, o melhor que puder.

Evelyn não responde e baixa o olhar para os joelhos.

— Porque acho que não é do seu interesse permanecer calada — acrescenta.

Ela não reage, mas mantém o olhar fixo nos joelhos. O advogado, um homem de meia-idade com vestígios de barba no rosto, olha impassível para Joona.

— Pronta para começar, Evelyn? — pergunta Joona.

Ela balança a cabeça. Ele espera. Depois de algum tempo, ela levanta o queixo e o encara.

— Você foi para a floresta com a arma para se matar, não é?

— Sim — sussurra.

— Fico contente por não ter ido até o fim.

— Eu não.

— Foi a primeira vez que tentou cometer suicídio?

— Não.

— Antes dessa ocasião?

Ela assente.

— Mas não antes de Josef aparecer com o bolo?

— Não.

— O que ele disse a você quando foi lá?

— Não quero pensar sobre isso.

— Sobre isso o quê? Sobre o que ele disse?

Evelyn se empertiga na cadeira e contrai os lábios.

— Não lembro — diz, de forma quase inaudível. — Estou certa de que não foi nada especial.

— Você ia atirar em si mesma, Evelyn — Joona relembra.

Ela se levanta, vai até a janela, desliga as velas elétricas e, concentrada, caminha de volta a sua cadeira, e senta-se com os braços dobrados sobre a barriga.

— Você não pode me deixar em paz?

— É o que realmente quer?

Ela assente sem olhar para ele.

— Precisa de uma pausa? — pergunta o advogado.

— Não sei qual é o problema do Josef — diz Evelyn em voz baixa. — Há alguma coisa errada na cabeça dele. Quando ele brigava, ainda pequeno, batia com muita força. Não ficava apenas com raiva, como os garotinhos ficam. Ele tentava machucar você. Era perigoso. Destruía todas as minhas coisas. Eu não conseguia ter nada.

A boca treme.

— Quando ele tinha 8 anos… Quando tinha 8 anos, ele me procurou. Queria que nos beijássemos. Talvez não fosse tão ruim, mas eu não queria, e ele continuava insistindo. Eu tinha medo dele. Ele fazia coisas esquisitas. Entrava sorrateiramente no meu quarto à noite quando eu estava dormindo, me mordia e fazia sangrar. Comecei a reagir. Eu ainda era mais forte do que ele.

Ela enxuga as lágrimas que escorrem pelo rosto e continua.

— E ficou pior. Ele queria ver meus seios. Tentava entrar no banho comigo. Disse que se eu não fizesse o que queria ele iria machucar Buster. — Faz uma pausa para enxugar mais lágrimas. — Ele matou meu cachorro e o jogou de um viaduto!

Ela levanta com um pulo e de novo vai até a janela.

— Ele devia ter uns 12 anos quando…

Ela perde a voz e geme baixinho antes de continuar.

— Quando ele perguntou se podia colocar o pau na minha boca. Eu disse que era nojento. Então ele foi ao quarto da minha irmã mais nova e começou a bater nela. Ela tinha apenas 2 anos.

Evelyn chora e depois se recompõe.

— Ele me fazia assistir enquanto tocava punheta, várias vezes por dia. Se eu dissesse não, ele batia na minha irmã, dizia que a mataria. Alguns meses depois ele começou a querer fazer sexo comigo. Todo dia. Ele me ameaçava. Mas eu arrumei uma resposta. Não sei como funcionou, mas disse que ele ainda não tinha idade legal para fazer sexo e por isso era contra a lei. Eu não faria algo ilegal.

Ela enxuga as lágrimas novamente.

— Ele pareceu aceitar isso, não sei por quê. Achei que as demandas cessariam. Também achei, se é que você pode acreditar, que ele havia *superado*, que era uma *fase*. Então me mudei. Um ano se passou, mas então ele começou a me ligar, lembrando que logo faria 15 anos. Foi quando me escondi. Não sei como ele descobriu que eu estava na cabana.

Ela soluça com a boca aberta.

— Ai, meu Deus!

— Então ele a ameaçou — diz Joona. — Ameaçou matar a família inteira caso você não…

— Ele não disse isso! — grita ela. — Disse que iria começar com papai. É tudo culpa minha. Eu só quero morrer…

Ela escorrega para o chão e se encolhe junto à parede.

33

sexta-feira, 11 de dezembro: tarde

Joona senta-se em seu escritório e olha para as mãos. Uma delas ainda segura o telefone. Quando informou a Jens Svanehjälm da súbita mudança de ideia de Evelyn, Jens escutou em silêncio, suspirando severamente enquanto Joona apresentava o motivo cruel por trás do crime.

— Para ser totalmente honesto, Joona — disse ele por fim —, tudo isso é um pouco delicado, tendo em mente que Josef Ek acusou a irmã de estar por trás de toda a violência. Precisamos mesmo é de uma confissão ou de algum tipo de prova técnica.

Joona olha ao redor da sala, esfrega o rosto com a mão e então liga para Daniella Richards a fim de marcar um momento adequado para continuar o interrogatório com Josef, quando o suspeito tiver um volume menor de analgésicos no corpo.

— A cabeça precisa estar clara — explica Joona.

— Você pode vir às 17 horas — diz Daniella.

— Esta tarde?

— Ele não tomará outra dose de morfina antes das 18 horas. Ela terá se dissipado por volta da hora do chá.

Joona confere o relógio. São 14h30.

— Seria perfeito para mim — diz.

Depois da conversa com Daniella Richards, Joona telefona para Lisbet Carlén e a informa do horário.

Ele pega uma maçã no cesto de frutas da sala dos funcionários. Quando volta ao escritório seu lugar está ocupado por Erixon, o técnico responsável pela cena do crime. Seu corpo inteiro está apertado contra a escrivaninha. O rosto é vermelho-vivo, e ele bufa quando dá um aceno cansado para Joona.

— Se você enfiar essa maçã na minha boca terá um leitão prontinho para o Natal — diz ele.

— Ah, cale a boca — diz Joona, dando uma mordida.

— Eu mereço — diz Erixon. — Desde que abriu aquele tailandês na esquina eu engordei 11 quilos.

Joona dá de ombros e diz:

— A comida é realmente boa.

— É de primeira, cacete.

— E então, o que descobriu no vestiário feminino? — pergunta Joona.

Erixon ergue uma das mãos roliças em um gesto defensivo.

— Não diga *O que eu disse?*.

Joona sorri e responde de maneira diplomática:

— Veremos.

— Certo — diz Erixon, enxugando o suor das bochechas. — Havia pelos pertencentes a Josef Ek no ralo, e sangue do pai entre os azulejos no piso.

— O que eu disse? — diz Joona, exultante.

No elevador, descendo para o saguão, Joona liga de novo para Jens Svanehjälm.

— Bom você ter ligado — diz Jens. — Estou aturando um monte de merda sobre esse negócio da hipnose. Estão dizendo que devemos jogar fora a investigação preliminar sobre Josef, que isso vai custar dinheiro e…

— Espere.

— Mas eu decidi…

— Jens?

— O quê? — responde ele, irritado.

— Temos provas técnicas — diz Joona, sério. — Podemos ligar Josef Ek à primeira cena do crime e ao sangue do pai.

O promotor-chefe Jens Svanehjälm respira severamente do outro lado da linha.

— Joona, você sabe que telefonou em cima da hora.

— Mas a tempo.

— Sim.

Eles estão prestes a desligar quando Joona fala:

— O que eu disse?

— O quê?

— Eu estava certo, não estava?

Há um silêncio do outro lado da linha. Então Jens diz, de forma lenta e deliberada:

— Sim, Joona, você estava certo.

Eles terminam a conversa e o sorriso desaparece do rosto do detetive. Ele caminha ao longo da parede de vidro com vista para o pátio e confere o relógio mais uma vez. Precisa chegar ao Museu Nórdico em meia hora.

34

sexta-feira, 11 de dezembro: tarde

Joona sobe a escadaria do museu e segue pelos compridos corredores vazios, passando por centenas de vitrines iluminadas sem sequer olhar para elas. Ele não vê as ferramentas, os tesouros ou os belos exemplos de artesanato; não percebe as exposições, os trajes típicos ou as grandes fotografias.

O guarda já havia colocado uma cadeira junto à vitrine mal iluminada. Sem dizer uma palavra, Joona senta-se da maneira habitual e contempla o arranjo de cabeça nupcial sami, costurado pelos descendentes dos povos nativos da península escandinava. Frágil e delicado, ele se abre em um círculo perfeito. As peças de renda lembram um botão de flor, ou duas mãos juntas com os dedos levantados. Joona move a cabeça lentamente, para que a luz se desloque de modo gradual. O adorno foi tecido com raízes, amarrado à mão. O material foi desenterrado, mas brilha como ouro.

O presente passou, mas a lembrança permanece, sem misericórdia.

Ele está dirigindo um carro, a chuva parou, mas as poças d'água brilham como fogo ao entardecer. Tudo é maravilhosamente belo, e então desaparece para sempre.

Dessa vez Joona fica sentado em frente à vitrine por uma hora antes de se levantar, acenar para o guarda e sair devagar do museu. A neve que começa a derreter no chão está suja e ele pode sentir o cheiro de diesel de um barco sob a ponte Djurgårdsbron. Ele está seguindo para Strandvägen quando seu celular toca. É Nils Åhlén, o médico-chefe.

— Fico feliz de encontrá-lo — diz Agulha quando Joona atende.

— Terminou a necrópsia?

— Mais ou menos.

Joona vê um jovem pai na calçada, balançando um carrinho de bebê para fazer o filho rir. Uma mulher está imóvel em uma janela, olhando para a rua. Quando os olhares deles se cruzam ela imediatamente dá um passo para dentro do apartamento.

— Encontrou algo inesperado? — pergunta Joona.

— Bem, não sei…

— Mas?

— Joona, esses corpos foram submetidos a muita violência. Sobretudo a garotinha.

— Sei disso — diz Joona.

— Muitos dos ferimentos foram infligidos por puro prazer. É chocante.

— Sim — concorda Joona, pensando em como as coisas pareciam quando ele chegou às cenas dos crimes: os policiais chocados, o clima de caos no ar, os corpos lá dentro. Ele se lembra das bochechas pálidas de Lillemor Blom fumando do lado de fora, as mãos trêmulas. Lembra-se de como o sangue esguichara nos vidros das janelas e escorrera pelas portas até o pátio nos fundos da casa.

— E há esse corte bastante cirúrgico no estômago — diz Agulha.

— Chegou a alguma conclusão sobre isso?

Agulha suspira.

— Bem, foi como pensamos. O corte foi feito cerca de duas horas após a morte. Alguém virou o corpo e usou uma faca afiada para abrir a antiga cicatriz de cesariana — diz, folheando seus papéis. — Contudo, nosso criminoso não sabe muito sobre *cesariana*. Katja Ek tinha uma cicatriz de cesariana de emergência descendo do umbigo em linha vertical.

— E?

Agulha bufa de forma audível.

— Bem, a questão é que o corte no útero sempre é horizontal, mesmo que o corte na barriga seja vertical.

— Mas Josef não sabia disso — diz Joona.

— Não — responde Agulha. — Ele simplesmente abriu a barriga sem se dar conta de que uma cesariana sempre envolve duas incisões, uma na barriga e outra no útero.

— Há algo mais que eu precise saber de imediato?

— Talvez o fato de que ele atacou os corpos por um tempo atipicamente longo: apenas continuou golpeando. Todos estavam mortos havia muito tempo quando ele terminou. Ele deve ter ficado cada vez mais cansado. Esse tipo de violência exige muito da pessoa. Mas não conseguiu ficar satisfeito: sua fúria não deu sinais de diminuir.

Eles ficam em silêncio. Joona continua seguindo pela Strandvägen. Começa a pensar novamente em seu último interrogatório com Evelyn.

— Seja como for, eu só queria confirmar esse assunto da cesariana — conclui Agulha após algum tempo. — O fato de o corte ter sido feito cerca de duas horas após a morte.

— Obrigado, Nils — diz Joona.

— Você receberá meu relatório completo de manhã.

Joona tenta se lembrar do que Evelyn dissera sobre a cesariana da mãe quando estava caída no chão junto à parede da sala de interrogatório, falando sobre o ciúme patológico que Josef sentia da irmã menor.

— Há algo errado na cabeça de Josef — sussurrara ela. — Sempre houve. Lembro que quando ele nasceu mamãe estava realmente doente. Não sei o que era, mas tiveram de fazer uma cesariana de emergência. — Evelyn balançou a cabeça e sugou os lábios antes de continuar. — Sabe o que é uma cesariana de emergência?

— Mais ou menos — respondeu Joona.

— Algumas vezes… Algumas vezes pode haver complicações quando você dá à luz assim — disse Evelyn, olhando envergonhada para ele.

— Quer dizer que o bebê pode ficar sem oxigênio, esse tipo de coisa? — perguntou Joona.

Ela sacudiu a cabeça e enxugou as lágrimas do rosto.

— Não com o bebê. A mãe pode ter problemas psicológicos. Eu li sobre isso. Uma mulher que tem um parto difícil e de repente é anestesiada para uma cesariana às vezes tem problemas depois.

— Depressão pós-parto?

— Não exatamente — disse Evelyn, a voz pastosa e pesada. — Minha mãe desenvolveu uma psicose depois de dar à luz Josef. Não perceberam na maternidade e deixaram que ela o levasse para casa. Eu tinha apenas 8 anos, mas percebi imediatamente. Tudo estava errado. Ela não dava nenhuma

atenção a ele, não o tocava, ficava apenas deitada na cama chorando sem parar. Eu é que cuidei dele.

Evelyn então olhou para Joona e sussurrou o resto.

— Mamãe dizia que ele não era dela. Dizia que seu filho de verdade estava morto. Ela acabou precisando ser internada.

Evelyn sorriu de maneira irônica ao mencionar a enorme unidade psiquiátrica.

— Mamãe voltou para casa depois de mais ou menos um ano. Fingiu que tudo tinha voltado ao normal, mas na realidade continuou a negar a existência dele.

— Então você acha que sua mãe não se recuperou de verdade? — perguntou Joona.

— Ela estava bem, pois quando teve Lisa tudo foi diferente. Ficou muito feliz com Lisa. Fez tudo para ela.

— E você fez tudo para Josef.

— Eu cuidei dele, alguém tinha de cuidar, mas ele começou a dizer que mamãe devia tê-lo dado à luz do jeito certo. Para Josef, o que explicava a injustiça de tudo era que Lisa tinha nascido *pela boceta dela*, e ele não. Era o que ele dizia o tempo todo: mamãe devia tê-lo dado à luz pela boceta…

A voz de Evelyn então morreu. Ela virou o rosto para a parede e Joona olhou para os ombros curvados e tensos sem ousar tocá-la.

35

sexta-feira, 11 de dezembro: noite

Pela primeira vez não há um silêncio absoluto na unidade de tratamento intensivo do Hospital Universitário Karolinska quando Joona chega. Alguém ligou a televisão na sala comunitária e Joona pode ouvir o barulho de talheres nos pratos do jantar. O aroma de comida de hospital se espalha pela ala.

Ele pensa em Josef abrindo a velha cicatriz de cesariana na barriga da mãe: sua passagem para a vida, aquela que o condenou a uma existência sem mãe.

O garoto deve ter percebido muito pequeno que não era como as outras crianças. Joona pensa na solidão infinita de um garoto rejeitado pela mãe. Uma pessoa que foi a favorita inquestionável da mãe mantém por toda a vida a sensação de ser uma conquistadora, mas o contrário resulta não apenas na ausência dessa sensação, mas na presença de uma escuridão ativa. A única que deu amor e cuidados a Josef foi Evelyn, e ele não podia suportar ser rejeitado por ela. O menor indício de que estava se distanciando dele o lançava em desespero e raiva, e sua fúria era dirigida cada vez mais à tão amada irmã menor.

Joona cumprimenta Sunesson, o policial de plantão de pé do lado de fora do quarto de Josef Ek, depois olha para o garoto. Um pesado suporte de soro junto à cama fornece líquidos e plasma sanguíneo. Os pés do garoto se projetam para fora do cobertor azul-claro. As solas estão sujas, cabelos e grãos de terra e lixo grudados no esparadrapo cirúrgico que cobre os pontos. A televisão está ligada, mas ele não parece estar assistindo a nada.

A assistente social, Lisbet Carlén, já está no quarto. Ainda não notou a presença de Joona. Está de pé junto à janela, ajeitando um prendedor no cabelo.

Josef está novamente sangrando de um dos cortes. O sangue corre por seu braço e pinga no chão. Uma enfermeira mais velha se inclina sobre o

garoto, cuidando dos curativos. Solta as compressas, cobre os ferimentos de novo, limpa o sangue e sai do quarto.

— Desculpe-me — diz Joona, interceptando-a no corredor.

— Sim?

— Como ele está? Como está a situação de Josef?

—Precisará falar com a médica encarregada — responde a enfermeira, partindo.

— Falarei — diz Joona, com um sorriso e seguindo atrás dela. — Mas há algo que eu gostaria de mostrar a ele. Seria possível ele se locomover? Em uma cadeira de rodas, é claro.

A enfermeira para de repente e responde com um gesto negativo.

— O paciente não deve ser deslocado em circunstância alguma — diz com firmeza. — Que ideia ridícula. Ele sente muitas dores, não consegue se movimentar, poderia haver novos sangramentos ou hemorragia caso se sentasse.

Joona retorna ao quarto de Josef, entra sem bater e desliga a TV. Liga o gravador, murmura data, hora e os presentes, depois senta-se. Josef abre os olhos pesados e olha para ele com algum desinteresse. O dreno no peito borbulha e emite um som agradável.

— Você terá alta logo — diz Joona.

— Bom — diz Josef sem muita força.

— Contudo, será imediatamente colocado sob custódia policial.

— O que isso quer dizer? Lisbet disse que o promotor não estava pronto para fazer nada — diz Josef, olhando para a assistente social.

— Isso foi antes de termos uma testemunha.

Josef fecha os olhos devagar.

— Quem?

— Conversamos bastante, você e eu — diz Joona. — Mas talvez você queira mudar algo que já tenha dito ou acrescentar algo que não falou.

— Evelyn — sussurra ele.

— Você vai ficar preso por muito tempo.

— Você está mentindo.

— Não, Josef, estou dizendo a verdade. Acredite em mim. Você será preso, e agora tem direito a representação legal.

Josef tenta erguer a mão, mas não tem forças.

— Você a hipnotizou — diz, com um sorriso.

Joona balança a cabeça para negar.

— É a palavra dela contra a minha — diz Josef.

— Não exatamente — diz Joona, contemplando o rosto limpo e pálido do garoto. — Também temos provas periciais.

Josef trinca os dentes com força.

— Não tenho muito tempo, mas, se houver algo que queira me dizer, posso ficar um pouco mais — diz Joona com simpatia.

Ele permite que meio minuto se passe, tamborilando no braço da cadeira, depois se levanta, pega o gravador e deixa o quarto acenando rapidamente para a assistente social.

No carro, do lado de fora do hospital, Joona especula se deveria mesmo ter confrontado Josef com a história de Evelyn, apenas para ver sua reação. Josef Ek apresenta uma arrogância latente que poderia levá-lo a se incriminar caso fosse suficientemente provocado.

Durante algum tempo, pensa em entrar de novo, mas não quer se atrasar para o jantar com a namorada. Josef Ek ficará para a próxima vez.

36

sexta-feira, 11 de dezembro: noite

Está escuro e enevoado quando Joona estaciona o carro diante do prédio bege de Disa em Lützengatan. Ele se sente enregelar enquanto vai até a porta da frente, olhando para a grama congelada e os galhos negros das árvores.

Tenta se lembrar de Josef deitado na cama, mas só consegue imaginar o dreno no peito, borbulhando e chacoalhando. Mas Joona tem a sensação de que viu algo importante sem compreender. A impressão de que algo não está certo continua a incomodá-lo enquanto pega o elevador até o apartamento de Disa e toca a campainha. Enquanto espera, Joona ouve alguém no andar de cima suspirando de modo espasmódico ou chorando baixo. Disa abre a porta parecendo estressada, vestindo apenas sutiã e meia-calça.

— Imaginei que você fosse se atrasar — explica ela.

— Bem, em vez disso me adiantei um pouco — diz Joona, beijando-a alegremente na bochecha.

— Talvez você possa entrar e fechar a porta antes que todos os vizinhos vejam a minha bunda.

A sala de visitas cheira a comida. A franja de um lustre rosa raspa no alto da cabeça de Joona.

— Estou fazendo linguado com amêndoas e batatas — anuncia Disa.

— Com manteiga derretida?

— E cogumelos e salsa.

— Que delícia.

O quarto e sala está bastante acabado, mas com uma elegância que lhe é inerente: pé-direito alto com lambris de madeira envernizada, um belo piso de parquê encerado e janelas de teca.

Joona segue Disa até o quarto, ainda tentando se lembrar do que tinha visto no quarto de Josef. O laptop de Disa está no meio da cama desfeita, com livros e folhas de papel espalhados ao redor.

Ele se instala em uma poltrona e espera que ela termine de se vestir. Sem dar uma palavra, ela se vira de costas para que ele feche o zíper de um vestido justo e de corte simples.

Joona olha para os livros abertos de Disa e vê uma grande foto em preto e branco de um túmulo. Um grupo de homens, arqueólogos, vestindo roupas dos anos 1940, caminha na direção do fundo da fotografia, olhando para o fotógrafo. É como se o sítio tivesse começado a ser escavado. A superfície do terreno está marcada com dezenas de pequenas bandeiras.

— São os túmulos — diz ela em voz baixa. — As bandeiras mostram a localização das covas. O homem que conduziu a escavação desse sítio se chamava Hannes Müller. Morreu há pouco tempo, mas tinha pelo menos 100 anos. Trabalhou no instituto até o fim. Parecia uma amável tartaruga velha.

Ela fica de pé na frente do espelho, arruma os cabelos lisos em duas tranças finas e se vira para ele.

— Como estou?

— Linda — diz Joona.

— Que bom — responde ela com tristeza. — Como está sua mãe?

Joona segura a mão dela.

— Está bem — sussurra. — Mandou dizer que gosta muito de você.

— Que gentil. O que mais ela disse?

— Disse que você não deveria se envolver comigo.

— Não — diz Disa com melancolia. — Ela está certa, claro.

Passa os dedos lentamente pelos cabelos grossos e emaranhados dele. Sorri para ele de repente, depois vai até o laptop, desliga-o e coloca-o no gaveteiro.

— Você sabia que segundo o direito pré-cristão os bebês recém-nascidos não eram considerados indivíduos plenos até serem levados ao peito? Era admissível deixar um bebê na floresta no intervalo entre o nascimento e a primeira amamentação.

— Então você se tornava uma pessoa por escolha dos outros — diz Joona lentamente.

Disa abre o guarda-roupa, tira uma caixa de sapatos e pega um par de sandálias marrom-escuras com tiras macias e belos saltos feitos com lascas de diferentes tipos de madeira.

— Novas? — pergunta Joona.

— Sergio Rossi. Um presente que dei a mim mesma por ter um trabalho tão pouco glamouroso — responde. — Passo dias inteiros rastejando em um campo enlameado.

— Ainda está em Sigtuna?

— Sim.

— O que encontraram?

— Conto quando estivermos comendo.

Ele aponta para as sandálias dela.

— Muito bonitas — diz, levantando-se da poltrona.

Disa vira-se com um sorriso malicioso.

— Desculpe-me, Joona — fala por sobre o ombro —, mas acho que não fazem no seu número.

Ele de repente fica imóvel.

— Espere — diz, esticando o braço para se apoiar na parede.

Disa está olhando para ele intrigada.

— Foi só uma piada — explica.

— Não, não, são os pés dele!

Joona passa por ela em direção ao corredor, tira o telefone do bolso do sobretudo, liga para o Controle Central e informa calmamente que Sunesson precisa de reforço imediato no hospital.

— O que está acontecendo? — pergunta Disa.

— Os pés dele estavam muito sujos — conta Joona. — Disseram que ele não podia se movimentar, mas ele saiu da cama. Saiu da cama e andou.

Joona liga para Sunesson, e, como ninguém atende, pega o paletó, murmura um pedido de desculpas e desce as escadas correndo.

37

sexta-feira, 11 de dezembro: noite

Aproximadamente na mesma hora em que Joona toca a campainha de Disa, Josef Ek senta-se na cama no quarto do hospital.

Na noite anterior, ele verificara se conseguiria andar: colocou os pés no chão e ficou parado em pé por um longo tempo com as mãos apoiadas na estrutura da cama, enquanto a dor de seus muitos ferimentos corria por ele como óleo fervente e a perfuração lancinante no fígado atingido deixava tudo negro. Mas podia andar. Esticara os tubos do soro e do dreno no peito, verificara o que havia no armário e voltara para a cama.

Haviam se passado trinta minutos desde que a enfermeira do turno da noite entrara para ver como ele estava. O saguão está quase em silêncio. Josef lentamente puxa o tubo intravenoso de seu pulso, sente a sucção do tubo deixando seu corpo. Um pouco de sangue pinga em seu joelho.

Não dói tanto quando sai da cama dessa vez. Ele se movimenta rigidamente até o armário com os bisturis e as seringas que tinha visto em meio a compressas e rolos de ataduras de gaze. Empurra algumas seringas para dentro do amplo bolso de seu avental hospitalar. Com as mãos trêmulas, abre o pacote de um bisturi e corta o tubo do dreno no pulmão. O sangue viscoso escorre, e seu pulmão esquerdo murcha de maneira lenta. Ele pode sentir a dor atrás de uma omoplata e tosse levemente, mas na verdade não está consciente da diferença, da capacidade pulmonar reduzida.

Repentinamente ouve passos no corredor, solas de borracha sobre o piso vinílico. Com o bisturi na mão, Josef se coloca atrás da porta, olha pelo vidro e espera.

A enfermeira para e conversa com o policial de plantão. Josef pode ouvi-los rindo de algo.

— Mas eu parei de fumar — diz ela.

— Se você tiver um adesivo de nicotina eu não recusaria — continua o policial.

— Também parei com eles — retruca. — Mas dê uma saída se precisar, eu fico um pouco por aqui.

— Cinco minutos — diz o policial, ansioso.

Ele sai, há um barulho de chaves e a enfermeira entra no quarto folheando alguns papéis. Ela ergue os olhos, chocada. Os pés de galinha nos cantos dos olhos ficam mais visíveis quando a lâmina do bisturi corta sua garganta. Ele está mais fraco do que pensara e tem de golpeá-la várias vezes. A súbita violência de seus movimentos força os ferimentos no corpo, e transmite uma espécie de choque que o perpassa. A enfermeira não cai de imediato, tenta se segurar nele. Os dois caem no chão juntos. O corpo dela está todo suado, fervente. Ele tenta se levantar, mas escorrega no cabelo dela, que está espalhado em um grande buquê louro. Quando arranca o bisturi da garganta, ela emite um som de assovio e as pernas fazem movimentos bruscos. Josef fica olhando para ela de pé por um tempo antes de sair para o corredor. O vestido dela subiu, e ele pode ver claramente a calcinha rosa entre as coxas.

Ele segue pelo corredor. Vira à direita, encontra roupas limpas em um carrinho e as veste. A alguma distância, uma mulher baixa e corpulenta move um esfregão para a frente e para trás no piso vinílico brilhante. Ouve música com fones de ouvido. Chegando mais perto, Josef fica atrás dela e tira uma seringa descartável do bolso, golpeia várias vezes o ar às suas costas, parando sempre pouco antes de tocar nela. Ela continua a esfregar o chão sem nada perceber. Josef pode ouvir uma batida leve saindo dos fones. Recoloca a seringa no bolso e empurra a mulher para o lado ao passar. Ela quase cai e xinga em espanhol. Josef para e se vira para encará-la.

— O que você disse? — pergunta ele.

Ela tira os fones e o olha de boca aberta.

— Você disse alguma coisa? — repete.

Ela balança a cabeça rapidamente e continua a limpeza. Josef fica olhando por algum tempo, depois retoma seu caminho em direção ao elevador.

38

sexta-feira, 11 de dezembro: noite

Joona Linna dirige pela Valhallavägen em alta velocidade, passando pelo estádio em que foram disputadas as Olimpíadas de 1912 e troca de faixa para ultrapassar um grande Mercedes. Vê com o canto do olho a fachada de tijolos iluminada da Sophiahemmet piscando entre as árvores. Os pneus rugem sobre uma grande placa de metal. Ao pisar no acelerador, ultrapassa um ônibus prestes a sair de um ponto. Com raiva, o motorista aperta a buzina demoradamente enquanto Joona passa na frente dele. A água cinzenta de uma poça é lançada sobre os carros estacionados e a calçada em frente à Universidade de Tecnologia.

Joona ultrapassa um sinal fechado na Norrtull, passa pelo Stallmästaregården e chega a quase 180 quilômetros por hora no trecho curto da Uppsalavägen, antes de reduzir ao chegar à rampa de saída que mergulha sob a autoestrada e leva ao hospital Karolinska.

Enquanto estaciona perto da entrada principal, avista várias viaturas policiais com luzes azuis piscando sobre a fachada marrom do hospital como se fossem asas medonhas batendo. Repórteres e equipes de TV cercam um grupo de enfermeiras que tremem do lado de fora das grandes portas, o medo estampado em seus rostos. Duas delas choram abertamente diante das câmeras.

Joona tenta entrar, mas logo é detido por um jovem policial que bate os pés por causa de um choque ou de agitação.

— Fora — diz o policial, empurrando-o.

Joona olha nos olhos azul-claros perplexos. Ele tira a mão de seu peito e diz calmamente.

— DIC Nacional.

Há uma ponta de suspeita nos olhos azul-claros.

— Identificação, por favor.

— Joona, entre, aqui.

Carlos Eliasson, chefe do DIC Nacional, acena na direção dele sob a luz amarelo-clara da mesa da recepção. Ele pode ver, através do vidro, Sunesson sentado em um banco chorando, o rosto enrugado. Um colega mais moço está ao lado dele e coloca o braço sobre seus ombros.

Joona mostra sua identificação e o policial abre passagem, a expressão séria. Grandes áreas da entrada foram isoladas com fita policial. Os flashes das câmeras dos jornalistas disparam do lado de fora das paredes de vidro, enquanto do lado de dentro a equipe de peritos tira suas fotografias.

Carlos chefia a investigação e é o responsável pela abordagem estratégica geral e pelos detalhes técnicos imediatos. Ele dá instruções rápidas ao coordenador de cena de crime e depois se volta para Joona.

— Você o pegou? — pergunta Joona.

— Temos testemunhas que o viram sair usando um andador com rodas. Estava no ponto de ônibus — diz Carlos, consultando suas anotações. — Desde então, dois ônibus saíram, mais sete táxis e veículos de transporte de pacientes… E provavelmente uma dúzia de carros particulares, mas apenas uma ambulância.

— Fechou as saídas?

— Tarde demais para isso.

Um policial uniformizado é chamado.

— Rastreamos os ônibus, sem sorte — diz ele.

— E quanto aos táxis? — pergunta Carlos.

— Já verificamos as companhias Taxi Stockholm e Taxi Kurir, mas…

O policial agita a mão impotente, como se não lembrasse mais do que estava para dizer.

— Entrou em contato com Erik Maria Bark? — pergunta Joona.

— Ligamos para ele imediatamente. Ninguém atendeu, mas estamos tentando encontrá-lo.

— Ele precisa de proteção.

— Rolle! — grita Carlos. — Localizou Bark?

— Acabei de ligar — responde Roland Svensson.

— Tente de novo — diz Joona.

— Preciso falar com Omar no Controle Central — diz Carlos, olhando ao redor. — Precisamos dar um alerta nacional.

— O que você quer que eu faça?

— Fique aqui, veja se deixei passar alguma coisa — orienta Carlos. Ele chama Mikael Verner, um dos técnicos da divisão de homicídios.

— Diga ao detetive Linna o que você descobriu até agora — ordena Carlos.

Verner olha para Joona com um rosto inexpressivo e diz com a voz nasalada:

— Uma enfermeira morta… Várias testemunhas viram o suspeito saindo com um andador com rodas.

— Mostre — diz Joona.

Eles vão juntos até a saída de incêndio, já que os elevadores ainda estão sendo examinados.

Joona observa as pegadas vermelhas deixadas pelos pés descalços de Josef Ek a caminho da saída. Há um cheiro de eletricidade e morte. Uma marca de mão ensanguentada na parede sugere que ele tropeçou ou precisou se apoiar. Joona vê sangue na porta de metal do elevador e o que parece uma mancha de gordura de uma testa e da ponta de um nariz.

Seguem pelo corredor e param na entrada do quarto onde ele falou com Josef apenas uma hora antes. Uma poça de sangue quase preto cerca o corpo no chão.

— Era enfermeira — diz Verner secamente. — Ann-Katrin Eriksson.

Joona olha os cabelos louro-claros e os olhos sem vida da mulher morta. O uniforme está levantado até os quadris. Como se o assassino tivesse tentado levantar seu vestido, pensa.

— Parece provável que a arma do crime tenha sido um bisturi — diz Verner.

Joona murmura algo, pega o telefone e liga para as celas de detenção em Kronoberg. Uma voz masculina sonolenta atende, dizendo algo que Joona não ouve.

— Aqui é Joona Linna — ele se identifica rapidamente. — Preciso saber se Evelyn Ek ainda está aí.

— O quê?

Joona repete a pergunta.

— Evelyn Ek ainda está aí?

— Você tem de perguntar ao oficial de serviço — responde a voz amargamente.

— Passe para ele, por favor.

— Só um minuto — diz o homem, pousando o telefone.

Joona ouve o policial se afastar, seguido pelo rangido de uma porta. Há então um diálogo, e algo bate. Joona confere o relógio. Já está no hospital há dez minutos.

Ele segue para a entrada principal, mantendo o telefone no ouvido.

— Kronoberg — diz uma voz simpática.

— Joona Linna, DIC Nacional. Preciso saber da situação de um de seus detentos: Evelyn Ek — diz ele rapidamente.

— Evelyn Ek — diz a voz, de modo pensativo. — Certo, sim. Nós a soltamos. Não foi fácil. Ela queria ficar aqui.

— E vocês simplesmente a colocaram na rua?

— Não, não, o promotor estava aqui. Ela está — Joona ouve páginas sendo viradas — em um de nossos apartamentos de segurança.

— Bom — diz ele. — Coloque alguns policiais do lado de fora do apartamento onde ela está. Você me ouviu?

— Não somos idiotas.

Joona encontra Carlos, que analisa algo com bastante atenção na tela de seu laptop. Tenta chamar a atenção dele, mas, como não consegue, segue em frente, passando pelas portas de vidro.

Pelo rádio da polícia de Joona, Omar, do Controle Central, repete a palavra de código Eco, nome para o uso de unidades com cães. Joona imagina que já tenham rastreado a maioria dos carros, sem resultado.

Ele vai até o andador abandonado no ponto de ônibus e olha ao redor. Ele ignora as pessoas que observam do outro lado do cordão policial, as luzes azuis piscantes e o movimento agitado dos policiais, ignora o flash das câmeras dos jornalistas, permitindo que seu olhar passeie pelo estacionamento e os espaços entre os vários prédios do complexo hospitalar.

Joona parte, passando por cima da fita que isola a área. Abre caminho entre o grupo de curiosos e se encaminha para o Cemitério Norte, seguindo a cerca e olhando entre as silhuetas negras de árvores e lápides. Uma teia de

trilhas, algumas mais iluminadas do que outras, estende-se por uma área de mais ou menos 60 hectares, com jardins, um crematório e trinta mil túmulos.

39

sexta-feira, 11 de dezembro: noite

Joona passa pela cabine junto ao portão do grande cemitério, aperta o passo, olha para o pálido obelisco de Alfred Nobel e avança, passando pela enorme cripta.

Em meio ao silêncio, o vento sopra pelos galhos nus das árvores e os próprios passos ecoam levemente entre lápides e cruzes. Algum tipo de veículo pesado ronca ao longe na estrada. Algo estala entre as folhas secas sob um arbusto. Aqui e ali, velas queimam junto aos túmulos em recipientes de vidro embaçados.

Joona segue para a extremidade leste do cemitério, a área voltada para a rampa de acesso à estrada. De repente, vê um vulto branco movendo-se na escuridão entre as lápides altas, em direção à administração do cemitério, a uns 350 metros de distância. Ele para e tenta focalizar. A figura tem uma forma angulosa e curvada. Joona começa a correr entre monumentos, jardins, chamas bruxuleantes e anjos esculpidos. Ele vê a figura esguia cruzar rapidamente a grama congelada, as roupas brancas adejando ao seu redor.

— Josef! — grita Joona. — Pare!

O garoto continua avançando, até sumir atrás de um enorme jazigo de família, demarcado com cerca de ferro fundido e cascalho cuidadosamente espalhado. Joona saca a arma, solta a trava de segurança e corre lateralmente, de olho no garoto. Apontando para a coxa direita dele, Joona grita para que ele pare. Mas então uma idosa entra no caminho, o rosto diretamente na linha de tiro. Ela estava curvada sobre um túmulo e se ergueu. Joona sente uma pontada de medo no estômago e baixa a arma.

— Só quero acender uma vela no túmulo de Ingrid Bergman — geme a mulher.

Josef desaparece atrás de uma sebe de ciprestes e Joona vai atrás. Fita a escuridão, procurando. Josef desapareceu entre árvores e lápides. Os poucos postes só iluminam pequenas áreas, como um banco verde de jardim e alguns metros de trilha de cascalho. Joona pega o celular, liga para o Controle

Central e pede reforços imediatos, pelo menos cinco equipes e um helicóptero. Ele sobe rápido a encosta, salta uma cerca baixa e para. Pode ouvir cachorros latindo a distância e cascalho sendo pisado perto dali. Começa a correr nessa direção. Ao perceber um movimento entre as lápides, mantém os olhos fixos na área, tentando chegar mais perto, encontrar uma linha de tiro caso localize o garoto. Há um rugido e melros se lançam ao ar. Uma lata de lixo cai, a tampa rolando pela trilha antes de parar com um barulho estridente.

Então Joona vê Josef correndo atrás de uma sebe marrom coberta de gelo. Está curvado, como se sentisse dor, mas se move depressa. Joona se vira para segui-lo e escorrega, deslizando pela colina e colidindo contra um suporte de regadores e vasos. Quando se levanta, perdeu o garoto de vista. O sangue lateja nas têmporas. A lombar dói no ponto em que ele se chocou, e as mãos estão frias e dormentes.

Joona corre pela trilha de cascalho e olha ao redor. O prédio da administração, para onde Josef parecia estar indo, está a alguma distância. Joona vê um carro da prefeitura atrás dele. Faz um retorno lento, as luzes traseiras vermelhas somem e o facho de luz dos faróis pisca entre as árvores iluminando Josef de repente. Ele está de pé na trilha estreita, cambaleando. A cabeça está bastante baixa, mas ele dá dois passos vacilantes. O carro para e um homem barbado sai.

Correndo o mais rápido possível, Joona grita:

— Polícia!

Mas eles não o escutam.

Ele dá um tiro para o alto, e, assustado, o homem barbado vira a cabeça na direção de Joona. Josef continua avançando e chega mais perto do homem. Algo — um bisturi — em sua mão reluz sob os faróis. É uma questão de segundos. Joona não tem chance de chegar até eles. Ajoelhando-se, ele usa uma lápide como apoio. A distância é de quase 250 metros, seis vezes maior do que a necessária para atirar com precisão. Sua visão está oscilante. É difícil enxergar: ele pisca e fixa o olhar. A figura branco-acinzentada fica mais estreita e escura. Um galho de árvore continua se movendo com o vento na linha de tiro.

O homem barbado se virou para encarar Josef e recua um passo. Joona tenta fazer pontaria e aperta o gatilho. O tiro é disparado e o coice percorre

cotovelo e ombro. A pólvora queima sua mão gelada, mas a bala apenas desaparece entre as árvores sem deixar traços. Enquanto Joona mira novamente, vê Josef acertar o homem barbado no estômago. O homem cai no chão. Joona dispara, a bala passa entre as roupas de Josef, ele cambaleia e solta o bisturi, leva a mão às costas e depois entra no carro da prefeitura. Joona começa a correr na direção da trilha, mas Josef engrenou o carro, manobra por cima das pernas do homem barbado e pisa no acelerador.

Joona para e aponta o pneu da frente, dispara e acerta o alvo. O carro derrapa, mas continua avançando, acelera e desaparece em direção à estrada. Joona guarda a arma, pega o celular e relata a situação ao Controle Central. Pede para falar com Omar, repetindo que precisa de um helicóptero e acrescenta que também precisa de uma ambulância.

O homem barbado ainda está vivo. Sangue escuro escorre do ferimento na barriga, empoçando entre seus dedos, e ele parece ter as duas pernas quebradas.

— Mas era só um garoto — repete o homem com uma voz espantada. — Mas era só um garoto.

— A ambulância está a caminho — diz Joona. Ele afinal ouve o som de um helicóptero acima do cemitério, as hélices rugindo.

É bem tarde quando Joona pega o telefone em seu escritório, disca o número de Disa e espera que ela atenda.

— Me deixe em paz — diz ela com a voz um pouco arrastada.

— Acordei você? — pergunta Joona.

— O que você acha?

Há um breve silêncio.

— A comida estava boa?

— Sim, estava.

— Você entende? Eu realmente precisava ir. — Ele para de falar; pode ouvi-la bocejando e se sentando na cama.

— Você está bem? — pergunta ela.

Joona olha para suas mãos. Apesar de tê-las lavado com cuidado, acha que há um leve cheiro de sangue em seus dedos. Ele tinha ajoelhado ao lado do homem cujo carro Josef Ek roubara, pressionando o ferimento no

estômago dele. O homem mantivera-se consciente o tempo todo, falando de maneira animada e quase ansiosa sobre o filho que acabara de passar nas provas finais da escola e estava prestes a viajar sozinho pela primeira vez para visitar os avós no norte da Turquia. O homem olhara para Joona, vira suas mãos no estômago dele e comentara, espantado, que nem estava doendo.

— Isso não é estranho? — dissera, olhando para Joona com os olhos límpidos e brilhantes de uma criança.

Joona tentara falar calmamente. Explicara ao homem que as endorfinas estavam fazendo com que ele não sentisse dor por ora. Seu corpo estava em choque profundo e escolhera poupar o sistema nervoso de mais estresse.

O homem ficara em silêncio, depois perguntara em voz baixa:

— É assim que é morrer? — Ele quase tentou sorrir para Joona. — Não dói nada? Joona abrira a boca para responder, mas naquele momento a ambulância chegou e ele sentiu alguém gentilmente retirar suas mãos do estômago do homem e levá-lo para o lado enquanto os paramédicos colocavam o homem na maca.

— Joona? — pergunta Disa novamente. — Você está bem?

— Estou bem — diz. Ele a ouve se mover; soa como se estivesse bebendo água.

— Gostaria de outra chance? — pergunta ela por fim.

— Claro que sim.

— Apesar do fato de que você não está nem aí para mim.

— Você sabe que isso não é verdade — responde ele, dando-se conta de repente de quão exausta sua voz soa.

— Desculpe — diz Disa. — Fico contente por você estar bem.

Eles desligam.

Joona permanece sentado por um momento, escutando o silêncio murmurante na delegacia. Depois se levanta, retira a arma do coldre, desmonta-a e, lentamente, começa a limpar e lubrificar cada parte dela. Remonta a pistola, vai até o armário de armas e a tranca. O cheiro de sangue desapareceu. Em vez disso suas mãos agora estão com um cheiro forte de óleo de arma. Ele se senta para escrever um relatório para Petter Näslund, seu superior imediato, explicando por que considerou necessário e justificado disparar sua arma de serviço.

40

sexta-feira, 11 de dezembro: noite

Erik observa as três pizzas sendo assadas e pede mais *pepperoni* para Simone. Seu celular toca e ele verifica a tela. Como não reconhece o número, recoloca o telefone no bolso: provavelmente outro repórter. Não pode suportar mais perguntas no momento. Enquanto caminha para casa com as grandes caixas quentes, tenta planejar a conversa que deseja ter com Simone, explicando que ficou com raiva por ser inocente, que não havia feito o que ela acha que fez, que não a enganou de novo, que a ama. Para diante da floricultura, hesita, depois entra. Há uma pesada doçura no ar dentro da loja, que embaça a vitrine. Ele acabara de decidir comprar um buquê de rosas quando o telefone toca mais uma vez. É Simone.

— Alô?

— Onde você está, afinal?

— A caminho.

— Estamos morrendo de fome.

— Bom.

Ele vai apressado para casa, entra no prédio e espera o elevador. Através da janela amarela brilhante na porta, o mundo exterior parece mágico e encantado. Ele coloca as caixas no chão, abre a porta da lixeira do prédio e joga as rosas fora.

No elevador ele pensa melhor. É possível que ela fosse gostar. É possível que não interpretasse como uma tentativa de suborná-la para evitar um confronto.

Toca a campainha. Benjamin abre a porta e pega as pizzas de sua mão. Erik pendura seu casaco, vai ao banheiro e lava as mãos. Pega uma caixa contendo pequenos comprimidos cor de limão, retira rapidamente três deles da embalagem, engole-os sem água e volta à cozinha.

— Nós nos adiantamos e começamos — avisa Simone.

Erik dá de ombros e olha para os copos com água na mesa.

— Quando foi que nos transformamos em uma família de abstêmios? — Ele vai ao armário e tira duas taças de vinho.

— Boa ideia — diz Simone enquanto ele abre uma garrafa de vinho.

O telefone de Erik toca. Eles se entreolham.

— Não vai atender? — pergunta Simone.

— Não vou mais falar com jornalistas hoje — diz Erik com firmeza.

— Então deixe tocar.

Ela corta uma fatia de pizza, dá uma mordida e espera. Erik serve o vinho para os dois. Simone inclina a cabeça e sorri.

— Ah, esqueci — diz ela de repente. — Quase desapareceu agora, mas senti cheiro de cigarro quando cheguei em casa.

— Algum dos seus amigos fuma? — pergunta Erik a Benjamin.

— Não — responde Benjamin automaticamente.

— E Aida?

Benjamin não responde. Apenas continua a comer. De repente para, baixa o garfo e a faca e olha para a mesa.

— Ei, qual é o problema? — tenta Erik. — Em que você está pensando?

— Em nada, pai.

— Você sabe que pode nos contar tudo. — É, sei.

— Não acha…

— Você não entende.

— Certo. Então me explique — arrisca Erik.

— Não.

Eles comem em silêncio. Benjamin olha para a parede.

— O *pepperoni* está delicioso — diz Simone em voz baixa. Ela limpa uma marca de batom na taça. — Pena que tenhamos parado de cozinhar juntos — diz a Erik.

— Quando encontraríamos tempo para fazer isso?

— Parem de discutir! — grita Benjamin.

Ele toma sua água e olha através da janela para a cidade escura. Erik não come quase nada, mas enche sua taça duas vezes.

— Você tomou sua injeção terça-feira? — pergunta Simone a Benjamin.

— E papai já esqueceu alguma? — Ele se levanta e coloca o prato na pia. — Obrigado.

— Dei uma olhada naquela jaqueta de couro para a qual você está economizando — diz Simone. — Acho que eu posso completar o que falta.

De repente o rosto de Benjamin se abre em um sorriso, e ele a abraça. Ela o segura com força, mas o solta no instante em que sente que ele começa a se afastar. Benjamin vai para o quarto.

Erik quebra um pedaço de casca da pizza e o coloca na boca. O telefone dele toca novamente. Desliza pela mesa, vibrando, mas ele olha para o visor e mais uma vez balança a cabeça.

— Nenhum amigo — diz ele.

— Cansado de ser uma celebridade? — pergunta Simone, gentilmente.

— Só falei com dois jornalistas hoje, mas foi o suficiente — diz, com um sorriso cansado.

— O que eles queriam?

— Um era daquela revista chamada *Café*, ou algo assim.

— Aquela com peitos na capa?

— Em geral uma garota que parece fascinada por ser fotografada usando nada além de uma calcinha com a bandeira britânica estampada.

Ela sorri para ele.

— O que querem?

Erik pigarreia e diz secamente:

— Perguntaram se era possível hipnotizar mulheres para que fiquem com tesão.

— Sério? Muito profissional.

— Totalmente.

— E a segunda conversa? — pergunta ela. — Por acaso foi um jornalista da *Ritz* ou *Slitz*?

— *Radio News* — responde ele. — Queriam saber o que acho de ser denunciado ao Ouvidor Parlamentar.

— Lamento por você.

Erik esfrega os olhos e suspira. Para Simone, Erik parece ter diminuído, encolhido vários centímetros.

— Sem a hipnose — diz ele lentamente, — Josef Ek poderia ter assassinado a irmã assim que recebesse alta do hospital.

— Ainda assim você não deveria ter feito isso — diz Simone com suavidade.

— Eu sei — responde ele, passando o dedo pelo copo. — Eu gostaria…

Ele fica em silêncio, e Simone é tomada por um repentino desejo de tocá-lo, colocar seus braços ao redor dele. Mas, em vez disso, fica onde está e apenas pergunta:

— O que vamos fazer?

— Fazer?

— Em relação a nós. Dissemos coisas, dissemos que íamos nos separar. Não sei mais como estou com você, Erik.

Ele esfrega os olhos com a mão.

— Percebo que não confia em mim — diz ele, e depois fica em silêncio.

Ela o olha nos olhos, vê o rosto desgastado, os cabelos despenteados, e pensa que houve uma época em que quase sempre se divertiam juntos.

— Não sou a pessoa que você quer — continua ele.

— Pare com isso — diz ela.

— Parar com o quê?

— Você fala que não sou feliz com você, mas é você quem está me enganando. É você quem acha que eu não sou suficiente.

— Simone, eu…

Ele toca sua mão, mas ela se afasta. Os olhos dele estão escuros; ela pode ver que tomou comprimidos.

— Preciso dormir — diz Simone, levantando-se.

Erik a acompanha, o rosto cinzento e os olhos vidrados. A caminho do banheiro, ela confere a porta com cuidado para ter certeza de que está trancada.

— Você pode dormir no quarto de hóspedes — diz ela.

Ele inclina a cabeça, indiferente, parecendo quase anestesiado. Ela observa enquanto ele entra no quarto, saindo pouco depois com o edredom e o travesseiro.

No meio da noite, Simone é acordada por um golpe repentino no braço. Está deitada de bruços. Ela vira de lado e toca o braço. O músculo está contraído e coça. O quarto está escuro.

— Erik? — sussurra ela, antes de lembrar que ele está dormindo no quarto de hóspedes.

Ela se vira na direção da porta e vê uma sombra saindo. O piso de parquê range. Pensa que Erik talvez tenha acordado por algum motivo, mas se dá conta de que ele deve estar dormindo profundamente por causa dos comprimidos. Então fica com medo. Acende a luminária da mesa de cabeceira, leva o braço até a luz e vê uma gota de sangue saindo de um pequeno ponto rosado na pele.

Ouve batidas macias vindas do corredor. Apagando a luz, sai da cama, as pernas fracas. Esfrega o braço machucado enquanto passa pelo umbral. A boca está seca, as pernas, quentes porém dormentes. Alguém está sussurrando e rindo no corredor, um riso abafado, baixo. Não parece Erik. Então Simone estremece: mais uma vez, a porta da frente escancarada. As escadas estão na escuridão. O ar frio entra. Ela ouve algo no quarto de Benjamin, um gemido leve.

—Mãe? — diz Benjamin, parecendo assustado. — Ai — ela o ouve dizer. Ele começa a chorar.

Simone vê pelo espelho do corredor alguém curvado sobre a cama de Benjamin, segurando uma seringa. Pensamentos giram em sua cabeça. Ela tenta compreender o que está acontecendo, o que está vendo.

— Benjamin? — chama ela, a voz alta pela ansiedade. — O que está acontecendo?

Ela pigarreia e avança um passo, mas de repente suas pernas falseiam. As mãos buscam apoio, mas ela não consegue se manter de pé. Cai no chão, bate com a cabeça contra a parede e sente a dor lancinante em seu crânio.

Tenta novamente se levantar, mas já não consegue se mover: é como se não tivesse uma ligação com as pernas, nenhuma sensação na parte de baixo do corpo. Há um estranho tremor no peito, ela sente falta de ar. Sua visão desaparece por alguns segundos, e quando retorna está enevoada.

Alguém está arrastando Benjamin pelo chão, pelas pernas. A parte de cima do pijama subiu e os braços se agitam lentamente, atormentados. Ele tenta se segurar no batente da porta, porém está fraco demais. A cabeça bate

no batente. Ele olha Simone nos olhos. Está aterrorizado. A boca se move, mas não saem palavras. Ela se estica em câmera lenta na direção da mão, porém não a alcança. Tenta engatinhar atrás dele, mas não tem força. Seus olhos reviram-se. Não consegue ver nada, capta apenas breves fragmentos enquanto Benjamin é arrastado pelo corredor até o patamar da escada. A porta é fechada cuidadosamente. Simone tenta pedir socorro, mas não sai nenhum som. Seus olhos se fecham, ela respira com dificuldade, pesado, sem inspirar ar suficiente.

Tudo fica negro.

41

sábado, 12 de dezembro: manhã

A boca de Simone parece cheia de cacos de vidro. Dói ao respirar. A língua parece monstruosamente grande e desajeitada quando tenta movimentá-la. Tenta abrir os olhos, mas as pálpebras resistem a seus esforços. Lentamente aparecem luzes, deslizando por ela, pelo metal e pelas cortinas, um leito de hospital.

E então Erik está sentado na cadeira ao lado dela, segurando sua mão. É impossível dizer quanto tempo se passou. Os olhos dele estão fundos e exaustos, embotados, observam o vazio à meia distância. Simone tenta falar, mas a garganta parece estar em carne viva.

— Onde está Benjamin?

Erik acorda.

— Simone — diz ele. — Como se sente?

— Benjamin — sussurra ela. — Onde está Benjamin?

Erik fecha os olhos, os lábios bem apertados. Engole em seco e encontra o olhar dela.

— O que você fez? — pergunta ele em voz baixa. — Eu a encontrei no chão, Sixan. Quase não tinha pulso, e se eu não a tivesse encontrado… — Ele passa a mão sobre a boca, fala por entre os dedos. — O que você fez?

Respirar é difícil. Ela engole várias vezes. Entende que passou por uma lavagem estomacal, mas não sabe o que dizer. Não tem tempo para explicar que não tentou tirar a própria vida. Não importa o que ele pensa. Não no momento.

— Onde está nosso filho? — sussurra. — Está desaparecido?

— O que você quer dizer?

Lágrimas escorrem pelas suas faces.

— Está desaparecido? — repete ela.

— Você estava deitada no corredor, querida. Benjamin já tinha saído quando levantei. Vocês brigaram?

Ela tenta balançar a cabeça, mas o movimento causa náusea.

— Alguém estava em nosso apartamento… E o levou — conta com a voz fraca.

— O quê?

Ela está chorando e gemendo ao mesmo tempo.

— Benjamin? — pergunta Erik. — O que houve com Benjamin?

— Ai, meu Deus — murmura ela.

— O que aconteceu? — repete Erik, quase gritando.

— Alguém o levou — responde. — Vi alguém arrastando Benjamin pelo corredor.

— Arrastando? O que você quer dizer com arrastando? — Uma expressão perturbada se instalou no rosto de Erik, mas ele se contém, passa a mão trêmula sobre a boca e depois se ajoelha no chão ao lado da cama. — Simone, o que aconteceu noite passada?

— Eu fui acordada de noite por um golpe no braço. Recebi uma injeção. Alguém me deu…

— Onde? Onde foi a injeção?

Ela tenta levantar a manga do avental hospitalar. Ele a ajuda e encontra uma pequena marca vermelha no braço. Quando sente o inchaço ao redor do local com a ponta dos dedos, seu rosto perde toda a cor.

— Alguém levou Benjamin — diz ela. — Não consegui ajudá-lo.

— Precisamos descobrir o que deram a você — diz, apertando o botão para chamar a enfermeira.

— Para o inferno com isso, não me importa. Você tem de encontrar Benjamin.

— Vou encontrar.

Uma enfermeira chega, recebe instruções rápidas para fazer exames de sangue e sai apressada.

Erik se volta para Simone.

— Tem certeza de que viu alguém arrastando Benjamin pelo corredor?

— *Sim* — responde ela, desesperada.

— Mas você não viu quem foi?

— Ele arrastou Benjamin pelas pernas pelo corredor e para fora. Eu estava deitada no chão… Não conseguia me mexer.

As lágrimas começam a rolar novamente. Ele coloca os braços ao redor dela, que soluça em seu peito, exausta e desesperada, o corpo tremendo. Quando se acalma um pouco, empurra-o com delicadeza.

— Erik — chama ela. — Você tem de encontrar Benjamin.

— Sim — responde ele, e sai do quarto cambaleando.

Uma enfermeira assume seu lugar. Simone fecha os olhos para não ver os quatro pequenos frascos se enchendo com seu sangue.

42

sábado, 12 de dezembro: manhã

Erik segue para seu consultório no hospital, pensando na viagem de ambulância daquela manhã após ter encontrado Simone no chão quase sem pulso. O trajeto rápido pela cidade, o trânsito da hora do rush abrindo caminho para a sirene ligada da ambulância. O estômago de Simone sendo lavado, a eficiência da médica, suas ações calmas e rápidas. O oxigênio, a tela escura mostrando o ritmo cardíaco irregular.

No corredor, Erik confere o celular e percebe que está desligado. Para e ouve todas as mensagens. Na véspera, um policial chamado Roland Svensson ligou quatro vezes para oferecer proteção policial. Não há mensagem de Benjamin nem de alguém que possa estar relacionado ao seu desaparecimento.

Ele telefona para Aida e sente uma onda de pânico que o arrepia quando sua voz aguda, tomada de medo, conta que não faz a menor ideia de onde Benjamin possa estar.

— Ele poderia ter ido àquele lugar em Tensta?

— Não — responde ela.

Erik liga para David, o mais antigo amigo de infância de Benjamin. A mãe atende. Quando diz que não vê Benjamin há vários dias, ele simplesmente encerra a conversa interrompendo as palavras da mulher.

Ele então telefona para o laboratório de patologia para verificar a análise, mas eles ainda não têm nada a dizer. As amostras do sangue de Simone acabaram de chegar.

— Eu espero — diz ele.

Erik os ouve trabalhando, e depois de um tempo dizem que Simone recebeu uma injeção de “algo contendo alfentanil”.

— Alfentanil? O anestésico?

— Alguém deve ter conseguido em um hospital ou em uma clínica veterinária. Não usamos com frequência, é terrivelmente viciante. Mas, ao

que parece, sua esposa teve uma sorte inacreditável.

— O que você quer dizer? — pergunta Erik.

— Ainda está viva.

Erik retorna ao quarto de Simone para repassar tudo novamente, mas percebe que ela adormeceu. Seus lábios estão rachados e sensíveis após a lavagem estomacal.

O telefone toca em seu bolso e ele vai para o corredor antes de atender.

— Sim?

— É Linnea, da recepção, Dr. Bark. O senhor tem visita.

Erik demora alguns segundos para se dar conta de que a mulher fala da recepção do hospital, na unidade de neurocirurgia, e que é a Linnea que trabalha ali há quatro anos.

— Dr. Bark? — pergunta ela.

— Uma visita? Quem é?

— Joona Linna — responde.

Erik espera por Joona de pé no corredor, a cabeça a mil. Pensa nas mensagens na caixa de voz. Roland Svensson ligou várias vezes para lhe oferecer proteção policial. Alguém me ameaçou? Erik se pergunta e um arrepio percorre seu corpo enquanto percebe como é incomum um detetive do DIC Nacional encontrá-lo pessoalmente em vez de entrar em contato por telefone.

Ele vai até a lanchonete, onde deixaram um prato de frios e um pão para ele. Uma sensação de náusea toma seu corpo. As mãos tremem enquanto ele coloca água em um copo arranhado.

Joona veio me contar que encontraram o corpo de Benjamin, pensa Erik. Por isso está aqui pessoalmente. Vai pedir para que eu me sente, depois irá me contar que Benjamin está morto.

Imagens aterrorizantes passam por sua cabeça com velocidade cada vez maior: o corpo de Benjamin em uma vala ao lado da estrada ou em um saco de lixo preto, em uma floresta, jogado em uma praia enlameada.

— Café?

— Como?

— Gostaria de café?

Uma jovem com cabelos louros brilhantes está de pé junto à máquina de café segurando um bule fumegante. Ela olha de maneira inquisitiva para ele, que percebe estar segurando uma xícara vazia na mão. Enquanto ele balança a cabeça, Joona Linna entra na sala.

— Vamos sentar — diz Joona. Ele tem uma expressão preocupada.

Erik assente, e eles ocupam uma mesa junto à parede. Joona brinca com o saleiro e sussurra algo.

— O que houve? — pergunta Erik.

— Estávamos tentando encontrá-lo.

— Não atendi ao telefone ontem — diz Erik vagamente.

— Erik, lamento informar que Josef Ek fugiu do hospital.

— *O quê?*

— Você tem direito a proteção policial.

A boca de Erik começa a tremer e seus olhos se enchem de lágrimas.

— Foi isso que você veio me contar? Que Josef fugiu?

— Sim.

Erik está tão aliviado que gostaria de deitar no chão e simplesmente dormir. Ele enxuga as lágrimas do rosto.

— Quando isso aconteceu?

— Ontem à noite. Ele matou uma enfermeira, roubou um carro e feriu gravemente o motorista — diz Joona, sério.

Erik balança a cabeça várias vezes enquanto começa a estabelecer novas conexões. Um terror absoluto esmaga o alívio do momento anterior.

— Ele foi à nossa casa no meio da noite e levou nosso filho — diz Erik.

— O que você está dizendo?

— Josef levou meu filho, Benjamin.

— Quer dizer que Benjamin foi sequestrado? Você viu isso acontecer?

— Eu não, mas Simone…

— O que aconteceu?

— Simone recebeu uma injeção de uma droga poderosa — diz Erik lentamente. — Acabei de receber o resultado do exame de sangue. É um anestésico chamado alfentanil, usado em cirurgias maiores.

— Mas ela está bem?

— Ficará.

Joona assente e anota o nome da droga.

— E Simone disse que viu Josef levar Benjamin?

— Ela não viu o rosto da pessoa.

— Certo.

— E você vai achar Josef? — pergunta Erik.

— Confie em mim, vamos encontrá-lo. Há um alerta nacional. Ele está muito ferido. Não vai a lugar algum.

— Mas não tem nenhuma pista?

Joona o encara severamente.

— Não acho que vamos demorar a encontrá-lo.

— Bom.

— Onde você estava quando ele foi ao apartamento?

— Estava dormindo no quarto de hóspedes — explica Erik. — Tomei um comprimido e não escutei nada.

— Então quando ele foi ao quarto só encontrou Simone.

— Sim.

— Isso não faz sentido — diz Joona.

— É fácil não ver o quarto de hóspedes. Parece um closet e fica escondido quando a porta do banheiro está aberta. Ele provavelmente achou que eu não estava em casa.

— Não foi isso o que eu quis dizer — retruca Joona. — Quero dizer que não parece Josef. Ele não dá injeções nas pessoas. Seu comportamento é muito mais agressivo.

— Talvez apenas pareça agressivo para nós — contrapõe Erik.

— Como assim?

— Talvez ele saiba o tempo todo o que está fazendo. Quer dizer, você não encontrou nenhum sinal do sangue do pai na casa. Isso sugere que ele age de forma sistemática, fria. E se tiver decidido se vingar levando Benjamin?

Há um silêncio. Erik vê, de relance, a loura junto à máquina de café, tomando alguns goles da xícara enquanto olha para o complexo hospitalar.

Joona baixa o olhar para a mesa, depois encara Erik e diz:

— Eu realmente lamento muito, Erik.

43

sábado, 12 de dezembro: manhã

Após se despedir de Joona fora da lanchonete, Erik retorna ao consultório. A ideia de que Benjamin foi sequestrado ainda não foi assimilada. É simplesmente inacreditável que um estranho pudesse invadir seu apartamento e arrastar e levar seu filho embora.

E ainda assim foi o que Simone viu.

Não pode ter sido Josef Ek que levou seu filho. Sim, ele acabara de defender isso, mas é impossível.

Com a sensação de que tudo ao seu redor está se tornando impossível de administrar, ele se senta a sua escrivaninha gasta e liga repetidas vezes para as mesmas pessoas, como se alguma nuance nas vozes pudesse revelar se elas negligenciaram algum detalhe, se estão mentindo ou escondendo informações. Telefona para Aida três vezes seguidas, primeiro perguntando se ela sabia se Benjamin tinha planos específicos para o fim de semana, depois se tinha os números de telefones dos amigos dele, e na terceira para saber se ela e Benjamin tinham brigado. Sua voz treme do outro lado da linha enquanto responde, e Erik de repente se dá conta de que é apenas uma garota, esmagada pela ferocidade de suas perguntas e, a seu modo, pela ausência de Benjamin. Protetor, dá a ela todos os números onde ele pode ser encontrado e conclui que Aida não vê Benjamin desde a véspera, na escola. Depois começa a telefonar para a polícia. Pergunta o que está acontecendo, se estão fazendo progressos. Liga para todos os hospitais da área de Estocolmo. Ele se escuta dizer, com sua voz mais autoritária e profissional:

— Ele tem Doença de von Willebrand, mas pode não estar com seu cartão de alerta do Serviço de Emergência Sanguínea. Recomendo fazer exames para a doença em todos os adolescentes do sexo masculino não identificados que deem entrada.

Ele telefona pela décima vez para o celular de Benjamin, que está desligado. Liga para o número de Joona, exigindo em voz alta que a polícia

intensifique as buscas. Joona precisa insistir em mais recursos. Por fim, implora para que ele faça o máximo possível.

Erik volta ao quarto de Simone, mas se detém do lado de fora. Apoia a mão na parede para se recompor. Tudo começou a girar e ele sente algo se apertando em torno dele. O cérebro está se esforçando para entender o que está acontecendo. Ele pode ouvir dentro de si o refrão constante: *Vou encontrar Benjamin, vou encontrar Benjamin*.

Quando começa a se sentir mais firme, Erik olha para Simone através do vidro da porta. Está acordada, mas com o rosto cansado e confuso, os lábios pálidos e olheiras profundas. Seu cabelo louro-avermelhado, despenteado e suado. Está girando a aliança, torcendo-a e apertando-a contra o nó do dedo. Erik passa a mão no rosto e sente a barba por fazer. Simone olha para ele, mas sua expressão não muda.

Erik entra e senta-se de maneira firme ao lado dela. Ela fita-o, depois baixa o olhar. Ele vê os lábios dela se contorcendo em uma careta de dor. Lágrimas volumosas se acumulam nos olhos, e o nariz fica vermelho de choro.

— Benjamin tentou me agarrar, se estendeu para pegar a minha mão — sussurra Simone. — Mas eu fiquei caída lá. Não conseguia me mover.

— Acabei de descobrir que Josef Ek fugiu na noite passada — diz Erik com a voz fraca.

— Estou com frio — sussurra ela, mas empurra a mão de Erik quando ele tenta ajeitar o cobertor azul-claro do hospital ao redor dela. — Não. A culpa é sua. Você estava tão desesperado para hipnotizá-lo…

— Simone, eu estava tentando salvar a vida de uma pessoa. Não é minha culpa. É meu trabalho.

— E seu filho? Ele não conta?

Erik tenta tocá-la, mas ela o empurra.

— Vou ligar para o meu pai — diz ela, a voz falhando. — Ele vai me ajudar a encontrar Benjamin.

— Eu realmente não quero que você faça isso — diz Erik.

— Para ser honesta, estou cagando para o que você quer. Quero o meu filho de volta.

— Eu vou encontrá-lo, Sixan.

— Por que não acredito em você?

— A polícia está fazendo o que pode, e seu pai…

— A polícia? Foi a polícia que deixou aquele lunático fugir — diz Simone com raiva. — Ela não vai fazer nada para encontrar Benjamin.

— Josef é um assassino em série. A polícia quer encontrá-lo, e fará isso. Mas não sou idiota. Sei que Benjamin não é importante, não se importam com ele, não de verdade, não como nós, não como…

— É exatamente o que estou dizendo.

— Joona Linna explicou…

— Mas a culpa é dele. Foi quem o levou a fazer a hipnose.

Erik balança a cabeça e engole em seco.

— A decisão foi minha.

— Meu pai vai fazer tudo o que puder — diz ela em voz baixa.

— Entendo que esteja com raiva de mim. Mas neste exato momento devemos deixar isso de lado. Quero que repassemos todos os pequenos detalhes juntos. Precisamos pensar com cuidado, e precisamos ficar calmos.

— Mas que merda eu e você podemos fazer? — pergunta Simone, chorando.

Silêncio. Erik ouve alguém ligar a televisão no quarto ao lado.

— Precisamos pensar — diz ele, com cautela. — Não estou certo de que foi Josef Ek quem realmente…

— Você não está regulando bem da cabeça — corta ela. E então tenta sair da cama, mas não tem forças.

— Posso dizer só uma coisa?

— Vou arrumar uma arma e encontrá-lo — diz ela.

— A porta da frente foi aberta duas noites seguidas, porém…

— Foi o que eu disse! — grita Simone. — Eu disse que alguém esteve no apartamento, mas você não acreditou em mim. Você nunca acredita! Se pelo menos tivesse acreditado em mim…

Erik a interrompe.

— Escute. A porta da frente pode ter sido aberta duas noites seguidas, mas Josef Ek estava em sua cama de hospital na primeira noite, então não pode ter estado em nosso apartamento.

Simone não está escutando, continua tentando levantar. Gemendo com raiva, ela consegue chegar até o armário estreito onde estão suas roupas. Erik fica ali, sem ajudá-la, vendo-a tremer enquanto se veste, ouvindo-a praguejar em voz baixa para si mesma.

44

sábado, 12 de dezembro: noite

Já é noite quando Erik finalmente consegue que Simone receba alta do hospital. Quando voltam para casa, o apartamento está uma bagunça completa. Roupas de cama caídas no corredor, luzes acesas, a torneira do banheiro aberta, há sapatos no tapete do saguão e o telefone jogado no piso de parquê, com a bateria ao lado.

Erik e Simone olham ao redor com a sensação horrível de que algo em sua casa desapareceu para sempre. Esses objetos se tornaram estranhos, sem sentido.

Simone pega uma cadeira virada, senta-se nela e começa a tirar as botas. Erik fecha a torneira do banheiro, vai ao quarto de Benjamin e olha para a superfície da mesa pintada de vermelho. Livros didáticos estão ao lado do computador, todos encapados com papel cinza para protegê-los. No quadro de avisos há uma fotografia de Erik de seu tempo em Uganda, sorridente e queimado de sol, as mãos nos bolsos do jaleco. Erik passa as mãos sobre os jeans de Benjamin, pendurados nas costas de uma cadeira com o suéter preto.

Na sala, ele encontra Simone de pé com o telefone na mão. Ela coloca a bateria de volta e começa a discar um número.

— Para quem você está ligando?

— Papai — responde.

— Você pode, por favor, parar um minuto?

Ela permite que ele pegue o telefone.

— O que você quer me dizer? — pergunta Simone, cansada.

— Não vou suportar ver Kennet, não agora. — Coloca o telefone na mesa e passa as mãos sobre o rosto antes de continuar. — Você poderia respeitar o fato de eu não querer deixar tudo o que tenho nas mãos do seu pai?

— E você poderia respeitar o fato de que…

— Pare.

Ela olha para ele com raiva.

— Sixan, estou com dificuldade para pensar com clareza. Por favor, não vamos fazer o jogo em que nos machucamos, confrontando nossas mágoas. Não tenho energia para isso. Só quero dizer que não vou suportar ter seu pai por perto.

— Terminou? — pergunta ela, esticando a mão na direção do telefone.

— Isso diz respeito ao nosso filho — diz ele.

Ela assente.

— Não pode ser dessa maneira? Não podemos fazer isso por ele? — continua. — Quero que eu e você, juntamente com a polícia, procuremos por Benjamin como deve ser.

— Eu preciso do meu pai — diz ela.

— E eu preciso de você.

— Eu não acredito nisso — retruca Simone.

— Por que não?

— Porque você só quer me dizer o que fazer — responde.

Erik para de andar pelo quarto e, cuidadosamente, adota uma expressão razoável.

— Sixan, seu pai está aposentado. Não há nada que ele possa fazer.

— Ele tem contatos — diz ela.

— Ele acha que tem contatos, acha que ainda é um detetive, mas é apenas um aposentado comum.

— Você não sabe nada sobre isso.

— Benjamin não é uma espécie de passatempo para velhos com muito tempo livre.

— Chega. Não estou interessada no que você tem a dizer. — Olha para o telefone.

— Não posso ficar se ele vier. Você só quer que ele lhe diga que eu fiz tudo errado de novo, como fez quando descobrimos a doença de Benjamin. É tudo culpa de Erik, sempre Erik. Sei que com isso você livra sua cara, sempre foi muito confortável quando você precisava culpar alguém em uma crise, mas para mim é…

— Babaquice.

— Se ele vier, eu vou embora.

— A escolha é sua — responde Simone em voz baixa.

Os ombros dele se curvam. Ela está quase de costas para ele quando tecla o número.

— Não faça isso — implora Erik.

Para ele, será impossível estar ali quando Kennet chegar. Erik olha ao redor. Não há nada que ele queira levar. Ele ouve o telefone tocar do outro lado da linha e vê a sombra dos cílios de Simone tremendo nas bochechas.

— Foda-se — diz Erik, e vai para o corredor.

Ele ouve Simone falando com o pai. Com a voz lacrimosa, ela implora que o pai venha o mais rápido possível. Erik pega seu paletó no cabide, deixa o apartamento, fecha a porta e a tranca. Na metade da escada ele para. Talvez devesse voltar e falar algo. Não é justo. É sua casa, seu filho, sua vida.

— Foda-se — diz em voz baixa, e continua a descer até a porta, depois sai para a rua escura.

45

sábado, 12 de dezembro: noite

Simone está junto à janela, observando seu rosto como uma sombra transparente na escuridão da noite. Quando vê o velho Nissan Primera do pai estacionado em fila dupla em frente à porta, tem de conter as lágrimas. Já está esperando no corredor quando ele bate. Ela abre a porta com a corrente de segurança, fecha novamente, solta a corrente e tenta sorrir.

— Papai — diz, enquanto as lágrimas começam a correr.

Kennet coloca os braços ao redor dela, e quando ela sente o aroma familiar de couro e tabaco da jaqueta, é levada de volta à infância por alguns segundos.

— Estou aqui, querida — diz Kennet. Ele se senta na cadeira do corredor e coloca Simone em seu joelho. — Erik não está em casa?

— Nós nos separamos.

— Ora… — diz Kennet.

Ele tira um lenço, ela levanta do joelho dele e assoa o nariz várias vezes. Então ele pendura o casaco, notando que as roupas de Benjamin estão intocadas, seus sapatos na sapateira e a mochila apoiada na parede junto à porta da frente.

Coloca o braço nos ombros da filha, enxuga as lágrimas sob os olhos dela com o polegar e a conduz até a cozinha. Ele a senta em uma cadeira, pega um filtro de papel e a lata de café e liga a máquina.

— Conte tudo — diz Kennet calmamente enquanto pega as canecas. — Comece do princípio.

Então Simone lhe conta em detalhes sobre a primeira noite, quando acordou e ficou convencida de que havia alguém no apartamento. Conta sobre o cheiro de cigarro na cozinha, a porta da frente aberta, a luz enevoada saindo da geladeira e do freezer.

— E Erik? — pergunta Kennet em tom de desafio. — O que Erik fez?

Ela hesita antes de olhar o pai nos olhos.

— Ele não acreditou em mim. Disse que um de nós deve ter andado pela casa como um sonâmbulo.

— Pelo amor de Deus — diz Kennet.

Simone sente o rosto se contorcer novamente. Kennet serve café para os dois, anota algo em um pedaço de papel e pede que ela continue.

Ela conta sobre o golpe no braço que a acordou na noite seguinte, como levantou e ouviu barulhos estranhos no quarto de Benjamin.

— Que tipo de barulhos? — pergunta Kennet.

— Um murmúrio — responde ela, hesitando. — Sussurros. Não sei.

— E depois?

— Eu perguntei o que estava acontecendo, e foi quando vi alguém lá. Alguém curvado sobre Benjamin, e…

— E?

— Então minhas pernas falharam, não consegui me mover. Simplesmente caí. Apenas fiquei ali deitada no chão. Vi Benjamin ser arrastado… Ai, meu Deus, o rosto dele… Estava tão assustado! Ele me chamou e tentou me alcançar com a mão, mas eu era incapaz de me mover.

Ela fica sentada em silêncio, olhando à frente.

— Lembra-se de mais alguma coisa?

— O quê, por exemplo?

— Como ele se parecia, o homem que entrou aqui?

— Não sei.

— Alguma coisa nele chamou sua atenção?

— Ele se movia de uma forma peculiar, meio curvado, como se sentisse dor.

Kennet faz uma anotação.

— Pense — incentiva ele.

— Estava escuro, papai.

— E Erik? — pergunta Kennet. — O que ele estava fazendo?

— Estava dormindo.

— Dormindo?

Ela assente.

— Ele tem tomado muitos comprimidos nos últimos anos — conta Simone. — Estava no quarto de hóspedes e não ouviu nada.

A expressão de Kennet é de desprezo, e de repente Simone compreende, pelo menos em parte, por que Erik foi embora.

— Comprimidos? — diz Kennet, refletindo. — De que tipo? Sabe o nome? Ou nomes?

Ela pega as mãos do pai.

— Papai, Erik não é o suspeito.

Ele retira as mãos.

— Violência contra crianças é quase exclusivamente cometida por alguém da família.

— Eu sei disso, mas…

Kennet a interrompe com calma.

— Vamos analisar os fatos. Claramente o criminoso tem conhecimento médico e acesso a drogas.

Ela concorda.

— Você viu Erik dormindo no quarto de hóspedes?

— A porta estava fechada.

— Mas você não o viu, viu? E não está certa de que tomou comprimidos para dormir naquela noite, está?

— Não. — Ela é obrigada a admitir.

— Tudo o que podemos fazer é examinar os fatos e tentar apurar alguma verdade deles. Estou apenas analisando o que sabemos, Sixan — diz. — Sabemos que você não o viu dormindo. Poderia estar, mas não sabemos.

Kennet se levanta, pega um pão, tira a manteiga e o queijo da geladeira. Faz um sanduíche e o entrega a Simone. Depois de um tempo, pigarreia.

— Por que Erik abriria a porta para Josef Ek?

Ela olha para ele.

— O que você quer dizer?

— Se fez isso, que razões ele teria?

— Acho que esta é uma conversa sem sentido.

— Por quê?

— Erik ama Benjamin.

— Sim, mas talvez algo tenha dado errado. Talvez Erik quisesse apenas conversar com Josef, apanhá-lo para depois chamar a polícia ou…

— Pare com isso, papai.

— Devemos fazer essas perguntas se quisermos encontrar Benjamin.

Ela balança a cabeça concordando, sentindo que seu rosto está horrível. Então diz, de maneira quase inaudível:

— Talvez Erik achasse que fosse outra pessoa à porta.

— Quem?

— Acho que ele está saindo com uma mulher chamada Daniella — diz, sem olhar nos olhos do pai.

46

domingo, 13 de dezembro (festa de Santa Luzia): manhã

Simone acorda às 5 horas. Kennet deve tê-la carregado para o quarto e colocado-a na cama. Ela vai direto ao quarto de Benjamin com um lampejo de esperança no peito, mas o sentimento some quando para na entrada, olhando para a cama vazia.

Não chora, mas pensa que o gosto de lágrimas e medo tomou conta de tudo, assim como uma única gota de leite deixa enevoada a água cristalina. Tenta controlar seus pensamentos, não pensar em Benjamin, não objetivamente, não deixar o medo se instalar.

A luz está acesa na cozinha. Kennet cobriu a mesa com pedaços de papel. Na bancada, o rádio da polícia faz um ruído sussurrante, um zumbido. Kennet está de pé completamente imóvel, olhando para o ar, depois passa a mão no queixo duas vezes.

— Fico contente que tenha conseguido dormir um pouco — diz ele.

Ela balança a cabeça.

— Sixan?

— Sim — murmura Simone.

Ela vai até a pia e joga água fria no rosto. Enquanto se seca com o pano de prato, vê seu reflexo na janela. Ainda está escuro lá fora, mas logo chegará a alvorada, com seu frio de inverno e a escuridão de dezembro.

Kennet rabisca num pedaço de papel, pega outra folha e anota algo em um bloco. Ela se senta diante do pai e tenta analisar como Josef Ek entrou em seu apartamento e para onde poderia ter levado Benjamin.

— Filho da Mão Direita — sussurra ela.

— O quê, querida? — pergunta Kennet, ainda escrevendo.

— Nada.

Ela estava pensando que Filho da Mão Direita é o significado de Benjamin em hebraico. No Antigo Testamento, Raquel era a esposa de Jacó.

Ele trabalhou 14 anos para poder desposá-la. Ela lhe deu dois filhos: José, que interpretava os sonhos do faraó, e Benjamin, o Filho da Mão Direita.

O rosto de Simone se contrai com lágrimas contidas. Sem uma palavra, Kennet se curva e aperta seu ombro.

— Vamos encontrá-lo — diz ele.

Ela assente.

— Consegui isso pouco antes de você acordar — diz ele, dando um tapinha em uma pasta sobre a mesa.

— O que é isso?

— Sabe, a casa em Tumba onde Josef Ek… Esse é o relatório do investigador da cena do crime.

— Achei que você estava aposentado.

— Tenho meus métodos.

Ele sorri e empurra a pasta na direção da filha. Ela abre e lê a análise sistemática de digitais, marcas mostrando onde os corpos foram arrastados, fios de cabelo, vestígios de pele sobre as unhas, danos na lâmina de uma faca, medula espinhal em um par de chinelos, sangue na televisão, sangue no abajur, no capacho, nas cortinas.

Fotografias caem de um saco plástico. Simone tenta não olhar, mas seu cérebro ainda assim captura a imagem de uma sala horrenda: objetos cotidianos, prateleiras, um aparelho de som, tudo negro de sangue.

Corpos mutilados e pedaços de corpos espalhados no chão.

Ela se levanta de repente e se curva na pia, com ânsia de vômito.

— Desculpe — diz Kennet. — Eu não pensei… Algumas vezes esqueço que nem todos são policiais.

Ela fecha os olhos e pensa no rosto aterrorizado de Benjamin e em uma sala escura com sangue frio no chão. Ela se curva e vomita. Muco viscoso e bílis caem entre as xícaras de café e colheres. Agarra-se à bancada e respira de forma ritmada, se acalmando. Acima de tudo, tem medo de perder o controle de suas emoções e mergulhar em um estado indefeso de histeria. Ela enxágua a boca, seus batimentos cardíacos soando alto nos ouvidos, e se volta para Kennet.

— Estou bem — diz com a voz fraca. — Apenas não consigo ligar tudo isso a Benjamin.

Kennet pega um cobertor e a envolve nele, conduzindo-a gentilmente de volta à cadeira.

— Não estou certa de que posso fazer isso — diz ela.

— Você está se saindo bem. Agora preciso que me escute. Se Josef Ek levou Benjamin, deve querer algo. Ele não fez nada parecido antes. O ritmo não está aumentando, o que costumamos esperar de um assassino em série quando muda seu *modus operandi*. Não, acho que Josef Ek estava procurando por Erik, mas, como não o encontrou, levou Benjamin em seu lugar. Talvez para fazer uma troca.

— Nesse caso ele tem de estar vivo, não é?

— Certamente — diz Kennet. — Só temos que descobrir onde Ek o escondeu, onde Benjamin está.

— Qualquer lugar. Ele pode estar em qualquer lugar.

— Ao contrário — diz Kennet.

Ela olha para ele.

— É quase exclusivamente uma questão de descobrirmos se está em sua casa ou em uma cabana de veraneio.

— Mas *esta* é a casa dele — diz ela, elevando a voz e batendo com o dedo no saco plástico com as fotografias.

47

domingo, 13 de dezembro (festa de Santa Luzia): manhã

Kennet repete para si mesmo as palavras “sua casa”, pega a pasta com as fotos e o relatório da investigação dos peritos na casa, coloca-os sob seu bloco e vira-se para a filha.

— Dutroux — diz ele.

— O quê? — pergunta Simone.

— Lembra do caso de Marc Dutroux?

— Não.

Em seu estilo objetivo, Kennet conta a Simone sobre Dutroux, que sequestrou e torturou seis garotas na Bélgica. Julie Lejeune e Melissa Russo morreram de fome enquanto Dutroux cumpria uma rápida pena de prisão por roubar um carro. Eefje Lambrecks e An Marchal foram enterradas vivas no jardim.

— Dutroux tinha uma casa em Charleroi — continua ele. — Ele havia construído no porão um depósito com uma porta secreta que pesava mais de 180 quilos. Era impossível localizar a sala batendo para encontrar um espaço vazio. A única forma era medir a casa: as medidas internas e externas não batiam. Sabine Dardenne e Laetitia Delhez foram encontradas vivas.

Simone tenta se levantar. Seu coração bate de modo peculiar, martelando o peito por dentro. Ela não acredita que existam homens movidos por uma necessidade de emparedar pessoas, homens que se sentem apaziguados com o medo de suas vítimas na escuridão, por trás de paredes silenciosas.

— Benjamin precisa do remédio — sussurra ela.

Simone observa o pai ir até o telefone. Ele tecla um número, espera um momento, depois diz rapidamente:

— Charley? Escute, há algo que preciso saber sobre Josef Ek… Não, é sobre sua casa, a casa em Tumba.

Há um breve silêncio. Depois Simone ouve alguém falar com uma voz grave e áspera.

— Sim — diz Kennet. — Sei que você verificou. Dei uma olhada no relatório.

A outra pessoa continua falando. Simone fecha os olhos e presta atenção no zumbido do rádio da polícia, que se torna parte do zum-zum abafado da voz ao telefone.

— Mas vocês não mediram a casa? — ela ouve o pai perguntar. — Não, claro que não.

Ela abre os olhos e de repente sente uma rápida descarga de adrenalina eliminar o cansaço.

— Sim, isso seria bom… Poderia mandar as plantas para cá por um mensageiro? — pergunta Kennet. — E qualquer pedido de autorização de reforma… Sim, o mesmo endereço… Muito obrigado — diz, encerrando a ligação.

— Será que Benjamin realmente pode estar naquela casa? Será, pai?

— É o que vamos descobrir.

— Bem, então vamos lá — diz ela, impaciente.

— Charley está mandando as plantas.

— Plantas? Estou cagando para as plantas. O que estamos esperando? Temos de ir para lá. Posso derrubar cada…

— Não é uma boa ideia. Quer dizer, é urgente, mas não acho que iremos ganhar algum tempo indo lá e começando a derrubar as paredes.

— Mas temos de fazer *algo*.

— Aquela casa foi tomada por policiais nos últimos dias — explica. — Se houvesse algo óbvio, eles teriam encontrado, mesmo que não estivessem procurando por Benjamin.

— Mas…

— Eu preciso ver as plantas para descobrir onde seria possível construir um quarto secreto, ter alguns números para compará-los com as medidas que faremos quando estivermos na casa.

— E se *não* houver um quarto? Onde então ele poderia estar?

— A família Ek dividia uma cabana de veraneio perto de Bollnäs com os irmãos do pai. Tenho um amigo lá que prometeu ir até o local. Ele conhece a região muito bem. É na área mais antiga de um condomínio — diz Kennet,

conferindo o relógio e discando um número. — Svante? Aqui é Kennet. Estava pensando…

— Estou aqui agora — diz o amigo.

— Onde?

— Dentro da casa — diz Svante.

— Mas você só deveria dar uma olhada.

— Os novos donos me deixaram entrar. Eles se chamam Sjölin.

Alguém diz algo ao fundo.

— Desculpe, Sjödin — corrige ele. — São os donos da casa há mais de um ano.

— Entendo. Bem, obrigado pela ajuda.

Kennet encerra a ligação. Uma ruga profunda surge em sua testa.

— E quanto à cabana onde a irmã dele estava? — pergunta Simone.

— A polícia já foi lá várias vezes. Mas eu e você podemos ir de carro e dar uma olhada de qualquer forma.

Eles ficam em silêncio, as expressões reflexivas, introvertidas. A abertura para correspondência faz barulho; o jornal da manhã é empurrado e cai no chão do hall com um baque. Nenhum dos dois se move. Ouvem barulho de outras tampinhas da abertura para correspondência no andar de baixo, depois a porta da rua é aberta.

Kennet aumenta o volume do rádio da polícia. Houve um chamado. Alguém responde, cobrando informações. No diálogo que se segue, Simone capta algo sobre uma mulher ouvindo gritos em um apartamento vizinho. Um carro é enviado. Ao fundo, alguém ri e começa uma longa explicação sobre por que seu irmão mais novo ainda mora em casa e por que fazem sanduíches para ele toda manhã. Kennet baixa o volume de novo.

— Vou fazer mais café — diz Simone.

De sua bolsa cáqui, Kennet saca um mapa de bolso da Grande Estocolmo. Tira os candelabros da mesa e os coloca na janela antes de abrir o mapa. Simone fica atrás dele, contemplando a rede emaranhada de estradas, linhas férreas e roteiros de ônibus se cruzando em variações de vermelho, azul, verde e amarelo. As florestas e o traçado geométrico das linhas de metrô.

O dedo de Kennet acompanha uma estrada amarela ao sul de Estocolmo, passando por Älvsjö, Huddinge, Tullinge e chegando a Tumba. Eles olham juntos para Tumba e Salem. É um mapa detalhado, que mostra uma antiga comunidade antes isolada, resgatada da decadência e da irrelevância quando uma estação de trem foi construída lá, criando um novo centro urbano. O mapa indica um crescimento no pós-guerra: construção de arranha-céus residenciais, lojas, uma igreja, um banco e uma loja de bebidas estatal levaram conveniência e conforto à velha cidade. Casas com varandas e áreas residenciais se espalham a partir de um núcleo central. Há alguns campos de cor amarelo-palha ao norte da comunidade, que após alguns quilômetros dão lugar a florestas e lagos.

Kennet sublinha os nomes das ruas e circula um ponto entre os retângulos estreitos, paralelos como costelas.

— Onde está a porra do mensageiro? — murmura ele.

Simone serve duas canecas de café e empurra a caixa de cubos de açúcar na direção do pai.

— Como ele entrou? — pergunta ela.

— Josef Ek? Bem, podemos presumir que ele tinha uma chave, ou alguém abriu a porta para ele.

— Não poderia ter invadido?

— Não com esse tipo de tranca. É muito difícil. É bem mais fácil derrubar a porta.

Ela assente, tentando pensar de maneira metódica.

— Devemos dar uma olhada no computador de Benjamin?

— Já deveríamos ter feito isso. Até pensei nisso, mas depois esqueci. Devo estar ficando cansado — diz Kennet.

Simone percebe que ele está parecendo velho. Nunca antes havia pensado na idade dele. Kennet a olha com certa tristeza nos lábios.

— Tente dormir um pouco enquanto eu verifico o computador — diz ela.

— Esqueça.

Quando Simone entra no quarto de Benjamin com Kennet, o clima é de desolação. Benjamin parece terrivelmente distante. Ela sente outra onda de náusea. Simone engole repetidas vezes, com vontade de voltar à cozinha

iluminada onde o rádio da polícia murmura e zumbe. A morte espera ali na escuridão, um vazio definitivo do qual ela nunca irá se recuperar.

Simone liga o computador e a tela acende. As luzes surgem com um clique, as ventoinhas começam a girar, o disco rígido dá os comandos. Quando ela ouve a melodia de boas-vindas do sistema operacional, é como se um pouco de Benjamin tivesse voltado.

Pai e filha puxam cadeiras e se sentam. Simone clica no retrato em miniatura do rosto de Benjamin para fazer o log in.

— Temos que fazer isso de maneira lenta e metódica — diz Kennet. — Vamos começar com os e-mails.

Mas o computador pede uma senha.

— Tente o nome dele — diz Kennet.

Ela digita BENJAMIN, mas o acesso é negado. Tenta AIDA, inverte os nomes, coloca-os juntos. Tenta BARK, BENJAMIN BARK, ruboriza ao tentar SIMONE e SIXAN, tenta ERIK, tenta o nome dos artistas que Benjamin ouve: SEXSMITH, ANE BRUN, RORY GALLAGHER, JOHN LENNON, TOWNES VAN ZANDT, BOB DYLAN.

— Isto não está bom — diz Kennet. — Precisamos trazer alguém que consiga entrar.

Ela tenta alguns títulos de filmes e diretores sobre os quais Benjamin fala, mas desiste depois de algum tempo. É impossível.

— Já deveríamos estar com as plantas — diz Kennet. — Vou ligar para Charley e descobrir o que está acontecendo.

Ambos dão um pulo depois de uma batida na porta da frente. Simone permanece no computador e observa, o coração acelerado, enquanto Kennet sai para o corredor e gira a tranca.

48

domingo, 13 de dezembro (festa de Santa Luzia): manhã

O céu de dezembro é claro como areia. A temperatura está alguns graus acima de zero quando Kennet e Simone chegam à área de Tumba em que Josef Ek nasceu e cresceu, e onde, aos 15 anos, massacrou sua família. A casa parecia com as outras da rua: bem-cuidada, sem nada marcante. Se não fosse pela fita policial preta e amarela, ninguém suspeitaria que uma semana antes essa casa havia sido palco de dois dos assassinatos mais longos e impiedosos do país.

Uma bicicleta com rodinhas está junto a uma caixa de areia na frente da casa. Uma das pontas da fita policial se soltou, foi soprada pelo vento e por fim ficou presa na abertura para correspondência do outro lado. Kennet passa devagar, mas não para. Simone olha para as janelas. As cortinas estão fechadas e o lugar parece completamente deserto. Todas as casas vizinhas parecem ter sido abandonadas. Será que ela conseguiria morar em uma rua onde algo assim tivesse acontecido? Ela estremece. Seguem até o fim da rua sem saída, dão a volta, estão se aproximando da cena do crime novamente quando o telefone de Simone toca de repente.

Ela atende correndo.

— Alô? — Ela escuta durante algum tempo. — Aconteceu alguma coisa?

Kennet para o carro, desliga o motor e sai. Tira um pé de cabra, uma trena e uma lanterna do grande porta-malas. Antes de fechar, ele ouve Simone dizer que ela precisa ir.

— O que *você* acha? — grita Simone no telefone.

Kennet a ouve através das janelas do carro e avalia com cuidado sua expressão perturbada quando ela sai do banco do carona com as plantas da casa na mão. Sem conversar, caminham em direção ao portão branco na cerca baixa. Ele range levemente ao ser aberto. Kennet tira uma chave de um envelope, segue até a porta e a destranca. Antes de entrar, vira-se para Simone e acena com a cabeça rapidamente, percebendo a expressão decidida em seu rosto.

Assim que entram no vestíbulo são atingidos pelo nauseante cheiro de sangue azedo. Durante um breve momento, Simone sente o pânico aumentar em seu peito: o fedor é podre, doce, não muito diferente de excremento. Ela olha para Kennet. Ele não parece perturbado, apenas concentrado, os movimentos calculados com cuidado. Passam pela sala. Com o canto do olho, Simone tem uma visão das paredes e da lareira de pedra-sabão manchadas de sangue, o caos absoluto, o medo se erguendo do chão.

Ouvem um rangido em algum lugar dentro da casa. Kennet fica imóvel, saca calmamente sua antiga pistola de serviço, solta a trava de segurança e confere que está carregada.

Ouvem mais alguma coisa: um barulho oscilante, pesado, arrastado. Não parecem passos. Parece alguém se arrastando lentamente.

49

domingo, 13 de dezembro (festa de Santa Luzia): manhã

Erik acorda na cama estreita de seu consultório no hospital. Metade da noite já se passou. Olhando o relógio do celular, ele vê que são quase 3 horas. Toma outro comprimido e fica deitado tremendo sob as cobertas até a dormência se espalhar por seu corpo e a escuridão retornar.

Quando acorda, várias horas depois, está com uma dor de cabeça lancinante. Toma um analgésico, vai até a janela e deixa os olhos passearem pela fachada melancólica com suas centenas de janelas. O céu está branco, mas todas as janelas continuam escuras.

Ele coloca o telefone na escrivaninha e se despe. O pequeno box cheira a desinfetante. A água quente escorre por sua cabeça e nuca e bate no piso de acrílico.

Depois de se secar, ele limpa o vapor do espelho, molha o rosto e o cobre com espuma de barbear. Está pensando no fato de Simone ter dito que a porta da frente do apartamento havia sido aberta na noite *anterior* a Josef Ek fugir do hospital. Ela estava acordada, foi lá e fechou-a. Mas não poderia ter sido Josef Ek naquela ocasião. Erik tenta entender o que aconteceu durante a noite, mas há muitas questões sem resposta. Como Josef entrou? Simplesmente bateu na porta até Benjamin acordar e abrir?

Erik imagina os dois garotos se encarando sob a luz fraca da escada. Benjamin está descalço, cabelos arrepiados. Veste seus pijamas infantis e pisca com olhos cansados para o garoto mais alto. Pode-se dizer que não são diferentes, com exceção do fato de que Josef assassinou seus pais e a irmã menor, acabou de matar uma enfermeira no hospital com um bisturi e feriu gravemente um homem no Cemitério Norte.

— Não — diz Erik para si mesmo. — Não acredito nisso. Não faz sentido.

Quem seria capaz de entrar, para quem Benjamin abriria a porta, a quem Simone ou Benjamin confiariam uma chave? Talvez Benjamin esperasse uma visita noturna de Aida. Não seria sem precedentes. Erik precisa pensar em

tudo. Talvez Josef tivesse combinado com alguém para ajudá-lo com a porta, quem sabe Josef tenha tentado ir na primeira noite, mas não conseguiu escapar e seu parceiro deixou a porta aberta para ele, seguindo os planos.

Erik acaba de fazer a barba, escova os dentes, pega o telefone, confere a hora e liga para Joona.

— Bom dia, Erik — diz a voz rouca que é claramente de Joona. Deve ter reconhecido o número de Erik na tela.

— Eu o acordei?

— Não.

— Desculpe ligar de novo — diz Erik, tossindo.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunta Joona.

— Não encontrou Josef?

— Temos que falar com Simone, fazer tudo de maneira correta.

— Mas você não acredita que foi Josef quem levou Benjamin?

— Não, não acredito — responde Joona. — Mas gostaria de dar uma olhada no apartamento, fazer perguntas aos vizinhos, tentar encontrar testemunhas.

— Devo pedir a Simone que ligue para você?

— Não é necessário.

Uma gota de água cai da torneira, batendo na pia com um *ping* breve e incompleto.

— Ainda acho que você deveria aceitar proteção policial — diz Joona.

— Estou no hospital Karolinska. Não acho que Josef virá aqui espontaneamente.

— E quanto a Simone?

— Pergunte a ela. Talvez tenha mudado de ideia — diz Erik. — Embora ela já tenha um protetor.

— Ah, sim, ouvi falar — diz Joona secamente. — Não consigo imaginar como é ter Kennet Sträng como sogro.

— Nem eu — retruca Erik.

Joona ri.

— Josef tentou fugir anteontem? — pergunta Erik.

— Nada indica isso — responde Joona. — Por que a pergunta?

— Alguém abriu nossa porta da frente na noite anterior, assim como na noite passada.

— Eu não sabia disso. Mas estou bastante certo de que Josef fugiu porque descobriu que seria preso, e só recebeu essa informação ontem — diz Joona lentamente.

Erik balança a cabeça e passa o polegar sobre a boca.

— Isso não faz sentido — diz, com um suspiro.

— Você viu a porta aberta? — pergunta Joona.

— Não, foi Sixan, Simone, quem levantou.

— Ela teria alguma razão para mentir?

— Isso não me ocorreu.

— Você não precisa responder agora.

50

domingo, 13 de dezembro (festa de Santa Luzia): manhã

Erik fita seus olhos no espelho. Já não sabe em que pensar. E se alguém estivesse ajudando Josef? Uma pessoa para fazer o levantamento na noite anterior ao sequestro? Talvez o cúmplice tenha descrito tudo a Josef: a arrumação, como eram os quartos, quem dormia onde. Isso explicaria por que Josef não me encontrou, pensa Erik, porque na primeira noite eu estava dormindo no lugar habitual, na cama com Simone.

Ou talvez essa segunda pessoa tenha sido enviada apenas para verificar se a cópia da chave funcionava, mas passou do limite e entrou no apartamento, incapaz de resistir a se esgueirar e ver a família toda dormindo. A situação teria dado a ela uma prazerosa sensação de controle, de forma que decidiu fazer uma brincadeira com a família, deixando a geladeira e o freezer abertos.

— Evelyn estava na delegacia na última quarta-feira? — pergunta Erik.

— Sim.

— O dia e a noite inteiros?

— Sim.

— Ainda está lá?

— Foi transferida para um de nossos apartamentos de segurança. Mas está com guarda dobrada.

— Entrou em contato com alguém?

— Você tem de deixar a polícia fazer o trabalho dela — diz Joona.

— Estou apenas fazendo o *meu* trabalho — diz Erik. — Preciso falar com Evelyn.

— O que vai perguntar a ela?

— Se Josef tem amigos, alguém que poderia ajudá-lo.

— Eu posso perguntar isso.

— Quais são os nomes deles.

— Também posso perguntar isso.

— Onde moram, com quem poderia estar trabalhando.

Joona suspira.

— Você sabe muito bem que não posso permitir que você faça uma investigação particular, Erik. Embora, pessoalmente, acredite que não haja problema.

— Eu não poderia estar presente quando você falar com ela? — pede Erik. — Trabalhei muitos anos com pessoas traumatizadas.

Há um silêncio entre eles por alguns segundos.

— Encontre-me em uma hora no saguão do quartel-general da Polícia Nacional — diz Joona por fim.

— Estarei lá em vinte minutos.

— Certo, vinte minutos — diz Joona, encerrando a ligação.

Vazio de pensamentos, Erik vai até sua escrivaninha e abre a primeira gaveta. Entre canetas, borrachas e clipes de papel há várias caixas de comprimidos. Ele coloca três comprimidos diferentes na mão e os engole.

Pensa em dizer a Daniella que não tem tempo de participar da reunião matinal, mas se esquece. Sai do consultório e vai apressado até a lanchonete, onde toma uma xícara de café de pé diante do aquário, acompanhando com os olhos um grupo de neones circulando em torno de um barco de plástico naufragado. Depois embrulha um sanduíche em vários guardanapos e o enfia no bolso.

No elevador, descendo para o térreo, ele se vê no espelho, encontra seus olhos vazios. Seu rosto é triste, quase ausente. Pensa na sensação no estômago quando se cai de uma grande altura: um sentimento de desamparo e tontura combinado com uma excitação extasiada, quase sexual. Ele está no limite de suas forças, mas os comprimidos o elevam a um plano vivaz onde todos os contornos são claramente definidos. Ele quer ir um pouco além, pensa. Tudo o que precisa fazer é não desmoronar até reencontrar o filho. Depois tudo pode cair em pedaços.

Enquanto dirige para o encontro com Joona e Evelyn, tenta refazer mentalmente seus passos na semana anterior. Suas chaves poderiam ter sido copiadas em várias oportunidades. Na quinta-feira, seu paletó estava pendurado em um restaurante em Södermalm, as chaves no bolso, ninguém

tomando conta. Esteve no encosto da cadeira no seu consultório no hospital, em um gancho na lanchonete dos funcionários e em muitos outros lugares. O mesmo também era verdade para as chaves de Simone e Benjamin.

Enquanto manobra em meio ao caos causado pelas obras ao redor do Fridhemsplan, ele pega o telefone e liga para o número de Simone.

— Alô? — ela atende, soando estressada.

— Sou eu.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunta ela, ansiosa.

Há um ronco ao fundo, como o de uma máquina, depois um silêncio repentino.

— Não, não. Estava apenas pensando que você deveria verificar o computador, não apenas e-mails, mas tudo: o que ele baixou, quais sites visitou, arquivos temporários, se entrou em salas de bate-papo…

— Obviamente.

— Desculpe-me. Apenas não tinha certeza de que você tinha pensado nisso.

— Ainda não começamos com o computador — diz ela.

— A senha é Dumbledore.

— Eu sei — diz ela. — Tenho de ir.

Erik passa pelo quartel-general da polícia e vê o que mudou: a fachada de cobre liso, o anexo em concreto e, finalmente, o alto prédio ori ginal com reboco amarelo.

— Simone — tenta ele. — Você me contou a verdade?

— O que você quer dizer?

— A respeito do que aconteceu. Sobre a porta ter sido aberta da primeira vez, sobre ver alguém arrastando Benjamin pelo…

— O que *você* acha? — grita ela, encerrando a chamada.

Erik não tem energia para procurar uma vaga. Uma multa por estacionamento proibido é irrelevante; será paga em uma vida inteiramente diferente. Sem pensar duas vezes, ele encosta bem na frente da delegacia. Os pneus cantam e ele para aos pés da enorme escadaria voltada para a prefeitura.

Contorna o prédio apressado e sobe a rampa, seguindo para o parque e a entrada do quartel-general da Polícia Nacional. Um pai caminha com três

garotinhas, todas com fantasias de Santa Luzia sobre os macacões de neve. Os vestidos brancos estão apertados sobre as grossas roupas de inverno. As crianças usam coroas com velas no alto dos chapéus, e uma delas segura uma vela com a mão enluvada. Erik de repente se lembra de como Benjamin adorava ser carregado quando era pequeno. Ele se agarrava firmemente com braços e pernas e dizia: *Me carregue, você é grande e forte, papai*.

Erik está sem fôlego quando chega à entrada, um alto cubo de vidro reluzente. Ele cruza o piso de mármore branco do saguão até a recepção à esquerda, onde um homem está atrás do balcão de madeira, falando ao telefone.

Erik explica por que está ali. Com uma breve inclinação da cabeça o recepcionista assente, digita em seu computador e pega o telefone.

— Recepção — diz ele em tom contido. — Erik Maria Bark para vê-lo.

Erik senta-se em um comprido banco de couro preto que range ao menor movimento e olha ao redor: para uma obra de arte de vidro verde, para as portas giratórias imóveis. Do outro lado da enorme parede de vidro há outro corredor de vidro que leva, por um pátio interno aberto, até o prédio seguinte. Erik vê Joona Linna passar à direita pela área de espera. Ele aperta um botão na parede e passa pelas portas giratórias. Joga uma casca de banana na lata de lixo de alumínio, acena para o homem na recepção e vai até Erik.

Enquanto caminham para a residência protegida de Evelyn, Joona resume o que foi revelado em seus interrogatórios com ela: a confirmação de que pretendera tirar a própria vida na floresta; os anos de abusos sexuais que sofreu nas mãos de Josef; a violência dele contra a irmã mais nova quando Evelyn se negava a realizar seus desejos; a exigência afinal de intercurso sexual completo; a fuga de Evelyn para a cabana de veraneio; Josef ter intimidado o namorado de Evelyn, Sorab, para descobrir o paradeiro dela.

— Quando Josef apareceu, no aniversário dele, na cabana de Sonja, Evelyn mais uma vez se recusou a ter um intercurso sexual. Ele, então, disse que ela sabia o que iria acontecer. E que ela seria a culpada — explica Joona. — Ao que parece, Josef planejara matar pelo menos o pai. Não sabemos por que escolheu aquele dia em particular. Talvez tenha sido uma questão de oportunidade, ou o fato de que o pai estaria sozinho em algum lugar fora de casa. De qualquer forma, na última segunda-feira, Josef Ek

colocou uma muda de roupa, dois pares de galochas, uma toalha, a faca de caça do pai, uma garrafa de gasolina e uma caixa de fósforos em sua bolsa de ginástica e foi de bicicleta até o campo de Rödstuhage. Após ter matado o pai e mutilado o corpo, pegou as chaves do bolso do pai, foi ao vestiário feminino, tomou banho e mudou de roupa trancado sozinho, botou fogo na bolsa com as roupas sujas de sangue em um playground infantil e voltou para casa de bicicleta.

— E o que aconteceu depois em casa foi mais ou menos como ele descreveu sob hipnose? — pergunta Erik.

— Não mais ou menos: exatamente. Ou pelo menos parece — responde Joona, pigarreando. — Mas o motivo, o que de repente o levou a atacar a irmã menor e a mãe, isso não sabemos. — Ele olha para Erik, a expressão perturbada. — Talvez tenha apenas ficado com a sensação de que não havia terminado, que Evelyn não havia sido suficientemente punida.

Joona para diante de uma casa sem atrativos e telefona para dizer que chegaram. Digita o código, abre a porta e conduz Erik para o vestíbulo simples.

51

domingo, 13 de dezembro (festa de Santa Luzia): manhã

Dois policiais estão esperando do lado de fora do elevador quando eles chegam ao terceiro andar. Joona aperta suas mãos e depois destranca uma porta de segurança sem identificação. Antes de abri-la completamente, ele bate.

— Tudo bem se entrarmos? — pergunta ele pela fresta.

— Você não o encontrou, encontrou?

A luz está atrás de Evelyn, portanto é impossível ver claramente seus traços, apenas uma forma oval escura cercada por cabelos iluminados pelo sol.

— Não — responde Joona.

Ela vai até a porta para deixá-los entrar e depois a fecha depressa, verificando a tranca. Quando se vira, Erik vê que sua respiração é pesada.

— Este é um apartamento seguro e você tem guarda policial — diz Joona para tranquilizá-la. — Ninguém está autorizado a dar ou buscar informações sobre você; o promotor tomou essa decisão. Você está em segurança agora, Evelyn.

— Desde que eu fique aqui, talvez — retruca ela. — Mas algum dia terei de sair. E Josef sabe esperar.

Ela vai até a janela, olha para fora e senta-se no sofá.

— Onde Josef poderia estar se escondendo? — pergunta Joona.

— Você acha que eu sei algo.

— Sabe? — pergunta Erik.

— Você vai me hipnotizar?

— Não. — Ele sorri, surpreso.

Ela não está usando maquiagem e seus olhos parecem vulneráveis e desprotegidos enquanto ela o observa.

— Você pode, se quiser — diz Evelyn, olhando para baixo rapidamente.

O apartamento não passa de um quarto com uma cama ampla, duas poltronas e uma televisão, um banheiro com box, copa e cozinha. As janelas são de vidro à prova de balas, e as paredes pintadas de uma serena cor amarela.

Erik olha ao redor e a acompanha até a cozinha.

— Lugarzinho legal — diz ele.

Evelyn dá de ombros. Ela está usando um suéter vermelho-escuro e calças jeans desbotadas. Os cabelos estão descuidadamente presos em um rabo de cavalo.

— Eles estão trazendo algumas das minhas coisas hoje — diz ela.

— Isso é bom — diz Erik. — As pessoas costumam se sentir melhor quando…

— Melhor? O que você sabe sobre o que faria eu me sentir melhor?

— Eu trabalhei com…

— Desculpe, mas estou cagando para isso, não quero falar com psicólogos e terapeutas.

— Não estou aqui nessa função.

— Então por que está aqui?

— Para tentar achar Josef.

Ela se vira para Erik e diz secamente:

— Ele não está aqui.

Sem saber por quê, Erik decide não falar nada sobre Benjamin.

— Escute, Evelyn — diz ele em voz baixa. — Preciso de sua ajuda para relacionar o círculo de conhecidos de Josef.

Os olhos dela estão brilhantes, quase febris.

— Certo — responde ela, com algo que lembra um pequeno sorriso.

— Ele tem namorada?

Seus olhos escurecem e a boca fica tensa.

— Além de mim, você quer dizer?

— Sim. Com quem ele sai?

Ela balança a cabeça.

— Não sai com ninguém.

— Colegas de turma?

Ela dá de ombros.

— Pelo que sei, ele nunca teve nenhum amigo.

— Se precisasse de ajuda com algo, quem ele procuraria?

— Não sei… Às vezes Josef fala com os bêbados atrás da loja de bebidas.

— Você sabe os nomes deles, quem são?

— Um deles tem uma tatuagem na mão.

— Parece com o quê?

— Não consigo lembrar… Um peixe, acho.

Ela se levanta e vai até a janela mais uma vez.

Erik olha para ela. A luz do dia bate em seu rosto jovem. Ele vê uma veia azul pulsando em seu pescoço longo.

— Ele poderia estar com um deles?

Ela dá de ombros de modo vago.

— Talvez.

— Acha que está?

— Não.

— O que você acha, então?

— Acho que ele vai me encontrar antes de vocês o encontrarem.

Erik olha para ela, que está de pé com a testa apoiada no vidro da janela, e pensa se deveria pressionar mais. Há algo em sua voz desanimada, em sua falta de confiança, que diz que há muito tempo ela teve uma compreensão única do irmão e abandonou qualquer esperança de encontrar alguém com quem partilhá-la.

— Evelyn, o que Josef quer?

— Não posso falar sobre isso.

— Ele quer *me* matar?

— Não sei.

— Mas o que você pensa?

Ela respira fundo, e sua voz soa rouca e cansada quando responde.

— Se Josef pensar que você se colocou entre mim e ele, se sentir ciúmes, então sim.

— Sim o quê?

— Sim. Vai querer matar você.

— Você quer dizer tentar?

Evelyn lambe os lábios, vira-se para encará-lo e depois olha para baixo. Erik quer repetir a pergunta, mas nada acontece. Então há uma batida na porta. Evelyn olha para Joona e Erik com uma expressão aterrorizada e recua para a cozinha.

Outra batida. Joona vai até lá, verifica pelo olho mágico e deixa dois policiais entrarem. Um deles carrega uma caixa de papelão.

— Acho que encontramos tudo que estava na lista — diz ele. — Onde posso deixar isto?

— Em qualquer lugar — diz Evelyn com a voz fraca, saindo da cozinha.

— Poderia assinar aqui?

Ele entrega um recibo e Evelyn assina. Joona tranca a porta quando eles saem. Evelyn se apressa até a porta, verifica se está devidamente trancada e vira-se para encará-los.

— Perguntei se poderia ter aqui algumas coisas de casa.

— Sim, você nos falou.

Evelyn se agacha, puxa a fita adesiva marrom e abre a caixa. Tira um cofrinho de prata em forma de coelho e um retrato emoldurado de um anjo da guarda, mas para de repente.

— Meu álbum de fotografias — diz Evelyn, e Erik vê que sua boca começa a tremer.

— Evelyn?

— Eu não pedi isso. Não falei nada sobre isso.

Ela abre o álbum na primeira página, que revela uma grande foto escolar dela com cerca de 14 anos. Usa aparelho nos dentes e sorri timidamente. Sua pele brilha; os cabelos estão bem curtos.

Evelyn passa para a página seguinte e um pedaço de papel dobrado cai no chão. Ela o pega, vira-o e seu rosto fica bem vermelho.

— Ele está em casa — sussurra ela, entregando o papel a Erik.

Ele o alisa e lê com Joona.

> Eu sou o seu dono, você pertence apenas a mim. Vou matar os outros, a culpa é sua, vou matar aquele hipnotista de merda, e você vai me ajudar a fazer isso, vai sim, vai me mostrar onde ele mora, vai me mostrar onde você fode e se diverte, e então vou matá-lo e você vai assistir enquanto

eu faço isso, depois vai lavar sua boceta com muito sabonete e eu vou foder você cem vezes, porque então estaremos quites e começaremos de novo, só nós dois.

Evelyn baixa as persianas e, com os braços, aperta o próprio corpo com força. Erik coloca a carta na mesa e se levanta.

Josef voltou para casa, pensa ele rapidamente. Só pode ser. Se ele conseguiu colocar o álbum de fotografias e a carta na caixa, deve estar lá.

— Aonde mais ele iria? — diz ela em voz baixa.

Joona já está ao celular na cozinha, falando com o policial de serviço no Controle Central.

— Evelyn, a polícia passou uma semana fazendo uma investigação exaustiva na casa. Sabe onde ele poderia se esconder deles?

— No porão — responde Evelyn, erguendo os olhos.

— O que tem no porão?

— Há uma… sala especial lá.

— Ele está no porão — grita Erik na direção da cozinha.

Do outro lado da linha, Joona ouve o barulho lento de um teclado.

— Supõe-se que o suspeito esteja no porão — diz Joona.

— Espere — diz o policial de serviço. — Eu tenho de…

— Isso é muito urgente.

Depois de uma pausa, o policial diz calmamente:

— Mandamos um carro para o mesmo endereço há dois minutos.

— O quê? Para Gärdesvägen, 8, em Tumba?

— Sim. Os vizinhos ligaram dizendo que havia alguém dentro da casa.

52

domingo, 13 de dezembro (festa de Santa Luzia): manhã

Kennet Sträng para e escuta antes de se movimentar lentamente na direção da escada. Aponta a pistola para o chão, mantendo-a junto ao corpo. A luz do dia sai da cozinha para o corredor. Simone segue o pai, pensando que a casa da família assassinada lembra aquela em que ela e Erik moraram quando Benjamin era pequeno.

Há um rangido em algum lugar, no piso ou dentro das paredes.

— É Josef? — sussurra Simone.

A lanterna, as plantas da casa e o pé de cabra que ela equilibra são pesados e difíceis de manejar. As mãos estão dormentes.

A casa está totalmente silenciosa no momento. Os rangidos e as batidas abafadas pararam.

Kennet faz-lhe sinal com a cabeça. Quer que os dois desçam para o porão. Cada músculo do corpo de Simone diz que isso é um erro, mas ela concorda.

Segundo a planta, o melhor local para um esconderijo de fato é o porão. Kennet marcou os desenhos com uma caneta, mostrando como a parede da área com o velho boiler podia ser ampliada, criando um quarto virtualmente invisível. O outro espaço que Kennet marcou na planta foi o fundo do sótão.

A entrada do porão fica junto à escada que leva ao segundo andar. É uma abertura estreita, sem porta, na parede. Ainda há pequenas dobradiças no lugar onde ficava um portão de segurança para crianças. Os degraus de ferro que levam ao porão parecem feitos em casa: as soldas são grandes e mal-acabadas, e os degraus, cobertos com um grosso feltro cinza.

Quando Kennet aperta o interruptor, nada acontece. Ele tenta de novo, mas a lâmpada está queimada.

— Fique aqui — diz ele em voz baixa.

Simone sente um estremecimento de puro terror. Um pesado cheiro de poeira vem lá de baixo e a faz pensar no ar parado dentro de um túnel.

— A lanterna — pede ele, estendendo a mão.

Simone a entrega ao pai lentamente. Ele sorri, pega a lanterna, acende e começa a descer os degraus com cautela.

— Olá? — chama Kennet. — Josef? Preciso falar com você.

Não vem nenhum som do porão. Nenhuma batida, nenhuma respiração.

Simone agarra o pé de cabra e espera.

O facho da lanterna ilumina pouco mais do que as paredes e o teto da escadaria. A escuridão densa abaixo deles permanece intocada. Kennet continua descendo a escada, o facho captando objetos isolados: um saco plástico branco, a faixa refletora em um velho carrinho de bebê, o vidro de um pôster de cinema emoldurado.

— Acho que posso ajudá-lo — diz Kennet, dessa vez mais baixo.

Ele chega ao fundo, movendo a lanterna para ter certeza de que ninguém está saindo de algum esconderijo. O facho diagonal se move pelo piso e pelas paredes, passando pelos objetos próximos e projetando sombras inclinadas e instáveis. Kennet recomeça, vasculhando a sala de maneira calma e sistemática com o facho de luz.

Simone desce os degraus, com a estrutura de metal ressoando sob seus pés.

— Não há ninguém aqui — constata Kennet.

— Então o que ouvimos? Com certeza era algo — diz ela.

A luz do dia penetra por uma janela suja logo abaixo do teto. Os olhos deles começam a se acostumar à luz fraca. O porão está cheio de bicicletas de vários tamanhos, um carrinho de bebê, trenós, esquis e uma máquina de fazer pão. Decoração de Natal, rolos de papel de parede e uma escada dobrável salpicada de tinta branca. Alguém escreveu em uma caixa com caneta hidrográfica: *quadrinhos de Josef*.

Um barulho de batidas vem do teto, e Simone olha para as escadas e depois para o pai. Ele não parece ouvir o som. Caminha lentamente até uma porta no final da sala. Simone esbarra em um cavalo de balanço. Kennet abre a porta e olha para uma lavanderia com uma velha máquina de lavar e secar roupa e um antiquado equipamento para tirar água da roupa lavada. Junto a uma bomba geotérmica, uma cortina encardida está pendurada na frente de um grande armário.

— Ninguém aqui — diz ele, virando-se para Simone.

Ela olha para o pai, vendo também a cortina encardida atrás dele. Está absolutamente imóvel, mas, ao mesmo tempo, parece de algum modo estar viva.

— Simone?

Há uma marca úmida no tecido, uma pequena mancha ovalada, como se tivesse sido feita por uma boca.

— Abra as plantas — diz Kennet.

Simone tem a impressão de que a marca oval úmida de repente afunda.

— Pai — sussurra ela.

— O quê? — responde ele, apoiando-se no batente da porta enquanto guarda a pistola no coldre de ombro e coça a cabeça.

Então há um rangido. Ela gira e vê que o cavalo de balanço ainda se move.

— O que é, Sixan?

Kennet pega as plantas com a filha e as coloca sobre um colchão enrolado. Aponta a lanterna para o desenho e o vira. Ergue os olhos, olha mais uma vez para as plantas e vai até uma parede de tijolos onde há um velho beliche desmontado ao lado de um guarda-roupa com coletes salva-vidas amarelo-brilhantes. Um cinzel, várias serras e grampos estão pendurados em ganchos em um quadro de ferramentas marcado com precisão. O espaço ao lado do martelo está vazio. Há o perfil de um grande machado, mas este não está lá.

Kennet mede a parede e o teto com os olhos, inclina-se e bate na parede atrás da cama.

— O que há? — pergunta Simone.

— Esta parede deve ter pelo menos dez anos.

— Há algo atrás dela?

— Sim, um grande espaço — responde ele.

— Como se entra nele?

Kennet aponta a luz para a parede novamente, depois para o chão junto ao beliche desmontado. Sombras deslizam pelo porão.

— Ilumine ali de novo — diz Simone.

Quando Kennet aponta o facho para o chão junto ao guarda-roupa, ela vê que algo, raspando inúmeras vezes no piso, desenhou um arco no concreto.

— Atrás do guarda-roupa — diz ela.

— Segure a lanterna — diz Kennet, sacando novamente a arma.

De repente, eles ouvem claramente o som de alguém se movendo lenta e cuidadosamente atrás do guarda-roupa. A pulsação de Simone acelera e se torna violenta. Há alguém ali, pensa ela. Ai, meu Deus! Ela quer gritar *Benjamin!*, mas não ousa.

Kennet gesticula para que ela recue. Simone está prestes a falar quando ouvem uma batida alta no teto. Madeira se parte, estilhaça. Simone deixa a lanterna cair, e eles voltam a mergulhar na escuridão. Passos rápidos cruzam o piso no andar de cima, há barulho no teto e fachos de luz ofuscantes varrem a escadaria de ferro e inundam o porão como ondas altas.

— No chão — grita um homem, histérico. — No chão!

Simone fica paralisada.

— Deite — rosna Kennet.

— Cale a boca! — grita alguém.

— No chão, no chão!

Simone não se dá conta de que os homens estão falando com ela até sentir um golpe forte no estômago que a joga de joelhos.

— No chão, eu já disse!

Ela tenta respirar, tossindo e ofegando. Os fachos de luz intensos continuam varrendo o porão. Figuras negras a arrastam para o alto da escada estreita. Suas mãos estão presas às costas. Lutando para andar, ela escorrega e bate com a bochecha no corrimão metálico afiado.

Ela tenta virar a cabeça, mas alguém a segura com firmeza, respirando rápido e a empurrando brutalmente contra a parede junto à porta do porão.

53

domingo, 13 de dezembro (festa de Santa Luzia): manhã

Simone pisca à luz do dia, a visão ofuscada, mas é difícil focalizar. Várias figuras parecem estar olhando para ela. Fragmentos de uma conversa distante chegam a seus ouvidos, que reconhece o tom rigoroso e objetivo do pai. É sua voz que faz Simone se lembrar do cheiro de café quando ela estava se arrumando para a escola, com o noticiário matinal no rádio.

Só agora ela se dá conta de que foi a polícia que invadiu a casa. Um vizinho deve ter visto a luz da lanterna de Kennet e telefonou.

Um policial, de cerca de 25 anos, porém com rugas e olheiras, olha-a com expressão tensa. A cabeça é raspada, revelando um crânio irregular. Ele esfrega a nuca com a mão.

— Nome? — cobra ele friamente.

— Simone Bark — diz ela, voz ainda insegura. — Estou aqui com meu pai…

— Quero o seu nome, não sua história de vida — diz o homem de modo ríspido.

— Calma, Ragnar — diz um de seus colegas.

— Você é uma maldita parasita — continua ele, virando-se para Simone. — Essa é a minha opinião sobre gente que gosta de ver sangue.

Ele então bufa e vira-se para o outro lado. Kennet fala em um tom sereno e soa muito cansado. Simone vê um dos oficiais se afastando com a carteira dele.

— Desculpe-me — diz Simone a uma policial. — Ouvimos alguém lá no…

— Cale a boca — diz a mulher.

— Meu filho está…

— Eu mandei você calar a boca. Coloque uma fita adesiva na boca da mulher. Eu quero essa boca fechada.

O policial de cabeça raspada pega um rolo largo de fita, mas para quando a porta da frente se abre e um homem louro e alto com olhos cinzentos e penetrantes entra.

— Joona Linna, DIC Nacional — diz ele com seu jeito cantado de falar. — O que vocês pegaram?

— Dois suspeitos — responde a policial.

Joona olha para Kennet e Simone.

— Eu assumo agora — diz ele. — Foi um equívoco.

Duas covinhas aparecem nas bochechas de Joona quando ele manda que liberem os suspeitos. A policial vai até Kennet e retira as algemas, desculpa-se e troca algumas palavras com ele, as orelhas vermelhas. O policial de cabeça raspada fica de pé diante de Simone, balançando-se nos calcanhares e olhando para ela.

— Solte-a — diz Joona.

— Eles resistiram de maneira violenta e eu machuquei o polegar — diz ele.

— Pretende prendê-los? — pergunta Joona.

— Sim.

— Kennet Sträng e sua filha?

— Estou cagando para quem são — diz o policial de forma agressiva.

— Ragnar — diz novamente seu colega, tentando aquietá-lo —, vamos com calma. Ele é um de nós.

— É ilegal entrar na cena de um crime…

— Apenas se acalme — diz Joona com firmeza.

— Mas eu estou errado? — pergunta.

Kennet se aproximou, mas não diz nada.

— Estou errado? — Ragnar pergunta de novo.

— Conversamos sobre isso mais tarde — retruca Joona.

— Por que não agora?

— Para o seu próprio bem.

A policial vai novamente até Kennet, pigarreia e diz:

— Lamentamos muito por tudo isso.

— Tudo bem — diz Kennet, ajudando Simone a se levantar do chão.

— O porão — diz ela, quase inaudível.

— Eu cuido disso — diz Kennet, virando-se para Joona. — Há uma ou mais pessoas em um quarto escondido no porão, atrás do guarda-roupa com coletes salva-vidas.

— Escutem bem — diz Joona aos outros. — Temos razão para acreditar que o suspeito está no porão. Eu comandarei esta operação. Tenham cuidado. É possível que haja uma situação com reféns, e nesse caso eu serei o negociador. O suspeito é um indivíduo perigoso, mas os tiros devem ser disparados na direção das pernas em primeiro lugar.

Joona toma um colete à prova de balas emprestado e o veste com rapidez. Depois manda dois policiais para os fundos da casa e reúne uma equipe. Eles ouvem as instruções rápidas e desaparecem com ele pela passagem que leva ao porão. A escada de metal range alto com o peso deles.

Simone sente medo e seu corpo inteiro treme, então Kennet coloca os braços ao redor dela. Sussurra que tudo ficará bem, mas a única coisa que Simone quer ouvir é a voz do filho vindo do porão. Reza para ouvi-lo chamando por ela a qualquer instante.

Joona logo retorna, o colete à prova de balas na mão.

— Ele fugiu — diz, tenso.

— Benjamin, onde está Benjamin? — pergunta Simone.

— Não aqui — responde Joona.

— Mas o quarto…

Ela vai na direção da passagem para o porão. Kennet tenta contê-la, mas ela solta a mão, passa por Joona e desce os degraus de ferro. Com três holofotes em tripés enchendo o espaço de luz, o porão está tão claro quanto um dia de verão. A escada dobrável foi movida e está sob a pequena janela aberta. O guarda-roupa foi empurrado para um lado, e um policial vigia a entrada do quarto secreto. Simone caminha lentamente na direção dele. Pode ouvir o pai atrás dela, mas não compreende o que diz.

— Eu preciso — diz ela com a voz fraca.

O policial ergue a mão e balança a cabeça.

— Temo que não possa deixá-la entrar — diz ele.

— É meu filho. — Ela sente os braços do pai ao seu redor, mas tenta se soltar.

— Ele não está aqui, Simone.

— Me solte!

Ela se lança para a frente e olha para um quarto com um colchão no piso, pilhas de velhas revistas em quadrinhos, sacos de batatas fritas vazios, latas e caixas de cereal, galochas azul-claras e um grande machado reluzente.

54

domingo, 13 de dezembro (festa de Santa Luzia): meio-dia

Voltando de Tumba, no carro, Simone escuta Kennet resmungar sobre a polícia e sua falta de coordenação. Ela não diz nada, olhando pela janela enquanto ele se queixa. As ruas estão cheias de famílias a caminho de algum lugar. Mães e seus filhos pequenos vestindo macacões de neve, crianças tentando avançar com seus trenós pela neve semiderretida. Usam mochilas iguais. Um grupo de meninas com fitinhas de Santa Luzia costuradas às brilhantes faixas que usavam nos cabelos come qualquer coisa que tiram de um saco grande, rindo com prazer.

Mais de 24 horas se passaram desde que Benjamin foi tirado de nós, arrancado de sua cama e arrastado para fora de casa, pensa ela. Simone abaixa o olhar em direção às mãos. Horrendas marcas vermelhas das algemas ainda são bastante visíveis.

Nada indica que Josef Ek esteja envolvido no desaparecimento de Benjamin. Não havia vestígios de Benjamin no quarto oculto, apenas de Josef. É bem provável que Josef estivesse sentado lá quando ela e o pai desceram ao porão. Ao perceber que haviam descoberto seu esconderijo, ele deve ter apanhado o machado da forma mais silenciosa possível. E quando houve o tumulto, quando a polícia invadiu o porão e arrastou Kennet e ela para cima, Josef teve a oportunidade de empurrar o guarda-roupa para o lado, levar a escada até a janela e sair. Escapou, enganou a polícia e ainda está à solta. Foi dado um alerta nacional.

Mas Josef Ek não pode ter sequestrado Benjamin. Foram simplesmente duas coisas que aconteceram mais ou menos ao mesmo tempo, como Erik tentara dizer a ela.

— Você vem? — pergunta Kennet.

Ela ergue o olhar e se dá conta de que estão estacionados diante de seu prédio na Luntmakargatan, e Kennet repete a pergunta.

Simone destranca a porta e vê o casaco de Benjamin pendurado no vestíbulo. Seu coração acelera, e ela apenas tem tempo de pensar que ele deve estar em casa, antes de se lembrar de que ele foi arrastado para fora de pijamas.

O rosto do pai está pálido. Ela mais uma vez registra quão velho parece ter ficado. Ele diz que vai tomar uma chuveirada e desaparece no banheiro.

Simone se apoia na parede e fecha os olhos. Se pelo menos conseguir Benjamin de volta, pensa, esquecerei tudo o que aconteceu, o que está acontecendo, o que acontecerá. Não falarei sobre isso, não pensarei sobre isso, não ficarei com raiva de ninguém, serei apenas grata.

Ela ouve a água começando a correr no banheiro.

Suspirando, descalça os sapatos, deixa o casaco cair no chão e se joga na cama. De repente, não consegue se lembrar do que está fazendo no quarto. Entrou para pegar algo ou só para deitar e descansar um pouco? Sente o frescor dos lençóis na palma da mão e vê a calça amassada do pijama de Erik sob o travesseiro.

No momento em que a torneira é fechada, ela se lembra do que ia fazer. Ia apanhar uma toalha limpa para o pai e tentar descobrir no computador de Benjamin algo que pudesse estar relacionado ao sequestro. Tira uma toalha de banho do armário e volta para o vestíbulo no momento em que a porta do banheiro se abre e Kennet sai, totalmente vestido.

— Toalha — diz ela.

— Usei a pequena.

Os cabelos dele estão molhados e cheiram a lavanda. Ela percebe que o pai deve ter usado o sabão barato do frasco junto da pia.

— Você lavou o cabelo com sabonete? — pergunta ela.

— O cheiro era bom — responde ele.

— Tem xampu lá, pai.

— Dá no mesmo.

— Certo — diz Simone, com um sorriso, decidindo não lhe contar para o que é usada a pequena toalha de mão.

— Vou fazer café — diz Kennet, seguindo para a cozinha.

Simone joga a toalha de banho no aparador, vai ao quarto de Benjamin, senta à escrivaninha e liga o computador. Precisa fazer uma limpeza ali. As

roupas de cama no chão e o copo d’água do lado fazem ela se lembrar, de modo pungente, do sequestro.

A melodia de boas-vindas do sistema operacional do computador sai dos alto-falantes, Simone coloca a mão no mouse, espera alguns segundos, depois clica no retrato em miniatura do rosto de Benjamin para entrar.

O computador pede nome do usuário e senha. Simone digita BENJAMIN, respira fundo e escreve DUMBLEDORE.

55

domingo, 13 de dezembro (festa de Santa Luzia): meio-dia

A tela do computador de Benjamin pisca, como um olho fechando e depois abrindo. Ela entrou.

Uma fotografia de um cervo em uma clareira na floresta enche a tela. O verde é banhado por uma luz mágica, fresca. O animal tímido parece absolutamente calmo nesse momento específico. Apesar de Simone saber que está invadindo o espaço privado de Benjamin, é como se algo dele de repente estivesse próximo dela de novo.

— Você é genial — ela ouve o pai dizer atrás de si.

— Não sou, não — retruca ela.

Kennet coloca uma das mãos em seu ombro e ela abre o programa de e-mail.

— Até que ponto devemos ir? — pergunta ele.

— Vamos ver tudo.

Ela percorre a caixa de entrada, abrindo uma mensagem após a outra. Um colega de turma tem uma pergunta sobre um trabalho. Um projeto escolar em grupo é discutido. Alguém diz que Benjamin ganhou 4 milhões de euros em uma loteria espanhola.

Kennet desaparece e volta com duas canecas de café.

— A melhor bebida do mundo, café — diz ele, sentando-se. — Afinal de contas, como você conseguiu entrar no computador?

Ela dá de ombros timidamente e beberica o café. Mas tem vergonha de lhe contar que Erik deu a senha.

— Tenho de ligar para o meu amigo do computador e dizer que não precisamos de ajuda. Ele é lento demais!

Ela repassa a lista, abrindo uma mensagem de Aida, que conta a ele, de forma divertida, tudo sobre um filme ruim, dizendo que Arnold Schwarzenegger é um Shrek lobotomizado.

O boletim semanal da escola. Um alerta do banco sobre a importância de não dar detalhes de sua conta a ninguém. Facebook, Facebook, Facebook, Facebook, Facebook.

Simone entra na página de Benjamin no Facebook. Há centenas de perguntas do grupo *hypno monkey*. Todos os comentários têm a ver com Erik, várias teorias debochadas de que Benjamin foi hipnotizado para se tornar um nerd, provas de que Erik hipnotizou toda a Suécia, uma pessoa exigindo indenização por Erik ter hipnotizado seu pau.

Há um link para um clipe no YouTube. Simone clica e descobre um curta-metragem chamado *Babaca*. O som em off fala sobre um pesquisador demonstrando como funciona a hipnose séria, enquanto as imagens mostram Erik passando por uma série de pessoas. Ele esbarra em uma mulher idosa usando um andador com rodas, que lhe mostra o dedo médio pelas costas.

Simone volta à caixa de entrada de Benjamin e encontra um pequeno e-mail de Aida que a deixa arrepiada. Há algo naquelas poucas palavras que fazem um medo amorfo começar a brotar em seu estômago. As palmas de suas mãos ficam suadas de repente. Ela vira a tela para Kennet.

— Leia isto, pai.

> Nicky diz que Wailord está com raiva e abriu a boca contra você. Acho que isso pode ser realmente perigoso, Benjamin.

— Nicky é o irmão mais moço de Aida — diz Simone.

— E Wailord? — pergunta Kennet, respirando fundo. — Você sabe?

Simone balança a cabeça. O medo dentro dela é tão escuro e tão denso que parece feito de mármore. O que ela de fato sabe sobre a vida de Benjamin?

— Acho que Wailord é o nome de um personagem de Pokémon — diz ela. Simone clica na pasta de enviados e acha a resposta nervosa de Benjamin.

> Nicky tem de ficar em casa. Não deixe ele ir até o mar. Se Wailord realmente está com raiva, um de nós está com problemas. Devíamos ter ido à polícia no mesmo instante. Acho que agora é perigoso demais fazer isso.

— Merda — diz Kennet.

— Não sei se isto é de verdade ou parte de um jogo.

— Não parece um jogo.

— Não.

Kennet dá um longo suspiro e coça a barriga.

— Aida e Nicky — diz ele devagar. — Que tipo de gente eles são?

Simone olha para o pai e pensa em como responder. Ele nunca entenderia uma pessoa como Aida: uma garota que sempre se veste de preto, usa muita maquiagem, tem piercings e tatuagens e cuja situação familiar é peculiar, para dizer o mínimo.

— Aida é a namorada de Benjamin — diz Simone. — E Nicky é o irmão mais novo dela. Há uma foto dela com Benjamin em algum lugar.

Ela encontra a carteira de Benjamin e tira a foto de Aida. Benjamin envolve os ombros dela com os braços. Aida parece ligeiramente desconfortável, mas Benjamin ri para a câmera, a expressão relaxada.

— Mas que tipo de pessoas eles são? — pergunta Kennet de novo, olhando para o rosto exageradamente maquiado de Aida.

— Que tipo de pessoas? — diz ela lentamente. — Na verdade eu não sei. Sei apenas que Benjamin gosta muito dela. E ela parece cuidar bem do irmão. Acho que ele tem alguma espécie de dificuldade de aprendizado.

— É agressivo?

— Acho que não.

— Benjamin escreve sobre uma ameaça real, mas Wailord na verdade não existe — diz Kennet.

56

domingo, 13 de dezembro (festa de Santa Luzia): meio-dia

Kennet cruza os braços. Ele se recosta e olha para o teto. Depois se empertiga e diz em tom sério.

— Então Wailord é um personagem de desenho animado?

— Um Pokémon — retruca ela.

— E eu deveria saber o que isso significa?

— Se você tem filhos de determinada idade, sabe disso querendo ou não — responde ela.

Kennet olha para Simone sem entender.

— Pokémon — repete Simone. — É um tipo de jogo.

— Um jogo?

— Uma coisa que Benjamin adorava quando era mais novo. Costumava colecionar as cartas e falar sobre os diferentes poderes, sobre como os personagens se transformavam.

Kennet balança a cabeça.

— Ele deve ter ficado uns dois anos nessa — diz ela.

— Não mais?

— Está um pouco velho para isso agora.

— Eu costumava ver você brincando com bonecas quando voltava da equitação.

— Bem, quem sabe, talvez ele brinque escondido — responde Simone.

— Então, sobre o que é esse Pokémon?

— Como posso explicar? Originalmente, é japonês. Tornou-se muito popular nos anos 1990. Na verdade, é toda uma indústria. Os personagens são monstros de bolso. São animais, mas não de verdade. São inventados. Podem se parecer com insetos ou robôs, algo assim. Alguns deles são bonitinhos, outros simplesmente repulsivos. A pessoa joga com eles no bolso. Podem ser enrolados e colocados em pequenas bolas. A coisa toda é

realmente idiota. Você compete com outros jogadores combinando lutas entre seus diferentes Pokémons. Muito violentas, claro. De qualquer forma, o objetivo é derrotar o maior número possível, pois então você ganha dinheiro. O jogador ganha dinheiro, o personagem Pokémon ganha pontos.

— E aquele com mais pontos é o vencedor? — pergunta Kennet.

— Na verdade eu não sei. Parece que nunca termina.

— Então é um jogo de computador.

— É tudo, papai. Jogo de computador, Nintendo, programa de TV, filme, brinquedos, doces, cartas para trocar.

— Não sei se eu sou realmente esperto o bastante para entender isso — diz ele.

— Não — responde ela, hesitante.

Ele a observa.

— No que está pensando?

— Acabei de me dar conta de que é exatamente isso: os adultos são excluídos. — conclui ela. — Os garotos são ignorados, deixados por conta própria, porque não conseguimos entender. Nós desprezamos, chamamos de idiota, mas na verdade o mundo Pokémon é grande e complexo demais para nós.

— Acha que Benjamin voltou a jogar? — pergunta Kennet.

— Não da mesma forma. Isso deve ser outra coisa — diz Simone, apontando para a tela.

— Você acha que esse Wailord é uma pessoa real? — pergunta ele.

— Sim.

— Que não tem nada a ver com Pokémon?

— Não sei… O irmão de Aida me falou sobre Wailord como se falasse sobre um Pokémon. Talvez seja apenas seu modo de falar. Como disse, ele é um pouco… desligado. Mas tudo ganha uma nova luz quando Benjamin escreve *Não deixe Nicky ir até o mar*.

— Soa como se Benjamin estivesse levando a ameaça a sério — arrisca Kennet.

— Mas o mar — reflete. — Que mar? Não há mar aqui, apenas no jogo. O mar é falso, mas a ameaça é legítima — diz Simone, pensativa.

— Precisamos encontrar esse Wailord.

— Ele pode ser um Lunar — diz ela, hesitante. — Ou um Avatar, ou algo assim.

Kennet olha para Simone com um leve sorriso.

— Estou começando a entender por que era a hora de me aposentar.

— Lunar é uma identidade em uma página de bate-papo — explica Simone, aproximando-se da tela. — Vou fazer uma busca por Wailord.

Oitenta e cinco mil resultados aparecem. Kennet vai até a cozinha e ela ouve o som do rádio da polícia sendo ligado. Chiados e zumbidos se misturam a vozes humanas.

Ela examina uma página após outra de material japonês sobre Pokémon.

> Wailord é o maior de todos os Pokémons identificados até hoje. Esse Pokémon gigante nada em mar aberto, ingerindo uma grande quantidade de comida de uma só vez com sua boca enorme.

— Eis o seu mar — diz Kennet em voz baixa, lendo por sobre o ombro dela.

Simone não tinha ouvido ele voltar.

O texto descreve como Wailord caça suas presas e as reúne dando um salto gigante e pousando no meio do cardume. É terrível, lê Simone, ver Wailord engolir suas presas inteiras. Ela refina a busca pedindo apenas páginas em sueco e entra em um fórum em que encontra a seguinte conversa:

> — Oi, como se consegue um Wailord?
>
> — Se quiser um Wailord a coisa mais fácil é pegar um Wailmer em algum lugar no mar.
>
> — Certo, mas onde?
>
> — Praticamente em qualquer lugar desde que use a Super Rod.

— Algo útil? — pergunta Kennet.

— Isso pode demorar um pouco.

— Veja todas as mensagens dele, verifique a lixeira e tente rastrear esse Wailord.

Ela ergue o olhar e vê que Kennet vestiu sua jaqueta de couro.

— Vou sair — avisa ele de maneira direta.

— Para onde? Para casa?

— Preciso conversar com Nicky e Aida.

— Não seria melhor eu ir com você? — pergunta ela.

Kennet balança a cabeça.

— Acho melhor você cuidar do computador.

Kennet tenta dar um sorriso enquanto Simone o leva até a porta. Ele parece muito cansado. Ela o abraça antes de ele sair, tranca a porta e o ouve apertar o botão do elevador.

Simone entra na cozinha, vê um brioche sobre o saco de papel no qual veio embalado, uma fatia cortada. A cafeteira ainda está ligada, mas há apenas um sedimento escuro no fundo da jarra.

O cheiro de café queimado se mistura a uma sensação de pânico, como se sua vida tivesse sido dividida em dois atos, e que o primeiro, o feliz, acabou. Ela não consegue pensar no segundo ato. Do lado de fora da janela, a escuridão de dezembro. Parece ventar. Os sinais de trânsito, suspensos nos cruzamentos, balançam para a frente e para trás, e flocos de neve molhados caem sob a luz.

Ela acha uma mensagem deletada de Aida: *Lamento por você, vivendo em uma casa de mentiras*. A mensagem tem um grande anexo. Simone sente a pulsação nas têmporas acelerar. Quando está prestes a abrir o arquivo, há uma batida discreta na porta da frente. É quase um som de arranhões. Prende a respiração, ouve outra batida e se levanta. As pernas fraquejam enquanto começa a caminhar pelo longo corredor que leva ao vestíbulo e à porta da frente.

57

domingo, 13 de dezembro (festa de Santa Luzia): tarde

Kennet está em frente à entrada do prédio de Aida em Sundbyberg, refletindo sobre a estranha ameaça no computador de Benjamin:

> Nicky diz que Wailord está com raiva e abriu a boca contra você.

E a resposta de Benjamin:

> Não o deixe ir até o mar.

Kennet pensa no número de vezes em sua vida em que viu e ouviu o medo. Ele próprio conhece bem o medo, porque nenhum de nós passa sem ele.

O prédio em que Aida mora é bem pequeno, apenas três andares. Parece inesperadamente idílico, antiquado e autêntico. Ele olha para a foto que Simone lhe deu. Uma garota com piercings, olhos com maquiagem preta pesada. Fica pensando em por que acha difícil imaginá-la morando naquele prédio, comendo em uma mesa na cozinha, dormindo em um quarto em que pôsteres de pôneis foram substituídos por outros do Marilyn Manson.

Kennet sai do carro e está prestes a se esgueirar até a varanda que acha pertencer à família de Aida, mas se detém ao ver uma figura alta e desajeitada andando de um lado para o outro atrás do prédio.

Então a porta se abre e Aida sai. Parece estar com pressa. Olha por sobre o ombro, tira um maço de cigarros da bolsa, pega um, coloca-o entre os lábios e o acende sem diminuir o passo. Kennet a segue até a estação do metrô. Irá abordá-la assim que descobrir para onde vai. Um ônibus passa roncando e um cachorro começa a latir em algum lugar. Kennet de repente vê a figura alta que estava atrás do prédio ir apressado na direção de Aida. Ela se vira para encará-lo, mas, em vez de assustada, fica feliz. Todo o seu rosto se abre num sorriso, e as bochechas brancas empoadas e os olhos com delineador se tornam infantis de repente. A figura salta diante dela. Ela dá

um tapinha no rosto dele, que reage com um abraço. Eles beijam a ponta do nariz um do outro, e depois Aida acena, despedindo-se. Kennet se aproxima, pensando que a figura alta deve ser o irmão dela. Está de pé, imóvel, observando Aida caminhar, depois dá um pequeno aceno e se vira. Kennet vê o rosto suave e sincero do garoto. Ele é claramente estrábico. Kennet para sob a luz de um poste e espera. O garoto segue em sua direção com longos passos pesados.

— Oi, Nicky — diz Kennet.

Nicky para e olha para ele com uma expressão de terror. Há bolhas de saliva nos cantos da boca.

— Não é permitido — diz ele, insegura e lentamente.

— Claro que é. Meu nome é Kennet e eu sou policial. Ou, para ser mais preciso, estou ficando um pouco velho e me aposentei, mas isso não muda nada, ainda sou policial.

O garoto sorri, surpreso.

— Então você tem uma arma?

Kennet balança a cabeça.

— Não — mente ele. — E também não tenho um carro de polícia.

A expressão do garoto fica séria.

— Eles tiram tudo quando você fica velho?

Kennet confirma balançando a cabeça para cima e para baixo.

— Sim.

— Está aqui para pegar os ladrões? — pergunta Nicky.

— Que ladrões?

Nicky brinca com o zíper da jaqueta.

— Eles às vezes tiram coisas de mim — diz ele, chutando o chão.

— Quem faz isso?

Nicky olha para ele impaciente.

— Os ladrões.

— Certo.

— Meu chapéu, meu relógio, minha pedra especial com a borda brilhante.

— Você tem medo de alguém?

Ele balança a cabeça.

— Todo mundo aqui é bem legal, né? — pergunta Kennet, hesitante.

O garoto estufa as bochechas, faz um som e procura Aida com o olhar.

— Minha irmã está procurando o pior monstro.

Kennet indica com a cabeça a banca de jornais junto à estação de metrô.

— Quer uma Coca?

O garoto anda ao lado dele. Falando.

— Eu trabalho na biblioteca aos sábados. Pego os casacos das pessoas e os penduro na chapelaria, e eles recebem um tíquete com um número, milhares de números diferentes.

— Que bom — diz Kennet. Ele compra duas garrafas de Coca-Cola.

Nicky parece contente e pede um canudo extra. Então bebe, arrota, bebe e arrota de novo.

— O que você quis dizer quando mencionou sua irmã e um monstro? — pergunta Kennet de modo casual.

Nicky franze o cenho.

— É aquele garoto. O namorado de Aida. Benjamin. Ela não o viu hoje. Mas antes ele estava realmente furioso, realmente furioso mesmo. Aida chorou.

— Por que Benjamin estava com raiva?

Nicky olha para Kennet, surpreso.

— Benjamin não está com raiva, ele é legal. Ele deixa Aida feliz e ela ri.

Kennet olha para o garoto alto.

— Então quem estava com raiva, Nicky? Quem ficou com raiva?

Nicky de repente parece desconfortável. Ele olha para sua bebida, procurando alguma coisa.

— Eu não tenho permissão para aceitar coisas de…

— Mas agora é diferente, lembra? Sou policial. Tudo vai ficar bem desta vez, eu garanto — diz Kennet. — Quem estava com raiva, Nicky?

Nicky pigarreia e limpa a espuma dos cantos da boca.

— É Wailord, ele tem uma boca deste tamanho — diz, mostrando com os braços.

— Wailord?

— Ele é mau.

— Aonde Aida foi, Nicky?

As bochechas do garoto tremem quando ele responde.

— Ela não consegue achar Benjamin. Isso não é bom.

— Mas aonde ela foi agora?

Nicky parece estar prestes a cair em lágrimas enquanto balança a cabeça.

— Não, não, não, eu não tenho permissão para falar com homens que não conheço.

— Claro que não. Mas veja, Nicky, eu não sou um homem comum — diz Kennet, pegando a carteira e achando uma foto sua usando o uniforme de policial.

Nicky olha atentamente para o retrato. Depois diz, sério:

— Aida vai ver Wailord. Ela está com medo que ele tenha mordido Benjamin. Wailord abre a boca assim.

Nicky mostra com os braços mais uma vez, e Kennet tenta manter sua voz completamente calma enquanto diz:

— Você sabe onde Wailord mora?

— No mar.

— No mar. E como você chega lá?

— Eu não tenho permissão de ir ao mar, nem mesmo posso chegar perto.

— Compreendo isso, Nicky. Mas eu posso ir. Como se chega lá?

— De ônibus.

58

domingo, 13 de dezembro (festa de Santa Luzia): tarde

Nicky procura alguma coisa no bolso, murmurando consigo mesmo, depois ergue os olhos para Kennet.

— Wailord fez uma brincadeira comigo uma vez quando eu tive de pagar — diz ele, tentando sorrir. — Ele só estava brincando. Eles me enganaram para comer algo que não se deve comer.

Kennet espera. Nicky enrubesce e brinca com o zíper. As unhas estão sujas.

— O que você comeu? — pergunta Kennet.

As bochechas do garoto mais uma vez tremem violentamente.

— Eu não queria — responde ele, e algumas lágrimas correm por seu rosto.

Kennet dá um tapinha no ombro de Nicky e tenta manter a voz calma e firme.

— Sabe o que parece? Parece que Wailord é mesmo um idiota.

— Idiota.

Kennet fica pensando no que Nicky tem no bolso.

— Eu sou policial, você sabe, e digo que ninguém tem permissão de fazer coisas idiotas a você.

— Você é velho demais.

— Mas sou forte.

Nicky parece mais alegre.

— Posso tomar outra Coca?

— Se quiser.

— Sim, por favor.

— O que você tem no bolso? — pergunta Kennet, fingindo indiferença.

Nicky sorri.

— É um segredo.

— Entendo — diz Kennet, e evita perguntar mais.

Nicky morde a isca.

— Não quer saber o que é?

— Ah, não. Eu entendo segredos. Você não pode ser policial por muito tempo como eu fui se não for capaz de guardar um segredo. Você não precisa me contar caso não queira, Nicky.

— Você nunca vai adivinhar o que é.

— Estou certo de que não.

Nicky tira a mão do bolso.

— Vou contar o que é isso — diz, abrindo o punho. — É o meu poder.

Há uma pequena bola de terra na mão de Nicky. Kennet olha de maneira inquisitiva para o garoto, que apenas sorri.

— Eu sou um Pokémon do tipo terra — diz ele, contente.

— Um Pokémon do tipo terra — repete Kennet.

Nicky fecha o punho e o coloca de volta no bolso.

— Sabe quais são meus poderes?

Kennet balança a cabeça. Do outro lado da rua, um homem com a cabeça pontuda passa devagar pelas fachadas escuras e úmidas dos prédios. Parece procurar algo. Leva uma bengala na mão e bate com ela no chão. Kennet automaticamente pensa que o homem está tentando olhar pelas janelas do térreo. Pensa em ir até lá e perguntar o que ele está fazendo. Mas Nicky colocou uma mão em seu braço.

— Sabe quais são os meus poderes? — pergunta o garoto de novo.

Kennet relutantemente desvia o olhar do homem. Nicky começa a contar nos dedos.

— Sou bom contra Pokémons elétricos, Pokémons de fogo, Pokémons de veneno, Pokémons de pedra e Pokémons metálicos. Eles não podem me derrotar; estou seguro contra esses. Mas não posso lutar contra Pokémons voadores ou Pokémons de planta e inseto.

— Mesmo? — diz Kennet, distraído.

O homem parou em uma das janelas. Enfiando a bengala sob o braço, ele começa a mexer nos bolsos, como se procurasse uma chave ou fósforos, mas Kennet vê que ele, na verdade, está apoiado no vidro.

— Está escutando? — pergunta Nicky, ansioso.

Kennet tenta sorrir para incentivá-lo, mas, quando se vira para olhar novamente, o homem desapareceu. Kennet não consegue ver se a janela do térreo está aberta.

— Eu não posso lutar contra a água — diz Nicky, triste. — A água é o pior. Não posso lutar com ela. Tenho medo da água.

Kennet cuidadosamente solta a mão de Nicky do seu braço.

— Espere só um minuto — diz ele, dando alguns passos na direção do meio-fio.

— Ei, que horas são? — pergunta Nicky de repente.

— Horas? Quinze para as seis.

— Melhor eu ir. Ele vai ficar louco se eu me atrasar.

— Quem vai ficar louco? Seu pai?

Nicky ri.

— Eu não tenho pai, bobo!

— Quer dizer, sua mãe.

— Não, Ariados vai ficar louco. Ele está vindo pegar algumas coisas — diz Nicky, olhando inseguro para Kennet e depois para o chão. — Você pode me dar algum dinheiro? Porque se eu não tiver o bastante ele tem de me punir.

— Espere um minuto — diz Kennet, que está começando a prestar atenção no que Nicky diz. — É Wailord quem quer dinheiro de você?

Nicky começou a se afastar da banca de jornais, e Kennet o segue, perguntando de novo:

— É Wailord quem quer dinheiro?

— Está maluco? Wailord? Ele me engoliria. Mas os outros, eles… eles podem nadar até ele.

Nicky olha por sobre o ombro. Kennet tenta mais uma vez.

— Quem quer dinheiro de você?

— Ariados, eu já disse — responde o garoto, impaciente. — Tem algum dinheiro? Eu posso fazer alguma coisa se conseguir o dinheiro. Posso dar a você um pouco de poder.

— Não é preciso — diz Kennet, tirando a carteira. — Vinte coroas bastam?

Nicky sorri encantado, enfia a nota no bolso e sai correndo pela rua sem nem sequer dizer tchau.

Kennet vai atrás dele, tentando entender o que ouviu. Quando vira a esquina, vê Nicky esperando o sinal se abrir para ele no cruzamento. Parece estar indo à biblioteca na praça. Kennet o segue até o outro lado da rua, parando em um caixa eletrônico quando Nicky para. O garoto grande está andando impacientemente de um lado para o outro junto à fonte diante da biblioteca. A iluminação é ruim, mas Kennet vê que Nicky está o tempo todo brincando com a terra no bolso.

De repente um garoto mais novo atravessa os arbustos perto do centro odontológico e sai na praça. Ele se aproxima de Nicky, para diante dele e diz algo. Nicky deita no chão imediatamente e tira o dinheiro do bolso. O garoto conta e dá um tapinha na cabeça de Nicky, então agarra o seu colarinho e o leva até a beirada da fonte. Nicky engatinha e permite que seu rosto seja enfiado na água. O instinto de Kennet é interferir, mas se obriga a ficar onde está. Ele está ali para encontrar Benjamin. Não pode assustar o garoto que talvez seja Wailord ou que possa levá-lo até Wailord. Ele permanece de pé, dentes trincados, contando os segundos antes de correr até os meninos. Nicky sacode as pernas e chuta o ar, e Kennet vê a calma inexplicável no rosto do outro garoto quando o solta. Nicky cai no chão junto à fonte, ofegando e tossindo. O garoto dá um último tapinha no ombro de Nicky e se afasta andando.

Kennet afinal pode ir apressado atrás do garoto, em meio aos arbustos, e por um declive gramado e enlameado até uma trilha. Ele o segue passando por vários prédios residenciais, até o garoto entrar em um deles. Kennet acelera e agarra a porta antes que se feche, seguindo o garoto até o elevador, e consegue ver que ele apertou o botão do sexto andar. Kennet também salta no sexto andar, hesita, finge procurar algo nos bolsos e vê o garoto ir até uma das portas e tirar uma chave.

— Ei, filho, tem um momento? — chama Kennet de modo casual.

O garoto não reage, então Kennet vai até ele, agarra sua jaqueta e o gira.

— Me solta, coroa — diz o garoto, encarando-o.

— Você não sabe que é contra a lei tomar o dinheiro dos outros?

Kennet está olhando para dois olhos dissimulados, surpreendentemente calmos.

— Seu sobrenome é Johansson — diz Kennet, olhando para a porta.

— Isso mesmo — confirma o garoto, sorrindo. — Qual é o seu nome?

— Detetive Kennet Sträng.

O garoto simplesmente fica ali olhando para ele, sem qualquer sinal de medo.

— Quanto dinheiro você tomou de Nicky?

— Eu não tomo dinheiro nenhum. Se as pessoas querem me dar, problema delas. Eu não tomo. Todo mundo fica feliz, ninguém sai chateado.

— Vou dar uma palavrinha com seus pais.

— Como quiser.

— Devo fazer isso?

— Ai, não, por favor, não — diz o garoto, debochado.

Kennet toca a campainha, e ele e o garoto esperam até a porta ser aberta por uma mulher gorda queimada de sol.

— Boa tarde — diz Kennet. — Sou detetive e temo que seu filho esteja em apuros.

— Meu filho? Eu não tenho filho nenhum — retruca ela.

Kennet percebe que o garoto está olhando para o chão, sorrindo.

— Não conhece este garoto?

— Posso ver sua identificação da polícia, por favor? — cobra a mulher gorda.

— Este garoto está…

O garoto interrompe.

— Ele não tem identificação nenhuma.

— Ah, sim, eu tenho — mente Kennet.

— Ele não é da polícia — afirma o garoto, pegando sua carteira. — Eis o meu passe de ônibus, eu sou mais polícia que…

Kennet agarra a carteira do garoto.

Devolve isso.

— Só quero dar uma olhada — diz Kennet.

— Ele disse que queria chupar o meu pau — acusa o garoto.

— Estou chamando a polícia — anuncia a mulher, parecendo assustada.

Kennet aperta o botão do elevador. A mulher olha ao redor, sai apressada e começa a bater nas portas dos outros apartamentos.

— Ele me deu dinheiro, mas eu não queria ir com ele — diz o garoto a ela.

As portas do elevador se abrem. Um vizinho abre a porta com a corrente de segurança.

— Melhor você deixar Nicky em paz — diz Kennet em voz baixa.

— Ele é meu — retruca o garoto.

A mulher está gritando pela polícia. Kennet entra no elevador, aperta o botão verde e as portas se fecham. Suor escorre pelas suas costas. O garoto devia ter notado que ele o seguia desde a fonte, e o enganou para que fosse atrás dele até um apartamento estranho. O elevador desce lentamente, a luz pisca, os cabos de aço acima fazem um barulho alto. Kennet olha dentro da carteira do garoto: quase cem coroas, um cartão de sócio de uma locadora de vídeo, um passe de ônibus e um cartão azul amassado com os dizeres O MAR, LOUDDSVÄGEN 18.

59

domingo, 13 de dezembro (festa de Santa Luzia): tarde

Uma gigantesca salsicha sorridente foi colocada no alto do restaurante: ela faz sinal de positivo com uma das mãos e se cobre de ketchup com a outra. Erik pede um hambúrguer com fritas, senta-se em um dos bancos altos no balcão estreito junto à vitrine e olha através do vidro embaçado. Há um chaveiro do outro lado da rua cuja decoração de Natal consiste de duendes de pouco menos de 1 metro fazendo estripulias entre uma variedade de cofres, cadeados e chaves.

Quatro horas antes, Joona ligara para contar que tinham perdido Josef de novo. Estava no porão, mas escapara. Nada sugeria que Benjamin estivera lá. Ao contrário, resultados preliminares de DNA indicavam que Josef estivera sozinho no quarto o tempo todo.

Uma fadiga profunda se abate sobre ele. Josef Ek quer me ferir. Ele tem ciúmes, me odeia, enfiou na cabeça que Evelyn e eu mantemos um relacionamento sexual, e está determinado a se vingar de mim. Mas não sabe onde moro. Na carta ele exige que Evelyn lhe conte. *Você vai me mostrar onde ele mora*, escreveu. Se Josef não sabe onde moro, não foi ele quem entrou em nosso apartamento e arrastou Benjamin para fora.

Erik abre sua garrafa de água mineral, toma um gole e liga para casa. Ouve sua própria voz na secretária eletrônica pedindo que deixe uma mensagem. Desliga e liga para o celular de Simone. Ela não atende.

— Oi, Simone — diz na caixa de voz. — Olhe, acho que você deveria aceitar a proteção policial. Ao que parece, Josef Ek está com muita raiva de mim. Mas apenas isso, pelo que sabemos. Ele não levou Benjamin.

Ele engole um pedaço do hambúrguer, e assim fica consciente do vazio corrosivo em seu estômago. Espeta as batatas fritas crocantes com o garfo de plástico, pensando no rosto de Joona quando leu a carta que Josef escreveu para Evelyn. Foi como se a temperatura na sala tivesse caído. Os olhos cinza-claros se tornaram gelados, mas com uma dureza inflexível. Erik tenta se lembrar do rosto de Evelyn, suas palavras exatas quando se deu conta de

que Erik voltara à casa. Ponderando, Erik conclui que ela não decidiu deixar de mencionar o quarto especial, simplesmente se esqueceu dele.

Ele come um pouco mais do hambúrguer, limpa as mãos no guardanapo e faz outra tentativa de encontrar Simone. Ela não precisa apenas saber que não foi Josef Ek que levou Benjamin, ele também quer perguntar o que mais ela se lembra da noite em que Benjamin foi sequestrado. Apesar de seu alívio ao descobrir que o filho não está nas mãos de Josef Ek, sabe que terão de recomeçar tudo, pensar na coisa toda desde o início. Ele abre um bloco, escreve o nome de Aida, depois muda de ideia e arranca a folha. É com Simone que ele tem de falar. Ela precisa lembrar mais, diz a si mesmo, deve ter visto algo. Joona a interrogara, mas ela não se lembrava de nada mais. Claro que naquele momento eles estavam concentrados em Josef.

O celular toca e ele coloca o hambúrguer no prato, limpa as mãos de novo e responde sem ter olhado o visor.

— Erik Maria Bark.

Há um chiado abafado, um ronco.

— Alô? — diz Erik, mais alto.

De repente ouve uma voz fraca.

— Pai?

O óleo quente chia quando a cesta de batatas é abaixada.

— Benjamin?

Meia dúzia de hambúrgueres é jogada na chapa. O telefone ruge.

— Espere, não estou conseguindo ouvir.

Erik abre caminho entre os clientes na fila e vai para o estacionamento.

— Benjamin?

Flocos de neve rodopiam ao redor das luminárias amarelas.

— Consegue me ouvir agora? — pergunta Benjamin, parecendo mais próximo.

— Onde você está? Diga onde está!

— Não sei, pai. Não vejo, estou deitado na mala de um carro e estamos andando há um tempão.

— Quem pegou você?

— Eu acordei aqui. Não consigo ver nada, estou com sede…

— Está ferido?

— Pai! — soluça ele.

— Estou aqui, Benjamin.

— O que está acontecendo?

Ele soa fraco e amedrontado.

— Vou encontrar você — diz Erik. — Sabe para onde está indo?

— Eu ouvi uma voz quando acordei. Era pastosa, como se ele estivesse falando por trás de um cobertor. Como foi? Era algo sobre… uma casa…

— Conte mais! Que tipo de casa?

— Não, não é só uma casa, é uma casa assombrada.

— Onde?

— Estamos parando agora, pai, o carro parou, eles estão vindo — diz Benjamin, soando aterrorizado. — Não dá para falar mais.

Erik ouve barulhos estranhos de coisas remexidas, seguidos por um rangido, e depois o grito repentino de Benjamin. Sua voz é aguda e vacilante. Ele parece terrivelmente assustado.

— Me deixe em paz, não quero, por favor, eu prometo…

Então silêncio; a ligação é interrompida.

Erik fica olhando para o telefone, mas não o usa. Não quer correr o risco de bloquear outro telefonema do filho. Espera junto ao carro, rezando para que Benjamin ligue de novo, tenta repassar a conversa, mas continua perdendo o fio da meada. O medo de Benjamin perfura sua cabeça. Ele decide que precisa contar a Simone.

60

domingo, 13 de dezembro (festa de Santa Luzia): tarde

Erik entra no carro, as mãos tremendo tanto que ele não consegue enfiar a chave na ignição. Sabe que deixou o chapéu e as luvas junto ao hambúrguer no restaurante, mas não se dá o trabalho de voltar. A superfície da estrada cintila em tons de cinza vindos da neve úmida enquanto ele dá marcha a ré na escuridão e dirige para casa. Estaciona na Döbelnsgatan e anda apressado para a Luntmakargatan com uma estranha sensação de alheamento enquanto entra no prédio e acelera escada acima. Toca a campainha, espera, ouve passos, o pequeno clique da cobertura metálica do olho mágico empurrada para o lado. Ouve a porta ser destrancada por dentro, mas ela não se abre para que entre, então ele mesmo a abre. Simone recuou para o corredor escuro. Vestindo jeans e suéter de tricô azul, braços cruzados sobre o peito, ela parece decidida.

— Você não atendia o telefone — diz Erik.

— Vi que você ligou — diz, com a voz contida. — Era algo importante?

— Sim.

O rosto dela desmonta, revelando toda a ansiedade que estava se esforçando para esconder. Coloca a mão sobre a boca e olha para Erik.

— Benjamin me ligou há meia hora.

— Ai, meu Deus! — diz, aproximando-se. — Onde ele está? — pergunta, elevando a voz.

— Não sei. Ele mesmo não sabia, não sabia de nada.

— O que ele disse?

— Disse que estava no porta-malas de um carro.

— Estava ferido?

— Acho que não.

— Mas o que…

— Espere — interrompe Erik. — Preciso usar o telefone. Talvez seja possível rastrear a ligação.

— Para quem você vai ligar?

— Para a polícia. Tenho um contato que…

— Vou falar com papai. Será mais rápido.

Erik considera protestar, mas desiste. Ela pega o telefone e ele se senta no banquinho do vestíbulo no escuro, sentindo o rosto se aquecer no calor.

— Você estava dormindo? — pergunta Simone. — Pai, eu preciso… Erik está aqui, ele falou com Benjamin. Você tem de rastrear a ligação… Não sei… Não, eu não… Melhor você falar com ele.

Erik pega o telefone e o leva ao ouvido.

— Oi.

— Diga o que aconteceu, Erik — diz Kennet.

— Eu queria ligar para a polícia, mas Simone disse que você poderia rastrear a ligação mais rápido.

— Ela pode estar certa.

— Benjamin me ligou há meia hora. Não tinha ideia de onde estava ou de quem o pegara. Só sabia que estava deitado no porta-malas de um carro. Enquanto falávamos o carro parou, Benjamin disse que podia ouvir alguém se aproximando, começou a gritar e depois tudo ficou em silêncio.

Erik pode ouvir o som dos soluços contidos de Simone.

— Ele ligou do próprio telefone? — pergunta Kennet.

— Sim.

— Porque ele tem estado desligado. Tentei rastreá-lo anteontem. Celulares enviam sinais para a estação mais próxima mesmo quando não estão sendo usados.

Erik escuta em silêncio enquanto Kennet explica que as operadoras de telefonia celular são obrigadas a ajudar a polícia de acordo com os parágrafos 25 a 27 da lei de telecomunicações, se a pena mínima para o crime investigado for de pelo menos dois anos de prisão.

— O que eles podem descobrir? — pergunta Erik.

— A precisão varia, depende da estação e das comutações, mas com alguma sorte logo teremos uma localização em um raio de 90 metros.

— Rápido, por favor, rápido.

Erik encerra a ligação, fica parado com o telefone na mão e depois o entrega a Simone.

— O que aconteceu com a sua bochecha?

— O quê? Ah, não é nada.

Eles se olham, cansados e frágeis.

— Quer entrar, Erik?

Ele concorda, permanece onde está por um momento, depois tira os sapatos e segue pelo corredor. Repara que o computador no quarto de Benjamin está ligado e entra.

— Descobriu alguma coisa?

Simone para na entrada.

— Algumas mensagens entre Benjamin e Aida — diz ela. — Parece que se sentiam ameaçados.

— Por quem?

— Não sabemos. Papai está trabalhando nisso.

Erik senta-se ao computador.

— Benjamin está vivo — diz ele em voz baixa, olhando demoradamente para ela.

— Sim.

— Não parece que Josef Ek esteja envolvido.

— Você disse isso na mensagem. Disse que ele não sabia onde moramos. Mas ligou para cá, não? Então pode ter…

— É diferente.

— É?

— A telefonista fez a ligação — explica ele. — Pedi que fizessem isso se algo parecesse importante. Ele não conseguiu nosso telefone ou nosso endereço.

— Mas alguém pegou Benjamin e o colocou em um carro — diz ela, e depois fica em silêncio.

Erik lê a mensagem na qual Aida diz que lamenta por ele, vivendo em uma casa de mentiras. Depois abre a imagem que ela anexou: uma fotografia colorida tirada com flash à noite, mostrando um terreno com grama alta, amarelado pela luz de xênon do flash, curvando-se na direção de uma sebe baixa. Atrás da sebe ressecada é possível identificar uma cerca de madeira marrom. No limite do gramado há uma cesta de plástico verde e algo que poderia ser um canteiro de batatas.

Erik olha atentamente para a fotografia, tentando entender qual é o tema, se haveria um porco-espinho ou um musaranho que ele ainda não havia identificado em algum lugar. Tenta examinar a escuridão além do flash da câmera para descobrir uma pessoa, um rosto, mas não acha nada.

— Que foto estranha — sussurra Simone.

— Talvez Aida tenha anexado a imagem errada — diz Erik.

— Isso explicaria por que Benjamin deletou a mensagem.

— Também precisamos falar com Aida sobre isso.

Simone de repente geme.

— O remédio de Benjamin.

— Eu sei.

— Você deu o concentrado de fator na terça-feira?

Antes que ele tenha tempo de responder, ela sai do quarto e vai até a cozinha. Ele a segue. Quando chega lá, a vê de pé junto da janela, assoando o nariz em uma toalha de papel. Erik estende a mão na sua direção, mas ela se afasta. Sem a injeção com a droga que ajuda o sangue a coagular e o protege de hemorragias espontâneas, Benjamin pode sangrar até a morte por algo simples como um movimento rápido.

— Eu dei a injeção na manhã de terça, às 8h20. Ele ia patinar, mas em vez disso foi a Tensta com Aida.

Ela inclina a cabeça e calcula.

— Hoje é domingo. Ele tem de tomar outra injeção logo — sussurra ela.

— Não há perigo real por mais alguns dias — diz Erik em tom tranquilizador.

Ele olha para ela: rosto cansado, traços adoráveis, sardas. Os jeans de cintura baixa, a calcinha amarela visível na cintura. Ele gostaria de ficar ali, gostaria que dormissem juntos. Na verdade gostaria de fazer amor com ela, mas sabe que é cedo demais para isso, cedo demais mesmo para começar a desejá-la.

— Melhor eu ir — murmura Erik.

Ela concorda. Eles se olham.

— Ligue quando Kennet rastrear a ligação.

— Para onde você vai? — pergunta ela.

— Preciso trabalhar.

— Está dormindo no consultório?

— É uma solução prática.

— Você pode dormir aqui — diz ela.

Ele fica surpreso. De repente, não sabe o que dizer. Mas o breve momento de silêncio é suficiente para que ela, de maneira equivocada, interprete a reação dele como hesitação.

— Isso não foi um convite — diz ela rapidamente. — Não comece a ter ideias.

— Não estava tendo.

— Você está morando com Daniella?

— Não.

— Já estamos separados — diz ela, aumentando o tom de voz —, então você não precisa mentir para mim.

— Certo.

— O quê? Certo o quê?

— Estou morando com Daniella — mente ele.

— Bom — sussurra ela.

— Sim.

— Não vou perguntar se ela é jovem, bonita e…

— Ela é.

Erik calça os sapatos no corredor, sai do apartamento e fecha a porta. Espera até ouvi-la trancar e colocar a corrente de segurança antes de descer as escadas.

61

segunda-feira, 14 de dezembro: manhã

Simone é acordada com o telefone tocando. As cortinas estão abertas e o quarto é banhado pelo sol de inverno. Seria Erik? Quer chorar quando percebe que ele não irá ligar. Estará acordando ao lado de Daniella esta manhã. Ela está completamente sozinha agora.

Ela pega o telefone na mesinha de cabeceira.

— Simone? É Yiva. Estou tentando encontrá-la há dias.

Yiva soa estressada. Simone olha para o relógio. Já são 10 horas.

— Estou com outras coisas na cabeça — diz ela secamente.

— Ainda não o encontraram?

— Não.

Silêncio. Algumas sombras passam do lado de fora da janela. Simone vê pedaços de tinta caindo do telhado de metal em frente, raspado por homens vestidos com brilhantes macacões amarelos.

— Lamento — diz Yiva. — Não quero incomodá-la.

— O que aconteceu?

— O auditor vem amanhã.

Simone se levanta e olha para o espelho colorido no guarda-roupa. Parece magra e cansada. É como se seu rosto tivesse sido esmagado em pedacinhos e depois remontado.

— E quanto a Sim Shulman? — pergunta ela. — Como está a exposição dele?

Yiva soa entusiasmada.

— Ele disse que precisa falar com você.

— Vou ligar para ele.

— Quer lhe mostrar algo a respeito da luz — diz, baixando a voz. — Não tenho ideia de como estão as coisas entre você e Erik, mas…

— Estamos separados — responde Simone.

— Bem, eu realmente acho…

— O que você acha? — pergunta ela, paciente.

— Acho que Shulman está muito interessado em você.

Simone vê seus próprios olhos no espelho e de repente sente uma pontada no estômago.

— Melhor eu ir até aí — diz ela.

— Você pode?

— Só preciso dar um telefonema antes.

Simone desliga, mas permanece sentada na beirada da cama por mais algum tempo. Benjamin está vivo, isso é o mais importante. A pessoa que o levou não parece interessada em matá-lo: tem outra coisa em mente. Resgate? Ela repassa rapidamente seu patrimônio. O que ela de fato tem? O apartamento, o carro, algumas obras de arte. A galeria, claro. Poderia pegar dinheiro emprestado. Tudo dará certo. Ela não é rica, mas seu pai pode vender a cabana de veraneio e o apartamento dele. Eles podiam morar juntos, todos em um apartamento alugado em algum lugar. Desde que ela consiga Benjamin de volta, desde que possa ter seu menino de novo.

Simone liga para o pai, mas ele não atende. Deixa uma mensagem curta dizendo que está indo para a galeria, depois toma um banho rápido, escova os dentes, veste roupas limpas e sai do apartamento sem se preocupar em apagar as luzes.

Está frio e venta do lado de fora, alguns graus abaixo de zero. A penumbra da manhã de meados de dezembro é de um silêncio e uma sonolência opressivos, um clima de cemitério. Um cachorro passa correndo com a guia arrastando nas poças. Nenhum sinal do dono.

Assim que chega à galeria, percebe o olhar de Yiva através da porta de vidro. Entra, e Yiva vai até ela com pressa e a abraça. Simone percebe que Yiva se esqueceu de retocar as raízes: o grisalho forma uma linha reta no meio de seus cabelos negros. Mas o rosto é suave e perfeitamente maquiado, a boca vermelho-escura como sempre. Está vestindo uma saia-calça cinza, meia-calça justa listrada em preto e branco e pesados sapatos marrons.

Simone olha ao redor. Uma luz esverdeada tremula em uma série de pinturas de Sim Shulman, óleos verde-água brilhantes.

— Fantástico — diz Simone. — Você fez um trabalho excelente.

— Obrigada — diz Yiva.

Simone vai até as pinturas.

— Eu não as tinha visto assim, agrupadas, do modo como foram concebidas. Só as vira isoladas. — Dá um passo à frente. — É como se fluíssem lateralmente. Ela vai à segunda sala. O bloco de pedra com as pinturas de caverna de Shulman está em uma base de madeira.

— Sim Shulman quer lamparinas a óleo aqui — diz Yiva. — Eu disse que era impossível. As pessoas querem ver o que estão comprando.

— Não, elas não querem.

Yiva ri e diz:

— Então Shulman vai ter o que quer?

— Sim — responde Simone. — Ele vai ter o que quer.

— Bem, você pode dizer a ele pessoalmente.

— Como?

— Ele está no escritório.

— Shulman?

— Disse que precisava dar uns telefonemas.

Simone olha na direção do escritório e Yiva pigarreia.

— Vou pegar um sanduíche para o almoço.

— O quê, a esta hora?

— Só pensei que… — diz Yiva, baixando o olhar.

— Então vá.

Simone bate na porta do escritório e entra. Shulman está sentado atrás da mesa chupando um lápis.

— Como você está? — pergunta ele, começando a se levantar.

— Não muito bem.

— Foi o que pensei.

Há um silêncio, e ele se aproxima. Ela baixa a cabeça. É tomada por uma sensação de exposição, de ter sido reduzida à sua parte mais frágil. A voz treme quando fala.

— Benjamin está vivo. Não sabemos onde está ou quem o levou, mas está vivo.

— Uma boa notícia — diz Shulman em voz baixa.

— Merda — murmura ela, virando-se e enxugando as lágrimas do rosto com a mão trêmula.

Shulman toca seu cabelo gentilmente. Ela se afasta sem saber por quê. Na verdade, não deseja que ele pare. Sua mão cai. Eles se olham. Ele veste um conjunto preto macio, com um capuz se projetando acima da gola do casaco.

— Está usando roupa de ninja — diz ela, sorrindo sem querer.

— *Shinobi*, a palavra correta para ninja, tem dois significados — diz ele. — Significa "pessoa escondida", mas também "aquele que resiste".

— Resiste?

— Talvez a mais difícil das artes.

— Impossível sozinha, pelo menos para mim.

— Ninguém está sozinho.

— Não consigo lidar com isso — sussurra Simone. — Estou desmoronando. Preciso parar de pensar nisso o tempo todo. Não tenho para onde ir. Fico andando, pensando que só queria que algo acontecesse. Poderia socar minha própria cabeça ou pular na cama com você apenas para deter esse pânico dentro de mim… — Ela para de repente. — O que acabei de dizer? Soou completamente… Eu lamento, Sim.

— Então, o que escolheria nesse caso? — pergunta ele, com um sorriso. — Pularia na cama comigo ou socaria sua cabeça?

— Nenhum dos dois — responde ela com rapidez, e depois percebe que isso não parece certo e tenta amenizar as coisas. — Eu não quis… Eu realmente gostaria… — Ela para de novo, sentindo o coração acelerado no peito.

— O que gostaria de fazer? — pergunta ele.

Ela olha nos olhos dele.

— Eu não sou eu mesma. Por isso estou me comportando assim — diz ela. — Eu me sinto inacreditavelmente idiota.

Ela baixa o olhar. Suas bochechas queimam, ela pigarreia.

Eles olham um para o outro, sem concentração na conversa.

— Simone — diz ele, inclinando-se para a frente e beijando-a na boca rapidamente.

Ela sente as pernas fracas, os joelhos tremem. A voz sedosa dele, o calor de seu corpo. O cheiro do casaco macio, uma mistura de sono e ervas finas. Enquanto a mão dele se move com delicadeza por sua bochecha e ao redor

da nuca, é como se ela tivesse se esquecido da maravilhosa suavidade de uma carícia. Quando a pressão aumenta ligeiramente para levar seu rosto mais para perto, ela se dá conta de quanto tempo se passou desde que se sentiu desejada de verdade. Shulman a olha atentamente. Ela já não pensa em fugir da galeria. Talvez essa seja apenas uma forma de escapar um pouco do terror que lateja em seu peito, mas tudo bem. Vamos escapar, pensa ela. Vamos esquecer todas as coisas terríveis.

Dessa vez ela corresponde ao beijo. Respira rápido, sente as mãos dele nas costas, na base da coluna, nos quadris. Suas emoções tomam conta dela, tem uma sensação de ardência, uma súbita necessidade cega de tê-lo dentro de si. A força de seu desejo a deixa chocada. Ela se afasta, esperando que ele não veja como está excitada. Limpa a boca e pigarreia mais uma vez enquanto se vira, tentando arrumar as roupas.

— Alguém… alguém… pode…

— O que devemos fazer? — pergunta Shulman, e ela ouve o tremor na voz dele.

62

segunda-feira, 14 de dezembro: manhã

Sem responder, Simone dá um passo na direção de Shulman e o beija novamente. Já não pensa em nada. Ela procura a pele dele sob as roupas e sente suas mãos quentes no corpo dela. As mãos vasculham dentro de suas roupas, e ele geme quando chega à calcinha e sente como está molhada. Ela quer que eles trepem ali mesmo, apoiados na parede, sobre a mesa, no chão, como se nada mais importasse, desde que ela possa afastar o pânico por alguns minutos. Seu coração está acelerado, as pernas tremem. Ela o empurra para a parede, e, enquanto ele move as pernas dela para se encaixar, Simone sussurra para ele, dizendo para fazer, para se apressar mas fazer. Nesse momento, ouvem o sinal sonoro de que alguém entrou na galeria. O piso de parquê range, e eles se separam.

— Vamos para a minha casa — diz ele.

Ela concorda, consciente de que seu rosto está vermelho. Ele limpa a boca e sai do escritório. Ela fica para trás, espera um pouco, apoiada na mesa, com o corpo inteiro tremendo. Ela se arruma, e, quando sai para a galeria, Shulman já está esperando na porta.

— Bom almoço — diz Yiva.

No táxi a caminho do apartamento de Shulman, Simone muda de ideia. Vou ligar para papai, pensa, depois explico a Sim que tenho de ir. A simples ideia do que está prestes a fazer a deixa enjoada de culpa, pânico e agitação.

Eles sobem a escadaria estreita até o quinto andar, e enquanto ele destranca a porta, ela começa a vasculhar a bolsa em busca do telefone.

— Só preciso ligar para o meu pai — diz Simone, de forma evasiva.

Shulman não responde, simplesmente anda à frente dela pelo hall de terracota e desaparece no corredor.

Ela fica lá, ainda de casaco, olhando ao redor. Fotografias cobrem as paredes, e um nicho contendo pássaros empalhados segue logo abaixo do teto. Shulman volta antes que ela tenha tempo de discar o número de Kennet.

— Simone — sussurra ele. — Não quer entrar?

Ela balança a cabeça.

— Apenas um pouquinho?

— Certo — diz ela, e permanece com o casaco enquanto o acompanha até a sala de estar.

— Somos adultos — diz ele. — Podemos fazer o que quisermos. — Ele serve dois copos de conhaque, eles brindam e bebem.

— Estava bom — diz ela em voz baixa.

Uma das paredes é de vidro. Simone vai até ela e olha para os telhados de cobre de Södermalm e a parte traseira escura de um anúncio em neon que exibe um tubo de pasta de dentes.

Shulman se aproxima por atrás dela e a envolve com o braço.

— Você entende que eu sou louco por você? — murmura ele. — Sempre fui, desde o início.

— Eu simplesmente não sei… Não sei o que estou fazendo — diz Simone.

— Você sempre precisa saber o que está fazendo? — pergunta Shulman, conduzindo-a para o quarto.

Ela vai com ele como se soubesse desde sempre que isso iria acontecer. Simone quis que isso acontecesse, e a única coisa que a deteve foi o fato de ela não querer ser como a mãe. Ou melhor, como Erik: um mentiroso lidando furtivamente com telefonemas e mensagens de texto. Ela sempre se imaginou dotada de uma barreira natural contra a infidelidade. Mas no momento ela não tem a sensação de trair ninguém. O quarto de Shulman está escuro. As paredes são cobertas com algo que parece uma seda azul-escura, o mesmo tecido usado nas compridas cortinas que cobrem as janelas, e a contida luz de inverno penetra em diagonal nas fibras do material como uma escuridão mais leve.

Ela desabotoa o casaco com a mão trêmula e o joga no chão. Shulman tira toda a roupa e os olhos de Simone passeiam por seus ombros musculosos e pela linha de pelos grossos e crespos que se estende a partir do umbigo.

Ele a analisa calmamente. Ela começa a se despir, mas, de pé diante dele, é tomada por uma perturbadora sensação de solidão. Ele baixa o olhar,

se aproxima e ajoelha, os cabelos caídos sobre os ombros. Traça uma linha com o dedo sobre o quadril dela.

Ele a puxa gentilmente até a beirada da cama e começa a tirar sua calcinha. Ela se levanta, mantendo as pernas paralelas, e a sente deslizar para baixo e ficar presa em um de seus tornozelos por um momento. Simone se reclina apoiando-se de costas, fecha os olhos, permite que ele abra suas pernas e sente seus beijos quentes na barriga, no quadril e na virilha. Está ofegante, passando os dedos pelos cabelos compridos e grossos dele. Quer Shulman dentro dela. O desejo ruge por seu corpo como uma tempestade, ondas de escuridão correm pelo sangue, piscinas de calor fluido a inundam, sugando e percorrendo a pele até seu sexo. Ele passa para cima e ela se ouve suspirar enquanto é penetrada. Ele sussurra algo que ela não consegue ouvir. Quando ela o puxa para si, o faz com ânsia de escapar, por pelo menos um breve momento de calma.

Sente o peso do corpo musculoso de Shulman sobre ela, sente o prazer físico, mas a possibilidade de fuga desapareceu, e ela sabe. Não pode ser alcançada. Não consegue parar de pensar. Precisa ir para casa. Precisa continuar procurando por Benjamin. Precisa encontrá-lo.

63

segunda-feira, 14 de dezembro: tarde

O dia está dolorosamente frio, o céu claro e azul. As pessoas se movem em silêncio, perdidas em seus próprios mundos. Crianças cansadas saindo da escola a caminho de casa. Kennet para diante do 7-Eleven da esquina. Há uma oferta especial de café e bolinho de açafrão de Santa Luzia. Ele entra e seu celular toca quando está na fila. É Simone.

— Você saiu, Sixan?

— Tive de ir à galeria. Depois fui fazer uma coisa — diz, e depois para de repente. — Acabei de receber sua mensagem, pai.

— Você dormiu? Parece…

— Sim. Sim, dormi um pouco.

— Bom — diz Kennet.

Ele olha para os olhos cansados da funcionária e aponta para o cartaz que anuncia a oferta especial.

— Rastrearam a ligação de Benjamin? — pergunta Simone.

— Ainda não tive resposta. No começo da noite, disseram. Eu ia ligar para eles agora.

A funcionária está esperando que Kennet escolha qual bolinho quer, e ele então aponta para o maior. Ela o coloca em um saco, pega sua nota amassada de 20 coroas e acena na direção da cafeteira e das xícaras. Ele inclina a cabeça para agradecer, passa pela grelha onde as salsichas giram e consegue tirar uma xícara do suporte enquanto continua conversando com Simone.

— Você falou com Nicky ontem? — pergunta ela.

— É um garoto muito bom — responde ele.

— Descobriu algo sobre Wailord?

— Bastante.

— Como o quê?

— Espere um minuto.

Kennet retira a xícara de café fumegante da máquina, coloca uma tampa e a leva junto com o saco com o bolinho para uma das pequenas mesas redondas de plástico.

— Ainda está aí? — pergunta Kennet, sentando-se em uma cadeira bamba.

— Sim.

— Acho que são alguns garotos que perseguem Nicky para pegar seu dinheiro e dizem a ele que são personagens Pokémon.

Kennet nota um homem com cabelos despenteados empurrando um carrinho de bebê com um tamanho fora do comum. Uma garota grande vestindo um macacão de neve cor-de-rosa, velha demais para ser empurrada, pensa Kennet, está deitada dentro dele, chupando chupeta com um sorriso cansado no rosto.

— Isso tem alguma relação com Benjamin?

— Os garotos Pokémon? Não sei. Talvez ele tenha tentado detê-los — diz Kennet.

—Precisamos falar com Aida — diz Simone, decidida.

— Depois da escola, acho.

— O que fazemos agora?

— Na verdade, eu tenho um endereço — diz Kennet.

— Do quê?

— Do mar.

— Do mar?

— É tudo o que sei — diz ele, ao tomar um gole de café, e partir um pedaço do bolinho de Santa Luzia colocando-o na boca.

— Onde fica o mar?

— Perto de Frihamnen — diz Kennet mastigando —, em Loudden.

— Posso ir com você?

— Está pronta?

— Em dez minutos.

Kennet pega o café e o resto do bolinho e sai para a tarde muito fria a fim de pegar o carro perto do hospital. Um ciclista dispara em meio ao tráfego, ziguezagueando entre os carros. Quando para no cruzamento, Kennet fica com a sensação de ter negligenciado algo importante, como se tivesse

visto algo fundamental mas falhado ao interpretar. O tráfego ressoa adiante. Ele ouve um veículo de resgate em algum lugar a distância. Toma um gole de café e vê uma mulher esperando do outro lado da rua, seu cão tremendo na extremidade de uma guia curta. Um caminhão passa na sua frente e o chão treme com seu peso considerável. Ouve alguém dando uma risada e, mal acaba de registrar que não parece sincera, quando sente um forte empurrão nas costas. Ele dá vários passos em direção à pista para evitar perder o equilíbrio, vira-se e vê uma garota de 10 anos olhando para ele, os olhos arregalados. Deve ter sido quem me empurrou, é só o que tem tempo de pensar. Não há mais ninguém ali. No mesmo instante, ouve pneus cantando e sente uma força incompreensível dominá-lo. Algo como um martelo gigante tira-lhe o apoio das pernas. Há um som de algo quebrando em sua nuca. De repente todo o seu corpo torna-se macio e distante, em queda livre, e depois a escuridão.

64

segunda-feira, 14 de dezembro: tarde

Erik Maria Bark está sentado à escrivaninha do escritório. Uma luz fraca consegue passar pela janela que dá para o pátio interno vazio. Uma embalagem de comida para viagem contém os restos de uma salada, e uma garrafa de 2 litros de Coca-Cola quente está ao lado do abajur de mesa com sua cúpula rosa. Erik analisa uma impressão da foto que Aida mandou para Benjamin. Apesar de ter olhado dezenas de vezes para ela, não consegue descobrir qual é o verdadeiro tema da foto.

Pensa em ligar para Simone para que ela leia a mensagem de Aida e a resposta de Benjamin palavra por palavra, mas então diz a si mesmo que Simone não precisa ouvir sua voz àquela altura. Ele não consegue entender por que foi tão sórdido, por que disse que estava tendo um caso com Daniella. Talvez apenas porque ansiasse ser perdoado por Simone, embora ela achasse tão fácil desconfiar dele.

De repente ouve a voz de Benjamin em sua cabeça novamente, ligando do porta-malas do carro. Erik tira uma cápsula rosa da caixa de madeira e a engole com a Coca. A mão começou a tremer tanto que ele tem dificuldade de recolocar a garrafa na mesa.

Benjamin estava se esforçando tanto para ser adulto, não demonstrar medo. Mas o garoto deve estar aterrorizado, pensa Erik, trancado no escuro, no porta-malas de um carro.

Quanto tempo Kennet pode demorar a rastrear a ligação? Erik está irritado consigo mesmo por deixar o trabalho a cargo do velho, mas, se o sogro pode encontrar Benjamin, nada mais tem qualquer importância.

Ele pega o telefone. Precisa ligar para a polícia e fazer com que se apressem. Precisa descobrir se rastrearam a ligação, se têm algum suspeito. Quando telefona e explica por que está ligando, é transferido para o ramal errado. Precisa ligar novamente. Espera falar com Joona Linna, mas é passado para um detetive chamado Fredrik Stensund, que confirma estar

envolvido na investigação preliminar do desaparecimento de Benjamin Bark. É muito compreensivo e diz que também tem filhos adolescentes.

— Você se preocupa a noite toda quando saem, sabe que tem de deixá-los sair, mas…

— Benjamin não estava na farra — garante Erik com firmeza.

— Não, recebemos certas informações que contradizem…

— Ele foi sequestrado.

— Entendo o que deve estar sentindo…

— Mas a busca por meu filho obviamente não é uma prioridade — retruca Erik.

Há um silêncio; Stensund respira fundo várias vezes antes de continuar.

— Estou levando muito a sério o que o senhor diz e posso garantir que estamos fazendo o melhor possível.

— Então se preocupe em rastrear a ligação — diz Erik.

— Estamos trabalhando nisso neste momento — retruca Stensund, soando menos amigável.

— Por favor — implora Erik, uma conclusão fraca.

Fica sentado ali com o telefone na mão. Eles têm de rastrear a ligação, pensa. Precisamos ter uma localização, um círculo em um mapa, uma direção. É tudo o que temos para continuar. A única coisa que Benjamin conseguiu dizer foi que ouviu uma voz.

Como se estivesse atrás de um cobertor, pensa Erik, mas não tem certeza de lembrar corretamente. Será que Benjamin de fato disse ter ouvido uma voz, uma voz pastosa? Talvez fosse apenas um murmúrio, um som que lembrasse uma voz, sem palavras, sem significado. Erik esfrega a boca com a mão, olha para a fotografia, seus olhos varrendo a grama alta, a sebe, a parte de trás da cerca, o cesto plástico, tudo ampliado, distorcido pelo flash poderoso do fotógrafo. Não consegue ver nada novo. O que há no cesto? Quando recosta e fecha os olhos, a imagem permanece: a sebe e a cerca marrom brilham em tons de rosa e a elevação verde-amarelada é azul-escura, flutuando lentamente. Como um pedaço de tecido no céu noturno, pensa Erik, e nesse instante se dá conta de que Benjamin disse que a voz pastosa falara algo sobre uma casa, uma casa assombrada.

Ele abre os olhos e se levanta. Como pode ter esquecido? *Isso* foi o que Benjamin disse antes de o carro parar.

Enquanto pega o casaco, ele tenta se lembrar onde já viu casas assombradas, como aquelas dos filmes de terror. Não há muitas. Lembra-se de uma ao norte de Estocolmo, na montanha, depois da cooperativa, no lago Mälaren. Antes de chegar à sepultura naval na fortaleza de Runsa, o prédio fica do lado esquerdo, de frente para a água. Uma espécie de castelo em miniatura feito de madeira, com torres, varandas e ornamentação no alto.

Erik sai do consultório e caminha rapidamente pelo corredor, tentando se lembrar da viagem. Benjamin estava no carro com eles. Haviam olhado para o túmulo, um dos maiores sítios fúnebres viking da Suécia. Ficaram no meio da elipse, grandes pedras cinza sobre a grama verde. Era final do verão e estava muito quente. Erik se lembra do ar parado e das borboletas batendo asas sobre o cascalho no estacionamento enquanto eles entravam no carro quente e iam para casa com as janelas abertas.

Descendo de elevador para pegar o carro, Erik se recorda que, após alguns quilômetros, ele foi para o acostamento da estrada, parou, apontou para o prédio e perguntou brincando a Benjamin se ele gostaria de morar lá.

— Onde?

— Na casa assombrada — disse Erik, mas já não se lembra da resposta de Benjamin.

O sol já está se pondo. A luz baixa brilha nas poças congeladas no estacionamento de visitantes da unidade de neurocirurgia, e o cascalho no asfalto despedaça-se sob os pneus enquanto ele segue para a saída principal. Erik se dá conta de que é improvável que Benjamin estivesse se referindo a essa casa assombrada especificamente, mas não é impossível. Segue rumo ao norte enquanto a luz que morre borra os contornos do mundo, e pisca para tentar ver melhor. Apenas quando os tons de azul começam a ser predominantes o seu cérebro entende que está escurecendo.

Meia hora depois, ele está se aproximando da casa assombrada. Tentou encontrar Kennet quatro vezes para saber se ele conseguira rastrear o telefonema de Benjamin, mas o sogro não atendeu e ele não deixou recado.

Acima do enorme lago, o céu ainda mantém um leve brilho, enquanto a floresta está completamente negra. Ele dirige devagar pela estrada estreita que leva à pequena comunidade que cresceu aos poucos ao redor da água.

Os faróis revelam casas novas, pequenas cabanas de veraneio e casas confortáveis da virada do século. Fazendo uma curva, Erik passa por um triciclo deixado na entrada de uma casa. Ele reduz a velocidade e vê a silhueta da casa assombrada atrás de uma sebe alta. Passa por mais algumas casas e estaciona no acostamento. Saindo do carro, retorna a pé pela estrada e, fazendo o máximo de silêncio, abre o portão do jardim de uma casa de tijolos escuros e caminha pelo gramado, indo para os fundos. Um cabo bate repetidamente contra um mastro. Erik pula por cima da cerca, entra no jardim adjacente e passa por uma piscina coberta com um plástico que estala. As grandes janelas da casa de baixo que dá para o lago estão escuras, e a varanda de pedra está coberta de folhas encharcadas. Erik aperta o passo. Sente a casa assombrada do outro lado da sebe de abeto e abre caminho por ela.

Este jardim é mais bem protegido de olhos curiosos, pensa.

Um carro passa na estrada, os faróis destacando algumas árvores, e Erik pensa na estranha fotografia de Aida. A grama amarela e os arbustos. Ele se aproxima mais da grande construção de madeira e percebe que parece haver um fogo azulado queimando em um dos cômodos.

65

segunda-feira, 14 de dezembro: tarde

O prédio tem janelas altas com grades e o telhado parece de crochê. A vista para o lago deve ser magnífica. Uma torre hexagonal mais alta em uma extremidade e duas janelas com frontões fazem a casa parecer um castelo de madeira em miniatura. As paredes são em sua maioria de tábuas horizontais, mas o alinhamento é rompido por um painel falso, dando uma impressão multidimensional. A porta é cercada por entalhes elaborados: colunas de madeira e um belo telhado pontiagudo.

Quando Erik chega à janela, vê que a luz azulada vem de uma televisão. Alguém está assistindo à patinação artística. As câmeras acompanham longos saltos pelo gelo, e a luz azul bruxuleia pelas paredes do aposento. Um homem gordo com calças de corrida cinza está sentado no sofá. Parece estar sozinho. Há apenas uma xícara na mesa. Erik vai até janela seguinte e olha para o quarto adjacente. Algo bate levemente do outro lado do vidro. Ele vê um quarto com a cama desfeita e a porta fechada. Há lenços de papel amassados ao lado de um copo d'água na mesa de cabeceira. Um mapa da Austrália pendurado na parede. Água pinga no parapeito da janela. Erik vai para a janela seguinte. As cortinas estão fechadas. É impossível ver por entre elas, mas ele ouve as estranhas batidas novamente, junto com uma espécie de clique.

Ele contorna a torre hexagonal e depara com uma sala de jantar. Há uma mesa e cadeiras de madeira escura no meio do piso de madeira encerada. Algo diz a Erik que ela raramente é usada. Há um objeto preto no chão em frente a uma cristaleira — um estojo de violão, pensa. O barulho de batidas recomeça. Erik se inclina para mais próximo ao vidro e vê um cão enorme correndo em sua direção. Ele bate na janela e se ergue nas patas traseiras, latindo e dando patadas no vidro. Erik recua, tropeça em um pote e vai rapidamente para os fundos da casa, onde espera com o coração acelerado.

O cachorro para de latir após algum tempo; a luz de fora é acesa, depois apagada.

Foi uma má ideia, pensa Erik. Ele não tem noção do que está fazendo ali, espiando pelas janelas de estranhos. Conclui que é melhor retornar ao seu consultório no hospital Karolinska, então se encaminha para a parte da frente da casa assombrada para alcançar o acostamento no qual estacionou.

Quando vira a esquina, vê alguém de pé sob a luz porta. É o homem gordo, vestido com uma jaqueta acolchoada. Parece assustado quando vê Erik. Talvez esperasse um cervo ou crianças fazendo bagunça.

— Boa noite — diz Erik.

— Isto é uma propriedade particular — grita o homem com uma voz estridente.

O cachorro começa a latir atrás da porta da frente, que está fechada. Erik continua andando. Um carro esportivo amarelo está estacionado na entrada. Tem apenas dois bancos, e o porta-malas obviamente é pequeno demais para acomodar Benjamin.

— O Porsche é seu?

— Sim.

— É seu único carro?

— Por que você quer saber?

— Meu filho desapareceu — diz Erik.

— É meu único carro — diz o homem. — Certo?

Erik anota a placa.

— Gostaria que fosse embora agora.

— Claro — diz Erik, seguindo para o portão.

Ele fica de pé algum tempo na escuridão da estrada, olhando para a casa assombrada, antes de voltar para o carro. Pega a caixinha de madeira com o papagaio e o nativo, joga alguns pequenos comprimidos na palma da mão, conta-os com o polegar redondo e liso e os joga na boca.

Após uma breve hesitação, liga para o número de Simone. Toca diversas vezes, cada ronronante toque, uma ferida serrilhada no silêncio entre eles. Ela provavelmente está na casa de Kennet, comendo sanduíches de salame com pepinos em conserva. Erik imagina seu apartamento no escuro, o corredor com casacos e trajes de inverno, os suportes de velas na parede, a cozinha com mesa e cadeiras de carvalho. A correspondência está sobre o capacho, na porta, uma pilha de jornais, contas e anúncios em embalagens

plásticas. Quando ouve o sinal, não deixa recado, simplesmente encerra a ligação e começa a dirigir para Estocolmo.

Não tem ninguém a quem apelar, pensa, e ao mesmo tempo percebe a ironia. Depois de passar tantos anos pesquisando dinâmicas de grupo e psicoterapia coletiva, de repente se vê isolado e só, sem uma única pessoa em quem confiar, ninguém com quem queira conversar. E foi o poder dos grupos que o estimulou em sua profissão. Ele havia tentado entender por que, juntas, pessoas que sobreviveram à guerra achavam muito mais fácil lidar com seu trauma do que aquelas que enfrentaram o mesmo tipo de provação sozinhas. Queria descobrir por que um grupo de indivíduos torturados, estuprados ou que havia testemunhado o assassinato de suas famílias era capaz de curar suas feridas com menos dificuldade do que indivíduos que sofreram sós. O que acontece dentro de um grupo que nos cura? Será o fato de se ver refletido no outro, o contato, o retorno à vida normal, ou será, pura e simplesmente, a solidariedade?

Sob a luz amarela da estrada, ele liga para o celular de Joona.

— Aqui é Joona — diz uma voz distraída.

— Oi, é Erik. Ainda não encontrou Josef Ek?

— Não — suspira Joona.

— Ele parece estar seguindo um padrão particular.

— Eu já disse isso antes e pretendo continuar dizendo, Erik. Você deveria aceitar proteção.

— Tenho outras prioridades.

— Eu sei. — Silêncio. — Benjamin entrou em contato de novo? — pergunta Joona.

— Não. — Erik ouve uma voz ao fundo, provavelmente de uma televisão. — Kennet ia tentar rastrear a ligação.

— Sim, ouvi falar. Mas isso pode levar tempo — diz Joona. — Não sei se ele lhe fez promessas.

— Não para mim — diz Erik.

— Simone.

— É muito provável que sim.

— De qualquer forma, você tem de mandar um técnico para essa operadora específica, a base da estação.

— Mas então eles ao menos sabem qual é a base.

— Acho que podem descobrir isso rápido — diz Joona.

— Pode conseguir essa informação para mim? A estação base?

Há um breve silêncio. Depois ele ouve a voz neutra de Joona.

— Por que não fala com Kennet?

— Não consigo entrar em contato com ele.

Joona suspira levemente.

— Vou verificar, mas não tenha muitas esperanças.

— O que você quer dizer?

— Que provavelmente é uma estação de Estocolmo, e isso não significa nada até que um técnico estabeleça a localização.

Erik pode ouvi-lo fazendo algo; parece que está destampando um pote.

— Estou fazendo uma xícara de chá verde para a minha mãe — diz Joona. Segue-se o som de água correndo e depois da torneira sendo fechada.

Erik prende a respiração por um segundo. Sabe que Joona tem de priorizar o desaparecimento de Josef Ek. Sabe que para a polícia o caso de Benjamin não é absolutamente único: um adolescente desaparecido de casa não é de modo algum o tipo de caso com o qual o DIC Nacional costuma lidar. Mas precisa perguntar; não pode simplesmente deixar para lá.

— Joona, quero que pegue o caso do sequestro de Benjamin. Realmente quero que assuma.

Ele para. Seus maxilares estão doendo. Estava trincando os dentes sem nem sequer se dar conta disso.

— Ambos sabemos que não é um desaparecimento comum. Ele não fugiu. Ele não se esqueceu simplesmente de telefonar. Alguém injetou em Simone e em Benjamin um anestésico usado em cirurgias. Sei que sua prioridade é a caçada a Josef Ek, e entendo que Benjamin não é um caso seu, agora que a ligação com Josef foi desfeita, mas algo ainda pior pode ter acontecido.

Ele para mais uma vez, sentindo que está se aborrecendo, e leva um momento para se recompor.

— Falei com você sobre a doença de Benjamin — consegue dizer afinal. — Amanhã ele precisará receber uma injeção para ajudar seu sangue a coagular. Sem ela, em uma semana os vasos sanguíneos estarão tão afetados

que ele poderá ficar paralisado, ou ter uma hemorragia cerebral ou pulmonar apenas por tossir.

— Ele tem de ser encontrado — diz Joona.

— Você não poderia me ajudar?

Erik fica sentado ali, com sua súplica pairando indefesa no ar. Não importa. Ele se jogaria de joelhos e imploraria por ajuda. A mão que segura o telefone está úmida e escorregadia de suor.

— Eu não posso simplesmente assumir uma investigação preliminar da polícia de Estocolmo — diz Joona.

— O nome dele é Fredrik Stensund. Ele parece muito legal, mas não vai botar um pé fora de seu agradável escritório aquecido.

— Estou certo de que sabem o que estão fazendo.

— Não minta para mim — diz Erik sem perder a calma. — No que diz respeito a Stensund, Benjamin é apenas mais um fugitivo.

— Não acho que eu possa assumir o caso — diz Joona com um peso na voz. — Não há nada que eu possa fazer em relação a isso. Mas gostaria de tentar ajudá-lo. Você precisa parar e pensar em quem poderia ter levado Benjamin. Pode ter sido alguém que teve a atenção despertada quando você saiu nos jornais. Isso acontece. Mas também pode ser alguém que você conhece. Se não há um suspeito, não há um caso, nada. Você precisa pensar, revisar sua vida repetidamente, todos que conhece, todas as pessoas que Simone conhece, todas que Benjamin conhece. Vizinhos, parentes, colegas, pacientes, rivais, amigos. Há alguém que o tenha ameaçado? Ameaçado Benjamin? Tente lembrar. Pode ter sido um ato impulsivo, ou planejado durante muitos anos. Pense com muito cuidado, Erik. Depois ligue para mim.

Erik abre a boca para pedir novamente que Joona assuma o caso, mas, antes que possa falar, ouve um clique do outro lado da linha. Fica sentado ali no carro vendo o tráfego em disparada pela estrada, os olhos ardendo.

66

segunda-feira, 14 de dezembro: noite

Está frio e escuro em seu consultório no hospital. Erik tira os sapatos, sentindo o cheiro de mato molhado no casaco ao pendurá-lo. Está tremendo quando ferve um pouco de água na chapa aquecida, faz uma xícara de chá, toma dois fortes tranquilizantes e senta-se à escrivaninha. Com exceção da luminária de mesa, não há luzes ligadas. Fica olhando pela janela para a profunda escuridão, onde pode vislumbrar sua própria silhueta, emoldurada pela luz. Ele pensa: quem me odeia? Quem me inveja? Quem deseja me punir, tirar tudo de mim, tirar minha vida, o que existe de mais precioso para mim? Quem quer acabar comigo?

Erik acende a luz principal e começa a andar de um lado para o outro. Incapaz de se concentrar, estende a mão para o telefone na escrivaninha e derruba um copo plástico com água. Por um momento, vê com desinteresse um filete de água seguir lentamente na direção de uma de suas publicações médicas. Sem pensar duas vezes, liga para o celular de Simone, deixa uma breve mensagem sobre querer olhar de novo o computador de Benjamin e depois fica em silêncio, incapaz de dizer qualquer outra coisa.

— Desculpe-me — diz em voz baixa, e depois joga o telefone na mesa.

O elevador faz barulho no corredor. Ele ouve o sinal sonoro das portas, elas se abrem, e depois o som de alguém ao empurrar um carrinho de hospital que range até sua porta.

Os comprimidos estão começando a fazer efeito: ele sente a calma subir por seu corpo como leite quente, uma memória, um movimento dentro dele, um vazio na boca do estômago. É como cair de uma grande altura, primeiro pelo ar puro e frio, depois em uma água quente e rica em oxigênio.

— Vamos lá — diz para si mesmo. *Alguém levou Benjamin. Alguém fez isso a mim. Tem de haver uma chave para isso em algum ponto da minha memória*. — Eu vou encontrar você — sussurra ele.

Erik contempla as páginas encharcadas de sua publicação médica. Em uma das fotografias, a nova diretora do Instituto Karolinska está inclinada

sobre uma mesa. A tinta escorreu, borrando e escurecendo seu rosto. Quando Erik arranca a revista do tampo da mesa, as páginas de trás grudam na superfície, deixando letras ao acaso, então ele começa a raspar os pedaços de papel com a unha do polegar. De repente, para e olha para uma combinação de letras: e v A.

Das profundezas de sua memória, surge uma onda lenta, cheia de reflexos e facetas, depois, a clara imagem de uma mulher que se recusa a devolver o que roubou. Seu nome é Eva. Sua boca é tensa, com pontos de saliva nos lábios estreitos. Está gritando com ele com uma fúria indignada. É *você quem tira! Você sempre tira! Que porra você diria se eu tirasse coisas de você? Como você acha que iria se sentir?* Ela esconde o rosto nas mãos e diz que o odeia. Diz isso repetidamente, talvez cem vezes, antes de se acalmar. Suas bochechas estão brancas, os olhos, vermelhos. Ela olha para ele, confusa e exausta.

Ele se lembra dela, lembra-se muito bem: Eva Blau. Sabia desde o início que tinha cometido um erro ao aceitá-la como paciente.

Isso foi há muitos anos, quando ele usava a hipnose como um elemento forte e eficaz de terapia. Eva Blau. O nome vem do outro lado do tempo, antes de ele ter jurado parar com a hipnose. Antes de ter prometido nunca usá-la novamente.

Por que Eva Blau se tornou sua paciente? Ele já não consegue recordar qual era a fonte da dor dela. Erik conhecera pessoas demais, pessoas com histórias devastadoras, frequentemente agressivas, sempre com medo, compulsivas, paranoicas, algumas vezes com históricos de automutilação e tentativas de suicídio. Muitas chegavam com barreiras mínimas a separá-las da psicose e da esquizofrenia. Haviam sido agredidas e torturadas de modo sistemático, sofrido ameaças de morte, perdido seus filhos, submetidas a incesto e estupro, tinham testemunhado coisas terríveis ou sido obrigadas a participar delas.

Erik se pergunta o que ela havia roubado. Eu a acusei de roubar, mas o que ela roubou?

Ele não consegue recuperar a lembrança. Dá alguns passos, para e fecha os olhos. Algo mais aconteceu, mas o quê? Teria a ver com Benjamin? Ele se lembra de explicar a Eva Blau que desejava encontrar outro grupo de

terapia para ela. Por que não se lembra do que aconteceu? Ela começou a ameaçá-lo?

O que surge claramente é um encontro anterior ali em seu consultório. Eva Blau havia raspado os cabelos e maquiado apenas os olhos. Ela sentara-se no sofá, desabotoara a blusa e mostrara os seios de forma objetiva.

— Você esteve em minha casa — disse Erik.

— Você esteve em *minha* casa — retrucara ela.

— Eva, você me falou sobre a sua casa — continuou ele. — Invasão é algo completamente diferente.

— Eu não invadi.

— Você quebrou uma janela.

— A pedra quebrou a janela — disse Eva.

67

segunda-feira, 14 de dezembro: noite

Erik começa a vasculhar os papéis que mantém no consultório. Em algum lugar ali existem informações sobre Eva Blau. Uma vez que seus pacientes agem sempre de modo diferente do que Erik espera, ele mantém suas anotações à mão até conseguir entender os motivos desses desvios.

Podia ser uma observação ou algum objeto esquecido. Ele vasculha papéis, pastas, pedaços de papel e recibos com anotações. Fotografias desbotadas em uma pasta plástica, um HD externo, alguns diários da época em que acreditava na abertura absoluta entre médico e paciente, um desenho que uma criança traumatizada fizera certa noite. Várias fitas cassete e de vídeo de suas palestras no Instituto Karolinska. Um livro de Hermann Broch cheio de anotações. A mão de Erik para de se mover. Ao redor de uma fita de vídeo, há um pedaço de papel preso com um elástico marrom. Na lombada da fita está escrito simplesmente *Erik Maria Bark, Fita 14*. Ele retira o pedaço de papel, ajeita a luminária e reconhece sua própria caligrafia: A CASA ASSOMBRADA.

Um calafrio gelado corre por suas costas e ao longo dos braços, e os pelos em sua nuca se arrepiam. Ele de repente ouve o tique-taque do relógio. Sua cabeça lateja e o coração está acelerado. Ele senta, olha para a fita mais uma vez, pega o telefone com as mãos trêmulas e liga para a portaria a fim de pedir que um videocassete seja enviado ao seu consultório. Com os pés pesados como chumbo, caminha de novo até a janela e olha para a camada de neve no pátio interno. Flocos pesados flutuam lentamente pelo ar, pousando no vidro antes de perder a cor e derreter com o calor do vidro. Ele diz a si mesmo que provavelmente é só uma coincidência, uma estranha coincidência, mas ao mesmo tempo percebe que algumas das peças do quebra-cabeça podem se encaixar.

A casa assombrada. Essas poucas palavras escritas em um pedaço de papel têm o poder de transportá-lo de volta ao passado, até a época em que ainda estava envolvido com a hipnose. Ele sabe que contra sua vontade terá

de ir até um espelho escuro e tentar ver o que se esconde lá, atrás dos reflexos criados por todo o tempo que se passou.

O porteiro bate de leve na porta. Erik abre-a, confirma seu pedido e empurra para dentro o carrinho com a televisão e o videocassete estranhamente antiquado. Insere a fita, desliga a luz do teto e senta-se.

— Quase tinha me esquecido disso — diz para si mesmo, apontando o controle remoto para a máquina.

A imagem oscila e o som chia e some por algum tempo, depois ele ouve a própria voz saindo da TV. Soa como se estivesse resfriado, enquanto registra metodicamente lugar, data, hora e conclusão: "Fizemos uma pequena pausa, mas ainda estão em estado pós-hipnótico."

Erik está fascinado com a imagem trêmula na tela. Faz dez anos, pensa ele, engolindo em seco. O vídeo se estabiliza, revelando um semicírculo de cadeiras. Então Erik aparece e começa a arrumar as coisas. Há uma leveza em seu corpo dez anos mais jovem, uma flexibilidade que perdeu. Ali seu cabelo ainda não está grisalho, as rugas profundas na testa e nas bochechas ainda não existem.

Erik se lembra, razoavelmente bem, do clima na sala naquele dia. O grupo ainda estava afetado pela primeira fase da hipnose antes do intervalo, quando todos foram perturbados pela chegada do novo integrante. Eles tiveram de conhecer uns aos outros, começar a se identificar com as histórias uns dos outros. O novo membro do grupo foi profundamente perturbador. Isso, percebe Erik, é o que ele verá em breve.

Os pacientes aparecem na tela se movimentando de modo letárgico e sentam-se nas cadeiras. Alguns falam em voz baixa. Um ri. Outros ficam sentados em silêncio. A fita é granulada, então é difícil distinguir os rostos borrados.

Inclinando-se para a frente em sua cadeira, Erik engole em seco e se ouve explicando em voz baixa que é hora de continuar a sessão. Ele se vê de pé junto à parede, fazendo anotações em um bloco. De repente há uma batida na porta e Eva Blau entra. Mesmo na fita, com anos de distância, Erik pode dizer que ela está estressada. Percebe manchas no pescoço e na bochecha de Eva enquanto se vê pegar o casaco dela, pendurá-lo e levá-la até o grupo. Ele a apresenta rapidamente e dá as boas-vindas. Os outros assentem com

cautela e talvez murmurem olá; alguns não tomam conhecimento dela e olham para o chão.

Em geral o grupo era composto por oito pessoas, incluindo Erik. A terapia era voltada para, sob hipnose, investigar o passado de cada pessoa, aproximando-se de maneira gradual do ponto mais doloroso. A hipnose sempre acontecia diante do grupo, e junto com ele. A ideia era que dessa forma todos se tornariam mais do que testemunhas da experiência do outro. Por meio da abertura hipnótica, eles seriam capazes de partilhar a dor e sofrer juntos, como em desastres coletivos.

Eva Blau senta-se em uma das cadeiras vazias e olha diretamente para a câmera. Seu rosto de repente fica alerta e hostil.

Foi essa a mulher que invadiu sua casa dez anos antes, pensa ele. Mas o que roubou? E o que mais fez?

Na tela, Erik inicia a segunda parte da sessão fazendo referência à primeira, e continua com associações livres divertidas. Era sua forma de aliviar o clima, ajudar o grupo a sentir que era possível certo entusiasmo apesar das negras correntezas sem fundo constantemente girando em tudo o que diziam e faziam. Um paciente chamado Pierre está recordando de "um hippie em uma moto" quando Eva de repente se levanta com estrépito, reclamando do exercício.

— Isso não passa de um absurdo infantil — interrompe.

— Por que você acha isso? — pergunta Erik.

Eva não responde, mas senta-se, cruzando os braços com força.

Sem receber resposta, Erik se volta para Pierre e quer saber se ele gostaria de continuar com a associação, mas Pierre balança a cabeça e faz uma cruz com os indicadores, apontando para Eva.

— Eles atiraram em Dennis Hopper porque ele era um hippie — murmura ele.

Uma jovem corpulenta — Sibel, seu nome era Sibel — dá um risinho e olha de lado para Erik. Um paciente chamado Jussi pigarreia e levanta a mão na direção de Eva.

— Na casa assombrada você não tem que escutar o nosso ab… surdo infantil — diz Jussi, em seu lento e pesado dialeto de Norrland.

Todos ficam em silêncio. Eva se vira para encarar Jussi, mas seja lá o que pretendia dizer, algo a faz mudar de ideia. Talvez a seriedade na voz

dele, talvez a expressão fria em seus olhos.

68

segunda-feira, 14 de dezembro: noite

A casa assombrada. As palavras reverberam na cabeça de Erik enquanto olha para as velhas imagens em vídeo. Ele se ouve explicando a Eva os princípios por trás do processo de hipnose, como ele sempre começa com exercícios de relaxamento em grupo antes de hipnotizar um ou dois indivíduos.

Ele se vê pegar uma cadeira e se sentar na frente do semicírculo, levá-los a fechar os olhos e recostar. Enquanto estão de olhos fechados, ele se levanta, falando sobre relaxamento, então vai para trás deles, observando o grau de relaxamento de cada um. Seus rostos se tornam mais suaves, soltos, cada vez menos alertas, cada vez mais incapazes de mentiras, segredos, defesas. Erik para atrás de Eva Blau e coloca uma das mãos em seu ombro.

Enquanto assiste a si mesmo começando a hipnotizá-la, Erik sente tremores no estômago. O Erik mais jovem passa com suavidade para uma indução profunda com comandos ocultos. É absolutamente confiante de sua própria habilidade, agradavelmente consciente de sua capacidade.

— Você tem 10 anos, Eva — diz ele. — Tem 10 anos. Este é um dia bom. Você está feliz. Por que está feliz?

— Porque o homem está dançando e pisando nas poças — diz ela, o rosto se movendo de forma quase imperceptível.

— Quem está dançando?

— Quem? — repete ela. — Gene Kelly, mamãe diz.

— Ah, então você está assistindo a *Cantando na chuva*?

Ela assente devagar.

— O que acontece?

Eva fecha a boca e abaixa a cabeça.

— Minha barriga é grande — diz com a voz quase inaudível.

— Sua barriga?

— É enorme — diz, e lágrimas começam a rolar.

— A casa assombrada — sussurra Jussi. — A casa assombrada.

— Eva, me escute — continua Erik. — Você pode ouvir todos nesta sala, mas deve prestar atenção apenas na minha voz. Não preste atenção no que os outros dizem, preste atenção apenas na minha voz.

— Certo.

— Você sabe por que sua barriga é grande? — pergunta Erik.

— Eu quero entrar na casa assombrada — sussurra ela.

Em seu consultório no hospital, Erik se levanta da cadeira, massageia o pescoço e esfrega os olhos, consciente de que está indo para mais perto de suas próprias salas interiores, para bem perto do que foi guardado.

Olhando para a tela instável, ele murmura:

— Abra a porta.

Ele se ouve fazendo contagem regressiva, mergulhando Eva mais fundo no estado hipnótico. Explica que ela logo fará o que ele diz, simplesmente sem pensar, aceitará que a voz dele a conduza na direção certa. Eva balança a cabeça levemente e ele continua a contagem regressiva, diminuindo os números.

A qualidade da imagem piora de repente. Eva olha para cima com olhos nublados, umedece os lábios e sussurra:

— Eu posso vê-los pegando alguém. Simplesmente aparecem e pegam alguém.

— Quem está pegando alguém? — pergunta Erik.

A respiração dela se torna irregular.

— Um homem com rabo de cavalo — geme Eva. — Ele está pendurando o pequeno…

A fita estala e a imagem desaparece.

Erik avança até o final da fita, mas a imagem não volta: metade da fita está estragada, apagada. Fica sentado diante da tela vazia. Pode se ver olhando para o profundo reflexo escuro. Pode ver o rosto do homem que era então, junto com seu rosto como é agora, dez anos mais velho. Olha para o vídeo, fita 14, e para o elástico e o pedaço de papel com as palavras A CASA ASSOMBRADA.

69

terça-feira, 15 de dezembro: manhã

Erik aperta repetidamente o botão até que as portas do elevador se fecham. Sabe que isso não acelera nada, mas não consegue evitar. As palavras de Benjamin na escuridão do carro estão misturadas aos estranhos fragmentos de lembranças produzidos pelo vídeo. Mais uma vez ouve a voz fraca de Eva dizendo que um homem de rabo de cavalo levou alguém. Mas havia algo insincero em sua boca quando disse isso, algo como um sorriso.

Há um rangido no alto do poço do elevador quando este desce.

— A casa assombrada — repete para si mesmo, esperando que seja apenas uma coincidência e que o desaparecimento de Benjamin não tenha nada a ver com seu passado.

O elevador para e as portas se abrem no estacionamento subterrâneo. Ele o atravessa rapidamente e vai até uma escada estreita. Dois andares abaixo, destranca uma porta de aço, segue por um túnel branco até uma porta de segurança e se inclina para o interfone, recebendo afinal uma resposta de dentro. Ele explica seu objetivo ao microfone.

O depósito contém um arquivo com todas as anotações sobre pacientes, todas as pesquisas e experiências, registros de exames e investigações questionáveis. Há milhares de pastas nas prateleiras, incluindo resultados de exames secretos em casos com suspeita de HIV nos anos 1980, esterilizações compulsórias, discussões sobre talidomida e experiências odontológicas em pessoas com doenças mentais, da época em que a reforma da saúde odontológica sueca estava prestes a ser sancionada e crianças de orfanatos, doentes mentais e idosos foram obrigados a se sentar com pasta de açúcar na boca até os dentes apodrecerem — tudo meticulosamente arquivado e preservado ali.

A porta se abre e Erik entra em um ambiente inesperadamente quente e claro. Há algo na iluminação que faz o depósito parecer agradável, bem diferente da caverna profunda e sem janelas que na verdade é.

O som de uma ópera vem da sala do segurança: a *coloratura* vibrante de um meio-soprano. Erik se arruma, tenta aparentar uma expressão serena e procura dentro de si um sorriso enquanto caminha na direção do som.

Um homem baixo e corpulento de chapéu de palha está de pé, de costas para a porta, regando plantas.

— Oi, Kurt.

— Erik Maria Bark, quanto tempo. Como estão as coisas?

Erik não sabe exatamente o que dizer.

— No momento estou às voltas com alguns problemas familiares.

— Certo.

— Flores adoráveis — diz Erik para evitar mais perguntas.

—Amores-perfeitos. Adoro. Conny insistia que nada podia florescer aqui embaixo. Eu disse: o que você quer dizer com nada pode florescer aqui embaixo? Olhe para mim!

— Exatamente — responde Erik.

— Instalei lâmpadas ultravioleta por todos os lados. É como um solário aqui — diz Kurt, mostrando um tubo de filtro solar.

— Não vou ficar muito tempo.

— Ah, só um pouquinho no nariz — diz Kurt, apertando um pouco de creme e oferecendo.

— Obrigado.

Kurt baixa a voz e sussurra, os olhos brilhantes.

— Às vezes ando por aqui só de cueca. Mas não conte a ninguém.

Erik sorri para ele, sentindo a tensão no rosto. Há um silêncio. Kurt olha para ele, esperando.

— Há muitos anos eu costumava gravar em vídeo minhas sessões de hipnose — começa Erik.

— Há quantos anos?

— Uns dez. Há uma série de fitas em VHS…

— VHS?

— Sim, elas já eram meio antiquadas mesmo na época.

— Todas as nossas fitas foram digitalizadas.

— Bom.

— Estão no arquivo do computador.

— E como tenho acesso?

Kurt sorri. Erik nota como seus dentes são brancos no rosto bronzeado.

— Bem, por acaso posso ajudá-lo com isso.

Eles vão até quatro computadores em um nicho próximo às prateleiras. Kurt digita rapidamente uma senha e clica em pastas contendo gravações que foram transferidas.

— As fitas estavam em seu nome? — pergunta ele.

— Deveriam estar — diz Erik.

— Bem, não estão — diz Kurt lentamente. — Vou tentar em HIPNOSE.

Ele digita a palavra e faz uma nova busca.

— Ahn — diz ele. — Dê uma olhada você mesmo.

Nenhum dos resultados tem qualquer relação com os registros das sessões de terapia de Erik. Ele tenta as palavras CASA ASSOMBRADA. Procura o nome de Eva Blau, embora os integrantes de seu grupo não fossem registrados como pacientes do hospital.

— Nada — diz ele, cansado.

— Tivemos problemas quando transferimos muito do material — diz Kurt. — Para começar, parte dele estava muito frágil. Coisas foram destruídas, como todas as Betamax.

— Quem transferiu o material?

Kurt se vira para ele dando de ombros em um pedido de desculpas.

— Eu e Conny.

— Mas certamente as fitas originais ainda devem estar em algum lugar — arrisca Erik.

— Desculpe-me, não tenho ideia.

— Acha que Conny saberia de algo?

— Não.

— Você poderia ligar e perguntar a ele.

— Ele está em Simrishamn.

Erik se vira, tentando pensar calmamente.

— Sei que muita coisa foi apagada por engano — diz Kurt.

Erik olha para ele.

— Essa era uma pesquisa única — diz, desanimado.

— Lamento.

— Eu sei, não estava criticando.

Kurt arranca uma folha marrom de uma planta.

— Você desistiu da hipnose, não é? — pergunta ele. — Estou certo, não?

— Sim, mas eu preciso verificar, olhar…

Erik para de falar. Não tem forças para explicar. Só quer voltar ao consultório, tomar um comprimido e dormir.

— Sempre tivemos problemas com tecnologia aqui — continua Kurt. — O que os olhos não veem, o coração não sente, acho. Sempre que mencionamos isso, dizem que devemos fazer o melhor possível. Relaxem, nos disseram quando apagamos sem querer toda uma década de pesquisas em lobotomia: velhos filmes de 16 milímetros que foram transferidos para fitas de vídeo nos anos 1980, mas que não chegaram à era do computador. É uma vergonha.

70

terça-feira, 15 de dezembro: manhã

No começo da manhã, a enorme sombra da prefeitura cobre a fachada do quartel-general da polícia. Apenas a torre central mais alta é banhada pela luz do sol. Nessas primeiras horas após o amanhecer, o sol gradualmente desce pelo prédio, revelando seu brilho amarelo. O teto de cobre reluz, as belas peças metálicas com canaletas embutidas e pequenas calhas também de cobre, como as de castelos, que levam a água da chuva para a rede pluvial, estão cobertas de gotas cintilantes de condensação. Durante o dia a luz permanece, enquanto as sombras das árvores abaixo mudam com o sol, movendo-se como os ponteiros de um relógio. Apenas algumas horas antes do pôr do sol a fachada fica cinzenta de novo.

Carlos Eliasson está de pé junto ao aquário, olhando pela janela, quando Joona bate na porta e a abre.

Carlos dá um pulo e se vira. Quando vê Joona, seu rosto mostra os habituais sentimentos contraditórios. Ele o recebe com uma mistura de timidez, prazer e antipatia. Quando acena com a mão na direção da cadeira de visitas, ele se dá conta de que ainda está segurando o frasco de comida para peixes.

— Acabei de perceber que está nevando — diz ele vagamente, colocando a comida perto do aquário.

Joona se senta e olha pela janela. O parque Kronoberg está coberto por uma fina camada de neve seca.

— Talvez tenhamos um Natal branco, quem sabe? — diz Carlos, sorrindo com cautela, sentando-se à mesa. — Em Skåne, onde cresci, nunca tivemos um clima bom no Natal. Era sempre a mesma coisa: uma escuridão cinzenta pairando sobre os campos. — Carlos para de repente. — Mas você não veio aqui discutir o clima — diz.

— Não exatamente — Joona fala calmamente, recostando-se na cadeira. — Quero assumir o caso do filho de Erik Maria Bark, o garoto que desapareceu.

— Fora de questão — diz Carlos, sem hesitar.

— Fui eu quem comecei…

— Não, Joona, você foi autorizado a acompanhar o caso desde que houvesse uma relação com Josef Ek.

— Ainda há uma ligação.

Carlos se levanta e se curva sobre a mesa.

— Nossas instruções são claríssimas. Os recursos que temos não devem…

— Acredito que o sequestro está diretamente ligado ao fato de que Josef Ek foi hipnotizado.

— Do que você está falando?

— Não pode ser coincidência Benjamin Bark ter desaparecido menos de uma semana após seu pai ter feito a primeira hipnose em dez anos.

Carlos senta novamente. De repente parece menos seguro de si do que tenta demonstrar.

— Um garoto que foge não tem nada a ver com o DIC Nacional. Está fora de questão.

— Ele não fugiu — diz Joona secamente.

Carlos olha para os peixes, inclina-se para a frente e baixa a voz.

— Só porque você está com a consciência culpada, Joona, não posso deixar que…

— Então estou pedindo transferência — diz Joona, levantando-se.

— Transferência?

— Para a divisão que cuida do caso.

— Você está sendo teimoso de novo — diz Carlos.

— Mas estou no caminho certo — retruca Joona, sorrindo.

— Meu Deus — diz Carlos, balançando a cabeça, ansioso. — Certo. Você não pode assumir o caso porque não é um caso seu, mas pode ter uma semana para investigar o desaparecimento do garoto.

— Bom.

— Então agora você não pode dizer “O que foi que eu disse?”.

— Certo.

Joona pega o elevador para o seu andar, cumprimenta Anja — que acena para ele sem desviar os olhos da tela do computador — e passa pelo

escritório de Petter Näslund, onde o rádio está ligado. Um jornalista esportivo comenta o biatlo feminino com uma animação fingida na voz. Joona então volta até Anja.

— Não tenho tempo — diz ela, sem olhar para ele.

— Tem, sim — retruca ele calmamente.

— Estou no meio de algo muito importante.

Joona olha por sobre o ombro dela.

— Em que está trabalhando? — pergunta ele.

— Nada.

— O que é isso?

Ela suspira.

— É um leilão. Estou com o maior lance no momento, mas outro idiota continua subindo o preço.

— Um leilão?

— Eu coleciono estatuetas feitas por Lisa Larson — responde ela secamente.

— Aquelas criancinhas gordas feitas de argila?

— É arte, mas não espero que compreenda. — Anja olha para a tela. — Vai terminar logo. Desde que mais ninguém dê um lance maior.

— Preciso de sua ajuda com algo importante — insiste Joona —, que realmente tem a ver com o seu trabalho.

— Espere, espere — diz ela, erguendo a mão na defensiva. — Fiquei com elas! Fiquei com elas! Fiquei com Amalia e Emma!

Ela fecha a página e se vira para ele.

— Certo, Joona, meu amigo. Você queria ajuda com o quê?

— Quero que você pressione a equipe de Telecomunicações e me consiga a localização da ligação feita por Benjamin Bark no domingo, há dois dias. Quero informações claras a respeito de onde ele estava no momento da ligação. Nos próximos cinco minutos.

Anja suspira.

— Deus do céu, você está de mau humor.

— Três minutos — emenda Joona. — Suas compras custaram a você dois minutos.

— Vá se foder — diz ela em voz baixa, enquanto Joona sai da sala.

Ele vai para o escritório, verifica a correspondência e lê um cartão-postal de Disa. Ela foi para Londres e diz que sente saudade. Disa sabe que ele não suporta fotografias de chimpanzés jogando golfe ou enrolados em papel higiênico e sempre consegue encontrar um cartão adequadamente ofensivo. Joona fica pensando se deve virar o cartão ou apenas jogá-lo fora, mas sua curiosidade é mais forte. Ele o vira e estremece de desgosto. Um buldogue com quepe de marinheiro e um cachimbo na boca. Sorri do esforço de Disa e, quando está colocando o cartão em seu quadro de avisos, o telefone toca.

— Sim?

— Tenho uma resposta — diz Anja.

— Isso foi rápido.

— Você me deu escolha? De qualquer forma, disseram que tiveram problemas técnicos, mas telefonaram para Kennet Sträng há uma hora e contaram que a base da estação fica em Gävle.

— Em Gävle — repete ele.

— Disseram que ainda não terminaram. Em um ou dois dias, mas ainda esta semana, poderão dizer com exatidão onde Benjamin estava quando fez a ligação.

— Você poderia ter vindo até o meu escritório para me contar, quero dizer, são apenas quatro passos.

— Não sou sua empregada.

— Não.

71

terça-feira, 15 de dezembro: manhã

Joona escreve *Gävle* em uma página em branco do bloco à sua frente e pega o telefone novamente.

— Erik Maria Bark — é a resposta imediata.

— Oi, é Joona.

— Como estão as coisas? Descobriram algo?

— Acabei de receber a localização aproximada da ligação.

— Onde ele estava?

— Por enquanto só sabemos que a base da estação fica em Gävle.

— Gävle?

— Um pouco ao norte de…

— Sei onde fica. Apenas não entendo.

Joona pode ouvir Erik se movendo pela sala.

— Teremos uma localização mais precisa em algum momento da semana — diz ele.

— Em algum momento?

— Amanhã, com sorte.

— Então você vai pegar o caso? — pergunta Erik, a voz tomada pela tensão.

— Estou pegando o caso, Erik — anuncia Joona com firmeza. — Vou encontrar Benjamin.

— Obrigado. — Erik pigarreia e continua depois que a voz ganha firmeza. — Passei algum tempo pensando em quem poderia ter feito isso, como você sugeriu, e tenho o nome de uma pessoa que gostaria que rastreasse. Eva Blau. Foi minha paciente há uns dez anos.

— Blau? Como azul em alemão?

— Sim.

— Ela o ameaçou?

— É difícil explicar.

— Farei uma busca agora mesmo — diz Joona, escrevendo o nome em um bloco. — Outra coisa. Realmente gostaria de ver você e Simone o mais rápido possível.

— Certo. Qual é o problema?

— Ninguém fez uma reconstituição do crime, fez?

— Não.

— Para ajudar Simone a se lembrar exatamente do que viu. E pode haver testemunhas. Seria muito útil descobrir quem pode ter visto o crime acontecendo. Você estará em casa em meia hora?

— Vou ligar para Simone — diz Erik. — Esperamos você lá.

— Bom.

— Joona — diz Erik.

— Sim?

— Sei que normalmente é uma questão de horas para o criminoso ser apanhado. Sei que são as primeiras 24 horas que contam. E agora são…

— Não acredita que vamos encontrá-lo?

— É… Não sei — murmura Erik.

— Não costumo estar errado — retruca Joona em voz baixa, mas com argúcia na voz. — E acredito que vamos encontrar seu filho.

Joona desliga. Pega o pedaço de papel com o nome de Eva Blau e vai procurar Anja mais uma vez. Há um cheiro forte de laranja na sala dela. Uma tigela de frutas cítricas variadas está ao lado do computador com teclado rosa. Em uma das paredes há um grande pôster brilhante mostrando uma Anja musculosa nadando borboleta em Barcelona, nos Jogos Olímpicos de 1992.

Joona sorri.

— Eu fui oficial de segurança quando prestei serviço militar. Podia nadar 10 quilômetros com uma bandeira de sinalização. Mas nunca consegui nadar borboleta.

— É desperdício de energia, isso sim.

— Ah, de modo algum. Acho bonito. Você parece uma sereia nadando — diz Joona.

A voz de Anja revela certa dose de orgulho enquanto ela tenta explicar.

— A técnica de coordenação é muito difícil. Tem tudo a ver com um ritmo invertido e… Quem se importa?

Anja se empertiga contente, o peito grande quase raspando em Joona.

— Seja como for — diz ele, dando a ela o pedaço de papel —, gostaria que fizesse uma pesquisa para mim.

O sorriso de Anja murcha.

— Deveria saber que você queria algo, Joona. Era bom demais para ser verdade. Você chega com esse sorriso doce, e eu estava quase começando a achar que você iria me convidar para jantar ou algo assim.

— Ah, eu vou, Anja. No seu devido tempo.

Ela balança a cabeça e arranca o pedaço de papel da mão dele.

— É urgente?

— É extremamente urgente, Anja.

— Então por que está aí de pé flertando comigo?

— Achei que você gostasse.

Anja examina o papel por um momento.

— Eva Blau — diz ela, pensativa.

— Não há garantia de que seja seu nome verdadeiro.

Anja morde os lábios.

— Um nome inventado — diz. — Não é muito para começar. Não tem mais nada? Um endereço ou algo assim?

— Nada. Só sei que foi paciente de Erik Maria Bark no Hospital Universitário Karolinska há dez anos, provavelmente por apenas alguns meses. Mas você pode verificar o registro eleitoral e todas as outras bases de dados. Há alguma Eva Blau matriculada em um curso universitário? Caso tenha comprado um carro, tem carteira de motorista. Ou algum dia pediu um visto? Tem um cartão de biblioteca… clubes, movimento pela redução do uso de álcool? Também quero que procure nos programas de proteção a testemunhas, de vítimas de crimes…

— Sim, certo, certo. Agora vá embora e me deixe fazer meu trabalho — diz Anja.

72

terça-feira, 15 de dezembro: manhã

Joona desliga o audiolivro: Per Myrberg está lendo *Crime e castigo*, de Dostoiévski, com sua mistura peculiar de calma e intensidade. Ele estaciona o carro em frente ao Lao Wai, o restaurante vegetariano asiático que Disa continua insistindo que ele experimente. Olha através da vitrine e fica impressionado com a beleza simples e ascética dos móveis de madeira, a ausência de qualquer coisa desnecessária, a falta de elementos decorativos no restaurante.

Erik e Simone esperam por ele no apartamento. Joona explica o que pretende fazer.

— Vamos reconstituir o sequestro o mais detalhadamente possível. O único de nós que realmente estava aqui quando aconteceu é você, Simone.

Ela assente, decidida.

— Então você interpretará a si mesma. Eu serei o sequestrador, e você, Erik, pode ser Benjamin.

— Certo.

Joona aponta para o relógio.

— Simone, em que horário você acha que houve a invasão?

Ela pigarreia.

— Não estou certa… Mas o jornal não havia chegado, então foi antes das 5 horas. Eu tinha levantado para beber água por volta das 2 horas… Depois fiquei algum tempo acordada… Portanto, em algum momento entre 2h30 e 5 horas.

— Bom. Vou acertar o relógio para 3h30, mais ou menos no meio — diz Joona. — Agora vou destrancar a porta, entrar de modo sorrateiro no quarto de Simone e fingir dar-lhe uma injeção. Depois irei ao quarto de Benjamin, darei uma injeção em você, Erik, e o arrastarei para fora do quarto. Benjamin é um garoto grande?

— Não especialmente — diz Simone. — Por quê?

— Então Erik é mais pesado. Quando arrastá-lo pelo corredor e para fora, terei de compensar acrescentando mais ou menos um minuto ao tempo. Simone, tente se mover exatamente como naquela noite. Deite-se na mesma posição em que estava. Quero saber o que você podia ver e o que só podia sentir.

Simone assente, o rosto pálido.

— Obrigada — sussurra. — Obrigada por fazer isso.

Joona olha para ela com seus olhos cinza gelados.

— Acredite em mim. Vamos encontrar Benjamin.

Simone esfrega a testa rapidamente com a mão.

— Vou para o quarto — diz, um pouco rouca, enquanto Joona sai do apartamento com as chaves na mão.

Ela está deitada sob o edredom quando Joona entra. Ele se move com rapidez na direção dela, não com pressa, mas de maneira objetiva. Simone sente cócegas quando ele ergue o braço dela e simula uma injeção. Assim que encontra o olhar de Joona quando ele se curva sobre ela, Simone se lembra de ter sido acordada com um golpe no braço e de ver alguém passar pela porta e ir para o corredor. A simples memória faz com que sinta uma pontada desagradável no local em que a agulha penetrou. Joona desaparece, e ela se senta, esfrega o braço e levanta devagar. Vai para o corredor, espia o quarto de Benjamin, vê Joona curvado sobre a cama — e de repente as palavras simplesmente saem, como se estivessem ecoando em sua memória.

— Benjamin? O que está acontecendo?

Ela se move hesitante pelo corredor. Seu corpo parece recordar as sensações que teve naquela noite, como sua força desapareceu com grande rapidez. As pernas fraquejam e ela cai, batendo com a cabeça. Simone se lembra da sensação de mergulhar cada vez mais fundo em uma dormência escura penetrada por lampejos de luz cada vez mais breves. Enquanto se senta parcialmente apoiada na parede, vê Joona arrastando Erik pelos pés. Sua memória repassa o incompreensível: Benjamin tentando agarrar o batente da porta, sua cabeça batendo no umbral, os gestos lentos de suas mãos cada vez mais fracos enquanto as estende na direção dela.

Enquanto Erik é arrastado diante de Simone, é como se uma figura feita de névoa ou vapor aparecesse no corredor por uma fração de segundo: ela está olhando para o rosto de Joona desde o chão, e a imagem muda. Um

vislumbre do rosto do sequestrador surge em sua mente: um rosto nas sombras, a mão amarela no tornozelo de Benjamin. O coração de Simone bate forte enquanto ouve Joona arrastar Erik para o patamar e fechar a porta atrás dele.

Um clima desagradável toma conta de todo o apartamento. Simone não consegue afastar a sensação de que foi novamente drogada. Seus membros estão dormentes e lentos quando se ergue e espera que voltem.

Enquanto Joona arrasta Erik pelo piso de mármore arranhado do patamar, olha ao redor o tempo todo, verificando ângulos e pontos de vista, procurando lugares inesperados em que uma testemunha poderia ter tido uma boa visão do incidente. Ele segue na direção do elevador, cujas portas mantivera abertas antecipadamente, e arrasta Erik para dentro. De lá pode ver a porta do apartamento à sua direita, a abertura para correspondência e a plaquinha de latão com o nome da família, mas à esquerda há apenas uma parede. De dentro, Joona olha para o grande espelho do patamar, mas, mesmo esticando o pescoço, não consegue ver nada novo. A janela da escadaria fica o tempo todo oculta. Nada aparece quando ele olha por sobre o ombro. Então, de repente, descobre algo inesperado. De determinado ponto de vista, usando um espelho de segurança menor instalado em uma quina, pode ver refletido no espelho do patamar o olho mágico brilhante na porta de um apartamento que parecera fora de vista. Joona deixa que as portas do elevador se fechem e, enquanto isso, percebe que o espelho ainda permite que ele olhe diretamente para a porta. Se houvesse alguém no apartamento olhando para fora — acordado, talvez, pela agitação na porta ao lado —, conseguiria ver seu rosto com absoluta clareza nesse instante. Mas quando move a cabeça apenas cinco centímetros em qualquer direção, a visão desaparece imediatamente.

Quando chegam ao térreo, Joona ajuda Erik a se levantar e confere o relógio.

— Oito minutos.

Eles voltam para o apartamento. Simone está de pé no corredor; é óbvio que esteve chorando.

— Estava usando luvas de borracha — diz ela. — Luvas de borracha amarelas.

— Tem certeza?

— Sim.

— Nesse caso não faz sentido procurar digitais — diz Joona.

— E agora? — pergunta ela.

— A polícia já ouviu os vizinhos — diz Erik melancólico, enquanto Simone limpa a terra e a sujeira de suas costas.

Joona pega uma folha de papel.

— Sim, eu tenho uma lista das pessoas com as quais falaram. É desnecessário dizer que eles se concentraram neste andar e nos apartamentos imediatamente abaixo. Há cinco pessoas com as quais ainda não falaram.

Ele confere a lista e vê que o apartamento na diagonal atrás do elevador foi riscado. Era a porta que ele podia ver usando os dois espelhos.

— Um apartamento foi riscado — diz ele. — O mais distante do elevador.

— Eles estavam fora — diz Simone. — Ainda estão. Foram passar seis semanas na Tailândia.

Joona olha para eles com a expressão séria.

— Hora de bater em algumas portas.

A placa na porta diz ROSENLUND. Foi o apartamento ignorado pelos policias que entrevistaram os vizinhos, já que era escondido e estava vazio.

Joona se curva e olha pela abertura da correspondência. Não vê nenhuma correspondência ou folheto de publicidade no capacho. De repente ouve um barulho leve vindo de dentro. Um gato sai de um dos quartos para o corredor. Fica imóvel e olha para Joona espiando pela abertura.

— Ninguém deixa um gato sozinho por seis semanas — diz Joona lentamente para si mesmo.

O gato está escutando, o corpo inteiro alerta.

— Você não parece estar morrendo fome — diz Joona ao animal.

O gato dá um enorme bocejo, pula em uma cadeira no corredor e se enrola.

Joona se ergue e olha para o papel em sua mão. O apartamento exatamente em frente ao elevador é ocupado por um casal, mas, quando a polícia ligou, apenas Alice Franzén estava em casa. A primeira pessoa com quem Joona quer falar é o marido.

Joona toca a campainha e espera. Ele se lembra de, quando era jovem, sair tocando campainhas com flores no primeiro dia da primavera ou, de vez em quando, caixas para receber donativos. A estranheza de olhar para a casa de outra pessoa, a expressão de desgosto nos olhos daqueles que abrem a porta.

Ele toca novamente. Uma mulher na casa dos 30 anos atende. Olha para ele com uma expressão vigilante e reservada que o faz pensar no gato no apartamento vazio.

— Sim?

— Meu nome é Joona Linna — diz, mostrando sua identificação. — Gostaria de falar com o seu marido.

Ela olha por sobre o ombro.

— Primeiro eu gostaria de saber sobre o que é. Na verdade ele está muito ocupado no momento.

— É sobre o começo da manhã de sábado, 12 de dezembro.

— Já respondemos a todas as suas perguntas — diz a mulher, irritada.

— Meus colegas falaram com você, mas não com o seu marido.

A mulher suspira.

— Não sei se ele tem tempo.

Joona sorri.

— Tomará apenas um minuto, prometo.

A mulher dá de ombros e grita:

— Tobias! É a polícia!

Depois de algum tempo, surge um homem com uma toalha enrolada nos quadris. A pele parece estar queimada: é grossa e muito bronzeada.

— Oi. Estava na câmara de bronzeamento.

— Legal — diz Joona.

— Não. Não é — responde Tobias Franzén. — Falta uma enzima no meu fígado. Tenho de passar duas horas por dia naquela coisa.

— Sem dúvida é um motivo bem diferente do habitual — diz Joona secamente.

— Você queria me perguntar alguma coisa.

— Quero saber se viu ou ouviu algo incomum no começo da manhã de sábado, 12 de dezembro.

Tobias coça o peito. As unhas deixam marcas brancas na pele queimada.

— Deixe-me pensar, noite de sexta-feira. Desculpe-me, mas realmente não consigo me lembrar de nada específico.

— Certo, muito obrigado, isso é tudo — diz Joona, inclinando a cabeça.

Tobias avança para fechar a porta.

— Correção. Mais uma coisa. Os Rosenlund — lembra-se.

— São pessoas muito legais — diz Tobias sorrindo. — Não os vejo há algum tempo.

— Não, pelo que sei, eles estão fora. Sabe se têm uma faxineira ou algo assim?

Tobias balança a cabeça. Agora está tremendo e pálido sob o bronzeado.

— Desculpe-me, não tenho a menor ideia.

73

terça-feira, 15 de dezembro: manhã

Joona passa para o nome seguinte da lista: Jarl Hammar, no andar abaixo de Erik e Simone. Um aposentado que não estava em casa quando a polícia ligou.

Jarl Hammar é um homem magro que claramente sofre de mal de Parkinson. Está bem-vestido, com um cardigã e um lenço amarrado no pescoço.

— Polícia? — repete ele com uma voz rouca e quase inaudível, enquanto seus olhos, enevoados pela catarata, olham Joona de cima a baixo. — O que a polícia quer comigo?

— Quero apenas fazer uma pergunta — diz Joona. — Por acaso teria visto algo incomum neste prédio ou na rua na madrugada de 12 de dezembro?

Jarl Hammar inclina a cabeça para um lado e fecha os olhos. Após um breve momento, volta a abri-los e balança a cabeça.

— Estou sob o efeito de medicamentos — diz. — Eles me dão um sono pesado.

Joona percebe uma mulher no fundo do apartamento.

— E sua esposa? — pergunta. — Poderia ter uma palavrinha com ela?

Jarl Hammar dá um sorriso irônico.

— Minha esposa foi uma mulher maravilhosa. Mas infelizmente não está mais entre nós, morreu há quase trinta anos.

Ele se vira e acena com um braço trêmulo para o vulto atrás dele.

— Esta é Anabella. Ela me ajuda com a limpeza e tudo mais. É uma pena que não fale sueco, mas afora isso, ela é irrepreensível.

A figura indistinta vai na direção da luz quando ouve seu nome. Anabella parece ser da América do Sul. Está na casa dos 20 anos, com claras marcas de catapora no rosto. Os cabelos estão presos em uma trança negra frouxa, e ela é muito baixa.

— Anabella — diz Joona suavemente. — *Soy comisario de policía*, Joona Linna.

— *Buenos días* — responde ela com uma voz sibilante, olhando para ele com os olhos negros.

— *¿Tu limpias más departamentos aquí, en este edificio?*

Ela balança a cabeça, sim, limpa outros apartamentos no prédio.

— *¿Qué otros?* — pergunta Joona.

— *Espera un momento* — diz Anabella, pensando um pouco antes de começar a contar nos dedos. — *Los pisos de Lagerberg, Franzén, Gerdman y Rosenlund, y el piso de Johansson también*.

— Rosenlund — diz Joona. — *¿Rosenlund es la familia con un gato, no es verdad?*

Anabella sorri e assente. Ela faz faxina no apartamento onde o gato vive.

— *Y muchas flores* — acrescenta.

— Muitas flores — diz Joona, e ela assente de novo.

Joona pergunta em tom sério se ela percebeu algo incomum quatro noites antes, quando Benjamin desapareceu.

— *¿Notabas alguna cosa especial hace cuatro días? Por la mañana temprano*.

O rosto de Anabella endurece.

— *No* — diz rapidamente, tentando recuar para o apartamento de Jarl Hammar.

— *De verdad* — diz Joona rapidamente. — *Espero que digas la verdad, Anabella*. Espero que me conte a verdade.

Ele repete que é muito importante, é sobre uma criança desaparecida.

Jarl Hammar, que escutava o tempo todo, segura as mãos que tremem violentamente e diz com sua voz rouca e vacilante:

— Seja gentil com Anabella, ela é uma garota muito boa.

— Ela tem de me contar o que viu — explica Joona com firmeza, voltando-se para Anabella. — *La verdad, por favor*.

Jarl Hammar olha impotente enquanto lágrimas copiosas começam a rolar dos olhos escuros e brilhantes de Anabella.

— *Perdón* — sussurra ela. — *Perdón, señor*.

— Não fique chateada, Anabella — diz Jarl Hammar, a seguir acenando para Joona. — Entre. Não posso deixá-la aqui na porta chorando.

Eles entram e se sentam em uma mesa de jantar impecável. Hammar pega uma lata de biscoitos de Natal, enquanto Anabella explica em voz baixa que não tem onde morar, esteve sem casa por três meses, mas conseguiu se esconder em depósitos que pertencem às pessoas para as quais faz faxina. Quando os Rosenlund deram a ela uma chave do apartamento para que pudesse cuidar das plantas e alimentar o gato, ela finalmente pôde dormir em segurança e fazer sua higiene pessoal. Repete várias vezes que não é ladra, não pegou nenhuma comida, não tocou em nada, não dormiu nas camas, que dormiu em um tapete na cozinha.

Depois Anabella olha para Joona com a expressão séria e diz que tem sono muito leve desde que era uma garotinha e cuidava dos irmãos menores. Na madrugada de sábado ela acordou ao ouvir um barulho no patamar. Foi estranho o bastante para assustá-la, então pegou suas coisas, esgueirou-se até a porta da frente e olhou pelo olho mágico.

A porta do elevador estava aberta, diz, mas não conseguia ver nada. De repente ouviu barulhos e passos lentos; era como se uma pessoa velha e pesada estivesse se movendo.

— Mas nenhuma voz?

Ela balança a cabeça.

— *Sombras*.

Quando Anabella tenta descrever as sombras que viu se movendo pelo piso, Joona concorda com um gesto de cabeça e pergunta:

— O que você viu no espelho? *¿Qué viste en el espejo?*

— No espelho?

— Você conseguia ver dentro do elevador, Anabella.

Ela pensa, então diz lentamente que viu uma mão amarela.

— E então — acrescenta —, depois de algum tempo, vi o rosto dela.

— Rosto dela? Era uma mulher?

— *Sí, una mujer*.

Anabella explica que a mulher vestia um capuz que escondia grande parte do rosto, mas por um rápido momento viu a bochecha e a boca.

— *Sin duda era una mujer* — repete. Definitivamente uma mulher.

— Qual era a idade?

Ela balança a cabeça. Não sabe.

— Jovem como você?

— *Tal vez*.

— Um pouco mais velha?

Ela faz que sim com a cabeça, mas depois diz que não sabe, viu a mulher por apenas um segundo e a maior parte do rosto estava oculta.

— *¿Y la boca de la señora?* — mostra Joona. Como parecia a boca da mulher?

— Feliz.

— Parecia feliz?

— *Sí. Contenta.*

Quando não consegue mais nenhuma descrição com ela, Joona pede detalhes, retoma as perguntas de outras formas e faz sugestões, mas é óbvio que Anabella contou tudo o que viu. Agradece a ela e a Jarl Hammar pela ajuda.

Subindo as escadas, Joona liga para Anja. Ela atende no mesmo instante.

— Anja, já descobriu alguma coisa sobre Eva Blau?

— Poderia ter descoberto, mas você continua telefonando e me perturbando.

— Desculpe, mas é urgente.

— Eu sei, eu sei. Mas ainda não consegui nada.

— Certo, me ligue quando conseguir.

— Pare de me atormentar — diz ela, e desliga.

74

quarta-feira, 16 de dezembro: manhã

Erik está sentado no carro ao lado de Joona, soprando o café em uma xícara descartável. Eles passam pela universidade, pelo Museu de História Natural. Do outro lado da rua, na direção de Brunnsviken, a estufa brilha na escuridão que diminui.

— Você tem certeza do nome, Eva Blau? — pergunta Joona.

— Sim.

— Não há nada na lista telefônica, nada na base de dados de registros criminosos, nada na base de dados de suspeitos nem no registro de pessoas com porte de arma, nada nos registros de impostos, eleitorais ou de licenciamento de veículos. Verifiquei todos os registros locais: conselhos municipais, registros de igrejas, Departamento Nacional de Seguros, imigração. Não há nenhuma Eva Blau na Suécia, nem nunca houve.

— Ela foi minha paciente — insiste Erik.

— Então deve ter outro nome.

— Olhe, sei muito bem o que meu…

Ele para quando algo lhe ocorre, a mais ligeira consciência de que ela, de fato, poderia ter outro nome, mas então isso simplesmente desaparece.

— O que você ia dizer?

— Vou examinar meus papéis. Talvez ela apenas chamasse a si mesma de Eva Blau.

O céu branco de inverno está pesado e baixo, como se fosse começar a nevar a qualquer momento.

Erik toma um gole do café, a doçura seguida por um amargor persistente. Joona entra em uma área residencial. Passam lentamente por casas, jardins cobertos de neve, com árvores frutíferas nuas e pequenos lagos cobertos para o inverno, estufas com móveis de vime, trampolins cobertos de neve, guirlandas de luzes enroladas em ciprestes, trenós vermelhos e carros estacionados.

— Para onde estamos indo? — pergunta Erik.

Pequenos flocos de neve redondos rodopiam no ar, acumulando-se no capô e nos limpadores de para-brisa.

— Estamos quase lá.

— Quase onde?

— Descobri algumas pessoas com o sobrenome Blau — diz Joona.

Ele estaciona em frente a uma garagem separada da casa, mas deixa o motor ligado. No meio do gramado, um Ursinho Puff de plástico com 1,80 metro de altura e suéter vermelho desbotado. Há outros brinquedos espalhados pelo jardim. Um caminho feito de pedaços irregulares de ardósia leva a uma grande casa de madeira amarela.

— É aqui que mora Liselott Blau — diz Joona.

— Quem é ela?

— Não tenho ideia, mas talvez saiba algo sobre Eva — diz Joona, percebendo a expressão de dúvida de Erik. — É tudo o que temos no momento.

Erik balança a cabeça.

— Foi há muito tempo. Hoje eu nem penso mais naquela época.

— Antes de desistir da hipnose.

— Sim — diz Erik, encontrando os olhos cinza-gelo de Joona. — Talvez não tenha nada a ver com Eva Blau.

— Você tentou lembrar?

— Acho que sim — responde Erik, hesitante, olhando para a xícara de café.

— Tentou de verdade?

— Talvez não de verdade.

— Sabe se ela era perigosa?

Erik olha pela janela e vê que alguém pegou uma caneta hidrográfica e desenhou presas e sobrancelhas feias no Ursinho Puff. Ele toma um pequeno gole do café e de repente se lembra do dia em que ouviu pela primeira vez o nome de Eva Blau.

Eram 8h30. O sol penetrava pelas janelas empoeiradas. Eu tinha passado a noite de plantão e dormira no consultório, pensa.

dez anos antes

Eram 8h30. O sol penetrava pelas janelas empoeiradas. Dormi no consultório depois do plantão noturno, me sentia cansado, mas ainda assim estava arrumando a bolsa de ginástica. Lars Ohlson tinha passado várias semanas adiando nossas partidas de badminton. Ocupado demais se deslocando entre o hospital em Oslo e o Karolinska e dando palestras em Londres, estava para assumir um lugar no conselho. Mas ligara inesperadamente no dia anterior.

— Erik, está pronto?

— É claro que estou pronto — respondi.

— Pronto para ser derrotado — disse ele, mas sem o habitual vigor na voz.

Virei o resto do café na pia, deixei a xícara na despensa, desci as escadas correndo e pedalei até a academia. Lars Ohlson já estava no vestiário gelado quando cheguei lá. Olhou para mim, virou-se de costas e colocou o short. Algo em sua expressão era estranho, quase temeroso.

— Você não será capaz de levantar a cabeça por uma semana depois que eu tiver terminado com você hoje — disse, olhando para mim. Mas sua mão tremia quando girou a chave no armário.

— Você tem trabalhado demais — falei.

— Como? Bem, sim, tem sido… — disse ele, antes de se interromper e desabar no banco.

— Você está bem? — perguntei.

— Completamente. E quanto a você?

Dei de ombros e disse:

— Vou ao conselho sexta-feira.

— Claro, é o fim do seu financiamento. A mesma ladainha toda vez, não é?

— Não estou especialmente preocupado — falei. — Acho que tudo ficará bem. Afinal, minha pesquisa está progredindo. Tenho conseguido excelentes resultados.

— Eu conheço Frank Paulsson — disse ele, levantando-se. Paulsson era integrante do conselho.

— Mesmo? Como o conheceu?

— Fizemos o serviço militar juntos. Ele é muito competente, e bem acessível.

— Bom — eu disse em voz baixa.

Deixamos o vestiário e Lars pegou meu braço.

— Devo ligar para ele e dizer que devem investir em você?

— Você pode fazer esse tipo de coisa?

— Bem, não é exatamente uma prática aceitável. Mas que se dane.

— Nesse caso, certamente seria melhor se você não fizesse — falei com um sorriso.

— Mas você precisa continuar sua pesquisa.

— Ficarei bem.

— Ninguém ficaria sabendo.

Olhei para ele e disse, hesitante:

— Talvez não seja má ideia.

— Vou ligar para Paulsson esta noite.

Eu assenti, ele sorriu e me deu um tapinha nas costas.

Quando chegamos à quadra, com os ecos e os tênis guinchando, ele de repente perguntou:

— Você aceitaria uma paciente minha?

— Por quê?

— Eu realmente não tenho tempo para ela — respondeu.

— Não sei se eu poderia fazer muito por ela. Minha lista está completa no momento.

Comecei a me alongar enquanto esperávamos que uma quadra fosse liberada. Lars ficou correndo sem sair do lugar, mas parecia distraído. Passou a mão pelos cabelos e pigarreou.

— Na verdade, acho que poderia.

— Poderia o quê?

— Poderia fazer algo de bom por ela. Acho que Eva Blau se beneficiaria de estar em seu grupo — disse ele. — Está completamente trancada em

algum trauma. Ao menos é o que acho, porque simplesmente não consegui atravessar a casca. Não consegui chegar a ela uma só vez.

— Ficaria feliz de oferecer conselhos caso você…

— Conselhos? — Baixou o tom de voz. — Para ser honesto, estou farto dela. — Mesmo falando em voz baixa, ele disse isso com alguma veemência.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, não, é só que… eu pensei que ela fosse doente de verdade. Fisicamente, quero dizer.

— Mas não era?

Ele sorriu, o que pareceu apenas destacar ainda mais o estresse em seu rosto, e olhou para mim.

— Poderia me fazer esse favor? — pediu Lars.

— Vou pensar.

— Falamos sobre isso mais tarde — disse ele rapidamente.

Ele ficou em silêncio e olhou para a quadra, onde duas jovens que pareciam estudantes de medicina ainda tinham mais alguns minutos. Quando uma delas tropeçou e perdeu uma bola fácil, ele debochou:

— Muito desajeitada.

Exercitei os ombros e fingi olhar para o relógio, mas na verdade estava analisando Lars. Ele ficou ali roendo as unhas. Embora estivesse frio e ele não tivesse começado a se aquecer, estava suando. E seu rosto definitivamente envelhecera, estava mais fino. Alguém gritou do lado de fora da quadra, e ele deu um pulo e virou na direção da porta.

As mulheres recolheram suas coisas e saíram da quadra conversando.

— Vamos jogar — eu disse, começando a me mover.

— Erik, espere um segundo — pediu ele, colocando a mão em meu ombro para me deter. — Eu nunca pedi a você para assumir um paciente.

— Eu sei. É que estou lotado no momento, Lars.

— E se eu cobrir seus plantões? — sugeriu, estudando meu rosto em busca de uma reação.

— É um senhor compromisso — falei, surpreso.

— Eu sei, mas você tem família e precisa estar em casa.

— Ela é perigosa?

— O que você quer dizer? — perguntou com um sorriso inseguro, brincando com a raquete.

— Eva Blau. Sua avaliação é essa?

Ele olhou novamente para a porta.

— Não sei como responder — disse ele em voz baixa.

— Ela o ameaçou?

Ele pensou na resposta por um momento.

— Todo paciente desse tipo pode ser perigoso. É difícil avaliar… Mas tenho certeza de que você conseguirá lidar com ela.

— Espero que sim.

— Você vai ficar com ela? Você vai ficar com ela, não vai, Erik? Por favor?

— Sim — eu disse.

As bochechas dele ficaram vermelhas, ele se virou e foi para a base. De repente, um fio de sangue correu pela face interna da coxa. Ele o limpou com a mão e olhou para mim. Quando percebeu que eu tinha visto o sangue, murmurou que estava com um problema na virilha, se desculpou e saiu mancando da quadra.

Eu havia acabado de voltar ao meu consultório dois dias depois quando ouvi uma batida na porta. Lars estava em pé no corredor. Alguns metros atrás dele, uma mulher com uma capa de chuva branca esperava. Tinha um rosto anguloso e fino, e uma expressão perturbada nos olhos, que exibiam uma maquiagem pesada com sombras azul e rosa.

— Este é Erik Maria Bark — disse Lars. — É um ótimo médico, melhor do que um dia eu serei.

— Chegou cedo — comentei.

— Tudo bem? — perguntou, ansioso.

Eu fiz um sinal positivo e os convidei a entrar.

— Erik, não posso — disse ele em voz baixa.

— Acho que ajudaria se estivesse aqui.

— Sei, mas tenho de correr — disse, elevando a voz e me dando um tapinha no ombro. — Ligue na hora que desejar. Eu atendo, no meio da noite, a qualquer momento.

Ele saiu apressado e Eva Blau entrou em minha sala, fechando a porta atrás de si.

— É seu? — perguntou ela de repente, segurando um elefante de porcelana na palma da mão, que tremia.

— Não, não é meu.

— Mas eu vi como você olhava para ele — disse ela, em um tom de voz de desprezo. — Você o quer, não?

Respirei fundo.

— Por que acha que o quero?

— Você não o quer?

— Não.

— Então quer isso? — perguntou.

Ela abriu a capa de súbito. Não vestia nada por baixo, e os pelos púbicos haviam sido raspados.

— Eva, não faça isso — eu disse.

— Certo — respondeu, os lábios tremendo de nervoso.

Ela estava perto demais de mim. Tinha um cheiro forte de baunilha.

— Vamos nos sentar? — perguntei, mantendo um tom de voz neutro.

— Um em cima do outro?

— Por que não se senta no sofá?

— O sofá — disse ela.

— Sim.

— Isso seria realmente divertido, não? — disse ela, indo na direção da escrivaninha e sentando-se em minha cadeira.

— Quer me contar algo sobre você? — perguntei.

— No que está interessado?

Fiquei pensando se ela seria uma pessoa fácil de hipnotizar, apesar do grande esforço que fazia para parecer dura, ou se iria resistir, tentar continuar reservada e atenta.

— Não sou seu inimigo — expliquei calmamente.

— Não? — disse ela, abrindo uma das gavetas da escrivaninha.

— Por favor, não faça isso.

Ela me ignorou e vasculhou os papéis sem nenhum cuidado. Fui até lá, retirei a mão dela, fechei a gaveta e disse com firmeza:

— Você não vai fazer isso. Pedi para não fazer.

Ela me olhou de modo desafiador e abriu a gaveta de novo. Sem tirar os olhos de mim, ela pegou um maço de papéis e os jogou no chão.

— Pare com isso — eu disse de maneira ríspida.

Seus lábios começaram a tremer. Os olhos se encheram de lágrimas.

— Você me odeia — sussurrou. — Eu sabia. Sabia que iria me odiar. Todo mundo me odeia.

Ela de repente pareceu estar com medo.

— Eva — eu disse com cautela —, só quero conversar um pouco com você. Pode usar minha cadeira, caso queira, ou pode se sentar no sofá.

Ela concordou com um gesto de cabeça e se levantou. Então, de repente se virou e perguntou em voz baixa:

— Posso tocar sua língua?

— Não. Sente-se, por favor.

Ela finalmente se sentou, mas começou a se remexer no mesmo instante, inquieta. Parecia estar segurando algo.

— O que você tem aí? — perguntei.

Ela rapidamente escondeu a mão nas costas.

— Venha e olhe, se tem coragem — desafiou, com um tom de hostilidade assustada.

Senti uma onda de impaciência tomar conta de mim, mas me forcei a soar calmo enquanto perguntava:

— Gostaria de me contar por que está aqui?

Ela balançou a cabeça.

— Por que acha que está aqui?

O rosto dela se contorceu.

— Porque eu disse que tinha câncer — sussurrou.

— Você estava com medo de ter câncer?

— Achei que ele queria que eu tivesse.

— Lars Ohlson?

— Eles operaram meu cérebro. Operaram duas vezes. Eles me apagaram. Estupraram-me enquanto estava inconsciente. — Os olhos dela

encontraram os meus, e um rápido sorriso passou por seus lábios. — Agora estou grávida e lobotomizada.

— O que você quer dizer?

— É bom, porque quero ter uma criança, um filho, um menino para chupar meu peito.

— Eva, por que você acha que está aqui?

Ela tirou a mão de trás das costas e abriu lentamente o punho fechado. Mesmo não querendo, eu estava curvado de curiosidade.

A mão estava vazia. Ela a virou várias vezes.

— Quer examinar minha boceta? — sussurrou, agarrando as lapelas da capa com as duas mãos, como se fosse abri-la mais uma vez.

Eu senti que tinha de sair da sala ou chamar alguém. Mas Eva Blau parou rapidamente.

— Desculpe — pediu ela. — Desculpe. Só estou com medo de você me odiar. Por favor, não me odeie. Eu quero ficar. Preciso de ajuda.

— Eva, estou apenas tentando ter uma conversa com você. Como sabe, o plano é que você entre para o meu grupo de hipnose. O Dr. Ohlson disse que você gostou da ideia, que você gostaria de tentar.

Ela assentiu sobriamente, depois esticou a mão e derrubou minha xícara de café no chão.

— Desculpe — disse ela novamente.

Depois que Eva Blau partiu, recolhi meus papéis do chão e sentei-me à escrivaninha. Uma chuva leve caía do lado de fora, e me ocorreu que Benjamin estava em um passeio do jardim de infância e Simone e eu havíamos nos esquecido de mandar roupas de chuva com ele.

Fiquei pensando se devia ligar para a escola e pedir que não deixassem Benjamin ao ar livre. Toda saída me aterrorizava. Eu nem sequer gostava do fato de que ele tinha de descer dois lances de escada para ir à sala de jantar. Imaginei outras crianças esbarrando nele, alguém deixando uma porta pesada bater no seu nariz. Eu o vi tropeçando nos sapatos amontoados em uma pilha suja. Eu dou as injeções nele, pensei. O medicamento faz com que ele não sangre até a morte por causa de um pequeno ferimento. Mas ele ainda é muito mais vulnerável do que as outras crianças.

Lembro-me da luz do sol na manhã seguinte atravessando as cortinas cinza-escuras. Simone dormia nua ao meu lado. Sua boca estava entreaberta, seus cabelos emaranhados. Admirei seus ombros e seios, cobertos de pequenas sardas claras. A pele do braço dela se arrepiou de repente, e eu puxei o edredom sobre o seu corpo.

Benjamin tossiu levemente. Quando tinha pesadelos, ele entrava no quarto à noite e se deitava no colchão colocado no chão, e eu me deitava desconfortável ao lado dele, segurando sua mão até que ele voltasse a dormir. Mas não tinha percebido sua entrada naquela noite. Vi que eram 6 horas, virei de lado, fechei os olhos e pensei em como seria bom ter mais algumas horas de sono.

— Papai? — sussurrou Benjamin de repente.

— Durma mais um pouco — falei em voz baixa.

Ele se sentou, olhou para mim e disse em sua voz aguda e clara.

— Papai, você estava deitado em cima da mamãe na noite passada.

— Estava? — reagi, e senti Simone despertar ao meu lado.

— Sim, você estava deitado debaixo do edredom sacudindo em cima dela.

— Isso me soa um pouco tolo — eu disse, tentando parecer despreocupado.

— Hmm.

Simone deu um risinho e escondeu a cabeça sob o travesseiro.

— Talvez eu estivesse tendo um sonho — falei, evasivo.

Simone estava se sacudindo de tanto rir sob o travesseiro.

— Você sonhou que estava sacudindo?

— Bem…

Simone ergueu os olhos com um grande sorriso.

— Vamos lá, responda à pergunta — disse ela, a voz totalmente controlada. — Você sonhou que estava sacudindo?

— Papai?

— Devo ter sonhado.

— Mas — continuou Simone, rindo —, por que você estava deitado em cima de mim quando…

— Hora do café — eu disse.

Vi Benjamin fazer uma careta ao levantar. As manhãs sempre eram piores. Suas articulações haviam ficado imóveis por várias horas, o que frequentemente causava hemorragias espontâneas.

— Como está se sentindo?

Ele se apoiou na parede enquanto levantava.

— Só um minuto, homenzinho, e farei uma massagem.

Benjamin suspirou enquanto deitava e me deixou flexionar e esticar gentilmente suas articulações.

— Eu não quero uma injeção — disse ele, desanimado.

— Hoje não, Benjamin, depois de amanhã.

— Não quero, papai.

— Pense em Kalle — falei. — Ele é diabético. Precisa tomar injeções todos os dias.

— David não precisa — ele se queixou.

— Mas talvez haja alguma outra coisa que ele ache difícil — eu disse. Houve um silêncio.

— O pai dele está morto — sussurrou Benjamin.

— Está vendo? — Terminei de massagear seus braços e mãos.

— Obrigado, papai — disse Benjamin, levantando-se.

— Bom garoto.

Abracei seu corpinho magro, mas, como de hábito, reprimi a vontade de segurá-lo até ele se sacudir para se libertar.

— Posso assistir a Pokémon? — perguntou.

— Pergunte à sua mãe — respondi, e ouvi Simone gritar “Covarde” na cozinha.

Depois do café, me sentei no escritório e liguei para Lars Ohlson. A secretária atendeu e conversei com ela algum tempo antes de perguntar se poderia trocar uma palavrinha com Lars.

— Só um momento — disse ela.

Eu pretendia pedir a ele que não falasse sobre mim com Frank Paulsson, caso não fosse tarde demais.

Após esperar mais ou menos um minuto, ela voltou ao telefone.

— Lars não está disponível no momento.

— Diga a ele que sou eu.

— Eu já disse — retrucou ela secamente.

Desliguei sem dizer nada, fechei os olhos e me dei conta de que havia algo errado. Talvez eu tivesse sido ludibriado. Presumivelmente, Eva Blau era mais problemática do que Lars Ohlson me dissera.

— Posso dar conta — disse a mim mesmo.

Na época eu não pensava em Eva Blau como uma pessoa potencialmente perigosa, pelo menos não no início. Minha principal preocupação era o desequilíbrio que traria ao meu grupo de hipnose. Eu havia reunido um pequeno grupo de homens e mulheres com problemas e históricos totalmente distintos. Alguns eram hipnotizados com facilidade, outros não. Eu buscava conseguir comunicação dentro do grupo, ajudar cada um a sair de sua concha e começar a desenvolver novas relações, com os outros e com eles mesmos. A única coisa que a maioria deles tinha em comum era um sentimento de culpa, um fardo que fizera com que se recolhessem. Porém, ao mesmo tempo em que se culpavam por terem sido estuprados, torturados ou agredidos de outras formas, o fardo era aumentado por eles terem perdido toda a confiança no mundo. Eu tinha trabalhado duro com o grupo para forjar o frágil laço que passou a existir entre eles, e temia que o acréscimo de Eva Blau pudesse separá-los.

Em nossa última sessão, o grupo fora a um nível mais profundo do que havia conseguido até então. Após nossa discussão inicial de praxe, fiz uma tentativa de colocar Marek Semiovic em hipnose profunda. Todos os meus esforços anteriores tinham fracassado: ele havia se mostrado defensivo e desconcentrado.

Na hipnose, o médico pode tentar encontrar um ponto de partida, com frequência um lugar conhecido ou idealizado que o sujeito possa imaginar e a partir do qual possa avançar sem medo ou ansiedade. Eu ainda não tinha descoberto esse ponto com Marek.

— Uma casa? Um campo de futebol? Uma floresta? — sugeri.

— Não sei — retrucou Marek, como de hábito.

— Bem, temos de começar em algum lugar.

— Mas onde?

— Tente imaginar o lugar para onde tem de voltar para que possa compreender a pessoa que você é hoje — sugeri.

— Zenica, no interior — disse Marek em tom neutro. — Zenica-Doboj.

— Bom — falei, fazendo uma anotação. — Você sabe o que aconteceu lá?

— Tudo aconteceu lá, em um grande prédio feito de madeira escura, como um castelo, a casa de um dono de terras, com teto inclinado, torres e varandas.

O grupo estava concentrado. Todos escutavam e perceberam que Marek de repente abrira algumas portas internas.

— Eu estava sentado em uma poltrona, acho — disse Marek, hesitante. — Ou em almofadas. De qualquer forma, estava fumando um Marlboro enquanto… Devia haver centenas de garotas e mulheres da minha cidade natal passando por mim.

— Passando?

— Durante algumas semanas… Entravam pela porta da frente e depois eram levadas para a escadaria principal e os quartos.

— Era um bordel? — perguntou Jussi em seu forte sotaque de Norrland.

— Não sei o que acontecia lá. Na verdade não sei nada — respondeu Marek em voz baixa.

— Você alguma vez olhou lá em cima?

Ele esfregou o rosto com as mãos e respirou fundo.

— Eu tenho essa lembrança — começou. — Entro em um quarto pequeno e vejo uma das minhas professoras do ensino médio, e ela está amarrada a uma cama, nua, com hematomas nos quadris e nas coxas.

— O que acontece?

— Eu só estou de pé do lado de dentro com uma espécie de bastão de madeira na mão, e não consigo me lembrar de mais nada.

— Tente — eu disse calmamente.

— Sumiu.

— Tem certeza?

— Não posso… Não posso fazer mais.

— Tudo bem, certo, é o suficiente — falei.

— Espere um minuto — disse ele, antes de ficar um longo tempo sentado sem falar. Depois suspirou, esfregou o rosto e se levantou.

— Marek?

— Não me lembro de nada! — disse ele, a voz esganiçada.

Fiz algumas anotações. Podia sentir Marek me observando o tempo todo.

— Não lembro, mas tudo aconteceu naquela maldita casa — falou, olhando para mim atentamente. Balancei a cabeça, assentindo.

— Tudo o que eu sou… está naquela casa de madeira!

— A casa assombrada — sugeriu Lydia na cadeira ao lado dele.

— Exatamente — concordou —, era uma casa assombrada.

E quando ele riu, a angústia estava estampada em seu rosto.

Conferi o relógio mais uma vez. Em uma hora deveria me reunir com o conselho do hospital para apresentar minha pesquisa. Caso não concordassem em manter o financiamento, eu precisaria começar a finalizar tanto a pesquisa quanto a terapia. Até o momento, eu não tivera tempo para me sentir nervoso. Fui até a pia e enxaguei o rosto, depois fiquei um tempo de pé olhando para mim mesmo no espelho e tentando ensaiar um sorriso antes de sair do banheiro. Quando estava trancando a porta do consultório, uma jovem parou no corredor, a poucos passos de mim.

— Erik Maria Bark?

Seus cabelos escuros e grossos estavam presos em um coque na nuca, e, quando ela sorriu para mim, covinhas fundas surgiram nas bochechas. Parecia feliz e cheirava a jacinto. Vestia um jaleco de médico e o crachá indicava que era uma residente.

— Maja Swartling — ela se apresentou, estendendo a mão. — Sou uma de suas maiores admiradoras.

— Fico honrado.

— Adoraria ter a oportunidade de trabalhar com você enquanto estou aqui — disse ela com uma objetividade incomum que achei atraente.

— Trabalhar comigo?

Ela inclinou a cabeça concordando e corou.

— Acho sua pesquisa extremamente interessante.

— Para ser sincero, nem sequer sei se a pesquisa continuará — expliquei. — Espero que o conselho de diretores esteja tão entusiasmado quanto você.

— O que você quer dizer?

— Meu financiamento só vai até o final do ano. — Minha iminente apresentação perante o conselho de repente ganhou peso. — Neste exato momento eu tenho uma reunião importante.

Maja se colocou de lado.

— Lamento — disse ela. — Deus do céu, lamento muito.

— Não se preocupe com isso — tranquilizei-a, sorrindo. — Acompanhe-me até o elevador.

Ela corou novamente, e seguimos juntos.

— Acha que poderá ter dificuldades em renovar o financiamento? — perguntou, ansiosa.

O procedimento habitual era o solicitante falar sobre sua pesquisa — resultados, metas e cronograma —, mas sempre achei isso difícil, porque, não importa quão meticulosamente apresentasse meu trabalho, sabia que era inevitável ter dificuldades por causa do preconceito declarado contra a hipnose.

— Se a psicoterapia é uma ciência subjetiva, Maja, a hipnose é ainda mais. Por sua própria natureza, mesmo a pesquisa mais exaustiva nesse campo pode levar a resultados relativamente não conclusivos — falei.

— Mas se eles leram todos os seus relatórios, verão que padrões impressionantes estão ficando claros. Mesmo que seja cedo demais para publicar algo.

— Você leu todos os meus relatórios? — perguntei, cético.

— É claro que há muitos deles — respondeu secamente.

Paramos junto ao elevador.

— O que você acha das minhas ideias relativas aos engramas? — perguntei para testá-la.

— Está pensando no paciente com o crânio ferido?

— Sim — respondi, tentando esconder minha surpresa.

— Interessante — disse ela. — O fato de que você foi contra a sabedoria convencional sobre a forma como a memória se espalha pelo cérebro.

— Alguma ideia própria sobre o tema?

— Acho que deveria intensificar sua pesquisa sobre as sinapses e se concentrar na amídala.

— Estou impressionado — eu disse, apertando o botão do elevador.

— Você tem de conseguir o financiamento.

— Eu sei.

— O que acontece se negarem?

— Se eu tiver sorte, terei tempo suficiente para encerrar a terapia e conduzir meus pacientes para outros tipos de tratamento.

— E a sua pesquisa?

Dei de ombros.

— Posso me candidatar a outras universidades, ver se alguma me aceita.

— Você tem inimigos no conselho? — perguntou.

— Acho que não.

Ela colocou a mão gentilmente em meu braço e deu um sorriso de desculpas. Suas bochechas ficaram ainda mais ruborizadas.

— Sei que estou sendo intrometida. Mas você conseguirá o dinheiro, porque seu trabalho é revolucionário — disse ela, olhando fixamente para mim — E, se eles não conseguirem ver isso, eu falarei com eles. Todos eles.

De repente comecei a pensar se ela estaria flertando comigo. Havia algo em sua obsequiosidade, naquela voz macia, rouca. Olhei rapidamente para o crachá dela para ter certeza do nome: MAJA SWARTLING, RESIDENTE.

— Maja…

— Não sou facilmente afastada, sabe — disse, brincalhona. — Erik Maria Bark.

— Discutiremos isso em outro momento — falei, enquanto as portas do elevador se abriam.

Maja Swartling sorriu, revelando suas covinhas. Juntou as palmas das mãos próximas ao queixo, curvou-se de maneira profunda e maliciosa e disse, com suavidade:

— *Sawadee*.

Eu me dei conta de que estava sorrindo da saudação tailandesa no elevador quando subia para o escritório da diretora.

Embora a porta estivesse aberta, bati antes de entrar na sala de reuniões. Annika Lorentzon já estava lá, olhando, pela janela panorâmica, para a vista fantástica que ia do Cemitério Norte até o parque Haga.

— Simplesmente deslumbrante — eu disse.

Annika Lorentzon sorriu calmamente para mim. Ela era magra e bronzeada. Em determinado momento, sua beleza a levara ao segundo lugar no concurso de Miss Suécia, mas agora uma rede fina de linhas se formara sob seus olhos e testa. Ela não cheirava a perfume, mas a limpeza; um leve vestígio de sabonete caro a cercava.

— Água mineral? — ofereceu-me, apontando na direção de várias garrafas.

Balancei a cabeça e pela primeira vez percebi que estávamos sós na sala de reuniões. Os outros já deveriam estar ali, pensei: meu relógio mostrava que a reunião deveria ter começado há cinco minutos.

Annika se levantou e explicou, como se tivesse lido minha mente:

— Eles estarão aqui, Erik. Foram todos a uma sauna — disse, dando um sorriso malicioso. — A única forma de fazer uma reunião sem mim. Inteligente, não?

Naquele momento a porta se abriu e cinco homens com rostos vermelho-brilhantes entraram. Os colarinhos dos ternos estavam encharcados por causa dos cabelos e pescoços molhados, e eles transpiravam um calor úmido e loção pós-barba.

— Embora, é claro, minha pesquisa vá ser cara — ouvi Ronny Johansson dizer.

— Obviamente — retrucou Svein Holstein, parecendo preocupado.

— É que Bjarne estava falando vagamente sobre como eles iriam começar os cortes. Os rapazes do financeiro querem cortar o orçamento de pesquisa sem nenhum critério.

A conversa morreu quando entraram na sala.

Svein Holstein apertou minha mão com força.

Ronny Johansson, o representante dos farmacêuticos no conselho, apenas acenou desanimado para mim ao sentar-se, enquanto o político do governo local, Peter Mälarstedt, apertava minha mão. Ele sorriu para mim, ofegante, e percebi que ele ainda transpirava.

Frank Paulsson mal me olhou. Simplesmente fez um aceno rápido com a cabeça e se co locou na extremidade oposta da sala. Todos conversaram por mais algum tempo, servindo-se de copos de água mineral e admirando a vista. Por um momento eu os observei com muita clareza: aquelas pessoas tinham em suas mãos o destino da minha pesquisa. Eram elegantes, bem-

educadas e informadas na mesma medida que os meus pacientes eram desajeitados, malvestidos e desarticulados. Mas os meus pacientes faziam parte deste momento. Suas lembranças, experiências e tudo o que haviam reprimido estava preso ali, como espirais de fumaça imóveis dentro desta bolha de vidro.

Annika bateu palmas com delicadeza e convidou todos a ocuparem seus lugares à mesa de conferências. Os membros do conselho se acomodaram, sussurraram e se remexeram. Alguém brincou com moedas no bolso. Outro folheou o calendário. Annika sorriu gentilmente e disse:

— É com você, Erik.

— Meu método — comecei — visa a tratar traumas psicológicos por intermédio de terapia de hipnose de grupo.

— Assim fomos informados — disse Ronny Johansson.

Tentei dar uma visão geral do que havia feito até o momento. Podia ouvir pés se arrastando, pernas de cadeira arranhando o chão.

— Infelizmente, tenho outro compromisso — disse Rainer Milch após algum tempo. Ele se levantou, apertou as mãos dos homens próximos a ele e saiu da sala.

Minha plateia escutava sem de fato prestar atenção.

— Sei que esse material pode parecer denso, mas posso fornecer um resumo antecipado. É bastante abrangente, eu sei, porém necessário. Não teria como reduzi-lo.

— Por que não? — perguntou Peter Mälarstedt.

— Porque é um pouco cedo demais para apresentar conclusões — respondi.

— E se avançarmos dois anos? — perguntou.

— Difícil dizer, mas estou identificando alguns padrões — eu disse, embora soubesse que não deveria seguir por aquele caminho.

— Padrões? Que tipo de padrões?

— Pode nos adiantar o que espera descobrir? — perguntou Annika Lorentzon com um sorriso incentivador.

Respirei fundo.

— Espero mapear as barreiras mentais que permanecem durante a hipnose: como o cérebro, em um estado de profundo relaxamento, descobre

novas formas de proteger o indivíduo da lembrança de um trauma ou medo. O que quero dizer, e isso é realmente apaixonante, é que, quando um paciente se aproxima de um trauma, o cerne da questão, aquilo que é de fato perigoso, quando a memória reprimida afinal começa a subir à superfície durante a hipnose, a mente busca uma defesa, em uma última tentativa de proteger o segredo. O que comecei a entender e documentar é que o paciente incorpora material onírico a suas lembranças simplesmente para evitar confrontar a verdade.

— Para evitar ver a própria situação? — perguntou Ronny Johansson em um repentino surto de curiosidade.

— De certa forma. É o agressor que eles não querem ver — respondi. — Substituem o inimigo por outro elemento, com frequência um animal.

Houve um silêncio na mesa. Eu podia ver Annika, que até então parecera constrangida por mim, sorrindo consigo mesma.

— Isso pode ser verdade? — perguntou Ronny Johansson, quase em um sussurro.

— E esse padrão é claro? — perguntou Mälarstedt.

— É claro, mas não plenamente definido — respondi.

— Há alguma pesquisa similar sendo conduzida em algum lugar do mundo? — indagou Mälarstedt.

— Não — respondeu abruptamente Ronny Johansson de modo abrupto.

— Mas isso para aí? — perguntou Holstein. — Ou em sua opinião o paciente sempre encontrará alguma nova forma de se proteger sob hipnose?

— Sim, é possível ir além desse mecanismo de proteção? — acrescentou Mälarstedt.

Eu podia sentir minhas bochechas começando a queimar. Pigarreei.

— Acredito ser possível ir além desse mecanismo, e descobrir, por intermédio da hipnose profunda, o que há por trás dessas imagens.

— E quanto aos pacientes?

— Também estava pensando neles — disse Mälarstedt a Annika Lorentzon.

— Isso tudo é muito tentador, claro — disse Holstein. — Mas quero garantias. Nada de psicoses, nada de suicídios.

— Sim, mas…

— Você pode me prometer isso?

Frank Paulsson estava apenas sentado lá, retirando aos pedaços o rótulo de sua garrafa de água mineral. Holstein parecia cansado e conferia seu relógio sem disfarçar.

— Minha prioridade é ajudar os meus pacientes — falei.

— E a sua pesquisa?

Pigarreei novamente.

— É — pigarreei — um subproduto, quando se trata desse aspecto — disse em voz baixa. — É assim que preciso vê-la. Nunca desenvolveria uma técnica experimental se houvesse qualquer indício de que fosse prejudicial ao quadro de um paciente.

Alguns dos homens ao redor da mesa trocaram olhares.

— Boa resposta — disse Frank Paulsson de repente. — Dou todo o meu apoio a Erik Maria Bark.

— Ainda tenho algumas preocupações com os pacientes — disse Holstein.

— Está tudo aqui — disse Paulsson apontando para a pasta de anotações que providenciara antecipadamente. — Ele escreveu sobre a evolução dos pacientes. Eu diria que parece mais do que promissor.

— Mas é uma terapia muito atípica. É tão ousada que precisamos estar certos de que podemos nos defender caso algo dê errado.

— Nada pode dar realmente errado — falei, sentindo arrepios na espinha.

— Erik, hoje é sexta-feira e todos querem ir para casa — disse Annika Lorentzon. — Acho que pode contar o com a renovação de seu financiamento.

Os outros assentiram, e Ronny Johansson recostou-se e começou a aplaudir.

Simone estava de pé em nossa cozinha espaçosa quando cheguei a casa. A mesa estava repleta de compras: maços de aspargos, manjerona fresca, um frango, um limão, arroz de jasmim. Riu ao me ver.

— O quê? — perguntei.

Ela balançou a cabeça e disse, com um grande sorriso:

— Você deveria ver seu rosto.

— O que você quer dizer?

— Parece uma criancinha na véspera do Natal.

— É tão óbvio assim?

— Benjamin! — gritou ela.

Benjamin entrou na cozinha com cartas de Pokémon nas mãos. Simone escondeu sua alegria evidente e apontou para mim.

— Como o papai está parecendo, Benjamin?

Ele me observou por um momento e começou a sorrir.

— Você parece feliz, papai.

— Eu estou feliz, homenzinho. Estou feliz.

— Eles descobriram o remédio? — perguntou.

— Qual remédio?

— Para me deixar melhor e não precisar de injeções — explicou.

Eu o peguei, abracei e contei que ainda não haviam descoberto o remédio, mas esperava que conseguissem logo, mais do que qualquer coisa.

— Tudo bem — disse ele.

Coloquei-o no chão e vi a expressão pensativa de Simone.

Benjamin puxou a perna da minha calça.

— Então o que foi, papai?

Não entendi.

— Por que você estava tão feliz, papai?

— Apenas dinheiro — respondi, derrotado. — Consegui algum dinheiro para minha pesquisa.

— David diz que você faz mágica.

— Não faço mágica. Eu tento ajudar pessoas assustadas e infelizes.

Simone deixou Benjamin passar os dedos pelas folhas de manjerona e sentir o perfume.

— Amanhã vou assinar o contrato de aluguel do espaço na Arsenalsgatan.

— Mas por que você não disse nada? Parabéns, Sixan!

Ela riu.

— Sei exatamente qual será a exposição de inauguração — disse ela. — Há uma garota que acabou de concluir a faculdade de belas-artes em Bergen. Ela é fantástica, faz uns enormes…

Simone parou quando a campainha tocou. Tentou ver quem era pela janela da cozinha, antes de ir e abrir a porta da frente. Eu a segui e a vi atravessar o vestíbulo escuro na direção da porta, que estava iluminada. Quando cheguei lá, ela estava de pé, olhando para fora.

— Quem era? — perguntei.

— Ninguém. Não havia ninguém aqui.

Olhei por sobre os arbustos na direção da rua.

— O que é isso? — perguntou ela de repente.

No degrau em frente à porta havia um objeto que consistia em um cabo de um lado e um pequeno disco de madeira do outro.

— Estranho — disse, pegando a velha ferramenta e a virando nas mãos.

— O que é isso?

— Uma palmatória, acho. Era usada para punir crianças antigamente.

Estava na hora da sessão com o grupo de hipnose. Eles chegariam em dez minutos. Os seis habituais mais a nova mulher, Eva Blau.

Peguei meu bloco e li as anotações da semana anterior, quando Marek Semiovic falara sobre a grande casa de madeira no campo, na região de Zenica-Doboj.

Era a vez de Charlotte começar, e pensei que depois poderia fazer uma primeira tentativa com Eva Blau.

Arrumei as cadeiras em semicírculo e coloquei o tripé da câmera de vídeo o mais distante possível.

Eu estava ansioso naquele dia. O estresse da preocupação com o financiamento havia sido aliviado e eu estava curioso por aquilo que surgiria durante a sessão. Estava cada vez mais convencido de que essa nova forma de terapia era melhor do que qualquer coisa que eu já havia realizado no passado — que a importância do coletivo era imensa no tratamento de traumas. Estava entusiasmado pelo modo como o isolamento do indivíduo podia ser transformado em um processo de cura partilhado e empático.

Coloquei uma fita nova na câmera de vídeo, dei um zoom no encosto de uma cadeira, ajustei o foco, e desfiz o zoom.

Charlotte Ceder entrou. Vestia um sobretudo azul-escuro com um cinto largo apertado ao redor da cintura magra. Enquanto tirava o chapéu, seus densos cabelos castanhos caíram ao redor do rosto. Como sempre, estava bela e terrivelmente triste.

Fui até a janela, abri e senti a brisa suave da primavera no rosto. Quando me virei, Jussi Persson tinha chegado.

— Doutor — disse ele em seu calmo sotaque de Norrland.

Apertamos as mãos e fomos dizer olá a Sibel, que acabara de entrar. Ele deu um tapinha em sua barriga de cerveja e disse algo que a fez rir e corar. Conversaram em voz baixa enquanto o resto do grupo chegava: Lydia, Pierre e, finalmente, Marek, um pouquinho atrasado, como era habitual.

Fiquei de pé imóvel, esperando que se sentissem prontos. Como indivíduos, eles tinham uma coisa em comum: haviam sofrido agressões traumatizantes de um tipo ou outro, agressões que produziram tal devastação em suas psiques que, de modo a sobreviver, tinham escondido deles mesmos o que acontecera. Em alguns casos eu tinha maior controle dos fatos de suas vidas do que eles. Contudo, todos tinham plena consciência de que suas vidas haviam sido destruídas pelos terríveis acontecimentos do passado.

"O passado não está morto, não é sequer passado", eu dizia com frequência, citando William Faulkner. Queria dizer que todas as pequenas coisas que acontecem às pessoas permanecem com elas por toda a vida. As experiências influenciam cada uma de nossas escolhas. No caso de experiências traumáticas, o passado ocupa quase todo o espaço disponível no presente.

Todos esperavam que eu começasse, mas Eva Blau ainda não havia chegado. Conferi o relógio e decidi iniciar sem ela.

Charlotte sempre se sentava mais distante. Ela tirou seu sobretudo e estava vestida com elegância, como de costume. Quando nossos olhos se encontraram, ela sorriu para mim, hesitante. Charlotte tentara tirar a própria vida 15 vezes antes de eu aceitá-la no grupo. Na última vez, ela atirou na própria cabeça com o rifle de caçar alces do marido, na sala de estar de sua casa de campo. A arma escorregou e ela perdeu uma orelha e uma pequena parte da bochecha. Não havia vestígios disso agora. Passara por uma

cirurgia plástica cara e adotara um penteado com uma densa mecha de cabelo que escondia a prótese de orelha e o aparelho de surdez. Mas, apesar do fato de ser bonita e estar sempre impecavelmente arrumada, eu sentia dentro dela um abismo em cuja beirada ela estava constantemente oscilando. Sempre que a via inclinar a cabeça para um lado, favorecendo o ouvido bom enquanto escutava os outros de forma educada e respeitosa, ficava gelado de ansiedade.

— Está confortável, Charlotte? — perguntei.

Ela assentiu e repetiu com sua voz suave e belamente articulada:

— Estou bem, obrigada.

— Hoje vamos investigar os quartos secretos de Charlotte — expliquei.

— Minha própria casa assombrada — disse ela, sorrindo.

— Exatamente.

Eu sempre ficava satisfeito e um pouco espantado com o modo como certas frases e expressões significativas eram adotadas por todos como parte do idioma particular usado no grupo.

Marek sorriu de um jeito impaciente e sem alegria para mim, quando nossos olhos se encontraram. Estivera se exercitando na academia a manhã toda, e a energia se espalhara por seus músculos.

— Todos prontos para começar? — perguntei.

Sibel cuspiu seu chiclete em um lenço de papel e se levantou apressada para jogá-lo fora. Olhou para mim de modo tímido e disse:

— Estou pronta, doutor.

Eu os coloquei em transe lentamente, evocando a imagem de uma escadaria de madeira pela qual os conduzia para baixo. Uma energia familiar e especial começou a fluir por nós, um calor único que todos partilhávamos. Minha própria voz, a princípio clara e articulada, começou a ser registrada como uma série de sons calmantes e hipnóticos que guiavam os pacientes. Eu parecia estar assistindo através dos olhos de alguém enquanto os corpos repousavam mais pesadamente nas cadeiras e suas feições alisavam e relaxavam, assumindo a grosseira expressão aberta partilhada por aqueles sob hipnose.

Fui para trás deles, tocando seus ombros com gentileza, guiando-os individualmente o tempo todo, fazendo uma contagem regressiva, passo a

passo.

— Continuem a descer a escada — disse em voz baixa.

Eu não havia contado ao conselho que o hipnotista também mergulha em uma espécie de transe paralelo àquele no qual coloca seus pacientes. Em minha opinião, isso era ao mesmo tempo inevitável e bom. Meu próprio transe sempre acontecia sob a água. Eu não entendia por quê, mas gostava da imagem da água. Era clara e agradável, e eu desenvolvera um modo de usá-la como metáfora visual e tátil para me ajudar a compreender e interpretar a sequência dos acontecimentos durante as sessões.

Cada um dos meus pacientes via algo completamente distinto, é claro. Todos mergulhando em lembranças, no passado, terminando nos quartos de suas infâncias, os lugares onde tinham passado a juventude, retornando às cabanas de veraneio dos pais ou à garagem da garotinha que morava na casa ao lado. Eles não sabiam que, para mim, naquele momento estavam sob a água, flutuando lentamente por uma enorme formação de coral, um plinto no fundo do mar, a parede irregular de uma fenda continental, todos afundando juntos em meio a uma suave água borbulhante.

Dessa vez eu queria tentar levar todos comigo para uma hipnose profunda. Minha voz continuava contando, falando de um relaxamento prazeroso enquanto a água ressoava em meus ouvidos. Eu os observava.

Jussi sussurrou algo para si mesmo.

A boca de Marek estava aberta e um fio de saliva escorria.

Pierre parecia mais magro e fraco do que nunca.

As mãos de Lydia pendiam frouxas dos braços da cadeira.

— Quero que mergulhem ainda mais fundo, mais longe — disse. — Continuem descendo, porém, agora, mais lentamente, mais lentamente. Logo irão parar, repousando de maneira muito suave… Um pouco mais fundo, só um pouco mais, e agora estamos parando.

O grupo todo me encarava de pé em um semicírculo em um leito de areia, plano e amplo como um enorme piso. A água era clara e levemente verde. A areia sob os nossos pés se movia em pequenas ondas circulares. Águas-vivas rosadas e cintilantes flutuavam acima de nós. De tempos em tempos, um linguado levantava uma pequena nuvem de areia e depois fugia.

— Agora estamos todos no fundo — disse.

Eles abriram os olhos e me encararam.

— Charlotte, sua vez de começar — continuei. — O que você vê? Onde está?

Sua boca se moveu em silêncio.

— Não há nada perigoso aqui — lembrei a ela. — Estamos com você o tempo todo.

— Eu sei — disse ela num tom monocórdio.

Seus olhos me examinavam como os de um sonâmbulo, vazios e distantes.

— Você está de pé do lado de fora da porta — eu disse. — Gostaria de entrar?

Ela fez que sim com a cabeça, e seus cabelos se moveram com as correntes de água.

— Vamos passar pela porta agora — eu disse.

— Sim.

— O que você vê?

— Não sei.

— Você entrou? — perguntei, com a leve sensação de que estava apressando as coisas.

— Sim.

— Consegue ver algo?

— Sim, consigo.

— É algo estranho?

— Não sei. Acho que não.

— Diga-me o que vê — disse rapidamente.

Ela balançou a cabeça. Pequenas bolhas de ar saíram dos seus cabelos e subiram para a superfície, cintilando. A sensação persistente de que eu estava fazendo a coisa errada pareceu mais próxima, mais insistente, alertando-me de que eu não estava prestando atenção, não a estava ajudando a avançar, mas, ao contrário, eu a estava empurrando. Ainda assim, não consegui deixar de dizer:

— Você está na casa do seu avô.

— Sim — respondeu ela, a voz contida.

— Está do lado de dentro e avançando.

— Eu não quero.

— Apenas dê um passo.

— Talvez não agora — sussurrou ela.

— Erga a cabeça e olhe.

— Não quero — disse ela, o lábio inferior tremendo.

— Consegue ver algo estranho? — insisti. — Algo que não deveria estar lá?

Surgiu um vinco profundo em sua testa, e de repente me dei conta de que em muito pouco tempo ela iria desistir e simplesmente ser arrancada de seu estado hipnótico. Isso podia ser perigoso; poderia terminar em depressão profunda caso acontecesse rápido demais. Grandes bolhas saíam de sua boca como uma corrente brilhante. Seu rosto cintilava, e linhas azul-esverdeadas passavam por sua testa.

— Você não precisa olhar, Charlotte — eu disse, tranquilizando-a. — Pode abrir as portas e sair para o jardim se quiser.

Mas o corpo dela tremia, e percebi que era tarde demais.

— Estamos totalmente calmos agora — sussurrei, esticando a mão para dar um tapinha gentil nela.

Os lábios estavam pálidos, os olhos arregalados.

— Charlotte, vamos retornar à superfície juntos, muito lentamente — falei.

Seus pés chutaram uma densa nuvem de areia enquanto subia flutuando.

— Espere — eu disse com voz fraca.

Marek estava olhando para mim, tentando gritar algo.

— Já estamos subindo, vou contar até dez — continuei, enquanto nos movíamos depressa para a superfície. — E quando chegar a dez vocês abrirão os olhos e se sentirão bem.

Charlotte estava ofegante, tentando respirar, quando se levantou sem firmeza. Ajeitou as roupas e olhou para mim suplicante.

— Vamos fazer um pequeno intervalo — anunciei.

Sibel se levantou devagar e saiu para fumar. Pierre a seguiu. Jussi ficou onde estava, pesado e inerte. Nenhum deles estava inteiramente desperto. A subida havia sido abrupta demais, rápida demais. Permaneci sentado.

Esfreguei o rosto e estava fazendo anotações quando Marek caminhou até mim.

— Bom trabalho — disse ele com um sorriso malicioso.

— Não saiu exatamente como planejado — respondi sem erguer os olhos.

— Achei divertido — disse.

— O quê? — perguntei. — O que foi divertido? — Olhei nos olhos dele, que ardiam com uma hostilidade obscura.

Lydia estava chegando, as joias chacoalhando. Seus cabelos tingidos com hena brilharam como fios de cobre quando passou por um raio de sol.

— O modo como você colocou aquela puta de classe A no seu lugar — disse Marek.

— O que você disse? — perguntou Lydia.

— Não estou falando de você, estou falando de…

— Você não pode chamar Charlotte de puta porque isso não é verdade — disse Lydia suavemente. — Certo, Marek?

— Tudo bem, como quiser.

Eu me afastei, olhando para minhas anotações, mas continuei acompanhando a conversa deles.

— Você tem problemas com as mulheres? — continuou ela.

— Aconteceram coisas na casa assombrada — disse ele em voz baixa. — Se você não esteve lá, não pode entender.

Ele ficou em silêncio, trincando os dentes com tanta força que eu podia ver os músculos dos maxilares se movendo.

— Na verdade não há nada que seja errado — disse ela, e pegou uma das mãos dele com as suas.

Sibel e Pierre voltaram. Todos estavam silenciosos e derrotados. Charlotte parecia muito frágil. Seus braços esguios estavam cruzados sobre o peito, as mãos, apoiadas nos ombros.

Eu troquei a fita da câmera de vídeo, falei data e hora e expliquei que todos ainda estavam em um estado pós-hipnótico. Olhei pelas lentes, levantei um pouquinho o tripé e focalizei novamente a câmera. Depois arrumei as cadeiras e pedi que o grupo se sentasse.

— Vamos continuar — eu disse.

Houve uma batida súbita na porta e Eva Blau entrou. Vi no mesmo instante que ela estava estressada e fui cumprimentá-la.

— Seja bem-vinda — falei.

— Eu sou?

— Sim.

Eva Blau se sentou na cadeira vazia e enfiou as mãos firmemente entre as coxas. Voltei ao meu lugar e, de maneira cuidadosa, iniciei a segunda sessão.

— Por favor, fiquem à vontade. Vamos manter os pés no chão, mãos nos joelhos. A primeira parte não saiu exatamente como eu esperava.

— Lamento — disse Charlotte.

— Ninguém precisa se desculpar, muito menos você. Espero que entenda.

Eva Blau olhava para mim o tempo todo.

— Vamos começar com pensamentos e associações da primeira sessão — eu disse. — Alguém gostaria de comentar?

— Perturbador — arriscou Sibel.

— Frus… tran… te — disse Jussi. — Quer dizer, só tive tempo de abrir os olhos e coçar a cabeça, e tudo tinha terminado.

— O que você sentiu? — perguntei a ele.

— Cabelos — respondeu com um sorriso.

— Cabelos? — perguntou Sibel, rindo.

— Quando cocei minha cachola.

Alguns riram.

— Vamos fazer algumas associações com cabelos — falei, com um sorriso. — Charlotte?

— Não sei. Cabelos? Barba, talvez… Não.

Pierre a interrompeu com sua voz aguda.

— Um hippie, um hippie em uma moto — disse com um sorriso. — Ele está sentado assim, mastigando chicletes e…

De repente Eva levantou com um movimento tão violento que a cadeira bateu atrás dela.

— Isso não passa de um absurdo infantil — disse ela com raiva, apontando para Pierre.

— Por que você acha isso? — perguntei.

Eva não respondeu, apenas continuou me encarando, antes de se jogar novamente na cadeira.

— Pierre, poderia continuar, por favor — eu disse com calma.

Ele balançou a cabeça, formando uma cruz com os indicadores e apontando-a para Eva, fingindo se proteger dela.

— Eles atiraram em Dennis Hopper porque ele era um hippie — sussurrou em tom de conspiração.

Sibel riu ainda mais alto e olhou de maneira ansiosa para mim. Jussi ergueu a mão e virou-se para Eva.

— Na casa assombrada você não tem que escutar o nosso absurdo infantil — disse ele com seu forte sotaque.

A sala ficou em silêncio absoluto. Ocorreu-me que Eva não tinha como saber o que a casa assombrada significava para o nosso grupo, mas deixei para lá.

Eva Blau se voltou para Jussi. Parecia que iria gritar algo, mas ele simplesmente olhou de volta com uma expressão tão calma e séria que ela pareceu mudar de ideia e recostou-se de novo.

— Eva, nós começamos com exercícios de relaxamento e respiração, e depois eu os hipnotizo, um de cada vez ou em duplas — expliquei. — Claro que todos participam o tempo inteiro, não importando o nível de consciência em que estejam.

Um sorriso irônico passou pelo rosto de Eva. Eu continuei:

— E algumas vezes, quando sinto que irá funcionar, tento colocar todo o grupo em hipnose profunda.

Aproximei minha cadeira e pedi que fechassem os olhos e se recostassem em suas cadeiras.

— Seus pés devem estar no chão e as mãos repousando no colo — repeti.

Enquanto eu gentilmente os colocava em um estado de relaxamento mais profundo, decidi começar a investigar os quartos secretos de Eva Blau. Era importante para ela dar alguma contribuição logo, para ser aceita pelo grupo. Fiz a contagem regressiva e prestei atenção na respiração deles, mergulhando-os em um leve estado hipnótico, deixando-os logo abaixo da superfície prateada da água.

— Eva, estou falando apenas com você — eu disse. — Você deve se sentir segura e relaxada. Apenas escute minha voz e acompanhe minhas palavras. Acompanhe minhas palavras espontaneamente todo o tempo. Não as questione. Você está em meio a esse fluxo, sem pressa, sem analisar, apenas vivendo este momento o tempo inteiro.

Estávamos afundando em uma água cinzenta, caindo nas profundezas escuras, passando por uma corda grossa, uma amarra decorada com tiras de algas ondulantes. Olhei para cima e vislumbrei o resto do grupo balançando com o topo de suas cabeças encostando no espelho ondulado.

Ao mesmo tempo, na realidade eu estava de pé, atrás da cadeira de Eva Blau, com a mão no ombro dela, falando calmamente, minha voz cada vez mais suave. Ela estava recostada, o rosto relaxado.

Em meu próprio transe, a água ao redor de nós algumas vezes era marrom, outras cinza. O rosto dela estava na sombra, a boca bem fechada. O cenho estava franzido, mas o olhar era inteiramente vazio. As anotações de Lars Ohlson não traziam quase nada sobre o histórico dela, então decidi tentar uma estratégia cautelosa de entrada. Evocar uma época serena e feliz ironicamente se mostra com frequência a forma mais rápida de chegar às áreas mais difíceis.

— Você tem 10 anos, Eva — eu disse, dando a volta para poder observá-la de frente.

O peito mal se movia; ela respirava de modo calmo, suave, pelo diafragma.

— Tem 10 anos. Este é um dia bom. Você está feliz. Por que está feliz?

Ela fez um biquinho, sorriu para si mesma e disse:

— Porque o homem está dançando e pisando nas poças.

— Quem está dançando? — perguntei.

— Quem? — disse ela, depois ficando em silêncio por um momento. — Gene Kelly, mamãe diz.

— Ah, então você está assistindo a *Cantando na chuva*?

Um leve sinal positivo com a cabeça.

— O que acontece?

Eu vi seu rosto abaixar lentamente para o peito. De repente, uma expressão estranha passou por seus lábios.

— Minha barriga é grande — disse ela, quase inaudível.

— Sua barriga?

— É enorme — falou, com a voz chorosa.

Jussi respirava intensamente ao lado dela. Eu podia ver com o canto do olho que ele movia os lábios.

— A casa assombrada — sussurrou ele em seu estado de hipnose leve. — A casa assombrada.

— Eva, me escute — eu disse. — Você pode ouvir todos nesta sala, mas deve prestar atenção apenas na minha voz. Não preste atenção no que os outros dizem, preste atenção apenas na minha voz.

— Certo — disse ela, a expressão satisfeita.

— Você sabe por que sua barriga é grande? — perguntei.

— Eu quero entrar na casa assombrada — sussurrou ela.

Fiz a contagem regressiva, sugerindo a escadaria que levava cada vez mais ao fundo. Enquanto contava, pensava que algo estava errado. Eu mesmo estava imerso em água agradavelmente quente, enquanto passava devagar pela face rochosa, cada vez mais fundo.

Eva Blau ergueu o queixo, umedeceu os lábios, sugou as bochechas e sussurrou:

— Eu posso vê-los pegando alguém. Simplesmente aparecem e pegam alguém.

— Quem está pegando alguém? — perguntei.

Sua respiração se tornou irregular. O rosto ficou mais sombrio. Uma água marrom e enevoada passava diante dela.

— Um homem com rabo de cavalo. Ele está pendurando o pequeno no teto — gemeu.

Ela estava agarrando com força a amarra com alga marinha flutuante com uma das mãos, batendo as pernas lentamente.

Algo não estava certo. Com esforço, saí da hipnose. Eva Blau estava fingindo. Eu tinha certeza de que ela não estava sob hipnose. Ela resistira, bloqueara minha sugestão. *Ela está mentindo, não está de modo algum sob hipnose*, meu cérebro murmurou friamente.

Ela balançava para a frente e para trás na cadeira.

— O homem está puxando a pessoa pequena, está puxando com muita força.

Ela então encontrou meu olhar e parou de se mexer. Seus lábios se esticaram em um sorriso largo e feio.

— Eu fui bem? — perguntou.

Não respondi. Apenas observei enquanto ela se levantava, pegava seu casaco no gancho e saía calmamente da sala.

Escrevi A CASA ASSOMBRADA em um pedaço de papel, enrolei-o na fita número 14 e prendi com um elástico. Mas, em vez de arquivar a fita como de hábito, levei-a para o meu consultório. Queria analisar a mentira de Eva Blau e minha própria reação, mas ainda estava no corredor quando me dei conta do que estivera errado o tempo todo: Eva estivera consciente de seu rosto e tentara parecer doce. Ela não tinha o rosto letárgico e aberto que as pessoas sob hipnose sempre apresentam. Um indivíduo sob hipnose pode sorrir, mas não é seu sorriso normal, é um sorriso sonolento, flácido.

Quando virei a esquina na direção do meu consultório, vi Maja Swartling esperando do lado de fora da porta. Fiquei surpreso por me lembrar do nome. Quando me viu, seu rosto se animou, e ela acenou.

— Desculpe continuar a incomodá-lo assim — disse ela rapidamente —, mas como parte de minha dissertação está baseada em sua pesquisa, meu orientador sugeriu que eu o entrevistasse. — Ela me observou atentamente.

— Compreendo — falei.

— Tudo bem se eu fizer algumas perguntas? — pediu.

De repente ela pareceu uma garotinha: totalmente alerta, porém insegura. Seus olhos eram muito escuros, em contraste com o brilho leitoso da pele branca. Usava os cabelos brilhantes em tranças presas: um penteado antiquado, mas que ficava bem nela.

— Tudo bem? — repetiu suavemente. — Você não tem ideia de como posso ser persistente.

Percebi que eu estava ali de pé, sorrindo. Havia algo muito brilhante e saudável nela. Maja riu e me lançou um longo olhar de satisfação. Destranquei a porta e ela me seguiu pelo consultório, acomodou-se na cadeira de visitas e pegou um bloco e uma caneta.

— O que você gostaria de me perguntar?

Maja corou profundamente e se sentou, então começou a falar.

— Li seus relatórios, e seu grupo de hipnose é composto não apenas de vítimas, de pessoas que foram submetidas a algum tipo de agressão, mas também de agressores, aqueles que fizeram coisas terríveis aos outros.

— É preciso entender que algumas vezes o grau de coação é tão grande que uma pessoa é forçada a cometer atos terríveis. A vítima se torna o agressor pelo próprio processo de vitimização. De qualquer maneira, para pacientes assim, o inconsciente funciona de forma semelhante, e, no contexto da terapia de grupo, esse, na verdade, é um recurso.

— Interessante — disse ela, fazendo anotações. — Quero voltar a isso, mas o que desejo saber agora é como o agressor se vê durante a hipnose. Afinal, você defende a ideia de que a vítima substitui com frequência o agressor por outra coisa, como um animal.

— Ainda não tive tempo de investigar como os agressores se veem, e não quero especular.

Maja se inclinou para a frente, lábios franzidos.

— Mas tem uma ideia?

— Eu tenho um paciente, por exemplo, que… — comecei, antes de me calar, pensando em Jussi Persson, o homem de Norrland que carregava sua solidão como um terrível peso autoimposto.

— O que ia dizer?

— Sob hipnose, esse paciente retorna a uma torre de caça. É como se a arma o controlasse. Ele atira em cervos e simplesmente os deixa no chão.

Ficamos sentados em silêncio, olhando um para o outro.

— Está ficando tarde — eu disse.

— Ainda tenho muitas perguntas.

Fiz um gesto com a mão.

— Teremos de nos encontrar de novo.

Ela olhou para mim. Então meu corpo pareceu estranhamente quente, enquanto eu percebia um leve rubor surgindo na pele clara dela. Havia algo malicioso entre nós, uma mistura de seriedade e vontade de rir.

— Posso lhe pagar um drinque em agradecimento? Há um libanês realmente bom…

Ela parou de repente quando o telefone tocou. Eu me desculpei e atendi.

— Erik?

Era Simone, parecendo estressada.

— O que há de errado? — perguntei.

— Eu… eu estou na frente de casa, na ciclovia. Parece que alguém invadiu a nossa casa.

Um arrepio gelado correu por mim. Pensei na palmatória que havia sido deixada do lado de fora da porta, o velho instrumento de punição.

— O que aconteceu?

Ouvi Simone engolir em seco. Algumas crianças brincavam ao fundo, deviam estar no campo de futebol. Ouvi o som de um apito e gritos.

— O que foi isso? — perguntei.

— Nada, uma turma de estudantes — disse ela com firmeza. — Erik, a porta da varanda de Benjamin está aberta e a janela foi quebrada.

Maja Swartling se levantou e apontou para a porta, perguntando se devia ir. Eu assenti rapidamente, dando de ombros como um pedido de desculpas. Ela esbarrou na cadeira, que arrastou no chão.

— Você está sozinho? — perguntou Simone.

— Sim — respondi, sem saber por que estava mentindo.

Maja acenou e fechou a porta silenciosamente atrás dela. Eu ainda podia sentir seu perfume.

— É melhor não entrar — continuei. — Você chamou a polícia?

— Erik, você está engraçado. Aconteceu alguma coisa?

— Quer dizer, além do fato de que pode haver um ladrão dentro de nossa casa neste instante? Você chamou a polícia?

— Sim, liguei para o papai.

— Bom.

— Ele disse que estava a caminho.

— Fique longe da casa, Simone.

— Estou na ciclovia.

— Ainda pode ver a casa?

— Sim.

— Se você pode ver a casa, alguém lá dentro pode ver você.

— Pare com isso! — disse ela.

— Por favor, Simone, vá para o campo de futebol. Estou indo para casa.

Parei atrás do Opel sujo de Kennet e saí do carro. Kennet correu na minha direção, a expressão tensa.

— Onde afinal está Sixan? — gritou ele.

— Eu falei para ela esperar no campo de futebol.

— Bom, eu estava com medo que ela…

— Do contrário ela teria entrado na casa. Eu a conheço, é igual a você.

Ele riu e me abraçou com força.

— É bom vê-lo, garoto.

Contornamos o quarteirão para chegar aos fundos. Simone estava de pé a uma pequena distância do nosso jardim. Tinha ficado de olho na porta quebrada da varanda o tempo todo; ela levava diretamente ao nosso pátio sombreado. Ela ergueu o olhar, saiu da bicicleta, foi na nossa direção e me abraçou, olhando por sobre o meu ombro.

— Oi, pai.

— Vou entrar — disse ele, sério.

— Vou com você — avisei.

Simone suspirou.

— Mulheres e crianças esperam do lado de fora.

Nós três passamos por cima da sebe baixa de potentila e cruzamos o gramado do pátio, com a mesa e as quatro cadeiras de plástico branco.

Havia cacos de vidro espalhados no degrau e na entrada. No carpete que cobria inteiramente o piso do quarto de Benjamin havia uma pedra grande entre fragmentos e cacos. Enquanto entrávamos, eu me lembrei de contar a Kennet sobre a palmatória que tínhamos encontrado do lado de fora da porta.

Simone nos seguiu e acendeu a luz. Seu rosto brilhava, e o cabelo louro-avermelhado caía em cachos sobre os ombros.

Kennet foi até o corredor, olhou dentro do quarto à direita, depois para o banheiro. O abajur na sala de TV estava aceso. Na cozinha, havia uma cadeira virada de lado no piso. Passamos por todos os cômodos, mas não parecia faltar nada. No banheiro do térreo, o papel higiênico tinha sido arrancado com força do rolo e estava jogado no chão.

Kennet olhou para mim com uma expressão estranha.

— Você tem algum problema não resolvido com alguém? — perguntou.

Balancei a cabeça.

— Não que eu saiba — respondi. — Obviamente, eu encontro muitas pessoas problemáticas no meu trabalho. Assim como você.

Ele concordou.

— Eles não pegaram nada — eu disse.

— Isso é normal, pai? — perguntou Simone.

Kennet balançou a cabeça.

— Isso não é normal, não quando quebram uma janela. Quem fez isso queria que vocês soubessem que alguém esteve aqui.

Simone estava de pé na entrada do quarto de Benjamin.

— Parece que alguém se deitou na cama dele — disse ela em voz baixa. — Qual é o nome daquela fábula? *Cachinhos Dourados*, não é?

Fomos correndo para nosso quarto e vimos que alguém também se deitara em nossa cama. A colcha havia sido tirada, e os lençóis estavam amassados.

— Isso é muito estranho — disse Kennet.

Ficamos em silêncio por algum tempo.

— A palmatória! — exclamou Simone.

— Exatamente. Pensei nisso e depois esqueci — falei, indo ao vestíbulo e pegando-a no armário.

— Meu Deus — disse Kennet. — Não vejo uma dessas desde que eu era garoto.

— Estava do lado de fora da porta ontem — disse Simone.

— Deixe-me dar uma olhada — pediu Kennet.

— Usavam isso para castigos corporais — falei.

— Eu sei o que é — disse Kennet, passando a mão sobre ela.

— Não gosto nada disso. A coisa toda parece um horror — disse Simone.

— Alguém os ameaçou ou fez com que passassem por algo que poderia ser considerado uma ameaça?

— Não — respondeu ela.

— Mas talvez devamos ver isso dessa forma — eu disse. — Talvez alguém ache que devemos ser punidos. Achei que era apenas uma piada sem graça, porque nós mimamos Benjamin demais. Quero dizer, para quem não tem conhecimento da doença de Benjamin, nós parecemos totalmente neuróticos.

Simone foi até o telefone e ligou para a creche de Benjamin para saber se ele estava bem.

Naquela noite, colocamos Benjamin cedo na cama. Como era usual, eu me deitei ao lado dele e contei toda a trama de um filme infantil sobre um menino africano. Benjamin assistira várias vezes a esse filme e quase sempre queria que eu lhe contasse a história na hora de dormir. Se esquecesse o menor detalhe, ele me lembrava, e, se ainda estivesse acordado quando eu chegasse ao fim, Simone cantava canções de ninar.

Naquela noite ele adormeceu facilmente. Fiz um bule de chá, e Simone e eu nos sentamos para ver um vídeo. Mas nenhum de nós conseguia se concentrar no filme, então desliguei o aparelho e conversamos sobre a invasão, tranquilizando-nos com o fato de que nada havia sido roubado. Alguém apenas desenrolara o papel higiênico e bagunçara nossas camas.

— Talvez tenham sido adolescentes que queriam um lugar para transar — disse Simone.

— Não, acho que não. Eles teriam feito mais bagunça se fosse esse o caso.

— Mas você não acha estranho que os vizinhos não tenham percebido nada? — perguntou Simone. — Quer dizer, Adolfsson não deixa passar nada.

— Talvez ele tenha feito isso — sugeri.

— Transar em nossa cama?

Eu ri e a puxei para perto. Como cheirava bem! Usava meu perfume preferido, Aromatics Elixir, marcante, mas não forte ou doce demais. Ela se apertou contra mim e eu senti seu corpo magro, infantil. Enfiei as mãos por baixo da camisa larga, percorrendo sua pele sedosa. Seus seios estavam quentes, os mamilos duros. Ela gemeu quando beijei seu pescoço e um sopro quente atingiu minha orelha.

Nós nos despimos à luz da televisão, ajudando um ao outro com mãos rápidas e ansiosas, desajeitados, rindo e beijando-nos novamente. Ela me

arrastou para o quarto e me empurrou para a cama com uma severidade brincalhona.

— Hora da palmatória — disse ela.

Concordei, surpreso, e a vi se aproximar de mim, inclinando a cabeça para que seus cabelos roçassem em minhas pernas. Ela sorria enquanto continuava subindo. Seus cachos cascateavam sobre os ombros sardentos. Os músculos dos braços se contraíram quando ela montou em meu quadril. As bochechas ficaram bem vermelhas quando a penetrei.

Durante alguns segundos a lembrança de algumas fotografias passou pela minha cabeça. Eu havia tirado as fotos em uma praia isolada no arquipélago grego dois anos antes de Benjamin nascer. Tínhamos percorrido o litoral de ônibus e saltado no que achamos ser o local mais bonito. Quando percebemos que a praia estava completamente deserta, decidimos não nos preocupar com trajes de banho. Comemos melancia quente sob o sol e depois deitamos nus na água clara e rasa, nos beijando e acariciando. Fizemos amor umas quatro vezes naquele dia na praia, ficando cada vez mais quentes e preguiçosos. Lembro-me da pele de Simone, grudenta de água salgada, seu olhar pesado e ensolarado, o sorriso cheio de segredos. Seus seios pequenos e firmes, suas sardas, seus mamilos rosados. Sua barriga lisa, seu umbigo, seus pelos púbicos castanho-avermelhados.

Agora Simone se inclinava para a frente, buscando o orgasmo. Empurrou-me para trás, beijou meu peito, meu pescoço. Estava com a respiração acelerada, os olhos fechados. Agarrou meus ombros e sussurrou:

— Não pare, Erik, por favor, não pare.

Estava se movendo mais rápida e intensamente, as costas escorregadias de suor. Gemeu alto, ainda me empurrando para trás, repetidas vezes, parando com as coxas trêmulas antes de recomeçar. Parou, gemendo, ofegante, umedeceu os lábios e se apoiou em meu peito com as mãos.

Estacionei a bicicleta em frente à unidade de neurocirurgia e fiquei algum tempo de pé, escutando os pássaros cantando nas árvores. Podia ver suas cores brilhantes de primavera entre as folhas densas. Lembravam-me de quando acordo ao lado de Simone de manhã e olho em seus olhos verdes.

Meu consultório parecia estar como eu o havia deixado: a cadeira em que Maja Swartling se sentara enquanto me entrevistava ainda estava puxada

e a luminária da mesa, acesa. Eu a apaguei. Eram apenas 8h30, eu tinha muito tempo para revisar minhas anotações da sessão de hipnose malsucedida com Charlotte no dia anterior. Foi fácil entender por que acabara daquele jeito: eu forçara o ritmo dos acontecimentos, apenas tentando atingir a meta. Eu deveria saber. Era experiente demais para cometer aquele tipo de erro. É impossível forçar um paciente a ver algo que ele decididamente não quer ver. Charlotte entrara em seu quarto, mas não quis erguer o olhar. Isso deveria ter sido suficiente para uma sessão, já era corajoso o bastante.

Vesti o jaleco branco, desinfetei as mãos e pensei no grupo. Não estava exatamente feliz com o papel que Pierre havia assumido: foi pouco claro. Ele costumava ficar com Sibel ou Lydia, e era falante e provocador, mas permanecia extremamente passivo durante a hipnose. Era cabeleireiro, homossexual assumido que desejava ser ator. Aparentemente, tinha uma vida, no geral, bastante normal — a não ser por um detalhe recorrente. Toda Páscoa ele saía de férias com a mãe. Eles se trancavam num quarto de hotel, ficavam bêbados e faziam sexo. O que a mãe não sabia era que Pierre mergulhava em uma depressão profunda após cada viagem e com frequência tentava cometer suicídio.

Eu não queria forçar meus pacientes. Queria que eles escolhessem as questões a discutir.

Houve uma batida na porta. Antes que pudesse responder, ela se abriu e Eva Blau entrou. Ela havia raspado a cabeça e maquiado apenas os olhos. Fez uma expressão estranha, como se tentasse sorrir sem usar os músculos faciais.

— Não, obrigada — disse ela. — Não precisa me convidar para o almoço, já comi. Charlotte é uma pessoa maravilhosa. Cozinha para mim, refeições para a semana inteira. Eu as coloco no freezer.

— Gentil da parte dela — eu disse.

— Ela está comprando meu silêncio — explicou Eva de forma misteriosa, se colocando de pé atrás da cadeira em que Maja se sentara no dia anterior.

— Eva, poderia me dizer por que veio aqui?

— Não foi para chupar o seu pau, se você quer saber.

— Você não precisa continuar no grupo de hipnose — eu disse calmamente.

Ela baixou o olhar.

— Eu sabia que você me odiava — murmurou.

— Não, Eva, estou apenas dizendo que você não precisa fazer parte do grupo. Algumas pessoas não querem ser hipnotizadas, não são receptivas, embora realmente queiram tentar, e ainda há outras…

— Você me odeia.

Eu esperei um instante.

— Eva, eu não odeio você. Estou apenas dizendo que sua participação no grupo não faz sentido nem é útil se não estiver disposta a ser hipnotizada.

— Não foi o que eu quis dizer. Mas você não vai colocar seu pau na minha boca.

— Pare com isso — falei.

— Desculpe-me — disse ela, tirando algo da bolsa. — Olhe, isso é para você.

Peguei o objeto das mãos dela. Era uma fotografia. Mostrava o batizado de Benjamin. Eu a reconheci imediatamente.

— Ele é um doce, não? — disse ela, orgulhosa.

Eu podia sentir meu coração acelerando.

— Onde conseguiu isso? — perguntei a ela.

— É meu segredinho. Eu me preocupo só comigo mesma, você sabe. É a única forma de levar esta vida.

Ela se sentou no sofá, desabotoou a blusa calmamente e me mostrou os seios.

— Então coloque seu pau neles, se isso o deixa feliz.

— Você esteve em minha casa — eu disse.

— Você esteve em *minha* casa — respondeu ela, desafiadora.

— Eva, você me falou sobre a sua casa. Invasão é algo completamente diferente.

— Eu não invadi — retorquiu com rapidez.

— Você quebrou uma janela.

— A pedra quebrou a janela.

De repente eu me senti exausto. Estava perdendo o controle e prestes a despejar minha fúria em uma mulher doente e confusa.

— Por que tirou esta foto de mim?

— É você quem tira! Você sempre tira! Que porra você diria se eu tirasse coisas de você? Como você acha que iria se sentir?

Ela escondeu o rosto nas mãos e disse que me odiava. Repetiu isso várias vezes, talvez cem vezes, antes de se acalmar.

Depois disse com firmeza:

— Você tem de entender que me deixa com raiva quando alega que eu pego coisas. Eu *dei* algo a você, um retrato adorável.

— Sim.

Ela deu um sorriso largo e umedeceu os lábios.

— Agora quero que você *me* dê algo.

— O que você quer? — perguntei com calma.

— Quero que você me hipnotize — respondeu.

— Por que deixou uma palmatória do lado de fora da minha casa? — perguntei.

Ela me olhou sem entender.

— O que é uma palmatória?

— Um bastão chato que era usado para punir crianças — expliquei.

— Eu não deixei nada do lado de fora da sua porta.

— Isso não é verdade. Você deixou uma velha…

— Não minta! — gritou.

— Eva, eu vou chamar a polícia caso você não saiba quais são os limites, não entenda que tem de deixar a mim e minha família em paz.

— E quanto à *minha* família? — retrucou.

— Apenas me escute.

— Porco fascista! — gritou. Ela se levantou com um salto e deixou a sala.

Meus pacientes estavam sentados à minha frente no semicírculo. Dessa vez fora fácil hipnotizá-los, e descemos juntos suavemente pela água que batia levemente. Eu estava trabalhando de novo com Charlotte. Seu rosto estava

relaxado, porém triste, com grandes olheiras, e a ponta do seu queixo, um pouquinho enrugada.

Esperei. Era claro que Charlotte estava sob hipnose profunda. Respirava intensamente, mas de maneira silenciosa.

— Você sabe que está segura conosco, Charlotte — eu disse. — Nada pode feri-la. Você se sente bem. Está agradavelmente relaxada.

Ela assentiu, triste, e eu soube que ela podia me ouvir. Estava acompanhando minhas palavras e já não conseguia distinguir entre a realidade e a realidade da hipnose. Era como se assistisse a um filme do qual participasse. Era ao mesmo tempo plateia e ator, unidos em um único corpo.

— Não fique com raiva — sussurrou ela. — Desculpe-me, lamento muito. Vou consolá-lo, prometo, vou consolá-lo.

Estávamos na casa assombrada. Eu sabia que havíamos chegado aos quartos perigosos de Charlotte, e queria que ela parasse, queria que tivesse a força de levantar o olhar do chão e ver algo, ter um vislumbre da coisa da qual tinha tanto medo. Eu podia ouvir o grupo respirando ao meu redor. Queria ajudá-la, mas dessa vez não tinha a intenção de forçar o ritmo. Não repetiria o erro da semana anterior.

— Está frio no ginásio do vovô — disse Charlotte de repente.

— Consegue ver algo?

— Tábuas corridas compridas, um balde, uma corda — falou, de modo quase inaudível.

Eu podia ver as pálpebras tremendo. Lágrimas escorreram por entre os cílios. Suas mãos abertas estavam pousadas no colo, com as palmas para cima, como uma mulher velha.

— Você sabe que pode sair do quarto assim que desejar.

— Posso?

— Assim que quiser.

— Isso provavelmente é o melhor.

Ficou em silêncio, ergueu o queixo, depois virou a cabeça devagar, a boca entreaberta como a de uma criança.

— Vou ficar um pouco mais — disse ela.

— Você está sozinha aí?

Ela balançou a cabeça.

— Posso ouvi-lo — murmurou —, mas não posso vê-lo. — Franziu o rosto, como se tentasse ver algo fora de foco. Então disse: — Há um animal aqui.

— Que tipo de animal? — perguntei, sentindo um arrepio na nuca.

— Papai tem um cachorro grande…

— Seu pai está aí?

— Sim, está aqui, está de pé no canto. Está com raiva, posso ver seus olhos. Eu machuquei papai, ele me diz. Papai está com raiva.

— E o cachorro?

— O cachorro está se movendo na frente das pernas dele, farejando. Ele se aproxima, recua. Agora está de pé em silêncio ao lado dele, ofegando. Papai diz que o cachorro é para me proteger. Eu não quero isso, ele não devia poder fazer isso, ele não…

Charlotte tentou respirar. Uma sombra medonha passou por seu rosto. Achei melhor sair do transe, sair do mar negro. Ela corria o risco de arrancar a si mesma da hipnose caso avançasse rápido demais. Tínhamos encontrado o cachorro; ela ficara ali e olhara para ele. Era um enorme passo à frente. Com o tempo resolveríamos o mistério de quem o cachorro realmente era.

Enquanto nadávamos para cima, vi Marek abrir os lábios e mostrar os dentes para Charlotte. Lydia esticou a mão em meio a uma nuvem verde-escura de algas, tentando acertar a face de Pierre. Sibel e Jussi fecharam os olhos e flutuaram para cima. Encontramos Eva Blau boiando um pouco abaixo da superfície.

Estávamos quase despertos. A linha divisória em que a realidade se dissolve sob a influência da hipnose é sempre incerta, e o mesmo vale para a viagem no sentido oposto, de volta ao território da consciência.

— Vamos fazer uma pausa agora — falei, e me virei para Charlotte. — É uma boa ideia?

— Obrigada — disse ela, abaixando o olhar.

Marek se levantou, pediu um cigarro a Sibel e saiu com ela. Pierre permaneceu em sua cadeira junto a Jussi. Lydia se levantou devagar, esticou os braços languidamente acima da cabeça e bocejou. Pensei em dizer a

Charlotte como ficara satisfeito por ela ter escolhido ficar um pouco mais na casa assombrada, mas ela havia saído da sala.

Eu acabara de pegar meu bloco para fazer algumas anotações rápidas quando Lydia veio até mim. Suas joias pesadas chacoalhavam suavemente, e pude sentir seu perfume quando parou perto de mim.

— Não é minha vez?

— Na próxima sessão — respondi, sem tirar os olhos do bloco.

— Por que não hoje?

Eu abaixei a caneta e olhei para ela.

— Por que pretendo continuar com Charlotte.

— Mas e se ela não voltar? — insistiu Lydia.

— Lydia, eu tento ajudar todos os meus pacientes.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

— Mas não vai ter sucesso, não é?

— O que a faz pensar assim?

Ela deu de ombros.

— Estatisticamente, um de nós cometerá suicídio, dois acabarão em uma instituição e…

— Você não pode pensar assim.

— Sim, posso, porque quero estar entre os que irão conseguir — disse, dando um passo na minha direção, e seus olhos brilharam com uma inesperada crueldade quando abaixou a voz. — Acho que Charlotte será aquela que tirará a própria vida.

Antes que eu tivesse tempo para responder, ela simplesmente suspirou e disse:

— Pelo menos ela não tem filhos.

Eu vi Lydia se afastar e sentar. Quando conferi a hora, me dei conta de que mais de 15 minutos haviam se passado. Pierre, Lydia e Jussi tinham retornado a seus lugares. Chamei Marek, que estava andando pelo corredor, falando sozinho. Sibel estava junto à porta, fumando, e deu um risinho cansado quando pedi que entrasse.

A expressão de Lydia foi de satisfação quando afinal tive de admitir que Charlotte não tinha voltado.

— Certo — eu disse, juntando as mãos. — Vamos continuar.

Eu vi seus rostos diante de mim. Estavam prontos. Na verdade, as sessões sempre eram melhores depois do intervalo. Era como se todos ansiassem por voltar às profundezas, como se lá as luzes e as correntes sussurrassem para nós, convidando a nos juntarmos a elas novamente.

O efeito da indução foi imediato. Lydia mergulhou em hipnose profunda em apenas dez minutos.

Estávamos caindo. Eu podia sentir a água morna em minha pele. A grande rocha cinzenta estava coberta de corais. Os tentáculos de seus pólipos acenavam na água. Eu via todos os detalhes, todas as cores cintilantes e vibrantes.

— Lydia, onde você está? — perguntei.

Ela passou a língua nos lábios secos e inclinou a cabeça para trás. Seus olhos estavam fechados, mas ela tinha uma expressão irritada ao redor da boca e a testa estava franzida.

— Estou pegando a faca.

Sua voz era seca e rascante.

— Que tipo de faca é? — perguntei.

— A faca serrilhada, aquela do escorredor — disse ela, em tom surpreso, depois ficou sentada em silêncio por algum tempo, a boca entreaberta.

— Uma faca de pão?

— Sim. — Ela sorriu.

— Continue.

— Eu corto ao meio o pacote de sorvete. Levo metade e uma colher para o sofá em frente à TV. *Oprah Winfrey*. O Dr. Phil está na plateia. Ela faz uma pergunta e ele ergue o indicador. Há um pedaço de barbante vermelho amarrado nele, e está prestes a nos contar o porquê quando Kasper começa a gritar. Eu sei que ele não quer nada. Só está tentando me aborrecer. Grita porque sabe que isso me irrita. Não vou tolerar mau comportamento na minha casa.

— O que ele está gritando?

— Ele sabe que eu quero ouvir o que o Dr. Phil diz. Ele sabe que eu gosto de *Oprah*, por isso está gritando.

— E o que ele está gritando neste instante?

— Há duas portas fechadas entre nós — continua ela. — Mas posso ouvi-lo gritando.

— O que está dizendo?

— Palavras horríveis. Está gritando boceta, boceta, boceta.

As bochechas de Lydia estavam vermelhas e a testa coberta de suor.

— O que você faz? — perguntei.

Ela passou a língua pelos lábios de novo, a respiração pesada.

— Eu aumento a TV — diz, a voz contida. — Ela berra, os aplausos fazem o aparelho tremer, mas parece errado, já não está bom. Não estou gostando. Ele estragou tudo. É assim, mas eu devo explicar a ele.

Ela sorriu levemente com os lábios apertados e o rosto perdeu toda a cor. Há água brilhando em ondas metálicas sobre sua testa.

— E o que você faz? — perguntei.

— O quê?

— O que você faz, Lydia?

— Eu… eu passo pela despensa e desço para a sala de jogos, no porão. Posso ouvir assovios e zumbidos estranhos no quarto de Kasper… Não sei o que ele está fazendo. Só quero voltar para cima e ver TV, mas continuo indo até o quarto de Kasper. Abro a porta e entro.

Ela fica em silêncio. A água sai de seus lábios entreabertos.

— Você entra — repeti. — Onde você entra, Lydia?

Seus lábios se movem ligeiramente. As bolhas de ar cintilam e desaparecem no alto.

— O que você vê? — perguntei com cautela.

— Ele está fingindo dormir quando entro — disse devagar. — Ele rasgou a foto da vovó! Prometeu tomar cuidado se eu emprestasse a foto, e agora a destruiu! A única que eu tinha. E está deitado lá, fingindo dormir. Preciso ter uma conversa séria com Kasper no domingo, que é quando repassamos nosso comportamento, de um com o outro, da semana. Fico pensando em qual conselho o Dr. Phil me daria. Percebo que ainda estou com a colher na mão, mas, quando olho para ela, vejo um urso de pelúcia refletido no metal. Deve estar pendurado no teto…

Lydia de repente fez uma careta, como se estivesse sentindo dor. Tentou rir, mas só produziu barulhos estranhos. Tentou mais uma vez, entretanto

continuou não parecendo um riso.

— O que você faz? — perguntei.

— Eu olho — disse, virando o rosto para cima.

Então ela escorregou da cadeira, batendo com a parte de trás da cabeça no assento. Eu corri. Ela se sentou no chão, ainda hipnotizada, mas não tão profundamente. Encarou-me com os olhos aterrorizados enquanto eu falava com ela de maneira tranquilizadora.

Deixei a sala de espera e caminhei pelo corredor, na direção do meu consultório. O saguão do hospital estava vazio, a não ser por algumas mulheres idosas aguardando transporte. Estava tão bonito do lado de fora que pensei em dar uma corrida de noite, assim que terminasse o trabalho.

Maja esperava junto à porta do consultório. Os lábios vermelhos carnudos se abriram em um sorriso amplo, e um prendedor em seus cabelos pretos como carvão cintilou quando ela fez uma mesura. Com o habitual jeito brincalhão, ela disse:

— Espero que não lamente o fato de que se comprometeu, doutor.

— Comprometer? Isso não é coisa que se diga a um psiquiatra.

Ela riu, mas ainda assim senti necessidade de tranquilizá-la.

— Claro que não lamento — falei.

Fiquei ao lado dela para destrancar a porta, sentindo um tremor inconfundível por dentro. Mas, quando nossos olhos se encontraram, vi uma inesperada seriedade em sua expressão e consegui desconsiderar a sensação. Ela passou por mim e entrou. Era difícil não ter consciência de meu próprio corpo: meus pés, minha boca. Maja corou enquanto tirava uma pasta com seus papéis, caneta e bloco.

— O que aconteceu desde nosso último encontro? — perguntou.

Fiz uma xícara de café para ela e comecei a descrever a sessão da tarde.

— Acho que encontramos o opressor de Charlotte — eu disse. — A pessoa que a agrediu de tal forma que a leva a tentar o suicídio repetidamente.

Maja olhou para mim com uma gratificante expressão encantada.

— Quem é?

— Um cachorro — eu disse seriamente.

Maja não riu; conhecia bem o meu trabalho. A mais ousada e perturbadora de minhas teorias era baseada na antiga estrutura das fábulas: apresentar pessoas na forma de animais, atribuir atos proibidos e comportamentos proscritos a bestas é uma das mais antigas formas de contornar tabus narrativos ou simplesmente evitar verdades assustadoras ou tentadoras demais.

Para mim era muito fácil, quase traiçoeiramente fácil, conversar com Maja Swartling. Ela conhecia o assunto, fazia perguntas inteligentes e, acima de tudo, era uma excelente ouvinte.

— E Marek Semiovic? Como ele está indo? — perguntou, chupando a ponta da caneta enquanto esperava minha resposta.

— Bem, você conhece o histórico dele. Veio para cá como refugiado durante a guerra na Bósnia, mas na época só teve assistência a seus ferimentos físicos.

— Sim.

— Ele é… interessante… para a minha pesquisa, mesmo que eu ainda não entenda de fato o que está acontecendo com ele. Quando está sob hipnose muito profunda, sempre termina no mesmo quarto, com a mesma lembrança: está sendo obrigado a torturar pessoas, pessoas que ele conhece, garotos com os quais costumava brincar, lojistas de quem costumava comprar, professores da escola dele, e então alguma coisa acontece.

— Durante a hipnose?

— Sim. Ele se recusa a ir além.

— Ele se recusa?

— O livre-arbítrio sob hipnose só é limitado pelo fato de que não podemos mentir para nos mesmos.

O tempo passou, e era noite. O corredor fora do consultório estava silencioso e deserto.

Maja guardou suas coisas na pasta, enrolou o cachecol no pescoço e se levantou.

— Não percebi o tempo passar — disse ela, desculpando-se.

— Obrigado por escutar — falei, estendendo a mão.

Ela hesitou.

— Sou eu que tenho de agradecer a *você*. Será que poderia lhe pagar um drinque esta noite para expressar minha gratidão?

Revisei os meus planos rapidamente. Simone e as amigas iam ver *Tosca*, e ela chegaria em casa tarde. Benjamin estava com o avô, e, até onde todos sabiam, eu pretendia trabalhar a noite toda.

— Um drinque — disse ela, pegando o meu paletó. Reprimi a sensação de estar ultrapassando um limite.

— Conheço um lugarzinho na Roslagsgatan — disse Maja — chamado Peterson-Berger. É muito simples, mas realmente agradável.

— Bom.

Apaguei a luz e tranquei a porta. Eram cerca de 19h30 e quase não havia trânsito. Pegamos nossas bicicletas e fomos para Norrtull. A primavera tremulava com o som dos pássaros cantando nas árvores.

Quando fomos recebidos pela sorridente proprietária do restaurante, fiquei em dúvida. Será que eu deveria estar ali? O que diria caso Simone ligasse e perguntasse o que estava fazendo? Senti uma onda de desconforto, mas justifiquei a saída para mim mesmo: Maja era uma colega. Queríamos continuar nossa discussão. Simone, que nunca hesitava em sair sozinha com amigos, provavelmente estava tomando vinho naquele exato instante no restaurante da ópera.

— Adoro o frango no espeto com cominho que eles fazem — disse Maja, indo até uma mesa nos fundos do restaurante.

Nós nos sentamos e uma garçonete apareceu no mesmo instante com uma jarra de água. Maja apoiou o queixo na mão, olhou para seu copo e disse calmamente:

— Se nos cansarmos de ficar aqui, podemos ir para a minha casa.

Ela olhou para mim com expectativa. Por um instante eu me permiti pensar o que ela estava fazendo ali comigo. Ela era magnífica, jovem e extrovertida. Eu devia ser 15 anos mais velho que ela e era casado.

— Maja, você está flertando comigo?

Ela riu, mostrando suas covinhas fundas.

— Meu pai sempre disse que nasci assim. Uma sedutora incorrigível.

Então me dei conta de que não sabia nada sobre ela.

— Seu pai também é médico? — perguntei.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Professor Jan E. Swartling.

— O neurocirurgião — disse, impressionado.

— Ou como quer que você chame alguém que remexe dentro da cabeça de outra pessoa — disse ela acidamente. Foi a primeira vez que o sorriso deixou seu rosto.

Comemos. Para conter minha ansiedade, eu estava bebendo rápido demais e pedi mais vinho. Era como se os olhares que os funcionários nos lançavam, sua óbvia suposição de que éramos um casal, me deixassem nervoso. Fiquei bêbado e nem sequer olhei para a conta antes de assiná-la, amassei o recibo e errei a lata de lixo junto à chapelaria. Na rua, na adorável noite fresca de primavera, eu definitivamente pretendia ir para casa. Mas Maja apontou para uma porta e perguntou se eu não gostaria de subir apenas para conhecer seu apartamento e tomar uma xícara de chá.

— Maja, você é incorrigível — eu disse. — Seu pai está certo.

Ela deu uma risada e entrelaçou seu braço no meu.

Ficamos muito próximos um do outro no elevador. Eu não conseguia deixar de olhar para a sua boca sorridente, seus dentes brancos como pérolas, a testa alta e os cabelos negros brilhantes.

Ela percebeu e arriscou acariciar minha bochecha. Eu me inclinei para beijá-la, mas o elevador parou com um solavanco.

— Venha — sussurrou ela, destrancando a porta.

Seu apartamento era pequeno, mas muito agradável. Paredes pintadas de um suave azul mediterrâneo e cortinas de linho branco penduradas na única janela. A área da cozinha era fresca, com piso de ladrilhos brancos e um pequeno fogão moderno a gás. Maja foi para a cozinha e eu a ouvi abrindo uma garrafa de vinho.

— Achei que iríamos tomar chá — disse quando ela saiu com a garrafa e duas taças. As palavras saíam arrastadas.

— Isto é melhor para você — ela falou.

— Bem, neste caso — respondi, aceitando a taça e derramando vinho na mão.

Ela limpou minha mão com um pano de pratos, sentou-se na cama estreita e se recostou.

— Belo lugar — eu disse.

— Parece estranho ter você aqui — disse ela, com um sorriso. — Admiro você há muito tempo.

De repente ela se levantou com um salto.

—Preciso tirar uma foto sua — exclamou, rindo. — O médico importante no meu apartamentinho.

Ela pegou sua câmera e apontou a lente para mim.

— Pareça sério — disse ela, olhando pelo visor.

Ela riu mais um pouco enquanto disparava, incentivando, brincando, me dizendo que eu era sexy, formidável, pedindo que fizesse bico. Eu aos poucos relaxei.

— Inacreditavelmente sensual — falou, rindo despreocupada.

— Eu chegarei à capa da *Vogue*?

— A não ser que eles me escolham — retrucou, entregando-me a câmera. Eu me levantei inseguro e apontei a lente para ela. Ela se jogara na cama.

— Você me venceria — disse, e tirei uma foto.

— Meu irmão sempre me chamou de Pudim — falou. — Acha que eu sou gorda?

— Você é inacreditavelmente bonita — murmurei.

Ela se sentou e tirou o suéter pela cabeça. Usava um sutiã de seda verde-claro sobre os seios voluptuosos.

— Tire uma foto agora — sussurrou, soltando o sutiã. Estava ficando muito corada e sorrindo.

Eu fiz a foto, olhando para seus olhos escuros cintilantes, sua boca sorridente, seus jovens seios generosos com mamilos rosa-claros.

— Vou fazer um close — murmurei, ajoelhando-me e sentindo o desejo correr por meu corpo.

Ela sustentou um seio pesado com a mão. O flash disparou. Tive uma ereção poderosa: doía e pulsava. Baixei a câmera, me inclinei e levei um seio à boca. Ela o apertou contra meu rosto e eu lambi e chupei o mamilo duro.

— Deus, isso — sussurrou. — Deus, isso é maravilhoso.

Sua pele era quente, fervia. Ela desabotoou os jeans, abaixou e chutou para longe. Eu me levantei, pensando que não devia ir para a cama com ela,

que não podia fazer aquilo, mas peguei a câmera e a fotografei de novo. Ela vestia apenas uma pequena calcinha verde-clara.

—Venha aqui — sussurrou ela.

Eu olhei pelas lentes de novo enquanto ela sorria e abria as pernas. Podia ver os escuros pelos púbicos se curvando em torno da calcinha.

— Está tudo bem — disse ela.

— Não posso.

Ela sorriu.

— Ah, eu acho que pode.

— Maja, você é perigosa, muito perigosa — falei, pousando a câmera.

— Sei que sou uma menina má.

— Mas eu sou um homem casado, você tem de entender isso.

— Você não me acha bonita?

— Você é impressionantemente bonita, Maja.

— Mais bonita do que a sua mulher?

— Pare com isso.

— Mas eu excitei você, não? — sussurrou, e depois riu, antes de ficar séria de repente.

Eu concordei, recuei e a vi dar um sorriso muito satisfeito.

— Ainda posso fazer minhas entrevistas, não é?

— Com certeza — respondi, indo na direção da porta.

Ela me soprou um beijo, eu soprei outro e depois saí do apartamento, desci as escadas apressado e fui na direção de minha bicicleta.

Naquela noite, sonhei que estava olhando para um relevo na pedra mostrando três ninfas. Acordei dizendo algo em voz alta, tão alto que pude ouvir o eco de minha voz no quarto escuro e silencioso. Simone tinha voltado para casa enquanto eu estava dormindo: ela se mexeu no sono ao meu lado. Eu estava encharcado de suor do sonho e o álcool ainda corria por meu sangue. Um caminhão de limpeza de ruas passou roncando pela janela, as luzes piscando. A casa estava em silêncio. Eu me levantei para tomar um comprimido e tentei não pensar, mas o que havia acontecido retornou, imediata e claramente: eu tinha fotografado Maja Swartling praticamente nua. Tirei fotos de seus seios, suas pernas e sua calcinha transparente verde-

primavera. Mas não fizemos sexo, continuei repetindo para mim mesmo. Eu não pretendera, eu não quisera — ultrapassei os limites, mas não traí Simone. Traí? Eu estava totalmente acordado, assustadoramente acordado. Qual era o meu problema? Como afinal eu me permitira ser persuadido a fotografar Maja nua? Ela era bonita e sedutora, e fiquei envaidecido com sua atenção. Apenas isso foi o suficiente? Eu me dei conta, surpreso, de que havia descoberto um verdadeiro ponto fraco em mim: eu era vaidoso. Nada em mim podia dizer que estava me apaixonando por ela. Foi minha vaidade que gostou tanto da companhia dela.

Eu me virei de lado e puxei o edredom sobre o rosto, e depois de algum tempo caí de novo em um sono pesado.

Marek estava em um estado de profundo repouso hipnótico. Jogado na cadeira, o suéter esticado sobre os braços fortes e os músculos hipertrofiados das costas. O cabelo cortado bem curto revelava um couro cabeludo coberto de cicatrizes. Os maxilares mastigavam devagar. Ele ergueu a cabeça e olhou para mim com olhos vazios.

— Não consigo parar de rir — disse ele em voz alta. — Os choques estão fazendo esse cara de Mostar pular como um personagem de desenho animado.

Marek parecia feliz, a cabeça balançando de um lado para o outro.

— Está deitado no piso de concreto, escuro de sangue, respirando rapidamente, muito rápido. E então se encolhe e começa a chorar. Maldito maricas. Eu grito com ele, mando se levantar, digo que vou matá-lo se não levantar. Eu me curvo para dar mais um choque nele, mas seu corpo apenas sacode como um porco morto. Grito em direção à porta e digo que a brincadeira acabou, mas eles entram com o irmão mais velho do cara. Eu o conheço, trabalhamos juntos dois anos na Aluminij, a fábrica…

Marek para de falar, o queixo tremendo.

— O que acontece agora? — pergunto calmamente.

Ele fica sentado em silêncio antes de voltar a falar.

— O chão está coberto de grama verde. Não consigo mais ver o cara de Mostar. Há apenas um pequeno monte de grama.

— Isso não é estranho? — pergunto.

— Não sei, talvez, mas não posso mais ver o quarto. Estou do lado de fora atravessando um gramado banhado pelo sol de verão. A grama está molhada e fria sob os meus pés.

Com todo o cuidado, tiro todos da hipnose, verificando para ter certeza de que eles estão bem antes de começarmos a discussão. Marek enxugou as lágrimas da face e se espreguiçou. Tinha grandes manchas de suor sob os braços.

— Fui obrigado a fazer isso, era negócio deles. Eles me forçaram a torturar meus antigos amigos.

— Nós sabemos.

Ele olhou para nós com um sorriso tímido, em busca de respostas.

— Ri porque estava assustado. Eu não sou assim. Não sou perigoso — disse.

— Você gostou de machucar as pessoas — disse Lydia, com um sorriso suave. — Por que não pode admitir isso?

— Cale a sua boca! — gritou Marek, indo na direção dela com a mão levantada.

— Sente-se — ordenei com autoridade.

— Não grite comigo, Marek — avisou Lydia calmamente.

Ele olhou nos olhos dela e parou.

— Desculpe-me — disse ele, com um sorriso inseguro. Passou a mão pela cabeça duas vezes e sentou-se. Fizemos um intervalo.

Era um dia lúgubre. A chuva pairava pesada no ar. O vento que soprava era frio e tinha um leve cheiro de folhas molhadas, uma lembrança do inverno que me deixava melancólico. Meus pacientes começaram a voltar aos seus lugares.

Eva Blau estava inteiramente vestida de azul. Até mesmo pintara os lábios finos com batom azul e maquiara os olhos com rímel azul. Parecia ansiosa como sempre, colocando o cardigã sobre os ombros e depois tirando-o, repetidas vezes.

Lydia conversava com Pierre. Enquanto ele escutava, seus olhos e sua boca se contraíam em dolorosos tiques repetitivos.

Marek estava de costas para mim. Seus músculos de fisiculturista se contraíam enquanto procurava algo em sua mochila.

Acenei para Sibel. Ela apagou cuidadosamente o cigarro no sapato e o devolveu ao maço.

— Vamos continuar — falei, pretendendo fazer uma nova tentativa com Eva Blau.

Embora o rosto de Eva Blau estivesse tenso, um sorriso provocante passou por seus lábios pintados de azul. Eu estava consciente de sua docilidade: era uma forma de manipulação. Mas tinha uma ideia de como podia enfatizar a natureza voluntária da hipnose para ela. Para mim era óbvio que ela precisava de ajuda para relaxar e começar a mergulhar.

Fiquei olhando para Eva enquanto pedia a todos para deixar o queixo cair sobre o peito. Ela reagiu de imediato com um grande sorriso. Enquanto eu fazia a contagem regressiva, podia sentir a descida em minhas costas, a água me envolvendo, mas permaneci alerta. Eva estava espiando Pierre, tentando respirar no mesmo ritmo.

— Vocês estão mergulhando lentamente — disse. — Mais fundo no repouso, no relaxamento, em uma agradável sensação de peso.

Fui para trás dos meus pacientes, vendo os pescoços brancos e as costas curvadas. Parei atrás de Eva e coloquei a mão em seu ombro. Sem abrir os olhos, ela virou o rosto para cima bem devagar, projetando ligeiramente os lábios.

— Agora estou falando apenas com Eva — disse. — Eva, quero que permaneça desperta, mas relaxada o tempo todo. Você vai escutar minha voz quando eu falar com o grupo. Sentirá a mesma calma, a mesma imersão agradável, mas não será hipnotizada; permanecerá o tempo todo desperta.

Senti seus ombros relaxando.

— Agora estou falando com todos novamente. Escutem. Vou contar, e a cada número mergulharemos mais fundo, mais fundo no relaxamento. Eva, você irá nos acompanhar, mas permanecerá consciente e desperta o tempo todo.

Fiz a contagem regressiva enquanto retornava ao meu lugar, e, quando me sentei diante deles, pude ver que o rosto de Eva estava flácido, completamente relaxado. Era difícil acreditar que era a mesma pessoa. O lábio inferior estava caído, o interior rosado em forte contraste com o batom

azul, e sua respiração era muito pesada. Eu me concentrei no meu interior, relaxei e mergulhei em uma passagem escura. Estávamos dentro de um naufrágio ou de uma casa inundada. Uma corrente de água salgada subiu para me receber. Bolhas de ar e pequenos pedaços de alga marinha flutuavam.

— Continuem, mais fundo, mais calmos — exortei gentilmente.

Após talvez uns 20 minutos, estávamos todos de pé sob a água em um piso de aço absolutamente liso. Alguns moluscos estranhos tinham conseguido grudar no metal. Pequenos grupos de algas podiam ser vistos aqui e ali. Um caranguejo branco se deslocava de lado pela superfície plana. O grupo formava um semicírculo diante de mim. O rosto de Eva estava pálido, a expressão levemente surpresa. Uma luz cinza aguada brincava sobre suas bochechas, refletindo e escorrendo.

O rosto parecia nu, quase inocente, quando relaxado de modo tão profundo. Uma bolha de saliva se formou no canto de sua boca aberta.

— Eva, diga-nos o que pode ver.

— Sim — murmurou.

— Diga ao resto de nós — estimulei calmamente. — Onde você está?

Ela de repente pareceu estranha. Como se algo a tivesse surpreendido.

— Eu fui embora. Estou caminhando pela trilha agradável com agulhas de pinheiro e compridos cones de pinha — sussurrou. — Talvez vá ao clube de canoagem e olhe pela janela dos fundos.

— É o que está fazendo agora?

Eva balançou a cabeça num gesto afirmativo e inflou as bochechas como uma criança ressentida.

— O que você consegue ver?

— Nada — disse rapidamente e com firmeza.

— Nada?

— Só uma coisinha… Estou escrevendo na estrada, em frente ao posto dos correios, com um pedaço de giz.

— O que está escrevendo?

— Nada importante.

— E não consegue ver nada pela janela?

— Não… só um garoto. Estou olhando para um garoto — falou, enrolando as palavras. — Ele é adorável, realmente doce. Está deitado em

uma cama estreita, um sofá-cama. Um homem com roupão branco atoalhado está deitado em cima dele. Parece legal… eu gosto de olhar para eles. Gosto de meninos. Eu quero beijá-los.

Depois Eva ficou sentada lá, a boca se contorcendo e o olhar passando por todos no grupo.

— Eu não fui hipnotizada — ela disse.

— Você estava relaxada, funciona quase tão bem quanto — retruquei.

— Não, não funciona nada, porque não estava pensando no que dizia. Eu inventei tudo. Só disse o que me veio à cabeça. Estava tudo na minha imaginação.

— Então o clube de canoagem não existe?

— Não — respondeu secamente.

— A trilha agradável?

— Inventei tudo — falou, dando de ombros.

Eva Blau era uma pessoa que fazia um grande esforço para nunca revelar nada sobre si. Era óbvio que estava perturbada pelo fato de ter sido hipnotizada e descrito acontecimentos nos quais de fato se envolveu.

Marek cuspiu em silêncio na palma da mão quando percebeu que Pierre olhava para ele. Pierre corou e desviou os olhos rapidamente.

— Eu nunca fiz nada com garotos — continuou Eva, erguendo a voz. — Eu sou legal. Sou uma pessoa legal. As crianças gostam de mim. Todas as crianças gostam de mim. E gostaria de ser babá, Lydia. Fui à sua casa ontem, mas não tive coragem de tocar a campainha.

— Por favor, não faça isso de novo — pediu Lydia em voz baixa.

— Fazer o quê?

— Não vá à minha casa novamente — esclareceu Lydia.

— Você pode confiar em mim — continuou Eva. — Charlotte e eu já somos boas amigas. Ela cozinha para mim e eu pego flores para ela colocar na mesa. — Os lábios de Eva se contorceram quando ela se virou para Lydia de novo. — Comprei um presente para Kasper. É um ventilador que parece um helicóptero. É divertido. Você se refresca com os rotores.

— Eva — disse Lydia, soturna.

— Os rotores são de plástico. Plástico macio. Não é nada perigoso, ele não pode se machucar com eles, garanto.

— Não vá à minha casa — avisou Lydia. — Está me ouvindo?

— Ah, hoje não, não vou hoje. Hoje vou à casa de Marek. Acho que ele pode gostar de companhia.

— Eva, você me ouviu — insistiu Lydia.

Sorrindo, Eva respondeu:

— Não tenho tempo esta noite.

O rosto de Lydia ficou pálido e tenso. Ela se levantou apressada e saiu da sala. Eva permaneceu sentada em seu lugar, olhando para Lydia.

Simone ainda não havia chegado quando fui conduzido à nossa mesa no restaurante K.B. Sentei-me e fiquei pensando se pediria um drinque enquanto esperava. Eram 19h10. Eu mesmo reservara a mesa. Era meu aniversário e eu estava feliz. Nós raramente conseguíamos sair naquela época; ela estava ocupada com o projeto da galeria, e eu com a minha pesquisa. Quando tínhamos uma noite livre juntos, em geral escolhíamos ficar no sofá com Benjamin assistindo a um filme ou jogando videogame.

Às 19h20 o garçom me trouxe um copo de martíni com vodca Absolut, algumas gotas de Noilly Prat e uma comprida espiral de casca de limão. Decidi esperar um pouco antes de ligar para Simone, mas, quando o drinque estava pela metade, comecei a me sentir ansioso e chateado. Relutante, peguei o telefone, disquei o número de Simone e esperei.

— Simone Bark — atendeu, soando distraída, a voz ecoando em um espaço vazio.

— Sixan, sou eu. Onde você está?

— Erik? Estou na galeria, o que…

A voz dela morreu, depois ouvi um gemido alto.

— Ai, não. Não! Desculpe-me, Erik, esqueci completamente. Aconteceu tanta coisa hoje. O bombeiro veio aqui, o eletricista e…

— Você está na galeria? — perguntei, sem conseguir disfarçar o desapontamento.

— Sim, e coberta de tinta e massa.

— Nós deveríamos jantar juntos — disse, cansado, baixando a voz. Olhei ao redor para os outros clientes, constrangido por ter me levantado.

— Eu sei, Erik. Desculpe-me. Esqueci.

— Pelo menos temos uma mesa boa — acrescentei, sarcástico.

Ela suspirou.

— Não faz sentido esperar por mim.

Eu podia ouvir como ela estava chateada e senti algum consolo ao envergonhá-la.

— Erik, me desculpe — sussurrou.

— Tudo bem — disse, apertando o botão e encerrando a ligação.

Bem, não fazia sentido ir para qualquer outro lugar, eu estava com fome e em um restaurante. Acenei rapidamente para o garçom e pedi arenque com cerveja de entrada, peito de pato frito crocante com bacon picado e molho de laranja como prato principal, com uma taça de Bordeaux, e, para encerrar, gruyère alpage com mel.

— Pode retirar o outro prato — disse ao garçom, acrescentando em tom triste: — Aparentemente, vou jantar sozinho.

Ele lançou-me um olhar compreensivo enquanto trazia minha cerveja tcheca e servia o arenque e o pão crocante.

Eu gostaria pelo menos de ter levado o meu bloco para fazer algo útil enquanto comia.

Meu celular tocou de repente no bolso. Ah, pensei, Simone estava brincando, ela está a caminho.

— Oi, é Maja Swartling.

— Oi, Maja.

— Eu ia perguntar… Uau, está uma barulheira à sua volta. É um momento ruim?

— Estou sentado no K.B. — disse. — É meu aniversário — acrescentei, melancólico.

— Ah, parabéns, a festa parece grande.

— Estou sozinho — contei secamente.

— Ah.

Ela ficou em silêncio por um momento. Eu não esperava o que Maja disse a seguir.

— Erik, lamento ter tentado seduzi-lo. Estou envergonhada — falou, pigarreando e tentando adotar um tom neutro quando continuou. — Eu ia perguntar se você se incomodaria de ler as transcrições de minhas primeiras entrevistas com você. Terminei e estou prestes a entregá-las ao meu orientador, mas, se você quiser ler primeiro…

— Pode deixá-las no meu escaninho.

Nós nos despedimos. Coloquei o resto da cerveja no copo, bebi e o garçom limpou a mesa. Voltou quase de imediato com o peito de pato e o vinho tinto.

Comi com uma sensação de vazio melancólico, desconfortavelmente consciente dos mecanismos de mastigar e engolir, o raspar abafado da faca e do garfo no prato. Tomei minha terceira taça de vinho e vi os retratos na parede se metamorfosearem nos integrantes do meu grupo de hipnose. A mulher voluptuosa prendendo os cabelos escuros na nuca de forma sensual era Sibel. O homem magro e ansioso de terno era Pierre. Jussi estava escondido atrás de uma forma cinza estranha, e Charlotte, elegantemente vestida e empertigada, sentada a uma mesa redonda com Marek, que usava um terno infantil.

Não sei quanto tempo fiquei olhando para os retratos, mas de repente ouvi uma voz ofegante atrás de mim.

— Ah, você ainda está aqui! Fico muito feliz de tê-lo encontrado.

Era Maja Swartling. Estava radiante e me deu um grande abraço, ao qual reagi de maneira desajeitada.

— Feliz aniversário, Erik.

Seus cabelos pretos cheios tinham um maravilhoso cheiro de limpeza, e um leve perfume de jasmim estava escondido em algum ponto atrás do pescoço. Ela apontou para a cadeira à minha frente.

— Posso me sentar com você?

Eu deveria tê-la mandado embora. Prometera a mim mesmo não vê-la de novo, e ela deveria saber que era melhor não aparecer. Mas hesitei, porque, apesar de tudo, estava contente com a companhia.

Ela está de pé junto à cadeira, esperando minha resposta.

— Acho difícil dizer não a você — disse, ouvindo a ambiguidade de minhas próprias palavras.

Ela se sentou, chamou o garçom e pediu uma taça de vinho. Depois me olhou maliciosamente e colocou uma caixa ao lado do meu prato.

— É só uma coisinha — explicou, mais uma vez corando bastante.

— Um presente?

Ela deu de ombros.

— Puramente simbólico. Só descobri que era seu aniversário há 20 minutos.

Eu abri a caixa e descobri, para minha surpresa, algo que parecia ser um binóculo em miniatura. Meu espanto deve ter ficado claro em meu rosto.

— Ele era chamado de "binóculo anatômico" — explicou Maja. — Meu bisavô o inventou. Na verdade, acho que ele ganhou o prêmio Nobel, embora não pelo binóculo. Foi na época em que apenas suecos e noruegueses costumavam ganhar — acrescentou como se pedisse desculpas.

— Binóculo anatômico — repeti, refletindo.

— De qualquer forma, é realmente charmoso, até mesmo delicado, e muito velho. Sei que é um presente bobo…

— Claro que não, é maravilhoso — disse, olhando nos seus olhos e vendo como ela era bonita. — É muito gentil de sua parte, Maja. Muito obrigado.

Guardei o binóculo cuidadosamente na caixa e a coloquei no bolso.

— Minha taça já está vazia — disse ela, surpresa. — Devemos pedir uma garrafa?

Já era tarde quando decidimos ir ao Riche, que não ficava longe do teatro nacional. Quase caímos enquanto deixávamos nossos casacos na chapelaria; Maja estava apoiada em mim e eu avaliei errado a distância da parede. Quando recuperamos o equilíbrio e vimos a expressão melancólica e mortalmente séria no rosto do funcionário, Maja caiu na gargalhada, e, olhando para ele com um pedido de desculpas, eu a conduzi até o bar.

Pedimos gim-tônica. O lugar estava quente e lotado, e tivemos de ficar de pé juntos, nos apertando e falando diretamente nos ouvidos um do outro para conseguir conversar. De repente estávamos nos beijando apaixonadamente. A parte de trás de sua cabeça bateu na parede quando me

apertei contra ela. A música pulsava. Ela falava junto à minha orelha, me dizendo que devíamos voltar para a casa dela.

Corremos para fora e entramos em um táxi.

— Vamos só até a Roslagsgatan — disse Maja, enrolando as palavras. — Roslagsgatan 17.

O motorista concordou e entrou no tráfego. Eram umas 2 horas e o céu começava a clarear. Os prédios que passavam eram sombras pálidas, cinzentas. Maja se apoiou em mim. Pensei que ela ia dormir, e então senti sua mão acariciando minha virilha. Tive uma ereção imediata e ela riu baixo, seus lábios no meu pescoço.

Não sei exatamente como subimos para o apartamento dela. Lembro-me de estar no elevador lambendo seu rosto, consciente do gosto de sal, batom e pó, vendo meu próprio rosto bêbado no espelho manchado.

Dentro do apartamento, Maja parou no corredor, deixou o casaco cair no chão e tirou os sapatos. Ela me levou para a cama, me ajudou a tirar as roupas e tirou sua calcinha branca.

— Venha aqui — sussurrou ela. — Quero sentir você dentro de mim.

Eu me deitei pesadamente entre suas coxas. Ela estava muito molhada, e mergulhei no calor enquanto ela se enrolava em mim, me apertando com força. Ela gemeu no meu ouvido, se agarrou em minhas costas, moveu os quadris com suavidade.

Fizemos sexo sem o menor cuidado, bêbados. Comecei a me sentir cada vez mais desligado de mim mesmo, cada vez mais isolado e mudo. Estava chegando perto do orgasmo. Eu pretendia sair de dentro dela, mas, em vez disso, simplesmente me entreguei a uma ejaculação rápida e convulsiva. Ela respirava rápido. Fiquei ali ofegante enquanto meu pênis se tornava flácido e escorregava de dentro dela. Meu coração ainda estava acelerado. Vi os lábios de Maja se abrirem em um sorriso estranho, que me deixou desconfortável.

Eu me sentia mal. Já não entendia o que havia acontecido. O que estava fazendo ali? Idiota. Era muito idiota.

Eu me sentei na cama ao lado dela.

— Qual é o problema? — ela perguntou, acariciando minhas costas.

Eu me afastei da mão dela.

— Não — disse abruptamente. Meu coração estava acelerado de medo.

— Erik? Eu achei…

Ela parecia chateada. Senti que não conseguia olhar para ela, estava com raiva dela. O que acontecera era culpa minha, claro. Mas nunca teria acontecido se Maja não tivesse sido tão persistente.

— Estamos ambos cansados e bêbados — sussurrou ela.

— Tenho de ir — falei com a voz engasgada. Peguei minhas roupas e cambaleei até o banheiro. Era muito pequeno e cheio de cremes, escovas, toalhas. Um roupão macio estava pendurado em um gancho, junto com uma gilete rosa em um cordão macio e grosso. Eu me esforcei para não me ver no espelho enquanto me lavava com um sabonete azul-claro em forma de rosa. Enquanto me vestia, meus cotovelos batiam nas paredes.

Quando saí, ela esperava ansiosa. Ela se levantou com o lençol enrolado no corpo, parecendo muito jovem.

— Está com raiva de mim? — perguntou, e eu podia ver seus lábios tremendo, como se estivesse prestes a chorar.

— Estou com raiva de mim mesmo, Maja. Eu nunca deveria…

— Mas eu queria, Erik. Estou apaixonada por você, não consegue ver isso? — Ela tentou sorrir para mim, mas com os olhos se enchendo de lágrimas. — Você não pode me tratar mal agora — sussurrou, esticando a mão para me tocar.

Eu me afastei e disse que havia sido um erro, em um tom um tanto mais indiferente do que gostaria.

Ela balançou a cabeça e baixou o olhar. Não me despedi, simplesmente saí do apartamento, fechando a porta atrás de mim.

Caminhei até o hospital. Talvez conseguisse convencer Simone de que passara a noite em meu consultório.

De manhã, peguei um táxi para nossa casa em Järfälla. Foi um erro. Minha cabeça girava pela náusea a cada solavanco do táxi no asfalto. Pior, estava enojado pelo que havia feito na noite anterior. Não poderia ter sido infiel a Simone. Não podia ser verdade. Maja era bonita e divertida, mas não alguém que poderia me interessar de uma forma real. Como pude me deixar seduzir e ir para a cama com ela?

Eu não sabia como contar isso a Simone, mas tinha de fazê-lo. Eu cometera um erro, as pessoas cometem, mas elas podem se perdoar caso simplesmente expliquem, e eu sentia que nossa relação era forte o bastante para suportar a explicação.

Sabia que nunca poderia perder Simone. Doeria muito se ela fosse infiel a mim, mas daria um jeito de perdoá-la. Nunca a deixaria ir embora por causa de algo assim.

Simone estava na cozinha servindo uma xícara de café quando cheguei em casa. Usava o surrado robe de seda rosa-claro. Nós o havíamos comprado na China quando Benjamin tinha apenas 1 ano e os dois foram comigo a uma conferência.

— Café? — perguntou ela.

— Por favor — respondi, sentando pesadamente à mesa.

— Erik, lamento muito ter esquecido o seu aniversário.

— Fiquei no hospital — expliquei, mas pensei que devia estar na cara, pelo meu tom de voz, que eu estava mentindo.

Ela olhou para o chão por um momento — prendi a respiração, esperando raiva ou uma acusação —, com seu cabelo louro-avermelhado escondendo o rosto. Depois, sem uma palavra, ela foi até o quarto, voltando um momento depois com um pacote. Ela o entregou para mim com um sorriso tímido e eu rasguei o papel com fingida ansiedade.

Era uma caixa de CDs do Charlie Parker com gravações ao vivo das apresentações que ele fez em sua única visita à Suécia: dois shows na sala de concertos de Estocolmo, dois em Gotemburgo, um no Amiralen, em Malmö, e a *jam session* subsequente no Academic Club, o espetáculo no parque Folkets, em Helsinborg, na arena de Jönköping, no parque Folkets, em Gävle, e finalmente no clube de jazz Nalen, em Estocolmo.

— Obrigado — eu disse.

— Como está o seu dia? — perguntou.

— Bem, tenho de voltar ao trabalho.

— Estava pensando que poderíamos ter uma boa refeição juntos em casa esta noite — disse ela.

— Parece bom — respondi.

— Só não pode ser tarde demais. Os pintores disseram que vão chegar amanhã às 7 horas. Por que eles sempre têm de aparecer tão cedo?

Eu me dei conta de que ela esperava uma resposta.

— E você acaba sempre esperando por eles — murmurei.

— Exatamente — disse, sorrindo e tomando seu café. — Então, o que teremos? Talvez aquela coisa com turnedôs em vinho do Porto e molho de groselha, lembra?

— Isso foi há muito tempo — respondi, lutando para não parecer prestes a chorar.

— Não fique furioso comigo.

— Não estou, Simone — falei, tentando sorrir.

Depois, quando eu estava de pé na entrada, calçado, pronto para sair, ela emergiu do banheiro. Trazia algo na mão.

— Erik — ela disse.

— Sim?

— O que é isto?

Era o binóculo anatômico em miniatura de Maja.

— Ah, isso. Um presente — respondi, escutando o tom evasivo em minha voz.

— É um belo objeto. Parece uma antiguidade. Quem deu?

Eu me virei para não encará-la.

— Um paciente — falei, tentando parecer despreocupado enquanto fingia procurar as chaves. — Só Deus sabe como ele descobriu que era meu aniversário.

Ela riu, espantada.

— Achei que médicos não podiam aceitar presentes dos pacientes. Isso não é antiético?

— Talvez não devesse ter aceitado — respondi, abrindo a porta.

O olhar de Simone queimava minha nuca. Eu deveria ter falado com ela, mas tinha medo de perdê-la. Não ousei. Não sabia como começar.

Quando estava prestes a entrar na sala de terapia, Marek me deteve. Estava bloqueando a porta e dando um estranho sorriso vazio para mim.

— Estamos nos divertindo um pouco aqui — avisou.

— O que está acontecendo?

— Uma festinha particular.

Olhei para ele atentamente. Então ouvi gritos do outro lado da porta.

— Deixe-me entrar, Marek — pedi.

Ele sorriu.

— Doutor, não é possível no momento.

Eu o empurrei. A porta se abriu, Marek perdeu o equilíbrio, agarrou a maçaneta, mas, assim mesmo, acabou no chão.

— Só estava brincando — disse ele. — Era só uma brincadeira, Deus do céu.

Todos os pacientes olhavam para nós, paralisados.

Marek se levantou e limpou a poeira de suas roupas.

Notei que Eva Blau ainda não chegara, depois fui até o tripé e comecei a ajustar a câmera. Conferi a visão da grande angular e dei zoom. Vi Sibel enxugar lágrimas, ou foi o que pensei. Testei o microfone escutando nos fones de ouvido. Ouvi Lydia exclamar com alegria:

— Exatamente! É sempre assim com as crianças! Kasper não fala mais de outra coisa. É só Homem-Aranha, Homem-Aranha, o tempo todo!

E ouvi Charlotte responder:

— Pelo que ouvi, agora todos estão malucos por ele.

— Kasper não tem pai. Talvez o Homem-Aranha funcione como um modelo masculino — disse Lydia, rindo tão alto que meus fones de ouvido reverberaram. — Mas estamos bem. Rimos muito, mesmo tendo tido alguns problemas ultimamente. — Ela baixa a voz de maneira confidencial. — É como se ele sentisse ciúmes de tudo o que eu faço, quer destruir minhas coisas, não quer que fale no telefone, joga o meu livro preferido na privada, grita comigo… Acho que alguma coisa deve ter acontecido, mas ele simplesmente não me conta…

Jussi começou a falar sobre sua casa assombrada: a casa dos pais em Dorotea, no sul da Lapônia. Eles tinham um terreno grande perto de uma região onde o povo sami viveu em suas tendas tradicionais até os anos 1970.

— Eu moro muito perto de um lago, Djuptjärnen — explicou. — O trecho final do caminho é de velhas trilhas no bosque. No verão os garotos vão nadar lá. Eles adoram as lendas sobre Nächen, o espírito da água.

— O espírito da água? — perguntei.

— As pessoas puderam vê-lo sentado e tocando seu violino em Djuptjärnen por mais de 300 anos.

— Mas não você?

— Não — respondeu, com um grande sorriso.

— Mas o que vocês fazem lá na floresta o ano todo? — perguntou Pierre, com um meio sorriso.

— Compro carros e ônibus velhos, reformo e vendo; o lugar parece um ferro-velho.

— É uma casa grande? — perguntou Lydia.

— Não, mas é verde. Meu pai pintou o lugar num verão, um tipo de verde-claro peculiar. Não sei o que ele estava pensando. Alguém deve ter dado a tinta a ele. — Ele riu, depois ficou em silêncio. Era hora de um intervalo.

Lydia tirou uma lata de biscoitos com cheiro de açafrão que ofereceu a todos.

— São totalmente orgânicos — disse, insistindo para que Marek pegasse.

Charlotte sorriu e deu uma mordidinha na beirada.

— Você mesma fez? — perguntou Jussi, com um sorriso inesperado que trouxe uma luz suave a seu rosto pesado.

— Quase não tive tempo — disse Lydia, balançando a cabeça e sorrindo. — Quase tive uma discussão no parque.

Sibel deu um riso abafado e comeu seu biscoito em duas grandes mordidas.

— Foi Kasper — suspirou Lydia. — Fomos ao parque esta manhã, como é nosso hábito, e uma das mães apareceu dizendo que Kasper tinha acertado sua garotinha nas costas com uma pá.

— Merda — sussurrou Marek.

— Eu fiquei gelada quando ela disse isso — contou Lydia.

— O que você faz em uma situação dessas? — perguntou Charlotte educadamente.

Marek pegou outro biscoito e escutou Lydia com uma expressão atipicamente concentrada, como se estivesse tanto analisando quanto

escutando. Pela primeira vez, fiquei pensando se ele teria algum interesse nela.

— Não sei. Eu disse à mãe que levava isso muito a sério. Na verdade, acho que fiquei bastante aborrecida. Embora ela tenha dito que não era nada para me preocupar e que achava ter sido um acidente.

— Claro — disse Charlotte. — As crianças brincam com muito entusiasmo.

— Mas prometi a ela que iria falaria com Kasper. Disse que iria cuidar disso — continuou Lydia.

— Bom — Jussi falou, balançando a cabeça.

— Ela disse que Kasper realmente parecia ser um menino doce — acrescentou Lydia, com um sorriso.

Eu me sentei na cadeira e folheei minhas anotações. Estava ansioso para começar a segunda sessão o mais rápido possível. Era novamente a vez de Lydia.

Ela olhou nos meus olhos e sorriu, incerta. Todos estavam em silêncio, esperando, quando comecei. A sala estava sossegada com a nossa respiração. Um silêncio escuro, tornando-se cada vez mais pesado, acompanhava as batidas de nossos corações. A cada expiração mergulhávamos mais fundo. Após a indução, minhas palavras os levaram para baixo, e depois de algum tempo eu me voltei para Lydia.

— Você está descendo mais fundo, afundando suavemente. Está muito relaxada. Seus braços estão pesados, suas pernas estão pesadas, suas pálpebras estão pesadas. Está respirando devagar e escutando minhas palavras sem questionar, está cercada por minhas palavras, sente-se segura e dócil. Lydia, neste momento você está muito perto daquilo no qual não quer pensar, daquilo sobre o qual nunca fala, daquilo do qual se afasta, daquilo que está sempre escondido, e nunca vem à luz.

— Sim — respondeu com um suspiro.

— Você está lá agora — eu disse.

— Estou muito perto.

— Onde você está neste momento?

— Em casa.

— Quantos anos tem?

— Trinta e sete.

Olhei para ela. Reflexos e lampejos de luz passaram por sua testa alta, larga e suave, sua pequena boca bem-feita e sua pele tão branca que era quase doentia. Eu sabia que fizera 37 anos duas semanas antes. Ela não retornara muito no tempo como os outros, apenas alguns dias.

— O que está acontecendo? O que há de errado? — perguntei.

— O telefone.

— O que há com o telefone?

— Ele toca, toca de novo, eu atendo e desligo imediatamente.

— Você está completamente calma, Lydia.

Ela parecia cansada, talvez perturbada.

— A comida vai esfriar — disse ela. — Fiz sopa de lentilha e assei pão. Eu ia comer na frente da TV, mas claro que isso não será possível.

Seu queixo tremeu, depois parou.

— Espero um pouco, olho para a rua através das cortinas. Não há ninguém lá. Não consigo ouvir nada. Eu me sento à mesa da cozinha e como um pedaço de pão quente com manteiga, mas não tenho apetite. Desço até o porão, está frio lá, como sempre, sento no velho sofá de couro e fecho os olhos. Preciso me recompor. Preciso reunir forças.

Ela fica em silêncio. Algas marinhas flutuavam e passavam entre nós.

— Por que você tem de reunir forças? — perguntei.

— Para conseguir levantar e passar pela lanterna de papel de arroz vermelha com os símbolos chineses e a bandeja de velas perfumadas e pedras polidas. As tábuas do chão rangem e estalam sob o carpete de plástico.

— Há alguém lá? — perguntei a Lydia em voz baixa, mas imediatamente me arrependi.

— Pego a vara e empurro a bolha no carpete com o pé para poder abrir a porta, entrar e acender a luz — diz ela. — Kasper está piscando sob a luz, mas não se senta. Ele mijou no balde. O cheiro é muito forte. Está vestindo o pijama azul-claro. Respira intensamente. Eu o cutuco com a vara através das grades. Ele faz barulhos desprezíveis, se afasta só um pouquinho e senta. Pergunto se mudou de ideia e ele confirma balançando a cabeça, então eu empurro um prato de comida para dentro da jaula. O bacalhau ressecou e

ganhou uma cor escura. Ele engatinha até ele e come, e fico contente, e estou prestes a dizer como estou feliz por nós nos entendermos quando ele vomita no colchão.

O rosto de Lydia se contorce em uma careta perversa.

— E lá estava eu — diz, os lábios esticados, os cantos da boca voltados para baixo — e achei que era nosso fim. — Ela balança a cabeça e umedece os lábios. — Você entende como me sinto com isso? Ele pede desculpas. Eu repito que amanhã é domingo, bato no meu rosto e grito com ele para que olhe.

Charlotte estava olhando para Lydia através da água com olhos assustados.

— Lydia — eu disse —, você vai sair do porão agora, sem sentir medo ou raiva. Vai se sentir calma e controlada. Vou retirá-la lentamente desse estágio de relaxamento profundo, até a superfície, até a claridade, e iremos conversar juntos sobre o que você disse, apenas você e eu, antes de eu tirar os outros da hipnose.

Ela rosnou baixo, cansada.

— Lydia, está me escutando?

Ela assentiu.

— Vou fazer a contagem regressiva e quando chegar a um você abrirá os olhos e estará totalmente acordada e consciente: dez, nove, oito; está subindo de maneira suave até a superfície, sente seu corpo completamente relaxado e confortável; sete, seis, cinco, quatro; logo você irá abrir os olhos, mas permanecerá sentada na cadeira; três, dois, um… Agora abra os olhos. Está totalmente desperta.

Nossos olhos se encontraram. O rosto de Lydia parecia de algum modo enrugado, ressecado. Aquilo não era algo que eu esperasse. Ainda me sentia gelado com o que ela havia contado. Se a regra da confidencialidade tinha de ser severa em relação ao dever de revelar, esse era um caso em que era cristalino que a obrigação de permanecer em silêncio não se aplicava mais, já que havia uma outra parte em perigo.

— Lydia — falei em voz baixa —, você compreende que devo entrar em contato com o Serviço Social?

— Por quê?

— O que você me contou não me dá escolha.

— Em que sentido?

— Você não vê?

Lydia mordeu os lábios.

— Eu não disse nada.

— Você descreveu como…

— Cale a boca — cortou ela. — Você não me conhece, não tem nada a ver com a minha vida e não tem o direito de se meter no que eu faço em minha própria casa.

— Tenho razões para suspeitar de que seu filho…

— Cale a boca! — gritou ela, e saiu da sala.

Eu havia estacionado junto a uma alta cerca de abetos a 90 metros da grande casa de madeira de Lydia em Rotebro. A assistente social concordara com meu pedido de acompanhá-la na primeira visita residencial. Meu relatório para a polícia fora recebido com certa dose de ceticismo, mas, é claro, levara a uma investigação preliminar.

Um Toyota vermelho passou por mim e parou em frente à casa. Saí do carro, caminhei até lá e me apresentei à mulher baixa e corpulenta de pé ao lado do carro.

Folhetos publicitários encharcados saíam da caixa de correio. O portão baixo estava aberto. Seguimos pelo caminho que levava até a casa. Percebi que não havia brinquedos no jardim abandonado. Nenhuma caixa de areia, nenhum balanço na velha macieira, nenhuma bicicleta. Era um dia ensolarado, mas todas as cortinas estavam fechadas. As cestas penduradas estavam cheias de plantas mortas. Um lance de degraus de pedras brutas levava à porta. Acreditei ter percebido um movimento por trás do vidro amarelo opaco. A assistente social tocou a campainha. Esperamos, mas ninguém atendeu, não havia nenhum som além do canto dos pássaros e do barulho intermitente do tráfego distante. Ela bocejou, olhou para o relógio, tocou a campainha de novo e tentou a maçaneta. A porta não estava trancada. Ela a abriu. Olhamos para um pequeno vestíbulo.

— Olá — gritou ela. — Lydia?

Nós entramos, tiramos nossos sapatos e passamos por uma porta até um corredor com papel de parede rosa e retratos de pessoas meditando com

luzes brilhantes ao redor das cabeças. Havia um telefone rosa no chão junto a uma mesa no vestíbulo.

— Lydia?

Eu abri uma porta e vi uma escada estreita que levava ao porão.

— É lá embaixo — falei.

A assistente social me seguiu escada abaixo até a sala de jogos, que tinha um velho sofá de couro e uma mesa, cujo tampo era feito de telhas marrons. Em uma bandeja havia várias velas perfumadas entre pedras polidas e pedaços de vidro. Uma lanterna de papel de arroz de um vermelho profundo com caracteres chineses pendurada no teto. Um carpete de plástico cobria as tábuas do chão. Em uma das paredes havia uma porta. Meu coração estava acelerado quando fui até ela. Ao tentar abrir a porta, ela ficou presa em uma grande bolha no carpete plástico. Apertei a bolha com o pé e entrei.

Não havia jaula nenhuma. Em vez dela, uma bicicleta de cabeça para baixo no meio do piso sem a roda da frente. Um kit de ferramentas de reparos ao lado de uma caixa de plástico azul: remendos de borracha, cola, chave de grifa. Um dos ganchos brilhantes fora enfiado sob a beirada do pneu e preso nos raios. De repente houve um rangido vindo do teto, e percebemos que alguém caminhava sobre o piso do aposento acima. Sem trocar uma palavra, subimos as escadas com pressa. A porta da cozinha estava entreaberta. Notei que havia fatias de pão e migalhas no piso de linóleo amarelo.

— Olá — chamou a assistente social.

Entrei e vi que a porta da geladeira estava aberta. Lydia estava de pé sob a luz fraca, o olhar voltado para o chão. Somente depois de alguns segundos eu vi a faca em sua mão. Era uma comprida faca de pão. O braço estava caído frouxamente ao lado do corpo. A lâmina da faca cintilava ao lado da coxa enquanto sua mão tremia.

— Não quero você aqui — sibilou ela, olhando para mim de repente.

— Tudo bem — disse, recuando na direção da porta.

— Podemos nos sentar e ter uma conversinha? — perguntou a assistente social, mantendo um tom neutro.

Abri a porta e vi que Lydia se aproximava lentamente.

— Erik — disse ela.

Comecei a fechar a porta e Lydia saltou para a frente. Disparei pelo corredor, mas a porta na extremidade estava trancada. Lydia manteve o ritmo, fazendo um estranho som de uivo enquanto corria. Abri outra porta e entrei tropeçando em uma sala de TV. Lydia me seguiu. Esbarrei em uma poltrona enquanto seguia para a porta da varanda, mas foi impossível girar a maçaneta. Lydia voou na minha direção com a faca, e eu me protegi atrás de uma grande mesa oval.

— A culpa é sua — acusou ela enquanto tentava me apanhar de um lado e de outro da mesa.

A assistente social entrou correndo na sala. Estava totalmente sem fôlego.

— Lydia — disse ela com rispidez. — Pare com isso agora mesmo.

— É tudo culpa dele — falou Lydia.

— O que você quer dizer? — perguntei. — O que é culpa minha?

— Isto — disse Lydia, passando a faca por seu pescoço. Ela olhou nos meus olhos e o sangue esguichou sobre seu vestido e seus pés descalços. Sua boca tremia. A faca caiu no chão. Uma das mãos buscou apoio, mas ela desmontou no chão, parando apoiada sobre um dos quadris, como uma sereia.

O sorriso de Annika Lorentzon era perturbado. Rainer Milch se inclinou sobre a mesa e serviu-se de um copo de água mineral com um chiado de gás. Suas abotoaduras brilhavam em azul-real e ouro.

— Estou certo de que compreende por que desejávamos falar com você o quanto antes — disse Peter Mälarstedt, ajeitando a gravata.

Abri a pasta que me deram. Havia um material idêntico diante de cada integrante do conselho. O conteúdo da pasta dizia que Lydia apresentara uma queixa contra mim. Alegava que eu a levei a tentar o suicídio ao coagi-la a confessar coisas que não tinham acontecido. Ela me acusava de tê-la usado em minhas experiências e implantado falsas lembranças em sua mente quando ela estava em hipnose profunda, e dizia que eu a perseguira de maneira impiedosa e cínica na frente dos outros até ela estar completamente abalada e sofrer um grave estresse emocional.

Levantei os olhos dos papéis.

— Isso é alguma espécie de brincadeira?

Annika Lorentzon desviou o olhar. O rosto de Svein Holstein não tinha qualquer expressão quando disse:

— Ela é sua paciente, e as acusações são sérias.

— Não quero acusar uma paciente muito perturbada de mentir — disse furiosamente —, mas ou ela mente ou delira. É impossível implantar lembranças durante a hipnose. Eu posso conduzi-los a uma lembrança, mas não posso criar uma. Eu os levo até portas, mas não posso abrir essas portas eu mesmo.

Rainer Milch olhou para mim com a expressão grave.

— A simples suspeita pode destruir toda a sua pesquisa, Erik, então tenho certeza de que percebe como isto é crucial.

Balancei a cabeça, irritado.

— Ela relatou, sob hipnose, acontecimentos relativos a si mesma e a seu filho que considerei tão sérios que achei não ter escolha a não ser procurar o Serviço Social. O fato de que ela iria reagir dessa forma foi…

Ronny Johansson me interrompeu de forma abrupta.

— Mas ela nem sequer tem filhos. É o que informa aqui — disse, batendo na pasta com um dedo comprido.

Bufei e recebi um olhar estranho de Annika.

— Erik, ser arrogante nesta situação não é exatamente útil — censurou ela em voz baixa.

— Desde o primeiro dia em que ela entrou neste hospital, sua relação com o filho foi o ponto central de quase todos os seus relatos — disse, com um sorriso irritado. — E não apenas em um contexto terapêutico. Sempre que conversa com os outros, ela…

Annika se curvou sobre a mesa.

— Erik — disse lentamente —, ela não tem filho. Nunca teve nenhum filho.

— Ela não tem nenhum filho?

— Não.

A sala ficou em silêncio.

Olhei as bolhas da água mineral subindo até a superfície.

— Não compreendo. Ela ainda mora na casa de sua infância — recapitulei, tentando explicar o mais calmamente possível. — Todos os detalhes correspondem. Não consigo acreditar…

— Você não consegue acreditar — interrompeu Milch —, mas estava errado.

— Eles não podem mentir assim sob hipnose.

— Você tem certeza de que ela estava sob hipnose?

— Apostaria minha reputação nisso.

— De certa forma você fez isso, Erik. Mas agora não importa. O mal já está feito.

— Não entendo — disse, de certo modo, para mim mesmo. — Talvez ela estivesse falando sobre a sua própria infância. Não é nada que tenha confessado, mas talvez estivesse trabalhando suas próprias lembranças.

— Poderia ser exatamente como você diz — interrompeu Annika. — Poderiam ser muitas coisas. Mas permanece o fato de que sua paciente cometeu uma tentativa de suicídio pela qual o culpa. Sugerimos que tire uma licença enquanto investigamos a questão. — Ela sorriu de modo melancólico para mim. — Tudo isto vai se resolver, Erik, estou certa disso — falou gentilmente. — No entanto, neste momento você precisa se afastar enquanto examinamos tudo. Não podemos deixar a imprensa se esbaldar com isso.

Pensei em Charlotte, Marek, Jussi, Sibel, Pierre e Eva. Tínhamos trabalhado para estabelecer confiança, uma relação. Todo progresso individual havia sido o resultado duramente conquistado, da química específica que tínhamos alcançado como grupo. Meu afastamento os deixaria sentindo-se traídos e abandonados.

— Não fiz nada errado — falei.

Annika deu um tapinha em minha mão.

— Isso vai se resolver. Lydia Everson obviamente é instável e confusa, mas a coisa mais importante agora é fazer as coisas de acordo com as regras. Você pedirá uma licença de suas atividades envolvendo hipnose enquanto fazemos uma investigação interna sobre os acontecimentos. Sei que você é um bom médico, Erik. Estou certa de que você estará de volta ao grupo em não mais de seis meses — disse ela, dando de ombros.

— Seis meses? — reagi, levantando-me com um pulo. — Tenho pacientes, eles confiam em mim. Não posso simplesmente deixá-los —

disse, furioso.

O sorriso gentil de Annika desapareceu como a chama de uma vela sendo apagada. A expressão do rosto se fechou e sua voz se tornou irritada:

— Sua paciente exigiu que suas atividades fossem proibidas imediatamente. Também prestou uma queixa policial contra você. No que nos diz respeito, essas coisas não são banalidades. Temos investido em seu trabalho, e, se transparecer que a sua pesquisa não atende aos padrões exigidos, teremos de tomar as medidas apropriadas.

Eu não sabia o que dizer. Só queria rir daquilo tudo.

— Isso é ridículo — foi tudo o que consegui. E me virei para sair da sala.

— Erik — chamou Peter Mälarstedt —, considere essa uma boa oportunidade.

Eu parei.

— O quê?

— Para, ahn, reconsiderar os rumos do seu trabalho.

Girei nos calcanhares para encará-lo.

— Peter, você acredita em toda essa baboseira sobre implantar lembranças falsas?

Annika bateu na mesa com a palma da mão.

— Basta, Erik. Isso não é importante. O importante é seguir as regras. Tire uma licença de seu trabalho com a hipnose, tente ver isso como uma oferta de reconciliação. Você pode continuar com a sua pesquisa, pode trabalhar em paz e serenidade, mas não irá praticar terapia de hipnose enquanto estivermos fazendo nossa investigação.

— Não posso admitir algo que não é verdade.

— Não é o que estou pedindo.

— Bem, é o que parece. Se eu pedir uma licença, darei a entender que estou admitindo.

— Diga-me que vai pedir uma licença — insistiu com firmeza.

— Isso é uma porra de uma idiotice — disse, com uma risada, e saí da sala.

Já era final de tarde. O sol cintilava nas poças depois de uma chuva rápida, e o cheiro da floresta — terra molhada e raízes podres — se erguia do chão enquanto eu corria pela pista ao redor do lago, refletindo sobre as ações de Lydia. Eu estava certo de que ela falara a verdade sob hipnose — mas qual verdade ela realmente me contara? Em teoria, estava descrevendo uma lembrança concreta real, mas a colocara no tempo errado. Lembrei a mim mesmo que durante a hipnose fica ainda mais óbvio que o passado não é passado.

Enchi meus pulmões com o ar fresco e frio da primavera e acelerei, pelo último trecho da floresta, na direção de casa. Quando cheguei à rua, vi um grande carro preto estacionado em frente à nossa entrada, com dois homens apoiados no capô, esperando. Um deles conferia seu reflexo na pintura brilhante enquanto fumava um cigarro. O outro tirava fotografias de nossa casa. Eles ainda não tinham me visto. Desacelerei, e estava pensando se deveria dar a volta quando eles me identificaram. O homem com o cigarro o apagou rapidamente com o pé, enquanto o outro virou a câmera na minha direção. Ainda estava sem fôlego quando cheguei até eles.

— Erik Maria Bark? — perguntou o homem que estivera fumando.

— O que deseja?

— Somos da imprensa, *Expressen*.

— Imprensa?

— Sim. Gostaríamos de fazer algumas perguntas sobre uma de suas pacientes.

Balancei a cabeça e fiz um gesto com a mão.

— Não posso falar a respeito dos meus pacientes.

— Certo.

O olhar do homem passeou por meu rosto afogueado, meu casaco de corrida preto, minhas calças grossas e meu gorro de lã. Ouvi o fotógrafo atrás dele tossir. Um pássaro passou em disparada pelo céu acima de nós, seu corpo traçando um arco perfeito, refletido no teto do carro. Acima da floresta, o céu se tornava denso e escuro. Parecia que iria chover mais.

— Há uma entrevista com sua paciente no jornal de amanhã. Ela faz algumas acusações bastante sérias contra você — disse o jornalista.

Fiquei encarando-o. Tinha um rosto bastante simpático: de meia-idade, ligeiramente acima do peso.

— É sua chance de responder — disse ele em voz baixa.

As luzes não estavam acesas em casa. Com certeza Simone ainda estava na galeria. Benjamin, na creche.

— Do contrário, a versão dela será impressa sem a sua réplica — disse o homem com sinceridade.

— Eu nunca cogitaria falar sobre um paciente — repeti lentamente. Fui até a nossa calçada, passando pelos dois homens, destranquei a porta, entrei e fiquei no vestíbulo, ouvindo-os partir.

O telefone tocou às 7h30 do dia seguinte. Era Annika Lorentzon.

— Erik — disse ela, soando tensa. — Já viu o jornal?

Simone sentou-se na cama ao meu lado, a expressão ansiosa. Gesticulei tranquilizando-a e fui para o vestíbulo.

— Se é sobre as acusações de Lydia, estou certo de que todos percebem que não passam de mentiras.

— Não — disse ela secamente. — Ninguém percebe isso de modo algum. Após ler esta matéria, muitas pessoas a verão como uma pessoa fraca, indefesa e vulnerável que foi usada por um médico particularmente manipulador para seus próprios objetivos egoístas. O homem em quem ela mais confiou, o homem ao qual mais confidenciou, a traiu e explorou. É o que está no jornal.

Eu podia ouvi-la respirando com intensidade do outro lado da linha. Estava rouca e parecia cansada.

— Isso compromete tudo o que fazemos, como estou certa de que compreende.

— Escreverei uma resposta — retorqui.

— Isso não será suficiente, Erik — ela disse, antes de fazer uma pausa e continuar, monocórdia. — Ela pretende abrir um processo.

Debochei:

— Ela nunca ganhará.

— Você ainda não entendeu a seriedade disso, não é mesmo?

— O que ela está dizendo?

— Sugiro que você saia e compre o jornal. Depois, acho que deveria se sentar e pensar em sua resposta. O conselho gostaria de vê-lo às 16 horas.

Quando vi meu rosto na primeira página do jornal, foi como se o meu coração desacelerasse. Era um close meu com gorro de lã e casaco preto. Meu rosto estava afogueado e parecia que eu estava mal-humorado, irritável e fazendo um gesto de desdém com a mão. Comprei um exemplar do jornal e voltei para casa. A página dupla central tinha uma foto de Lydia abraçada a um urso de pelúcia. A matéria inteira era sobre como eu, Erik Maria Bark, a usara como uma espécie de cobaia, perseguindo-a com acusações de agressão. Eu a levara a um colapso tirando vantagem de sua suscetibilidade durante a hipnose profunda para manipulá-la, levando-a a acreditar ser culpada de crimes imaginários. O ápice de minha perseguição foi quando invadi sua casa e a desafiei a cometer suicídio. Simplesmente quisera morrer, falou. Ela se comparou a um integrante de um culto e eu a um líder de uma seita, e afirmou que, graças a mim, ela não tinha vontade própria. Foi só no hospital que finalmente ousara começar a questionar meu tratamento. Segundo o repórter, ela chorara e explicara que não estava interessada em nenhum tipo de indenização. Dinheiro nunca pagaria aquilo pelo que havia passado. Ela só queria que eu nunca pudesse fazer isso a mais ninguém.

Na página seguinte havia uma foto de Marek. O ex-torturador concordava com Lydia, dizendo que minhas atividades eram um risco à vida e que eu era obcecado por conceber ideias doentias que meus pacientes depois eram forçados a confessar sob hipnose.

Em outro trecho, um suposto “especialista” fazia um comentário — eu nunca tinha ouvido falar no homem — que denegria toda a minha pesquisa, colocando a hipnose no mesmo patamar da vidência e insinuando que eu provavelmente drogava meus pacientes para que eles fizessem o que eu queria.

Havia um silêncio vazio em minha cabeça. Fiquei sentado à mesa da cozinha até a porta se abrir e Simone entrar. Depois que leu o jornal, seu rosto ficou pálido.

— O que está acontecendo? — sussurrou.

— Não sei — respondi. Minha boca estava completamente seca.

Fiquei sentado lá, olhando para o nada, pensando no impensável. E se minhas teorias estivessem erradas? E se a hipnose *não* funcionasse em indivíduos profundamente traumatizados? E se fosse verdade que meu desejo de descobrir padrões tivesse influenciado suas lembranças? Eu não

acreditara que fosse possível Lydia ver uma criança inexistente sob hipnose. Estivera convencido de que ela descrevia uma lembrança verdadeira, mas naquele momento começava a duvidar de mim mesmo.

Foi uma experiência estranha percorrer a curta distância pelo saguão até o elevador rumo ao escritório de Annika Lorentzon. Durante anos o lugar fora como uma segunda casa, mas naquele momento nenhum dos integrantes da equipe queria me olhar nos olhos. Quando passei por pessoas que conhecia e com as quais trabalhara, elas simplesmente pareciam estressadas e tensas, davam as costas e saíam apressadas.

Até mesmo o cheiro do elevador era esquisito. Cheirava a flores podres e me fez pensar em chuva, despedidas, funerais.

Quando saía do elevador, Maja Swartling passou rapidamente, me ignorando. Rainer Milch esperava por mim na entrada do escritório de Annika. Ele se colocou de lado, eu entrei e disse olá.

— Por favor, sente-se, Erik — disse Rainer.

— Obrigado, prefiro ficar de pé — disse secamente, me arrependendo no mesmo instante. Que porra Maja Swartling fora fazer ali? Talvez tenha ido me defender. Afinal, era uma das poucas pessoas que tinham um conhecimento verdadeiro e detalhado de minha pesquisa.

Annika Lorentzon estava de pé junto à janela na extremidade oposta da sala. Pensei que era ao mesmo tempo estranho e deselegante ela não me cumprimentar. Em vez disso, permaneceu lá com os braços ao redor do próprio corpo, olhando fixamente pela janela.

— Nós demos a você uma oportunidade de verdade, Erik — disse Peter Mälarstedt.

Rainer Milch assentiu.

— Mas você se recusou a recuar — disse. — Você se recusou a se afastar voluntariamente enquanto fazíamos nossa investigação.

— Eu poderia reconsiderar — falei em voz baixa.

— Agora é tarde demais. Poderíamos ter usado isso em nossa defesa anteontem. Hoje pareceria apenas patético.

Annika abriu a boca.

— Vou aparecer na TV esta noite para explicar como pudemos ter permitido que você continuasse — disse sem ânimo e sem olhar para mim.

— Mas eu não fiz nada de errado — disse. — O fato de um paciente apresentar acusações ridículas certamente não pode renegar anos de pesquisa, incontáveis tratamentos que sempre foram inquestionáveis…

— Não é apenas um paciente — me interrompeu Rainer Milch. — São vários. Além disso, temos um contato que tem estudado seu trabalho há vários anos. Na opinião dela, você exagerou, e quase todas as suas teses são castelos de vento. Você não tem provas, e ignorou constantemente a vontade dos pacientes de modo a garantir que está certo.

Eu estava completamente perdido.

— E o nome dessa especialista? — perguntei.

Eles não responderam.

— Seu nome seria Maja Swartling?

As bochechas de Annika Lorentzon ficaram vermelhas.

— Erik — disse ela, finalmente virando o rosto na minha direção. — Você está suspenso a partir de hoje. Não quero mais você em meu hospital.

— E quanto aos meus pacientes? Eu tenho de ver…

Ela interrompeu.

— Serão transferidos.

— Isso não fará bem a eles, eles…

— Bem, e de quem é a culpa disso? — disse ela, elevando a voz.

Silêncio completo na sala. Frank Paulsson se levantou com o rosto virado. Ronny Johansson, Peter Mälarstedt, Rainer Milch e Svein Holstein permaneceram sentados, rostos impassíveis.

— Então é isso — falei, vazio.

Apenas algumas semanas antes eu estivera naquela mesma sala e recebera um novo financiamento. Agora estava tudo acabado.

Quando cheguei ao saguão, um grupo esperava por mim. Uma mulher loura muito alta enfiou um microfone diante do meu rosto.

— Oi — disse ela, radiante. — Ainda acredita que a hipnose é uma boa forma de tratamento?

— Sim.

— Então vai continuar praticando?

Eu me virei, mas o cameraman me seguiu, o brilho negro da lente me procurando. Olhei para a loura, li o nome do crachá no peito, STEFANIE VON SYDOW, vi seu gorro de crochê branco e sua mão acenando para o câmera.

— Você gostaria de comentar o fato de que outra de suas pacientes, uma mulher chamada Eva Blau, foi internada semana passada em uma unidade psiquiátrica de segurança?

— Do que está falando?

A luz branca que penetrava pelas janelas altas do hospital no final do corredor refletia no piso recém-limpo da unidade psiquiátrica de segurança do Hospital Sul. Passei por uma longa fila de portas trancadas, com tinta descascando e fitas de borracha nas beiradas, e parei diante da B39. Olhando para o corredor, percebi que meus sapatos tinham deixado vestígios na película brilhante que cobria o piso.

Batidas altas podiam ser ouvidas, vindas de um quarto distante, depois o som fraco de choro, em seguida o silêncio. Fiquei algum tempo de pé tentando organizar os pensamentos antes de bater na porta, virar a chave na fechadura e entrar.

O cheiro de desinfetante que levei para dentro comigo se fundiu ao miasma de suor e vômito no quarto escuro, e quase tive ânsia de vômito. Eva Blau estava deitada na cama de costas para mim. Fui até a janela para levantar a persiana e deixar entrar alguma luz, mas o mecanismo estava travado. Pude ver com o canto do olho Eva começar a se virar. Puxei a cortina, mas minha mão escorregou e ela subiu com uma batida alta.

— Desculpe-me — falei. — Só queria deixar entrar um pouco de luz.

Sob o brilho repentino, Eva Blau estava se sentando e olhando para mim com olhos intensamente drogados, os cantos da boca curvados para baixo com amargura. Meu coração estava acelerado. A ponta do nariz de Eva havia sido cortada. Ela estava curvada, com uma bandagem suja de sangue na mão, apenas olhando para mim.

— Eva, vim assim que soube — disse.

Ela bateu o punho fechado no estômago. O ferimento circular da ponta do nariz cortada brilhava em vermelho em seu rosto torturado.

— Eu tentei ajudar vocês — falei. — Mas começo a entender que estava errado em relação a quase tudo. Achei que estava chegando a algo

importante, que entendia como a hipnose funcionava. Mas não entendia, não entendia nada. Lamento não ter conseguido ajudá-la, a nenhum de vocês.

Ela esfregou o nariz com as costas da mão, e o sangue começou a escorrer do ferimento acima da boca.

— Eva? Por que você fez isso a si mesma? — perguntei a ela.

— Foi você, você, é culpa sua! — gritou ela. — É tudo culpa sua. Você destruiu a minha vida, tirou tudo o que eu tenho!

— Entendo que esteja com raiva de mim porque…

— Cale a porra dessa boca, você não entende nada. Minha vida foi destruída, e eu vou destruir a sua. Eu posso esperar, posso esperar o tempo que for necessário, mas terei a minha vingança.

Ela então começou a gritar, a boca escancarada, o som abafado e insano. A porta foi escancarada e um médico entrou.

— Você deveria esperar do lado de fora — falou. Ele parecia abalado, mas estava com raiva.

— A enfermeira me deu a chave, então eu pensei…

Ele me empurrou para o corredor, fechou a porta e trancou Eva.

— Você já não causou mal suficiente? Esta paciente está sofrendo de delírio persecutório…

Eu o interrompi com um sorriso.

— Não acho isso.

— É a minha avaliação desta paciente — cortou ele.

— Claro. Desculpe-me.

— Ela exige centenas de vezes por dia que tranquemos sua porta e guardemos a chave no armário de chaves.

— Sim, mas…

— E continua dizendo que não vai testemunhar contra ninguém, que podemos submetê-la a choques elétricos e estupro, mas não nos dirá nada. Que porra você faz com os seus pacientes? Ela está terrivelmente assustada. Não consigo acreditar que você veio e…

— Ela está com raiva de mim, mas não sente medo de mim.

— Eu a ouvi gritando — disse ele.

Após minha visita ao hospital e meu encontro com Eva Blau, dirigi até o Centro de Televisão e pedi para falar com Stefanie von Sydow, a repórter de TV que tentara conseguir um depoimento meu mais cedo. A recepcionista ligou para uma assistente de edição e me passou o telefone. Eu disse que estava pronto para conceder uma entrevista caso estivessem interessados. A assistente desceu logo. Era uma jovem de cabelos curtos e expressão inteligente.

— Stefanie pode vê-lo em dez minutos — falou.

— Bom.

— Vou levá-lo à maquiagem.

A entrevista foi curta. Quando fui para casa, todas as luzes estavam apagadas. Eu chamei, mas ninguém respondeu. Fiquei surpreso ao encontrar Simone no andar de cima, sentada diante da televisão desligada.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei. — Onde está Benjamin?

— Na casa do David — respondeu, monocórdia.

— Não era hora de ele estar em casa? O que você disse a ele?

— Nada.

— Mas qual é o problema? Fale comigo, Simone.

— Por que deveria? Eu nem sequer o conheço.

A ansiedade cresceu dentro de mim como mercúrio em um termômetro. Eu me aproximei e tentei afastar um cacho de cabelos do rosto dela.

— Não encoste em mim— cortou, afastando a cabeça.

— O que houve? Fale comigo, Simone.

Ela balançou a cabeça e disse com uma voz tomada de dor:

— Erik, por favor, me diga a verdade. Você foi infiel?

Meu coração acelerou, mas minha voz permaneceu firme de forma macabra.

— Do que está falando?

— Quem é Maja?

— Maja? Não sei… Deveria saber quem é?

— Você está me traindo? — perguntou Simone, os lábios trêmulos.

— Simone? O que é isso tudo?

Minha cabeça girava. Como ela poderia saber?

— Eu nunca… Entendi… Você está falando de Maja Swartling. Isso? Ela me odeia por alguma razão, ela já influenciou o conselho e…

— Erik — interrompeu Simone. — Você tem mais uma chance. Você dormiu com outra mulher?

— Não.

— Você não foi infiel. Você me dá a sua palavra?

Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Eu juro — sussurrei.

Ela abriu um envelope azul claro e tirou várias fotografias: eu me vi posando no apartamento de Maja Swartling, depois uma série de fotos dela vestindo apenas aquela calcinha verde-clara. Cachos de seus cabelos escuros caídos sobre seus grandes seios brancos. Ela parecia feliz, bastante corada nas faces. Algumas das fotografias eram closes de um seio em diversos graus de definição. Em um dos retratos ela estava deitada de pernas abertas.

— Sixan, deixe-me tentar…

— Eu não aguento suas mentiras — disse ela, jogando as fotos em cima de mim, uma a uma.

O noticiário noturno começou. De repente houve uma matéria sobre um escândalo no Hospital Universitário Karolinska, envolvendo um hipnotista. Annika Lorentzon não queria comentar o caso enquanto a investigação estivesse em andamento, mas, quando a repórter se referiu ao significativo financiamento concedido recentemente pelo conselho ao hipnotista em questão, Annika Lorentzon se viu na defensiva.

— Isso foi um erro — disse ela.

— O que foi um erro?

— Erik Maria Bark foi suspenso por tempo indeterminado.

— Apenas por tempo indeterminado?

— Ele não praticará hipnose no hospital Karolinska até segunda ordem — disse.

Então vi meu rosto na tela; eu estava sentado no estúdio da emissora, parecendo assustado.

— Você continuará a praticar hipnose em outros hospitais? — perguntou a entrevistadora.

Por um momento pareci confuso, como se não tivesse entendido a pergunta, e depois balancei a cabeça de maneira quase imperceptível.

— Erik Maria Bark, ainda acredita que a hipnose é uma boa forma de tratamento? — insistiu ela.

— Não sei — respondi sem energia.

— Continuará a praticar?

— Não.

— Nunca?

— Eu nunca mais hipnotizarei ninguém — respondi.

— Isso é uma promessa?

— Sim.

75

quarta-feira, 16 de dezembro: manhã

Erik tem um espasmo e a mão com a xícara de café estremece subitamente e derrama o líquido sobre o seu paletó e os punhos da camisa.

Joona se vira para ele surpreso e, sem uma palavra, tira um lenço de papel de uma caixa de Kleenex que está no painel.

Erik olha para a grande casa de madeira amarela, o jardim, o gramado e o enorme Ursinho Puff com as presas desenhadas.

— Ela é violenta? — pergunta Joona.

— Quem?

— Eva Blau.

— Talvez. Quer dizer, ela certamente é capaz disso.

Joona desliga o motor e eles saem do carro.

— Apenas não espere muito — disse ele em tom melancólico. — Liselott Blau pode não ter nada a ver com Eva.

— Não — responde Erik, ausente.

Eles sobem por um caminho feito de placas de ardósia cinza-escura. Um pesado véu branco de flocos de neve rodopia no ar.

— Devemos ter cuidado — alerta Joona. — Por que esta pode realmente ser a casa assombrada. — O rosto se ilumina com um leve sorriso.

Erik para no meio do caminho. O tecido molhado ao redor do pulso ficou frio. Cheira a café velho.

— Eu preciso explicar. A casa assombrada é uma casa na antiga Iugoslávia. Também é um apartamento em Jakobsberg, um ginásio em Stocksund, uma casa verde-clara em Dorotea e assim por diante.

Ele não consegue evitar o sorriso ao ver a expressão inquisitiva de Joona.

— A casa assombrada não é um lugar específico, é um termo que meu grupo de hipnose adotou — explica. — Um dos integrantes chamou o lugar

onde havia sido traumatizado de casa assombrada, e passamos a nos referir assim a qualquer local onde eles tivessem sido vítimas de agressão.

— Acho que entendo — diz Joona. — Onde ficava a casa assombrada de Eva Blau?

— Esse é o problema. Ela foi a única que não conseguiu chegar lá. Diferentemente do resto do grupo, ela nunca descreveu um lugar específico.

— Bem, talvez seja esta — pondera Joona.

Eles sobem o caminho. Erik mexe no bolso em busca da caixa com o papagaio e o nativo. Ele se sente enjoado, como se suas reações emocionais aos acontecimentos que recordou estivessem suspensas em seu centro nervoso, tão poderosas e confusas quanto sempre foram. Ele quer tomar um comprimido, anseia por um comprimido, mas sabe que precisa permanecer com a cabeça inteiramente clara. Precisa encontrar Benjamin, precisa parar de tomar os comprimidos, não pode continuar assim, não pode continuar se escondendo.

Erik toca a campainha, ouvindo o sino grave através da madeira grossa. Ele espera, embora queira empurrar a porta, correr para dentro e gritar o nome de Benjamin. A mão de Joona está enfiada no paletó. Após algum tempo, a porta é aberta por uma jovem de óculos, cabelos ruivos e pequenas cicatrizes nas bochechas. Erik a observa com atenção.

— Estamos procurando por Liselott Blau — diz Joona.

— Sou eu — responde ela, cautelosa.

Joona olha para Erik, que balança a cabeça ligeiramente. Não é Eva.

— Na verdade, estamos procurando por Eva — emenda Joona.

— Eva? Não conheço nenhuma Eva. O que está acontecendo? — pergunta a mulher.

Joona mostra a identificação policial e pergunta se podem entrar um pouco. Ela hesita, olhando nervosa para dentro da casa.

— Ou então conversar conosco aqui fora, se preferir. Mas deveria colocar um casaco, está gelado — avisa ele.

Alguns minutos depois, eles estão de pé no gramado, que estala sob os pés com o gelo se partindo, o hálito formando vapor branco no ar quando falam.

— Eu moro sozinha — diz ela, abraçando o próprio corpo.

— Casa grande — comenta Joona, fazendo um gesto com a cabeça em direção à ampla estrutura.

A mulher dá um pequeno sorriso.

— Estou em boa situação.

— Eva Blau é uma parente?

— Já disse, não conheço nenhuma Eva Blau.

Joona mostra a ela três fotos que tirou do vídeo, mas a ruiva simplesmente balança a cabeça.

— Olhe com atenção — recomenda Joona com firmeza.

— Não me diga o que fazer — corta ela.

— Por enquanto estou pedindo.

— Eu pago seu salário — diz ela. — Meus impostos pagam seu salário.

— Por favor, olhe as fotos.

— Eu nunca a vi.

— Isso é importante — diz Erik.

— Talvez para você, mas não para mim.

— Ela chama a si mesma de Eva Blau — continua Joona. — Blau é um nome muito incomum na Suécia.

Erik vê uma cortina se mover de repente em uma janela do andar superior. Ele dispara na direção da casa enquanto os outros o chamam.

76

quarta-feira, 16 de dezembro: manhã

Erik dispara pela entrada, vê a escadaria larga e sobe os degraus de dois em dois.

— Benjamin! — chama, e depois para.

O corredor tomado de portas fechadas se estende nas duas direções. Em algum lugar o piso range. Ele tenta descobrir para qual janela estava olhando quando viu a cortina se mexer, e corre para a direita, a última porta do corredor. Tenta a maçaneta, mas está trancada.

— Benjamin? — chama Erik suavemente.

Ele se curva e espia pela fechadura. A chave está na tranca, mas Erik acha que consegue perceber movimentos do lado de dentro.

— Abra a porta — rosna ele.

Ele ouve alguém entrar apressado na casa, e então a ruiva sobe as escadas.

— Não quero você aqui! — grita ela.

Ignorando-a, Erik recua um passo, abre a porta com um chute e entra. O quarto está vazio: uma grande cama desfeita com lençóis rosa, um carpete rosa-claro, um guarda-roupa com espelhos coloridos nas portas. Uma câmera com tripé está apontada para a cama. Ele abre o guarda-roupa, mas não há ninguém nele; vira-se, analisando o quarto. Uma calça jeans masculina justa cuidadosamente dobrada está pendurada no encosto de uma cadeira. Erik se curva e vê alguém encolhido na escuridão sob a cama: olhos envergonhados, aterrorizados, coxas finas e pés nus.

— Saia daí — diz de maneira ríspida.

Ele estica o braço, agarra um calcanhar e arrasta para fora um garoto nu que se balança enquanto fala rapidamente com Erik em uma língua que parece árabe. Ele agarra a calça e a veste. Depois outro garoto surge e diz algo em tom áspero ao amigo, que fica em silêncio no mesmo instante. A

ruiva está de pé na passagem, insistindo, com a voz trêmula, que ele deve deixar seus amigos em paz.

— Eles são menores de idade? — pergunta Erik.

— Saia da minha casa — diz ela, furiosa.

O segundo garoto se enrolou no edredom. Ele tira um cigarro de um maço na mesa de cabeceira e olha para Erik, sorrindo.

— Fora! — grita Liselott Blau.

Enquanto Erik desce as escadas lentamente, a mulher o segue, gritando:

— Vá para o inferno!

Erik sai da casa e desce pelo caminho de ardósia. Joona está esperando com a arma em punho, escondida junto ao corpo. A mulher para junto à porta.

— Você não pode fazer esse tipo de coisa — grita ela. — Não é legal. A polícia precisa de um mandado para entrar assim na casa de alguém.

— Eu não sou policial — grita Erik de volta.

— Vou fazer uma queixa oficial!

— Fique à vontade — diz Joona. — Pode se queixar de mim. Como lhe disse, sou policial.

77

quarta-feira, 16 de dezembro: tarde

De volta ao volante, Joona para no acostamento da estrada e tira um pedaço de papel do bolso. Um caminhão levando um carregamento de brita poeirenta passa por eles.

— Há mais cinco pessoas chamadas Blau na região de Estocolmo, três em Västerås, duas em Eskilstuna e uma em Umeå. Ele dobra o papel e sorri, incentivando Erik.

— Charlotte — diz Erik em voz baixa.

— Não há nenhuma Charlotte na lista — retruca Joona, limpando uma marca no retrovisor.

— Charlotte Ceder. Ela era gentil com Eva. Acho que Eva tinha um quarto na casa dela na época.

— Onde você acha que poderíamos encontrar Charlotte?

— Dez anos atrás ela morava em Stocksund.

Joona liga para Anja.

— Preciso do número de telefone e do endereço de uma Charlotte Ceder. Imediatamente. Ela mora em Stocksund, ou pelo menos morava.

Ele afasta o telefone do ouvido de repente, uma expressão maliciosa no rosto. Erik pode ouvir a voz agitada de uma mulher do outro lado.

— O mesmo para você. Sim. Sim, *por favor*. — Joona faz uma pausa. — Certo, espere — diz enquanto pega uma caneta e faz uma anotação. — Muito obrigado.

Ele liga a seta para a esquerda e entra no tráfego.

— Ainda mora lá? — pergunta Erik.

— Não, mas estamos com sorte. Mora perto de Rimbo.

Erik sente uma pontada de ansiedade no estômago. Ele não sabe por que acha assustador Charlotte ter se mudado de Stocksund: talvez devesse interpretar isso como algo positivo.

— O condomínio Husby — diz Joona, inserindo um CD no aparelho. Aumenta o volume e se vira para Erik, como se pedisse desculpas. — É a música de minha mãe. Saija Varjus. — Ele balança a cabeça triste e acompanha: — *Dam dam da da di dum.*

A música triste toma o carro.

Quando ela acaba, os dois ficam sentados em silêncio por algum tempo. Depois Joona diz com uma entonação que parece quase surpresa:

— Não gosto mais de música finlandesa.

Ele pigarreia duas vezes.

— Achei adorável — diz Erik.

Joona sorri, olhando para ele rapidamente.

— Minha mãe estava lá quando se tornou a rainha do tango de Seinäjoki.

Uma neve úmida e pesada cai quando entram na 77, em Sätuna. O céu a leste está ficando escuro e é difícil ver as fazendas pelas quais passam no entardecer.

Joona tamborila no painel. O ar quente sai da ventilação com um zumbido baixo. Erik pode sentir os pés ficando úmidos no calor do carro.

— Certo, vamos ver o que encontramos aqui — diz Joona para si mesmo enquanto dirige pela pequena comunidade e entra em uma estrada reta e estreita entre campos escuros.

Eles podem ver, a distância, uma grande casa branca atrás de uma cerca alta. Estacionam do lado de fora dos portões abertos e caminham os últimos metros até a casa. Uma jovem de jaqueta de couro está limpando o caminho de cascalho. Parece assustada quando eles se aproximam. Um golden retriever pula ao redor de suas pernas.

— Charlotte — chama a mulher. — Charlotte!

Uma mulher surge contornando a lateral da casa enorme, carregando um grande saco de lixo preto atrás de si. Veste um colete rosa, um grosso suéter cinza, jeans desbotados e galochas.

Charlotte, pensa Erik. Realmente é Charlotte.

A mulher esguia e distante com suas roupas elegantes e os cabelos curtos bem-cuidados desapareceu. A pessoa que vai na direção deles parece completamente diferente. Os cabelos são compridos e grisalhos, presos em uma trança grossa. O rosto está cheio de pés de galinha e ela não usa

nenhuma maquiagem. Está mais bonita do que nunca, pensa Erik. Quando ela o vê, seu rosto se ruboriza bastante. A princípio, olha espantada; depois dá um grande sorriso.

— Erik! — diz ela, e sua voz é a mesma: grave, articulada e calorosa. Ela solta o saco de lixo e agarra suas mãos. — É realmente você? É maravilhoso vê-lo de novo.

Ela diz olá a Joona e fica algum tempo de pé apenas olhando para eles. Uma mulher muito corpulenta abre a porta da frente. Tem uma tatuagem no pescoço e veste um casaco preto com capuz.

— Precisa de alguma ajuda? — grita ela.

— São amigos meus — grita Charlotte de volta, dispensando-a com um gesto.

Charlotte sorri enquanto a mulher grande fecha a porta.

— Eu… eu transformei este lugar em um abrigo para mulheres. Há muito espaço, então recebo mulheres que precisam se afastar, ou como você preferir definir. Deixo que morem aqui. Cozinhamos juntas, cuidamos dos estábulos, até que se sintam prontas para voltar, prontas para fazer as coisas a seu próprio modo. A coisa toda é muito objetiva e honesta.

— Charlotte, isso parece maravilhoso! — exclama Erik.

Ela assente e faz um gesto na direção da porta, nos convidando a entrar.

— Charlotte, precisamos encontrar Eva Blau — diz Erik. — Lembra-se dela?

— Claro que me lembro dela. Foi minha primeira hóspede aqui. Eu tinha os quartos na ala…

Ela se interrompe, mas recomeça.

— É estranho você mencionar Eva. Ela me ligou há mais ou menos uma semana.

— O que ela queria?

— Estava com raiva.

— Sim — diz Erik, suspirando.

— Por que estava com raiva? — pergunta Joona.

Charlotte respira fundo. Erik ouve o vento soprando nos galhos nus das árvores. Alguém tentou construir um boneco de neve com a pequena quantidade que caiu, uma figura de aparência infeliz e caída.

— Estava com raiva de Erik.

Ele sente um arrepio na pele ao pensar no rosto anguloso de Eva Blau, sua voz agressiva, os olhos brilhando e o nariz com a ponta cruelmente cortada.

— Acho que muita gente ficou aborrecida quando soube que você estava praticando hipnose de novo, Erik.

— Foi um caso especial.

Ela segura as mãos dele.

— Eu nunca pensei, nunca acreditei… — Ela faz uma pausa. — Você me ajudou. Daquela vez quando eu vi… Você se lembra?

— Lembro — diz Erik em voz baixa.

Charlotte sorri para ele.

— Foi o suficiente para mim. Eu entrei na casa assombrada. Levantei os olhos e vi a pessoa que tinha me ferido.

— Eu sei.

— Nunca teria acontecido sem você, Erik.

— Sim, mas…

— Algo dentro de mim se tornou íntegro novamente — diz, apontando para o coração.

— Onde Eva está agora?

Charlotte franze o cenho.

— Quando recebeu alta, ela se mudou para um apartamento no centro de Åkersberga e se tornou testemunha de Jeová. No início mantivemos contato, eu a ajudei financeiramente, mas depois não nos vimos mais. Ela achava que estava sendo perseguida. Continuava falando sobre conseguir proteção, dizendo que o mal estava atrás dela. — Charlotte olha para Erik. — Você parece triste — conclui.

— Meu filho está desaparecido. Eva é a nossa única pista.

A expressão de Charlotte está perturbada.

— Lamento, Erik. Espero que o encontre.

— Você sabe qual é o nome dela? — pergunta Joona.

— Está se referindo a seu nome de verdade? Ela não contou isso a ninguém. Talvez ela mesma não saiba.

— Certo.

— Mas ela se identificou como Veronica quando me telefonou.

— Veronica?

— Vem da história do véu de Verônica, aquela passagem da Bíblia em que Verônica enxuga o rosto de Jesus.

Eles se abraçam rapidamente, depois Erik e Joona se apressam em direção ao carro. Enquanto dirigem rumo sul, para Estocolmo, Joona liga para Anja e pede que ela procure alguém chamada Veronica no centro de Åkersberga, e pede o endereço das testemunhas de Jeová, seja o escritório ou o Salão do Reino. Erik mal ouve, a cabeça pesada de exaustão. Ele sente os olhos começando a fechar.

"Sim, Anja, estou anotando." Erik ouve Joona dizer. "Västra Banvägen… espere, Stationsvägen 5, certo, obrigado."

78

quarta-feira, 16 de dezembro: tarde

Erik acorda quando estão descendo uma longa colina ao lado de um campo de golfe.

— Quase lá — avisa Joona.

— Adormeci — diz Erik, basicamente para si mesmo.

— Eva Blau ligou para Charlotte no mesmo dia em que você apareceu em todos os jornais — Joona reflete.

— E no dia seguinte Benjamin foi sequestrado — diz Erik.

— Porque alguém localizou você.

— Ou porque eu quebrei minha promessa de nunca mais hipnotizar alguém.

— E nesse caso a culpa é minha — conclui Joona.

Erik não sabe o que dizer.

— Desculpe-me — diz Joona, os olhos fixos na estrada.

Eles passam por uma loja com vitrines quebradas. Joona olha pelo retrovisor. Uma mulher envolta em um xale varre cacos de vidro na calçada.

— Não sei o que aconteceu com Eva — diz Erik. — De tempos em tempos, um paciente frustra você completamente. É como se o meu tratamento agravasse o quadro dela. Ela colocou a culpa de tudo em mim e na hipnose, se tornou delirante, se feriu e no final… Eu nunca deveria tê-la aceitado no grupo. Nunca deveria ter hipnotizado ninguém.

— Mas você ajudou Charlotte — observa Joona.

— Assim parece — diz Erik em voz baixa.

Pouco depois de uma rotatória, eles cruzam uma linha de trem, entram à esquerda em uma quadra poliesportiva, cruzam um rio e param diante de um grande prédio cinza.

Joona aponta para o porta-luvas.

— Poderia me passar minha arma, por favor?

Erik abre o compartimento e entrega-lhe a pesada arma. Joona verifica o cano e o pente e confirma que a trava de segurança está em posição antes de deslizar a arma para o bolso.

Eles atravessam rapidamente o estacionamento, passando por um parque com balanços, caixa de areia e trepa-trepa.

Erik indica o caminho para a entrada principal. Levanta o olhar e vê enfeites natalinos piscando e parabólicas em praticamente todas as varandas.

Uma mulher idosa está do lado de dentro da porta fechada, apoiada em um andador com rodas. Joona bate e acena alegremente. Ela olha para eles e balança a cabeça. Joona mostra sua identificação pelo vidro, mas ela se limita a balançar a cabeça mais uma vez. Erik vasculha os bolsos e encontra um envelope com um recibo que deveria entregar no departamento financeiro. Vai até o vidro, bate nele e ergue o envelope. A mulher então vai até a porta e aperta o botão para destravá-la.

— É o correio? — pergunta com a voz trêmula.

— Entrega especial — responde Erik.

— Há choros e gritos demais aqui — sussurra a mulher na direção do saguão.

— O que disse? — pergunta Joona.

Erik olha para a relação de nomes e encontra Veronica Andersson no segundo andar. A escada estreita está coberta de grafites. Um cheiro rançoso sai da lixeira. A luz da luminária fluorescente pisca no teto. Eles localizam a porta certa e Joona toca a campainha. Pegadas enlameadas de botas de criança sobem e descem as escadas.

Ninguém atende.

— Tente de novo — diz Erik.

Joona abre a caixa de correio e diz que há uma carta de *A Sentinela*. Erik vê a cabeça do detetive recuar, como se tivesse levado um choque.

— O que é isso?

— Não sei, mas quero que espere do lado de fora — diz Joona, sua expressão tensa sob a luz que pisca.

— Não.

— Vou entrar sozinho.

Algo cai no chão em um dos apartamentos vizinhos. Joona estende o braço e tenta a maçaneta. Não está trancada. Um cheiro forte sai quando a porta é aberta. Joona saca a arma e gesticula com firmeza para que Erik fique onde está.

79

quarta-feira, 16 de dezembro: tarde

Erik tampa o nariz e a boca com a mão. O coração bate forte no peito e o sangue queima suas orelhas. O silêncio dentro do cômodo é terrivelmente agourento. Benjamin não pode estar ali. Todas as luzes da escada se apagam ao mesmo tempo e a escuridão o envolve. De repente Joona está de pé na sua frente de novo.

— Acho que você terá de entrar, Erik — diz ele.

Eles entram e Joona acende a luz principal. A porta do banheiro está escancarada. O cheiro de podridão é insuportável. Eva Blau está deitada no box vazio. O rosto está inchado e moscas andam ao redor da boca e zumbem no ar. A blusa azul puxada para cima, a barriga inchada e azul-esverdeada. Profundas incisões negras correm pelos dois braços. O tecido da blusa e seu cabelo louro estão grudados de sangue coagulado. A pele está cinza-clara, e uma rede marrom de veias pode ser vista com clareza sobre o corpo. O sangue estagnado apodreceu dentro do sistema vascular. Pilhas de pequenos ovos amarelos colocados pelas moscas podem ser vistos nos cantos dos olhos e ao redor da boca e das narinas. O sangue inundou o ralo e escorreu para o pequeno tapete do banheiro, cujas beiradas têm uma cor escurecida. Uma faca de cozinha suja de sangue está caída no box ao lado do corpo.

— É ela? — pergunta Joona.

— Sim. É Eva.

— Ela está morta há pelo menos uma semana. O estômago teve tempo de inchar bastante.

— Percebi — fala Erik.

— Então não foi ela quem levou Benjamin — afirma Joona.

— Preciso pensar — diz Erik. — Eu estava muito certo.

Ele olha pela janela. Há um prédio baixo de tijolos do outro lado da linha do trem. Eva podia ver o Salão do Reino de sua janela. Erik imagina que isso provavelmente fazia com que ela se sentisse mais segura.

80

quinta-feira, 17 de dezembro: manhã

Simone sente gosto de sangue. Ela mordeu o lábio inferior sem perceber. Está sentada ao lado do leito do pai em um quarto mal iluminado no hospital St. Göran. Ele está ali há dias enquanto os médicos tentam descobrir qual a gravidade de seu estado. Ela só sabe que Kennet foi atropelado por um carro e que o impacto poderia tê-lo matado. Sua cabeça dói como se uma bola de aço rolasse dentro do crânio. Ela perdeu Erik, pode ter perdido Benjamin, e agora é possível que também perca o pai.

Simone não sabe quantas vezes já fez isso, no entanto, apenas por segurança, pega o celular, confere que está funcionando e o recoloca no bolso interno da bolsa, onde será fácil pegá-lo na hipótese remota de que toque.

Ela se inclina sobre o pai e arruma os cobertores. Ele está dormindo, mas não produz som algum. Simone sempre ficava impressionada com isso: é provável que Kennet Sträng seja o único homem do mundo que não faz um ruído quando dorme.

A cabeça dele está enrolada em bandagens branco-giz, sob as quais se projeta uma sombra escura, um hematoma cor de berinjela que se estende por uma das bochechas. Ele parece péssimo: o hematoma, a pele acinzentada, o nariz inchado, a boca caída para o lado.

Mas não está morto, pensa ela. Está vivo. E Benjamin também está vivo: ela sabe disso, tem de estar.

Simone se levanta e anda de um lado para o outro. Pensa na conversa que teve com o pai outro dia, logo após sair do apartamento de Sim Shulman e ir para casa, pouco antes do acidente. Ele dissera que havia encontrado Wailord e ia a um lugar chamado “o mar”, em algum ponto em Loudden.

Ela olha novamente para o pai. O sono é profundo.

— Pai?

Ela se arrepende no mesmo instante de ter falado. Ele não acorda, mas uma expressão perturbada passa por seu rosto, como uma nuvem. Simone toca com cuidado o ferimento no lábio inferior. Seu olhar pousa sobre as velas natalinas na janela. Um pouco de Natal este ano, pensa ela. Olha para os próprios sapatos dentro dos protetores feitos de plástico azul. A dor de cabeça lateja em suas têmporas. Ela estremece e aperta mais o cardigã ao redor do corpo, embora não esteja com frio. Pensa em uma tarde muitos anos antes, quando ela e Kennet viram sua mãe acenar e depois desaparecer em seu pequeno Fiat verde.

De repente, Kennet geme bem baixinho.

— Papai — diz ela, como uma criancinha.

Ele abre os olhos. Parecem fora de foco, não totalmente despertos. O branco de um olho está coberto de sangue.

— Papai, sou eu — diz Simone. — Como está se sentindo?

O olhar dele passa por ela. Então fica com medo que ele não consiga enxergar.

— Sixan?

— Estou aqui, pai.

Ela se senta ao lado dele e pega sua mão com delicadeza. Os olhos dele se fecham de novo, as sobrancelhas se contraem, como se sentisse dor.

— Pai, como está se sentindo? — pergunta mais uma vez.

Ele tenta dar um tapinha na mão dela, mas não consegue.

— Logo estarei de pé — diz ele, ofegante. — Não se preocupe comigo.

Silêncio. Simone tenta controlar os pensamentos, afastar a ansiedade que quer tomar conta dela. Não quer pressioná-lo no estado em que está, mas o pânico a obriga a fazer uma tentativa.

— Pai? — arrisca, insegura — Lembra-se do que estávamos falando pouco antes do acidente?

Ele olha cansado para ela e balança a cabeça negativamente.

— Você disse que sabia onde Wailord estava. Falou sobre o mar. Disse que estava indo para o mar.

Os olhos de Kennet tremem. Ele tenta se sentar, mas cai deitado com um gemido.

— Pai, me conte, preciso saber onde é. Quem é Wailord? Quem é ele?

Ele abre a boca, o queixo tremendo enquanto responde.

— Uma… criança… É… uma criança.

— O que você está dizendo?

Mas Kennet fechou os olhos e já não parece capaz de ouvi-la. Simone vai até a janela e olha para o complexo hospitalar. Pode sentir uma corrente de ar frio. Há uma faixa de sujeira no vidro. Quando respira na frente dele, pode ver a impressão do rosto de outra pessoa na condensação por um rápido momento. Alguém mais ficou exatamente naquele lugar, apoiado no vidro da janela.

A igreja, na calçada oposta, está escura, a iluminação da rua refletida em suas janelas pretas em arco. Ela pensa na mensagem de Benjamin para Aida, dizendo para não deixar Nicky ir para o mar.

— Aida — diz em voz alta. — Eu vou ver Aida, e desta vez ela vai me contar tudo.

81

quinta-feira, 17 de dezembro: manhã

É Nicky quem abre a porta quando Simone toca a campainha. Ele olha para ela surpreso.

— Oi, Nicky — diz.

— Consegui algumas cartas novas — conta ele, ansioso.

— Isso é ótimo — diz ela.

— São cartas de meninas, mas muitas delas são realmente fortes.

— Sua irmã está em casa? — pergunta Simone, dando um tapinha no braço dele.

— Aida! Aida! — Nicky corre pelo corredor escuro e desaparece dentro do apartamento.

Simone espera na entrada. Então ouve um estranho barulho de encanamento, algo chacoalhando levemente, e depois de algum tempo vê uma mulher emaciada e curvada andando na sua direção. Está puxando atrás dela um carrinho com um tanque de oxigênio. Uma mangueira vai do tanque à mulher, bombeando oxigênio para suas narinas por finos tubos plásticos transparentes.

A mulher bate no peito com um pequeno punho fechado.

— En… fisema — chia ela. Seu rosto enrugado se contrai em um doloroso e debilitante acesso de tosse.

Quando para, afinal, acena para que Simone entre. Elas caminham juntas pelo longo corredor escuro, até uma sala de estar cheia de móveis pesados. No chão, entre um aparelho de som com portas de vidro e uma televisão baixa, Nicky brinca com suas cartas de Pokémon. Aida está sentada no sofá marrom, enfiado entre duas grandes palmeiras decorativas.

Simone mal a reconhece. Não está usando maquiagem alguma. Seu rosto é doce e muito jovem. Os cabelos foram escovados até brilhar e estão presos em um rabo de cavalo arrumado. Não fosse pelo cigarro na mão trêmula, pareceria uma criança.

— Olá, Aida — diz Simone. — Como tem passado?

Aida dá de ombros. Parece ter chorado. Dá uma tragada no cigarro e ergue um pires verde até a ponta em brasa, como se tivesse medo de derrubar cinza nos móveis.

— Sen… te-se — chia a mãe dela para Simone, que se instala em uma de duas grandes poltronas colocadas ao lado do sofá, da mesa e das palmeiras.

Aida bate a cinza no pires verde.

— Estou vindo do hospital — diz Simone. — Meu pai foi atropelado por um carro. Estava indo para o mar, encontrar Wailord.

Nicky de repente se coloca de pé. O rosto está muito vermelho.

— Wailord está com raiva, muita raiva, muita raiva.

Simone se vira para Aida, que engole em seco e depois fecha os olhos.

— O que é isso? — pergunta Simone. — Quem é Wailord? O que está acontecendo?

Aida apaga o cigarro e depois diz, vacilante.

— Eles desapareceram.

— Quem?

— Uma gangue que costumava ser horrível conosco. Nicky e eu. Eram terríveis, eles iam me marcar, iam fazer… — Aida fica em silêncio e olha para a mãe, que faz um som de desprezo. — Eles iam fazer uma fogueira… com a mamãe — diz Aida lentamente.

— Merda… Foda-se — chia a mãe na outra poltrona.

— Eles usam nomes de Pokémon, são chamados Azelf, Magmortar ou Lucario. Algumas vezes mudam de nome. Você nunca sabe o que estão fazendo.

— São quantos?

— Não sei, talvez apenas cinco — responde. — São apenas garotos. O mais velho tem mais ou menos a minha idade, o mais novo, só uns 6 anos. Mas decidiram que todo mundo que mora aqui tem de dar algo a eles — diz Aida, olhando Simone nos olhos pela primeira vez. Seus olhos têm cor de âmbar, bonitos, claros, porém cheios de medo. — Os menores tinham de dar doces ou canetas — continua, com a voz fraca. — Davam todo o dinheiro para não serem espancados. Outros davam suas coisas: celulares, jogos de Nintendo. Pegaram minha jaqueta, pegaram cigarros. E Nicky, eles

costumavam bater nele, pegavam tudo o que tinha, eram horríveis com ele. — A voz desaparece e lágrimas surgem nos olhos.

— Eles levaram Benjamin?

A mãe de Aida gesticula.

— Aquele… garoto… não… é… bom.

— Responda, Aida — diz Simone secamente. — Você vai me dar uma resposta!

— Não… grite… com… minha… filha — sibila a mãe.

Simone ignora a mulher encolhida e diz, com mais firmeza ainda:

— Você vai me dizer o que sabe, está me escutando?

Aida engole em seco.

— Não sei muito — diz, finalmente. — Benjamin interferiu, disse que não devíamos dar mais nada aos garotos. Wailord ficou louco, disse que isso era uma declaração de guerra e exigiu muito dinheiro de nós.

Ela acende outro cigarro, dá uma tragada, bate a cinza cuidadosamente no pires verde e continua.

— Quando Wailord descobriu a doença de Benjamin, deu agulhas aos outros para arranhá-lo. — A garota para e dá de ombros.

— O que aconteceu? — pergunta Simone de maneira ríspida.

Aida morde os lábios e tira um fiapo de tabaco da língua.

— O que aconteceu?

— Wailord simplesmente parou — sussurrou ela. — Desapareceu de repente. Eu vi os outros garotos por aí, foram atrás de Nicky outro dia. Agora estão perseguindo alguém que usa o nome de Ariados, mas não é a mesma coisa. Estão confusos e desesperados desde que Wailord desapareceu.

— Quando foi isso? Quando Wailord desapareceu?

Aida pensa na pergunta.

— Acho… acho que foi na última quarta-feira. Três dias antes de Benjamin desaparecer — diz, a boca começando a tremer, e continua em um sussurro. — Wailord o pegou. Wailord fez alguma coisa terrível a ele. E agora está se escondendo.

Ela começa a soluçar, alto e convulsivamente. A mãe se levanta com dificuldade, pega o cigarro da mão dela e o apaga lentamente no pires verde.

— Maldita… monstruosidade — chia a mãe.

Simone não tem ideia de sobre quem ela está falando.

— Quem é ele? — pergunta Simone de novo. — Qual é o verdadeiro nome de Wailord? Você tem de me dizer quem ele é.

— Eu não sei — grita Aida. — *Eu não sei!*

Simone pega a fotografia do gramado e dos arbustos em frente a uma cerca marrom.

— Eu achei isso no computador de Benjamin — diz ela com firmeza.

Aida olha para a impressão, o rosto inexpressivo.

— Onde é isso? — pergunta Simone.

Aida dá de ombros e olha rapidamente para a mãe.

— Não tenho ideia — diz, em tom monocórdio, devolvendo a fotografia.

— Mas você mandou isso para ele — diz Simone, com raiva. — Veio de você, Aida.

A garota desvia os olhos, procurando a mãe mais uma vez, sentada com o tanque de oxigênio sibilante a seus pés.

Simone sacode a folha de papel diante do rosto dela.

— Olhe para isso, Aida. Olhe de novo. Por que mandou isso para meu filho?

— Era só uma brincadeira — sussurra.

— Uma brincadeira?

Aida assente.

— Gostaria de viver aqui, Benjamin? Algo assim — diz sem firmeza.

— Não acredito em você — diz Simone, teimosa. — Conte a verdade!

A mãe de Aida se esforça para levantar novamente e gesticula para Simone.

— Saia da minha casa. Vocês acham que podem vir aqui e fazer a porra que quiserem com quem quiserem.

— Por que está mentindo? — pergunta Simone quando Aida por fim olha para ela.

A garota parece profundamente infeliz.

— Desculpe-me — diz com voz abafada. — Desculpe-me.

Ao sair, Simone se encontra com Nicky. Ele está de pé na escuridão do corredor, esfregando os olhos.

— Eu não tenho poder. Sou um Pokémon inútil.

— Tenho certeza de que isso não é verdade — reage Simone. — Estou certa de que você tem poderes.

82

quinta-feira, 17 de dezembro: tarde

Quando Simone volta ao quarto de Kennet, ele está sentado na cama. Seu rosto tem um pouco mais de cor e ele ostenta uma expressão irônica, satisfeita consigo mesmo, como se soubesse que ela estava prestes a chegar.

Ela vai até a cama, se inclina, sorri e encosta a bochecha gentilmente na dele.

— Sabe com o que sonhei, Sixan? — pergunta ele.

— Não.

— Sonhei com meu pai.

— Com o vovô?

Ele ri baixo.

— Pode imaginar? Ele estava de pé em sua oficina com um grande sorriso, suando. *Meu garoto*. Foi só o que ele disse. Ainda posso sentir o cheiro de diesel. — Kennet balança a cabeça com cuidado.

Simone engole em seco. Ela sente um nó dolorido e insuportável na garganta.

— Pai — sussurra ela. — Você se lembra do que estava me dizendo pouco antes de o carro atingi-lo?

Ele olha para ela, a expressão séria, e de repente é como se uma luz se acendesse atrás de seus olhos penetrantes e inteligentes.

— Você se lembra, pai?

— Eu me lembro de tudo.

Ele tenta se levantar, mas se move rápido demais e cai de volta na cama.

— Ajude-me, Simone — diz, impaciente. — Temos de nos apressar, não posso ficar aqui.

Ele passa a mão sobre os olhos, pigarreia e estende os braços.

— Segure-me — ordena ele, e dessa vez, com a ajuda de Simone, consegue se sentar na cama e colocar as pernas para fora. Descansa um pouco, com a respiração pesada.

— Preciso das minhas roupas.

Simone tira as roupas dele do armário rapidamente. Ela o está ajudando com as meias quando um médico jovem abre a porta.

— Estou indo embora daqui — diz Kennet, beligerante, antes que o homem entre no quarto.

Simone se levanta.

— Boa tarde — diz ela, cumprimentando o jovem médico. — Simone Bark.

— Ola Tuvefjäll — diz ele, parecendo ligeiramente confuso ao se virar para Kennet, que está ocupado fechando o zíper das calças.

— Escute — diz Kennet, enfiando a barra da camisa para dentro do cós. — Lamento que não possamos ficar, mas esta é uma emergência.

— Não posso obrigá-lo a ficar aqui — diz o médico com calma —, mas o aconselharia a não sair. Você sofreu um golpe muito violento na cabeça e ainda não determinamos a extensão e a gravidade dos outros ferimentos. Pode estar se sentindo bem no momento, mas graves complicações podem surgir a qualquer hora.

Kennet vai até a pia e joga água fria no rosto.

— Elas não serão menos complicadas aqui do que lá fora — diz ele.

— A decisão é sua — diz o médico.

— Como eu disse, lamento — repete Kennet, levantando-se. — Mas tenho de ir ao mar.

O médico parece confuso enquanto vê os dois andarem pelo corredor, com Kennet se apoiando na parede.

— Para onde estamos indo? — pergunta Simone, e pela primeira vez Kennet não protesta quando ela pega o lugar do motorista. Simplesmente senta-se ao lado dela e coloca o cinto de segurança. — Pai, você tem de me dizer para onde vamos — repete. — Como chegamos lá?

Ele dirige um olhar estranho para ela.

— Para o mar… Preciso pensar. — Ele reclina-se no banco, fecha os olhos e fica em silêncio por algum tempo.

É um erro, pensa ela, ele não está em condições de fazer isso. Eu tenho de levá-lo de volta. Mas de repente ele abre os olhos e fala claramente.

— Pegue a Sankt Eriksgatan depois da ponte e entre à direita na Odengatan. Vá direto até a estação Östra, siga pela Valhallavägen no sentido leste até o Instituto Sueco de Cinema e entre na Lindarängsvägen. Esse caminho nos leva até o porto.

— Quem precisa de GPS? — diz Simone, com um sorriso, enquanto entra no tráfego pesado.

Conforme vai ultrapassando os carros, Simone conta a ele sobre sua visita a Aida.

— Fico pensando… — diz Kennet reflexivo, mas então para.

— O quê?

— Fico pensando se os pais têm alguma ideia do que seus filhos fazem.

Simone olha de lado para ele rapidamente. Estão passando pela igreja de Gustav Adolf. Ela tem um vislumbre de uma longa procissão de crianças vestindo túnicas. Levam velas e passam lentamente pela porta da igreja.

— Extorsão, agressão, violência e ameaças — acrescenta Simone, cansada. — Os queridinhos da mamãe e do papai.

Ela pensa no dia em que foi a Tensta, ao estúdio de tatuagem. Os garotos segurando a menininha além do parapeito. Eles não sentiram medo algum. Tinham sido ameaçadores, perigosos. Ela se lembra de Benjamin tentando impedi-la de enfrentar o garoto na estação do metrô. Deveria ser um deles. Era um dos que usam nomes de Pokémons.

— O que há de errado com as pessoas? — pergunta retoricamente Simone.

— Eu não sofri um acidente, Sixan. Eu fui empurrado para a frente de um carro — diz Kennet de repente, incisivo. — E eu vi quem fez isso.

— Empurrado? Quem fez isso?

— Foi um deles. Uma criança, uma menininha.

Enfeites de Natal brilham nas janelas escuras do Instituto de Cinema. A temperatura subiu um pouco e a estrada está coberta de neve que começa a derreter. Nuvens grossas e pesadas pairam sobre o parque: parece que uma tempestade logo cairá sobre os donos de cães e seus animais felizes.

Loudden é um promontório a leste do porto de Estocolmo. No final dos anos 1920, um cais de petróleo com quase cem tanques foi construído ali. A

área é composta de prédios industriais baixos, uma usina de purificação de água, um porto de contêineres, depósitos subterrâneos e docas.

Kennet pega o cartão amassado que encontrou na carteira do garoto.

— Louddsvägen 18 — diz, fazendo um gesto para que Simone pare o carro. Ela encosta em uma área asfaltada limitada por altas cercas de metal.

— Vamos percorrer a pé o último trecho — diz Kennet, soltando o cinto de segurança.

Eles passam por entre tanques enormes com lances de degraus estreitos serpenteando ao redor das estruturas cilíndricas. Todas as superfícies estão marcadas por ferrugem: os corrimões, entre as placas de metal curvas e soldadas.

Cai uma chuva fina e fria. O crepúsculo não irá demorar, e então não conseguirão ver nada. Não há postes de iluminação em lugar algum. Passagens estreitas foram mantidas entre as grandes pilhas de enormes contêineres de navios: amarelos, vermelhos, azuis, dispostos de modo a criar becos estreitos. Seguem em meio aos tanques, ao cais de carga e aos escritórios baixos. Perto da água, o prédio principal se eleva com seus guindastes, suas rampas, barcaças e docas secas.

Um depósito baixo, com uma picape Ford suja estacionada na frente, forma um ângulo com um grande armazém de alumínio corrugado. Letras adesivas, parcialmente descoladas, foram colocadas na janela escura do depósito: O MAR. Abaixo, as letras menores foram arrancadas, mas ainda é possível ler as palavras na poeira: CLUBE DE MERGULHO. Uma pesada barra está pendurada ao lado da porta.

83

quinta-feira, 17 de dezembro: tarde

Kennet espera um segundo, escutando, depois abre a porta cautelosamente. Está escuro dentro do pequeno escritório, que não contém nada além de uma escrivaninha, algumas cadeiras dobráveis de plástico e dois tanques de oxigênio enferrujados. Na parede há um cartaz amassado mostrando peixes exóticos em águas verde-esmeralda. É óbvio que o clube de mergulho já não funciona ali. Talvez tenha se mudado, ou falido e deixado de existir.

Um ventilador começa a girar e uma porta interna estala. Kennet leva um dedo aos lábios. Eles ouvem claramente sons de passos. Avançando, Kennet escancara a porta para uma grande área de depósito. Alguém foge, correndo na escuridão. Kennet começa a persegui-lo, mas de repente grita.

— Pai? — berra Simone.

Ela não pode vê-lo, mas ouve sua voz. Ele xinga e manda que tome cuidado.

— Colocaram arame farpado.

Há um estrondo metálico no piso de concreto. Kennet começou a correr de novo. Simone o acompanha, passando com cuidado por sobre o arame farpado e seguindo para o espaço amplo. O ar é frio e úmido. Está escuro, ela para um momento para se orientar. Ouve passos rápidos ao longe.

A luz do holofote de um guindaste de contêineres brilha através de uma janela suja, e Simone vê uma figura junto a uma empilhadeira. É um garoto com o rosto coberto por uma máscara cinza, feita de tecido ou papelão. Está ligeiramente agachado e tem um de cano de ferro na mão.

Kennet está se aproximando dele, andando rápido junto a fileiras de estantes de metal.

— Atrás da empilhadeira — grita Simone.

O garoto mascarado corre e arremessa o cano de metal na direção de Kennet. O carro gira no ar e passa logo acima da cabeça de Kennet.

— Espere, só queremos falar com você — grita o velho policial.

O garoto se joga contra uma porta de metal, que se abre com um estampido. A luz penetra enquanto o garoto corre.

— Ele está fugindo — sibila Kennet, esticando o braço na direção da porta.

A neve derretida deixou o terreno traiçoeiro, e Simone escorrega no píer molhado enquanto os segue. Ao se levantar, vê o pai correndo pela beirada da doca. De um lado do caminho há uma longa queda até a água escura e gelada, enormes blocos de gelo estalando na escuridão. Ela corre, seguindo os dois vultos à sua frente. Sabe que se tropeçar e deslizar pela borda, não demorará para que a água gelada a paralise: afundaria como uma pedra com seu casaco grosso e as botas cheias da água escura do inverno.

Ela pensa na jornalista que foi assassinada enquanto dirigia pelo cais com um amigo. O carro, mergulhado na água como um samburá pesado, foi engolido pela lama mole e desapareceu.

Ela está sem fôlego quando alcança Kennet, tremendo de medo e do esforço. As costas estão encharcadas de chuva. Kennet espera por ela, curvado; a bandagem ao redor da cabeça se soltou e um fio de sangue escorre do nariz. Sua respiração parece áspera e dolorosa. Uma máscara de papelão está caída no chão. Começou a se desintegrar na chuva, e, quando o vento bate, ela rodopia no ar e desaparece.

— Merda — diz Kennet.

Afastam-se da água enquanto a escuridão aumenta ao redor deles. A chuva diminuiu, mas um vento forte começou a soprar, uivando entre as enormes construções metálicas. Eles passam por um comprido dique seco retangular e Simone ouve o vento assobiando abaixo. Há pneus de trator pendurados na lateral por correntes enferrujadas para servir de amortecedores. Ela baixa o olhar para o enorme espaço vazio aberto na rocha, um vasto poço com paredes grosseiras estabilizadas com concreto e reforçadas com aço. Quarenta e cinco metros abaixo, ela vê um piso de cimento com enormes plintos de concreto.

Uma lona sacode ao vento e a luz de um guindaste oscila nas paredes perpendiculares do dique seco. De repente Simone vê alguém se escondendo atrás de um plinto de concreto no fundo.

Kennet a vê parar e olha para ela, curioso. Sem falar, ela aponta para o dique seco. A figura agachada se afasta da luz.

Kennet e Simone disparam na direção de uns degraus estreitos grudados à parede. O vulto começa a correr na direção de algo que parece uma porta lá embaixo. Kennet agarra o corrimão enquanto desce correndo os degraus íngremes, escorrega, mas recupera o equilíbrio. Há um cheiro pesado e amargo de metal, ferrugem e chuva. Mantendo-se junto à parede, eles continuam a descer, seus passos ecoando nas profundezas do dique seco.

O fundo da doca está coberto por vários centímetros de água. Simone estremece ao sentir a água gelada penetrando em suas botas.

— Para onde vamos? — grita ela.

Kennet se movimenta entre os enormes blocos, grandes o bastante para manter um navio no lugar quando a doca é esvaziada. Ele aponta para o lugar onde o garoto desapareceu.

— Não é uma porta, é uma espécie de ventilação — diz, olhando para dentro, mas sem ver nada. Sem fôlego, ele passa a mão sobre a testa e o pescoço. — Saia daí. É o suficiente — ele bufa.

Eles ouvem um som rascante, pesado e ritmado. Kennet começa a engatinhar para dentro da ventilação.

— Cuidado, pai.

Ouvem o barulho de algo batendo, e então a comporta começa a ranger. De repente há um chiado ensurdecedor e Simone percebe o que está acontecendo.

— Ele está deixando a água entrar — grita ela.

— Há uma escada aqui — berra Kennet.

Com uma pressão terrível, jatos finos de água gelada começam a jorrar para dentro do dique seco pela pequena abertura da comporta. Enquanto esta continua se abrindo, a água começa a entrar na forma de uma catarata ensurdecedora. Simone corre na direção dos degraus, mas o enorme espaço se enche rapidamente, e logo ela está tentando andar com água gelada na altura dos joelhos. A luz do guindaste bruxuleia nas paredes irregulares. A corrente forte de água se transforma em poderosos redemoinhos, arrastando Simone para trás. Ela se choca contra um grande suporte de metal e sente uma dor lancinante. Um oceano de água escura a está engolindo. Chorando de pânico, ela chega aos degraus e se lança na direção do corrimão, agarrando-o com firmeza e buscando apoio com os pés dormentes. Por fim, passo a passo, ela consegue chegar acima do nível da água, afastando-se.

Quando já está distante o suficiente, ela se vira. Não consegue ver o pai. A água cobriu totalmente a ventilação na parede. As comportas estão guinchando. Seu corpo treme de medo e frio, mas ela continua, os pulmões queimam. Então o rugido da água começa a diminuir lentamente. As comportas se fecham e a água para de entrar. Ela arfa, sofrendo para recuperar o fôlego. Perdeu toda a sensibilidade na mão que segura o corrimão. Suas roupas estão pesadas, pressionando as coxas. Ela recomeça a subida, sem saber o que a espera no alto.

Kennet está na outra extremidade do dique seco. Acena para ela. Segura um garoto pelo braço e o conduz na direção dos contêineres.

Simone os acompanha a distância, passando pelos contêineres e os enormes tanques, até chegarem ao carro.

A expressão de Kennet é estranha. Simone não consegue interpretá-la. O garoto está ali passivamente, a cabeça caída.

— Onde está Benjamin? — grita Simone antes mesmo de chegar até eles.

O garoto não responde. Ela agarra seus ombros e o vira, então recua com o que vê, arfando.

O nariz do garoto foi cortado.

Parecia que alguém havia tentado suturar o ferimento, mas com pressa e sem qualquer conhecimento médico. A expressão do garoto é de total apatia. O vento uiva. Os três entram no carro, Kennet com o garoto no banco de trás. Tremendo de maneira incontrolável, Simone liga o motor para ter aquecimento. As janelas embaçam rapidamente. Ela acha uma barra de chocolate e a oferece ao garoto. O interior do carro está muito silencioso.

— Onde está Benjamin? — pergunta Kennet de modo ríspido.

O garoto olha para os próprios joelhos. Mastiga o chocolate e engole com dificuldade.

— Você vai nos contar tudo, está escutando?

— Você bateu em crianças, roubou dinheiro delas — diz Simone.

— Eu agora não existo — sussurra ele.

— Por que fez isso? — pergunta Kennet.

— Apenas era assim quando nós…

— Apenas era assim? — corta Kennet. — Onde estão os outros?

— Como posso saber? Talvez estejam em outras gangues agora — diz o garoto. — Ouvi que Jerker está.

— Você é Wailord?

A boca do garoto treme.

— Eu agora parei — responde ele sem firmeza. — Juro que parei.

— Onde está Benjamin? — pergunta Simone, guinchando.

— Não sei — responde ele rapidamente. — Nunca mais vou machucá-lo de novo, juro.

— Escute bem — diz Simone. — Eu sou a mãe dele. Eu preciso saber.

Mas ela é interrompida pelo garoto, que começa a balançar para a frente e para trás, soluçando pateticamente e repetindo sem parar:

— Eu juro, eu juro, eu juro, eu juro, eu juro…

Kennet coloca a mão no braço de Simone.

— Temos de levá-lo — diz, desolado. — Ele precisa de ajuda.

84

quinta-feira, 17 de dezembro: noite

O garoto que chamava a si mesmo de Wailord na verdade era Birk Jansson, e seu último endereço conhecido era o de uma família adotiva em Husby. No Hospital Infantil Astrid Lindgren, para onde Kennet o levou após deixar Simone, descobriu-se que ele estava desidratado e subnutrido: foram encontrados ferimentos infeccionados em seu corpo e queimaduras leves de gelo nos dedos das mãos e dos pés. O Serviço Social foi chamado, o responsável pelo caso do menino acionado.

Quando Kennet estava prestes a sair, Birk começou a chorar.

— Por favor, fique — sussurrou, a mão cobrindo o nariz mutilado.

Kennet podia sentir o pulso do menino muito acelerado, e seu nariz ainda sangrava da corrida. Ele parou junto à porta.

— Eu espero aqui com você, Birk, mas com uma condição — disse, sentando-se em uma cadeira verde junto ao garoto. — Você tem de me contar tudo o que sabe sobre o desaparecimento de Benjamin.

Kennet ficou lá durante as duas horas que o assistente social demorou a chegar, sentindo-se cada vez mais tonto e tentando fazer o garoto falar. Na verdade, ele só conseguiu descobrir que alguém ou algo assustara tanto Birk que ele havia parado de atormentar Benjamin. Nem sequer parecia saber que Benjamin desaparecera.

No carro, Kennet telefona para saber de Simone. Ela responde que dormiu um pouco e estava pensando em tomar uma bela dose de conhaque.

— Boa ideia. Estou indo falar com Aida — diz Kennet.

— Pergunte a ela sobre aquela fotografia da grama e da cerca. Tenho certeza de que ela não me contou a verdade.

Em Sundbyberg, Kennet estaciona no mesmo lugar de antes, perto da barraca de cachorro-quente. Está gelado, e alguns flocos de neve esparsos pousam no banco da frente quando ele abre a porta do carro. Imediatamente,

avista Aida e Nicky. Estão sentados em um banco de jardim junto a uma trilha asfaltada que leva ao lago Ulvsunda. Ela olha quando Nicky mostra algo. Tem um ar paciente que faz Kennet gostar dela. Fica observando um pouco mais. Algo nos dois o toca: o modo como parecem se relacionar e depender um do outro. Parecem tão solitários, tão abandonados. São quase 18 horas. Linhas de luzes da cidade refletem na superfície escura do lago.

Kennet sente a tontura desfocar sua visão por um momento. Ele atravessa a rua gelada com cuidado e caminha na direção do lago, cruzando a grama coberta de gelo.

— Olá para vocês — diz ele.

Nicky ergue o olhar.

— É você! — grita ele, indo abraçar Kennet.

— Aida — diz ele, entusiasmado —, Aida, é ele, o homem realmente velho!

Kennet abraça o garoto com força.

— Realmente velho, eu?

A garota tem um sorriso fraco, apreensivo. A ponta de seu nariz está brilhando, vermelha de frio.

— Benjamin? — pergunta Nicky. — Você o encontrou?

— Não, ainda não — responde Kennet, enquanto Nicky ri e continua a abraçá-lo e a pular ao redor dele.

— Aida — grita Nicky —, ele é tão velho que tiraram a arma dele!

Kennet senta-se ao lado de Aida no banco. Estão cercados por um denso e escuro bosque de árvores nuas.

— Vim dizer a vocês que Wailord está sob cuidados.

Aida se volta e olha para ele, a expressão cética.

— Os outros foram identificados — diz a ela. — Havia cinco deles, certo? Cinco personagens de Pokémon? Birk Jansson, o garoto que era Wailord, confessou tudo, mas não teve nada a ver com o desaparecimento de Benjamin.

Nicky ficou imóvel ao ouvir as palavras de Kennet, olhando para ele de boca aberta.

— Você derrotou Wailord? — pergunta.

— Sim — diz Kennet. — Ele está acabado.

Nicky começa a dançar na trilha novamente. Seu corpo enorme emite ondas de calor no ar frio. De repente ele para e olha para Kennet.

— Você é o Pokémon mais forte, você é o Pikachu! Você é o Pikachu!

Ele abraça Kennet feliz e Aida ri, o rosto expressando surpresa.

— Mas onde está Benjamin? — pergunta ela.

— Não sabemos, Aida. Eles podem ter feito muitas coisas idiotas, mas eles não levaram Benjamin.

— Quem mais poderia ser?

— Não sei — responde Kennet, pegando a foto que Aida enviou a Benjamin. — Aida, me diga a verdade sobre esta foto — diz, de forma gentil porém firme.

Seu rosto perde toda a cor e ela balança a cabeça.

— Eu prometi — diz ela em voz baixa.

— Promessas não contam quando é uma questão de vida ou morte.

Mas ela aperta os lábios e se vira.

Nicky se aproxima e olha a fotografia.

— Essa é a foto que a mãe deu a ele — diz ele alegremente.

— Nicky! — corta Aida.

— Bom, mas é — diz Nicky, indignado.

— Por que você não pode simplesmente ficar calado? — reclama Aida.

Kennet faz um gesto com a mão.

— Quietos. Simone deu esta foto a Benjamin? O que você quer dizer, Nicky?

Mas Nicky está olhando ansioso para Aida, esperando permissão para responder. Ela balança a cabeça. O crânio de Kennet dói do impacto do acidente, um latejar constante.

— Responda, Aida — ordena ele, esforçando-se para permanecer calmo. — Garanto que é errado ficar calada nesta situação.

— Mas a fotografia não tem nada a ver com isso — diz ela, infeliz. — Eu prometi a Benjamin não contar a ninguém, independentemente do que acontecesse.

— Apenas me fale sobre a fotografia!

Kennet ouve sua própria voz ecoando alto entre os prédios. Aida aperta os lábios ainda com mais força. Kennet a observa e se obriga a ficar calmo.

A voz dele soa insegura quando recomeça.

— Aida, por favor, escute com atenção. Sem o remédio, Benjamin morrerá se não o encontrarmos. Ele é o meu único neto e não posso deixar uma única pista passar sem investigá-la.

Há um completo silêncio por um momento. Então Aida, resignada, diz com a voz chorosa:

— Nicky já contou — fala, engolindo em seco antes de continuar. — A mãe dele deu essa foto.

— O que você quer dizer? — diz Kennet, olhando para Nicky, que assente, ansioso.

— Não Simone — diz Aida. — A verdadeira mãe dele.

Kennet sente uma onda de náusea tomar conta do seu corpo. De repente, seu peito inteiro é tomado por uma dor. Ele tenta respirar fundo algumas vezes e ouve seu coração batendo forte. Não agora, pensa ele. Você não pode morrer agora. Ele só tem tempo de pensar que está tendo um ataque cardíaco quando a dor diminui de repente.

— A verdadeira mãe dele?

— Sim.

Aida pega um maço de cigarros na mochila, mas, antes que tenha tempo de acender, Kennet tira-o gentilmente dela.

— Você não pode fumar — diz.

— Por que não?

— Tem menos de 18 anos.

Ela dá de ombros.

— Não importa.

— Bom — diz Kennet, sentindo sua mente trabalhar muito lentamente por alguma razão incompreensível.

Ele luta com a memória, buscando fatos relacionados ao nascimento de Benjamin. As imagens passam pela sua cabeça: o rosto de Simone, inchado de choro depois do aborto, e depois aquele verão em que ela vestia um enorme vestido florido, a gravidez já adiantada, resplandecente. Na maternidade, ela mostrou o bebê para ele: “Eis nosso homenzinho”, disse com um sorriso, os lábios tremendo. “Vamos chamá-lo de Benjamin, Filho da Mão Direita.”

Kennet esfrega os olhos com força e coça a cabeça sob a bandagem.

— Então, qual é o nome da… verdadeira mãe dele?

Aida olha para o outro lado do lago.

— Não sei — responde monocórdia. — Não sei mesmo, sinceramente. Mas ela disse seu nome a Benjamin. Ela sempre o chamava de Kasper. Ela era legal. Costumava esperar por ele depois da escola, ajudava com o dever de casa, e acho que deu dinheiro a ele. Acredito que realmente estava triste por ter sido obrigada a abrir mão dele.

Kennet ergue a foto.

— E isso? O que é isso?

Aida espia a impressão.

— É o túmulo da família, o túmulo que pertence à verdadeira família de Benjamin. Seus parentes estão enterrados lá.

85

quinta-feira, 17 de dezembro: noite

As poucas horas de luz do dia já acabaram e a escuridão se abateu sobre a cidade. Estrelas de Natal brilham em quase todas as janelas. Um denso aroma de uva sobe da taça de conhaque na mesa baixa da sala de estar. Simone está sentada no chão, olhando para esboços. Após chegar a casa, ela tirou as roupas molhadas, enrolou-se em um cobertor e adormeceu instantaneamente no sofá, acordando apenas com o telefonema de Kennet. Depois, Sim Shulman chegou.

Agora, em roupas de baixo, ela coloca os esboços em sequência: quatro folhas alinhadas mostrando os planos para uma instalação na galeria de arte de Tensta.

Shulman está conversando com o diretor da galeria no celular. Anda pela sala enquanto fala. O piso de parquê que range sob os pés dele de repente fica em silêncio. Simone percebe que ele se posicionou de modo a poder ver entre suas coxas. Ela pode sentir isso. Simone junta os esboços, pega sua taça e toma um gole, ignorando Shulman. Abre as pernas um pouquinho e imagina o olhar ardente penetrando. Ele está encerrando a conversa, ansioso para terminar. Simone deita de costas e fecha os olhos. Ela espera, sentindo o calor no baixo-ventre, o fluxo de sangue, a lenta umidade. Ela precisa sentir algo, *qualquer coisa*, para abafar os pensamentos em sua cabeça, para calar o pânico. Shulman parou de falar e se aproxima. Ela mantém os olhos fechados, abre as pernas um pouco mais. Ouve o barulho dele abrindo o zíper das calças. Então sente as mãos dele em seu quadril. Ele a vira de barriga para baixo, vigorosamente a coloca de joelhos, abaixa sua calcinha para as coxas e a penetra por trás. Ela, na verdade, não está preparada. Pode ver seus dedos espalhados no piso de carvalho. As unhas, as veias da mão. Tem de se segurar para não cair para a frente enquanto ele força para dentro dela, duro e só. O cheiro forte da grapa a deixa enjoada. Ela quer pedir a Shulman para parar, fazer de outra forma, começar novamente no quarto, do

jeito certo. Ele suspira fundo e ejacula dentro dela, sai e vai ao banheiro. Ela ajeita a calcinha e continua deitada no chão.

Não se levanta até Shulman ter tomado seu banho e sair do banheiro com uma toalha enrolada na cintura. Seus joelhos doem. Ela força um sorriso quando passa por ele, trancando a porta do banheiro atrás de si. Sente a vagina dolorida enquanto entra no banho. Uma estranha sensação de impotência ameaça tomar conta dela, eliminando seus pensamentos, suas esperanças, sua felicidade, mesmo quando a água quente molha seus cabelos, escorrendo pelo pescoço, pelos ombros e pelas costas. Ela se ensaboa e lava o corpo meticulosamente, depois passa um longo tempo com o rosto virado para cima, sob o suave fluxo de água.

Em meio ao som da água correndo, ela escuta uma série de batidas e se dá conta de que Shulman está batendo na porta do banheiro.

— Simone — grita ele. — Seu telefone está tocando.

— O quê?

— Seu telefone.

— Então atenda — diz, fechando a torneira.

— Também há alguém na porta.

— Deus do céu. Estou indo.

Ela sai do chuveiro, vendo sua imagem indefinida no espelho embaçado, um fantasma cinzento sem traços. Pega uma toalha limpa na prateleira e se seca, chutando de lado a lingerie abandonada no chão molhado. Ela só consegue ouvir um estranho zumbido vindo do exaustor do banheiro.

— Sim? Quem era?

Nenhuma resposta. Simone está prestes a gritar com ele, mas de repente não consegue. Não sabe por quê, mas seus sentidos estão em alerta, ficaram tensos, motivo pelo qual ela destranca a porta do banheiro com tanto cuidado, quase sem emitir um som, e espia do lado de fora. Um silêncio aterrorizante emana do apartamento. Ela sabe que há algo errado. Fica pensando se Shulman foi para casa, mas não ousa chamar.

86

quinta-feira, 17 de dezembro: noite

Simone ouve uma conversa sussurrada. Vindo da cozinha, talvez. Mas com quem Sim estaria conversando? Ela tenta esquecer o medo, mas o piso range e Simone vê pela abertura estreita alguém passar pelo banheiro — e não é Shulman. É uma pessoa muito menor, uma mulher com um agasalho esportivo volumoso. A mulher volta do corredor e Simone não tem tempo de se afastar da porta. Seus olhos se encontram através da pequena abertura. A mulher fica imóvel e os olhos arregalam-se de medo. Ela balança a cabeça rapidamente num gesto negativo para Simone e segue, pelo corredor, na direção da cozinha.

Simone fica de pé ali por um momento, processando essa nova informação, depois o olhar pousa nas pegadas ensanguentadas que os tênis do invasor deixaram no piso. De repente sua confusão é substituída por um terror tomado de pânico. Ela tem de sair do apartamento, simplesmente sair. Abre a porta do banheiro e se esgueira para o corredor, na direção do vestíbulo. Tenta se movimentar silenciosamente, mas pode ouvir o som da própria respiração e do piso rangendo com o peso dela. Alguém está resmungando e remexendo nas gavetas de facas da cozinha, e há algo amontoado no chão à sua frente.

Ela demora um pouco mais até compreender o que está olhando. É Shulman, de costas em frente à porta. Sangue escorre de um ferimento na garganta, bombeado devagar, ao ritmo de seu pulso cada vez mais fraco. Uma poça vermelho-escura se espalha por todo o piso. Ele olha para o teto, as pálpebras tremendo. Sua boca está aberta e flácida. Ao lado da mão, em meio aos sapatos no capacho, está seu telefone. Ela precisa pegá-lo, sair correndo do apartamento e chamar a polícia e uma ambulância. De repente, ouve passos atrás dela no vestíbulo. A jovem está voltando. O corpo todo treme e ela leva um dedo aos lábios.

— Não podemos sair por aí. A porta está trancada a chave — sussurra para Simone.

— Quem…

— Meu irmãozinho.

— Mas por quê…

— Ele acha que matou o hipnotista. Ele não viu, está pensando…

Algo quebra no chão da cozinha.

— Evelyn? O que você está fazendo? — grita Josef Ek. — Volte aqui!

— Esconda-se — sussurra a mulher.

— Onde estão as chaves?

— Estão com ele na cozinha — diz ela, correndo até o irmão.

Simone se esgueira pelo vestíbulo e entra no quarto de Benjamin. Está ofegante. Tenta fechar a boca, mas não consegue ar suficiente. O piso range, mas Josef Ek está falando alto na cozinha o tempo todo e parece não ouvir. Ela olha para o computador de Benjamin e corre para ligá-lo, e, no momento em que volta para o banheiro, ouve a melodia inicial do sistema operacional.

Há passos rápidos no corredor. Com o coração acelerado, ela espera alguns segundos, depois sai do quarto e entra na cozinha. O chão está coberto de facas e talheres e pegadas ensanguentadas. Ela ouve os dois irmãos se movimentando no quarto de Benjamin. Josef Ek xinga e joga coisas no chão.

— Olhe embaixo da cama! — grita Evelyn com a voz assustada.

Há um baque, a caixa com os mangás de Benjamin é arrastada para fora e Josef resmunga que não há ninguém ali.

— Ajude-me — diz ele, chutando a caixa com toda força.

— Tente o closet — sugere Evelyn rapidamente.

Ele abre a porta e começa a arrancar roupas de cabides, jogando-as para trás.

— Que porra é essa? — grita Josef.

— Calma, Josef. Ele pode estar no outro closet.

Um vidro se parte e passos pesados soam no corredor.

Simone passa por cima do corpo de Shulman. As pontas de seus dedos ainda tremem um pouco. Ela enfia a chave comprida na tranca. A mão treme violentamente.

— Josef — grita Evelyn, desesperada. — Olhe no quarto! Acho que ele está no quarto.

Enquanto Simone gira a chave, Josef Ek entra no vestíbulo e olha para ela, um rosnado raivoso subindo de sua garganta. Simone se atrapalha com a tranca, a mão escorrega, mas consegue girar. Josef tem uma faca de carne na mão. Hesita um momento, depois corre na direção dela. As mãos de Simone tremem tanto que ela não consegue girar a maçaneta. Evelyn corre para o vestíbulo e se joga nas pernas de Josef, tentando detê-lo, gritando para que pare. Sem olhar, ele vira a mão para trás e a corta com a faca, e Evelyn o solta. Simone consegue abrir a porta e, enquanto sai tropeçando para a escada, sua toalha cai. Josef para por um minuto e olha seu corpo nu. Atrás dele, Simone vê Evelyn esfregar a mão no sangue ao redor do corpo de Shulman e passá-lo sobre o rosto e a garganta e cair no chão.

— Josef, estou sangrando — grita ela. — Querido… Você me cortou!

Ela tosse e fica em silêncio, deitada de costas.

— Evelyn? — diz ele com a voz aterrorizada.

Ele volta ao vestíbulo, e, enquanto se curva sobre a irmã, Simone de repente vê a faca na mão de Evelyn. Ela dispara para cima como uma espécie de armadilha primitiva e penetra no espaço entre duas das costelas de Josef com força considerável. O corpo dele fica totalmente flácido. A cabeça inclina para um lado, ele cai no chão e permanece imóvel.

87

sexta-feira, 18 de dezembro: madrugada

No corredor do hospital Danderyd, Kennet passa por duas policiais que sussurram intensamente. No quarto atrás delas, vê uma jovem sentada em uma cadeira, olhando para o nada, um cobertor enrolado nos ombros. O rosto e os cabelos estão sujos de sangue. Está sentada com os pés ligeiramente voltados para dentro, distraída e de modo infantil. Ele supõe que é Evelyn Ek, irmã do assassino em série Josef Ek. Como se o ouvisse dizer seu nome, ela levanta o olhar diretamente para ele. Há uma expressão tão estranha em seus olhos — uma mistura de dor e choque, triunfo e arrependimento — que parece quase obscena. Kennet desvia os olhos de maneira instintiva, sentindo que viu algo particular, um tabu. Estremece. Você deveria estar feliz por estar aposentado, feliz por não ser aquele que terá de entrar naquele quarto, puxar uma cadeira e se sentar para interrogá-la. Ninguém deveria ter de carregar pelo resto da vida as coisas que ela tem a dizer sobre crescer com Josef Ek, pensa.

Um policial uniformizado com o rosto retangular e pálido monta guarda do lado de fora do quarto de Simone. Kennet o reconhece de seus tempos de trabalho, mas a princípio não consegue lembrar o nome dele.

— Kennet — diz o homem. — Tudo certo?

— Não.

— Foi o que ouvi.

De repente Kennet se lembra do nome, Reine, e do fato de a esposa dele ter morrido de forma inesperada pouco depois de o primeiro filho nascer.

— Reine — diz Kennet. — Sabe como Josef conseguiu entrar para ver a irmã?

— Ao que parece, ela simplesmente o deixou entrar.

— Por vontade própria?

— Não exatamente.

Reine explica que Evelyn diz ter acordado no meio da noite e ido até a porta da frente espiar pelo olho mágico. Viu o policial de plantão dormindo na escada. Mais cedo, na troca de guarda, ela o ouvira dizer ao colega que ele tinha crianças pequenas em casa. Evelyn não queria acordá-lo, então se sentou no sofá, onde mais uma vez olhou as fotos do álbum que Josef colocara em sua caixa, pensando se seria possível trocar de nome e mudar-se para o exterior. Quando fora à janela e espiara pela veneziana, pensara ter visto alguém de pé na calçada lá embaixo. Recuou no mesmo instante, esperou um pouco e espiou de novo. Nevava forte e a rua estava completamente deserta. A luminária suspensa entre os prédios balançava bastante com o vento forte. De repente, Evelyn sentiu um arrepio e esgueirou-se até a porta da frente, encostou ouvido na madeira e escutou. Teve a sensação de que havia alguém de pé do lado de fora. Josef tinha um cheiro particular, um cheiro de raiva, de substâncias químicas queimando. Evelyn achou que podia sentir o cheiro dele. Talvez estivesse imaginando coisas, mas permaneceu de pé junto à porta, com medo de olhar pelo olho mágico.

Depois de algum tempo, inclinou-se para a frente e sussurrou:

— Josef?

Não houve nenhum som do lado de fora. Ela estava prestes a voltar para dentro do apartamento quando o ouviu sussurrar do outro lado da porta.

— Abra.

Ela tentou não soluçar enquanto respondia:

— Sim.

— Achou que podia escapar?

— Não — sussurrou.

— Faça o que estou mandando.

— Não consigo.

— Olhe pelo olho mágico — ele disse.

— Não quero.

— Faça isso.

Tremendo, ela se inclinou na direção da porta. Podia ver a escadaria pela lente de aumento do olho mágico. O policial que adormecera ainda estava sentado na escada, mas uma poça escura de sangue se espalhava sob

ele no patamar. Ela via que ele ainda estava respirando. Também podia ver que Josef se escondia no limite externo do campo de visão circular da lente. Estava colado na parede, mas então saltou e bateu a mão sobre o olho mágico. Evelyn recuou e tropeçou em seus sapatos no vestíbulo.

— Abra a porta — disse ele. — Do contrário eu vou matar o guarda. Depois vou tocar as campainhas dos vizinhos e matá-los também. Começarei por este, na porta ao lado.

Evelyn não tinha mais forças. Ela se resignou. Nunca escaparia de Josef. Destrancou a porta e deixou o irmão entrar. Só pensou que preferia morrer a deixar que ele matasse mais alguém.

— O guarda dela vai sobreviver — diz Reine. — Ela o salvou fazendo o que o irmão mandou.

Ele explica a sequência dos acontecimentos o melhor que pode, com base no que lhe foi dito. Josef estava escondido na casa quando a polícia voltou para pegar os objetos pessoais de Evelyn, e os ouviu conversar sobre onde deixar a caixa. Quanto a Evelyn abrir a porta, Reine supõe que foi por ela querer ajudar o policial ferido e impedir mais derramamento de sangue.

Kennet balança a cabeça.

— Qual é o problema das pessoas? — murmura ele.

— Ela salvou a vida da sua filha — diz Reine.

Kennet bate suavemente na porta do quarto de Simone, depois a abre um pouco. Está escuro do lado de dentro. Em um sofá, ele vislumbra algo que pode ser a sua filha.

— Sixan — diz em voz baixa.

— Estou aqui, pai.

— Você quer esta escuridão? Posso acender a luz?

— Não suporto mais, pai — murmura ela. — Simplesmente não suporto.

Kennet se senta no sofá e coloca os braços ao redor da filha. Ela começa a chorar, soluços convulsivos, agoniados.

— Uma vez — sussurra ele, acariciando as costas dela —, quando estava passando pelo seu jardim de infância na viatura da polícia, eu a vi no parquinho. Estava de pé com o rosto contra a cerca, chorando: escorria catarro do nariz, seu rosto estava arranhado e sujo, e as funcionárias não

faziam nada para consolar você. Estavam de pé ali, conversando, totalmente indiferentes.

— O que você fez?

Essa era uma história que Simone já havia escutado muitas vezes, mas ela sempre perguntava.

— Parei o carro e fui até você — responde Kennet, sorrindo na escuridão. — Você parou de chorar, pegou minha mão e foi comigo. — Ele faz uma pausa. — Imagine que eu poderia pegá-la pela mão e levá-la para casa agora.

Ela concorda, apoia a cabeça no ombro dele e pergunta:

— Sabe alguma coisa sobre Sim?

Ele acaricia a bochecha dela e pensa se deve contar a verdade ou não. O médico explicara objetivamente que Shulman estava em coma. Perdera muito sangue e era improvável que sobrevivesse.

— Na verdade eles ainda não sabem — diz ele com cautela, suspira e continua. — Mas não parece nada bom, querida.

Ela soluça.

— Eu não aguento mais, eu não aguento mais.

— Calma, calma… Eu liguei para Erik. Ele está a caminho.

— Obrigada, pai.

Ele a acaricia de novo.

— Eu realmente não aguento mais — sussurra Simone.

— Não chore, pequena.

Ela chora ainda mais. Nesse momento, a porta se abre e Erik acende a luz. Vai na direção dela, senta do outro lado de Simone e diz:

— Graças a Deus que você está segura.

Ela apoia o rosto no peito dele.

— Erik — diz ela, quase sufocando no sobretudo dele.

Ele acaricia sua cabeça. Parece muito cansado, mas seus olhos estão límpidos e penetrantes. Ela acha que ele cheira a casa: cheira a família.

— Erik — diz Kennet. — Preciso lhe dizer algo muito importante. Também a você, Simone. Falei com Aida há pouco.

— Ela contou alguma coisa? — pergunta Simone.

— Eu queria que eles soubessem que havíamos capturado Wailord e os outros — diz Kennet. — Não queria que sentissem mais medo.

Erik olha para ele com curiosidade.

— É uma longa história. Conto tudo sobre isso quando tivermos tempo, mas… — Kennet respira fundo e continua com uma voz áspera e cansada. — Alguém entrou em contato com Benjamin alguns dias antes de ele desaparecer. Disse que era sua verdadeira mãe, sua mãe biológica.

Simone se afasta de Erik e olha para Kennet. Limpa o nariz com as costas da mão e pergunta com a voz aguda e fraca de tanto chorar:

— Sua *verdadeira* mãe?

Kennet assente.

— Aida disse que essa mulher deu dinheiro a Benjamin e o ajudou com o dever de casa.

— Isso não faz nenhum sentido — sussurra Simone.

— Ela até mesmo deu um nome diferente a ele.

Erik olha para Simone, depois para Kennet, e pede que continue.

— Segundo Aida, essa mulher alegou que o verdadeiro nome dele era Kasper.

Simone vê Erik tensionar o rosto e o súbito surto de medo a desperta completamente.

— O que houve, Erik?

— Kasper? — pergunta Erik. — Ela o chamou de Kasper?

— Sim — confirma Kennet. — Inicialmente Aida não queria contar nada. Havia prometido a Benjamin que…

Ele se interrompe. O rosto de Erik perdeu toda a cor. Ele se levanta, recua dois passos, esbarra em uma cadeira e sai apressado do quarto.

88

sexta-feira, 18 de dezembro: manhã

Erik desce correndo as escadas que levam ao saguão do hospital, passa por um grupo de adolescentes com flores e balões de gás, dispara pelo piso sujo, passando por um velho em uma cadeira de rodas, e sai pela porta principal. Desviando do tráfego, atravessa a rua apressado e salta por sobre os arbustos baixos plantados no perímetro do estacionamento de visitantes. As chaves já estão em sua mão enquanto corre pela fila de veículos sujos para chegar até seu carro. Liga o motor e dá marcha a ré com tal violência que a lateral de seu carro raspa no para-choque do carro ao lado.

A respiração dele ainda está acelerada quando vira na direção oeste. Dirige o mais rápido que pode, mas, ao se aproximar da escola Edsberg, uma fila de crianças atravessa a rua. Enquanto espera, pega o celular e liga para Joona.

— É Lydia Everson — diz, quase gritando.

— Quem.

— Lydia levou Benjamin! — continua. — Eu falei sobre ela. Foi quem fez a queixa contra mim.

— Vamos verificar — diz Joona.

— Estou a caminho.

— Dê o endereço.

— É uma casa na Tennisvägen, em Rotebro. Não lembro o número, mas é uma casa vermelha bem grande.

— Espere por mim em algum lugar na…

— Estou indo direto para lá.

— Não entre.

— Benjamin vai morrer se não tomar seu remédio.

— Espere por mim.

Erik encerra a ligação, acelerando enquanto acompanha a ferrovia que passa ao lado do lago estreito e comprido. De maneira alucinada, em frente à

fábrica de fermento ele ultrapassa outro carro, passando pela direita a poucos centímetros. Enquanto vira no supermercado da Co-op Forum, sente o sangue latejar nas têmporas.

Pouco mudou ali. A pizzaria foi substituída por um sushi bar e todos os quintais agora têm camas elásticas (são a última moda). Ele estaciona perto da mesma cerca de abetos de dez anos antes, quando ele e a assistente social foram visitar Lydia.

Enquanto olha para a casa de dentro do carro, quase pode sentir sua presença ali dez anos antes. Lembra que não havia nenhum sinal de crianças, nenhum brinquedo no jardim, nada indicando que Lydia era mãe. Por outro lado, eles na verdade não haviam olhado a casa toda. Apenas desceram para o porão e subiram novamente, e então Lydia correu atrás dele com a faca na mão. Ele se lembra da aparência dela ao passar a lâmina pelo pescoço sem desviar seu olhar do dele.

Mantendo a chave na ignição, ele abandona o carro sem sequer fechar a porta e sobe a encosta com pressa. Abre o portão e entra no jardim. Há poças de neve úmida na grama amarelada alta. Estalactites de gelo cintilam sob a calha quebrada. As mesmas cestas penduradas cheias de plantas mortas balançam junto à porta.

Ele tenta a maçaneta, mas a porta está trancada. Procura sob o capacho. Alguns bichos-de-conta saem correndo do retângulo molhado nos degraus de concreto. Nenhuma chave. Ele olha sob o corrimão de madeira: nenhuma chave ali também. Dá a volta até os fundos da casa, pega uma pedra decorativa no canteiro de flores e a arremessa na porta do pátio. A folha externa se parte e a pedra cai de volta na grama. Ele a apanha e a atira de novo, com mais força, derrubando a janela inteira. Destranca a porta e entra em um quarto com as paredes cobertas com imagens de anjos e do guru indiano Sai Baba.

— Benjamin — grita. — Benjamin!

89

sexta-feira, 18 de dezembro: manhã

Erik chama pelo filho, embora possa ver que o lugar está deserto. Tudo está escuro e imóvel na casa, com um cheiro abafado de poeira e tecido velho. Ele vai até o vestíbulo, abre a porta que leva ao porão e é recebido por um forte fedor, um cheiro pesado de cinzas, madeira calcinada e borracha queimada. Desce os degraus correndo, tropeça, bate com o ombro na parede e recupera o equilíbrio. As luzes não acendem, mas a luz do sol entra, por uma janela alta, em quantidade suficiente para deixar claro que houve um incêndio ali. Cinzas estalam sob seus pés. Grande parte da sala está preta de fuligem, mas alguns móveis parecem intactos. A mesa com a superfície azulejada tem apenas um pouco de fuligem, enquanto as velas perfumadas na bandeja, ao derreterem, fundiram-se em uma piscina multicolorida de cera sólida. Erik abre caminho até a porta que leva ao outro aposento. Ela pende das dobradiças, e o lado de dentro está totalmente enegrecido.

— Benjamin — diz ele, a voz tomada de medo.

Cinzas sobem para seu rosto e ele pisca, os olhos ardendo. No meio do piso, os restos do que parece uma jaula, grande o bastante para uma pessoa.

— Erik. — Uma voz o chama do andar de cima.

Ele para e escuta. As paredes estalam. Fragmentos queimados do revestimento do teto caem no chão. Ele se move lentamente na direção da escada. Ouve um cachorro latir ao longe.

— Erik!

É a voz de Joona. Ele está dentro da casa. Erik sobe as escadas. Joona olha para ele com uma expressão ansiosa.

— O que aconteceu?

— Houve um incêndio no porão — responde Erik.

— Mais nada?

Erik aponta de forma vaga para as escadas.

— Os restos de uma jaula.

— Eu trouxe um cachorro.

Joona cruza o vestíbulo com rapidez e abre a porta da frente. Acena para uma tratadora de cães uniformizada, uma mulher com os cabelos escuros em uma trança apertada. O labrador negro, o pelo bem-cuidado com brilho sedoso, caminha obediente nos seus calcanhares. A tratadora acena para Erik, depois se agacha na frente do cão e fala com ele. O animal se movimenta ansioso pela casa, farejando o tempo todo, respirando rápido, sempre procurando. A barriga do cão se move enquanto ele arfa, vasculhando sistematicamente cada aposento. Erik então sente ânsia de vômito e sai da casa. Dois policiais uniformizados conversam ao lado de um micro-ônibus da polícia. Ele passa pelo portão, vai na direção de seu carro, para e tira do bolso a caixinha com o papagaio e o nativo. Fica ali com ela nas mãos, depois vai até um bueiro e esvazia seu conteúdo por entre as barras da grade de ferro. Com a testa coberta de suor frio, umedece os lábios como se estivesse prestes a dizer algo após um longo silêncio, mas então joga fora também a caixa e ouve o barulho quando ela atinge a superfície da água.

Ao voltar ao jardim, Joona está de pé do lado de fora da casa. Ele encontra o olhar de Erik e balança a cabeça. Erik entra. A tratadora está ajoelhada, dando tapinhas no labrador e acariciando a pele atrás das orelhas.

— Você foi ao porão? — pergunta Erik.

— Claro — responde ela sem levantar o olhar.

— No aposento interno?

— Sim.

— Talvez as cinzas impeçam o cachorro de sentir o cheiro.

— Rocky pode encontrar um cadáver sob a água a uma profundidade de sessenta metros — diz ela.

— E quanto aos vivos?

— Se houvesse algo aqui, Rocky teria descoberto.

— Mas vocês ainda não estiveram do lado de fora — diz Joona, que seguira Erik até o interior da casa.

— Não sabia que devíamos fazer isso — diz a tratadora.

— Sim — responde Joona secamente.

Ela dá de ombros e se levanta.

— Então venha — diz ela para o labrador com uma voz grave e grossa. — Vamos sair e dar uma olhada? Vamos dar uma olhada?

Erik vai com eles. O cão se movimenta com rapidez de um lado para o outro sobre a grama alta, farejando ao redor do barril de chuva, onde uma camada opaca de gelo se formou na superfície, procurando entre as velhas árvores frutíferas. O céu está escuro e nublado. Erik percebe que o vizinho acendeu as luzes de Natal penduradas em uma árvore. O ar está muito frio. Joona permanece perto da tratadora e do cão, apontando em uma direção específica de tempos em tempos. Erik os acompanha até os fundos da casa. De repente, reconhece a pilha de pedras no canto mais distante do jardim. É o lugar na fotografia, pensa ele. A fotografia que Aida mandou para Benjamin antes de ele desaparecer. Erik respira intensamente. O cão fareja em torno do adubo, vai até a pilha de pedras e a fareja, arfa, trota ao redor dela, fareja entre arbustos baixos e na base da cerca marrom, volta, trota ao redor de uma cesta de folhas e vai até um pequeno canteiro de ervas. Plaquinhas de madeira com pacotes de sementes presos a elas mostram o que foi plantado nas várias fileiras. O labrador preto geme desconfortável e depois se deita no meio do pequeno canteiro. Cola o corpo inteiro na terra úmida recém-cavada. O corpo do cachorro treme de excitação e a expressão da tratadora é de profunda tristeza enquanto o elogia. Joona gira nos calcanhares, corre de volta e para na frente de Erik, recusando-se a deixá-lo ir ao local. Erik não tem ideia do que ele grita, o que tenta fazer, mas Joona o afasta do local e para fora do jardim.

— Eu tenho de saber — diz Erik com a voz trêmula.

Joona concorda.

— O cachorro indicou que há um cadáver humano no terreno.

Erik sente o corpo inteiro desmoronar. Cai na calçada. Fecha os olhos quando vê os policiais saindo do ônibus carregando pás.

Erik Maria Bark está sentado sozinho no carro de Joona Linna, olhando pelo vidro. Grandes galhos negros sobre um céu escuro de inverno. Sua boca está seca, a cabeça dói e o rosto e o couro cabeludo coçam. Ele sussurra alguma coisa para si mesmo, sai do carro, passa por cima da fita da polícia que isola a área e caminha ao redor da casa sobre a grama alta e congelada. Joona observa os policiais uniformizados com as pás. Eles trabalham em um

silêncio obstinado, os movimentos quase mecânicos. Todo o pequeno canteiro foi escavado. No momento, não passa de um grande buraco retangular. Ao lado dele está uma lona plástica sobre a qual foram colocados pedaços enlameados de roupas e fragmentos de ossos. O ruído das pás continua, o metal golpeia as pedras, a escavação é interrompida e os policiais se empertigam. Erik se aproxima lentamente, os passos pesados e relutantes. Joona se vira e sorri com todo o seu rosto cansado.

— O que é? — sussurra Erik.

Joona vai ao encontro dele, olha Erik nos olhos e diz:

— Não é Benjamin.

— Não é?

— O corpo ficou aqui pelo menos dez anos.

Erik pensa por um momento.

— É uma criança?

O rosto de Joona escurece.

— Uns 5 anos — responde.

— Então Lydia teve um filho — conclui Erik, estremecendo.

90

sábado, 19 de dezembro: manhã

Uma neve pesada e molhada cai, e um cachorro corre de um lado para outro em uma área de lazer ao lado do quartel-general da polícia, latindo empolgado para a neve, saltando alegremente entre os flocos, mordendo o ar e se sacudindo. A visão do animal aperta o coração de Erik. Ele esqueceu como é simplesmente existir. Esqueceu como é não pensar o tempo todo em uma vida sem Benjamin.

Ele se sente enjoado e suas mãos tremem. Não tomou um único comprimido em quase 24 horas e não dormiu nada na noite anterior.

Enquanto caminha na direção da entrada principal, ele pensa nos antigos padrões de tecidos decorativos que Simone um dia mostrou a ele em uma exposição de artesanato feminino. Eram como imagens do céu em dias como este: nublados, densos, cinza e fofos.

Simone espera no corredor do lado de fora da sala de interrogatório. Quando vê Erik, vai encontrá-lo e segura suas mãos. Por algum motivo ele se sente grato pelo gesto. Ela parece pálida e calma.

— Você não precisava vir — sussurra ela.

— Kennet contou que você me queria aqui.

Ela balança a cabeça quase imperceptivelmente.

— Eu só estou tão… — diz, fazendo uma pausa e pigarreando. — Senti tanta raiva de você — conclui com serenidade. Os olhos estão úmidos e vermelhos.

— Eu sei, Simone.

— Você pelo menos tem seus comprimidos — diz de maneira ácida.

Ela se vira e olha pela janela. Erik observa seu corpo magro, os braços abraçando o tronco. Um vento frio entra pela ventilação sob a janela.

A porta da sala de interrogatório se abre e uma mulher corpulenta de uniforme os chama.

— Podem entrar agora — diz, sorrindo gentilmente, os lábios em tom rosa brilhante. — Meu nome é Anja Larsson e vou tomar o depoimento de vocês — diz a Erik e Simone, estendendo a mão impecável. As unhas são compridas, pintadas de vermelho com pontas brilhantes. — Achei que era natalino — diz ela alegremente.

— Bonito — diz Simone, distraída.

Joona Linna já está sentado na sala. Seu paletó encontra-se no encosto da cadeira. Seus cabelos louros estão emaranhados e não parecem ter sido lavados. Ele não fez a barba. Enquanto se sentam em frente a Joona, este olha de modo sério e pensativo para Erik.

Simone pigarreia baixo e toma um gole de seu copo d'água. Quando o pousa, esbarra na mão de Erik. Eles se olham e os lábios dela emitem um *desculpe-me* silencioso.

Anja Larsson coloca o gravador digital na mesa entre eles, aperta o botão de gravar, verifica se a luz vermelha acendeu, depois fala rapidamente a hora e a data e relaciona as pessoas presentes na sala. Depois pausa, inclina a cabeça para um lado e diz com a voz clara e amistosa.

— Certo, Simone, gostaríamos de ouvir o que aconteceu em seu apartamento na noite de anteontem.

Simone assente, olha para Erik e baixa o olhar.

— Eu… eu estava em casa… — Para de falar.

— Estava sozinha? — pergunta Anja Larsson.

Simone balança a cabeça.

— Sim Shulman estava comigo — diz em tom neutro.

Joona faz uma anotação em seu bloco.

— Pode nos dizer como acha que Josef e Evelyn Ek entraram no apartamento? — pergunta Anja Larsson.

— Realmente não sei, eu estava no banho — diz Simone lentamente, e por um momento o rosto fica corado. A cor desaparece quase de imediato, mas deixa um brilho quente em suas bochechas.

— Eu estava no banho e Sim gritou que havia alguém na porta… Não, espere, ele gritou que meu telefone estava tocando.

Anja Larsson então repete:

— Você estava no banho e ouviu Sim Shulman gritar que o seu telefone estava tocando.

— Sim — sussurra Simone. — Eu disse para ele atender.

— Quem era?

— Não sei.

— Mas ele atendeu?

— Acho que sim, tenho quase certeza de que sim.

— A que horas foi isso? — pergunta Joona de repente.

Simone dá um pulo, como se não tivesse percebido a presença dele até aquele momento.

— Não sei — responde ela em tom de quem se desculpa, virando o rosto para ele.

Ele não sorri, simplesmente insiste.

— Aproximadamente.

Simone dá de ombros e diz, hesitante:

— Cinco.

— Não 4? — pergunta Joona.

— O que você quer dizer?

— Apenas quero saber — ele responde.

— Mas você já sabe isso — diz Simone a Anja.

— Cinco, então — diz Joona, anotando a hora.

— O que estavam fazendo antes de você tomar banho? — pergunta Anja. — É mais fácil lembrar o horário quando você repassa o dia inteiro.

Simone balança a cabeça. Parece muito cansada, quase letárgica. Não olha para Erik. Ele está sentado em silêncio ao lado dela, o coração acelerado.

— Não sabia — diz ele de repente, depois para. Ela o olha. Ele tenta de novo. — Não sabia que você e Shulman estavam…

Ela confirma balançando a cabeça.

— Aconteceu.

Erik olha para ela, para a policial e para Joona.

— Desculpe interromper — ele gagueja.

Anja se vira para Simone mais uma vez, em tom indulgente.

— Vamos continuar. Sim Shulman gritou que o seu telefone estava tocando.

— Ele foi ao vestíbulo e… — Simone para, então se corrige novamente. — Não, não foi isso que aconteceu. Eu ouvi Sim dizer: "Também há alguém na porta", ou algo assim. Terminei meu banho, me sequei e perguntei quem era. Mas ele não respondeu. Abri a porta com cuidado e vi…

— Por que com cuidado? — pergunta Joona.

— Como?

— Por que você abriu a porta com cuidado, e não da forma como normalmente abriria?

— Não sei. Quando ele não respondeu eu senti… que havia algo no ar, parecia ameaçador… Não sei explicar.

— Você tinha ouvido algo?

— Acho que não — diz Simone, olhando para a frente.

Anja a estimula.

— Continue.

— Vi uma garota pela abertura da porta. Havia uma garota de pé no corredor, estava olhando para mim, parecia assustada e fez um sinal para que eu me escondesse. — Simone franze a testa. — Fui até o vestíbulo e Sim estava lá, deitado no chão… Havia muito sangue, e mais saindo o tempo todo. Suas pálpebras tremiam e ele tentava mexer as mãos.

A voz de Simone fica mais densa, e Erik percebe que ela está se esforçando para não chorar. Ele gostaria de consolar sua esposa, apoiá-la, pegar sua mão ou colocar o braço ao redor dela. Mas não sabe se ela ficaria aborrecida ou o afastaria caso tentasse.

— Devemos fazer uma pausa? — pergunta Anja gentilmente.

— Eu… Eu… — Simone para de falar e leva o copo d'água aos lábios, as mãos tremendo violentamente. Ela engole e esfrega os olhos com a mão. — A porta da frente estava trancada — continua, com a voz mais firme. — A garota disse que ele estava com a chave na cozinha, então me esgueirei até o quarto de Benjamin e liguei o computador.

— Por que fez isso? — pergunta Anja.

— O… computador toca uma musiquinha quando liga. Queria que ele pensasse que eu estava lá. Queria que ouvisse o computador e fosse até lá,

então eu poderia pegar a chave.

— Ele? De quem está falando?

— Josef.

— Josef Ek?

— Sim.

— Como sabia que era ele?

— Na hora eu não sabia.

— Entendo — diz Anja. — Continue.

— Liguei o computador e depois me escondi no banheiro até ouvir que se encaminhavam para o quarto de Benjamin. Então me esgueirei para a cozinha e peguei a chave. A garota continuava tentando convencer Josef a olhar em diferentes lugares, para atrasá-lo. Eu podia ouvi-los, mas acho que esbarrei em algo no vestíbulo, porque de repente Josef foi atrás de mim. A garota tentou impedi-lo, jogou os braços ao redor de suas pernas e… — Ela engole em seco. — Não sei como, ele conseguiu se libertar. Então a garota fingiu ter sido cortada, se sujou com o sangue de Sim, deitou-se e se fez de morta.

Simone fica em silêncio por um momento: soava como se tivesse dificuldade para respirar.

Anja a estimula novamente.

— Continue, Simone.

Simone balança a cabeça concordando.

— Josef a viu e voltou, e, quando se curvou, ela o atingiu com a faca na lateral do corpo.

— Você viu quem esfaqueou Sim Shulman?

— Foi Josef.

— Você viu acontecer?

— Não.

A sala ficou em silêncio.

— Evelyn Ek salvou minha vida — sussurra Simone.

— Há algo que gostaria de acrescentar?

— Não.

— Nesse caso, obrigada por sua cooperação. Este interrogatório está encerrado — diz Anja, estendendo um dedo cintilante para interromper a

gravação.

— Espere — diz Joona, erguendo a mão. — Quem ligou para você?

Simone olha para ele, confusa. É como se já tivesse se esquecido dele.

— No seu celular. Quem telefonou?

— Não sei — diz, sacudindo a cabeça. — Nem sequer sei onde meu telefone foi parar.

— Sem problema — diz Joona calmamente. — Vamos descobrir.

Anja Larsson espera um momento, olha para eles de modo inquisitivo e então desliga o gravador.

Simone se levanta sem olhar para ninguém e sai lentamente da sala. Erik acena para Joona e depois a acompanha.

— Espere — diz Erik.

Ela para e se vira.

— Espere. Eu só quero…

Ele se cala, vê seu rosto nu e vulnerável, as sardas cor de areia, a boca larga e os olhos verde-claros. Sem uma palavra, eles se abraçam, cansados e tristes.

— Está tudo bem — diz ele. — Está tudo bem.

Ele beija seu cabelo, seu cabelo encaracolado louro-avermelhado.

— Não sei de mais nada — sussurra ela.

— Posso descobrir se eles têm um quarto onde você possa descansar.

Ela o afasta devagar e sacode a cabeça.

— Vou procurar meu telefone — diz, determinada. — Preciso saber quem estava ligando quando Shulman atendeu.

Joona sai da sala de interrogatório com o paletó jogado sobre um ombro.

— O telefone de Simone está aqui? — pergunta Erik.

Joona aponta com a cabeça para Anja Larsson, que segue na direção dos elevadores no fundo do saguão.

— Anja deve saber — responde.

Erik está prestes a correr atrás dela quando Joona ergue a mão para contê-lo. Ele pega o seu celular e faz uma ligação. Eles veem Anja parar e atender o dela.

— Uma última coisa, meu tesouro — diz Joona. Ela se vira com uma expressão irritada e espera enquanto eles caminham em sua direção. — Você

tem a relação de itens que mandamos para o laboratório?

— Não está concluída. Você terá de descer e verificar.

Eles caminham com ela até o elevador, que range ao se movimentar. Anja salta no segundo andar e acena para eles enquanto as portas se fecham.

No térreo, Joona, Erik e Simone caminham apressados pelo corredor, até o departamento de perícia. De uma limpeza antisséptica, surpreendentemente o departamento é quase radiante. A maior parte da equipe veste jalecos de laboratório. Joona aperta a mão de um homem muito gordo que se apresenta como Erixon e que os leva a outra sala, onde alguns objetos estão espalhados em uma mesa de tampo de aço. Erik os reconhece. Duas facas de cozinha com manchas pretas, em potes metálicos distintos. Vê uma toalha conhecida, o carpete do vestíbulo, vários pares de calçados e o celular de Simone em um saco plástico. Joona aponta para o telefone.

— Gostaríamos de dar uma olhada nisso — diz. — Já terminaram com ele?

O gordo vai até a lista presa junto aos objetos. Olha para o papel e diz, hesitante:

— Acho que sim… Sim, terminamos com o lado de fora dele.

Joona tira o telefone, o limpa com uma toalha de papel e o entrega a Simone. Concentrando-se, ela clica na lista de chamadas, murmura algo para si mesma, coloca a mão sobre a boca e reprime o choro quando olha para a tela.

— Foi… foi Benjamin — gagueja. — A última chamada foi de Benjamin.

Eles se reúnem ao redor do telefone. O nome de Benjamin pisca duas vezes antes de a bateria acabar.

— Shulman falou com Benjamin? — pergunta Erik erguendo a voz.

— Não sei — responde ela com a voz fraca.

— Mas ele atendeu, não foi? Só quero esclarecer isso.

— Eu estava no banho. Acho que ele atendeu o telefone antes de…

— Você obviamente pode ver se foi uma porra de uma chamada atendida ou não.

— Foi uma chamada atendida — interrompe ela. — Mas não sei se Sim teve tempo de ouvir ou dizer alguma coisa antes de abrir a porta para Josef.

— Eu não quis parecer irritado — diz Erik, se esforçando para permanecer calmo —, mas temos de saber se Benjamin disse algo.

Simone se vira para Joona.

— Atualmente as ligações de celular não são todas guardadas?

— Poderia levar semanas para localizarmos esta específica — responde.

Erik coloca a mão no braço de Simone.

— Temos de falar com Shulman.

— É impossível. Ele está em coma — diz ela, soando aborrecida. — Eu falei que ele estava em coma.

— Venha comigo — diz Erik a Simone, e sai da sala.

91

sábado, 19 de dezembro: tarde

Sentada ao lado de Erik no carro, Simone olha para ele de tempos em tempos. A estrada, um canal de neve semiderretida marrom e cinza no meio, passa por eles, os carros à frente se movendo em intermináveis linhas piscantes de tráfego. A luz dos postes passa de maneira monótona. Ela suspira levemente e olha ao seu redor no carro. Lixo espalhado pelo banco traseiro e no chão: garrafas de água vazias, latas de refrigerante, uma caixa de pizza, jornais, copos descartáveis, pacotes vazios de salgadinhos, embalagens de doces.

Erik dirige de forma tranquila para o hospital Danderyd, onde Sim Shulman está em coma, e sabe exatamente o que fará quando chegar lá. Ele espia Simone. Ela perdeu peso e os cantos da boca estão curvados para baixo, a expressão ansiosa e infeliz.

Pessoalmente, Erik se sente quase terrivelmente concentrado. Após dias de confusão, os acontecimentos do passado recente são iluminados por uma luz brilhante e fria. Ele pensa que finalmente entende o que aconteceu a ele e sua família.

— Quando nos demos conta de que Josef não poderia ter levado Benjamin, Joona pediu que eu pensasse no passado — explica ele, e olha para Simone de modo a confirmar que ela está escutando. — E comecei a vasculhar o passado em busca de alguém que quisesse se vingar de mim.

— E o que descobriu? — pergunta Simone.

Com o canto do olho, ele vê que ela virou o rosto na sua direção.

— Descobri o grupo de hipnose que deixei para trás há dez anos. Eu não pensava nele havia muito tempo. Aquela parte da minha vida, minha carreira, parecia encerrada. Mas agora, tentando lembrar, é como se o grupo nunca tivesse desaparecido. Ele apena estava ligeiramente de lado, esperando.

Simone assente. Erik continua falando, ele tenta explicar suas teorias relativas ao grupo de hipnose, as tensões entre os indivíduos, sua própria

ação de equilíbrio e a confiança que havia sido destruída.

— Quando fracassei em tudo, prometi nunca mais hipnotizar ninguém.

— Eu sei, Erik.

— Mas quebrei minha promessa, porque Joona me convenceu de que era a única forma de salvar Evelyn Ek.

— Acha que é por isso, porque você hipnotizou Josef, que tudo isso nos aconteceu?

— Não sei, Simone. É possível que tenha despertado um ódio por mim, que estava enterrado bem fundo e adormecido, contido apenas por minha promessa de nunca mais praticar a hipnose. Lembra-se de Eva Blau? — continua ele. — Ela entrava e saía de um estado psicótico. Você sabe que ela me ameaçou, jurou destruir a minha vida.

— Nunca entendi por quê — diz Simone em voz baixa.

— Ela tinha medo de alguém. Achei que era paranoia, mas agora estou quase certo de que ela era ameaçada por Lydia.

— Só porque você é paranoico não significa que não estejam atrás de você — diz Simone, dando um sorriso rápido.

Erik entra no complexo azul espelhado do hospital Danderyd.

— Talvez Lydia tenha cortado o rosto de Eva — fala, quase para si mesmo.

Simone desperta.

— Cortou o rosto dela?

— Achei que ela mesma tinha feito. Automutilação clássica — diz Erik. — Achei que tinha cortado a ponta do próprio nariz em uma tentativa desesperada de sentir algo diferente, de parar de sentir o que realmente causava a sua dor…

— Espere um minuto — interrompe Simone. — Está dizendo que o nariz dela foi cortado?

— A ponta do nariz.

— Erik, papai e eu encontramos um garoto com a ponta do nariz cortada. Papai não contou? Alguém o ameaçou, o assustou e o feriu porque ele estava perseguindo Benjamin.

— Foi Lydia.

— Foi ela quem sequestrou Benjamin?

— Sim.

— O que ela quer?

Erik olha para ela com a expressão séria.

— Você deve lembrar algo a respeito — diz ele. — Lydia admitiu sob hipnose que mantinha o filho Kasper trancado em uma jaula no porão e o obrigava a comer comida podre.

— Kasper?

— Quando Kennet me contou o que Aida disse, que essa mulher dissera a Benjamin que seu verdadeiro nome era Kasper, eu soube que era Lydia.

— Mas na verdade ela não tinha nenhum filho.

— Estou chegando lá. Fui até a casa dela em Rotebro e invadi, mas o lugar estava deserto.

Ele acelera pelas filas de carros estacionados, mas não há vaga, então retorna à entrada.

— Houve um incêndio no porão — continua Erik. — Supus que fora intencional, mas os restos de uma grande jaula ainda estavam lá.

— Mas não havia jaula — diz Simone. — Eles disseram que ela não tinha filhos.

— Joona levou um cachorro. Ele achou os restos de uma criança enterrada no jardim. Há dez anos.

— Ai, meu Deus — sussurra Simone.

— Sim.

— Foi quando…

— Acho que ela matou a criança no porão quando se deu conta de que havia sido descoberta.

— Então você estava certo o tempo todo.

— Ao que parece.

— Ela quer matar Benjamin?

— Não sei. Podemos presumir que ela pense que a culpa de tudo isso é minha. Se eu não a tivesse hipnotizado, ela teria conseguido ficar com a criança.

Erik se cala, pensando na voz de Benjamin quando ligou. Como tinha tentado não parecer amedrontado e como havia falado sobre a casa assombrada. Devia significar a casa assombrada de Lydia. Afinal, era onde

ela havia crescido, onde cometera a agressão, e provavelmente onde ela mesma tinha sido submetida à agressão. Se não havia levado Benjamin para a casa assombrada, poderia tê-lo levado para absolutamente qualquer lugar.

92

sábado, 19 de dezembro: tarde

Erik deixa o carro na frente da entrada principal do hospital, sem se preocupar em trancá-lo ou em comprar um bilhete de estacionamento. Eles passam apressados pela melancólica fonte cheia de neve, por fumantes tremendo em robes e correm para dentro do elevador que leva até a ala onde Sim Shulman está.

O quarto está com um aroma forte por causa das muitas flores. Há vasos cheios de grandes buquês perfumados no parapeito da janela. Sobre a mesa, uma pilha de cartões e cartas de amigos e colegas preocupados.

Erik olha para o homem no leito do hospital, as bochechas fundas, o nariz, as pálpebras. O movimento regular da barriga de Shulman acompanha o ritmo de sucção do respirador. Ele está em um estado vegetativo permanente, mantido vivo apenas pelo equipamento no quarto e incapaz de sobreviver sem ele. Um tubo de respiração foi enfiado em sua traqueia por uma incisão na garganta e está sendo alimentado por um tubo em seu estômago.

— Simone, você tem de falar com ele quando acordar e…

— Ele não vai acordar — interrompe ela com a voz estridente. — Está em coma, Erik, seu cérebro sofreu danos com a perda de sangue, ele nunca mais vai acordar, nunca vai falar novamente — diz, limpando as lágrimas das bochechas.

— Precisamos descobrir o que Benjamin disse…

— Pare com isso! — grita ela, começando a chorar.

Uma enfermeira olha, vê Erik com os braços ao redor do corpo trêmulo de Simone e os deixa em paz.

— Eu vou aplicar nele uma injeção de zolpidem — sussurra Erik nos cabelos dela. — É uma droga forte que pode tirar as pessoas do coma.

Ele pode senti-la balançando a cabeça.

— Do que você está falando? — pergunta ela, as palavras abafadas pelo paletó dele.

— Funciona por pouco tempo.

— Não acredito em você — diz ela, desconfiada.

— O sedativo desacelera os processos hiperativos do cérebro que estão causando o coma.

— Ele vai acordar? Está falando sério?

— Ele nunca vai melhorar, Sixan, sofreu graves danos cerebrais, mas com esta injeção ele pode acordar por alguns segundos.

— O que devo fazer?

— Às vezes os pacientes que recebem esta droga conseguem dizer algumas palavras, em outras só podem usar os olhos.

— Você não está autorizado a fazer isto, está?

— Não tenho a intenção de pedir permissão, simplesmente vou fazer. Mas você tem de conversar com ele quando acordar.

— Vamos logo — diz ela.

Erik vai pegar o equipamento necessário. Simone fica de pé junto ao leito de Shulman e segura a mão dele. Olha para ele. O rosto é calmo, os traços escuros e fortes suavizados pelo relaxamento. Sua boca, normalmente tão irônica, tão sensual, está insignificante. Até mesmo o profundo sulco entre as sobrancelhas escuras desapareceu. Ela acaricia lentamente a testa dele. Pensa que continuará expondo sua obra; um artista realmente bom nunca morre.

Erik retorna, vai até a cama e, sem uma palavra, de costas para a porta, calmamente sobe a manga da camisola de hospital de Shulman.

— Pronta? — pergunta.

— Sim. Estou pronta — responde ela.

Erik pega a seringa, conecta-a ao cateter intravenoso e injeta lentamente um líquido amarelado. Ele se mistura de modo gradual ao fluido que pinga, desaparece pela agulha no braço de Shulman e penetra em sua corrente sanguínea. Erik enfia a seringa no bolso, desabotoa o paletó e transfere os eletrodos do peito de Shulman para o seu, tira o medidor de pressão do dedo de Shulman e o coloca no seu e analisa o rosto de Shulman com cuidado.

Nada acontece. A barriga de Shulman continua subindo e descendo de forma regular e mecânica com a ajuda do respirador.

— Devemos ir embora? — pergunta Simone após algum tempo.

— Espere — sussurra Erik.

Seu relógio se move devagar. No parapeito, a pétala de uma flor cai, fazendo um leve som ao chegar ao chão. Algumas gotas de chuva pousam no vidro da janela. Eles ouvem uma mulher rindo em algum quarto distante.

Um suspiro estranho sai de dentro do corpo de Shulman, como uma brisa suave soprando por uma janela entreaberta.

Simone pode sentir o suor das axilas escorrendo pelo corpo. Tem uma sensação de claustrofobia, como se estivesse presa naquela situação. Quer sair correndo do quarto, mas não consegue tirar os olhos do pescoço de Shulman. Talvez esteja delirando, mas de repente acha que a artéria em seu pescoço pulsa mais rápido. Erik está respirando intensamente, e, quando se curva sobre Shulman, ela vê que ele parece nervoso, mordendo o lábio inferior e conferindo o relógio de novo. O respirador continua com seu suspiro metálico regular. Alguém passa do outro lado da porta. As rodas de um carrinho rangem e depois o quarto fica novamente em silêncio. O único som é o do funcionamento ritmado da máquina.

Então eles ouvem um leve som rascante. Simone se inclina mais e vê o indicador de Shulman se mover sobre a superfície lisa do lençol. Sente sua pulsação acelerar e está prestes a dizer algo a Erik quando Shulman abre os olhos. Olha diretamente para ela com uma expressão estranha. A boca se abre em um sorriso assustado. A língua se move com esforço e saliva escorre pelo queixo.

— Sou eu, Sim. Sou eu — diz, pegando a mão dele nas suas. — Vou fazer a você algumas perguntas muito importantes.

Os dedos de Shulman tremem. Seus olhos se concentram nela, depois reviram de repente. A boca estica e as veias em suas têmporas latejam freneticamente.

— Você atendeu o meu telefone quando Benjamin ligou, lembra disso?

Com os eletrodos de Shulman em seu próprio peito, Erik vê no monitor que seu ritmo cardíaco está acelerando. Os pés de Shulman vibram sob o lençol.

— Está me ouvindo, Sim? — pergunta ela. — É Simone. Está me ouvindo?

Os olhos se endireitam novamente, mas no mesmo instante deslizam para o lado. Passos rápidos são ouvidos no corredor, e uma mulher grita algo.

— Você atendeu o meu telefone — ela repete.

Ele balança a cabeça de maneira quase imperceptível.

— Era o meu filho — continua. — Foi Benjamin quem ligou.

Os pés dele recomeçam a tremer, os olhos reviram e a língua se projeta para fora da boca.

— O que Benjamin disse?

Shulman engole, move o maxilar lentamente. Seus olhos se fecham.

— Sim? O que ele disse?

Ele balança a cabeça.

— Ele não disse nada?

— Não… — chia Shulman.

— O que você disse?

— Não Benjamin — diz, quase inaudível.

— Ele não disse nada?

— Não ele — diz Shulman. A voz é aguda, assustada.

— O quê?

— Ussi?

— O que você está dizendo? — pergunta ela.

— Ussi ligou — diz Shulman, a boca tremendo.

Simone olha para Erik, confusa.

— Onde ele estava? — pergunta Erik, olhando para Shulman. — Pergunte a ele onde Jussi estava.

— Onde ele estava? — Simone pergunta. — Sabe onde Jussi estava?

— Em casa — responde Shulman com sua voz aguda.

— Benjamin também estava lá?

A cabeça de Shulman cai de lado, a boca fica flácida e o queixo desmonta. Simone olha ansiosa para Erik, sem saber o que fazer.

— Lydia estava lá? — pergunta Erik.

Shulman ergue os olhos, mas eles deslizam para o lado. Erik encosta em Simone como se dissesse: “Você pergunta a ele.”

— Lydia estava lá? — pergunta Simone.

Shulman confirma.

— Jussi disse alguma coisa sobre…

Simone para quando Shulman começa a gemer. Surgem lágrimas em seus olhos e ela acaricia a bochecha dele.

De repente os olhos focam e ele olha para ela.

— O que aconteceu? — pergunta ele com toda clareza e depois entra em coma novamente.

93

sábado, 19 de dezembro: tarde

Anja entra no escritório de Joona Linna e, em silêncio, entrega-lhe uma pasta de papelão e uma taça de vinho quente com especiarias. Ele ergue os olhos para o seu rosto redondo e rosado. Pela primeira vez ela parece totalmente séria.

— Eles identificaram a criança — explica.

— Obrigado.

Há duas coisas que ele odeia, pensa, olhando para a pasta. Uma é desistir de um caso, se afastar de corpos não identificados, estupros e roubos não solucionados, casos de agressão e assassinato. A outra coisa que ele odeia, embora de uma forma inteiramente diferente, é quando esses casos não resolvidos afinal são resolvidos, porque, quando velhas perguntas são respondidas, raramente é da forma que se desejaria.

Ele começa a ler. O corpo da criança encontrado no jardim de Lydia Everson era de um menino. Tinha 5 anos quando foi morto. Acreditava-se que a causa da morte fosse uma fratura no crânio causada por um objeto não pontiagudo. Além disso, foram encontrados vários ferimentos curados e parcialmente curados, indicando agressões repetidas de natureza grave. Espancamentos, sugeriu o perito patologista. Agressões tão graves que quebraram ossos e causaram fissuras no esqueleto. As costas e os braços parecem ter sido o ponto central de violência por meio de objetos pesados. Além disso, vários sintomas de subnutrição no esqueleto sugerem que a criança passava fome.

Joona olha pela janela por algum tempo. Não conseguia se acostumar com aquilo e tinha dito a si mesmo que, no dia em que se acostumasse, desistiria do trabalho de detetive. Ele passa a mão pelos cabelos grossos, engole em seco e retoma a leitura.

A criança foi identificada. Seu nome era Johan Samuelsson e fora considerada desaparecida 13 anos antes. Segundo a declaração da mãe, Isabella, ela estava no jardim com o filho quando o telefone tocou dentro de

casa. Não levara o garoto com ela quando foi atender, e, em algum momento nos vinte ou trinta segundos que demorou a pegar o aparelho, constatar que não havia ninguém e desligar, a criança desaparecera.

Johan tinha 2 anos na época.

Tinha 5 anos quando foi morto.

Depois seus restos permaneceram no jardim de Lydia Everson por dez anos.

O cheiro do vinho quente de repente se torna nauseante. Joona se levanta e abre a janela do escritório. Olha para o pátio interno lá embaixo, os galhos das árvores espalhados junto à área de custódia, o asfalto molhado brilhando.

Lydia ficara com a criança durante três anos, pensa ele. Três anos mantendo um segredo. Três anos de agressão, fome e medo.

— Você está bem, Joona? — pergunta Anja, enfiando a cabeça pela porta.

— Vou sair e falar com os pais — diz ele.

— Tenho certeza de que outra pessoa pode fazer isso.

— Não. O caso é meu — diz Joona. — Eu vou.

— Entendo.

— Enquanto isso, você poderia encontrar alguns endereços para mim?

— Sem problema.

— Gostaria de saber todos os lugares em que Lydia Everson morou nos últimos 13 anos.

Seu coração está pesado quando ele coloca seu chapéu de pele e o sobretudo e sai para contar a Isabella e Joakim Samuelsson que o filho deles foi encontrado morto.

Anja liga quando ele está dirigindo para fora da cidade.

— Foi rápido — diz Joona, tentando parecer alegre, porém fracassando.

— Afinal, é o meu trabalho, querido — fala Anja, animada.

Ele a ouve respirar fundo e pensa nas duas fotos de Johan na pasta. Uma dele vestindo um uniforme de policial, rindo alto, os cabelos espetados. E a outra: uma coleção de ossos em uma mesa de metal, cuidadosamente numerados.

— Merda, merda, merda — murmura para si mesmo.

— Ei!

— Desculpe, Anja, foi outro estresse de trabalho.

— Certo, certo. Mas não quero ouvir esse tipo de linguajar.

— Não, eu sei — diz ele, cansado, incapaz de participar da brincadeira.

Anja finalmente parece se dar conta de que ele não está para brincadeiras e diz em tom neutro:

— A casa em que os restos de Johan Samuelsson foram encontrados é da mãe de Lydia Everson. Ela cresceu lá e sempre foi o seu único endereço.

— Tem família? Pais? Irmãos e irmãs?

— Espere, estou verificando agora… Aparentemente, não. Não há registro do pai, e a mãe está morta. E parece que ela não cuidou de Lydia por muito tempo.

— Irmãos e irmãs? — pergunta Joona de novo.

— Não — diz Anja, folheando papéis. — Desculpe, sim. Ela teve um irmão menor, mas parece que morreu ainda jovem.

— Qual era a idade de Lydia na época?

— Dez anos.

— Então ela sempre morou naquela casa?

— Não, não foi exatamente o que eu disse. Ela *morou* em outro lugar, na verdade em várias oportunidades.

— Onde — pergunta Joona pacientemente.

— Ulleråker, Ulleråker, Clínica Psiquiátrica Ulleråker.

— Três internações. — É o que diz.

— Estão faltando peças — observa Joona para si mesmo em voz baixa.

— O que você disse?

— Há muitas peças faltando — responde ele. — Não estou conseguindo compreender, e agora devo tentar explicar aos pais por que Lydia levou o filho deles.

94

sábado, 19 de dezembro: tarde

Joona entrou na pequena rua onde os pais de Johan Samuelsson ainda moram. Ele identifica o lugar imediatamente, uma casa do século XVIII pintada de vermelho, com telhado selado. Há uma casa de brinquedo gasta no jardim. Do terreno elevado dos Samuelsson é possível ver as águas escuras e pesadas do mar Báltico.

— Tenho que desligar, Anja.

Ele entra com o carro em um caminho de cascalho compactado e liso e cuidadosamente limitado por paralelepípedos e passa as mãos pelo rosto antes de saltar. Anda até a porta e toca a campainha, espera, toca de novo. Finalmente ouve alguém gritando do lado de dentro.

— Estou indo!

A tranca faz barulho e uma adolescente abre a porta. Os olhos estão com uma maquiagem pesada feita com lápis e os cabelos estão tingidos de lilás.

— Oi — diz ela.

— Meu nome é Joona Linna — diz. — Sou do DIC Nacional. Seus pais estão em casa?

A garota confirma e se vira para gritar por eles. Mas uma mulher de meia-idade já está de pé no corredor, olhando para Joona.

— Amanda — diz ela com a voz assustada. — Pergunte a ele… Pergunte o que ele quer.

Joona nega com a cabeça.

— Prefiro não falar na porta o que vim dizer. Posso entrar?

— Sim — sussurra a mãe.

Joona entra e fecha a porta. Olha para a garota, cujo lábio inferior começou a tremer. Depois para Isabella Samuelsson. As mãos dela estão apertadas sobre o peito e o rosto está mortalmente pálido. Joona respira fundo e explica em voz baixa.

— Eu lamento muito. Encontramos os restos de Johan.

A mãe aperta o punho fechado na boca, fazendo um som baixo de gemido. Ela se apoia na parede, mas escorrega e cai no chão.

— Pai! — grita Amanda. — Pai!

Um homem desce as escadas correndo. Quando vê a esposa chorando no chão, desacelera. É como se qualquer vestígio de cor desaparecesse de seu rosto. Ele olha para a esposa, para a filha e depois para Joona.

— É sobre Johan. — É tudo o que ele diz.

— Encontramos seus restos mortais — diz Joona, a voz derrotada.

Eles se sentam na sala de estar. A garota passa o braço ao redor da mãe, que chora, inconsolável. O pai ainda parece estranhamente calmo. Joona já viu isso antes, esses homens — e algumas vezes mulheres, embora seja menos comum — que demonstram muito pouca reação, que continuam falando e fazendo perguntas, cujas vozes assumem um tom peculiarmente vazio enquanto pedem detalhes. Joona sabe que não é indiferença, mas uma batalha, uma tentativa desesperada de adiar o momento em que a dor chega.

— Como o encontrou? — sussurra a mãe entre surtos de choro. — Onde ele estava?

— Estávamos procurando outra criança na casa de uma pessoa suspeita de sequestro — diz Joona. — Nosso cachorro farejou e nos levou a um ponto no jardim.

— No jardim?

Joona engole em seco.

— Johann passou dez anos enterrado lá, segundo o perito patologista.

Joakim Samuelsson ergue os olhos.

— Dez anos? — diz ele, balançando a cabeça. — Treze anos se passaram desde que Johan desapareceu — sussurra.

Joona confirma, sentindo-se inteiramente exaurido enquanto explica.

— Temos motivos para acreditar que a pessoa que levou seu filho o manteve prisioneiro… — Joona olha para baixo e faz um enorme esforço para parecer calmo quando ergue o olhar de novo. — Johan foi mantido prisioneiro por três anos — continua — antes de o criminoso matá-lo. Tinha 5 anos quando morreu.

Nesse momento o rosto do pai desmorona. Sua fachada de aço se estilhaça em inúmeros fragmentos, como uma fina folha de vidro. É muito

doloroso ver. O rosto se contorce e lágrimas começam a correr pelas faces. Soluços terríveis tomam o ambiente.

Joona olha ao redor da sala, para as fotografias emolduradas nas paredes. Reconhece a fotografia da pasta de Johan aos 2 anos em seu uniforme da polícia. Vê uma foto da primeira comunhão da garota. Uma foto dos pais, rindo e segurando um recém-nascido. Ele engole e espera. Ainda não acabou.

— Há mais uma coisa que preciso perguntar a vocês — diz após dar a eles algum tempo para se recompor. — Preciso perguntar se já ouviram falar de uma mulher chamada Lydia Everson.

A mãe balança a cabeça, confusa. O pai pisca duas vezes, depois diz rapidamente.

— Não, nunca.

Amanda sussurra.

— Foi ela… foi ela quem levou o meu irmão?

Joona olha para a garota com a expressão séria.

— Acreditamos que sim.

Quando ele se levanta, as palmas das mãos estão úmidas, e pode sentir o suor escorrendo pelas laterais do corpo.

— Minhas condolências — diz ele. — Eu realmente lamento muito.

Ele coloca seu cartão na mesa diante deles, juntamente com os números de telefone de um terapeuta e de um grupo de apoio.

— Liguem caso se lembrem de algo, ou também se quiserem apenas conversar.

Ele está de saída quando o pai se levanta de repente.

— Espere… Preciso saber. Vocês a apanharam? Já a apanharam?

Joona trinca os dentes.

— Não, ainda não a apanhamos. Mas estamos na pista. Logo a pegaremos, prometo.

Ele liga para Anja assim que chega ao carro. Ela atende no mesmo instante.

— Foi tudo bem?

— Este tipo de visita nunca vai bem — responde Joona prontamente.

Há um breve silêncio do outro lado da linha.

— Quer alguma coisa em particular? — pergunta Anja, hesitante.

— Sim — diz Joona.

— Você sabe que hoje é sábado.

— O pai está mentindo — continua. — Ele conhece Lydia. Disse que nunca ouviu falar dela, mas estava mentindo.

— Como sabe que ele estava mentindo?

— Algo nos olhos dele quando perguntei. Tenho certeza disso.

— Acredito em você. Está sempre certo, não é?

— Sim, estou.

— E se duvidarmos de você, temos que aguentar você perguntando "O que foi que eu disse?".

Joona ri consigo mesmo.

— Você me conhece bem, Anja.

— Você quer me dizer mais alguma coisa além do fato de que estava certo?

— Sim, estou indo para Ulleråker.

— Agora? Você sabe que esta noite é nosso jantar de Natal.

— Esta noite?

— Joona — diz Anja em tom de censura. — É a festa de Natal da equipe, jantar no Skansen. Você não pode ter esquecido.

— Eu preciso ir? — pergunta Joona.

— Sim — responde Anja com firmeza. — E vai se sentar ao meu lado.

— A não ser que você seja levada embora carregada após alguns drinques.

— Você pode suportar.

— Se você quiser ser um anjo e ligar para Ulleråker, garantindo que há alguém lá com quem eu possa falar sobre Lydia, poderá fazer mais ou menos o que quiser comigo — diz Joona.

— Ai, meu Deus, então já estou cuidando disso — diz Anja alegremente, e desliga.

95

sábado, 19 de dezembro: tarde

A clínica psiquiátrica de Ulleråker é uma das poucas ainda em atividade na Suécia, resultado de enormes investimentos em cuidados psiquiátricos realizados nos anos 1990. Um complexo de prédios claros localizados entre bosques de árvores, campos e jardins um dia cuidados pelos pacientes, e com seu próprio cemitério, o hospital é um mundo à parte. Joona passa por um pórtico destinado antigamente a carruagens e estaciona na frente do prédio principal: uma elegante estrutura antiga encimada por uma torre com um relógio, localizada exatamente no centro do complexo.

Como sempre, Anja fizera um bom trabalho. Quando Joona passa pela entrada principal, pode ver pela expressão da garota na recepção que está sendo aguardado.

— Joona Linna?

Ele confirma e mostra sua identificação.

— O Dr. Langfeldt está esperando por você. Subindo a escada, primeira sala à direita seguindo pelo saguão.

Joona agradece e começa a subir a ampla escadaria de pedra. Ouve batidas, gritos e o som de uma televisão vindos de algum lugar distante. Há um cheiro de cigarro. Do lado de fora, a clínica é cercada por um jardim ornamental que lembra um pátio de igreja, os arbustos escurecidos e curvados pela chuva, caramanchões com trepadeiras compridas agarradas e danificados pela umidade. Parece melancólico, pensa Joona. Um lugar assim não é realmente orientado para a recuperação, é um lugar para contenção. Ele chega ao patamar e olha ao redor. À esquerda, passando por uma porta de vidro, há um longo corredor estreito. Ele pensa onde já o viu antes e então se dá conta de que é uma cópia quase perfeita das celas de detenção de Kronoberg: filas de portas trancadas com maçanetas de metal. Uma idosa de vestido comprido sai por uma das portas. Olha para ele através do vidro. Joona a cumprimenta com a cabeça, depois abre a porta que leva a outro corredor. Tem um cheiro forte de alvejante e antisséptico.

O Dr. Langfeldt já está esperando.

— Polícia? — faz a pergunta retórica, estendendo uma mão grande e gorda. Seu cumprimento é surpreendentemente suave, talvez o mais suave que Joona já sentiu, e sua expressão não revela nada enquanto ele diz, com um gesto mínimo: — Por favor, entre.

O consultório é grande, mas quase totalmente funcional. Estantes pesadas cheias de pastas idênticas cobrem as paredes. Não há pinturas ou fotografias: a sala é despida de qualquer decoração. O único quadro parece ser um desenho de criança em giz verde e branco preso na porta: um rosto redondo com olhos, nariz e boca, pernas e braços saindo dele. Crianças de cerca de 3 anos tendem a desenhar adultos assim. Isso pode ser um indício de que a figura não tem corpo, ou que a cabeça em si é o corpo.

O Dr. Langfeldt vai até a escrivaninha, que está quase inteiramente coberta de pilhas de papel. Tira um antigo telefone de disco da cadeira de visitantes e faz outro gesto contido na direção de Joona — ele interpreta isso como um convite para se sentar.

O médico o observa pensativo, seu rosto é pesado e marcado, e há algo sem vida em seus traços, quase como se sofresse de algum tipo de paralisia facial.

— Obrigado por disponibilizar seu tempo… — começa Joona.

— Sei por que você quer me ver — diz o médico. — Quer informações sobre Lydia Everson. Minha paciente.

Joona abre a boca, mas o médico ergue uma mão para detê-lo.

— Suponho que tenha ouvido falar de segurança profissional e da confidencialidade das informações relativas a registros dos pacientes — continua Langfeldt. — Além…

— Eu conheço a lei — interrompe Joona. — Se o crime investigado levar a uma pena superior a dois anos de prisão no caso de condenação, então…

— Sim, sim — diz Langfeldt. O médico lança sobre ele seu peculiar olhar morto.

— Claro que eu posso levá-lo para prestar depoimento — diz Joona com suavidade. — O promotor está preparando um mandado de prisão para Lydia Everson. Então requisitaremos as anotações sobre o paciente, obviamente.

O Dr. Langfeldt tamborila os dedos uns sobre os outros e umedece os lábios.

— É só… Eu só quero… — diz, fazendo uma pausa antes de continuar. — Eu só quero uma garantia.

— Uma garantia?

Langfeldt confirma.

— Quero o meu nome fora de tudo isso.

Joona olha nos olhos de Langfeldt e de repente percebe que a expressão sem vida na verdade é de medo reprimido.

— Não posso prometer isso — diz com dureza.

— E se eu implorar?

— Eu sou um homem teimoso — explica Joona.

O médico recosta-se, os cantos da boca tremendo levemente. É o único sinal de nervos ou qualquer tipo de vitalidade que ele demonstrou até o momento.

— O que deseja saber? — pergunta.

Joona se inclina.

— Tudo. Eu quero saber tudo.

Uma hora depois, Joona deixa a sala do médico. Ele olha de passagem para a outra extremidade do corredor, mas a mulher de vestido comprido desapareceu, e enquanto se apressa ao descer a escadaria de pedra percebe que está completamente escuro. É impossível ver o parque e os caramanchões. No primeiro piso, a moça da recepção evidentemente foi embora. A mesa da recepção está vazia, sua superfície limpa, e a porta do escritório trancada. Nada além de silêncio, embora Joona saiba que a unidade tem centenas de internos.

Ele treme quando chega ao carro e sai do estacionamento. Algo o incomoda, algo que não consegue identificar. Tenta se lembrar do momento em que a sensação começou.

O médico apanhara um arquivo, idêntico aos outros arquivos que estavam nas estantes. Dera um tapinha suave na frente e dissera.

— Aqui está ela.

A fotografia de Lydia mostrava uma mulher bastante bonita, com cabelos de comprimento médio tingidos com hena e uma estranha expressão sorridente: fúria fermentando sob uma superfície atraente.

Lydia fora internada para tratamento pela primeira vez aos 10 anos, após ter matado o irmão mais novo, Kasper. Esmagara seu crânio certo domingo com um bloco de madeira. Dissera ao médico que a mãe a obrigava a criar o irmão. Kasper era responsabilidade de Lydia quando a mãe estava trabalhando ou dormindo, e sua tarefa era discipliná-lo.

Lydia foi colocada sob cuidados; a mãe foi mandada para a prisão por abuso de menor. Kasper Everson tinha 3 anos quando morreu.

— Lydia perdeu a família — sussurra Joona, ligando os limpadores de para-brisa quando um ônibus no sentido contrário encharca seu carro.

O Dr. Langfeldt tratara Lydia somente com fortes psicofármacos, e não lhe foi oferecido qualquer tipo de terapia. Ele sentia que o assassinato fora cometido sob forte pressão da mãe. Com o consentimento dele, Lydia foi colocada em uma instituição para menores criminosos. Ao completar 18 anos, ela voltou para a antiga casa e morou lá com um garoto que conheceu na instituição, desaparecendo dos registros.

Retornou cinco anos depois, dessa vez tendo sido internada em uma unidade psiquiátrica de segurança. Lydia fora a um parque, escolhera um garoto de uns 5 anos, o atraíra para uma área isolada e batera nele. Ela cometera o mesmo crime diversas vezes antes de ser pega. O último incidente resultou em ferimentos mortais no garoto.

O Dr. Langfeldt se encontrou com ela uma segunda vez, e ela se tornou sua paciente em uma unidade de onde só poderia ser liberada com a autorização dos tribunais.

— Lydia permaneceu na unidade de segurança de Ulleråker por seis anos. Passou por um tratamento completo — explicou Langfeldt. — Foi uma paciente exemplar. O único problema era que ela constantemente fazia alianças com outros internos. Criava grupos ao redor dela, grupos dos quais exigia lealdade absoluta.

Ela estava formando a própria família, pensa Joona, enquanto vira em direção a Fridhemsplan. De repente se lembra da festa de Natal da equipe em Skansen e considera fingir que esqueceu, mas sabe que deve a Anja seu comparecimento.

Langfeldt fechara os olhos e massageara as têmporas enquanto continuava.

— Após seis anos sem incidentes, Lydia foi autorizada a passar períodos fora da unidade de segurança.

— Absolutamente nenhum incidente? — perguntou Joona.

Langfeldt pensou um pouco.

— Houve uma coisa, mas nunca foi provada.

— O que foi?

— O rosto de uma paciente foi ferido. Ela afirmou que tinha cortado o próprio rosto, mas correu o boato de que Lydia Everson fizera isso. Pelo que lembro, não passou de fofoca, nada foi confirmado.

Joona assente, o rosto sem expressão.

— Continue — disse.

— Ela foi autorizada a voltar para a casa da família. Ainda estava em tratamento ambulatorial, mas cuidava de si mesma e não havia absolutamente nenhum motivo para duvidar de sua afirmação de que desejava melhorar — disse o médico. — Após dois anos, chegou a hora de Lydia concluir seu tratamento. Ela escolheu uma forma de terapia que estava muito na moda na época. Integrou um grupo de hipnose com…

— Erik Maria Bark — completou Joona.

Langfeldt confirmou.

— Ao que parece, a hipnose não fez muito bem a Lydia — disse ele em tom de superioridade. — Ela acabou tentando cometer suicídio e voltou para mim pela terceira vez.

— Ela lhe contou sobre o colapso?

Langfeldt balançou a cabeça.

— Pelo que entendo, foi tudo culpa daquele hipnotista.

— Está ciente de que ela disse ao Dr. Bark que tinha um filho chamado Kasper? Que disse a ele que havia aprisionado o filho? — perguntou Joona secamente.

Langfeldt deu de ombros.

— Ouvi isso, mas suponho que um hipnotista possa fazer as pessoas admitirem quase qualquer coisa.

— Então não levou a sério a confissão dela?

Langfeldt deu um leve sorriso.

— Ela estava em frangalhos. Era impossível até mesmo conversar com ela. Tive de usar terapia eletroconvulsiva, drogas antipsicóticas pesadas, era uma tarefa difícil recuperá-la em qualquer nível.

— Então nem sequer tentou investigar se havia alguma base para a confissão?

— Minha avaliação foi que tais declarações foram fruto de seu sentimento de culpa por ter assassinado o irmão quando criança — respondeu Langfeldt severamente.

— Quando deixou que ela saísse? — Joona perguntou.

— Há dois meses. Ela definitivamente estava bem.

Joona se levantou e o olhar repousou na única imagem na sala do Dr. Langfeldt, o desenho infantil na porta.

— Esse é você — disse Joona, apontando para ele. Uma cabeça que anda, pensou. Apenas um cérebro, sem coração.

96

sábado, 19 de dezembro: noite

Em dezembro, às 17 horas o sol já desapareceu faz duas horas. O ar está frio. As lâmpadas esparsas de Skansen oferecem uma luz enevoada. A cidade abaixo só pode ser vista como manchas de luz esfumaçadas. Vidreiros e ourives trabalham duro no museu a céu aberto. Joona caminha pelo mercado de Natal da praça Bollnäs. Fogueiras queimam, cavalos relincham, castanhas são assadas. Crianças correm por um labirinto de pedra, outras bebem chocolate quente. Há música por todos os lados, e famílias dançam ao redor de uma alta árvore de Natal na pista de dança circular. Enquanto Joona caminha na direção de uma das estreitas trilhas de cascalho que levam ao restaurante Solliden, ouve o riso de crianças atrás de si e estremece.

Seu celular toca. Joona atende em frente a uma barraca que vende salsichas e carne de rena.

— É Erik Maria Bark.

— Oi.

— Acho que Lydia levou Benjamin para a casa assombrada de Jussi. Fica em algum lugar na periferia de Dorotea, em Västerbotten, Lapônia.

— Você acha?

— Estou quase certo — responde Erik, insistente. — Não há mais voos hoje. Você não precisa ir, mas eu reservei três passagens para amanhã de manhã.

— Bom — diz Joona. — Se puder me mandar um texto com todas as informações que tem sobre Jussi, entrarei em contato com a polícia de Västerbotten.

O belo restaurante pintado de amarelo está decorado com luzes festivas e galhos de pinheiro. Um típico *smorgasbord* de Natal foi montado em quatro mesas enormes. Joona vê seus colegas assim que entra. Estão sentados ao lado de enormes janelas com vista para as águas de Nybroviken e

Södermalm, com o parque temático Gröna Lund de um lado e o museu Vasa do outro.

— Estamos aqui — chama Anja.

Ela se levanta e acena. Seu entusiasmo anima Joona. Ele ainda tem no corpo uma sensação desagradável após sua visita ao médico em Ulleråker. Cumprimenta todos e senta-se ao lado de Anja.

Carlos Eliasson está sentado à sua frente. Usa um chapéu de Papai Noel e balança a cabeça alegremente para Joona.

— Acabamos de fazer um brinde — confidencia ele. Sua pele normalmente amarelada tem um tom saudável.

Anja tenta colocar a mão sob o braço de Joona, mas ele se levanta e diz que vai pegar comida.

Joona caminha entre as mesas repletas de pessoas que conversam e comem, pensando que não está no estado de espírito certo para um bufê de Natal. É como se parte dele ainda estivesse na sala de estar com os pais de Johan Samuelsson ou na unidade psiquiátrica de Ulleråker, subindo a escadaria de pedra na direção do corredor trancado com suas fileiras de celas.

Ele pega um prato, entra na fila do arenque e contempla seus colegas a distância. Anja enfiou seu corpo redondo e roliço em um vestido de angorá vermelho. Ainda usa suas botas de inverno. Petter conversa animadamente com Carlos. Sua cabeça está recém-raspada e o couro cabeludo brilha de suor sob os lustres.

Joona serve-se de três tipos de arenque. Olha para uma mulher de outro grupo. Ela usa um vestido justo cinza e é conduzida até a mesa por duas garotas com cortes de cabelo elegantes. Um homem de terno cinza vai apressado na direção delas com uma garotinha de vestido vermelho.

Joona coloca comida no prato de maneira quase aleatória. Não há mais batatas na pequena panela de cobre, mas ele segue adiante, em vez de esperar que uma garçonete chegue com uma nova porção. Não há sinal de seu prato preferido, um assado de nabo finlandês. De volta à mesa, Joona equilibra o prato enquanto se move entre policiais que se levantam para sua quarta excursão ao bufê. Em uma mesa, cinco peritos técnicos cantam “Helan går”, o brinde tradicional, com seus pequenos copos cônicos de schnapps

erguidos. Joona senta-se e imediatamente sente a mão de Anja em sua perna. Ela sorri para ele.

— Lembra que disse que eu poderia fazer qualquer coisa que eu quisesse com você? — diz, inclinando-se e sussurrando alto. — Quero dançar tango com você esta noite.

Carlos a ouve e grita:

— Anja Larsson, você e eu vamos dançar tango!

— Vou dançar com Joona — diz ela com firmeza.

Carlos inclina a cabeça para um lado e diz, as palavras enroladas:

— Vou pegar uma senha e esperar na fila.

Em pouco tempo, Carlos está dormindo em uma cadeira na chapelaria. Petter e seus amigos foram à cidade para continuar a festa no Café Opera, e Joona e Anja prometeram garantir que Carlos chegasse a casa em segurança. Enquanto esperavam pelo táxi, aproveitaram a oportunidade e saíram para o ar frio. Joona conduz Anja até uma pista de dança ao ar livre, alertando-a para a fina camada de gelo que acredita existir na madeira sob seus pés.

Joona cantarola suavemente enquanto dançam.

— Case comigo — sussurra Anja.

Joona não responde, está se lembrando de Disa e seu rosto melancólico. Pensa em sua amizade durante todos aqueles anos e em como a desapontara. Anja tenta se esticar e lamber a orelha dele, que cuidadosamente afasta a cabeça um pouco mais.

— Joona — sussurra ela. — Você dança muito bem.

— Eu sei — responde ele, girando-a.

O cheiro de fogueiras e vinho quente os cerca. Anja pressiona o corpo contra o dele. Será difícil levar Carlos até o ponto de táxi, pensa ele. Em breve eles terão de ir na direção da escada rolante.

Nesse momento seu telefone toca no bolso. Anja resmunga de desapontamento enquanto ele se afasta e atende.

— Alô — diz uma voz tensa. — É Joakim Samuelsson. Você veio nos ver mais cedo.

— Sim, eu sei. O que posso fazer por você? — pergunta Joona. Ele pensa em como as pupilas de Joakim Samuelsson se dilataram quando ouviu

a pergunta sobre Lydia Everson.

— Estava pensando se poderíamos nos encontrar — diz Joakim Samuelsson, hesitante. — Há algo que eu quero lhe contar.

Joona confere o relógio. São 21h30.

— Podemos nos encontrar agora? — pergunta Joakim, acrescentando que sua mulher e sua filha foram visitar alguns parentes.

— Tudo bem — diz Joona. — Pode estar no quartel-general da polícia em 45 minutos?

— Sim — responde Joakim, soando infinitamente cansado.

— Desculpe, meu amor — despede-se Joona de Anja, que espera por ele no meio da pista de dança —, mas não haverá mais tango esta noite.

— Pior para você — diz ela acidamente.

— Os espíritos não concordam comigo — diz Carlos com a voz pastosa quando começam a levá-lo na direção da escada rolante e da saída.

— Não vomite — diz Anja secamente —, porque se fizer isso vou exigir um aumento.

— Anja, Anja — diz Carlos, com os sentimentos feridos.

97

sábado, 19 de dezembro: noite

Joakim está sentado em um Mercedes branco em frente à entrada do quartel-general da Polícia Nacional. A luz interna está acesa e seu rosto parece cansado e solitário sob o brilho fraco. Ele tem um sobressalto quando Joona bate no para-brisa, está perdido em pensamentos.

— Oi — diz ele, abrindo a porta. — Entre.

Joona entra e espera. O carro cheira ligeiramente a cachorro. O banco traseiro está protegido por um cobertor cheio de pelos.

— Quando penso sobre mim mesmo — diz Joakim —, como eu era antes de Johan nascer, é como pensar em um completo estranho. Eu tive muitos problemas enquanto crescia. Acabei em uma instituição para menores criminosos. Fui adotado, mas isso na verdade não significa nada, eles só querem você fora do sistema. Mas quando conheci Isabella dei um jeito em mim mesmo e comecei a estudar de verdade. Eu me formei em engenharia no ano em que Johan nasceu. Lembro que uma vez tiramos férias. Eu nunca tinha tirado férias antes. Fomos à Grécia. Johan acabara de aprender a andar. — Joakim Samuelsson fecha os olhos, balança a cabeça. — Há tanto tempo. Ele era muito parecido comigo… O mesmo…

Ele fica em silêncio. Um rato, molhado e cinza, corre pela calçada junto a arbustos cheios de lixo.

— O que você queria me dizer? — pergunta Joona após algum tempo.

Joakim esfrega os olhos.

— Tem certeza de que foi Lydia Everson quem fez isso? — pergunta com a voz fraca.

Joona faz que sim com a cabeça.

— Certeza absoluta.

— Certo — sussurra Joakim Samuelsson, virando o rosto exausto e enrugado para Joona e dizendo: — Eu a conheço. Conheço muito bem. Estivemos juntos na instituição para menores criminosos. Quando Lydia tinha

apenas 14 anos eles descobriram que ela estava grávida. Inicialmente entraram em pânico, depois a obrigaram a fazer um aborto. Deveria ter mantido segredo, mas fizeram um trabalho porco. Houve todo tipo de complicações, infecções. Mas ela se recuperou depois de algum tempo. — As mãos de Joakim tremem quando ele as coloca no volante. — Fomos morar juntos quando saímos da instituição. Moramos na casa dela em Rotebro e tentamos ter um filho. Ela estava obcecada com a ideia. Mas nada aconteceu. Então ela foi a um ginecologista. Nunca vou me esquecer do dia em que ela voltou do médico — diz, passando as mãos trêmulas pelos cabelos. — Eles disseram que havia muitas cicatrizes do aborto e das complicações. O médico disse que ela nunca conseguiria engravidar.

— E quando ela *ficou* grávida — pergunta Joona —, era seu?

— Sim.

— Então você devia um filho a ela — diz Joona, quase para si mesmo.

98

domingo, 20 de dezembro (quarto domingo do Advento): manhã

Os prédios do terminal do aeroporto de Arlanda estão cobertos com uma neve densa e pesada que cai sem parar do céu escuro. As pistas são limpas constantemente. Erik está de pé junto à enorme janela da lanchonete, observando malas que passam pela esteira em um lento círculo.

Simone chega com café e um prato de bolinhos de açafrão de Santa Luzia e biscoitos natalinos de gengibre. Coloca as duas xícaras na frente de Erik e depois olha para as pistas. Veem uma tripulação de comissários de bordo atravessando a pista na direção de um dos jatos menores. Todos vestem gorros vermelhos de Papai Noel, as mulheres, de salto alto, andando na ponta dos pés pela grossa camada de neve semiderretida.

No parapeito da lanchonete, um Papai Noel mecânico balança os quadris de forma ritmada. As pilhas parecem estar no fim, seus movimentos se tornam cada vez mais espasmódicos. Simone encontra o olhar de Erik e ergue as sobrancelhas ironicamente apontando para o Papai Noel rebolativo.

— Os bolinhos foram de graça — diz ela, olhando perdida para o nada. Então se lembra. — O quarto domingo do Advento. Hoje é o quarto domingo do Advento.

Eles se olham, sem saber o que dizer. De repente Simone desperta e parece aborrecida.

— Qual é o problema? — pergunta Erik.

— O concentrado de fator — responde ela, a voz embargada. — Nós esquecemos… Se ele estiver lá, se estiver vivo… Passou tempo de mais. Ele não vai conseguir ficar em pé.

— Simone, eu estou com ele — diz Erik. — Eu trouxe.

Ela olha para ele, os olhos vermelhos.

— Mesmo?

— Kennet me lembrou. Ele ligou do hospital.

Kennet. Simone pensa em como levou o pai para casa, viu-o sair do carro — e cair de cabeça na neve derretida. Pensou que havia tropeçado, mas quando correu para ajudá-lo a se levantar, ele estava quase inconsciente. Ela o levou de volta para o hospital, onde o colocaram em uma maca. Os reflexos estavam fracos e as pupilas demoravam a reagir. O médico achou que era uma combinação dos efeitos posteriores da concussão e o fato de que ele se esforçara demais.

— Como está ele? — pergunta Erik.

— Estava dormindo quando estive lá ontem. O médico não parece acreditar que seja sério demais, mas quer manter o papai lá até seu quadro se estabilizar.

— Bom — diz Erik. Ele contempla o Papai Noel mecânico, depois, sem uma palavra, pega seu guardanapo natalino vermelho e o coloca na cabeça do Papai Noel.

O guardanapo sacode ritmadamente para a frente e para trás. Simone começa a rir, lançando migalhas de biscoitos sobre o paletó de Erik.

— Desculpe — geme ela. — É que parece doentio. Um Papai Noel com tesão…

Ela sucumbe a um novo ataque de riso e acaba curvada sobre a mesa. Então começa a chorar. Depois de um tempo para, assoa o nariz, limpa o rosto e toma seu café. Sua boca recomeçava a ter espasmos quando Joona Linna vai até a mesa deles.

— A polícia de Umeå está a caminho agora — diz sem preâmbulos.

— Está em contato com eles pelo rádio? — pergunta Erik.

— Não, mas eles estão em contato com…

Joona para de repente quando vê o guardanapo cobrindo o Papai Noel rebolativo. Um par de botas de plástico pretas pode ser visto sob o papel. Simone desvia o olhar, o corpo sacudindo de riso, choro ou uma combinação dos dois. Soa como se estivesse engasgando. Erik se levanta rapidamente e a leva para fora.

— Solte-me — diz ela, entre convulsões.

— Só quero ajudá-la, Simone. Venha para fora.

Eles abrem uma porta que leva à varanda e saem para o ar gelado.

— Estou bem agora, obrigada — sussurra ela.

Erik tira um pouco de neve da balaustrada e segura o pulso nu dela sobre o metal frio.

— Estou bem agora — repete ela. — Estou bem… Agora.

Ela fecha os olhos e se desequilibra. Erik a segura. Ele pode ver Joona olhando para eles de dentro da lanchonete.

— Como você realmente está, Simone? — sussurra Erik.

Ela olha para ele.

— Ninguém acredita quando eu digo que só estou muito cansada.

— Também estou cansado, acredito em você.

— Mas você tem seus comprimidos, não é?

— Sim — responde, sem sequer pensar em se defender.

O rosto de Simone desmonta e Erik sente lágrimas quentes escorrendo por seu próprio rosto. Desde que parou de tomar remédios, ele se sente indefeso de uma forma que não se sentia há anos, totalmente exposto e desprotegido.

— Todo esse tempo — continua ele, os lábios tremendo —, só tive um pensamento: ele não pode estar morto.

Eles ficam lá imóveis, abraçados. A neve cai sobre eles em grandes flocos macios. Um avião decola a distância com um rugido baixo. Quando Joona bate no vidro, ambos têm um sobressalto. Erik abre a porta e Joona sai. Ele pigarreia.

— Achei que deveriam saber que identificamos o corpo na propriedade de Lydia.

— Quem era?

— Não era filho de Lydia… O garoto desaparecera da casa da própria família 13 anos atrás.

Erik fica olhando para ele e espera. Joona dá um suspiro profundo.

— Restos de excrementos e urina mostram que… — Ele para e balança a cabeça antes de continuar. — Mostram que a criança morou lá por bastante tempo, provavelmente três anos, antes de ser assassinada. — Ele espera a informação ser assimilada. Outro avião ruge a distância a caminho do céu. — Em outras palavras, Erik, você estava certo o tempo todo. Lydia manteve uma criança na jaula, e considerava filho dela.

— Sim — diz Erik.

— Ela matou o garoto quando se deu conta do que dissera sob hipnose, o que significava e o que iria significar.

— Eu realmente achei que estava errado. Aceitei isso — diz Erik, deprimido, olhando para as pistas geladas.

— Por isso você parou? — pergunta Joona.

— Sim.

Simone passa uma mão trêmula sobre a testa.

— Lydia o viu quando você quebrou sua promessa. Ela viu Benjamin — diz em voz baixa.

— Não, ela devia estar nos seguindo o tempo todo — sussurra Erik.

— Lydia foi liberada de Ulleråker há dois meses — diz Joona. — Ela se aproximou de Benjamin com cuidado. Talvez sua promessa de nunca mais usar a hipnose a estivesse detendo.

Joona acredita que Lydia responsabilizou Joakim Samuelsson pelo aborto que levou à sua impossibilidade de ter filhos, então pegou o dele, Johan. E, por meio do mesmo raciocínio pervertido, Lydia culpou Erik por ela ter assassinado Johan, então levou Benjamin quando Erik voltou a praticar hipnose.

A expressão de Erik é séria, o rosto duro e fechado. Ele abre a boca para explicar que na verdade salvara a vida de Evelyn ao quebrar sua promessa, mas é impedido pela chegada de um policial.

— Temos de ir agora — diz o policial. — O avião decola em dez minutos.

— Falou com a polícia em Dorotea? — pergunta Joona.

— Não é possível fazer contato com a patrulha que foi até a casa — responde o policial.

— Por que não?

— Não sei. Dizem que tentaram durante 50 minutos.

— Maldição. Então precisam mandar reforço — diz Joona.

— Foi o que eu disse a eles, mas responderam que querem esperar e descobrir o que aconteceu.

Enquanto saem para percorrer a pequena distância até o avião que os aguarda para levá-los até o aeroporto de Vilhelmina, no sul da Lapônia, Erik

de repente tem uma rápida e estranha sensação de alívio: ele esteve certo o tempo todo.

Ergue o rosto para a neve que cai. Os flocos rodopiam, ao mesmo tempo pesados e leves. Simone se vira e segura sua mão.

99

quinta-feira, 17 de dezembro: noite

Benjamin está deitado no chão, escutando a cadeira de balanço ranger de modo pegajoso sobre a superfície brilhante do tapete de plástico. Suas articulações doem muito, uma dor que se intensificou nos últimos dias. A cadeira balança lentamente para a frente e para trás. O vento sopra no teto de zinco. De repente, a pesada dobradiça da porta da varanda canta sua canção metálica. Passos pesados se aproximam pelo corredor. Alguém bate a neve das botas. Benjamin ergue a cabeça, mas a guia de cachorro aperta seu pescoço quando ele tenta ver quem entrou na sala.

— Deite-se — murmura Lydia.

Ele deita a cabeça no chão, sentindo novamente os pelos compridos e grossos do tapete em sua bochecha, o cheiro seco de poeira enchendo seu nariz.

— Será o quarto domingo do Advento daqui a três dias — diz Jussi. — Devíamos fazer biscoitos de gengibre.

— Domingos são para disciplina e mais nada — diz Lydia, que continua balançando.

Marek sorri de algo, mas não fala.

— Continue, ria — diz Lydia.

— Não foi nada.

— Ria — diz Lydia, a voz contida. — Quero que a minha família seja feliz.

— Nós somos — retruca Marek.

O chão está frio, e um vento gelado atravessa as paredes. As bolas de poeira junto aos cabos atrás da televisão rolam de um lado para o outro. Benjamin ainda está vestindo apenas seu pijama. Ele relembra sua chegada à casa assombrada de Jussi. Já havia neve no chão, e desde então nevou, derreteu e congelou de novo. Marek o conduziu por uma área lotada de veículos dilapidados na frente da casa, velhos ônibus cobertos de neve e

carros depenados em pilhas altas. A neve queimou os pés descalços de Benjamin. Era como andar em um fosso seco entre os montes de carros cobertos de neve sob a luz fraca.

Havia uma luz na casa, e quando Jussi saiu para a varanda, o rifle de caçar alces em punho, e viu Lydia, foi como se toda a sua determinação desaparecesse. Ela não era esperada nem bem-vinda. Mas ele não iria oferecer qualquer resistência, iria simplesmente se submeter à vontade dela, como o habitual. Apenas anuiu com a cabeça quando Marek tomou sua arma.

Então houve passos na varanda, e Annbritt saiu. Jussi murmurara que Annbritt era sua companheira e que deveriam deixá-la ir. Quando Annbritt viu a coleira e a guia no pescoço de Benjamin, seu rosto perdeu a cor e ela tentou voltar para casa e fechar a porta, mas Marek a impediu enfiando o cano da arma entre a porta e o batente, e então perguntou a ela, com um sorriso, se poderiam entrar.

— Vamos discutir o jantar de Natal? — pergunta Annbritt agora, a voz insegura.

— As coisas mais importantes são o arenque e o porco — diz Jussi.

Lydia suspira, irritada. Benjamin ergue os olhos para o ventilador de teto dourado, quatro lâmpadas douradas agrupadas sob as lâminas. Sua sombra parece uma flor cinza no teto branco.

— Imagino que o garoto queira almôndegas — diz Jussi.

— Veremos — retruca Lydia.

Marek cospe no vaso de uma planta e olha para a escuridão lá fora.

— Estou ficando com fome — diz.

— Temos muito alce e cervo no freezer — diz Jussi.

Marek vai até a mesa, mexe na cesta de pães, pega um pedaço e o enfia na boca.

Quando Benjamin ergue os olhos, Lydia automaticamente puxa a guia. Ele tosse e coloca a cabeça no chão de novo. Está com fome e cansado.

— Preciso do meu remédio logo — diz ele.

— Você ficará bem — retruca Lydia.

— Preciso tomar uma injeção uma vez por semana, e já faz mais de uma semana desde que…

— Cale a boca.

— Vou morrer se não tomar.

Lydia puxa a guia com tanta força que Benjamin geme de dor. Ele começa a chorar e ela puxa mais uma vez para calá-lo.

Marek liga a televisão. O aparelho chia e uma voz distante pode ser ouvida, talvez um jogo de futebol. Marek passa pelos canais sem conseguir uma imagem e então desliga.

— Deveria ter trazido a TV da outra casa — diz ele.

— Não é a TV. Simplesmente não há canais a cabo aqui — diz Jussi.

— Você é um idiota — diz Lydia.

— Por que a parabólica não funciona? — pergunta Marek.

— Não sei — diz Jussi. — Venta muito aqui. Provavelmente está torcida.

— Então conserte — diz Marek.

— Conserte você!

— Calem a boca — diz Lydia.

— De qualquer forma, só tem lixo na TV — resmunga Jussi.

— Eu gosto de *Let's Dance* — diz Marek.

— Posso ir ao banheiro? — pergunta Benjamin em voz baixa.

— Você mija lá fora — diz Lydia.

— Tudo bem.

— Leve-o para fora, Marek — manda Lydia.

— Jussi pode fazer isso — retruca ele.

— Por que ele não pode ir sozinho? — reclama Jussi. — Ele não tem como fugir, está fazendo 20 graus negativos lá fora e é um longo caminho para…

— Levante essa bunda da cadeira e vá com ele — corta Lydia. — Eu fico de olho em Annbritt enquanto isso.

Sentar deixa Benjamin tonto. Ele vê que Jussi pegou a guia de cachorro de Lydia. Os joelhos de Benjamin estão rígidos, e uma dor lancinante sobe por suas coxas quando começa a andar. Cada passo é insuportável, mas ele trinca os dentes em um esforço para ficar em silêncio. Não quer aborrecer Lydia.

Há diplomas pendurados na parede do corredor. Uma luminária de parede, de latão, com cobertura de vidro fosco emite uma luz fraca. Uma

sacola plástica do supermercado ICA com as palavras QUALIDADE, CORTESIA, SERVIÇO impressas foi jogada no piso vinílico cor de cortiça.

— Eu preciso cagar — diz Jussi, soltando a guia. — Espere na varanda quando voltar.

Jussi coça a barriga, desaparece no banheiro bufando e tranca a porta atrás de si. Benjamin pode ver as costas curvas e fortes de Annbritt pela abertura da porta. Ouve Marek louvando a pizza grega.

O casaco acolchoado verde-escuro de Lydia está pendurado em um gancho no corredor. Benjamin olha ao redor e vasculha os bolsos rapidamente, achando as chaves da casa, uma bolsinha dourada e seu celular. A bateria está muito fraca, mas deve haver energia suficiente para pelo menos uma ligação. Com o coração acelerando, ele rasteja para o frio. A neve do caminho que leva ao depósito de madeira tinha sido limpa, e ele vai de pés descalços, tentando ignorar a dor em suas articulações. Na escuridão, ele só consegue identificar as formas redondas dos carros e ônibus velhos cobertos de neve no pátio. Suas mãos estão enrijecidas e tremendo de frio.

O sinal é ruim. Ele liga para o número da mãe e aperta o telefone no ouvido com a mão trêmula. Ouve o primeiro sinal no momento em que a porta se abre. É Jussi. Eles olham um para o outro. Não ocorre a Benjamin esconder o telefone. Talvez devesse correr, mas para onde iria? Jussi caminha na direção dele, seu rosto pálido e agitado.

— Terminou? — pergunta em voz alta, olhando para trás.

Jussi chega até Benjamin e o encara — eles fizeram um acordo. Pega o telefone de Benjamin e segue para os fundos do depósito enquanto Lydia sai da casa.

— O que vocês dois estão fazendo? — pergunta, a voz estranhamente alegre.

— Estou pegando um pouco mais de madeira — grita Jussi, escondendo o telefone no bolso interno.

— Terminei — diz Benjamin.

Lydia fica na passagem e deixa Benjamin entrar em casa.

Está muito escuro dentro do depósito. A única luz é a do visor azul claro do telefone. Jussi vê que indica MÃE. Ele o leva ao ouvido a tempo de ouvir alguém atender.

— Alô? — diz uma voz masculina. — Alô?

— É Erik? — pergunta Jussi.

— Não, é…

— Meu nome é Jussi. Pode dar um recado a Erik? É importante. Estamos aqui na minha casa, eu, Lydia, Marek e…

A pessoa que atendeu o telefone de repente dá um grito gutural. Há som de coisas quebrando e estalando, alguém tosse, uma mulher geme e chora. Depois, silêncio. A ligação é interrompida. Jussi fica olhando para o telefone, atônito. No momento em que pensa que poderia tentar mais alguém e começa a passar os números, a bateria acaba. Então a porta do depósito se abre e Lydia entra.

— Eu podia ver a sua aura pela porta aberta. Estava completamente azul — anuncia ela.

Jussi desliza o telefone para o bolso de trás e começa a empilhar madeira em um cesto.

— Vá para dentro — diz Lydia. — Eu faço isso.

— Obrigado — responde ele, saindo do depósito.

A caminho da casa ele vê cristais de gelo cintilando à luz da janela. A neve faz um rangido seco sob suas botas. Ele pode ouvir atrás de si um arrastar irregular, acompanhado por um som ofegante, suspirante. Jussi só tem tempo de pensar em seu cachorro, Castro. Lembra-se de quando Castro era filhote, como costumava caçar ratos sob a neve recém-caída. Jussi está sorrindo consigo mesmo quando um repentino golpe atrás da cabeça o joga para a frente. Ele cairia de barriga não fosse o fato de o machado, cravado na parte de trás de sua cabeça, o puxar para trás. Ele fica imóvel, os braços pendurados nos lados do corpo. Lydia puxa o machado e consegue soltá-lo. Jussi pode sentir o calor do próprio sangue escorrendo pelo pescoço e pelas costas. Ele cai de joelhos e tomba para a frente, sente a neve no rosto, mexe as pernas e rola de costas para conseguir se levantar. Seu campo visual diminui rapidamente, mas em seus últimos segundos de consciência ainda vê Lydia erguendo o machado de novo acima dele.

100

domingo, 20 de dezembro (quarto domingo do Advento): manhã

Benjamin está agachado junto à parede atrás da televisão. Ele se sente assustadoramente tonto, tem dificuldade para colocar a visão em foco. Mas o pior é a sede. Tem mais sede do que em qualquer momento na vida. A fome diminuiu. Não desapareceu, ainda está lá, uma dor persistente em seu estômago. Mas ela é totalmente obscurecida pela sede — a sede e a dor nas articulações. A sede é como ser esfaqueado, como se a sua garganta estivesse cheia de feridas abertas. Mal consegue engolir, não há saliva em sua boca. Há quantos dias ele está ali, deitado naquele chão, naquela casa? Benjamin, Lydia, Marek e Annbritt, naquele único aposento mobiliado, fazendo nada.

Benjamin escuta a neve cair com batidas leves sobre o telhado. Pensa em como Lydia entrou em sua vida, correndo atrás dele certo dia quando caminhava da escola para casa.

— Você esqueceu isso — chamou, e deu a ele seu gorro.

Ele parou e agradeceu. Ela o olhou de maneira estranha e disse:

— Você é Benjamin, não é?

Ele perguntou como ela sabia seu nome.

Ela acariciara o cabelo dele.

— Ah, menino querido. Eu o chamava de Kasper. — E quando ele olhou para Lydia sem compreender, ela acrescentou: — Eu sou sua verdadeira mãe. Eu dei à luz você. Eles não contaram?

Ela abriu a bolsa e lhe deu uma pequena roupa azul-clara de crochê.

— Fiz isso para você quando estava na minha barriga — sussurrou.

Ele explicou que seu nome era Benjamin Peter Bark e que não poderia ser filho dela. Tentou falar de maneira calma e gentil. Ela escutou com um sorriso no rosto, depois balançou a cabeça, triste.

— Pergunte a seus pais — disse. — Pergunte se é filho deles. Você pode perguntar, mas não contarão a verdade. Eles não podem ter filhos. Você saberá que estão mentindo. Mentirão por medo de perdê-lo. Você não é filho biológico deles. Eu posso contar sua verdadeira história. Você é meu. Não consegue ver como somos parecidos? Fui obrigada a entregá-lo para adoção.

— Mas eu não sou adotado.

— Eu sabia. Sabia que não iriam contar a você — falou.

Ele pensou nisso e de repente se deu conta de que ela de fato podia estar dizendo a verdade. Há muito tempo ele se sentia diferente.

Lydia sorriu para ele.

— Eu não posso provar. Você precisa confiar em seus instintos, tem de investigar seus sentimentos. Então perceberá que é verdade.

Eles se separaram, mas no dia seguinte ele a encontrou de novo. Foram a um café e conversaram por um longo tempo. Ela contou como havia sido obrigada a entregá-lo para adoção, dizendo que nunca se esqueceu dele. Pensou nele todos os dias desde que nasceu e foi tirado dela. Ela ansiava por ele a cada minuto de sua vida.

Benjamin contara tudo a Aida e eles concordaram ser melhor que Erik e Simone não soubessem do que ele havia descoberto até ter pensado sobre aquilo tudo. Primeiro ele queria conhecer Lydia. Podia ser verdade, não podia? Lydia entrara em contato com ele pelo e-mail de Aida e mandara a foto do túmulo da família.

— Quero que saiba quem você é, Kasper — escreveu. — Este é o lugar em que sua família descansa. Um dia iremos lá juntos, só você e eu.

Benjamin começava a acreditar nela. Ele queria. Ela era intrigante. Era estranho para ele ser tão desejado, tão amado. Ela dera a ele dinheiro e pequenas lembranças de sua infância, livros e uma câmera, e ele retribuíra com desenhos e objetos que colecionara quando criança.

Ela até mesmo impedira Wailord de atormentá-lo. Um dia ela simplesmente deu a ele um pedaço de papel no qual Wailord havia redigido uma promessa de que nunca mais chegaria perto de Benjamin ou de seus amigos. Seus pais nunca seriam capazes de algo assim. Ele estava cada vez mais convencido de que Erik e Simone — pessoas nas quais ele acreditara a vida inteira — eram mentirosos. Incomodava-o o fato de que nunca tivessem contado a ele, nunca mostrassem realmente o que significava para eles.

Ele tinha sido inacreditavelmente idiota.

Então Lydia começara a falar sobre ir ao apartamento, sobre visitá-lo em casa. Queria suas chaves. Ele realmente não entendeu por quê. Disse que permitiria que ela entrasse se tocasse a campainha, mas ela ficou com raiva. Explicou que teria de puni-lo caso não fizesse o que mandava. Sua explosão o surpreendeu e o assustou. Lydia contou que, quando ele era muito pequeno, ela dera a seus pais adotivos uma coisa chamada palmatória, como sinal de que desejava que eles o criassem da forma correta. Ela então tirou as chaves dele da mochila e disse que toda aquela conversa era ridícula. Ela decidiria quando visitar o próprio filho.

Foi então que ele notou que havia algo de errado com Lydia.

No dia seguinte, quando ela o esperava, ele simplesmente foi até ela e disse com toda a calma possível que queria suas chaves de volta e que não pretendia vê-la de novo.

— Claro, Kasper — dissera ela. — Você precisa das suas chaves.

Enfiou a mão na bolsa e as devolveu para ele.

Ele partiu, mas ela o seguiu. Ele parou, esperou e disse que ela não havia entendido: ele não queria vê-la novamente.

Benjamin olha para o próprio corpo. Um grande hematoma surgira em seu joelho. Se sua mãe visse aquilo, ficaria maluca, pensa.

Marek está olhando pela janela, como era habitual. Ele respira fundo pelo nariz e cospe pela janela na direção do corpo de Jussi, na neve. Annbritt está caída na mesa. Tenta parar de chorar; engole, pigarreia e soluça. Quando ela saiu e viu Lydia matar Jussi, gritou até Marek apontar a arma para ela e dizer que a mataria se fizesse mais algum som.

Não há sinal de Lydia. Benjamin pensa por um momento, depois dolorosamente se senta. Diz com a voz rouca:

— Marek, preciso contar algo.

Marek olha para Benjamin com olhos negros como grãos de pimenta-do-reino, depois se abaixa e começa a fazer flexões.

— O que você quer, seu merdinha?

Benjamin engole em seco, a garganta terrivelmente dolorida.

— Jussi me contou que Lydia vai matar você. Ia pegá-lo primeiro, depois Annbritt e depois você.

Marek continua suas flexões, contando em voz baixa, e se levanta com um suspiro.

— Você é um merdinha engraçado, sabe?

— Ele disse que ela só quer a mim. Quer ficar sozinha comigo. É verdade.

— Ah, é mesmo?

— Sim. Jussi falou que ela contou o que iria fazer. Começaria matando ele, e agora que ele…

— Cale a porra dessa boca.

— Você vai ficar sentado aí esperando a sua vez? — pergunta Benjamin. — Ela não se importa com você. Acha que a família seria melhor se fosse apenas eu e ela.

— Jussi realmente disse que ela iria me matar? — pergunta Marek.

— Eu juro, ela vai…

Marek ri alto.

— Eu já ouvi tudo o que alguém pode dizer para evitar a dor — diz, com um sorriso. — Todas as promessas, todos os truques, todos os acordos e todos os golpes. — Ele se vira, indiferente, para a janela.

Benjamin suspira. Está tentando pensar em algo mais para dizer quando Lydia entra. Sua boca é uma fina linha tensa, e seu rosto está pálido. Segura alguma coisa às costas.

— Então, uma semana se passou e é domingo de novo — afirma cerimoniosamente, fechando os olhos.

— O quarto domingo do Advento — sussurra Annbritt.

— Gostaria que relaxássemos e pensássemos sobre a semana passada — diz Lydia lentamente. — Jussi nos deixou há três dias. Ele já não está entre os vivos. Sua alma viaja em um dos sete círculos do céu. Ele será feito em pedaços por sua traição durante milhares de encarnações, como um animal de abate e um inseto.

Ela faz uma pausa.

— Vocês refletiram? — pergunta depois de algum tempo. Eles confirmam balançando a cabeça e Lydia sorri satisfeita. — Kasper, venha

aqui — diz em voz baixa.

Benjamin tenta se levantar, se esforçando para não fazer caretas de dor, mas ainda assim Lydia pergunta:

— Está fazendo careta para mim?

— Não — sussurra ele.

— Somos uma família e respeitamos um ao outro.

— Sim — responde ele, a voz chorosa.

Lydia sorri e exibe o objeto que estava escondendo atrás das costas.

101

domingo, 20 de dezembro (quarto domingo do Advento): manhã

Sem qualquer sinal de emoção, Lydia segura uma tesoura na frente de Benjamin. É uma tesoura de alfaiate, afiada, com lâminas grandes.

— Nesse caso — diz ela calmamente —, não será problema para você aceitar a sua punição. — Ela coloca a tesoura na mesa com uma expressão de absoluta serenidade.

— Sou apenas uma criança — diz Benjamin, balançando para a frente e para trás.

— Levante-se — diz ela secamente. — Nunca é o bastante, não é? Você nunca entende. Eu me esforço e tento ao máximo, me desgasto para que esta família dê certo, seja íntegra e pura. Eu só quero que ela *funcione*.

Benjamin está olhando para o chão e chorando: soluços ásperos e pesados.

— Não somos uma família? Não somos?

— Sim — diz ele. — Sim. Somos.

— Então por que se comporta assim? Se esgueirando às nossas costas, nos traindo, enganando, roubando de nós, nos contrariando. Por que se comporta assim comigo? Enfiando o nariz em tudo, falando de mim pelas costas.

— Não sei — sussurra Benjamin. — Desculpe-me.

Lydia pega a tesoura. Está respirando intensamente e o rosto está suado. Manchas vermelhas apareceram nas bochechas e no pescoço.

— Você receberá uma punição para que possamos esquecer tudo isso — diz Lydia. Ela olha para Annbritt e depois para Marek, e novamente para Annbritt. — Annbritt, venha aqui.

Annbritt, que estava olhando para a parede, avança hesitante. Sua expressão é tensa, os olhos percorrem a sala, o queixo fino treme.

— Corte o nariz dele — ordena Lydia.

Annbritt olha para Lydia e depois para Benjamin. Balança negativamente a cabeça.

Lydia dá um forte tapa em seu rosto. Depois segura o braço de Annbritt com força e a empurra mais para perto de Benjamin.

— Kasper tem metido seu nariz em tudo, e agora vai perdê-lo.

Annbritt pega a tesoura. Marek segura a cabeça de Benjamin com firmeza, apontando o rosto para ela. As lâminas da tesoura cintilam diante dos olhos de Benjamin e ele vê a expressão aterrorizada nos olhos da mulher.

— Ande logo com isso! — berra Lydia.

Insegura, Annbritt estende a mão com a tesoura na direção de Benjamin. Seu rosto se contorce e ela começa a chorar abertamente.

— Eu tenho uma doença no sangue — geme Benjamin. — Meu sangue não coagula! Por favor. Eu vou morrer se você fizer isso!

Annbritt fecha a tesoura no ar na frente dele e a deixa cair no chão.

— Não consigo — soluça ela. — Simplesmente não consigo. A minha mão dói ao segurar a tesoura.

— Esta é uma família — diz Lydia com uma inflexibilidade fatigada, enquanto se curva com esforço e pega a tesoura. — Você vai me obedecer e respeitar, está me ouvindo?

— Ela machuca a minha mão, eu já disse! A tesoura é grande demais para…

— Cale a boca! — interrompe Lydia, acertando-a com força na boca com a empunhadura da tesoura.

Annbritt engasga de dor e se desequilibra. Apoiada na parede, leva a mão aos lábios ensanguentados.

— Os domingos são para a disciplina — diz Lydia.

— Eu não quero. — Ela encolhe-se. — Por favor. Não quero.

— Ande logo com isso — ordena Lydia, impaciente. De repente ela inclina a cabeça.

— O que você disse? Você disse *boceta* para mim?

Ela ergue a tesoura de maneira ameaçadora.

— Não, não — soluça Annbritt, erguendo a mão. — Eu faço. Eu corto o nariz dele. Eu ajudo você. Não vai doer, já vai acabar.

Lydia parece satisfeita e entrega-lhe a tesoura. Annbritt vai até Benjamin, dá um tapinha em sua cabeça e sussurra rapidamente:

— Não tenha medo. Apenas saia, saia o mais rápido que puder.

Benjamin olha para ela com uma expressão confusa, tentando ler seus olhos assustados e sua boca trêmula. Annbritt ergue a tesoura, mas se vira e acerta Lydia sem força. Benjamin vê Lydia se defender do ataque e Marek agarrar o pulso de Annbritt, puxar seu braço e deslocar seu ombro. Annbritt grita de dor. Benjamin já está fora da sala quando Lydia pega a tesoura e monta no peito de Annbritt. Annbritt sacode a cabeça de um lado para outro, tentando escapar.

Quando Benjamin passa pela varanda fria e sai para os degraus, onde o gelo é capaz de queimar, ouve Annbritt gritar e tossir.

Lydia limpa o sangue da bochecha e olha ao redor procurando o garoto. Benjamin se desloca rapidamente pelo caminho limpo. Marek pega o rifle da parede, mas Lydia o detém.

— Isso vai fazer bem a ele — diz. — Kasper está descalço e veste apenas pijama. Ele voltará para a mamãe quando sentir frio.

— Do contrário morrerá — conclui Marek.

Benjamin ignora a dor nas articulações enquanto corre entre as filas de veículos dilapidados. Ele se agacha atrás de um velho sedã Volvo e come um punhado de neve, matando um pouco da sede terrível que sente, depois volta a correr. Em pouco tempo não consegue mais sentir os pés. Dos degraus da casa, Marek está gritando algo para Benjamin, que começa a procurar um lugar para se esconder na escuridão. Talvez consiga chegar ao lago quando as coisas se acalmarem. Jussi disse que quase sempre era possível encontrar um pescador lá, sentado pacientemente junto a um buraco aberto no gelo.

Ele precisa parar. Apoiado em uma picape, ele tenta ouvir passos, espia o limite escuro da floresta e se move. Não conseguirá continuar por muito tempo. Ele engatinha sob uma lona dura que cobre um trator, desliza pela grama congelada sob o carro seguinte, levanta e se vê entre dois ônibus. Tateia a lateral de um dos enormes veículos até encontrar uma janela aberta, e entra. Movendo-se pelo veículo escuro e mofado, encontra uma pilha de tapetes velhos em um banco e se enrola neles.

102

domingo, 20 de dezembro (quarto domingo do Advento): manhã

O aeroporto pintado de vermelho em Vilhelmina é uma visão desoladora no meio da imensa paisagem branca. São apenas 10 horas, mas já está bastante escuro. A pista de pouso de concreto é iluminada por holofotes. Após um voo de uma hora e meia, eles estão taxiando lentamente em direção ao terminal.

Do lado de dentro, a área de espera é surpreendentemente quente e aconchegante. Toca música natalina e o cheiro de café sai de uma loja que parece ser uma mistura de banca de jornal, posto de informações e lanchonete. Do lado de fora estão penduradas fileiras de peças de artesanato do povo sami, grupo étnico nativo da Lapônia: facas de manteiga, conchas em madeira, cestos feitos de casca de bétula. Simone olha distraída para alguns gorros sami em um balcão. Sente uma pontada breve de tristeza por aquela antiga cultura de caçadores hoje ser obrigada a se reinventar na forma de gorros de cores brilhantes com cordões vermelhos para que turistas vejam tudo isso como uma espécie de brincadeira. O tempo eliminou o xamanismo do povo sami. As pessoas penduram o tambor cerimonial, *meavrresgárri*, na parede acima dos sofás, e o pastoreio de renas está prestes a se tornar uma apresentação para os turistas.

Joona pega o celular e faz uma ligação. Balança a cabeça com uma irritação crescente. Erik e Simone ouvem uma voz fina do outro lado da linha respondendo às perguntas ríspidas dele. Quando Joona desliga o telefone, sua expressão é tensa e séria.

— O que houve? — pergunta Erik.

Joona se estica para olhar pela janela.

— Eles ainda não tiveram notícias da viatura que foi até a casa — responde, parecendo distraído.

— Isso não é bom — diz Erik em voz baixa.

— Vou ligar para a delegacia.

— Mas não podemos ficar apenas sentados esperando por eles.

— Não ficaremos — retruca Joona. — Temos um carro… Já deveria estar aqui.

— Deus do céu — diz Simone. — Tudo demora um tempo absurdo.

— As distâncias são um pouco diferentes aqui em cima — diz Joona.

Ele dá de ombros, e eles então o acompanham até a saída. Passando pelas portas, um frio diferente, seco, os atinge, um frio de magnitude totalmente distinta.

Dois carros azul-escuros param na frente deles e dois homens com uniformes amarelo-brilhantes do Serviço de Resgate em Montanha saem.

— Joona Linna? — pergunta um deles.

Joona confirma.

— Disseram para dar um carro a vocês.

— Resgate em Montanha? — pergunta Erik, ansioso. — Onde está a polícia?

Um dos homens se empertiga e explica secamente.

— Não há muita diferença aqui. Polícia, Alfândega, Resgate em Montanha, normalmente trabalhamos juntos quando necessário.

O outro homem acrescenta:

— Com o Natal chegando, estamos com pouco pessoal.

Ninguém diz nada por um instante. Erik parece desesperado. Abre a boca para falar, mas Joona é mais rápido.

— Souberam algo da viatura que foi até a cabana? — pergunta.

— Nada desde as 7 horas.

— Quanto tempo demora até chegar lá em cima?

— Ah, uma hora ou duas.

— Duas e meia — diz o outro homem. — Levando em conta a época do ano.

— Qual é o carro? — pergunta Joona, impaciente, indo na direção de um deles.

— Não faz diferença — responde um dos homens.

— Queremos o que estiver com mais combustível — diz Joona, e eles entram. Joona pega as chaves e pede a Erik para colocar o destino no

sistema de GPS novinho em folha.

— Espere — diz Joona, chamando os homens, que seguem para o outro carro.

Eles param.

— A viatura que foi para a cabana esta manhã. Eles também são do Resgate em Montanha?

— Sim, com certeza.

Eles seguem pela margem do lago Volgsjö e então, poucos quilômetros depois, pegam a estrada principal, seguindo para oeste em linha reta por cerca de 10 quilômetros antes de virar na estrada sinuosa pela qual seguiriam por mais 80 quilômetros. Viajam em silêncio. Depois que Vilhelmina fica bem para trás, o céu parece clarear, e eles percebem um estranho brilho suave surgir na paisagem. Eles notam os contornos de montanhas e lagos ao redor.

— Você vê? — diz Erik. — Está ficando mais claro.

— Não vai ficar mais claro por várias semanas — retruca Simone.

— A neve capta a luz através das nuvens — diz Joona.

Simone apoia a cabeça no vidro. Eles seguem por florestas cobertas de neve, imensos campos brancos que foram desprovidos de árvores, escuras áreas pantanosas e lagos que parecem enormes planícies. Na escuridão, eles observam um lago estranhamente bonito, frio e congelado, com margens íngremes, cintilando escuro à luz da neve.

Após quase uma hora e meia, algumas vezes seguindo para o norte, outras para o oeste, a estrada começa a ficar mais estreita. Estão em Dorotea, aproximando-se da fronteira com a Noruega, e montanhas escarpadas muito altas se elevam acima deles. De repente, um carro na direção oposta pisca os faróis. Eles param no acostamento e observam o outro carro parar e dar marcha a ré até eles.

— Resgate em Montanha — diz Joona secamente quando vê que o carro é igual ao deles. Ele baixa o vidro da janela e um ar seco gelado suga todo o calor do carro.

— Vocês são o grupo de Estocolmo? — grita um dos homens em finlandês.

— Somos — responde Joona em finlandês. — Urbanoides, somos nós.

Eles riem e Joona então passa a falar em sueco.

— Vocês que foram à casa? Ninguém conseguiu falar com vocês.

— Sem cobertura de rádio — responde o homem. — Mas foi desperdício de combustível. Não há nada lá.

— Nada? Nenhuma trilha ao redor da casa?

O homem balança a cabeça.

— Passamos por camadas de neve.

— Como assim? — pergunta Erik.

— Nevou cinco vezes desde o dia 12, então procuramos trilhas em cinco camadas de neve.

— Bom trabalho — diz Joona.

— Por isso demorou um pouco.

— Mas ninguém esteve lá? — pergunta Simone.

O homem torna a confirmar, com um aceno de cabeça.

— Não desde o dia 12, como eu disse.

— Merda — diz Joona em voz baixa.

— Então vão voltar conosco? — pergunta o homem.

Joona faz um sinal negativo.

— Viemos de Estocolmo. Não vamos voltar agora.

O homem dá de ombros.

— Aproveitem.

Eles acenam e seguem para leste.

— Sem cobertura de rádio — sussurra Simone. — Mas Jussi disse que estava ligando de lá.

Eles seguem em silêncio. Simone está pensando a mesma coisa que os outros. A viagem pode ser um erro desastroso. Eles podem ter sido atraídos na direção errada, para um mundo cristalino de neve e gelo, de florestas e escuridão, enquanto Benjamin está em um lugar completamente diferente, sem proteção, sem seu remédio, talvez nem vivo esteja mais.

O dia está na metade, mas tão ao norte, no meio das florestas, o dia é como noite nessa época do ano, uma noite imensa que esconde o alvorecer de dezembro a janeiro, que se recusa a se abrir e deixar a luz entrar.

103

domingo, 20 de dezembro (quarto domingo do Advento): tarde

Eles chegam à casa de Jussi dirigindo o trecho final sobre uma camada dura de neve. O ar está gelado, totalmente parado e frágil. Joona saca a arma. Faz muito tempo desde que viu neve de verdade e experimentou no nariz essa sensação seca do frio severo.

Três pequenas construções, uma diante da outra, ficam dispostas como a letra U. A neve formou um domo levemente curvado nos telhados, e há neve nas paredes, até a altura do parapeito das janelas. Erik sai do carro e olha ao redor. As marcas dos pneus da equipe de Resgate em Montanha são nítidas, assim como suas pegadas ao redor dos prédios.

— Ai, meu Deus — geme Simone, indo rapidamente à frente.

— Espere — diz Joona.

— Não há ninguém, está vazio, nós…

— *Parece* estar vazio — diz Joona. — É tudo o que sabemos.

Simone espera, tremendo, enquanto Joona avança pela neve. Ele para junto a uma das pequenas janelas, se inclina para a frente e consegue ver um baú de madeira e alguns tapetes gastos no chão. As cadeiras foram colocadas sobre a mesa, viradas, e a geladeira está vazia e desligada, a porta escancarada.

Simone olha para Erik, que parou no meio do pátio, olhando ao redor, perplexo. Ela está prestes a perguntar o que há de errado quando ele diz em voz alta e clara:

— Ele não está aqui.

— Não há ninguém aqui — responde Joona, cansado.

— Quer dizer, esta não é a casa assombrada dele — diz Erik.

— Como assim?

— Esta é a cabana errada. A casa assombrada de Jussi é verde-clara. Eu o ouvi descrevê-la: tem uma despensa fora da varanda, telhado de zinco com

pregos enferrujados, antena parabólica perto do frontão e o pátio está cheio de carros, ônibus e tratores velhos.

Joona gesticula.

— O endereço dele é este. É onde está registrado.

— Mas é o lugar errado.

Erik dá alguns passos na direção da casa, depois olha para Simone e Joona, a expressão absolutamente séria, e diz:

— Esta não é a casa assombrada.

Joona pragueja e pega o celular, depois pragueja ainda mais quando lembra que não há sinal.

— Dificilmente encontraremos alguém aqui a quem perguntar, então é melhor dirigir até encontrar sinal de novo — diz, entrando no carro.

Eles engrenam a ré e estão prestes a voltar para a estrada quando Simone vê uma figura escura entre as árvores. Está de pé imóvel, os braços ao lado do corpo, observando-os.

— Ali! — grita. — Há alguém ali!

104

domingo, 20 de dezembro (quarto domingo do Advento): tarde

O limite da floresta do outro lado da estrada é denso e escuro, a neve acumulada entre os troncos, os galhos carregados. Ela sai do carro, embora Joona mande que espere, e tenta ver entre as árvores. Os faróis refletem nas janelas da casa. Erik vai até ela.

— Eu vi alguém — sussurra ela.

Joona sai do carro, saca a arma e os segue. Simone vai rapidamente até o limite da floresta e de novo vê o homem entre as árvores, dessa vez mais longe.

— Espere, por favor! — grita ela.

Ela corre um pouco, mas para quando encontra seu olhar. É um homem velho, com o rosto enrugado e absolutamente sereno. Ele é muito baixo, mal chega à altura de seu peito, e veste um anoraque grosso e rígido e calças de couro de rena. Tem dois lagópodes mortos sobre o ombro.

— Desculpe incomodá-lo — diz Simone.

Ele fala alguma coisa que ela não entende, depois baixa o olhar e murmura algo. Erik e Joona se aproximam com cautela. Joona já escondeu a arma dentro do casaco.

— Acho que ele está falando finlandês — diz Simone.

— Espere — diz Joona, virando-se para o homem.

Erik ouve Joona se apresentar, apontar para o carro e depois mencionar o nome de Jussi. Fala finlandês de modo firme, contido. O velho balança a cabeça para cima e para baixo lentamente, tira um cachimbo e o acende. Ouve Joona com o rosto erguido, como se procurasse algo e escutasse ao mesmo tempo. Pitando o cachimbo, ele pergunta algo a Joona com uma voz serena, melodiosa, cacarejante. Joona responde, e o homem balança a cabeça lamentando. Olha para Erik e Simone com simpatia. Quando oferece

o cachimbo, Erik tem presença de espírito suficiente para aceitar, pitar e devolver. O tabaco é amargo e forte. Erik se esforça para não tossir.

Simone ouve o sami explicar algo demoradamente a Joona. Quebra um galho fino de uma árvore e desenha algumas linhas na neve. Joona se inclina sobre o mapa de neve, apontando e fazendo perguntas. Tira um pequeno bloco de notas do bolso interno e copia o mapa. Simone sussurra "obrigada" enquanto voltam para o carro. O homenzinho se vira, aponta para a floresta e segue por uma trilha estreita entre as árvores.

Eles deixaram as portas abertas, e os assentos estão tão frios que queimam as costas e as pernas quando eles se sentam.

Joona dá a Erik o pedaço de papel no qual copiou as indicações do velho.

— Ele falava um tipo estranho de lapão de Umeå, então na verdade não entendi tudo. Falou sobre o lugar da família Kroik.

— Mas ele conhecia Jussi?

— Sim. Se entendi direito, Jussi tem outra casa, uma cabana de caça mais no fundo na floresta. Deve haver um lago lá em cima, à esquerda. Podemos ir de carro até um ponto onde três grandes pedras foram erguidas para lembrar o fato de que o povo sami costumava passar os verões aqui. Os caminhões de remoção de neve não vão além desse local, então temos de caminhar para norte pela neve até encontrarmos um velho trailer.

Joona olha para Simone e Erik com uma expressão irônica e acrescenta:

— O velho disse que se cairmos no gelo do lago Djuptjärnen é porque fomos longe demais.

Eles dirigem por 40 minutos, parando nas três pedras esculpidas e erguidas pela comunidade de Dorotea. Os faróis fazem tudo parecer cinza e ensombreado. As pedras aparecem por alguns segundos, depois voltam a desaparecer na escuridão.

Joona estaciona o carro no limite da floresta e diz que é melhor camuflá-lo. Ele corta alguns galhos, mas muda de ideia. Olha para o céu estrelado e parte o mais rápido que pode. Simone e Erik o acompanham, em silêncio. A crosta dura é como uma tábua pesada sobre a neve funda. As indicações do velho são corretas. Após 500 metros eles veem um trailer enferrujado parcialmente enterrado na neve e saem do caminho. Outros já caminharam pela trilha onde eles estão. Abaixo deles há uma casa cercada de neve.

Fumaça sai pela chaminé. À luz das janelas, as paredes externas parecem ser verde-menta.

Essa é a casa de Jussi, pensa Erik. *Essa* é a casa assombrada.

No pátio eles veem grandes formas escuras cobertas de neve que formam um estranho labirinto. Enquanto seguem lentamente em direção à casa, avançam por passagens estreitas entre esses grandes montes de veículos cobertos de neve — carros, ônibus, colheitadeiras, arados e motos sucateados —, os pés rangendo na neve.

Através da janela, veem que dentro da casa alguém se move. Algo está acontecendo lá; os movimentos são rápidos, violentos. Erik não consegue esperar mais, começa a correr na direção da casa: está se lixando para as consequências. Simone corre ao lado dele, ofegante. Enquanto se aproximam, correndo pela neve dura, de repente ouvem um grito abafado, seguido por rápidas batidas confusas. Uma figura aparece novamente na janela. Um galho se parte no limite da floresta. A porta do depósito bate. Simone está com a respiração acelerada. Eles param no limite de uma trilha que foi limpa, pouco antes de chegar à casa.

105

domingo, 20 de dezembro (quarto domingo do Advento): tarde

A pessoa na janela desapareceu. O vento assovia no topo das árvores. A neve recém-caída rodopia pelo chão. Então a porta é escancarada e eles são ofuscados: alguém aponta uma lanterna forte para seus rostos. Protegem os olhos com as mãos e os apertam para tentar ver.

— Benjamin? — chama Erik.

Quando o facho de luz é baixado para o chão, Erik reconhece Lydia. Ela segura a lanterna com uma mão e tem uma tesoura grande na outra. A luz ilumina uma figura na neve. É Jussi. Seu rosto tem um tom cinza-azulado gelado, os olhos estão fechados, está coberto de sangue congelado e um machado está sobre seu peito. Simone fica calada ao lado de Erik. Ele sabe, pela respiração superficial e rápida, que ela também viu o corpo. No mesmo momento, percebe que Joona não está mais com eles. Deve ter ido por um caminho diferente, pensa Erik. Pegará Lydia por trás caso ele consiga mantê-la ocupada por tempo suficiente.

— Lydia — diz Erik. — Bom vê-la de novo.

Ela fica lá, imóvel, olhando para eles sem dizer nada. A tesoura cintila em sua mão, balançando frouxamente. O facho da lanterna ilumina o caminho cinza.

— Viemos pegar Benjamin — explica Erik calmamente.

— Benjamin — retruca Lydia. — Quem é Benjamin?

— Ele é meu filho — diz Simone, a voz meio sufocada.

Erik tenta sinalizar para que ela fique em silêncio. Talvez ela o tenha visto, porque recua um passo e tenta controlar a respiração.

— Não vi o filho de mais ninguém, só o meu — diz Lydia lentamente.

— Lydia, me escute — diz Erik. — Se pudermos pegar Benjamin, iremos embora e esqueceremos tudo isso. Prometo nunca mais hipnotizar ninguém…

— Mas eu não o vi — insiste Lydia, olhando para a tesoura. — Aqui só estamos eu e meu Kasper.

Lydia está no lugar perfeito agora, pensa Erik de maneira febril. Está concentrada em nós e de costas para a casa. Joona só precisa dar a volta e pegá-la por trás.

— Gostaria que fossem embora agora — diz ela com firmeza.

— Por favor, apenas nos deixe dar o remédio a ele — suplica Erik.

Sua voz começou a tremer. De repente, acha que pode ver alguém se movendo em diagonal pela fila de veículos atrás da casa. Uma descarga de alívio percorre o seu coração. Mas a expressão de Lydia se torna alerta, ela ergue a lanterna, aponta-a para o depósito de madeira e para a neve ao redor.

— Kasper precisa do remédio dele — diz Erik.

Lydia baixa a lanterna de novo. Sua voz é fria e áspera.

— Sou a mãe dele. Eu sei do que ele precisa.

— Você está certa, claro que está — diz Erik rapidamente. — Mas se você nos deixar dar a Kasper um pouco de remédio você mostrará a ele o que é certo e errado, poderá discipliná-lo. Afinal, hoje é domingo…

Erik se cala involuntariamente ao ver a figura atrás da casa se aproximar e depois desaparecer.

— Aos domingos — continua — você normalmente…

Duas pessoas surgem contornando a lateral da casa. Joona se movimenta de modo rígido e relutante na direção deles. Atrás está Marek, com o rifle de caçar alces nas costas de Joona.

Lydia sorri e desce para a neve dura do caminho limpo.

— Atire neles — diz secamente. Lydia aponta com a cabeça para Simone. — Comece com ela.

— Só tenho dois cartuchos — retruca Marek.

— Faça como quiser, apenas faça — diz ela.

— Marek — diz Erik. — Eles me impediram de trabalhar. Eu queria ajudar você…

— Cale a porra da boca.

— Você começou a falar sobre o que aconteceu na grande casa no campo em Zenica-Doboj.

— Eu posso mostrar a você o que aconteceu — diz Marek, olhando para Simone com os olhos calmos e vazios.

— Apenas acabe com isso — suspira Lydia, parecendo impaciente.

— Deite-se — diz Marek a Simone. — E tire os jeans.

Ela não se move. Marek aponta a arma para ela, que recua. Erik avança e Marek então aponta para ele.

— Vou atirar no estômago dele — diz Marek. — Assim ele poderá ver enquanto nos divertimos.

— Faça isso logo — diz Lydia.

— Espere — diz Simone, começando a abrir o fecho da calça.

Marek cospe na neve e dá um passo na direção dela, mas na verdade não parece saber o que fazer. Olha para Erik e aponta a arma na sua direção. Simone não olha nos olhos dele. Ele vira a arma para ela, apontando o cano primeiro para a cabeça, depois para sua barriga.

— Não faça isso — diz Erik.

Marek baixa o rifle e avança na direção de Simone. Lydia recua. Simone começa a baixar os jeans e a calcinha.

— Segure a arma — diz Marek a Lydia em voz baixa.

Ela está indo na direção dele quando há um barulho no labirinto de carros sucateados — uma batida metálica repetida. De repente há um ronco quando um motor é ligado, com o som agudo dos pistões funcionando. O motor acelera de maneira ensurdecedora, a caixa de marchas grita, neve é arremessada no ar e uma luz brilhante inunda a frente da casa. Um ônibus velho com uma lona enorme sobre o teto sai da formação e avança, livrando-se da dura camada de neve que o cobre e indo na direção deles em linha reta.

106

domingo, 20 de dezembro (quarto domingo do Advento): tarde

Quando Marek vira a cabeça para ver o ônibus, Joona avança com uma rapidez impressionante e agarra a coronha da arma. Marek segura com força, mas é obrigado a dar um passo à frente. Joona o acerta com força no peito e tenta chutar suas pernas, mas o forte Marek permanece de pé e, usando toda a força dos braços, tenta virar a arma, a coronha raspando na cabeça de Joona e o jogando de joelhos. Mas os dedos de Marek estão tão frios que a mão escorrega, e a arma gira no ar e cai na frente de Lydia. Simone avança na direção dela, porém Marek, rosnando, agarra seus cabelos e a joga para trás.

O ônibus foi na direção de um pinheiro e ficou preso, o motor rugindo em protesto. Está cercado por um miasma de fumaça de escapamento e neve levantada enquanto bate teimosamente no tronco da árvore, arrancando a casca, as rodas girando sem tração. O motor acelera de novo, a árvore balança e neve cai dos galhos escuros. A porta da frente do ônibus abre e fecha repetidas vezes com um chiado suave. O rosto perturbado de Benjamin pode ser visto do lado de dentro. Seu nariz está sangrando.

— Benjamin! — grita Simone. — Benjamin!

Lydia corre na direção do ônibus com a arma de Marek, seguida por Erik. Gritando, Lydia entra no ônibus, acertando Benjamin com a coronha da arma e o arrancando do banco do motorista. Ela se senta atrás do volante e opera o câmbio alto. Com o barulho de marchas arranhando, o ônibus começa a recuar, ganhando velocidade à medida que desce a encosta na direção do lago. Erik grita para que Lydia pare, correndo atrás deles nas trilhas cavadas pelos pneus.

Marek continua segurando Simone pelos cabelos. Ela grita e tenta soltar os dedos dele. Joona se contrai, passando na posição ajoelhada para agachado e então se levanta de um pulo. Quando Marek começa a se virar em sua direção, Joona abaixa o ombro e torce o corpo, lançando o punho na axila de Marek. O braço de Marek cai como se tivesse sido arrancado do

encaixe, e ele solta o cabelo de Simone. Ela se afasta e procura a tesoura na neve. Marek ataca com a outra mão, mas Joona evita o golpe e lança o cotovelo direito na lateral do pescoço de Marek com toda força, partindo a clavícula com um estalo abafado. Marek cai no chão gritando de dor. Simone pula na direção da tesoura, mas Marek a chuta na barriga, agarrando a tesoura e dando um golpe para trás com o braço que funciona. Simone grita e vê o rosto de Joona enrijecer quando a tesoura penetra em sua coxa direita, o sangue esguichando na neve. Fazendo uma careta feroz, Joona dá um golpe com as algemas que havia tirado e acerta o crânio de Marek acima da orelha esquerda. É um golpe forte. Marek para de se mexer. Simplesmente fica olhando fixo para a frente, tentando dizer algo. Sangue escorre do nariz e do ouvido. Joona se curva sobre ele, arfando, e prende as algemas nos pulsos flácidos de Marek.

Erik correu atrás do ônibus no escuro, a respiração fazendo doer os pulmões. As lanternas traseiras brilham em vermelho à frente, e o facho claro dos faróis pisca na floresta. Há um barulho agudo quando um dos retrovisores se parte ao bater em uma árvore.

Erik espera que o frio proteja seu filho. Temperaturas abaixo de zero podem reduzir a temperatura corporal em uns dez por cento, o suficiente para fazer com que o sangue de Benjamin escorra mais devagar, talvez permitindo que ele sobreviva apesar de ter sido ferido.

O terreno é bastante inclinado atrás da casa. Erik tropeça e se levanta. As irregularidades do terreno, troncos de árvores cortados e elevações escondidas pela neve funda foram expostas com o avanço enlouquecido do ônibus. O ônibus é uma sombra a distância, uma silhueta com um brilho embaçado ao redor. Parece que Lydia pretende dirigir pela margem, dando a volta no lago até a velha estrada de transporte de troncos que Erik viu na cópia de Joona do mapa do velho sami. Em vez disso o ônibus freia de repente e sobe na superfície congelada do lago.

Erik grita para Lydia parar. Quando ela passa em disparada pelo píer, uma corda arrastada pelo ônibus se prende nas pedras e a lona é arrancada do teto.

O ar está denso com a fumaça de diesel. No momento em que Erik chega à beira do lago, o ônibus já está a uns 20 metros da margem. De repente ele para. Há um rugido alto e o som de algo se partindo. A garganta de Erik se

fecha de pânico quando vê as lanternas traseiras vermelhas do ônibus virando para cima, como alguém lentamente erguendo o olhar. O gelo cedeu e o ônibus afundou. As rodas giram para trás, mas isso serve apenas para aumentar o buraco no gelo.

Erik pega um colete salva-vidas no píer e começa a correr pelo gelo, o coração acelerado. As luzes dentro do ônibus, que ainda boia, fazem com que ele brilhe como uma campânula fosca. Há um barulho de água espirrando e grandes pedaços de gelo se partem e rodopiam na água escura.

Erik acha que consegue ver um rosto branco na água agitada atrás do ônibus.

— Benjamin! — grita.

A água levantada pelo ônibus escorre sobre o gelo, deixando-o traiçoeiro sob seus pés. Ele amarra a corda do colete salva-vidas na cintura, para não perdê-lo, e o joga na água escura, mas não consegue mais ver nada ali. O brilho vermelho-sangue das luzes traseiras se espalha pelo gelo quebrado e pela neve.

A frente do ônibus afunda mais, os faróis desaparecem sob a água. Apenas o teto pode ser visto. O motor morre. Não há som além do gelo quebrando e sendo esmagado e do borbulhar preguiçoso da água. De repente Erik vê que Benjamin e Lydia ainda estão dentro do ônibus. O piso se inclina para a frente e eles vão na direção do fundo do ônibus. Benjamin se agarra a um balaústre. O teto acima do banco do motorista está quase no mesmo nível do gelo.

Erik corre na direção do buraco no gelo e salta para o ônibus. O veículo inteiro balança embaixo dele. Ele consegue ouvir Simone gritar algo a distância: ela chegou à margem. Erik engatinha até a saída de emergência no teto, levanta-se e pisa com força no vidro. Cacos de vidro caem sobre os bancos e o piso. Ele só pensa em tirar Benjamin do ônibus que afunda. Desce pendurado pelos braços, consegue encontrar apoio para o pé no encosto de um banco e pula para o chão. Benjamin parece aterrorizado. Veste apenas pijama e sangue escorre do nariz e de um pequeno corte na bochecha.

— Pai — sussurra ele.

Erik acompanha seu olhar até Lydia. Está de pé no fundo do ônibus, o rosto ensanguentado e totalmente obstruído. Segura a arma. O banco do

motorista agora está sob a água. O piso se inclina mais. A água continua entrando por entre as vedações de borracha das portas.

— Lydia, temos de sair daqui! — grita Erik.

Lydia apenas balança a cabeça.

— Benjamin — diz ele, sem tirar os olhos de Lydia —, suba em mim e saia pelo teto.

Benjamin não responde, mas segue as instruções de Erik. Ele se movimenta inseguro pelo corredor, sobe em um banco, depois nas costas e nos ombros de Erik. Quando alcança a abertura com as mãos, Lydia ergue a arma e atira. Erik não sente dor, apenas um golpe tão poderoso no ombro que ele é arrancado do chão. Só quando se levanta novamente sente a dor e o sangue quente escorrendo.

Acima, Benjamin balança pendurado na abertura no teto. Erik se estica e o empurra para cima com o braço bom, embora possa ver Lydia apontando a arma para ele de novo. Benjamin já está no teto quando há o outro tiro. Lydia erra. A bala passa raspando pelo quadril de Erik e parte uma janela ao seu lado; a água gelada começa a inundar o veículo. Enquanto Erik tenta alcançar a saída de emergência no teto, o ônibus vira de lado e ele acaba sob a água que entra.

107

domingo, 20 de dezembro (quarto domingo do Advento): tarde

O choque da água gelada faz Erik perder a consciência por alguns segundos. Ele bate as pernas em pânico, chega à superfície e enche os pulmões de ar. Lentamente, e com estalos metálicos, o ônibus começa a rolar e afundar na água escura. Então gira. Erik sente uma pancada na cabeça e de repente está de novo sob a água. Pode ver pela janela os faróis ainda brilhando no fundo do lago. O coração bate forte. O rosto e a cabeça parecem torcidos por um torno. Vê Lydia sob a água, agarrada a um balaústre, de costas para os bancos traseiros. Seus ouvidos se enchem com um zumbido e ele é imobilizado pelo frio incompreensível. Ele vê a saída de emergência aberta e a janela estilhaçada, sabe que o ônibus afunda rapidamente, sabe que precisa nadar para fora. Tem de lutar, mas seus braços não funcionam e ele não sente as pernas. Está quase sem peso. Tenta avançar, mas tem dificuldade para sincronizar os movimentos.

Erik vê que está cercado por uma nuvem de sangue do ferimento no ombro. De repente Lydia encontra seu olhar, encarando-o calmamente. Eles ficam ali na água gelada, olhando um para o outro. Os cabelos dela flutuam na corrente e pequenas bolhas de ar saem de seu nariz como um colar de pérolas.

Erik precisa respirar, sua garganta aperta, mas ele luta contra os pulmões que se esforçam para conseguir oxigênio. As têmporas latejam e uma luz branca pisca dentro de sua cabeça. A temperatura do seu corpo está tão baixa que ele está prestes a perder a consciência. O barulho em seu ouvido fica mais alto, subindo e descendo.

Erik pensa em Simone, no fato de que Benjamin vai conseguir. Parece um sonho, flutuando livremente na água gelada. Com impressionante clareza ele se dá conta de que aquele é o momento de sua morte, e seu estômago se contrai de medo.

Ele perdeu a noção de direção, de seu próprio corpo, de luz e escuridão. A água parece morna, quase quente. Pensa que logo terá de abrir a boca e simplesmente desistir, simplesmente deixar o fim chegar enquanto seus pulmões se enchem de água.

Novos pensamentos estranhos passam por sua cabeça quando algo estranho acontece. Ele sente a corda presa em sua cintura se apertar. Ele havia se esquecido de que amarrara ao corpo a corda comprida presa ao salva-vidas. Parece estar preso em algo. Ele está sendo arrastado para o lado. É impossível resistir, ele não tem mais forças. Seu corpo flácido é içado de maneira inexorável na direção do balaústre e depois pela saída de emergência do teto. A parte de trás de sua cabeça bate em algo, um sapato cai, e então ele está fora do ônibus, na água escura. Está sendo levado para cima enquanto o veículo continua para as profundezas sem ele, Lydia dentro da jaula brilhante que desce silenciosamente para o fundo do lago.

108

quinta-feira, 24 de dezembro: tarde

Simone, Erik e Benjamin retornam a uma Estocolmo cinzenta sob o céu já escuro. O ar está pesado com a chuva, e a cidade envolvida em uma névoa arroxeada. Luzes coloridas brilham por toda parte, em árvores de Natal e guirlandas nas varandas. Estrelas cintilam em praticamente todas as janelas. Papai Noel e seus duendes estão por todos os lados.

O motorista do táxi que os deixa no hotel Birger Jarl usa um gorro de Papai Noel. Acena para eles de modo melancólico pelo retrovisor. Eles percebem que há um Papai Noel de plástico até no teto do carro.

Simone olha para o saguão e as janelas escuras do restaurante do hotel, e diz que acha estranho ficar em um hotel quando estão a alguns metros de casa.

— Mas realmente não quero voltar ao nosso apartamento — diz ela.

— Não, claro que não — concorda Erik.

— Nunca mais.

— Nem eu — diz Benjamin.

— Vamos fazer o quê? — pergunta Erik. — Que tal um cinema?

— Estou com fome — diz Benjamin em voz baixa.

O helicóptero chegara ao hospital de Umeå, onde os médicos retiraram a bala que atravessara o músculo do ombro esquerdo de Erik, causando apenas danos superficiais à parte externa do braço. Assim que eles o estabilizaram, passou por uma cirurgia. Depois dividiu um quarto com Benjamin, que havia sido internado para observação e hidratação, e também para que seu medicamento pudesse ser regulado. Após apenas um dia no hospital, Benjamin começou a querer ir para casa.

A psicóloga designada para avaliar o quadro de Benjamin pareceu incapaz de compreender o grau de perigo a que ele havia sido exposto. Após conversar com o rapaz por 45 minutos, ela se reuniu com Erik e Simone e

anunciou serenamente que o garoto parecia bem para as circunstâncias. Deveriam apenas ficar de olho e dar algum tempo a ele.

Será que ela queria apenas tranquilizá-los? Os pais perceberam que Benjamin precisaria de ajuda de verdade. Podiam vê-lo vasculhando suas lembranças, como se já tivesse decidido ignorar algumas delas, e sentiam que, se fosse deixado sozinho, iria enterrar o que havia acontecido como uma rocha ao redor de um fóssil.

— Eu conheço dois especialistas em psicologia adolescente que são muito bons — disse Erik. — Vamos ligar para eles assim que voltarmos a Estocolmo.

— Tudo bem — falou Simone, estremecendo.

— Como *você* está se sentindo? — Erik perguntou para ela.

— Há esse hipnotista sobre o qual ouvi falar — reagiu ela.

— Apenas tome cuidado com ele.

— Tomarei — retrucou Simone, sorrindo.

— Falando sério — disse Erik. — Todos precisaremos trabalhar isso.

Ela assentiu e em seu rosto surgiu uma expressão bastante reflexiva.

— Pequeno Benjamin — disse ela suavemente.

Erik, então, deitou-se novamente na cama ao lado da de Benjamin, e Simone sentou em uma cadeira entre elas. Olharam para o filho, deitado ali tão pálido e magro. Nunca se cansavam de olhar para o rosto dele, como se fosse um bebê recém-nascido.

— Como está se sentindo, homenzinho? — tentou Erik.

Benjamin olhou pela janela. A escuridão do lado de fora transformava o vidro em um reflexo vibrante quando o vento o empurrava e o sacudia.

109

domingo, 20 de dezembro (quarto domingo do Advento): tarde

Benjamin tinha acabado de subir para o teto do ônibus quando ouviu o segundo tiro. Ele escorregou e quase caiu na água. No mesmo instante, viu Simone na escuridão na beirada do enorme buraco no gelo. Ela gritava que o ônibus estava afundando e que ele tinha de ir para o gelo. Ao ver o salva-vidas laranja balançando na água escura atrás do ônibus, saltou, agarrou-o, passou-o sobre os braços e bateu as pernas até a beirada do gelo, enquanto as sentia ficando dormentes. Deitada no gelo, Simone esticou o braço para a água gelada, pegou sua mão e o puxou para fora, em seguida afastando-o um pouco mais da borda. Ela tirou seu casaco e o colocou ao redor do filho, abraçando-o e dizendo que havia um helicóptero a caminho.

Benjamin soluçou.

— Papai ainda está lá!

O ônibus afundou rapidamente, desaparecendo sob a superfície com um estrondo, e eles foram deixados na escuridão. Podiam ouvir o barulho da água lançada para cima e de enormes bolhas de ar, as placas de gelo voltando para o lugar. Simone segurou Benjamin com força, tremendo, tentando não gritar. De repente, ele foi arrancado de seus braços. Ele tentou se levantar, mas escorregou e caiu. A corda presa ao colete salva-vidas estava esticada sobre o gelo, correndo para a água, e Benjamin estava sendo puxado para o buraco no gelo. Estava lutando, escorregando com os pés descalços e gritando. Simone o agarrou e eles deslizaram juntos de forma inexorável para a beirada.

— É o papai — gritou Benjamin de repente. — Ele estava com a corda na cintura!

O rosto de Simone de repente ficou duro e resoluto. Agarrou o salva-vidas, passou os dois braços por ele e cravou os calcanhares no gelo. Benjamin fazia uma careta de dor enquanto se aproximavam cada vez mais da água. A corda estava tão esticada que fazia um estranho som ao raspar na

beirada do gelo, como um arco que desliza pela corda esticada de um violino. Então o cabo de guerra mudou: ainda era trabalhoso, mas conseguiam se afastar da água passo a passo. A seguir, quase não havia mais resistência. Içaram Erik pela abertura no teto e ele flutuava livre do veículo condenado. Alguns segundos depois, Simone conseguiu arrastá-lo para o gelo. Ele ficou ali de barriga para baixo, tossindo e com dificuldade para respirar enquanto uma mancha vermelha se espalhava sob ele.

Quando a polícia e os paramédicos chegaram à casa de Jussi, encontraram Joona deitado na neve com uma bandagem improvisada ao redor da coxa, a arma apontada para Marek, que estava algemado e berrava. O cadáver congelado de Jussi estava ao pé dos degraus da varanda com um machado no peito. Uma sobrevivente foi encontrada na casa: Annbritt estava escondida no guarda-roupa do quarto. Estava coberta de sangue, agachada atrás das roupas como uma criança. Os paramédicos a levaram de maca para o helicóptero e fizeram um atendimento de emergência durante o voo.

Dois dias depois, mergulhadores do Resgate em Montanha foram ao lago para resgatar o corpo de Lydia. O ônibus estava solidamente assentado sobre as seis rodas a uma profundidade de 60 metros, como se tivesse parado para pegar passageiros. Um mergulhador entrou pela porta da frente e apontou sua lanterna para os bancos vazios. A arma estava no chão, no fundo do corredor. O mergulhador só viu Lydia quando ergueu o facho de luz. Estava com as costas coladas no teto do ônibus, os braços pendurados e o pescoço curvado. A pele do rosto já começava a amolecer e se soltar. Os cabelos tingidos de hena se moviam suavemente na água, sua boca estava serena, e os olhos fechados, como se estivesse dormindo.

Benjamin não tinha ideia de onde estivera nos primeiros dias depois do sequestro. Lydia possivelmente o mantivera em sua casa ou na de Marek, mas estava tão confuso por causa do sedativo que havia sido injetado nele que na verdade não tinha noção do que estava acontecendo. Ele pode ter recebido outras injeções à medida que começava a despertar. Esses primeiros dias foram simplesmente escuros e perdidos.

Foi no carro rumo ao norte que ele recuperou a consciência e descobriu que seu celular ainda estava pendurado no pescoço. Era noite quando eles o

pegaram. Não lhes tinha ocorrido que estivesse com um telefone. Embora tenha conseguido ligar para Erik, eles o ouviram e confiscaram o aparelho.

Depois houve uma série de dias longos e terríveis. Erik e Simone só conseguiram extrair fragmentos dele. Tudo o que realmente sabiam era que ele fora obrigado a se deitar no chão da casa de Jussi com uma coleira no pescoço e uma guia. A julgar por seu quadro quando foi internado no hospital, não tivera nada para comer ou beber por vários dias. Conseguira escapar com a ajuda de Jussi e Annbritt, ele contou, e depois se calou. Acabou explicando como Jussi o salvara quando ele estava tentando ligar para casa e o preço terrível que pagara por isso. E também como Annbritt atacara Lydia para dar a ele uma chance de escapar, e disse que ouvira Annbritt gritar quando Lydia cortou o nariz dela. Benjamin então se escondera, esgueirando-se por uma janela aberta em um dos ônibus cobertos de neve. Ali descobrira tapetes e um cobertor mofado, o que provavelmente impediu que ele congelasse até a morte. Enroscara-se em um banco de passageiros e adormecera. Fora acordado horas depois pelas vozes dos pais.

— Eu não sabia que estava vivo — sussurrou Benjamin.

Então ouvira Marek ameaçando os pais. E percebeu que olhava para uma chave na ignição do ônibus e, sem pensar, foi para o assento e a girou. Os faróis se acenderam e o motor roncou furiosamente enquanto ele seguia para o lugar onde achava que Marek estava.

Benjamin parou de falar, algumas lágrimas grossas presas nos cílios.

110

quinta-feira, 24 de dezembro: tarde

Após dois dias no hospital em Umeå, Benjamin estava forte o bastante para andar. Foi com Erik e Simone ver Joona Linna, que estava no setor pós-operatório. Sua coxa havia sido muito afetada pelo ataque de Marek com a tesoura, mas três semanas de descanso provavelmente levariam a uma recuperação plena. Uma mulher bonita com os cabelos presos numa trança macia sobre o ombro estava sentada com ele, lendo um livro em voz alta, quando entraram. Ela o baixou, se levantou e se apresentou como Disa, uma velha amiga de Joona.

— Somos do mesmo grupo de leitura, então tenho de garantir que ele se mantenha em dia — disse ela no mesmo dialeto agradável de Joona.

Simone viu que ela estava lendo *Rumo ao farol*, de Virginia Woolf.

— O Resgate em Montanha me emprestou um pequeno apartamento — disse Disa com um sorriso.

— E vocês — disse Joona. — Vocês terão uma escolta policial de Arlanda.

Simone e Erik recusaram a oferta. Preferiam ficar sozinhos com o filho a passar mais tempo com policiais.

Quando Benjamin recebeu alta no quarto dia, Simone imediatamente comprou as passagens para o voo de volta. Foi pegar café para todos, mas pela primeira vez a lanchonete do hospital estava fechada. Na sala de espera não havia nada além de uma jarra de suco de maçã e alguns biscoitos. Ela saiu à procura de um café, mas tudo parecia estranhamente deserto. Havia uma calma serena em toda a cidade. Parou junto a uma linha de trem iluminada e a acompanhou com os olhos, vendo a neve cobrindo as laterais dos trilhos. Ela conseguia identificar, a distância, na escuridão, o largo rio Ume, com faixas de gelo branco e a água negra.

Só então algo dentro dela começou a relaxar. Havia acabado. Eles tinham Benjamin de volta.

Agora, em pé, incertos, diante do hotel Birger Jarl em Estocolmo. Benjamin veste um agasalho de corrida retirado dos Achados e Perdidos da polícia, grande demais para seu tamanho, um gorro de lã — do tipo sami para turistas — que Simone comprara para ele no aeroporto e um par de luvas ligeiramente pequenas. A cidade está deserta, nenhuma alma à vista. A estação do metrô está fechada, não há ônibus, os restaurantes estão escuros e silenciosos.

Erik olha para o relógio, perplexo. São 16 horas. Uma mulher passa apressada carregando uma bolsa grande.

— É véspera de Natal — diz Simone de repente. — Hoje é véspera de Natal.

Benjamin olha para ela, surpreso.

— Isso explica por que as pessoas não param de nos desejar feliz Natal — diz Erik, com um sorriso.

— O que vamos fazer? — pergunta Benjamin.

— O McDonald's está aberto — diz Erik.

— Está sugerindo uma ceia de Natal no McDonald's? — pergunta Simone.

Uma chuva fina gelada começa a cair enquanto eles vão apressados para a lanchonete. É uma construção feia e atarracada, colada no chão sob a rotunda ocre da biblioteca. Uma mulher na casa dos 60 anos está de pé atrás do balcão. Não há outros clientes à vista.

— Eu gostaria de uma taça de vinho — diz Simone. — Mas acho que isso está fora de questão.

— Que tal um *milk-shake*? — sugere Erik.

— Baunilha, morango ou chocolate? — pergunta a mulher, ranzinza.

Simone parece prestes a dar uma gargalhada, mas se recompõe.

— Morango, claro.

— Eu também — acrescenta Benjamin.

A mulher digita o pedido com pequenos movimentos raivosos.

— Isso é tudo?

— Escolha — diz Simone a Erik. — Nós vamos nos sentar.

Ela e Benjamin abrem caminho entre as mesas vazias.

— Uma mesa na janela — sussurra ela, sorrindo para Benjamin.

Ela se senta ao lado do filho, coloca o braço ao redor dele e sente as lágrimas escorrendo pela face. Do lado de fora, um skatista solitário desliza entre placas de gelo, com zunidos ásperos. Uma mulher senta-se sozinha em um banco no final do parque atrás da Faculdade de Economia, um carrinho de compras vazio ao lado. Os pneus que funcionam como assento dos balanços infantis vão para a frente e para trás com o vento.

— Está com frio? — pergunta ela.

Benjamin não responde. Simplesmente apoia o rosto no peito dela, permitindo que ela beije sua cabeça várias vezes.

Erik coloca uma bandeja na mesa e volta ao balcão para pegar outra antes de se sentar e começar a distribuir caixas, sacos de papel e bebidas pela mesa.

— Se é para ir ao McDonald's, tem de fazer direito.

— *Legal* — diz Benjamin, ajeitando-se no banco.

— Espere — diz Erik. Ele oferece um brinquedo que vem com o McLanche Feliz. — Feliz Natal — diz.

— Obrigado, pai — diz Benjamin sorrindo, olhando para a embalagem de plástico.

Simone olha para o filho. Ele perdeu muito peso. Mas há algo mais, pensa. É como se ainda tivesse um peso dentro dele, algo que ocupa seus pensamentos, o incomoda e o arrasta para baixo. Na verdade ele não está com eles — seu olhar está voltado para dentro.

Quando vê Erik estender a mão e dar um tapinha na bochecha do filho, começa a chorar novamente. Desvia o rosto com um pedido de desculpas sussurrado e vê um saco plástico arrancado da lata de lixo pelo vento e apertado contra a vitrine.

— Vamos lá, avancem — diz Erik.

Benjamin está desembrulhando um Big Mac quando o telefone de Erik toca. É Joona.

— Feliz Natal, Joona — diz ele.

— Para você também, Erik — retribui Joona. — Estão de volta a Estocolmo?

— Na verdade, estamos na ceia de Natal neste momento.

— Lembra que eu disse que encontraríamos seu filho?

— Sim, lembro.

— Você duvidou em alguns momentos.

— Sim — diz Erik. — Admito.

— Mas eu sabia que tudo daria certo — continua Joona.

— Eu não.

— Eu sei, percebi — continua Joona. — Por isso há algo que preciso dizer a você.

— Sim?

— O que foi que eu disse? — pergunta Joona.

— Como?

— Eu estava certo, não é?

— Sim, você estava certo — responde Erik.

— Feliz Natal — diz Joona, encerrando a ligação.

Erik fica olhando para o telefone com uma expressão surpresa, depois se vira para Simone. Olha para sua pele transparente e a boca larga. Rugas de preocupação surgiram recentemente ao redor dos olhos. Ela sorri para ele, que acompanha o olhar dela para Benjamin.

Erik observa o filho por um longo tempo, e com tanto amor que sente um nó na garganta. Benjamin está comendo batatas fritas, a expressão séria. Está mergulhado em seus pensamentos. Os olhos estão vazios, como se tivesse sido sugado para suas lembranças e os espaços entre elas. Erik estica o braço são, aperta os dedos do filho e o vê erguer o olhar.

— Feliz Natal, pai — diz Benjamin, com um sorriso. — Aqui, pegue umas batatas.

— Que tal levar um pouco dessa comida para o vovô? — sugere Erik.

— Está falando sério? — pergunta Simone.

— Será que é divertido passar o Natal no hospital?

Simone sorri para ele e chama um táxi. Benjamin vai até o balcão e pede um saco para colocar a comida.

Enquanto o táxi passa lentamente pela Odenplan, Erik vê sua família refletida no vidro, sobreposta à enorme árvore de Natal decorada, na praça. Eles deslizam pelos galhos como se dançassem juntos ao redor dela. Ela está lá, alta e larga, centenas de pequenas luzes brilhantes subindo em espiral até a estrela reluzente.

sobre o autor



LARS KEPLER é o pseudônimo usado pelo casal de escritores suecos Alexander Ahndoril e Alexandra Coelho Ahndoril, ambos com obras já publicadas individualmente e bem recebidas pela crítica. Juntos escrevem romances policiais sobre as investigações do detetive Joona Linna.

Table of Contents

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31

Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61
Capítulo 62
Capítulo 63
Capítulo 64
Capítulo 65
Capítulo 66
Capítulo 67
Capítulo 68

Capítulo 69
Capítulo 70
Capítulo 71
Capítulo 72
Capítulo 73
Capítulo 74
Dez anos antes
Capítulo 75
Capítulo 76
Capítulo 77
Capítulo 78
Capítulo 79
Capítulo 80
Capítulo 81
Capítulo 82
Capítulo 83
Capítulo 84
Capítulo 85
Capítulo 86
Capítulo 87
Capítulo 88
Capítulo 89
Capítulo 90
Capítulo 91
Capítulo 92
Capítulo 93
Capítulo 94
Capítulo 95
Capítulo 96
Capítulo 97
Capítulo 98
Capítulo 99
Capítulo 100
Capítulo 101
Capítulo 102
Capítulo 103
Capítulo 104

Capítulo 105
Capítulo 106
Capítulo 107
Capítulo 108
Capítulo 109
Capítulo 110
Sobre o autor